

1925

Nº 1-8



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.

REDACTOR-CHEFE:   
A. M. BUARQUE DE A.

*A Namaginha,*  
*offerece o seu*  
*casamento*  
*Pago 25/10*

Délas.

  
Buarque de Lima.

Ei-la que parte... Errante a velejar  
Sob a loira poeira do arrebol,  
Sob a poeira argentea do luar,  
Treme branca defronte do faról.

Aza da vaga, adeja sobre o mar...  
Manhã... E enquanto o pescador, o anzol  
Fitando, alegre põe-se a trautear,  
Dá pita á brisa, tremeluz ao sol.

Ondas em cachões, nuvens em columnas  
Subito as soffre. E ao temporal traçoetro  
Treme de solavanco em solavanco.

Aventureira vela que te enfunas  
Quanta belleza em teu d'ão rasteiro,  
Quanta saudade em teu regaço branco!



# S U M M A R I O

<i>"Surgere et ambula"</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . .	3
<i>A lição das esquadras</i> . . . . .	Ruy Barbosa . . . . .	4
<i>Doutrina</i> . . . . .	Antonio Barão . . . . .	6
<i>A Cruz e a Ancora</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . .	7
<i>Lofi</i> . . . . .	Coelho Netto . . . . .	8
<i>Tamandaré</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . .	10
<i>Exercícios de artilharia de dezenberque</i> . . . . .	Mathias Costa . . . . .	12
<i>Bebado</i> . . . . .	Frederico Villar . . . . .	14
<i>Navegação</i> . . . . .	Eugenio Possolo . . . . .	16
<i>A miragem de 1824</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . .	18
<i>Contra-Amirante Athanagil- do Lopes da Cruz</i> . . . . .	A Redacção . . . . .	20
<i>Episódios da viagem do N. E. Benjamin Constant</i> . . . . .	Kamimura . . . . .	20
<i>Palestras</i> . . . . .	H. S. . . . .	22
<i>Secção desportiva</i> . . . . .	J. S. Saldanha da Gama . . . . .	22
<i>Pennas marujas</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . .	23
<i>A medalha</i> . . . . .	Aspirante D. B. . . . .	24
<i>O Recrútl</i> . . . . .	Castro Menezes . . . . .	26

REDAÇÃO:

ESCOLA NAVAL / ILHA DAS ENXADAS





*Contra-Almirante*

*José Tsaias de Noronha.*

AO DISCIPLINADOR ENERGICO, AO MILITAR  
MODELO, AO MARINHEIRO HONRADO,

O PREITO DA NOSSA MODESTA HOMENAGEM.



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.

Redactor-secretario — LEVY REIS

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

## SURGE ET AMBULA

Já ladrava ás portas da cidade de Pericles a matilha das hostes macedonicas. Nos lares sem pão, nas casernas sem legionarios dissipára-se o mais tenue resquicio de esperança. A imminencia do desbarato inevitavel, o vampirismo do inimigo triumphante haviam abysmado em desespero a alma hellenica. Um coração, porém, não entibiára. E Demosthenes, que era esse o infatigavel patriota, Demosthenes multiplica-se prodigiosamente nas tribunas da metropole eterna do bello, conceita o povo, fustiga Felipe, oppondo á enxurrada das legiões que já transpunham a fronteira a muralha do seu verbo inegalavel. Mas o tribuno supremo pregou de preferencia para a juventude. Nella, no seio immenso dos que amanheciam para a vida, é que a sua voz se agigantou, e a Patria foi abrigar por algum tempo a inyiolabilidade da independencia ameaçada. Essa mocidade, immortalizada no cumprimento do mais imperioso dos deveres, ficou emblemando-a excelsitude do civismo juvenil, que Plinio encariaria no *viriliter puer*, mercê do esmero da educação, que na frase de Latino Coelho, «tinha por seu instituto, estimular ao mesmo passo o vigor e a formosura corporal, e imprimir nos animos juvenis as quali-

dades que definem o perfeito cidadão». Mas a educação atheniense era «a que bebia com maior entusiasmo nas inspirações da arte e da poesia». E a arte maxima dos gregos era a palavra.

Não precisavamos ir tão longe para justificar o aparecimento d'«A Galera», nome moderno da «Revista da Escola de Marinha», fundada em 1880 e de que possuímos um exemplar de 1885, o seu ultimo anno de vida, publicado sob a direção de José Martini e Adolpho Caminha.

Todas as academias, as civis como a militar, possuem uma revista em cujas paginas se espelham e desenvolvem a intelligencia, a cultura e a educação dos seus alumnos.

Entre ellas figuramos agora, é a, ninguém medianamente culto escapa quanto de sacrificio, dedicação e responsabilidade nos pesa sobre os ombros. O preço fabuloso do material, na maioria americano, a morosidade dos trabalhos typographicos, a ardua tarefa da revisão difficultam sobremaneira aos que como nós, sujeitos á disciplina militar e ao regimen de viagens, têm o tempo cerceado. Nem ao menos a manutenção material, pelo reduzido do nosso corpo disente, temo-la assegurada. Mas vencemos. E por que a trajetoria,

rude mas corajosamente encetada, se não interrompa, apellamos para quantos laboram connosco nas lides escolares, collegas e mestres, afim de que prestigiem a nossa «Galera» com a sua experiencia, a sua collaboração, o seu nome — ramallete

de esperanças que esfolhará agradecida no regaço das suas paginas. Assim ella levanta; assim ella caminhará. Surge a ambuta.

A. M. Buarque de Lima

## A LIÇÃO DAS ESQUADRAS

Ha uns poucos de dias que o *poço*, o ancoradoiro do Rio de Janeiro, nos offerece extraordinario panorama. Ao correr dos bondes pelas ruas de onde se descortina o mar, todos os olhos se estendem para elle. A superficie do elemento azul cinco pavilhões estrangeiros affirmam diversamente o tamanho das nacionalidades, que representam. Alli se ostenta, de extremo a extremo, a escala inteira do poder naval, desde a grandeza crescente da Grã-Bretanha, a mãe dos mares, a semeadora de povos, até a magestade simplesmente historica da Lusitania, a soberana descoroadada, mas veneravel, de cujo manto as vagas parece roçarem ainda com respeito a fimbria em torno do *Adamastor*. Passa e repassa a vista curiosa por essa assembléa extraordinaria de testemunhas do oceano e não lhes pergunta que nos dizem, que nos trazem desses longes do espaço e do tempo, da immensidade vaga, onde o passado se recolhe, e donde assoma o futuro, como as velas repontam do horizonte. Povô descuidado, abrimos as palpebras entre dois intervallos de sésta, á brisa da costa doirada pelo sol, banhando-nos na tepidez do ar, na volupia do colorido, na embriaguez ambiente da luz, e banindo d'alma os pensamentos do imprevisto, cerrando-a ao sussurro da consciencia, que falla pelo rugir das aguas eternas.

Ingenuamente dilatamos as pupillas, com alguma coisa da impressão primitiva dos antigos hospedes das nossas selvas, quando essas grandes aves que arribam da civilização açoitaram pela primeira vez com as largas azas brancas a quietude deste estuario, como se, tantos séculos depois, ainda inquirissemos de onde veem essas gaivotas gigantescas, onde foram buscar umas a elegancia de suas linhas e a alvura do seu dorso, outras a negrura do seu vulto e a arrogancia do seu collo.

No olhar d'os mais intelligentes, quando muito, se descobriria alguma coisa daquella sensação dos passageiros de um transatlantico, debruçados para o crystal

retinto, nas paragens onde palpita o coração do globo, pelas aguas quentes equador scismando nas maravilhas que se annunciam á toná essas florestas marinhas, á vista das quaes são desertas as da terra, contando um a um esses cantos do inesperado, seguindo essas darias do mundo liquido, as gorgonas, as isis, as pallidas anemonas, as alcyones, a flora cambiante e ephemera com que as arterias da natureza oceanica ajardinam a zona das calmas, o oscillante das algas, essas regiões onde se espelham complacientemente os resplendores solares, e se occultam os immensos reservatorios da vida submersa.

Mas não basta admirar: é preciso aprender. O mar é o grande avisador. Pol-o Deus a bramir junto ao nosso somno para nos pregar que não durmamos. Por ora a sua protecção nos sorri, antes de se trocar em severidade. As raças nascidas á beira do mar não tem licença de ser myopes; e enxergar no espaço correponde a antever no tempo. A retina exercida nas distancias marinhas habitua-se a sondar o infinito, como a do marinheiro e a do albatroz. Não se admittem surpresas para o nauta; ha de advinhar a atmosfera como o barometro, e presentir a tormenta, quando ella pinta apenas como uma mosca pequenina e longinqua na transparencia da immensidade. O mar é um curso de força e uma escola de previdencia. Todos os seus espectáculos são lições; não os contemplemos frivolamente.

Na festa de hontem bem poucos se deteriam em penetrar a expressão intima desses convidados do outro hemispherio ou do outro continente, cujos canhões honraram a solemnidade nacional, cujos galhardetes flammeavam em arco á luz do sol, e cujas myriades de focos rutilantes constellaram de noite a bahia. Cada um d'ells era, entretanto, uma interrogação misteriosa ao novo porvir. Esses mensageiros da civilização européa e americana, deslumbrados na magnificencia das nossas costas, nas estupendas bellezas da

nossa terra natal, estudam o homem, que a habita, e procuram nas suas obras o selo das grandezas que o circundam. Quando voltarem desta cerimonia, a que concorreram com a distincção do seu obsequio, com a imponencia da sua presença, irão dizer aos que os mandaram se a creatura aqui responde á liberalidade do Creador, se este ramo da familia humana trabalha para o bem commum. E queira Deus que desse juizo nos possamos desvanecer, como com esta fineza nos lisonjeamos.

Bastava que de nossa parte os estudássemos, para sentir quanto esquecemos de nós mesmos. Por elles veriamos como presentemente o valor dos povos quasi que se mede pelo seu valor no oceano. Considerae nessa obra prima do *Adamastor*, pequeno escriptor de ferro onde parece refugiar-se o maior dos poetas navaes, como a mais formosa das linguas no canto dos *Lusiadas*. Vede o *Carlos Alberto*, a *Calabria*, o *Piemonte*, o orgulho de Roma e de Veneza, esbordando o Mediterraneo, para ostentar na outra metade do planeta o arrojo das suas aspirações, o garbo das suas obras e o vigor da sua gente. Olhae para as duas fragatas, a *Sophia* e a *Nixe*, vedetas soberbas daquelle nacionalidade, cuja ambição arde pela gloria naval, prelibada não ha muito, no heroico lyrismo daquellas palavras imperiaes: «Nosso futuro está no mar». No *Iowa* e no *Oregon*, quentes da guerra, estuantes do fogo, como que ainda frementés do canhoneio, medi o poder dos colossos que a liberdade levanta e a miseria dos paizes maritimos desaparecidos no oceano. Notae, enfim, com que fidalguia de primeiros entre eguaes se embalam nas ondas, entre os outros, o *Beagle* e o *Flora*, pequenas malhas esparsas da coiraca que abriga pelos mares a potencia universal da maior das nações, a antiga regedora das vagas.

Nós tinhamos alguma gloria, para não entrar humilhados nesse comicio brilhante. Não faz mais de trinta annos que as aguas do Prata davam testemunho de proezas involvidaveis, consummadas por uma esquadra de heróes brasileiros. Acabava a guerra separatista nos Estados Unidos, que tamanha revolução produzira nas artes da lucta naval. E, comtudo, guardadas as proporções, affirmam os mestros que a campanha fluvial do Paraguay não foi nem menos gloriosa, nem, a certos respeito, menos instructiva. Nos maiores movimentos estrátegicos do nosso conflicto com o despota de Assumpção coube sempre á

nossa armada uma parte capital, decisiva, admiravel, e a bravura dos nossos marinheiros, sua intelligencia, sua capacidade mostraram em nós ao mundo o nervo, de que se faz o caracter das nações. Era um thesoiro, que se não devia malbaratar; e malbaratou-se. Não haveria sacrificios, que outros não fizessem, por conquistar esse prestigio. Nós o tivemos, obtido á custa do melhor do nosso sangue, e deixamol-o perder.

E' mysterio revel-o, se é que temos empenho em conservar a nossa nacionalidade. O oceano tem sido quasi invariavelmente o campo de batalha pela independencia das nações que confinam com o mar. Essa Hollanda, um de cujos navios visitou ha pouco as nossas aguas, não a deveu, no seculo dezesete, senão ás victorias dos seus almirantes. A Inglaterra não teria preservado a sua existencia, se as suas frotas não houvessem desbaratado as da França em 1692, em 1759, e em 1805. A França não teria ido sepultar a sua fortuna como a de Napoleão nos gelos da Russia, se batesse as forças inglesas em Abukir e Trafalgar. A união não teria supplantado, na America do Norte, a revolta dos estados meridionaes, se as esquadras da legalidade não levassem immensa vantagem ás da confederação. O Brasil sem os seus navios não teria apiquilado o Paraguay. Foi no mar que se abysmou a China. Foi no mar que pereceu a Hespanha. No mar é que se liquidaria a questão da Argentina com o Chile. E na grande conflagração européa, se um dia se desencadeasse, a ultima palavra caberia ao mar.

Ora, presentemente, quando o mar intervem nas questões entre os povos, é como o raio. Em poucos dias a aggressão, o combate e a victoria, ou a ruina. Uma batalha suprime uma esquadra, e a supressão de uma esquadra póde envolver o desaparecimento de uma nação. Feliz da que póde ser o primeiro no golpe, e amarrar por bandeira ao grande mastro a vassoira de **Tromp**. Se ella encontrasse abandonado á sua violencia impetuosa um littoral de seis mil e quinhentos kilometros, póde ser, que então, a surdez chronica da politica brasileira começasse a perceber a voz que detona, por essas praias além, no fragor continuo das rochas e das ondas: «Marinheiros! Marinheiros! Marinheiros!»

## DOCTRINA (\*)

*Introdução á these apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy, á Escola Naval de Guerra, em 1922.*

Emfim uma ultima observação nos mostra, mais claramente ainda, que os costumes e a organização previdente da colmeia não são o resultado de um impulso primitivo, mecânicamente continuado através das edades e dos climas diversos, mas que o espirito que dirige a pequena republica sabe notar as novas circunstancias, accommodar-se a ellas, tirar parti-dellas, exactamente como aprendera a evitar os perigos das circunstancias antigas. — MAURICIO MAETERLINCK

Quem quer que, medianamente observador, attente numa colmeia em plena actividade, para logo descobrirá que aquella azáfama constante e aquelle zumbir sem treguas das abelhas denunciam a realização de um destino fatal, que, para ellas, é tudo, pois outra coisa não é que a razão de ser de sua propria existencia, o que implica dizer — a sua finalidade mesma.

Não é necessario que o observador seja um Fabre ou um Maeterlinck para que, sem demora, possa chegar á conclusão de que a vida que, nesse ambiente, se agita, é regida por uma harmonia inquebrantavel, uma inequivoca unidade de vistas, e, sobretudo, uma perfeita systematização de processos e de attribuições.

Na colmeia, não ha lugar para hesitações nem desfallecimentos: — hesitações, porque a obra que ali se vae empreendendo, não é, absolutamente, um improvisado aereo, mas, ao contrario, a execução de um plano inconfundivel, resultado da experiencia adquirida, no tempo e no espaço, pelas innumeradas gerações que a esta precederam nas luctas e nas vicissitudes de todo o genero; — desfallecimentos, porque a propria experiencia já lhes traçou que, para a execução desse plano (que não está escripto em parte alguma, por-

que se acha inscripto na organização intrinseca dos seus executores) a maxima possibilidade global daquelle enxame não pode estar além da possibilidade individual de cada um dos collaboradores.

Ali, o dever a todos empolga, a todos escraviza; e, como todos os que ali trabalham, nasceram para obedecer a este plano sagrado, que não consultam mais, que já lhes é visceral, segue-se que a obra, nessa, como aliás, em todas as colmeias, começa, prosegue e se completa, sem erros e sem falhas; é infallivel, porque é dirigida pela sabedoria infallivel do instincto.

No mundo das abelhas, a obra da colmeia é uma fatalidade.

Como teriam ellas chegado a esta perfeição? Tactando, soffrendo, errando e corrigindo. Não ellas, propriamente — estas que ora se observam — porquanto a perfeição não se improvisa, e a vida de uma geração de abelhas é pequena, de mais para attingir a perfeição; não ellas, mas sim as gerações anteriores, as quaes foram deixando ás outras gerações, como precioso legado, melhores acquisições, principios mais perfeitos e dogmas cada vez mais fidedignos.

Viverão as abelhas exclusivamente para as delicias do mel? Não, certamente. O mel só é doce para os homens; para as abelhas, elle sabe a trabalho, a lucta e a soffrimento.

Como reserva, como economia que é, o mel representa a previsão.

Ha guerras entre as abelhas; luctam enxames contra enxames. E a lucta se passa, geralmente, entre colmeias vizinhas.

A guerra, que os homens, seres pensantes, — julgam que se acabarão, a abelhas, que não pensam, sabem que não se hão de acabar.

(\*) Iniciamos no presente numero a publicação da magistral these que o Capitão de Corveta Antonio Bardy defendeu na Escola Naval de Guerra. Obra de invulgar merecimento, toda vasada numa forma impeccavel, por isso que o autor é um dos paladinos do idioma, nella não se sabe o que mais admire, se a erudição, o estylo ou a intelligencia com que foi concatenada. Della disse eminente julgador, Ignacio Amaral, resumindo-lhe todo o valor, que é um programma nacional. A Galera agradece ao mestre a honra com que a distinguu, permittindo luzir-lhe nas paginas esse reflexo do seu espirito.

E' do feitiço das abelhas prever a eventualidade da guerra; e, se a guerra lhes sobrevem, vôam, resolutamente, para a victoria ou para a morte porque, superiores aos homens, ellas têm a felicidade de não suppôr que se possa evitar o que é inevitavel.

Quem quer que, medianamente observador, attentando numa colmeia em plena actividade, raciocinar como acabo de fazer, para logo descobrirá que essa colmeia é o exemplo mais irrefutavel da mais perfeita, da mais inconsciente, quero mesmo dizer, da mais instinctiva e, por consequente, da mais infallivel DOUTRINA.

## A CRUZ E A ANCORA

Ao crepusculo, quando a lua abotoava no horizonte, polvilhando a amplidão com a poeira ainda tenue dos seus atomos de prata, a vaga mediterranea embalava a quilha fenicia, recolhendo no seu marulho o rumor das ovações e o sussurro das preces dos que desejavam a felicidade da aventura imminente.

Os sacerdotes constrictos officiam; a multidão commovida orava, e o batel se partia caminho do desconhecido, cujos thesoiros lhe convergiram ao bordo como a brisa no panno das suas vélas.

"Sus! Ao largo! Melkart abençõe a partida Dos que vão de Sidon, de Gebel e de Antardus Dilatar o commercio e propagar a Vida!"

O animo inquieto que lhes herdaram dos Hebreus; a intelligência descortinadora que lhe aprimorára o oceano; a visão deslumbrante com que lhe acenavam as florestas, prodigalizando-lhes toda sorte de riquezas, arremessam ao mar essa raça de aventureiros, que do Libano á Espanha, por todo o Mediterraneo, em Tyro, em Sidon, em Carthago derramaram a operosidade do seu genio, o vigor da sua raça, o pollen do seu commercio. E enquanto vellejavam do Indico ao Baltico, magnetizados pela miragem irresistivel do oiro longinquo, na patria, em oblação ao bom successo do commettimento, os filhos as mães immolavam-nos a Baal, as filhas os paes prostituíam-nas a Astarté.

Passam-se os tempos, ermam-se os mares. Na Grecia, a mythologia e a arte, que Horacio, apprehensivo pela viagem do seu amigo da Eneida, anathematizou na óde: «Ad Návim vehementem Virgilium Athenas», florescem em perfeito synchronismo,

desde que a nau fabulosa, tripulada de deuses, saiu a hostilizar os flibusteiros do Ponto Euxino. Mais tarde, quando a chlamyde de Dario, ennevoando a transparencia da atmospherá immaculada, se agitava como o velario do clarão hellenico, foi dos labios do oraculo de Delphos, manifestação suprema da divindade pagã, que as hostes trabalhadas, as turbas afflictas, os chefes desesperados escutaram o segredo da salvação miraculosa, que o templo revelava e o mar proporcionaria. Em Salamina, onde a amante de Byron se constituiu em represa da vaga oriental, a todo grego, passeando a sua admiração e o seu entusiasmo por aquelles fragmentos de ilha, que emblemam bem o desmembramento dos seus estados, certo o empolgaria o sentimento que Baudelaire metrificou. «Homme libre, toujours tu chériras la mèr.»

Não lhe perduraria, porém, no espirito nem a melodia desse arpejo divino, nem o orgulho dessa reminiscencia épica. A liberdade, preservada pelo ardil de Themistocles, para logo a esfoliou o sopro rijo do tufão macedonico, a que Roma, enlaçando-a nos tentaculos das suas legiões, ultimou a obra. No crepusculo da antiguidade classica, assim estuante de lutas, fremente de ambições, espalmam-se num surto prodigioso essas duas azas da humanidade: a *fé*, cuja reflorescencia desabrochou no coração de Constantino e a *navegação*, cuja primazia se aninhou nas vélas de Carthago. A idade média navega com Genova e Veneza, na elegância da galera e na imponencia da nau. Mas através da ebulição em que ardeu, presentem-se a gestação dos grandes rasgos, a ansia dos arrojados empreendimentos, que o mundo então sabido já não comportava e que vão convergir em Sagres, nessa pupilla

do universo aberta para o infinito, onde o infante via

"na agua que vai e vem  
Desenrolar-se vivo o drama das conquistas".

A lenda grega, luzindo ainda, com um fóco longinquo, na luz do ultimo raio — a Atlantida de Platão — e a bruma mediéva cerceiam, pela influencia das abusões sobre os espiritos, o impulso do entusiasmo sobre os corações. Voragens as mais traiçoeiras, paragens as mais inhospitas, monstros os mais dantescos fantasia-os, a imaginação da epoca, desesperada de ousar a decifração do mysterio, que o oceano, o manto da grandeza divina desdobrado na face da Terra, lhe sonéga obstinadamente.

Que de desprendimento e de audacia não seriam mistér aos novos argonautas, aos peregrinos das vagas, para arrostar perigos, que só por só, eliminadas as superstições, bastavam a atemorizar o animo de mais tempera! Considere-se ainda na deficiencia dos recursos nauticos, assim no tocante á navegação, sem cartas e com instrumentos rudimentares, como ao velame, reduzido aos *redondos*, por isso que os *latinos* só então os creou a contingencia de singrar com vento de prôa, e ás faixas, extenuantes e arriscadas. As dúvidas da sciencia, a necessidade de expansão, o prurido de riqueza tudo conspira, porém, impellir o homem ao desconhecido.

De que astros desceria sobre elle a luz, si a forma do globo, que em Alexandria se estatuirá, era de todo ignorada? Que clima o acolheria? Que phenomenos o surprehenderiam ao cursar «mares nunca dantes navegados?» Desses um por pouco não murchou a gloria na fronte de Colombo quando «observaram que a agulha magnetica já não se dirigia exacta-

mente para a estrella polar e sim mais para oéste, accentuando-se essa variação á medida que avançavam». E' chegada em fim a éra de oiro dos navegantes. Hanno dir-se-ia que reincarnou no infante Henrique. Os pannos das legendarias D ravelas enfunam-se para as travessias como as azas se espalmam para o vôo. As flâmmulas esvoaçam num adejo de esperança e de saudade, mas no coração de quem parte a duvida espalhou a primeira nevoa de tristeza. Attento ao vôo das aves ao rumo das correntes, eil-o firme na roda do leme, enquanto aos pés as ondas numa dessas crispações epilépticas foemem nas paginas de Loti, estrondeiam titulantes, bofrificando de espuma a amurada negra do barco. A visão homérica de Castro Alves photographou a solidão que enscena os dramas do oceano, nessas duas petalas da poesia brasileira:

"Embaixo o mar; em cima o firmamento  
E no mar e no céo a immensidade".

Como dois talismans abrem-se na alvura immaculada das velas os braços vermelhos da cruz. Para ella é que se voltam as esperanças do nauta angustiado numa prece cuja efficacia aplaque, como o manto de Elias, a furia das aguas que o cercam. Esse emblema de fé, vel-o-ão em breve no cimo das nossas montanhas quantos cruzarem os verdes mares bravios que um dia Alencar saudou. Mas o complemento faltava; cumpria que o Brasil inteiro meditasse a phrase de Richelieu «On ne peut sans la mer ni profiter de la paix ni soutenir la guerre», e unanime aparelhasse a marinha que tomba para o occaso e que é a marinha ensanguentada de Barroso, a marinha gloriosa de Tamandaré. Graças a Deus parece que elle assim o fará.

A. M. Buarque de Lins.

## L O T I

Cuidem os sabios das searas e dos pomares e os poetas dos parques e dos jardins e farão o que devem.

Verdadê é que todas as arvores florecem. Não ha fruto que não tenha tido o seu berço em uma corolla e na origem de toda a sciencia se hade sempre encontrar a Poesia.

Mas as flores verdadeiramente poeticas não se metamorphoseam em frutos: são casulos de aroma que primam pela beleza. E o perfume é manifestação espiritual essencia volátil, alma, d'ahi o seu poder de suggestão.

O fruto sabe-nos, alimenta-nos; a flor inebria-nos e encanta-nos. O sabio é util.

o poeta é divino. E' o poeta que nos transporta miraculosamente, com o prestígio de que dispõe, atravez do espaço e do tempo, a todos os paizes, a todos os mundos, a todas as eras: é bem o *djinn* ou genio das fabulas orientaes que arrebatava palacios de um para outro sitio, transformava em ouro rochedos asperos, envelhecia manebos, remoçava anciãos, ou, em encantamentos de lycanthropia, mudava homens em animaes quando os não empedernia em captiveiro, do qual só os libertavam os possuidores de talismans.

E porque a propria Religião é Poesia na sua maior culminancia, visto que chega ao ceu, é que com ella nos abraçamos na hora derradeira, sahindo da vida com o pensamento no Ideal supremo, que é Deus.

Mas a que vêm aqui taes considerações? Vêm a proposito do desaparecimento de um dos mais delicados jardineiros de poesia do nosso seculo; um dos que mais cuidaram de nos perfumar a existencia com arômas perturbadores, que nos fizeram sonhar; aquelle que nos deu as visões do Oriente, não como as costumavamos contemplar nas paisagens maravilhosas, nas lendas fantasmagoricas, nos costumes de serrallo ou nos estranhos cerimoniaes dos templos, nos quaes o mysticismo se nos revela em ritos sensuaes; intercalados, fesceninamente, de danças languidas de *devadasi*, em as orgias sagradas como no-las pintam os que conseguiram penetrar nos adytos de Benares ou, mais remotamente, nos santuarios do templo florestal de Angkor.

O poeta a que me refiro, esse voluptuoso Loti, mostrou-nos um novo Oriente, fazendo-nos nelle penetrar, não entre alas de guerreiros de albornoç e turbante, como os dos califas, ou de armaduras imbricadas e carrancas monstraosas como os samurais do Mikado, mas por alfombras floridas, guiados por mãos de criaturinhas frageis, galreantes, miñiaturas que, se as invocamos, surgem-nos diante dos olhos como essas figurinhas de marfim da arte caprichosa dos japonezes, cujos nomes gazis nos sôam como chilreios de passaros.

E' um Oriente de musmés e de geishas, fantasia delicada, por vezes extravagante como esses kakimomos de sêda

e ouro, floridos e reticulados de filetes que simulam agua, com um ceu de nuvens mirabolantes, irradiado em alaras que são caudas de aves para disicas.

Tem-se impressão, não de leitura, mas de inebriamento por filtro delusorio de ou por essencia, como as que se fumam em narghilés ou se aspiram no fumo das caçoulas.

O Loti que todos lamentam haver adormecido, para sempre, entre sedas e bonzos, armas, instrumentos musicos, tapetes, caixas de xarão, escanhões de bambú e lanternas de papel, na sua residencia que era um verdadeiro museu asiatico, era o de *Mme. Crysanthème* e de *Azyadée*, o de *Mariage de Loti* e de *L'exilée*, das *Japonneries d'automne* e da *Fleurs d'ennui*.

Eu, o Loti que amava, era de *Pêcheur d'Islande*, o Loti melancolico, poeta sentimental d'essa salitrada Breítanha mystica, envolta em nevoas e em lendas, com a sua costa aspera de onde, descendo em procissão por entre os cruzeiros das dunas, partem levas e levas de homens para as pescarias lugubres nos mares do Norte.

O Loti, cuja morte lastimo, é o que nos deu esse pallido poema de nostalgia, marulhoso da quebrança das vagas e entrecortado de canticos devotos em vozes presagas de mulheres e de crianças, poema de audacia e de tristeza, de heroismo, de resignação e de Crença, no qual, á todo o instante, como que sentimos passar, em vôo surdo, a Morte, atravez do nevoeiro da saudade que forma o ambiente desse formoso livro, cuja leitura nos deixa n'alma uma impressão de deserto e silencio, de temeridade e Fé.

Do Loti do *Pêcheur d'Islande*, um dos maiores romances do nosso tempo, do qual sahirá o motivo para o monumento que a França ha de erigir á memoria do marinheiro poeta, desse é que tenho saudade porque foi elle que, naquellas paginas de bruma, me fez sonhar, levando-me arrebatado, na seducção do seu estylo, desde as rochas de Paimpol até o frio mar de Islandia.

COELHO NETTO.

(Da Academia Brasileira)

# TAMANDARÉ

Ha vinte e oito annos, na data de hontem, deixava de existir o mais acabado typo de marinheiro que o Brasil já possuiu. — Joaquim Marques Lisboa, o legendario Marquez de Tamandaré.

Desde aquelle ardoroso voluntario que aos dezeseis annos, por influencia de seu irmão mais velho, esse intrepido rapaz que Maria Quitéria de Jesus, a Joanna, d'Arc brasileira, alcunhou de Pitanga, por vel-o a roubar frutos da pitangueira, sob um chuveiro de balas inimigas — obtinha permissão para embarcar na Nictheroy, onde se içava a flamula de Taylor, até ao dia em que o Governo Provisorio, attendendo aos relevantes serviços prestados á nação pelo então almirante, "já durante a paz, já durante a guerra, commandante em chefe da esquadra em operações", resolveu que lhe não fosse concedida a reforma, antes continuasse a figurar no quadro activo, em função extraordinaria, como o almirante dos almirantes — foi sempre a sua fé de officio constellada de actos luminosos, espelho de acrisoladas virtudes, onde a miude se reflectiam as nobres qualidades do marinheiro e do patriota.

Como marinheiro, ahí está repleta a historia dos seus feitos, que se contam desde a infancia da marinha, até que o novo regimem veio surprehender o patriota, sem alterar-lhe a norma de conducta.

A 15 de Novembro de 1889, regressava Tamandaré de bordo da Parnahyba, onde fôra levar ao soberano deposto o seu ultimo abraço de leal amigo e servidor fiel. "Mas nem assim (escreve um jornalista da época), sacudido na sua affeição intima, convulsiva pelo facto dessa separação que tanto lhe custava, o velho marinheiro cedeu d' sua correcção, apartando-se dessa linha de abnegado patriotismo, que mandava pôr o Brasil acima do que elle tanto amava.

Acercámo-nos do venerando general, e nós, como todos os officiaes que alli estavam, tínhamos no olhar todo um movimento de curiosidade, como se alguma cousa quizessemos prescrutar e ler na physiognomia cheia de doçura e austeridade do grande marinheiro, onde aliás divisámos uma plena tranquillidade, misturada da propria dor que o devia affligir no seu sentimento de estima pessoal.

Elle adivinhou e comprehendeu, fazendo para todos um cumprimento de familiaridade amiga, acompanhado destas unicas palavras que registrámos no "O Paiz", de 17 de Novembro. o que foi talvez a nota mais acendrada do seu valor patriótico: "O que está feito está feito. Cuidemos de trabalhar e engrandecer a nossa patria".

Mas de toda essa aureola de gloriosa existencia, o que de facto tornou Marques Lisboa legendario, esculpindo-lhe o vulto original atravez das tumultuosas gerações subsequentes, foi o seu feitio incomparavel de verdadeiro marujo, e o seu rude viver de homem, que se identifica exactamente com as torturas da vida do oceano. E essa maneira excentrica de estar e de agir, que na sua ampla casa do mar não tanto se lhe notava,

porque de commum o marinheiro se esbata no infinito scenario das ondas, era de enorme realce em terra, onde o almirante jamais deixou de ser a planta exotica que raramente se aclima, ao contrario, termina por fanar de acerba nostalgia, sempre voltada para as bandas donde sopram rijos os tufões que banham funam pandas as velas das galeras, quando as não fazem correr desavoradas por sobre a crista espumante das vagas, de arvoredo enoo, qual floresta de troncos agitados pela ira das tormentas.

Dest'arte, resumbra o velho Tamandaré anecdotico, sempre que se perdia pelos desvãos bulicosos da cidade, e lá levava os seus habitos de lobo marinho, e mal dissimulava entre os typos citadinos a sua catadura requemada das soalheiras oceanicas, a contrastar com as insignias de guerra, que tanta vez se confundem nos ouropéis da desgraça, e de sobejo lhe ornavam o peito franco de herói, onde pulsava heroico um coração de patriota. São sem conta os episodios que confirmam a sua envergadura de curioso casca grossa do mar.

Em casa, costumava o almirante andar muito á frescata, descalço, emquanto se entretinha no trato matinal das plantas do seu jardim. Uma bella manhã, um pretendente ao seu empenho junto a certo politico foi levar-lhe uma carta de apresentação; e vendo aquelle homem, em mangas de camisa, empunhando o regador, entre banquetas floridas, indagou sem a menor etiqueta:

— O' camarada! Está em casa o Sr. Marquez?

— Está, sim, senhor.

— Diga-lhe então que aqui se acha um senhor que lhe deseja fallar.

O Almirante depoz no chão o regador e entrou em casa, para dahi a pouco assomar á porta, com um sorriso galhofeiro a baixar-lhe nos labios.

— V. S. pôde entrar.

O candidato entrou e sentou-se. Dez minutos depois, appareceu o mesmo velho, calçado, vestido num terno de brim branco, que logo perguntou;

— Deseja fallar-me? Estou ás suas ordens.

— Perdão — volveu o visitante. Eu queria fallar ao Sr. Marquez...

— Pois fall'e. Sou eu mesmo o Marquez. A menos que não exista, sem que eu o saiba, outro Marquez em minha casa.

Vexadissimo, o importuno procurou desculpar-se como pôde, entre as risadas joviaes do velho Tamandaré.

Fosse qual fosse a estação do anno, nunca se viu o Almirante de chapéo na cabeça trazendo-a sempre descoberta, essa bella cabeça leonina que tanta vez se alvorçou ao vendavaes do mar alto. E se algum o prevenia que era melhor cobrir-se para evitar um resfriado, elle atalhava, pilherico:

— Deixe-me assim. Não tenho medo de trazer a calva á mostra.

Em noite de pesado aguaceiro, Tamandaré que visitava uma familia amiga, em longinqua

arrabalde, ahí teve que pernoitar. Excusa dizer que a dona da casa, tendo que dar guarida a tão nobre personagem, esmerou-se em preparar-lhe um leito com os seus mais finos lençóis e as suas mais fofas almofadas.

Recollido ao aposento, o Marquez inquiriu:

— Para quem é esse leito nupcial?

— Para V. Ex. — responderam.

— Ora! Não se incomodem. Não me utilize de nada disso. Haverá por ahí uma taboa?

— Uma taboa?

— Sim. Minha cama consiste em uma taboa.

— Trouxeram-n'a. E como quizessem conservar um travesseiro, o extravagante hospede se oppoz:

— Não, por favor. Também não uso. Arranjem-me antes um caixãozinho, um dictionario, ou uma pedra. Prefiro uma pedra. Foi o travesseiro de Cesar na vespera de Pharsalla.

E passou sobre esse leito incommodo, aquelle ancião de noventa annos, a melhor das suas noites.

Como bom marinheiro á moda antiga, guardava Tamandaré no intimo da sua alma essa fé religiosa, esse temor divino que toca as raias da superstição.

Uma vez, em Corrientes, commandante em chefe das nossas forças navaes contra o governo paraguayo, o illustre general escolheu para hastear a sua insignia o pequeno vapor "Apa". Era medico de bordo o Dr. Symphronio Coelho, que ainda conheci, já no fim da vida, sempre bom repentista, com a veia da poesia espontanea e a proposito.

Jantava uma tarde o almirante em companhia do conselheiro Francisco Octaviano e outros vultos de representação militar e politica; á mesa, que era sempre farta e cheia de bons vinhos, achava-se tambem o Dr. Coelho bom garfo e optimo copo. Em certo ponto, para agradecer ao chefe, pediu licença e brindou de improviso:

Em tua frente reluz  
uma estrella tão feliz,  
que por ella te bemdiz  
a terra de Santa Cruz.

Agastou-se Tamandaré com essa quadri-  
nha. E não pôde deixar de replicar:

— Não continue, doutor. Desta vez re-  
provo o seu estro poetico. Não é uma es-  
trela feliz que me guia. Do que tenho feito,  
em pró da minha patria, só me cabe dar  
graças a Deus.

Ainda para realçar o sentimento de reli-  
gião com que o heróe bordava o seu fervor  
patriotico, conta o Almirante Henrique Boi-  
teux em um dos seus bem documentados livros  
de biographias navaes:

"Bem me lembro. Estavamos ainda na  
Escola Naval; em certo dia apresentou-se nella  
o Imperador acompanhado pelo Marquez de

Tamandaré, afim de assistir a bordo do brigue  
"Capiberibe" o exercicio de bordejo, realizado  
ás quintas-feiras, e cujas manobras eram exe-  
cutadas unicamente pelos aspirantes, sob a di-  
recção do instructor. Diga-se de passagem que  
era aspirante o Principe D. Augusto Leopoldo,  
neto do imperante. A presença do Chefe da  
Nação e do venerando Almirante a bordo,  
como era natural, deu tal entusiasmo aos  
jovens aspirantes que as manobras pareciam  
feitas por encanto, tal a presteza e correcção  
com que eram executadas. Nos olhos do il-  
lustre ancião, que não perdia o minimo detalhe,  
brilhavam a alegria e a satisfação; dir-se-ia  
que o ardor da mocidade que o cercava, delle  
participava. E no meio della, sorridente, con-  
tava factos de sua juventude, dizendo que a  
aprendizagem a bordo de navio a vela era  
por onde devia começar o official de Marinha;  
que graças a ella conservava aquella rijeza que  
na sua idade apresentava, e para cuja con-  
servação aboliu os colchões e travesseiros e  
não dispensava os banhos frios matutinos, e  
se possuía alguns dentes, que de facto eram  
claros e brilhantes, era porque, embora absten-  
tenho, os limpava, friccionando-os com "cognac".

Ao retirar-se, disse: Adeus, meus filhos;  
lembrem-se que se preparam para honrar a  
nossa patria, e a tenham sempre deante dos  
olhos".

Era o apello que fazia quem por ella  
a vida inteira se havia dedicado com a maior  
somma de valor, de abnegação e de patrio-  
tismo".

Completaram-se hontem vinte e oito an-  
nos que Joaquim Marques Lisboa, Marquez de  
Tamandaré, desapareceu dentre os vivos. A  
patria agradecida teve um dia, pela voz dos  
seus pares, a idéa de perpetuar-lhe no bronze  
a sua imagem inesquecivel. Falloa-se então em  
erigir-lhe uma estatua. Foi lançado e discu-  
tido na Camara um projecto em tal sentido.  
Como tudo o que é sincero e desinteressado,  
o projecto ficou no oivido dos archivos con-  
gressistas.

Muito mais tarde, sob o patrocínio do  
incançavel patriota que ainda hoje dirige a  
pasta da Marinha, e ainda hoje ostenta, no  
avanzado da idade, o exemplo moço de abne-  
gados serviços, correu entre officiaes da Ar-  
mada uma subscripção e em breve se fundia  
o busto do Almirante Tamandaré.

Era aspirante quem escreve estas linhas.  
E teve a honra de comparecer com a escola,  
numa solenne formatura, no dia em se des-  
cobriu, em meio as arvores de um jardim de  
Botafogo, a fronte varonil do egregio chefe,  
de fundo olhar sobre nós todos, parecendo  
ainda, na sua altiva eloquencia de idolo, fallar-  
nos da patria com a voz commovida de ou-  
trora, e apontar-nos o mar como a ara santa  
do nosso santo dever...

21-3-925.

GASTÃO PENALVA

# Exercício de Artilharia de desembarque

Octavio Mathias Costa

Capitão de corveta ajudante instructor

## ARTILHARIA DE DESEMBARQUE

Commandante de secção.  
Commandante de viatura.  
Chefe de peça.  
Serventes de peça.

7 carregador.  
8 conteirador.  
7 apontador.  
8 atirador.

### Conductores da peça.

5  
6  
5  
6

Chefe do armão.  
Serventes do armão.

3 municiaador.  
4 guarda do armão.  
3 municiaador.  
4 guarda do armão.

### Conductores do armão.

1 municiaador.  
2 municiaador.  
1 municiaador.  
2 municiaador.

## DEFINIÇÕES

**Viatura:** é o conjunto do reparo da peça e do armão.

**Reparo da peça:** é o aparelho destinado a supportar a peça, montado sobre rodas, o que permite o seu transporte facil.

**Armão:** é o jogo dianteiro de uma viatura; constituido pelo conjunto dos cofres de munições, e cofre de sobralentes; assenta sobre um eixo com duas rodas; é munido de uma lança com cruzetas.

**Cauda ou flexa de conteira:** é a parte do reparo da peça que se prolonga até o olhal de conteira.

**Olhal de conteira ou luneta:** é um olhal reforçado, no qual termina a flecha e que serve para engatar o reparo da peça no gato do armão ou claviça.

**Cofre da flecha:** é o deposito com tampa, situado na flecha do reparo, que contém as chaves de estopilhar e espoletar e o tira-fogo.

**Gato do armão ou claviça:** é um forte gato cravado na face posterior do estraço do armão.

**Leme de conteira:** é um braço móvel, situado no extremo posterior da flecha do reparo da peça, sufficientemente forte para sup-

portar o peso da flecha e o esforço da conteira.

**Azas de conteira:** são duas alças de ferro lateraes, ligadas ao extremo posterior da flecha do reparo, que servem para facilitar o manejo deste.

**Calhas:** são as laminas de ferro ou aço que formam o estraço de armão sobre o qual assentam os cofres.

**Cofres:** são as caixas de ferro destinadas a transporte, quer de munições, quer de sobralentes.

## SERVIÇO DA VIATURA

1 — O serviço da viatura do canhão Krupp 50 da Escola Naval é feita com a seguinte guarnição:

1 Commandante de viatura;  
4 Serventes de peça: a) apontador; b) atirador; c) conteirador e d) carregador.  
4 ou 2 conductores da peça (nos tirantes) ao lado da arma.

4 Serventes do armão: a) 2 guardas de armão; b) 2 municiaadores.

4 conductores do armão (nas cruzetas da flecha do armão).

2 — O commandante de viatura: dirige o serviço de toda a viatura; é o responsável pela collocação desta na linha de fogo.

3 — O chefe de peça: é o responsável pela collocação de sua peça na linha de fogo; auxilia o conteirador e o apontador na procura do objectivo; toma nota do desvio de referencia; fiscalisa o serviço de toda a guarnição da peça; fiscalisa a graduação das espoletas; observa o funcionamento da peça especialmente o do mecanismo de culatra o do recuo.

4 — O apontador: tira ou colloca a capa das alças; faz a pontaria; maneja o freio de marcha; colloca e retira a alça de mira.

5 — O atirador: tira ou colloca a tampa e a capa da culatra; maneja o mecanismo de culatra; dispara a peça com o auxilio do tira-fogo; auxilia a engatar ou desengatar a peça do armão.

6 — O conteirador: auxilia a engatar ou desengatar a peça do armão; arma e desarma o leme de conteira; auxilia a armar e desarmar a pá de conteira; conteira a peça maneja com a balisa de pontaria, quando necessário.

7 — O carregador: auxilia a armar e desarmar a pá de conteira; abre e fecha o cofre da flecha para retirar a sua palamenta; carrega os cartuchos na camara, gradua as espoletas; colloca as estopilhas; nos exercícios para os cartuchos, ao serem estes extrahidos.

8 — Os conductores da peça: auxiliam (nos tirantes) a tracção da peça; trabalham nas rodas durante as evoluções; auxiliam a armar e desarmar a pá de conteira, segurando

flecha por sua aza; auxilia o municimento da peça formando o respectivo cordão de municimento.

9 — O chefe do armão: é o responsável pela boa collocação do armão, durante o fogo, geralmente situado á esquerda da peça, um pouco a rectaguarda, mas se a situação o exigir, poderá ficar á direita e obliquamente; de modo a dar maior protecção aos serventes; abre e fecha os cadeados dos cofres; escala o municionador que deve transportar o 1.º cofre para junto da peça (os demais cofres são passados adeante pelo cordão de municimento). fiscalisa a distribuição da munição.

10 — Os guardas de armão: acompanhar sempre o armão; auxiliam o descarregamento dos cofres; auxiliam a engatar e desengatar o armão; durante a acção, fazem o serviço de segurança dos armões e o de ligação com a linha de fogo.

11 — Os serventes municionadores: conduzem o armão, pelos tirantes; fazem o serviço de municimento; manejam nas rodas durante as evoluções.

12 — Os conductores do armão: conduzem o armão, guarnecendo as cruzetas; são reforços da linha de municimento.

**PRIMEIRAS FORMAÇÕES**

Bateria reunir — As guarnições das viaturas formam, em duas fileiras, quatro passos á rectaguarda da respectiva viatura, de tal modo que o centro das fileiras corresponda a direcção da bocca da peça e obedecendo a seguinte ordem:

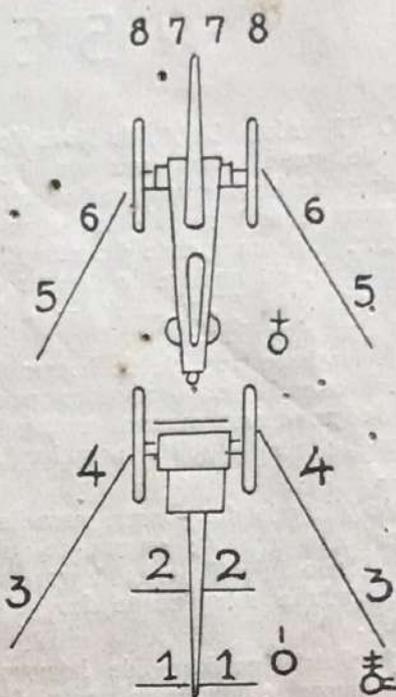
**Fileira da vanguarda**

Comte. de viatura — Chefe do armão — conductor do armão (1) — idem (2) — guarda do armão (3) — servente do armão (4) — conductor da peça (5) — idem (6) — carregador (7) — conteirador (8).

**Fileira da rectaguarda**

Chefe da peça — atirador (8) — apontador (7) — conductor da peça (6) — idem (5) — servente do armão (4) — guarda do armão (3) — conductor do armão (2) — idem (1).

	8	7	6	5	4	3	2	1
rectaguarda. . .	0	0	0	0	0	0	0	0
vanguarda. . .	0	0	0	0	0	0	0	0
	1	2	3	4	5	6	7	8



Postos de tracção — (A fila da vanguarda faz direita volver; a outra esquerda).  
 Marche — Vão ocupar as seguintes posições:

- Comte. de viatura: na frente da viatura.
- Chefe de peça: a esquerda da viatura, na altura do cofre da flecha do reparo.
- Chefe do armão: á esquerda da viatura, no alinhamento dos primeiros conductores do armão.
- Conductores do armão: nas cruzetas da flecha do armão.
- Serventes do armão: nos tirantes do armão.
- Conductores da peça: nos tirantes da peça.
- Serventes da peça: n'uma fileira, a dois passos a rectaguarda da peça e na seguinte ordem: conteirador, carregador, apontador e atirador.

**ESCOLA DA PEÇA**

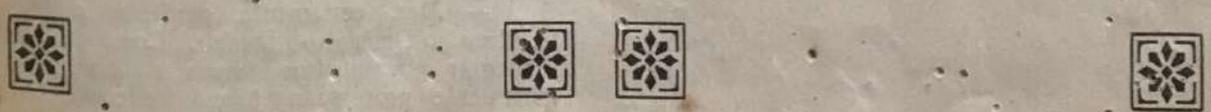
A escola da peça comprehende: o accionamento da peça e o serviço da peça em acção.

**Accionamento**

O accionamento corresponde a tirar o armão da peça; collocal-o, assim como a peça, na posição conveniente para a acção.

A direita, esquerda, frente e rectaguarda são sempre a direita, esquerda, frente e rectaguarda do armão, cuja frente é indicada pela direcção da lança.

A manobra opposta ao accionamento, é a de metter armões.



## BEBADO

O "American Club", de Nova-York, regorçava de gente! Nem mais um lugar! Pelos corredores desfilavam, apressadamente, cordões de homens e mulheres de todas as condições sociaes... Era um grande "meeting" da "Liga Nacionalista", no qual se ia discutir a tormentosa questão da "Dry Law" — a lei contra as bebidas alcoolicas...

A Nação estremeceia de horror diante das grandes calamidades produzidas pelo alcool! Lares felizes desmoronavam, assustadoramente, ameaçando toda a solida organização da Família...

Ao divorcio dos casaes, succediam, espantosamente, os casos de loucura, de imbecillidade, de rachitismo infantil, e as desgraças atavicas, determinando a incapacidade das gerações vindouras...

A Patria precisava de homens sãos — physica, moral e intellectualmente! Urgia, pois, providenciar contra os desastrosos resultados dos abusos da bebida, principalmente nas classes proletarias. As cadeias enchiam-se de delinquentes! Os tribunaes vomitavam, diariamente, ondas de homens e mulheres condemnados por causa do terrivel vicio, que tudo arruina — criminosos de todos os matizes ou simples contraventores das disposições policiaes, na defesa da moral e da ordem publicas... Os hospitais e particularmente as Maternidades enchiam-se de infelizes...

Era preciso reagir! E na America, na grande e nobre America do Norte, essas questões civicas, tudo quanto se prende á construcção da nacionalidade, ao futuro, á grandeza constante da Patria, á sua defesa, em todos os seus aspectos sociaes, politicos e economicos, assume logo phantasticas proporções pelo interesse e entusiasmo popular que determinam... A discussão desses assumptos toma, logo, caracter da mais alta gravidade, como si se tratasse de uma questão verdadeiramente religiosa, apaixonando as massas populares e agitando-as febrilmente.

Nos Estados Unidos, a Patria tem um altar no coração de cada um dos seus filhos!

Por isso, a "Liga Nacionalista" movia-se em fervorosa campanha para forçar os poderes da Republica ás medidas radicaes exigidas pelos altos interesses da Nação, em risco de afundar-se, de diminuir o seu brilho no Concerto Universal, onde fulgura como astro de primeira categoria...

Ministros de Estados; religiosos de todas as crenças; civis de todas as classes e militares de terra e mar; senadores e deputados; medicos e advogados; agricultores e industriaes; gente de todas as castas, enfim, alli estavam, acotovelando-se como um grande rebanho em insufficiente curral...

Presidia á sessão o reverendo John P. Trick, americano, filho de irlandezes, dos primeiros britannicos immigrados para a Florida. Attenção! Fez-se um grande silencio na sala.

Levanta-se um operario, Fred Tilley, grita, enchendo a carotida palpitante de energia em seu largo percoço vermelho, olhos brilhantes, com o punho direito fechado, brandido estendido energicamente, dirigindo-se ao sr. Daniels, ministro da Marinha, que alli estava democratissimamente confundido com o povo — "Nós queremos saber com que direito sr. Daniels, que é um "pau d'agua", prohibe a entrada de bebidas alcoolicas a bordo dos navios de guerra! E' uma insensatez! E' uma violencia privar assim os marujos, tão sujeitos ás intemperies, dos beneficos resultados de um bom "gin"! Protesto contra este attentado á liberdade! Protesto contra a violencia, contra o abuso da auctoridade desse ministro que tantas vezes tenho visto "alegre" depois de banquetes e em festas sociaes! Tem muita graça ver-se o diabo feito ermitão; um "prohibitorista" decretando que os outros não bebam!"

Uma gargalhada geral, entre palmas e protestos, acolheu as ultimas palavras de Tilley.

Levanta-se o ministro da Marinha. Um formidavel ovação abalou as suas primeiras expressões. Mas, habituado a esses "meetings" e a enfrentar multidões, a sua imponente personalidade rapido domina a assembléa e immediatamente a empolga: "Por isso mesmo meu caro senhor, só por isso mesmo, talvez visto que me consideraes um "pau d'agua" poderia eu ter motivo para decretar semelhante medida, evitando que outros se arruinem, victimas do alcoolismo... Mas ha realmente coisa muito mais imperiosa e séria, que força o Governo da Republica a tomar esta medida, salvando os nossos officiaes e marinheiros da mais terrivel das ignominias, que é a embriaguez habitual! O motivo que nos levou a esta orientação administrativa é muito mais impressivamente muito mais forte, muito mais triste, do que as minhas "alegrias", apontadas por mr. Tilley..."

"Eu vol-o direi: Num dos dias de mais movimento burocratico, no expediente do Ministerio da Marinha, fui duas ou tres vezes interrompido pelos meus ajudantes de ordens — Um senhor, mr. Murray, profundamente agitado, pedia que eu o recebesse com urgencia. Diante da insistencia, fil-o entrar e entreteve com elle o seguinte dialogo:

— "O que deseja, senhor? Apenas duas palavras, replicou, duas palavras e uma ordem para ser immediatamente reintegrado nos quadros da Armada Americana o tenente Newton Carper, expulso da Marinha por bebado veterado!"

— Mas, certamente, perdestes o juizo replicou o ministro Daniels. Como poderias reintegrar nos quadros navaes um homem regularmente processado, julgado e condemnado

pelos tribunaes militares, após varios escandalos publicos, por bebado incorrigivel! Não tenho auctoridade para isto e eu não faria, jámais esta injustiça á Marinha do meu paiz! Fazer voltar ao serviço aquelle bebado, que enchia de vergonha a Marinha Nacional! Não faltava mais nada! Isto é um absurdo!..

Volta á carga mr. Murray, com os olhos cheios d'agua e faiscantes de emoção: — Se sois um homem de honra e a America uma grande Nação, eu vos intimo a que façaes, sem tardança, este acto de simples justiça! Ouvi-me; Newton é meu sobrinho. Seu pae, meu irmão mais velho, um mercador, que se fez industrial em Long Island, morreu moço, deixando-o apenas com cinco annos... Era um "quaker"! Como nós, elle nunca permittiu uma gotta de alcool em sua casa ou a bordo da sua golêta! Em nossa familia, todos, através gerações e gerações, cultivamos os severos principios moraes e as virtudes que caracterizam esta nossa magnifica religião!

"Newton foi educado pela minha mulher como se educa uma mimosa menina. Era doce, carinhoso, meigo, trabalhador, intelligente e de uma bondade que reflectia toda a belleza e doçura de sua infeliz mãe, morta num accidente no mar, quando ajudava seu marido nas pescarias da Terra-Nova... O seu curso gymnasial foi brilhante. Herdou do pae um grande vigor physico e um accentuado pendor pela vida do mar. Era valente, nobre e exemplar em tudo! Exactamente quando constituia o encanto do nosso lar, foi admittido á Escola Naval de Annapolis, e dalli, após um curso com distincção em todas as materias e com os mais rasgados elogios de todos os seus chefes, pôe no punho seu primeiro galão de guarda-marinha e parte para uma longa viagem "de instrucção" á volta do mundo, a bordo do navio escola... Era um lindo typo de homem! Forte, claro como um jaspe ligeiramente rosado; olhos grandes, pequeno nariz afilado e bocca bem feita... Tinhamos grande prazer em vel-o nas provas esportivas; era o que mais corria; o que melhor nadava e remava; o que mais alto saltava; o que mais se distinguia no futebol, em tudo! As suas finas e elegantes maneiras e sentimentos delicados, eram de uma correcção tal que o tornavam verdadeiramente querido e notavel entre os companheiros e nas rodas sociaes. Nunca o vimos transigrir com os principios da moral definidos pela nossa religião! Aos 25 annos era puro como uma vestal! Tal foi o homem, a joia, a gemma preciosa que entregámos á Marinha americana!

Quando elle regressou de sua viagem "de instrucção", era outro, inteiramente outro! Os seus chefes e companheiros o haviam convencido dos "erros" da sua alta moralidade e inculcado em seu espirito idéas e habitos completamente differentes! Para ser um "hom official de Marinha", diziam elles, é preciso beber uma garrafa de Whisky sem pestanejar,

debochar a sociedade, fumar cachimbo, mascar tabaco, ser rude, fazer, enfim, tudo exactamente ao contrario do que elle sabia fazer como "quaker" herdeiro das gloriosas tradições da nobre mentalidade da nossa velha familia!

E no fim de tudo, depois de o haverem corrompido e apodrecido a alma com as vilanias dos habitos da gente de bordo dos nossos navios de guerra, vós o expulsaes dessa Marinha por indigno, vós o condemnaes e o atiraes ao meio da rua como um cão leproso! Boa "moral", senhor ministro Daniels, essa vossa moral "republicana" nacional!..

Se sois um homem de honra, concluir entre soluços, emocionado, o velho tio do tenente Newton, se sois americano, fazei este acto de justiça e de reparação!"

Profundamente commovido, disse mr. Daniels, profundamente abalado até o fundo da minha alma, levantei-me, braços cruzados sobre o peito; as lagrimas me cahiam em catarata, sem permittir-me pronunciar uma simples palavra! Tomei, carinhosamente, as mãos a mr. Murray, apertei-as longa e fortemente, exprimindo-lhe por essa fórma assás significativa, toda a vergonha de que me achava possuido, toda a consciencia das responsabilidades da Republica pela desgraça que derrubára o joven tenente Newton Parker!

A volta á Marinha daquelle official seria impossivel, mas eu jurei, perante Deus, ás Mães Americanas, que nunca mais ellas teriam motivos para lançar em rosto do Governo dos Estados Unidos as expressões, as justas expressões que eu acabára de ouvir de mr. Murray! Eis como e porque foi decretada a "Dry Law" para a nossa Armada!

A assembléa "veiu abaixo" de palmas e hurrahs nas vibrações patrióticas do povo!

A Patria não cria filhos indignos, nem contribue para a sua infelicidade!

A Patria, como Mãe Amantissima, instrue, cultiva e dignifica os seus futuros cidadãos; defende-os, assegura-lhes a saúde, a capacidade professional, os "privilegios nacionaes", a liberdade, e habilita-os á sua gloria immorredoura!

Nos Estados Unidos póde haver bebados, incapazes, fallidos na vida social, mas não por culpa da Nação!

Alli reina a constante preocupação nacionalista, da Patria cada vez melhor, cada vez mais "americana".

Imitemos aquelle nobre paiz! Orientemos no bom caminho a nossa mocidade! Façamos, tambem nós, a nossa Patria, cada vez melhor, cada vez mais Brasileira, apaixonadamente Brasileira!

# NAVEGAÇÃO

PELO PRIMEIRO TENENTE  
EUGENIO DA SILVA POSSOLO  
(1917)

## CAPITULO I

### *Generalidades e definições*

A Navegação, — arte de dirigir os navios, — tem um duplo objetivo a realizar: reduzir ao mínimo o tempo das travessias e, ao mesmo tempo, effectual-as com a máxima segurança possível. O estabelecimento dos processos e principios que permitam a consecussão simultanea dessas duas condições, — tal é, em sua essencia, o problema da Navegação.

Tal problema, assim formulado, supõe o conhecimento de dois pontos: aquele em que se acha o navio e aquele a que se destina; como este ultimo é sempre evidentemente um dos dados da questão, conclue-se que o primeiro problema a resolver é o de determinar, em um dado instante, a posição do navio na superficie terrestre, para então, com o prévio estudo da região intermédia, traçar a derrota a seguir dentro das condições preestabelecidas, relativas á segurança e ao tempo. A Navegação fica assim dividida em duas partes essenciaes, que diferem entre si, não só quanto ao problema cuja solução buscam, mas ainda quanto á propria natureza dos métodos empregados: — a primeira, que se reduz em suma ao chamado «problema do ponto», e que é a única positiva, a única que admite o emprego de métodos scientificos mais ou menos rigorozos, por meio dos quais se determina a posição do navio referindo-a a pontos conhecidos de terra ou aos corpos celestes; — a segunda que compreende o «traçado das derrotas» e em que o bom senso representa o principal papel, reforçado pela experiencia do mar e pelo perfeito conhecimento da região a percorrer, quer quanto

aos accidentes existentes ao longo da travessia, quer quanto ao regime de ventos e correntes, de que os roteiros e cartas dão a noticia detalhada.

A questão do tempo minimo assumiu toda a sua atual importância quando o vapor foi adaptado á propulsão dos navios em substituição ao vento, pois só então se pôde demandar directamente o porto do destino; ainda para este mesmo resultado concorreu o aperfeiçoamento dos modernos cronometros que, fornecendo uma longitude mais exacta, fizeram desaparecer o primitivo sistema de navegação pela latitude. Com efeito, antigamente, quando a imperfeição dos instrumentos nauticos apenas permitia a obtenção de uma boa latitude, os navegantes, sujeitos á contingencia dos ventos reinantes, procuravam atingir o paralelo do porto de destino, navegando então sobre esse paralelo até atingir o ponto desejado. O cálculo da latitude tinha então a máxima importancia e como fosse feito exclusivamente pela observação meridiana, apenas fornecia a posição do navio de 24 em 24 horas; com a pequena velocidade própria dos navios de vela era este inconveniente de pequena monta, mas com a maior rapidez dos navios a vapor, tornaram-se insufficientes para demandar terra os pontos obtidos com tão largo intervalo. Neste sentido, o aperfeiçoamento dos modernos cronometros veio prestar um inestimavel serviço aos navegantes, permitindo calcular uma posição sufficientemente aproximada a qualquer momento, em que se possa fazer uma observação; como resultado immediato dessa transformação, as observações á noite, primitivamente reduzidas ás trabalhozas distancias lunares, foram sendo generalizadas, graças á adaptação dos sextantes a esse genero de observações pela habilidade dos hidrógrafos francezes.

Finalmente, o ultimo impulso aos processos de navegação foi dado pelos chamados novos métodos, esboçados por Sumner, definitivamente realizados por Marcq Saint-Hilaire, e hoje tabulados segundo varios processos diferentes.

Hoje, nas grandes travessias, observa-se geralmente o Sól pela manhã e á

(\*) Uma das mais bellas intelligencias que têm abrilhantado a nossa marinha de guerra, Eugenio Possolo succumbiu em plena mocidade, victima dum desastre de aviação nos arredores de Londres. Conhecedor profundo da sua especialidade, deixou elle num caderno as notas que começamos a publicar. O seu espirito não se cingiu, porém, aos segredos da navegação. Nas letras deixou-nos elle versos, ora humoristicos como os com que collaborou no *D. Quixote*, ora lyricos, mas de um lyrismo intelligente e sadio. Em breve contamos publicá-los.

tarde, no momento favoravel ao calculo da longitude, toma-se a meridiana para ser a latitude e o ponto completo ao meio dia, retificando e completando essas observações pelo crusamento de retas de altura provenientes de estrelas e planetas. A lua, que antigamente tinha para o calculo da longitude a mesma importancia que o Sól para o da latitude, foi relegada ao secundário papel de iluminar o horizonte para as observações noturnas.

### Diferentes modos de navegar

A determinação da posição do navio em um dado instante pôde ser feita por tres processos diferentes:

1º): quando á vista da costa, essa posição pôde ser referida á de pontos reconhecidos em terra, avaliando-se a posição do navio pelas posições relativas de alguns desses pontos, segundo a prática que se tem da rejão em que se navega;

2º): ainda por meio de pontos notáveis da costa, observando porém as suas posições em relação ao navio por processos semelhantes aos empregados em levantamentos topográficos e calculando a posição do navio por meio dos dados assim obtidos, — ou referindo-a a outra posição anterior conhecida, utilizando a direcção seguida e a distancia percorrida a partir daquela posição de referencia;

3º): pela observação dos astros.

O primeiro processo constitue a navegação de praticagem, ou pilotagem, o segundo constitue a navegação estimada ou de cabotagem e o terceiro a navegação astronomica. No decurso de uma viagem longa, tem-se ocasião geralmente de empregar todos esses tres processos: a praticagem na entrada e saída dos portos, a estimada enquanto se navega á vista de terra ou, no mar alto, para ter uma posição aproximada entre duas observações e, finalmente, a navegação astronomica logo que se atinge o mar alto, sempre que as circunstancias de tempo permitem a observação.

### Fôrma e dimensões da Terra e suas linhas principais.

\* E' a Terra um elipsoide de revolução, de pequena excentricidade; o seu maior raio tem 6.378.388 quilometros e

o seu raio menor 6.356.909 quilometros, sendo portanto  $1/297$  a sua excentricidade. Os extremos do eixo menor são chamados polos, tendo um deles a denominação especial de pólo norte ou setentrional ou boreal e o outro a de pólo sul, meridional ou austral.

Chama-se eixo á reta que une os dois pólos. Equador é o circulo máximo perpendicular a esse eixo. Meridianos são os circulos máximos que passam pelos polos. Paralelos, são os circulos menores perpendiculares ao eixo e assim chamados por serem paralelos ao Equador. Meridiano e paralelo de um logar são o meridiano e o paralelo que passam por este logar.

Vertical de um ponto é o prolongamento do raio que passa por esse ponto. Horizonte racional de um logar é o circulo máximo perpendicular á vertical desse logar. Horizonte vizual de um logar é o plano tanjente á superficie da terra nesse logar. A' intersecção do plano do meridiano de um logar com o seu horizonte vizual chama-se linha Norte-Sul verdadeira. A perpendicular a essa linha, traçada no plano do horizonte vizual é chamada linha Léste-Oeste verdadeira. Tendo o observador uma certa elevação sobre a superficie da Terra, ele vê uma parte dessa superficie limitada por um cone formado pelos raios vizuais tanjentes á superficie terrestre; o logar geometrico dos pontos de tangencia desses raios constitue o horizonte realmente vizível. Podendo as pequenas porções da superficie da Terra ser consideradas planas, em vista da grandeza do raio de curvatura, o horizonte realmente vizível pôde ser considerado confundido com o vizual.

Nestas condições a intersecção das linhas Norte-Sul verdadeira e Léste-Oeste verdadeira com a linha que limita o horizonte vizível determina quatro pontos, chamados cardeais, que têm as denominações especiais de Norte, Sul, Léste e Oeste e são respectivamente representados por N., S., E e W. Dando o observador a direita ao ponto do horizonte em que nasce o Sól, terá o N. á sua frente, o Sul atraz, o E. á direita e o W. á esquerda.

As duas metades em que o Equador divide a Terra são chamadas hemisférios e tomam o nome do polo que contêm.

(Continúa).

## A MIRAGEM DE 1824 (\*)

"Os povos vivem da sua tradição" — RUY BARBOSA

Meus senhores.

Que sombra mysteriosa seria aquella que ha um seculo vagava numa rua de Olinda, enquanto os carrilhões do campanario fronteiro derramavam pelas quebradas das colinas e pela solidão das praças o som cavo das oito badaladas? A que missão se aventurava ali, na calada da noite tenebrosa, quando os céus, como sentindo as apreensões da patria alvorense, envolviam a refulgencia dos seus astros no luto das suas trevas? Negras as vestes, robusto o porte, ei-la que se detém deante de uma porta, cujos gonzos dentro em pouco rangiam. Luz baça de um candieiro, que tremeluziu por instantes nas mãos de uma mulher, illuminou o rosto ao caminheiro desconhecido. E na moldura sombria do habito carmelitano modelou-se o semblante de Canéca. Eis, meus senhores, nessa peregrinação e nessa personagem o prólogo e o cerebro do grande drama de 24, cujo centenario tão bellamente evôca, entre o carinho das reminiscencias mais maviosas e o fremito das emoções mais vibrantes, todo um passado de tribulações e ansios, toda uma revoada de sonhos e glorias, todo um apostolado de justiça e liberdade. Dir-se-ia que ao cyclo das jornadas pernambucanas a Providencia reservára por acaso o clarão de uma epopea, através do qual perpassassem numa evocação grandiosa "os heroicos feitos dos antigos", que a lyra de Bento Teixeira canonizou. A principio, quando a Terra éta, no dizer do poeta, a

"Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida,  
No virginal pudor das primitivas éras".

já a iniciação guerreira se exercitava na resistencia aos flibusteiros audaciosos que lhe larapejavam o "páo-brasi". E' o preludio dos formidaveis embates que ensanguentaram e eternizaram no seculo XVII as plagas da nossa terra, quando um dia irromperam ante ellas, na eloquencia sinistra dos seus canhões, as naus do bártavo aventureiro, a cujo arbitrio estariam escravizadas, se a alma não reagisse, na expansão irresistivel da liberdade ameaçada, sacudindo de si a algema com que a agrihoavam, num milagre de energia que surpreendeu Vieira. As carnificinas succedem-se, os rasgos multiplicam-se, os dias passam-se e a provação homerica ultima-se quando o inimigo capitula, vencido quase que a jactos de sangue. O Capiberibe avermelhado, esse Jordão do heroismo brasileiro, semelha por annos a arteria da Patria, retalhada e fremente.

A morte dos heróes é como a vida dos evangelistas: uma parábola de fé e esperanza, uma restea de luz e gloria. Henrique Dias, brandindo com a mão esquerda o gladio que a dextra decepada deixára tombar; Camarão, que o escriptor luzitano adjectivou de astuto e valoroso; as heroínas de Tejucupapo, cujas

(\*) Conferencia que deveria ser pronunciada no Centro Pernambucano por occasião do 1º centenario da Confederação do Equador.

madeixas suprimam, como as das mulheres thaginesas, a deficiencia dos recursos beilicoides, todos succumbem apostolando o espirito de nacionalidade, o espirito de independencia, o espirito de liberdade (1). Com elles remata-se a primeira rhapsodia do poema pernambucano a preservação da integridade nacional enceta-se a segunda, florescencia magnífica de sangue derramado, caracterizada pela idéa dominante de Republica, cuja prioridade indubitavelmente lhe reivindicou, a despeito da cegueira adversa, a erudição profunda de Duarte Coelho (2). No Brasil feitorizado, no Brasil de lutas e flagellado de crimes, aos olhos de Latino Coelho attribuiu as falhas da colonização portuguesa, esse martyrologio collectivo desbravou o caminho aos grandes ideaes que a Encyclopedia esfolhou sobre o Universo, abalando nos fundamentos o absolutismo, recuperando no berço a liberdade. Mas a terra que o bardo indigena saudou como a

"Veneza Americana transportada  
Boiante sobre as aguas".

não constituiu apenas na nossa evolução historica o tabernaculo das tradições de gloria e a atalaia dos principios de liberdade. E' um cunho de nobreza, intelligencia e aristocracia já a repassára a gestão clarividente de Duarte Coelho (3). E' de então que floresce na sociedade a galanteria dos madrigaes, donaire dos gestos, a pompa dos solares, a bizarrria das cavalhadas, o zêlo do idioma, a maneira requintados que, na frase de chronicistas, "as filhas de Lisboa vinham apprender em Pernambuco os bons termos" e "as damas andavam tão louças e tão custosas que não se contentavam com os tafetás, chamalotes, veludos e outras sedas, senão que ostentavam finas télas e ricos brocados", trajando-se homens "tambem com extremado luxo, não havendo adereços custosos de espadas e adagões nem vestidos de novas invenções com que não ornassem". Esse reflexo de cultura e modernismo, que muito faz aos prodomos do século ora solennizado, mais o intensificou o espirito hellenico de Mauricio de Nassáu, cuja administração pôde dizer-se de Pernambuco que elle foi a Florença americana. Duarte Coelho, commenta um historiador, Duarte Coelho deu ao seu condado um cunho de distincção e aristocracia, sob o governo de Mauricio de Nassáu, Pernambuco éra como pequenos ducados da Europa — uma Weimar — com um principe perfeito, com paços sumptuosos, com uma corte magnifica de poetas e artistas, sabios e letrados, gentishomens galanteadores, com uma sociedade com habitudens de cortezia, elegancia e conforto, que os tes-

(1) Joaquim Nabuco — Campanha Abolicionista no Recife, pg. 4.

(2) J. D. Codeceira — A idéa republicana no Brasil.

(3) Fr. Vicente do Salvador — Noticias sobre a gestão de Duarte Coelho Pereira.

pos posteriores á restauração fixaram com feição adquirida e propria" (4). Tal nas vespéras das profundas convulsões sociaes o scenario pernambucano. O seculo XVIII alvoreceu. Como as vozes sinistras que reboavam no templo de Jerusalém profetizando a ruina da cidade e do povo, as consciencias, cadaverizadas pelo servilismo de tantos seculos, começava de trabalhar-las o rumor intimo da liberdade portegada, quase que impellido-as a discernir no longo eclipse dos direitos inalienaveis, no tormentoso pesadelo do absolutismo desenfreado uma centelha de esperança.

Na arena experimentada do "Leão Coroadado" essa alvorada universal de sentimentos mumificados repercutiu alviqueiramente no brado de Bernardo Vieira de Mello, falando de Republica, primeiro que as hostes de Washington escorraçassem da America os resquícios da dominação britannica. E' o holocausto do noviciado democratico, com o cortejo classico dos martyres, sem cujo sangue, como a divindade fenicia não se manifestava, os grandes ideaes não vingam. A' alma batalhadora, porém, essas vicissitudes quase ininterruptas aplacam-lhe por cerca de um évo a ebulção guerreira. A imprecação da Dido moribunda:

(5) "Das cinzas minhas nasce quem me vingue" entra a trevejar sob os nossos céus. Enquanto os horizontes se empanam e os corações se turvam annunciando que o instante é chegado do grande cataclysmo, epitaphio das iniquidades seculares que lavraram no orbe, tal qual a poeira vermelha na cidade maldita, como a expiação de um sacrilegio, os ecos do turbilhão mundial se vão agglomerando no regaço da g'leba adormecida com o marulho de cada vaga que a beija, com o cicio de cada brisa que a sopra. A elles já o tumultuoso libellista da *Illusão Americana* pôz de manifesto a influencia nos fastos da nossa historia. "Desde a época da descoberta," pondera elle, "nenhum grande factio europeu deixou de ter a sua repercussão no Brasil, de influir em nossos destinos" (6). Assim, mercê da excelsitude dos seus principios, da evangelização dos seus filósofos, da impetuosidade dos seus golpes, medraram, bemsditos frutos da rajada revolucionaria, as agitações politicas do nosso povo. Não quero, meus senhores, transgredir os limites que me demarcaram. Outros focalizarão com profeciencia que me fallecê o aspecto filosofico do sonho de Canéca, ressuscitarão, na plenitude da grandeza historica, os vultos mais eminentes, os rasgos mais empolgantes. Enquanto a mim busco tão sómente assignalar nessa incandescencia de paixões o traço de um atavismo irresistivel, a legenda suprema de uma cruzada a que 27 de Janeiro de 1654, 6 de Março de 1817, 2 de Julho de 1824, isto é, restauração, republica, federação, ou no conceito carlyleano, Fernandes Vieira, João Ribeiro e Canéca são os monumentos impereciveis. Por isso rastreamos em espirito um trecho da trajetória de cada legionario, lembrando os mais humildes, reverenciando os mais valentes, pranteando os mais desditosos, desde os sectarios do nativismo aos missionarios da democracia. A estes é que in-

cumbe agora a redempção definitiva da Patria. Que já não era possível o amalgama dos dois sceptros estava evidenciando-o a excitação crescente de animo, que prefaciou em todo o país o desfecho do Ypiranga, não como symptoma do prurido de dissensões intestinas que fragmentaram a Grecia, senão como o signo da fatalidade historica, a que não ha fugir, em virtude da qual no seculo anterior os Estados Unidos se divorciaram da Grã-Bretanha e o Brasil se desmembraria do Reino Unido. Demais já a Terra de Santa-Cruz não havia por unicos titulos os rios immensos que a rasgavam, as minas fabulosas que a enriqueciam, as florestas luxuriantes que a ajardinavam. As arcadias, esses viveiros de idéas, essas synagogas de civismo, florejavam furtivamente pelas turbas a consciencia do seu dever e o sentimento da sua patria. As letras e as sciencias, chegadas a promissora fase de cultivo, que a abertura dos portos inda mais incrementou, collaboravam efficazes no trabalho intenso de desagregação, em parte contraminado pelas condições do nosso povo, sem ação porque sem discernimento, sem instrucção e sem governo.

Para a propaganda assim orientada a fundação do seminario de Olinda representa a mais relevante conquista. A fidalga rival da Mauricéa constitue-se no íman dos espiritos avidos de sciencia e liberdade. A um tempo eremiterio e academia, os ideaes que atriga são largos como os horizontes descortinados dos cimos das suas montanhas, e os livros que lhe chegam guardam ainda nas paginas o éco do fragor da Bastilha. Esse éco, meus senhores, imaginai a poder de quanto sacrificio não o levaram a cabana do pobre, ao solar do opulento, á caserna do soldado, a consciencia dubia dos que hesitam, á intelligencia obscura dos que mourejam, ao coração insoffrido dos que vibram. Não bastava, porém, se circumscrevesse a acção ao territorio nacional. Cumpria ampliá-la e a esse fim os emissarios delegados a Franklín rivalizaram em devotamento os que palmilhavam o sertão, havendo-se com tal habiidade que delles sentenciou Oliveira Lima: "póde dizer-se que foi a diplomacia pernambucana quem seis annos antes de Monroe formulou a sua doutrina, definiu o pan-americanismo". A independencia, "unico antidoto contra a violencia dos Portugueses", na exclamação inflammada de Antonio Carlos, se o velocino dos novos argonautas, não relegava todavia a observancia religiosa do direito no que nelle ha mais intangivel: a tolerancia para as idéas, a liberdade para os individuos. Por isso a finalidade da grande obra não a viram na plenitude as margens do Ypiranga. Pernambuco velará ainda por que se não malbarate um esforço de tantos annos, um acervo de tantos sacrificios. E um dia, quando a um acto mais violento, á miragem do principio que sonhára se substitue o fantasma sombrio do absolutismo, rebella-se e luta, confrange-se e soffre, e, por conspirar a sós com a audacia a queda da oppressão, não contentes os verdugos de lanceá-lo com armas fratricidas como o braço inconsciente dos gladiadores romanos, abandonam-no por futil pretexto de estrategia ao assedio da frota lusitana. Na alma de cada Pernambucano, porém, escudada pela energia leonina que é o fluido do ambiente, lavravam as labaredas dos versos de Canéca:

(4) Elysis de Carvalho — Revista do Instituto Archeologico e Geographico, v. XV.

(5) Eneida, IV — 625.

(6) Eduardo Prado — Col'ectaneas, v. III.

Cidadãos Pernambucanos  
Sigamos de Marte a lida,  
E' triste acabar no ocio  
Morrer pela Patria é vida.

O rebate não foi em vão. A bofetada não estalára na face de poltrões. Revidando-a, as turbas que ella envilecêra, saíram á luta por herdar-nos o legado bendito de Independencia e de Republica, no qual collaborou, como no templo de Salomão, toda a energia de um povo. E agora, arrebatado em espirito para as lousas hoje abandonadas, para as reliquias amanhã desaparecidas, onde como que

ainda perpassa, na romagem da saudade, alma dos que as defenderam — héra tri-  
das campas e ruínas — o Brasil inteiro  
aclama, e envolvendo-vos, herões e marteiros  
numa prece de amor e gratidão, reconstitu-  
vos commovido os transes da vida amarga  
rada, desde o instante alvicaireiro em que  
vossos pavilhões se desfrazavam para a  
leja até a hora sagrada em que baloça  
no pelourinho como um pendulo a oscillar entre  
o crime que se perpetrava e a liberdade que  
se entrevia nos campos do Taborda, nas ma-  
gens do Capiberibe, nas collinas de Olinde

A. M. BUARQUE DE LIMA

### Contra-Almirante Athanagildo Lopes da Cruz

Victima de inesperada enfermidade falleceu no dia 15 do mez passado o Contra-Almirante reformado Athanagildo Lopes da Cruz. Nome sobejamente conhecido na sua classe e pertencente a uma familia de marinheiros, a sua morte contristou o grande numero de pessoas das suas relações e especialmente a nós, a quem a fatalidade fez testemunhas da dolorosa sur-

presa que lhe acabrunhou o filho, nosso collega Augusto Lopes da Cruz, no momento preciso em que desembarcavamos do «Benjamin Constant», após o cruzeiro de instrucção a Florianopolis. A Galera envia á Exma. familia e particularmente ao collega orphanado os pesames mais sinceros.

### Episodios da viagem do N. E. «Benjamin Constant»

A popularidade do nosso «Benjamin» é tão grande, que já saiu do meio naval, sendo conhecido como navio phantasma em todo o Brasil.

Dias antes de embarcarmos, viajamos n'um bonde Tijuca. Na nossa frente ia uma senhora com uma criança, que chorava copiosamente.

—Mamãe, me compra balas! dizia o garôto, com o rosto banhado em lagrimas.

—Não compro, não! replicou a senhora.

O choro continuou.

Na altura do Largo do Estacio, a senhora virou-se para traz e viu que no bonde vinham aspirantes de marinha.

Um sorriso malicioso illuminou o rosto d'aquella senhora, e dirigindo-se ao garôto:

—Si continuares a chorar, vou pedir a estes aspirantes que te levem para o «Benjamin»...

A' voz de «Benjamin» o choro parou e a creança, meio choramingando, meio rindo, disse:

—Não, mamãe, não quero mais balas!...

Lembrando-nos deste facto e juntando a profecia do Barão Mucio Teixeira — que um navio branco da esquadra brasileira iria a pique, em 1925 — foi que embarcamos na nossa velha galera.

Marinheiros de 2.<sup>a</sup> viagem no mesmo navio, já sabiamos mais ou menos o que nos esperava.

No dia 28 de Fevereiro p.p. largavamos a boia e nos dirigiamos á barra. A principio ia tudo muito bem. Cumprimentos de toda a parte: «Boa viagem! «Breve regresso», etc.

Na altura da Rasa a machina fraquejou. De 56 rotações passamos a 40.

O Chefe de Machinas, temendo alguma desfeita de sua filha dilecta para com os Aspirantes, fez ver á «menina» que um pequeno sacrificio não era muita cousa...

Comprehendendo a situação afflictiva de quem tão paternalmente se interessava por ella, resolveu dar 44 rotações. E assim fomos nos arrastando...

Mas a machina é velha, e como toda a velha gosta de brigar. Com o chefe era difficil brigar. E o pobre «Benjamin» foi então alvo de toda ira da «bichinha».

— Tu és um inconsciente, dizia ella ao casco do navio; pesas brutalmente. Carregar-te por este oceano immenso é um sacrificio... E, depois, si ao menos ficasses quieto...

Porque jogas tanto?!... Positivamente és um navio perdido.

— Calate megéra! respondeu-lhe o casco. Falas de mim que sou velho, mas as folgas que tens, tiram-me o somno. Tu bem sabes que Neptuno já reclamou diversas vezes, contra o barulho que fazes... E por falar em folgas: vê si afranjas um meio de acabar com o vazamento dos tubos da caldeira. A agua corre toda para o fundo duplo e, como bem vês, resfriados em nossa idade são muito perigosos.

Apezar disto continuavamos a viagem...

Um bello dia iamós entrar de serviço na machina.

Quando nos dirigiamos para a praça de caldeiras, vimos um fogaista com capa de borraça, galochas e guarda-chuva.

Estranhámos, e por curiosidade dirigimo-nos a elle:

— Que faz você ahí, todo encapotado?

— Isto, «seus» aspirantes, é prevenção contra as tempestades...

— Contra as tempestades, aqui na praça de caldeiras?!

— Sim senhores! estas malditas caldeiras costumam vasar e é claro que a «gente» precisa se defender...

Faltavam apenas dois dias para chegar ao Rio, e a machina na mesma,

O Chefe, carinhoso, chegou-se a ella e perguntou:

— Sabes para onde vamos?

— Não, respondeu a bicha.

— Pois vamos para o Rio! retrucou o Chefe.

Nestes dois dias a machina deu 86 rotações, e a velocidade era tal, que o «Benjamin» pedia caridosamente:

— Tenham dó de mim! Parem esta machina! Eu sou velho! Eu... eu... me... desmancho...

Si por um lado fizemos a viagem com bom-humor e mesmo alegria, por outro vemos com tristeza o estado lamentavel em que se encontra o «Benjamin Constant».

Sentimos, sim, porque desejavamos uma Marinha homogenea e forte, e absolutamente não nos conformamos com a queda brusca do nosso poder naval. Eramos a primeira esquadra da America do Sul, e hoje apenas occupamos o 3º lugar.

Vemos, aterrorizados, a esquadra argentina caminhando a passos largos para amanhã nos disputar o dominio do Atlantico Sul.

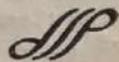
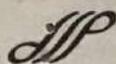
Presenciamos isto tudo e infelizmente ainda não saímos do terreno das eternas cogitações...

Emfim...

Quanto ao «Benjamin» só ha um remedio. «Voronoffical-o», dando-lhe glandulas novas, isto é, caldeiras que supportem pressão sufficiente para que aquella machina tão cheia de rheumatismo — coitada! — saia das classicas 52 rotações por minuto.

...e enquanto a reconstrucção do «Benjamin» só existir no reino das fadas, consolemo-nos, pensando com Farragut: «Mais vale gente bôa em navios ruins, que navios bons com gente ruim...».

KAMIMURA.



## PALESTRAS

"Começae por governar-vos a vós mesmo e assentae as bases da vossa administração no domínio sobre as vossas paixões", assim disse o Imperador Trajano.

E com esforço, perseverança e boa vontade foi dominada a nossa paixão! Temos uma revista; é uma paixão como muitas outras; temos onde manifestar os nossos pensamentos e abrir de perto os nossos soffrimentos. E' escrevendo que muitas vezes nos expandimos melhor e melhor grava o espirito da pessoa porque: "verba volant, scripta manent". O carinho e abnegação dos meus collegas, lembrando bem de perto o nome de Apollinario Buarque de Lima, fizeram da simples palavra, uma phrase e de uma serie destas, um pequeno artigo.

Irá avante a "Ga'era", terá um rumo sempre bem traçado, não se assombrará com as noites tempestuosas nem com os rochedos que surjam, embora amaine o vento que enfuna as velas, nem por isso deixará de seguir o seu rumo; não ficará á mercê das ondas nem navegará em arvore secca; o leme está nas mãos dum timoneiro pratico e accostumado ás trahições do mar.

Temos certeza de que os nossos collegas trabalhadores, marujos arrojados, hão de estar sempre talingados pelo arganéu aurifulgente da fraternidade. E este arganéu de ouro que hoje nos une, cada vez se tornará mais precioso, transformando-se pouco a pouco em uma amarra de diamantes, cujos élos estarão fortemente constituídos e indissolúvelmente talingados, mantendo assim a "Ga'era" no ancoradouro do Progresso. Não penseis que si se partir um élo a amarra não mais se talingará. Não. Ella é mysteriosa. Si isto acontecer pela ingratidão ou pela perfidia de algum degenerado, nem por isso a amarra se destalingará: elles se resoldarão pelo esforço dos meus collegas. E mais tarde aquelle transviado sentirá necessidade de se unir aos outros élos, porque elle foi um fraco, e os fracos precisam do auxilio dos fortes. A nossa revista tenderá cada vez mais a se ampliar; o horizonte está aberto ás suas paginas; não será a maré do desanimo, nem a correnteza do pouco caso, nem o pampeiro do desprezo que farão a "Ga'era" ir á garra. Não. Serão estes élos que constituirão a mysteriosa amarra que prende a sagrada ancora do porvir. Rebrilharão sempre na cruz da ancora, pregadas, com sacrificio, mas com proveito, a fé e a esperança de

um dia chegarmos ao fundeadouro desejado. O arganéu que forma a nossa união, a nossa amizade, a camaradagem e harmonia dos collegas, vae-se transformando pouco a pouco e assim attingirá o limite maximo, percorrendo sempre um caminho helicoidal.

Com estas simples "Palestras" espero ver o nosso roteiro levado a effeito tocando sempre nós em muitos portos e explorando novas plagas.

Naturalmente com o decorrer da sua longa viagem por este mar que na vida nunca é de rosas, a "Ga'era" ha de ter muito que jogar e arfar pois é o seu destino, mas é preciso que os marinheiros intrepitos não enjoem com o balouçar constante que é natural na vida e principalmente para o homem do mar.

Não é só o homem que vive em terra que tem as suas desillusões, mas tambem o marinheiro. Aquelle pensa navegar, na sua linguagem de paisano, num mar de esperanças mas encontra obstaculos. Este, embora num mar de facto encontra em condições mais desfavoraveis, outras cousas. Quem nunca sulcou as ondas pensa deparar constantemente uma natureza grandiosa e espectacular; céus azues, mares espelhados com sereias contorlando e conduzindo a nave entrelaçada em flôres; nascentes e poentes escarlates, dias limpídos, suavisados por uma briza amena; noites enluradas e estrelladas deixando ver longe o pharol indicativo do perigo.

Mas não é assim. As cousas não se passam como se quer. A cerração, a tempestade, o mar revoltado, o perigo imminente concorrem para que a viagem seja assustadora e sobresaltada, mas em compensação torna o marinheiro um homem robusto, sem medo da morte; não ha obstaculo que se lhe antolhe. Elle se torna um lobo do mar. A vida para elle se resume em viver entre céu e agua e com esta educação e este meio de que é forçado a viver, leva avante todas as suas expectativas.

Foi isto o que nós fizemos. Aprôamos a "Ga'era" a todas ás tempestades que surgiram e levamos avante com denodo e enthusiasmo.

Que a "Ga'era" se mantenha a todo o panno e sempre nas suas linhas de fluctuação são estes os meus votos.

H. S.

## Secção. desportiva

Até 1918, não tinha o desporto na Escola Naval direcção official. Era delle encarregada a Phoenix-Naval, sociedade literaria e desportiva, de caracter completamente particular, que provia suas necessidades pecuniarias e presidia aos trenos e competições. Outro facto que concorria para o pouco desenvolvimento do desporto era o isolamento da Escola na atrazada e longinqua Angra dos Reis, distante do resto da mocidade estudiosa, sem sentir o

ruido e o enthusiasmo que então levantava elle no meio academico, que já se havia confederado, levando sempre a effeito competições animadoras.

Com a mudança da Escola para o Rio e com sua filiação á "Liga de Spots da Marinha", tomou esse desporto novo rumo e novo incitamento. Passou a ter caracter official e a ser tratado carinhosamente pela direcção da Escola, que se empenhou na con-

strucção do campo de atletismo da ilha das Enxadas, declarado na época um dos melhores da America do Sul, e na reforma por que passou a piscina, até então imprestavel para concursos aquaticos.

Foi esse o periodo aureo do nosso desporto. Verdadeiros atletas se formavam em nossas pistas. Difficilissimos "records" ahi eram cobertos. Quasi que semanalmente a ilha das Enxadas era invadida pela mocidade das nossas escolas superiores e dos nossos principaes clubes desportivos, que iam ali a competições de atletismo ou de natação. E não raras vezes levantavamos os louros da victoria.

Foi assim que conquistámos innumerables campeonatos de atletismo, natação, water-polo, etc., apesar de continua lucta com falta completa de tempo e com inumeras difficuldades de selecção.

Ainda hoje se colhem os fructos deste esforço. Foi nos tempos desta Escola, que muitos desses rapazes, já officiaes, de que tanto se orgulha o desporto nacional, iniciaram seus treinos e receberam suas primeiras instrucções.

#### Anno desportivo de 1924.

Seja-nos licito, ao iniciarmos esta, felicitar a actual turma do 3º anno pelo verdadeiro record conquistado em 1924, obtendo todos os campeonatos aquaticos (remo, natação, water-polo) e mais o de foot-ball, que até então se achava em poder da turma do 4º anno.

Cumpre-nos tambem felicitar a então turma do 1º anno pela brilhante victoria alcançada na primeira regata annual (canôa a 4), em que, novos e inexperientes, concorreram com collegas veteranos e experimentados.

O campeonato de basket-ball ficou em

poder do 3º anno, que conquistou em prelios memoraveis. O de atletismo não foi terminado, devido á anticipação dos exames, estando, porém, muito bem collocadas para o final as turmas dos 4º e 1º annos.

As competições externas foram abertas de uma maneira felicissima. Levámos, em um só dia, de victoria, a equipe de esgrima do Villa Isabel F. C. e o "team" de basket-ball da Escola Militar apesar de entrarmos neste ultimo jogo sem nenhum treino de conjuncto e sentindo a falta do nosso melhor elemento.

O mesmo não podemos falar do campeonato academico de water-polo. Perdemol-o, aliás em situações muito especiaes.

Foi assim que, no ultimo jogo, afim de evitar que nossos concorrentes entrassem em condições de inferioridade devido ao cansaço dos jogos anteriores, acedemos em transferir a lucta para outra occasião, em que jogaríamos em situações eguaes. Nosso intuito, porem, foi baldado, pois que nossos leaes concorrentes, por motivos certamente independentes de sua vontade, deixaram, no dia seguinte, de concorrer ao campeonato de natação, para o qual se achavam inscriptos, invertendo-se, assim, as situações do dia anterior.

Temos a lamentar não se ter realizado o campeonato academico de remo, para o qual estavamos perfeitamente aparelhados e treinados, na esperança de uma victoria certa e compensadora.

Além de nossos honrosos titulos de vice-campeões academicos de water-polo e de basket-ball, temos a lembrar nossas victorias em basket-ball sobre os 1º e 2º teams do Villa Isabel F. C.

Que o anno de 1925 seja de louros para a Escola Naval nos torneios e nas competições em que figurar.

J. S. SALDANHA DA GAMA

## PENNAS MARUJAS

Dou-me actualmente ao trabalho de arrecadar as boas paginas que se têm escripto com assumpto de mar e de marinha, afim de organizar uma anthologia para leitura e entendimento de marujos ou de quem se lhes assemelhe da affeição á profissão. E confesso, jamais me veiu ás mãos tarefa tão custosa.

Pouco, quasi nada se tem feito em nossa lingua sobre cousas maritimas postas em boa literatura. Tivemos, é factó, innumerables escriptores nacionaes, dos quaes já inicii nestas columnas uma série com o Visconde de Inhauma.

E ainda hoje não falta quem na armada se entregue com vantagem ás bellas letras, aproveitando os ocios do mistér. De proposito sublinho esta circumstancia por causa de um preconceito que ainda vive nas classes militares; quem desvia a attenção para outro officio que não sejam as armas é tido em conta de avesso ao seu manejo, quando não por completo refractario ao serviço da carreira. E, no emtanto, pululam exemplos em contrario, sem citar o largo exemplo daquelles

que, vivendo entre armas, não têm vocação para ellas nem para as letras.

Muita gente que vestiu a nobre farda de ancoras teve sempre a sua penna dextra de escriptor ao lado da dextra espada de soldado.

Nas, de obra esparsa, hoje pouco se colhe de quem tão desordenadamente semeou. Poucos volumes, a não ser de acanhado cunho tecnico, se enumeram nas estantes de bibliophilos navaes. Sem embargo, lá existiram poetas e romancistas de primeira agua, que infelizmente legaram a sua valiosa producção á discreção da familia e dos intimos, salvando-a da publicidade, por vinte e cinco razões, sendo a primeira o espantallo daquelle tal preconceito.

Ponho neste numero o Almirante Justino de Proença, que aliás pudera ter-se livrado do carrancismo da classe, porque, completo official no seu tempo, nunca as suas musas prejudicaram as suas gáveas. Muitos se recordam dos seus actos de professional competente. Quem sabe, entretanto, do mavioso

poeta que elle foi, fazendo versos que mestres assignariam, e quem se refere ao romance que elle escreveu com Quintino Costa, companheiro de armas, que apenas fez successo entre os amigos que lhe escutavam a leitura inedita?

E como esse caso, outros sem conta.

Foi, pois, por ver que pouco tinha a ler a nossa gente do mar, emquanto em outras terras se fundam bibliothecas para o seu exclusivo manuseio, que me resolvi a buscar daqui e dali, nas literaturas do Brasil e de Portugal, as historias do mar, em prosa e verso, que pudessem interessar os lazeres de quem com tanta abnegação labuta.

E dentre obras que compulsei, tive a sorte de travar conhecimento com uma, mandada vir para mim de Lisboa pelo meu illustre amigo Almirante Gago Coutinho. São as *Narrativas Navaes do Contra-Almirante portuguez João Braz d'Oliveira*.

Creio que esse livro não existe nas nossas livrarias. E quem quizer gozar de bellas paginas, cheias do suggestivo sabor marinho, calcado em linguagem que mais parece de quem nunca sahio do aconchego dos gabinetes de leitura do que do aventureiro do oceano, como sóe sempre ser o luso que navega — quem quizer conhecer de perto a odysseia grandiosa da velha armada de Portugal, leia essa obra, que para mim não tem par na moderna litteratura congenere.

E' lá, no amplo scenario azul das ondas, turvado de commum pelas nuvens de agouro da borrasca, que, um a um, perpassam graves, solemnes e glorificados, os nobres vultos que mandavam nas caravellas cruzadas, seguindo pelo mar em romaria contra os torpes inimigos da cruz.

E' com respeito e temor que descem, ao prosenario da nossa contemplação: Fuas Roupinho, alcaide do Porto de Noz, que, á frente de reduzida esquadilha, foi vencido dos mouros pelo numero; e preferiu incendiar as suas náus a entregal-as ao vencedor com a sua gente.

Gil Eannes, que montou o Cabo Bôjador com tanta audacia que de volta o cobriu El-

Rey com as mais pomposas honrarias do reino.  
• Affonso de Albuquerque, o grande capitão, "a figura mais assombrosa da epopoeia portugueza".

• Diogo Pereira, tão arrojado em venturas, que, depois de ter perdido o navio, não constasse poder fazer-se a viagem da Índia numa frota de tão pouco valimento".

Antonio Moniz Barreto, que, não cogitando navio de maior vulto, comprou só para si um mercador leve e fragil galvanes, em que construiu as mais ousadas façanhas.

Antonio Corrêa, abandonado pelos seus companheiros, que o deram como louco, e arremettendo-se sozinho contra os aguerridos infieis de Rumokan, em Guerra Santa.

Pedro Navarro, "o mais celebre marinheiro de Hespanha".

Paulo do Rego, o heroe do Perú... outros heróes, pela historia a fóra, até chegarem ao lento desdobrar dos seculos, aos contemporaneos, filhos dos mares lusitanos, que, ainda hoje, que já não ha para Portugal occasião de se desbravar, mettem-se numa ligeira navegação aerea e rompem as nuvens, para estreitar os horizontes nos sagrados amplexos celestes.

Felicitto-me de haver de um folego bido as narrativas do Almirante João Braz d'Oliveira, que com tanta arte e tanto engenho decantou os feitos da sua brava gente. Só lastimo que não haja para as nossas letras navaes quem se afoite a descrever os nossos feitos, que são de tal valor e de tal monta que o proprio chefe Inhauma, em seguida ao ardor das pelejas, se enchia de tanto entusiasmo e bravura dos seus commandados, que chegava a sentir a falta de um almirante estrangeiro para avaliar e louvar tudo aquillo que a nossos olhos passava despercebido.

E' que elle sabia muito bem que Nelson e Trafalgar não constituem privilegio de uma raça. Temol-os nas folhas da nossa historia com a mesma miseria e a mesma imponencia.

Faltam-nos pennas decididas que compoem a decidida missão das espadas.

GASTÃO PENALVA

## A MEDALHA

O tenente Clarindo Ayres da Cunha era o que se pode chamar — um rapaz espirituoso. Alegre, vivo, conversador era um excellente passatempo dos seus collegas a bordo e o encanto irresistivel dos salões mundanos.

A sua verve, porem, muito variavel, percorria todas as notas da escala da ironia, desde a pilheria fina e delicada, a que elle costumava chamar a sua artilharia de pequeno calibre, até a pilheria pesada, esmagadora, fulminante que, á semelhança dos cascos esterilizadores do cavallo de Attila, por onde ella trilhasse, a herva não cresceria mais.

Era — dizia elle — a sua bateria de grosso calibre. Conforme a maior ou menor temibilidade do adversario, elle applicava esta ou aquella — e a derrota daquelle era certa e fatal.

Ora, aconteceu que a senhora D. Herminia, de Assumpção, Cardoso, gordissima e

respeitabilissima senhora do nosso alto setor, por signal uma dessas velhas viúvas e ralhadas, transpirando constantemente fel e tipathia por todos os poros e cuja unica occupação diaria era talhar a vida do proximo — decretou um bello dia guerra de morte ao joven official da marinha.

E' que o tenente Ayres da Cunha, rico, sympathico e elegante, arrastára até bem pouco tempo a aza á sua unica filha, a Lucinda, uma estouvada que tinha tanto bonita quanto lhe faltava em juizo e que, fundo, prometia ser uma segunda edição, vista e augmentada, da sua temivel progenitora. Aconteceu, porem, que o distincto officio já em vespuras do noivado, vendo desvanecer-se a doce illusão de encontrar na sua futura metade um anjo puro de candura e bondade, que a principio lhe pareceu, avaliado num golpe de vista de illuminado, toda a

tensão do desastre que ia praticar, e, saõ como todo marinheiro, mandou machinas atraz a toda força...

A ambiciosa senhora que tanto sonho e tanta esperança tinha construido sobre a fortuna do joven tenente, vendo fugir o passaro no melhor da festa, guardou-lhe um odio fulminante, e decretou, então, zona bloquiada todo o lugar onde costumava ser visto o adversario; na Avenida, nos salões, nas praias de banho, por toda a cidade diria horrores delle, sujava-o quanto possivel, e só lamentava não ter ainda se apresentado uma oportunidade onde, frente a frente, podesse cobri-lo de ridiculo, fazel-o corar de vexame, no meio de uma roda selecta, para goso dos presentes.

Esta oportunidade, desgraçadamente, se apresentou á infeliz senhora, uma noite, num salão mundano, faiscante de joias e de luz, onde se reuniu o que a nossa alta sociedade possui de melhor e de desoccupado.

Achava-se o joven official a um canto do salão, a palestrar animadamente com um grupo de amigos que o ouviam muito attentamente. Uma das mãos appoiada ao espaldar de uma cadeira, fazia elle oscillar entre os dedos da outra a corrente do relógio, a uma das extremidades da qual pendia uma pequena medalha de prata, onde se via esculpida a ouro, a cabeça de uma zebra!

A' sua futura ex-sogra que, — obra do acaso e do azar — se achava alli a dois passos de distancia, apreciando a dança e rodeada de senhoras e cavalheiros, não lhe passou despercebido aquelle adorno esquisito e feio, constrastrando com todas as regras do bom gosto, e que o elegante official fazia

oscillar entre os dedos. Logo a idéa de uma pilheria fulminante lhe passou pela mente vingativa e incendiada.

Com um gesto do leque acenou ao tenente para que se approximasse. Este, meio surprezo meio intimidado, approximou-se, desconfiado, do grupo onde palestrava a sua terrível adversaria. Por causa das duvidas, porem, prevendo um combate imminente, carregou previamente a sua bateria de grosso calibre.

A sra. D. Herminia Cardoso elevando, então, a voz e accentuando bem as palavras para que todos os do grupo a ouvissem, observou, apontando com o leque para a medalha que pendia do bolso do collete do official.

— Tenente, chamei-o para advertir-lhe que não é de bom gosto trazer assim o seu retrato, aos olhos do publico, pendurado de uma corrente...

Ante o choque violento e brutal da pilheria maliciosa, uma onda de sangue incendiou o rosto do elegante official; porém, chamando a si toda a calma que lhe era habitual, pigarreou, puxou da corrente e levando a medalha até quasi ao nariz da respeitavel senhora, retrucou:

— Como vê, minha senhora, enganou-se. Repare bem que isto não é um retrato e sim um espelho...

E, fazendo um gesto cerimonioso para se retirar:

— Como acabou de ver, minha senhora, sendo um espelho, reflecte muito naturalmente a imagem dos que nelle se miram...

ASPIRANTE D. B.

**SIRGUEIRO**

**Salvador Sciammarella**

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

**ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida**

Artigos em deposito: Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance, casemiras inglezas e francezas. Brins brancos—diversos fabricantes—estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

**Vendas por Atacado e a Varejo**

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, kapis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

**8, Rua Rodrigo Silva, 8**

TELEPHONE CENTRAL 1527

**RIO DE JANEIRO**

## O RECRUIT

Na noite negra, violentamente sacudido pelo mar bravo, o contra-torpedeiro avançava, de pharoes apagados, mergulhando, aos saltos, na treva. As ondas rebentavam-lhe á popa, varriam-lhe o convés. Balançada sobre a grimpada das vagas, a esguia não de guerra subia e descia como um monstro enfurecido, aos pinchos, arfando. Por vezes, parecia afundar no mar cavado. Mas logo surgia adeante, zombando das ondas ameaçadoras que o fustigavam nos flancos, desfazendo-se em espumas. Entumecido pelos altos vagalhões, o mar dava a idea de um immenso campo movediço, abaluartado de bastiões errantes. Sobre esse campo infinito, ululava sinistramente a ventania. E a noite, cada vez mais negra, augmentava a terrivel belleza desse cruzeiro nas sombras.

O "Recruit", brechando a treva, proseguia em sua marcha heroica, patrulhando o mar. A bordo, tudo parecia dormir. Dous marinheiros, um á proa, outro á popa, sondavam o horizonte, circumvagando o olhar penetrante e attento sobre o inquieto extendal das aguas. Junto a cada peça, um artilheiro, sempre alerta, velando. No passadiço, de binoculo em punho, o official de quarto perscrutava sem cessar o scenario, surdo ao silvo agudo do vento, indifferente ao frio, sem sentir o desconforto dessa longa vigilia, em que elle, sósinho, deante de Deus, do mar e da noite, desempenhava a tarefa obscura de velar pela vida de toda a tripulação de seu navio. De quando em quando, um vulto suspeito toma corpo ao longe. Os holophotes do "Recruit" accendem-se, bracejam sobre as ondas, como tentaculos de luz, como immensas pinceladas de sol na tela negra da noite.

Não era nada. Uma vaga monstruosa, uma illusão do olhar fatigado, um engano do espirito empolgado pela hypnose da guerra. Apagados os projectores, o contra-torpedeiro volta a resvalar nas sombras, sacudido pelo tumulto das aguas. As helices, por vezes, batem desvairadamente fóra do mar. O "Recruit" parece ser atirado ao ar e retomar, pesadamente, sobre as aguas... E ora levantado pela proa, ora adernando inquietamente, ora enovelado, premido entre as vagas colossaes, o contra-torpedeiro continúa a patrulhar o mar, prompto a correr sobre o inimigo, si este lhe apparecer á proa...

A's quatro horas da madrugada, um joven official sobe ao passadiço, approxima-se do camarada que permaneceu toda a noite no posto, sem fechar os olhos, sem um minuto de dis-

tracção na sondagem do horizonte. Dous lavras. Todos estão a postos. Boa noite.

"Boa noite!" — Só os marinheiros dem, naturalmente, trocar essa saudação tranquilo affecto, em meio da tempestade, das insidias da guerra, dos bramidos do "ve"

"Boa noite!" — O outro sorri, desce a cada, deita-se, assim mesmo vestido, no marote. De olhos fechados, vencido pelo sono, o official esquece por instantes o rigor do cumprimento do dever militar. O sonho é um grande pacificador. E, no sonho revê a camarinha, escuta a irmã executar no velho piano uma serenata, ouve a celeste voz da noiva loira que lhe falla de lindos projectos, troça juramentos e beijos, de mãos entrelaçadas, num aramanchél florido.

Lá em cima, no passadiço, o camarada vela por elle, vela por todos. E o "Recruit" é veloz, bem artilhado, tripulado por bronzados heroes que conhecem, desde pequenos os perigos do mar...

A alvorada aclarou o scenario. As ondas negras são agora azues, de um azul carregado e bello, destacado pela brancura das espumas que franjam a crista das vagas. E sobre ellas, esguio e orgulhoso, o contra-torpedeiro caminha, trepidando, a toda a força de suas machinas possantes. De quando em quando aqui e alli, divisa-se um barco ligeiro. São os pequenos navios encarregados de dar capangas aos submarinos ou rocegar as minas.

Era já dia claro, quando, a bombordo foi assignalado um periscopio. A haste emergiu das aguas, riscando a superficie do mar. Dado o alerta, o "Recruit", em um minuto, se preparou para o combate. A artilharia troou, as balas espadanando, mergulhavam no ponto onde o periscopio surgira. Mas este desaparecera. E pouco depois, torpedeado, o "Recruit" era envolvido por uma enorme columna de agua e adernava, arrombado. Um barco de pescaria approximou-se, levando-lhe soccorro. Mas o contra-torpedeiro sossobrou tão depressa que poucos tripulantes puderam atirar-se ao mar. Enquanto se erguia ao sol nascente, o grito do official no passadiço: Viva a Inglaterra!

O official morreu no seu posto. Dos naufragos, que se debatiam nas ondas, alguns não lhe foram reunir. Da torre do submarino alemão, que emergira victoriosamente das aguas, caçaram-no a tiro, sem piedade, os marinheiros teutões...

A. S. DE CASTRO MENEZES

# Café Victória

Chá, Chocolate, Mingaos,  
Ceias, Vinhos e Licores.

## GONÇALVES & MOURE

LARGO DA CARIOCA, 2 — TELEPHONE C. 5861

RIO DE JANEIRO

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 - Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo - R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

**Bernado** — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

**Bernice** — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

**Brandão** — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

**Naval** — **Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmulas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanslau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas 8

**Madre** — **Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas. Carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes 8

**Combate** — **Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8

**Acesoro** — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do aparelho motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

**Conduto** — **Conductor de Machinas.** Descripção dos differentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

**Navegal** — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharões, boias e balizas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

**Piltage** — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

**Fundura** — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

ENGLISH STORE

# Crashley & Cia.

Casa especial em artigos Inglezes.  
Agentes de Mellin's Food — Maltine  
Livros e Revistas Inglezes &  
Americanos  
Codigos Telegraphicos e livros  
escolares  
Perfumarias e sabonetes medicinaes  
Pomada Withers—Preparados "Pollah"  
Chapéos, Bengalas, Capas  
impermeaveis, etc.

Preparados pharmaceuticos Inglezes  
Tabloids de Burroughs Wellcome & C.  
Canetas Waterman, tinta, etc.  
Chá Çeylon--Bovril--Virol—Dog Soap  
Fumo e Artigos para fumantes,  
carteiras, etc.  
Roupas brancas  
Aceita encomendas para livros  
e productos inglezes

**58, Rua do Ouvidor, 58**

Telephone Norte 3468 — Caixa do Correio n. 906 — RIO DE JANEIRO

# CASA RIEKEN

Endereço Telegraphico RIEKEN — Codigos usados : "Ribeiro", A. B. C. 4th & 5th  
**PHONE CENTRAL 4364**

## Salgado Guimarães & C.

FORNECIMENTOS MILITARES

Importação e Exportação

Alfaiataria Civil e Militar  
**SIRGUEIROS**

Rua da Quitanda, 26 — RIO DE JANEIRO

# Guida, Machado & Cia.

Succéssores de G. GUIDA & Cia.

**IMPORTADORES**

Ferragens, Trens de cosinha, Metaes, Cutelarias  
Finas, Louças e Crystaes

**Largo da Carioca, 10 e 12**

**RIO DE JANEIRO**

Telephone Central 733

Caixa Postal N. 1507

## *Leitão, Irmãos & Cia.*

FORNECEDORES DO GOVERNO

# **CASA LEITÃO**

Importação e Exportação de Fazendas, Modas,  
Armarinho, Perfumarias, Roupas  
Feitas, Tapeçaria, Alfaiataria, etc.

*Largo de Santa Rita n. 2*

*Rua Visc. de Inhauma*

*Rua Municipal*

*Travessa Santa Rita*

Telephone Norte 767

**RIO DE JANEIRO**

# Cooperativa Militar do Brasil

FUNDADA EM 1890

176, AVENIDA RIO BRANCO, 178 — Telephones: C. 3880 e 3881

*Associação de Militares e Assemelhados e de Funcionarios  
Federaes, Estaduaes e Municipaes*

Alfaiataria Militar e Civil — Armarinho, Fazendas e Modas,  
Artigos para homens, senhoras e crianças — Calçados e  
... artefactos de couro — Generos alimenticios. ...

FORNECE aos associados, com facilidades no pagamento,  
TUDO QUE É NECESSARIO ao conforto pessoal ou do lar.

VENDAS AO PUBLICO

## Fonseca, Almeida & Co.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

*Ferragens, Tintas, Vernizes, Oleos, Lubrificantes, Materiaes de  
construcção, Tubos, Gaxetas, Correias, Cabos,  
= Maçames, Metaes, etc., etc. =*

MATERIAES PARA ESTRADAS DE FERRO E OFFICINAS

TELEPHONES: Armazem - Norte 962  
Escriptorio - Norte 36

CAIXA DO CORREIO N. 422

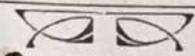
End. Teleg. "CALDERON"

R. 1.º DE MARÇO, 75 e 77  
R. GENERAL CAMARA, 19

— E —  
Deposito á Rua Camerino, 64  
RIO DE JANEIRO

# Curso Auxiliar de Preparatorios

RUA 1.º DE MARÇO N. 4, 2.º ANDAR



Sob a criteriosa orientação da sua directoria e a comprovada competencia do seu corpo docente, os alumnos deste curso têm obtido os melhores resultados nos exames do Pedro II, Escola Naval, etc., bem como os que se destinam á MARINHA MERCANTE.

ANTIGA CASA D. NORRIS FUNDADA EM 1908

## NORRIS & IRMÃO

TELEPHONE CENTRAL 2972

**Especialista em instrumentos nauticos e Chronometros**

Sub-agente do Almirantado Inglez para a venda de cartas Hydrographicas. Das 11 ás 5 horas da tarde.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 47 (ANTIGA ASSEMBLÊA)  
RIO DE JANEIRO

## PRESSER & C.<sup>IA</sup> L.<sup>TA</sup>

ENDEREÇO TEL. "PRESSERLAM" — CAIXA DO CORREIO 1216

Commissões, Consignações e Conta Propria

RUA GENERAL CAMARA, 62 - 2.º  
RIO DE JANEIRO

Ainda não terminamos os grandes melhoramentos que  
estamos executando no

# MEYER e em BRAZ DE PINA

e no entanto, já vendemos lotes no valor de

## 3.600:000\$000

—Porque será?

—Porque não especulamos em terrenos desvalorizados. Não compramos  
por **UM** para vender por **CINCO**. Liquidamos o que já tínhamos, vendendo  
por **UM** o que vale **CINCO**.

## Companhia Brasileira de Terrenos

RUA DA ASSEMBLÉA, 123 - 1.º ANDAR

TELEPHONE: CENTRAL 3978

Agencia: RUA DIAS DA CRUZ, 322 = Tel. Jardim, 379

Director-Presidente: DR. CESAR PROENÇA — Director-Gerente: JOSÉ MILLET  
Director-Secretario: FRANCISCO EDUARDO MAGALHÃES

## MOLHADOS E CEREAEES

CASA FUNDADA EM 1852

# Teixeira, Borges & Cia.

Commissarios de Café e mais generos do Paiz

Caixa do Correio 294

Endereço Teleg.: ARIEXIET

TELEPHONES NORTE 132 E 3904

## 110 - Rua do Rosario - 112

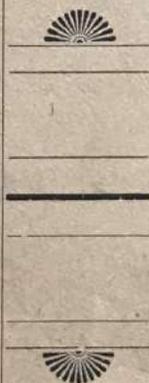
RIO DE JANEIRO

Performance que nunca desagrada

## UTIL AO AGRADAVEL

O motor JOHNSON é o unico que póde ser adaptado a qualquer typo de barco. E' um motor poderoso, desenvolvendo uma velocidade de 7 a 12 milhas por hora. Junta-se a isso a sua portabilidade, pois o motor JOHNSON pesa apenas 16 kilos e sua força que é de 2 HP e teremos o

## MOTOR IDEAL



PARA INFORMAÇÕES E DETALHES

**Mayrink Veiga & C.**

Engenheiros, Importadores e Exportadores

Rua Municipal, 15-21

Rio de Janeiro



Trav. Santa Rita, 26

Rio de Janeiro

# Associação Militar do Brasil



**MARINHA, EXERCITO, MARINHA MERCANTE, RESERVA NAVAL, ESCOLA NAVAL**

A "ASSOCIAÇÃO MILITAR DO BRASIL" participa aos seus camaradas que em vista de seus fornecimentos directos de casemiras inglezas dos melhores fabricantes e outras materias primas, resolveu DIMINUIR ainda mais as tabellas de PREÇOS da Sua "Alfaiataria Civil e Militar" e com prazer os convida a uma visita.—Rua da Carioca, 26, 2.º, C. 3973.

**SECÇÃO BENEFICENTE** -- Facha-se em franco funcionamento e a quota de beneficencia está em 1:000\$000, com direito a pensão em vida aos invalidos.

**SECÇÃO PRÉDIAL** -- Em estudos bastante adiantados, offerecendo oportunidade dos socios terem o seu lar com acquisição de cadernetas de deposito a prazo de 5 1/2 % para compra de terreno. D'esde já a Associação facilita auxilio pecuniario para a terminação de obras, construcções e compras de predios.

**PRÉDIO** adquirido para a sede social da Associação Militar do Brasil por 260:000\$000, o da RUA SÃO JOSÉ N. 33.

A DIRECTORIA



Orgam Official dos  
 Aspirantes de Marinha.

REDACTOR-CHEFE:   
 A. M. BUARQUE DE LIMA

## Manhã de Maio

Lá fóra a natureza alegre e verdejante  
 Expande-se ao calor do sol da primavera...  
 Gorgeia a patativa um canto inebriante  
 E como que sorri, contente, o azul da esfera.

Parece que a campina esplendida e brilhante,  
 Em vestir-se de rosa e de jasmin se esméra  
 Como a noiva gentil que, tremula e hesitante,  
 Com cuidado se veste e o lindo noivo espera.

E enquanto em frente a mim duas pombinhas mansas,  
 Mais brancas do que a alma ingenua das crianças,  
 Conversam sobre amor, beijando-se em delirio,

Eu penso em ti, compondo esta canção florida  
 Que quizera enviar-te, ó minha flor querida,  
 Escripita a tinta azul, nas pétalas de um lírio...

*Olavo Bilac.*

# S U M M A R I O

---

<i>Manhã de Maio</i> . . . . .	Olavo Bilac. . . . .	(Capa)
<i>Pescadores</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . .	1
<i>A velha náu.</i> . . . . .	Lucas A. Boiteux. . . . .	3
<i>Doutrina</i> . . . . .	Antonio Bardy. . . . .	4
<i>Exercícios de artilharia de desembarque.</i> . . . . .	O. Mathias Costa . . . . .	7
<i>Esta revista</i> . . . . .	Domingos Barbosa . . . . .	9
<i>Á margem do "The two white nations"</i> . . . . .	Olavo Vianna . . . . .	10
<i>No mar largo</i> . . . . .	Vicente de Carvalho. . . . .	11
<i>Sempre os mesmos</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . .	12
<i>Navegação</i> . . . . .	Eugenio Possolo . . . . .	14
<i>Desembarque</i> . . . . .	Octacilio Cunha . . . . .	16
<i>Lyra de cêgo</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . .	18
<i>Secção desportiva</i> . . . . .	Saldanha da Gama . . . . .	19
<i>Discurso</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . .	20
<i>Tercetos</i> . . . . .	Octacilio Cunha . . . . .	21
<i>Combustiveis</i> . . . . .	José L. Belart . . . . .	22
<i>Patescaria e pescaria</i> . . . . .	Estrop...eado . . . . .	23
<i>Comparações</i> . . . . .	Kamimura . . . . .	24
<i>A tempestade no lago</i> . . . . .	Roberto de Barros . . . . .	25
<i>Um grande marinheiro</i> . . . . .	J. Domingos Barbosa . . . . .	27
<i>O submarino U 9</i> . . . . .	Castro, Menezes . . . . .	29

REDACÇÃO:

ESCOLA NAVAL ILHA DAS ENXADAS

ASSIGNATURA ANNUAL. . 165000\*





Orgam Official dos  
 Aspirantes de Marinha.

Redactor-secretario — L. P. AARÃO REIS  
 Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA  
 Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

## PESCADORES

Não esqueças que é tua esta terra  
 Como é tua esta faixa do mar!  
 Defendendo-a na paz e na guerra,  
 Pescador, tu defendes teu lar!

(Hymno dos Pescadores, *Bastos Tigre*.)

Nas águas daquelle lago, rasgado no coração da planície, o Sol espelhava-se com mais reflexos, os ramos debruçavam-se com mais sombra, as flores soabriam com mais belleza. Das margens partia pela madrugada o cardume ruidoso das pirógas dos pescadores, os habitantes da pequenina aldeia que demorava nos arredores. A tarde recolhiam, sobraçando para a fartura de todo o serão a colheita de todo o dia. A continuidade dessa ventura ineffavel, a ventura suprema da recompensa merecida, interrompeu-se imprevisadamente, quando as rédes de Genezareh, entranhando-se na agua, aflozaram vasias. Mas logo, resvalando na superficie frizada, avizinhou-se-lhes um vulto; e consumma-se ali mesmo, no ermo do lago biblico, o milagre da pesca. A intervenção do Nazareno num episodio commum á vida aventureira dos que labutam sem mercantilismo, dos que soffrem sem blasfemia, dos que succumbem sem carinho, é a imagem do que deve

merecer áquelles a quem se incumbiram os destinos de uma nação a classe laboriosa, a classe entre nós sacrificada dos pescadores. Nem moverá esse amparo inadiavel sómente a piedade pelas provações que a attribulam. Impõem-no argumentos de ordem economica, politica e militar. Dessa multiplicidade de feições, que reveste o importante problema, o alcance pratico não escapou aos mais florescentes paizes marítimos, á Noruega e á Inglaterra, á França e á Italia, aos Estados-Unidos e ao Japão, os quaes nelle buscaram no decorrer da ultima guerra recursos os mais variados, desde o simples adubo das terras até a manipulação dos agentes bellicos.

A oceanographia, a chimica e a radiotelegraphia têm por elle dilatado o campo ás suas investigações. Mas não pára ahi o concurso da gente humilde, dos que na frase do poeta latino devem ter no peito uma *coiraça de bronze*. Ao seu patriotismo e á sua in-

trépidez prestou Jellicoe a merecida justiça, confessando que «sem os pescadores britânicos a Grande Esquadra teria desaparecido.» (1).

O periscopio do submarino traíçoeiro não lograva fugir ao olhar arguto que peregrinava pelas vagas. A mina, esse mensageiro da morte, rocejavam-na as mesmas rédes que emmanhavam o peixe. A nado estabeleciam elles as communicações entre os navios alliados em operações nos Dardanellos. Onde, na guerra, mais heroísmo e sacrificio? Na paz, na calma dos lazeres tranquilllos, é no ambiente dos seus lares que a lealdade, o desprendimento e a tradição, emigrando dos grandes centros, re-florescem e se aninham.

A vida do pescador é, como a do beduíno, uma epopeia sem testemunhas. Nas duas immensidades ambos erram, ambos surdinam a toada triste dos solitários, até que nos labios lhes freme a oração á divindade salvadora, mysticamente enraizada nas suas almas por esse processo de transfiguração da crença em superstição, que é o característico dos espiritos incultos. Nessas almas o canto é o botão da prece. Mas o deserto é a immobilidade, o o silencio, a melancolia infinita das solidões arencas. Quando algum resquicio de vida parece reviver nessas párgens, elle vem do *simoun* — a destruição, a avalanche, a morte. Os mesmos oásis, multiplicando-se em miragens encantadoras, são, como as imagens nos espelhos inclinados, a reprodução virtual de um só objecto, a prestidigitación da soledade.

O mar é o eterno movimento; palpita nas vagas, esfusia na brisa, corisca e ulula, espadana e acaricia, braceja e espuma.

Enthesoira nas entranhas uma flora e uma fauna que não invejam ás da terra, a sua amante na frase da imitação. E quantos o palmilham sentem a atração irresistivel do seu mysterio; da sua imponencia, dos seus abysmos. Por isso, enquanto o beduíno foge ao areal esbraseado, o nauta busca a visinhança do mar. Ah!, fronteiro ao que elle venceu e esquadri-nhou, levanta as choupanas e cava os tumulos. Nestes diz a tradição que os *Vikings*, os veteranos da pesca norueguesa, se sepultavam com o barco tosco. Quem não sente, deante dessa simplicidade tocante, desse apêgo infantil ao que os cerca, um affecto commovido, uma admiração profunda pelos que Jesus elegeu «pescadores hominum»?

O pescador brasileiro, porém, ainda se impõe como um patriota. (2) A independencia é a abolição contaram nos transes mais difficeis,

em Pirajá e em Fortaleza, com a sua jangada lesta sempre em arrebatat os feridos á morte e os negros á senzala. João das Botas e Francisco Manuel do Nascimento são dois nomes nacionaes, dois florões da historia, cujos successores, pela ineptia dos que os deviam assistir e pela insolencia dos que os deviam requeijear, se converteram em escravos do estrangeiro. Vampirizados impunemente por forasteiros audaciosos, a miseria fisica e moral aniquilava-os no martyrio de uma vassalagem abominável, não para elles, os pequeninos abandonados á fome, ás febres e á ignorancia, mas para os que contemporizavam com essa ignominia. Foi preciso se constituísse uma legislação para reivindicar os direitos nacionaes, tão insolitamente conculcados, e da qual os patriotas, os apóstolos, os pioneiros foram Frederico Villar e Armando Pinna. Mas no Brasil de descrentes e de maliciosos, aquelle que propõe um emprehendimento serio, ou é haivido por excentrico, vo'uptuoso de rencme, ou crivado de ironias. A esse dilemma não escapou nenhum dos legionarios. A imprensa gangrenada buscou chicoteá-los, julgando executevel confundi-los na lama do mesmo charco na podridão da mesma sentina em que elle cõaxa e se debate. Um diplomata, cuja educação o habilita num calculo optimista a concluir sem vencimentos da Hotentocia no Sahára adjectivou os officiaes de marinha, que de aggravaram a soberania da sua patria, em *espoliadores* e *ladrões*. Por cumulo brasileiro houve que confraternizaram com esses taverneiros, repetiram a mesma boçalidade da superiora expressão «a outra banda de Portugal» ridicularizaram, sorvendo num cópo muito suado um vinho muito suspeito, os seus patricios de vergonha, de fibra e de caracter. Para esses pragas, porém, quando muito o desprezo, e cominhemos para a frente. A petrificação da marinha biblica, que olhou para trás, é a parábola desta necessidade—a redempção dos pescadores das párias do mar. Na Inglaterra de tal modo são prestigiados que constitue privilegio para elles ligar ao trem real o vagão onde contém o peixe. Entre nós até ha pouco poderiam repetir o «*Parvi mater amoris*» do Dante.

Bem dita, pois, a cruzada que se levanta, cruzada de misericórdia e de reparação de intelligencia, patriotismo e justiça.

A. M. Buarque de Lima.

(1) A nacionalização da pesca e a regulamentação dos seus serviços — Frederico Villar.

(2) A pesca e os pescadores no Brasil — Nicoláu José Debané.



# A VELHA NÁU

(INÉDITO)

• *A' memoria gloriosa da lendaria náu "Pedro I" capitanea da esquadra da Independencia.*

— Numa pequena e remansosa angra da costa brazileira, cercada de solidão e umbrosa matta, negra, alquebrada e deserta, jazia uma velha náu.

— Madeiro imprestavel para a guerra, atiraram-n'ò alli, aprisionado á terra por oxydada amarra, fixa a uma ancora partida.

— Nem lhe deram a liberdade de, embora só e despiða, correr os mares ao sabôr dos ventos e de enganadoras correntes.

— E ella alli dormia o somno tragico do desprezo e do esquecimento, emquanto ao largo, cobertos por densos caracões de fumo, passavam os poderosos couraçados e os rapidos transatlanticos, magestosos representantes da marinha moderna.

— No tempo d'antanho fôra bella, gabada, veleira, quando pelas solidões do mar rumoroso abria festivamente o panno alvo — azas possantes de albatroz — e cahindo mollemente a um' bordo, desfechava o vôo sereno, cortando com aguçada prôa a crista altaneira das vagas.

— Hoje de nada valia,... representava, apenas, cruzeiros e combates de cem annos volvidos...

— Em outras terras seria contemplada com carinho e veneração... mas no Brazil... Pobre náu gloriosa!

— Dos troncos collossaes das arvores da nossa terra fôra ella construida. Havia sido a escola dos gageiros, que vieram a ser os mestres dos nossos avós marujós, e, agora, abandonada e esquecida, esperava que o mar e os vendavaes a desfizessem, a matassem.

— Ninguem mais della se aproximava. O pavor, um pavor cheio de mysterios e de lendas, afastava de sua carcassa desmantelada até os velhos pescadores.

— O vento frio do inverno, perpassando pelas frinchas abertas no seu largo costado carcomido, cantava tetricamente.

— Outr'ora, quer fôsse inverno ou verão, o vento não se mostrava tão sinistro; e, em vez de sons plangentes, tirava de sua cordoalha retesa festivas cantilenas.

— Tudo passou... N'aquelle largo costado, n'outros tempos pintado com tanto carinho, viam-se os gilvazes tremendos do latego das tempestades, da babugem das vagas e as fundas cicatrizes recebidas em renhidos combates.

— Aquelle espaçoso convéz, onde tantos bravos haviam tombado em defesa da Patria, estava despido de tudo, apodrecido, esburacado.

— As amplas baterias, illuminadas por cem portinholas, estavam desertas das grossas caronadas.

— Dentro da velha náu não mais se ouviam o estridulo apitar dos Mestres, as sonoras vozes de commando e de manobra, nem o canto nostalgico dos marujos, nem o som marcial dos pifaros.

— E a velha náu, embalada pela marreta importuna, gemia no seu abandono, a lembrar suas façanhas antigas.

— Chegára a uma velhice centenaria... Oh! como é triste alcançar tão longa idade!

— Os affectos mais caros vão um a um desaparecendo, e fica-se a olhar em redor sem encontrar um rosto amigo, uma palavra evocadora dos passados tempos, um sorriso a exprimir interesse e sympathia. Assim deve ser o homem.

— As cousas, os objectos que a elle pertenceram ou a elle serviram, guardam consigo um cunho especial e com certeza tambem soffrem a falta dos que os possuíam e lhes davam vida e movimento. Assim a velha náu.

— Os commandantes que a dirigiram, as guarnições que a encheram de vitalidade e alegria, os numerosos canhões que a haviam feito forte e temida, o panno que lhe dera agilidade e movimento, tudo havia desaparecido.

— E ella no seu infausto degredo não encontrava um só compassivo que lhe perguntasse sua historia!

— Sentia-se desfazer aos poucos; era um definhar continuo, um constante caminhar para o aniquilamento.

— Um dia os pescadores das cercanias, enchendo-se de coragem, foram retirando seus tristes despojos para aviven-

tar o fogo amortecido em suas miseráveis lazeiras.

— Afinal, as últimas cavernas, quaes braços suplicantes, voltados para o céo indifferente, desapareceram aos poucos no espelho enganoso das aguas.

— Dorme, velha náu gloriosa, reliquia abandonada da Marinha heroica de nossos avós!

— Dorme, velha náu!

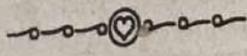
— Nunca mais te cobrirás de enfundadas velas para, em louca carreira, dar

caça ao inimigo insolente; nunca mais tuas potentes baterias se cobrirão de relampagos e fumaça na defesa da Patria ultrajada; nunca mais ouvirás as vozes do commando de Cochrane, Norton, Barros Pereira e tantos bravos, que te dirigiram no campo da honra!

— Tu que levaste a todos os mares a bandeira do Brazil, dorme esquecida pela geração de hoje, como os teus bravos commandantes nos seus sepulchros ignorados!

— Dorme, velha náu gloriosa!

Lucas A. Boiteux



# DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

*Introdução á these apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy á Escola Naval de Guerra, em 1922.*

O espirito é iluminado pela doutrina, como o olho, pelo ar que o cerca.  
D'Ablanc (Dicc. Larousse)

Que é Doutrina?

Excusado será que, neste trabalho de caracter technico-militar, eu me vá occupar das alterações por que tem passado, através dos tempos, o sentido do vocabulo Doutrina.

Uma vez que a mentalidade militar adoptou este termo no sentido que lhe convinha, e com este sentido o conservou até hoje (por isso que a sua generalização abrange tudo quanto tem relação com a arte da guerra) (1), parece-me que esta minha tarefa se resume em dizer e estudar o que se deve entender por Doutrina á luz da mentalidade militar.

Assim, penso que a Doutrina, concebida, como é, por essa mentalidade, se poderá definir, em sua accepção mais geral, como um conjuncto de regras, principios, normas, etc., que traduzem os meios de toda a ordem (physicos ou mentaes) que primaram entre os experimentados intencional ou accidentalmente (2) por uma collectividade que visa constantemente a um determinado fim, e que acabaram por

impôr-se a essa collectividade, como sendo, num momento dado, os mais apropriados á cabal realização do alludido fim.

Resalta do que acima ficou dito, que para que a doutrina seja verdadeiramente tal; para que se mostre caracteristicamente determinada, se torna, em absoluto, necessario possa ella representar, para cada caso, o conjuncto de preceitos e regras que uma longa experiencia demonstrar indicarem, num momento considerado, os passos mais seguros a dar através do caminho que melhor conduza ao cumprimento de uma certa missão, ao fim universalmente collimado por uma collectividade.

Digo «num momento considerado» porque, se, por um lado, alguns dos preceitos e regras de doutrina necessitam de ser de todo o ponto invariaveis, e constituem o que Picard, (3) a proposito do Direito Costumeiro, denominou as «permanentes necessarias», por outro lado, a maioria delles, na ancia de se adaptarem ao fim a que se visa, variam, constantemente em função das variações que esse mesmo fim experimenta.

(1) A Guerra é uma arte. General Gamelin (Doutrina de Guerra — Conferencia).  
(2) E' sabido que o acaso favorece, muitas vezes, as conquistas humanas.

(3) O Direito Puro.

Não se vá, do que vem, até aqui, sendo expellido, concluir que, pelo facto de não ter encarado o que ordinariamente se apellida a doutrina individual, sinão, apenas, a que preside, impessoalmente, aos actos de uma collectividade, tenha eu, por inadvertencia, faltado á generalização indispensavel aos estudos desta especie.

Não. A doutrina individual, (4) a menos que seja experimentada, adoptada e seguida por uma collectividade, como norma impreterivel de seus actos; a menos que adquira um prestigio tão grande, que todos a recebam como dogma e, portanto, não mais a possam criticar; a menos que se incorpore ao feitiço mental da collectividade, a ponto de nella engendrar uma corrente fortissima de sentimentos generalizados; a doutrina individual, repito, por isso mesmo que só serve ao individuo, não pode merecer a attenção daquelles que se preocupam com os problemas que interessam á collectividade, taes, entre os outros, a conservação da nacionalidade, as necessidades palpitantes do Estado e a organização da defesa nacional.

Por isto, o que constitúe o thema para o presente trabalho, é a doutrina que vae servir á collectividade; é a doutrina que, pegando de um desconnexo aggregado humano — deva elle resolver-se em povo, nação, exercito, marinha — o transforma, no fim de annos, de seculos, de millenios, num systema real, harmonico e coheso, o qual, governado por um equilibrio dynamico crescente cada vez mais, se dirige, em constante tendencia á perfectibilidade, para a Constellação de Hercules que o destino lhe indicou: a sua missão.

A doutrina é, póde-se assim dizer, a agua de crystalização, o estabilizador dos systemas que orienta e anima; o seu character eminentemente centripeto faz convergir para a mesma direcção todas as vistas e todos os esforços, neutralizando, pouco a pouco, no individuo, aquillo que elle suppõe ser o seu livre arbitrio, ao mesmo passo que se lhe vae impondo, e, progressivamente, o vae dirigindo para a unidade geral.

D'ahi, o se poder affirmar que a doutrina não é nem póde ser uma criação arbitraria, mas, antes o resultado fatal das imposições do determinismo.

Demais, ella não póde, em caso algum, prescindir de um fim que se tenha em mira, de uma determinada missão a cumprir.

De feito, se uma collectividade qualquer existe a titulo permanente, e marcha sem cessar e continúa a evolver-se; se todos os individuos que a constituem, consentem, de bôamente, em perder uma parte de sua liberdade, contanto que disso resulte maior estabilidade para o conjuncto; não é possivel negar esteja cada um desses individuos influenciado por um certo interesse que, sendo o mesmo para todos, constitue o interesse final da collectividade.

Se isto é exacto, a ninguem é licito suppôr que a causa que provocou a formação dessa collectividade (e essa causa é o interesse acima referido) possa ser anterior ao effeito que produz, isto é, a formação da mesma collectividade.

E muito menos licito é ainda imaginar que o interesse formador dessa collectividade (que se tornou permanente, que marcha sem parar, que continúa a evolver-se) seja o effeito de uma causa que não mais subsiste, pois é bastante sabido que, uma vez cessada a causa, ha de cessar o effeito.

Repetindo, em resumo, o que acabo, agora mesmo, de expôr, penso poder affirmar que se uma collectividade existe a titulo permanente, e marcha sem cessar e continúa a evolver-se, não o faz, com certeza, por mera fidelidade a uma causa passada, porém, muito ao contrario, em obediencia a uma cousa existente, causa a que este effeito precede.

Ora, em Philosophia, se uma causa succede ao seu effeito, chama-se-lhe uma causa final, uma finalidade; e, como a causa de que decorre uma determinada doutrina, succede, como já ficou dicto, a essa mesma doutrina, póde-se, egualmente affirmar que o CARACTERISTICO ESSENCIAL DA DOCTRINA É A FINALIDADE.

Psychologicamente considerada, a doutrina é uma modalidade do habito: é um habito colectivo; é uma conquista da memoria das collectividades, como o habito é uma conquista da memoria do individuo.

Na qualidade de habito, que é, necessita, para ser perfeito, de se tornar inconsciente. Ainda como habito, elle deve tender para um estado ideal, para o limite a que o habito tende: o instincto. Efectivamente, o instincto é, segundo diz

(4) Melhor seria, talvez, chamar-lhe systema.

Rabier, em seu tratado de Philosophia, «o limite a que tende o acto habitual».

Sómente nas collectividades gregarias, os habitos de vida em commum, a solidariedade e a collaboração, a doutrina (5), em summa, attinge a perfeição que o instincto lhe empresta; nas camadas humanas, porém, a doutrina ideal deverá ser aquella em que a possibilidade individual de realizar o acto inconsciente seja egual para todos, e tenda, constantemente, a communicar á collectividade a perfeição do automatismo.

Uma vez que a verdadeira doutrina — a que se considera dentro da acceção psychologica deste termo — está indispensavelmente vinculada ao habito, por isso que é meticulosa e demoradamente constituida na memoria das collectividades; uma vez que a maior parte das suas normas e preceltos outra coisa não representam que colheitas sazoadas, feitas no campo experimental; uma vez que, no decorrer da sua successão, cada uma dessas colheitas traduz o resultado de tentativas progressivamente mais fructuosas; uma vez que a «a doutrina não é nem póde ser uma criação arbitraria, mas, antes, o resultado fatal das imposições do determinismo»; uma vez que «o característico essencial da doutrina é a finalidade»; deve-se, por tudo isto, concluir que:

- a). — A verdadeira doutrina não se cria e muito menos se improvisa; nasce, *laboriosamente*, do fim a que se destina a collectividade, e a ella se *impõe*, inexoravelmente, como sendo, num momento dado, o *meio mais apropriado á cabal realização do alludido fim*.
- b). — Sobre a doutrina, não se póde legislar a priori; porque, se se pudesse, ella teria que ficar reduzida a uma de duas; ou seria a sublime inspiração dos advinhos e dos thaumaturgos, ou então, seria meramente aleatoria.
- c). — Se cada collectividade que se devesse reger por uma doutrina, possuísse, anatomicamente,

(5) "Só se pode comprehender o que se pode comparar".

um cerebro colectivo, nenhuma doutrina necessaria ser escripta, porque a doutrina é, de si mesma, o que ha de mais consuetudinario.

Desta ultima conclusão, resalta, uma vez, a necessidade de que a doutrina seja, absolutamente diffundida por todos os membros da collectividade que rege. Deste modo, ella se poderá comparar a uma regra de companhia, em virtude da qual a parte dos proveitos e das vantagens moraes que tenham de caber a cada um dos *companheiros*, seja, com o maximo vigor, proporcional ao capital de responsabilidade subscripto pela função de cada um, na collectividade.

Terminado, neste ponto, este pequeno bosquejo, seja-me permittido passar immediatamente, á applicação do conceito de Doutrina.

## CASA FLORA

Premiada com os primeiros Premios  
em todas as Exposições

Matriz: Rua do Ouvidor, 61  
Telephone Norte 1281

Trabalhos modernos em flores para  
todos os fins

Importação directa de sementes de  
flores e hortaliças

Ferramentas e mais utensilios  
para jardineiros

### Schlick e Nogueira

Filial: Rua Gonçalves Dias, 67  
Telephone Central 486

DEPOSITO DE PLANTAS:

Rua General Canabarro, 239

CHACARAS:

Campinho, Jacarépaguá, Urusanga, Alto  
da Serra, Petropolis, Barbacena.

RIO DE JANEIRO

# Exercícios de Artilharia de desembarque

Octavio Mathias Costa

Capitão de corveta ajudante instructor

(CONTINUAÇÃO)

## Em acção para á frente

1.º tempo — A guarnição occupa os seguintes postos:

**Chefe da peça:** na altura do cofre da flecha.

**Atirador e conteirador:** nas azas de conteira, para desengatar a peça.

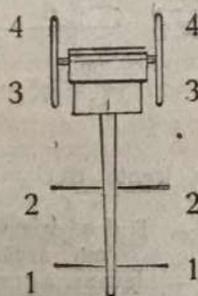
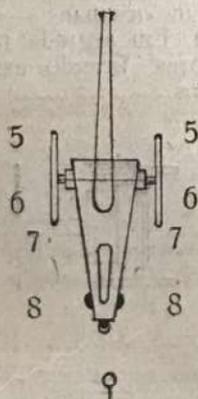
**Apontador e carregador:** junto a flecha do reparo, para auxiliar a evolução da peça, quando preciso.

**Conductores da peça:** junto ás rodas, para manejar os raios da mesma, afim de auxiliar a evolução da peça.

**Serventes do armão:** junto ás rodas do armão, para auxiliar a manobra do mesmo, se for necessaria.

**Conductores do armão:** continuam nas cruzetas.

Estando o carro desengatado, o chefe da peça dirá — **Prompto.**



**Apontador:** tira a capa da alça; recebida a alça, colloca a mesma no seu lugar; examina o aparelho de pontaria; em seguida ajoelha-se junto a peça.

**O carregador:** ajuda o conteirador a armar a pá de conteira; retira a sua ferramenta do cofre; em seguida ajoelha-se junto a flecha.

**O atirador:** tira a tampa do canhão, tira a capa da culatra; auxilia a armar a pá de conteira; abre a culatra e em seguida ajoelha-se junto a flecha.

**O conteirador:** arma o leme de conteira; e auxilia a armar a pá de conteira, suspendendo a flecha por meio do leme de conteira; em seguida ajoelha-se junto ao leme de conteira.

**Os conductores da peça:** auxiliam a armar a pá de conteira segurando nas azas de conteira; vão buscar no armão o cofre dos sobressalentes e o trazem para a rectaguarda da peça; o conductor n. 5 retira a alça deste cofre e o entrega ao apontador; em seguida todos ajoelham-se n'uma fileira a rectaguarda da peça.

**Os conductores do armão:** depois de transportar o cofre ou cofres para junto da peça, ajoelham-se no terreno formando a cadeia de municiamento.

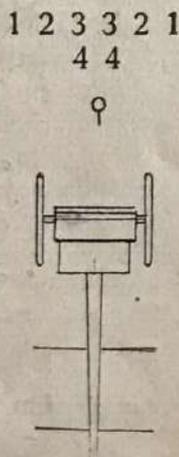
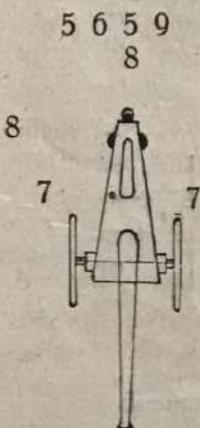
**Os serventes do armão:** auxiliam a retirar os cofres do armão; em seguida ajoelham-se na rectaguarda do armão.

**O chefe de peça:** fiscalisa o serviço, e em seguida ajoelha-se a esquerda do atirador.

**O chefe do armão:** fiscalisa o serviço de munição e ajoelha-se na rectaguarda da linha dos serventes do armão.

**O commandante da viatura:** ajoelha-se na rectaguarda da viatura, mais ou menos a meio entre a peça e o armão, afim de fiscalisar o seu serviço.

Assim ficam todos nas posições abaixo indicadas.



2.º tempo — **Marche** — (corresponde a effectuar as evoluções necessarias e a preparar a peça para o fogo ou seja — pegar na palamenta) a voz de — **marche** — os serventes da peça, auxiliados pelos seus conductores (estes nas rodas), gyram a peça (como indica a setta na figura) girando a flecha de conteira para a esquerda e a levam para a direita do armão, que não se desloca.

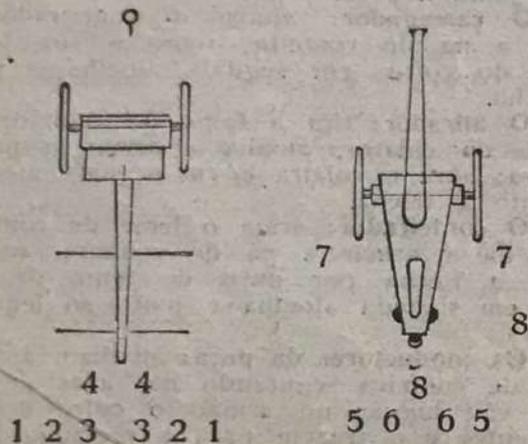
Em seguida, todos — pegam na palamenta — do seguinte modo, sem haver voz de commando especial para isso:

**Em acção para á rectaguarda**

1.º tempo — (como no caso anterior).

2.º tempo — **Marche** — á voz de marche os serventes do armão (nas rodas) e os conductores do armão nas cruzetas, gyram o armão para a direita, levando-o para a esquerda da peça, que se conserva na mesma posição.

Em seguida todos pegam na palamenta e tomar as posições indicadas na manobra anterior.

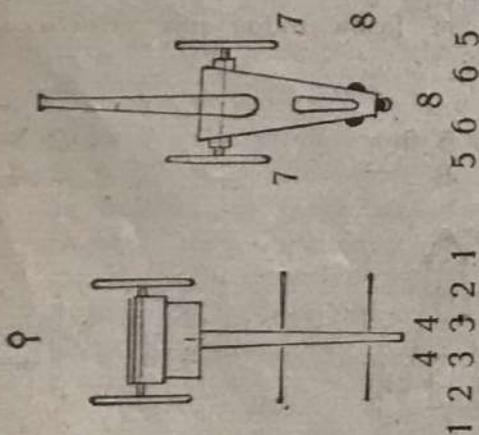


**Em acção para á direita**

1.º tempo — (como nos casos anteriores).

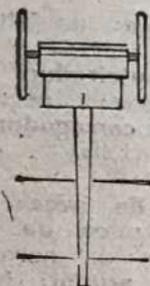
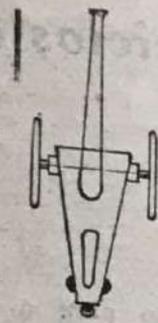
2.º tempo — **Marche** — á voz de marche — os serventes da peça, auxiliados pelos seus conductores (estes nas rodas) gyram a flexa do reparo para a esquerda (como indica a setta da figura) e os serventes e os conductores armão (estes nas rodas) gyram o armão para a direita.

Em seguida procede-se como nos casos anteriores, ficando todos como se vê na figura abaixo:

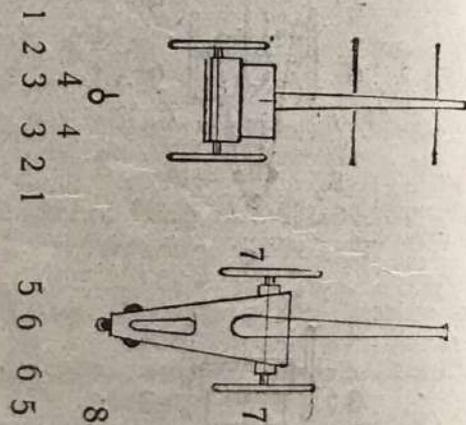


**Em acção para á esquerda**

1.º tempo — (como nos casos anteriores).



2.º tempo — **Marche** — á voz de marche, os serventes da peça, auxiliados pelos conductores (estes nas rodas) gyram a flexa do reparo para a direita (como indica a setta na figura) e os serventes e conductores do armão, fazendo um gyro pela direita, levando o armão para ir ocupar a sua posição esquerda da peça. Em seguida procede-se como nos casos anteriores, ficando assim na posição indicada na figura



á braços para a frente (rectaguarda, direita esquerda).

1.º tempo — Todos occupam as posições do 1.º tempo de — **em acção**.

2.º tempo — levam a peça e o armão para a frente (rectaguarda, direita e esquerda).

Os conductores da peça e os serventes do armão impellem as rodas segurando os raios situados proximamente em angulo recto e mudando as mãos em cada quarto de volta.

Si o armão não deve seguir a peça, será indicado pelo Commandante, á voz armões fixos.

**Metter armões para á frente**

1.º tempo — atracam a palamenta e fazem o que foi feito para pegar na palamenta

menta) e em seguida occupam as posições do 1.º tempo de — em acção.

2.º tempo — **Marche** — os conductores da peça (nas rodas) e os serventes da peça, gyram a flecha da peça para a direita, fazendo pião na roda do carregador, até ficar a bocca da peça numa posição diametralmente opposta a que se achava; os conductores do armão o levam um pouco obliquamente a frente afim de engatar com a peça.

#### Metter armões para á rectaguarda

1.º tempo — como no caso anterior.

2.º tempo — **Marche** — gyra-se a flecha do armão para a esquerda, ao mesmo tempo que se recua o armão para vir engatar na peça que é conservada na mesma posição.

#### Metter armões para a direita

1.º tempo — como nos casos anteriores.

2.º tempo — gyra-se a flecha da peça, de 90º para a direita e o armão é conduzido, pela direita, para a frente da peça.

#### Metter armões para á esquerda

1.º tempo — como nos casos anteriores.

2.º tempo — gyra-se a flecha da peça e a do armão de 90º para a esquerda, afim de engatar.

### SERVIÇO DA PEÇA EM ACÇÃO

Estando a peça em acção pode-se mandar para a verificação da instrucção:

**Bateria reunir** — formam como já foi dito mais acima.

**Guarnecer** — todos vão occupar os seus postos de acção.

**Pegar na palamenta** — procede-se como já foi dito mais acima.

**Atracar a palamenta** — da mesma forma.

Quando se quizer fazer uma verificação qualquer ou dar uma explicação, sem reunir a bateria, dar-se-ha a voz — **alto** —; todos interrompem **imediatamente** o que estavam fazendo, e ficam attentos.

A execução do serviço prosegue, ao commando — **continuar**.

Para desfazer a parte já executada ou todo elle, quando tiver havido erro, dar-se-ha á voz — **ultima fórma**.

Querendo-se examinar qualquer serviço, afastando-se os serventes, dá-se a voz —

**formar guarnições** — Todos formam, em acclerado, a cinco passos a rectaguarda, em duas fileiras, cobrindo os serventes e conductores de peça, a respectiva peça, tendo na fileira da vanguarda os serventes e na da rectaguarda os conductores; do mesmo modo os serventes do armão, cobrem o armão formando na primeira fileira e os conductores, na da rectaguarda.

## ESTA REVISTA

Domingos Barbosa

Uma revista publicada por moços é coisa que sempre me attrahe a mais viva sympathia.

Nunca nenhuma publicação d'esse genero me solicitou uma palavra, que não lh'a desse logo n'um açodamento que bem traduz a abundancia de coração com que o faço.

E não o faço jamais sem que me assalte a saudade dos meus enthusiasmos de plunitivo incipiente, quando, — como passa o tempo! — ha seis lustros decorridos, na aurora risonha dos quatorze annos, coração ainda virgem de desenganos, alma ainda em plena florecencia de illusões, eu vasava, nos meus primeiros linguados de imprensa, o melhor da minha candida emotividade de adolescente.

Recordar é viver de novo... Não sei quem o affirmou, nem quantos o teem repetido, tantos o teem dito já. Mas sei que, tracejando, ao sabor da penna, estas linhas a esmo, eu sinto alma e coração banhados da mesma luz meiga que ha tanto os banhou! E respiro, a pulmões plenos, com a mesma ansia dos tempos idos, a fartum acre da tinta de imprensa, cujo cheiro, uma vez haurido, na mocidade, não mais nos sahe da memoria, como o resabio de um phyltro que nos embriagou docemente um dia, e que fica para todo o sempre a convidar-nos para o libarmos de novo, porque tem a magia de fazer esquecer o travo que se lhe mistura ao bom sabor.

Mas não tão somente por isso é que — no meio de occupações de feitio tão diverso do d'aquella a que dou agora um momento bem grato — eu bendigo a revivencia de uma emoção que eu supponha não poderia sentir jámais.

E' que esta revista representa o conmiado e victorioso esforço de um punhado de moços que abraçaram a mais nobre, e mais alongada e a mais cavalheiresca das profissões. De moços que habitam, sem o egoismo lyrico dos românticos de outr-ora, uma nova *turris eburnea*, dentro da qual se avigoram, estudam e trabalham, com a disciplina consciente que cria os homens leaes e faz as nações fortes. De moços que se destinam a, sobre o mar, que não tem patria, amar, defender e servir a patria sobre todas as coisas.

E, si entre os leitores d'esta revista houver alguém que tenha, como eu, um dos seus filhos no meio d'esse punhado de futuros marinheiros do Brasil, — comprehenderá de certo a alegria moça com que eu lhes applaudo a iniciativa, e o carinho com que, por ella, eu os abraço a todos.

# À margem do "The Two White Nations"

Olavo Vianna

Em dia do anno de 1913, encontravam-se fundeados, deante das costas da Albania, navios de guerra de diferentes nacionalidades. E, num destes gestos que tão bem se enquadram na diplomacia do mar, o commandante do cruzador «Breslau» reuniu, em sua camara, para jantar, os collegas estrangeiros que, como elle, ali se achavam em commissão.

O ágape transcorreu amistoso, entrecortado, de quando em quando, de fino humorismo. Inglezes, francezes, allemães, russos, hespanhoes, italianos, turcos, gregos e albanezes, todos elles, almirantes ou commandantes, confraternizaram em redor da mesa do distincto marinheiro da então respeitavel e valorosa esquadra da Allemanha. E, ao champagne, enquanto os convivas faziam, entre si, saúdes mil, o almirante inglez, que se sentara á direita do commandante do «Breslau», ergueu, de subito, a sua taça e, olhos fitos neste, segredou-lhe: «*The two white nations!*».

As taças tocaram-se, sendo sorvido de um só trago o capitoso vinho que as enchia. Naquelle instante, os dois officiaes, cheios de orgulho, julgavam-se identificados, como rebentos de um mesmo tronco, que a obra da Natureza sublimara.

Assim, era antes da Grande Guerra...

Recordando esse brinde que, seja dito de passagem, não abona, em absoluto, os conhecimentos anthropologicos do almirante britannico, e, quiçá, para fazer resaltar uma pretendida incoherencia da Inglaterra ao tomar o partido dos alliados, o commandante von Haase, brilhante official da marinha allemã, encarregado geral da artilharia do «Derfflinger», na batalha da Jutlandia, delle se serviu para titulo de substancioso e original trabalho, que publicou a respeito desse memoravel duello de 31 de Maio de 1916.

Fosse qual fosse, no entanto, o intuito do escriptor germanico em divulgar as infelizes palavras do laconico «toast» de 1913, o que não padece duvida é que elle só serviu para robustecer a crença em que estou de que a evolução regressiva é, sempre, mais rapida que a evolução ascendente, ainda mesmo para as nações brancas.

Ao demais, a deslealdade, a hypocrisia, o orgulho, o delirio da grandeza e tantos e tantos outros defeitos que affli-

gem a humanidade, não têm, positivamente, preferencia por esta ou aquella pigmentação. Elles são, e sempre foram, como que a sombra da especie humana.

Mas deixemos de margem esta questão de raças, por improductiva, e voltemos ao «*The two white nations*».

Li este livro. E, sem hesitar, aconselho a sua leitura a quantos não o conhecem, sobretudo os technicos.

Porque, sobre ser assaz interessante e, talvez, unica, no genero, a narrativa do recontro em que mediram forças as mais poderosas unidades de combate do mundo, naquella época, ha nelle, tambem, uma farta messe de ensinamentos a aproveitar. Até mesmo nas derradeiras palavras com que o autor lhe põe o ponto final recommendando aos seus compatriotas que as tenham, sempre, bem presentes ao espirito, como maxima, para empreendimentos futuros, eu lobrigo uma profunda verdade, cujo commentario é a razão de ser deste artigo, tão gentilmente solicitado pelos esforçados redactores d'«A Galera».

«A perda de dinheiro, nada vale. Mas perder a honra, já é damno consideravel».

Peor perda, porém, é a da coragem: porque, sem ella, está tudo perdido». E este o fecho do livro.

Para aquelles que, como vós, se iniciam na carreira das armas — futuros conductores de homens na defesa da Patria — e para quem acredito estar, apenas escrevendo, nesta Revista, as palavras acima devem merecer cuidada reflexão.

De facto, entre forças inimigas que se defrontam, no mar, em terra, ou nos ares, sobretudo em condições de equivalencia potencial, o factor moral desempenha papel decisivo.

A coragem de seus chefes está, sempre, em jogo para decidir da victoria. Porque é o animo, o valor de um dos contendores que, actuando sobre a imaginação do outro, fal-o recuar, muitas vezes por convencido da derrota. Esta a conclusão a que têm chegado varios escriptores, e com especialidade os militares, após debatidos estudos da materia, conclusão que se afina, em perfeita syntonía, com o celebre e conhecido aphorismo de Frederico 2.º «*Vencer, é avançar*».

Joseph de Maistre, outrossim, no seu precioso livro «*Soirées de Saint-Péters-*

bourg», conta a seguinte passagem, que é a confirmação dessa verdade:

«Perguntei, um dia — diz elle — a um official de primeira linha: o que vem a ser, general, uma batalha perdida, coisa que eu jamais pude chegar a comprehender? E elle me respondeu, após curto silencio: Eu, tão pouco, sei o que é. Mas, depois de rapida reflexão, accrescentou: E' uma batalha que se julga haver perdido

Ora, si, com effeito, assim é, si a coragem, na phrase de Clausewitz, constitue a virtude por excellencia da guerra, que não desconhecemos ser o dominio absoluto do perigo, urge, desde cedo, prepararmos o nosso organismo para o combate violento que, um dia, elle tenha de vir a supportar, entre as forças do egoismo e o instincto de conservação, naturaes á nossa especie, de um lado, e o devotamento e o sacrificio, do outro.

Para tanto, isto é, afim de que o nosso cerebro, o nosso coração e os nossos musculos possam, em tal emergencia, su-

perar os impetos do nosso egoismo, eu não sei de melhor processo que o do treinamento do systema nervoso central nas emoções e nos imprevistos. A educação physica, pelos exercicios e pela pratica dos desportos, dos quaes é preciso encarecer as vantagens do foot-ball, pela feição verdadeiramente combativa de que se reveste, torna-se altamente aconselhavel neste caso. Além do que, não devemos esquecer aquella sabia lição de um official inglez, que, para adquirir sanguefrio e dominio sobre os seus nervos, se aproveitou de estar servindo numa região, na India, cheia de cobras e de tigres, para ir, todas as noites, a uma encruzilhada por onde estes ultimos passavam. Assim, pelo menos, nol-o relata Gustavo le Bon, na sua «Psychologia da educação».

Dominado, pois, o feixe de nervos, a acção empolgante da disciplina encarregar-se-á do resto. E tudo estará salvo. Porque, propellidos pela coragem, avançaremos, e, avançando, teremos vencido.

## No mar largo

O' lua bemdita  
Que vens clarear  
A sombra infinita  
Da noute no mar !

Como princeza encantada  
Que um leve sonho conduz,  
Surjes do mar, coroada  
De um nimbo de ouro e de luz.

Surges ; e á tua presença,  
O ceu, criado por ela,  
De dentro da noute immensa  
Surje, e se azula, e se estréia.

O' lua bemdita  
Que vens clarear  
A sombra infinita  
Da noute no mar !

Surjida do mar infindo,  
O infindo céu te seduz  
— Campo em flor que vês fuljindo  
Em flores de ouro e de luz ;

Teu passo, lento, caminha . . .  
Onde vais ? E' lonje ? E' perto ?  
Sóbes, absorta e sózinha,  
Pelo azul, vasto e deserto.

O' lua bemdita  
Que vens clarear  
A sombra infinita  
Da noute no mar !

Lua, lua, não te apresses ;  
Mais sóbes, mais se reduz  
No alvor em que empalideces  
Teu nimbo de ouro e de luz . . .

Onde o teu sonho te arrasta ?  
A que destino ? A que termo ?  
Segue . . . A noute é tão vasta  
Pelo azul do céu tão ermo . . .

O' lua bemdita  
Que vens clarear  
A sombra infinita  
Da noute no mar !

Tão alto que tu subiste !  
Tão lonje ! . . . Do céu a flux,  
Vagueas, palida e triste,  
Entre as flores de ouro e luz . . .

Como entristece da tua  
Ausencia, ou das tuas maguas  
O mar que deixaste, ó lua,  
Lua surjida das aguas !

O' lua bemdita  
Que vens clarear  
A sombra infinita  
Da noute no mar !

Como uma lagrima prestes  
A rolar, pairas suspensa  
Lá dos páramos celestes,  
Lá do azul da noute immensa.

De todo o céu luminoso  
Sobre todo o escuro mar  
Dece o alvor silencioso  
\*Do luar . . .

E o mar sob a triste alvura  
Desse livido sudario,  
Ermo e vago, se afigura  
Mais vago, mais solitario . . .

O' linda princeza  
Que vens ausentar  
A imensa tristeza  
Da noute no mar !



Aspirante Antonelle Saverio Oddone

Sub-ajudante da Escola.

## SEMPRE OS MESMOS

Gastão Penalva

— Em que pensas?

— No motivo que hei de allegar ao barão para obter licença de baixar á terra. Sabes de algum?— perguntava o aspirante Torres ao seu collega Rocha Gomes, uma quinta-feira, após a parada.

— Sei lá, filho! Anda tudo tão explorado. Anniversario de pae, de mãe, de avó, já não péga; dentista, tambem não. Só si for morte de parente.

— Bem lembrado. Mas isso não é cousa que se arranje do pé para a mão. Como proval-o?

Dialogavam desta sorte os dois amigos, róxos por uma fugida á cidade, nesse tempo remoto em que o aspirante usava sobrecasaca e era fruta rara na rua do Ouvidor ou numa sovacada familiar. Dahi a sua cotação e a sua fama de incorrigivel marambaia.

Mas Jaceguay não cedia. Era em extremo inflexivel com aquella escola que lhe saía das mãos, em seguida a esforços titanicos, de purada da indisciiplina e do relaxamento de outras épocas. Por isso, amava trazel-a ao pé de guerra, bastando a sua presença para que se escutasse o vôo de uma mosca numa fofoqueira matura ou num salão de estudo. Qualquer perturbação de ordem cessava ao ruido secco e autoritario do seu bengalão, batendo as pernas do pateo a provocar o costumeiro alarme.

E vem o barão!

A esta voz, cada qual esgueirava-se para onde achasse conveniente, pondo-se ao resguardo de oito dias de bailéo.

Mesmo de longe o almirante trazia a espingarda e a cola num cortado.

Conta-se que uma vez adoecera, e por alguns dias foi forçado a permanecer na sua vivenda de Santa Thereza. Dahi elle avistava

o mar, os navios e a ilha das Enxadas. Nesse intervalo, livres do seu jugo de ferro, entre outras falcaturas, os aspirantes fizeram-lhe o enterro. Tempo perdido. Porque dentro em pouco o barão melhorava e regressava á escola, mais feroz do que nunca.

Ao desembarcar na ponte, o seu primeiro cuidado foi recommendar ao official de serviço:

— Quero que o senhor me verifique quem foi o tratante que a noite passada andou com uma luz por cima do telhado.

Foi um alvoroço. Esta só pelo diabo! Lá vinha o homem com as suas rabugices. Que massada!

Mais tarde, soube-se tudo. Um criado subira de facto ao telhado com um archote, á procura da toalha de banho de um aspirante, que voára da janella do alojamento.

Quem era o aspirante? Quem era o criado? Impedidos por um mez. E o official de estado, que não fiscalizára a escola durante a noite? Trez dias de prisão. Só escapou a toalha, porque desapareceu.

Quando Jaceguay deixava a ilha para ver em pessoa como iam as cousas pelo «Tamarandé», onde quartelavam os guardas-marinha, era um Deus-nos-acuda. Entrava pelo navio a dentro esbravejando, brandido no ar o bastão, descompondo meio mundo á mais insignificante ponta de cigarro que bispasse no xadrez do portaló.

A bordo, os guardas-marinha escafediam-se ou tomavam attitudes de fingida innocencia, em grupos amedrontados, como um galinheiro ao presentir a chegada do gavião.

Uma noite, á hora do estudo, achavam-se os jovens officiaes entrelidos numa alegre tocata de violão, em vez de se entregarem ao manusêo da geodesia e da balística. Outros, em roda da mesa, estouravam de riso num cavaco de anedotas picantes. Só um velava: era o Mario Coimbra, com a sua cara gorda e rubicunda de abbade mettida numa vigia, olhando o mar escuro como um plantão em noite de combate.

Subito, o deslisar mansinho de uma lancha de luzes apagadas. O inimigo. A embarcação atracou de vagar, sem rumor, *doucement* — como dizem os catraeiros de Toulon, quando esbarram de prôa sobre o cães.

Coimbra alarmou-se, ao distinguir o vulto que subia a escada áquella hora, com a cautela traiçoeira de um ladrão do mar. Assustado, quiz avisar aos collegas. Mas as bochechas entalaram-se na vigia, e elle só poudo gritar para fóra, nas barbas do almirante, que chegava:

— Negra da — olha o barão!

Um sarilho. Prisões ás duzias. — como em noitada de conflicto, na Saúde baderneira desse tempo.

Nessa atmospherá de terror e sobresalto vivia a Escola Naval de Jaceguay. Razão pela qual, o aspirante Torres, com namorada em terra e um baile nessa noite, pedia ao seu collega Rocha Gomes conselho para uma evasiva salvadora.

Passou-se o dia. Ouviram-se as aulas, fizeram-se os exercicios. E já quasi hora do rancho, o Torres encontra o Gomes, e alviçareiro, mostra-lhe um jornal:

— Achei.

— Achaste o que?

— Um pretexto soberbo para uma escapada. Cá está nos annuncios funebres o convite para o enterro de um tal Pafuncio de Carvalho Torres, que para effeitos de uma licença especial, pode muito bem passar por meu tio. Que diabo! Os nossos destinos são iguaes. Tanto eu como o defunto queremos «baixar á terra». E ha de ser esta tarde, sem falta.

— Sempre tens sorte—confirmou o outro. E' capaz de pegar.

— Péga, ora si péga! E vaes commigo, pelo mesmo motivo.

E foram. Subiram á directoria. Jaceguay, no seu gabinete, reprehendia asperamente o secretario.

— *Seu* barão — balbuciou o Torres com ar compungido, sem largar o jornal. Vejo agora nesta folha a noticia do fallecimento de um tio meu, irmão de meu pae, e desejava que V. Ex. me dêsse licença para acompanhar o enterro.

— E o senhor? — fez o almirante para o Rocha Gomes. Que é que veio fazer?

— *Seu* barão... eu era amigo do tio do Torres. Tambem queria...

— Pois, vão — resolveu Jaceguay. E amanhã bem cedo aqui na Escola.

Sahiram os dois, radiantes. Vestiram-se ás carreiras, tomando a lancha, e á noite cahiram na farra, sem se lembrar que o tempo passa e tudo se descobre.

E tudo se descobriu.

Um dia, o almirante encontrou-se com o pae do Torres, de quem era antigo camarada, e disse, confuso:

— Você desculpe, meu amigo. Esta vida de marinha faz-me até esquecer os deveres sociaes. Perdeu seu mano e nem lhe pude enviar condolencias.

— Que mano, *seu* barão? Nunca tive irmãos. Sou filho unico.

— Como é isso? Ha tempo licenciei seu filho para acompanhar o enterro de um tio...

— Mentira. Peraltada do Manéco. Pretexto para andar por ahi de troça com o seu amigo Rocha Gomes, um perdido que o está des-caminhando.

— Veja só! Embrulharam-me os sacripantás. Sempre os mesmos! — concluiu Jaceguay na sua phrase-chapa.

E acabaram ambos por achar graça ao caso. O que não impediu de ir parar o Torres ao bailéo, um bailéo posthumo, com um mez de atrazo, de parcerada com o Rocha Gomes.



**Aspirante Levy de Paiva Meira**  
Presidente da Phoenix Naval, a veterana sociedade dos aspirantes de marinha.

# NAVEGAÇÃO

PELO PRIMEIRO TENENTE  
EUGENIO DA SILVA POSSOLO (\*)  
(1917)

(CONTINUAÇÃO)

## CAPITULO I

### Coordenadas geográficas

A posição de um qualquer ponto da superficie da Terra é determinada por um sistema de coordenadas esféricas, chamadas coordenadas geográficas, que têm como orijem o Equador e o meridiano de um logar qualquer, tomado convencionalmente para meridiano de referencia; essas coordenadas são a latitude e a longitude. — Latitude de um ponto qualquer é o arco do meridiano desse ponto compreendido entre ele e o Equador; contada de 0° a 90°, a partir do Equador, para o S. e para o N. até os polos, tomando a denominação do hemisfério em que está contido o ponto em questão.

Longitude de um logar é o arco do equador compreendido entre o meridiano desse logar e o meridiano de orijem; é contada de 0° a 180°, a partir do meridiano de orijem, para E. e para W. tomando as denominações E. ou W. conforme a direcção em que é contada. O meridiano por nós adotado para orijem das longitudes é o meridiano de Greenwich.

Tendo-se a longitude de um logar em relação a outro e a deste em relação a um terceiro, é fácil obter a do primeiro logar em relação a esse terceiro; basta fazer a soma aljébrica das duas longitudes, considerando as denominações como sinais aljébricos e tendo em vista que:

- 1º dá-se á soma o sinal da maior longitude;
- 2º quando o resultado for maior que 180°, subtrae-se de 360° e troca-se o seu sinal.

Exemplo:

A longitude do Recife em relação ao Rio de Janeiro é . . .	8° 18' 25" E
A longitude do Rio de Janeiro em relação a Greenwich é . . .	43° 10' 21" W
A longitude do Recife em relação a Greenwich, será . . .	34° 51' 56" W
A longitude do faról de Hakata, Japão, em relação ao cabo Haro, Califórnia, é . . .	118° 41' 40" W
A longitude do cabo Haro em relação a Greenwich é . . .	110° 54' 30" W
A soma das longitudes é . . .	229° 36' 10" W
e a longitude do faról de Hakata em relação a Greenwich será	130° 23' 50" E

Semelhantermente, tendo-se as longitudes de dois logares em relação a um terceiro, obtem-se a diferença de longitude entre eles pela diferença aljébrica das duas longitudes.

Processos identicos resolvem os mesmos problemas com relação á latitude . . .

### Rumos e marcações

Rumo verdadeiro é o angulo formado pela direcção da prôa do navio com a linha N. S. verdadeira. Para a determinação da linha N. S., no mar, usa-se

geralmente da agulha magnética que, abandonada de fôrma a poder girar livremente sobre um pivot, orienta-se segundo uma direcção fixa para cada logar e que é a da componente horizontal da atracção magnética terrestre neste logar. Essa agulha livre, chama-se linha N.-S. magnética. As agulhas instaladas nos navios sofrem porém, da parte dos ferros de bordo, uma acção desviatriz e se equilibram em uma direcção que faz um certo angulo com a linha N.-S. magnética; essa direcção se chama linha N.-S. da agulha. Chama-se rumo magnético o angulo que faz a direcção da prôa do navio com a linha N.-S. magnética e rumo da agulha o angulo da prôa do navio com a linha N.-S. da agulha.

Para a contagem dos rumos procedia-se antigamente da seguinte fôrma: dividia-se a circunferencia do horizonte em quatro quadrantes e cada quadrante ao meio, conforme se vê na figura 1; os oito pontos do horizonte assim determinados eram chamados Norte, nordeste, leste, sueste, sul, sudoeste, oeste e noroeste e respectivamente representados por N, NE, E, SE, S, SW, W, NW. Os arcos compreendidos entre esses pontos eram novamente divididos ao meio, sendo chamados os novos pontos resultantes: nor-nordeste, lesnordeste, lessueste, susueste, susudoeste, cessudoeste, oesnoroeste, nor-noroeste, representados respectivamente por: NNE, ENE, SSE, SSW, WSW, WNW, NNW.

Dezignava-se cada rumo pelo nome do ponto do horizonte a que ele se dirijia, sendo os rumos de uma letra (N, S, etc.) conhecidos pela denominação de cardeais, os de duas letras (NE, SW, etc.) pela de colaterais e os de tres letras (NNE, SSW, etc.) pela de sub-colaterais. Para dezignar os rumos intermediários dividia-se cada pequenô arco comprehendido entre dois pontos adjacentes em duas partes iguais chamadas quartas e cada quarta em quatro partes chamadas quartos ou pontos; contava-se então os rumos partindo do cardeal ou colateral mais próximo, indicando a direcção da contagem e o numero de quartas e quartos comprehendidos. Representando abreviacamente as quartas por 4 e os quartos por 1/4, os rumos do quadrante NE seriam successivamente, a partir do N:

N, N 1/4 E, N 1/2 E, N 3/4 E, N 4 E, N 4 1/4 E, N 4 1/2 E, N 4 3/4 E, NNE, NE 4 3/4 N, NE 4 1/2 N, NE 4 1/4 N, NE 4 N, NE 3/4 N, etc,

que se pronunciavam: norte, norte um quarto para leste, norte meio para leste, norte tres quartos para leste, norte quarta para leste, norte quarta e um quarto para leste, etc.

A fig. 1, que contem os rumos cardeais, colaterais e sub-colaterais é chamada roza dos ventos e esse processos de contagem, quasi completamente abandonado, só conservado, com os seus 16 rumos principais, para a dezignação das direcções dos ventos.

Modernamente, os rumos são contados segundo dois processos diferentes, dos quais o primeiro, uzado por francezes e inglezes, é o adotado entre nós. Consiste elle em contar os rumos em cada quadrante a partir do N. e do S., para E. e para W., de 0° a 90°, dando ao rumo a denominação do quadrante em que está a prôa do navio. O outro processo, adotado nos E. Unidos da America do Norte, consiste em contar os rumos de 0° a 360°, a partir do Norte, no sentido NESWN.

#### *Declinação magnética — Desvio — Conversão de rumos*

A declinação magnética é o angulo formado pela linha N.-S. magnética com a linha N. S. verdadeira; tem a denominação de E ou W, conforme o N. magnético cai a E ou a W do N. verdadeiro.

Desvio é o angulo formado pela linha N.-S. da agulha com a linha N.-S. magnética. Tem a denominação E. ou W., conforme o N. da agulha cai a E. ou a W. do N. magnético.

Considerando positivos os rumos dos quadrantes NE e SW e as declinações e desvios E. e negativos os demais, a conversão dos diversos rumos uns nos outros, faz-se segundo as regras seguintes:

a) para passar de um rumo da agulha ao magnético ou deste ao verdadeiro, faz-se a soma aljebrica do rumo e da correção (declinação ou desvio). Quando o resultado fôr de sinal contrário ao rumo, troca-se a letra que indica a direcção da contagem e quando fôr maior de 90° subtrai-se de 180° e troca-se a letra que indica a origem da contagem.

b) para passar de um rumo verdadeiro ao magnético ou deste ao da agulha, subtrai-se aljebricamente a correção (declinação ou desvio) do rumo dado, procedendo como acima no caso do resultado ser maior que 90° ou de sinal contrário ao rumo dado.

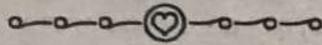
## Exemplos:

a)

- 1 { Rag: 35° SE (-)  
d: 6° W (-)  
Rmg: 41° SE (-)
- 2 { Rag: 46° NW (-)  
d: 5° E (+)  
Rmg: 41° NW (-)
- 3 { Rmg: 86° NW (-)  
DC: 15° W (-)  
Rv: 101° NW (-)  
Rv: 79° SN (+)
- 4 { Rmg: 4° NE (+)  
d: 9° W (-)  
Rv: 5° NW (-)

b)

- 1 { Rv: 17° SE (-)  
d: 8° L (-)  
Rmg: 9° SE (-)
- 2 { Rv: 26° NW (+)  
d: 14° E (+)  
Rmg: 40° NW (+)
- 3 { Rmg: 88° SE (-)  
d: 11° E (+)  
Rag: 99° SE (-)  
Rag: 81° NE (+)
- 4 { Rmg: 3° NE (+)  
d: 7° E (+)  
Rag: 4° NW (+)



## D E S E M B A R Q U E

Octacílio Cunha

Fala-se em desembarque e a vida de bordo soffre a radical mudança, que se assemelha de muito á dobadoura em que se anda nas casas de família em vespera de saraus de anniversario.

Nem escapa a foguistada que tem um garbo inexcedivel nas paradas, e que erra o passo de proposito para poder dar deante da pequena aquelle passinho de urubú malandro que faz entrar na cadencia.

Lustram-se perneiras, pintam-se cinturões, tira-se a graxa dos fusis, que dormem pacificamente nas praças d'armas, e começa por todo o convez um batuque infernal de coronhas, que faz lembrar os dias pavorosamente martellados de estadia no dique.

Para o «caveira de pau», nome pittoresco que designa o mortal investido da alta função de «safir a onça» e receber os tesas como recebe as autoridades no portaló, começa o dia de juizo. Ora é o sargenteante que diz que faltam não sei quantos homens, ha tantos no hospital, tantos dispensados e tantos em fachina do mestre, ora é o immediato que procura activar a partida com a sua presença catalytica; umas vezes é o Napoleão de Jesus que não tem perneiras que lhe caibam nas pernas desmesuradamente gordas; outras é o Manoel de Assumpção Baptista, que vem arrastando o fusil para pedir dispensa porque machucou um dedo da mão direita e acha que deve mancar dolorosamente para dar mais força ao pedido; finalmente, e o peor de todos, é o contra-mestre de serviço, que de cinco em cinco minutos diz que a lancha pregou, que não ha guarnição para o escaler ou que o rebocador do Arsenal não chega, e isto tudo acompanhado de algarismos e graphicos demonstrativos da impossibilidade de se chegar á hora aprasada.

Finalmente, depois do «caveira de pau» ter amarrado a cara pela millesima vez, e mandado mais uma que o ronda fosse até avante ver «o que pegava», apparecem a lancha, o escaler, o rebocador e o que mais houvera para faltar ou chegar fóra de horas. Depois, lá começa o embarque do pessoal, no meio das mais desencontradas manobras, que acabam sempre por formar tal confusão nos pelotões e grupos, que já é de esperar ver no Arsenal

pelotões de um só grupo e grupos de quasi um pelotão. Mas não antecipemos. Depois do embarque systema «sardinha em lata» emquanto o patrão pondera ao sargenteante que a lotação já foi excedida, lá se apertam uns e outros para deixar um claro no paneiro, onde se sentem os officiaes, de quem se exigem prodigios de acrobacia para galgar as hericadas sebes de canos de fuis e chegar a porto e salvamento sem tropeçar na espada, nem achar por um rebatimento fora de proposito a sua projecção em verdadeira grandeza no fundo da lancha. Resolvido este problema de indescrriptivel descriptiva a troco de um sem numero de apertos e pisadelas, que abatem o moral da tropa, o «caveira de pau», mais leve do que o pensamento de uma virgem, solta do alto do portaló, numa voz em que se adivinha a paz de espirito de quem mandou os outros para o diabo que os carregue em um sem numero de vezes, o tradicional «tá quem manda».

E o patrão após a acquiescencia do mais antigo manda abrir da prôa e bate um sino que já foi membro de algum carrilhão de sé do interior, mandando dar adeante. Mas ahi, o bandido do motor, que passara aquelle tempo todo atracado, gastando gazolina, com o fito de evitar o «prego», dá dois ou tres desgarradores estalos de corda de gramophone partida e para, desoladamente cahindo na inercia das cousas.

—Passa o croque na prôa! — brada o mais antigo.

E o proeiro, zás! perde o equilibrio e para não cair larga o croque nagua.

Lembra então a lancha um verso mimoso de Bilac:

«—Sobre as ondas oscilla o batel docemente...»

O «caveira de pau», que já resolvera não pensar mais no malfadado desembarque, volta a se arreliar com o «prego» da lancha e torce poderosamente para auxiliar o foguista que faz uma gymnastica sueca pouco recomendavel a girar o volante monumental.

Emfim, nada impede que pregando aqui e alli a lancha chegue ao Arsenal com duas horas de atrazo, o que em nada importa porque a providencia dos chefes marcou a reunião com tres horas de antecedencia.

Ahí, mais uma vez se experimenta a efficiencia do patrão, que vem roda a roda sobre o caes, e que, no momento de bater, salva as responsabilidades com um insophismavel «abre da prôa!» endereçado a um grumete franzino que faz de proeiro.

Este por sua vez tambem salva as apparencias mettendo o «cabo do croque para não furar o «costado» do caes.

Após o «salta quem pode» da pragmatica e o «entra em forma» do sargenteante, lá se vae garboza a força, fazendo evoluções e contramarchas arriscadissimas entre os sarilhos dos que já lá estão, até o ponto que lhes foi marcado.

Depois começa a divisão das forças, por obra da qual o grumete que sahíu do «Alagôas» vae formar no batalhão do «Minas-Geraes», o que sobremodo contraria o espirito de navio do «infante».

E elle só esquece a injustiça dos homens, que o obrigam a emprestar o seu garbo e a sua efficiencia a um outro navio, que não o seu, quando as bandas de musica rompem o compasso soluçante dos dobrados e os regimentos abalam Arsenal em fóra para o portão escancarado, a caminho do local do crime:::

A tragedia porém não é a do «infante», que passeia garboso a olhar pela multidão, a despeito do alinhamento, e quando uma pequena lhe cae no gotto, lá se vae a conteira toda da cabeça, enquanto o cano do fusil esbarra nos outros, occasionando as mais variadas metamorphoses do grupo de combate; não, a tragedia é na cavallaria de marinha.

Que a gente desembarcasse montado em cavallo marinho, ou, na peor das hypotheses em cavallo-vapor, que é bicho que a gente sabe amansar, vá, mas nos bucephalos da policia, passarinheiros e caprichosos, é positivamente ter muita devoção em Santo Antonio!

Vae dahí, ser com verdadeiros arrepios, que os nossos cavalleiros se escancham sobre a sella, evitendo a pose das manobras arriscadas, para não offerecer á multidão o espectáculo não raro de um desairoso desmonte, com graves prejuizos para as obras vivas do infeliz. E' que as mais das vezes o conhecimento do cavalleiro se limita a ter montado naquelle cavallo de pão das aulas de gymnastica das escolas. E foi esse o caso do primeira classe Jesuino Ferreira da Paixão, moleque esperto e vivo, gageiro do traquete no «Benjamin Constant», e cuja sorte obrigara a montar num gigantesco trotão da policia como corneteiro de ordem da brigada.

Dias antes elle procurara o tenente Valladares, que era o ajudante de ordens da brigada para dizer com toda a reserva que não eram daquella especie os cavallos que elle já montara em dias de sua vida, mas como não queria ser objecto da risota do pessoal do «castello», confiava em Deus, que nada lhe succederia de mal. Nisso é que se enganava o

Jesuino, porque o seu caso foi o mais imprevisto de todos os que registra a chronica. Até á Avenida o cavallo portou-se bem, e o gageiro já arriscava um olho de vez em quando para traz, para ver na multidão o effeito do seu garbo; uma unica cousa o preocupava: era a estabilidade no lombo do animal porque, com o trote, os pés lhe sahiram dos estribos e ficava a balançar de um lado para o outro como destroyer em mar cavado.

— Quasi que enjoei, pessoal — dizia elle dias depois no castello do «Benjamin», contando o estranho caso — o bicho caturrava que nem um «gafola» do Lage, e eu bem que aproava ao vento, mas não havia nada; alli só havia um meio; era fundear, mas eu tinha de seguir o meu matalote, que era o tenente Valladares, e depois não tinha ferro. Por isso puxei a redea toda e fui me aguentando na «capa seguida» até a Avenida Beiramar...

Ahí o Jesuino parece que espantou o animal por qualquer movimento mais brusco, e o bicho deu adiante como uma flexa, passou pela banda, pelo almirante e parecia querer fazer o Jesuino desfilar sosinho, quando um providencial balanço fez o gageiro perder o equilibrio e para não cahir agarrou-se á redea como um naufrago á ultima taboa. O effeito foi inesperado: Deante da consideravel «banda» que o Jesuino tomou, o cavallo se poz a girar, solicitado pela redea descrevendo circulos cada vez mais apertados, enquanto todos os esforços do cavalleiro para se erguer eram improficuos.

Deante daquelle quadro apocalyptico, o tenente Valladares, que accorrera, manteve-se á distancia, e, como nada podia fazer, bradou para o gageiro:

— Que é que está pegando, Jesuino?

O outro, meio atrapalhado, poz-se a responder como o permittia a sua cubica posição:

— Não pega nada, «seu» tenente. E' este animal que está recusando a «manobra». Quanto mais eu «entro a escota», mais o demonio «arríba».

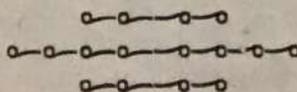
E como a tropa se approximasse e houvesse risos suffocados, o animal «deu sobre», como diz o Jesuino, e arrumou o cavalleiro no chão.

O gageiro levantou-se com a redea ainda na mão, olhou demoradamente para o bucephalo e abanou com a cabeça como quem comprehende o que succedeu.

Depois, voltando-se para o tenente Valladares, mostrou-lhe as redeas, num claro de intelligencia.

— Qual, seu tenente, isto só cousa da policia! Pois não é que a amura não 'tava fixa!

E foi por isso que nesse anno, o presidente da Republica, ao ver o desfile disse ao ministro que estava muito bem impressionado com o aspecto jovial da tropa.





**Salvador Gonçalves,**

chefe da firma Gonçalves & Moura  
do "Café Victoria".

## Lyra de cego

*Saciada de treva, ansiosa de luz,  
Invejando o que vê, conformando o que chora,  
Minh'alma reproduz, na angustia de toda hora,  
A tristeza da flor nascida nos paúes.*

*Florido prado, esvelto ramo, céus azues  
Desherdada do sol — que lhe importam? Embóra  
Refloresça o vergel e irradie luz, é fôra  
O esplendor. Nella a treva e a imagem de Jesus.*

*E constricto, Senhor, curvada a humilde fronte,  
— Naufrago que perscruta uma ilha no horizonte  
— Beduíno que esquadrinha um oasis no infinito,*

*Suplico-vos, da noite eterna deste pego  
Com um pouco mais de vida a meus olhos de cego,  
Mais um pouco de paz á minh'alma de afflicto.*

A. M. BUARQUE DE LIMA



Del Gomez y Ferraz.

---

## Secção desportiva

J. S. Saldanha da Gama

### SALVE, PAULISTANO!

Os últimos telegrammas da Europa têm vindo repletos de commentarios acerca da excursão victoriosa do Paulistano A. C. pelo velho-mundo. E após cada jogo temos sempre o prazer e o orgulho de commemorar mais uma victoria sobre «teams» de nomeada no desporto mundial.

E vendo o enthusiasmo pujante dessa mocidade, mostrando a superioridade de uma raça, sentimos realmente o quanto valem, e subimos uma immensidade em nosso proprio conceito.

O desporto está nacionalizando o brasileiro. Parece paradoxo, mas é verdade. Estes jogos importados de longe, com seu cortejo arrevesado de termos estrangeiros, ao em vez

de desvirtuar o brasileiro, obrigando-o a recorrer a dictionarios e a mestres Europeos, dá-lhe a certeza de sua força, o sentimento de seu proprio valor, a convicção de sua superioridade.

E do brasileiro rachitico e enfezado, cheio de sentimentalismos exagerados e de lyrismos piegas, está surgindo esta raça nova e forte, que apesar de não se desmanchar em arroubos poeticos acerca de nossos mares e de nossas florestas, sabe pelo menos, povoal-os de navios e de estradas de ferro...

A vantagem mais frisante dessa excursão foi, porém, a nossa propaganda feita no exterior. Um «team» de football resolveu um dos nossos mais graves problemas internacionaes.

Um diplomata imaginaria embaixadas rutilantes, brilhando em salões historicos do velho mundo; um guerreiro calcularia paradas monumentaes, aportando á Europa ao som de tambores e de retinir d'armas; um erudito desejaria discursos scientificos, ouvidos por multidão embasbacada; e entretanto, no meio de tudo isto, o Paulistano organiza um team de football!

Um team de foot-ball!

Estamos daqui a imaginar o rancor e o despeito de alguns desses que affirmam convictos que «o desporto está deseducando a mocidade brasileira», ao sentirem a resolução do problema descambar dos meneios subtis da diplomacia e do brilho bellicoso das fardas para o terreno prosaico de um campo de foot-ball...

Não concebem elles que um campo de desportos é sempre um campo de honra e que em um ponta-pé bem dado ha muitas vezes mais patriotismo que em falatorios infundaveis, sem nenhuma significação pratica.

A sorte de Roma e de Albalonga decidiu-se — porque não dizel-o? — em um campo de desportos. E os onze do Paulistano podem muito bem valer os tres Horacios...

Um team de foot-ball!

E bramam enfurecidos, contra esta intromissão forçada e barulhenta de onze pares de pés na historia de nossa diplomacia...

Em que pese, porém, a elles, algumas horas de jogo fizeram mais que quatro seculos de propaganda paga.

Salve, pois, Paulistano! Salve, pois, Brasileiros!

Publicamos em nosso numero de hoje o retrato do team de foot-ball da turma do 2º anno de 1924, campeão da Escola Naval.



FOOTBALL — "Team" do 2º anno de 1924, campeão da Escola.

## DISCURSO (\*)

A. M. Buarque de Lima

Quando o viajante descortina no amplexo do céu e do mar a orla longinqua do horizonte, derredor da qual incessante lhe borboleteia o espirito, presente, cantando no cicio da brisa, tremeluzindo nos reflexos das vagas, um éco, uma miragem do lar dessas de, que a saudade povôa a contemplação commovida dos recantos estremecidos. Foi a mesma impressão de doce enlevo que ha pouco nos salteou, ao divisarmos de longe o pennacho esmeraldino dessas palmeiras, á magia de cujo ramalhar fruimos seis annos o gasalhado deste tecto, a limpidez deste ambiente, o contacto destes mestres, de quem, pela voz potente do nosso paranymphe, acabámos de receber a derradeira prégação.

Mas o primeiro alvoroço da nossa alma não foi senão o abotoar das reminiscencias que já sentiamos adejar-nos em

torno, o encetar da peregrinação ao passado que se nos vae affigurando reflorrescer em todos os pontos, a prelibação do aconchego (destes lares, nos quaes, parodiando a Rodrigues Lobo, «entramos sem temôr, dormimos sem perigo, saimos com saudade».

A verdadeira emoção, esta sentimo-la em toda a plenitude quando se nos depa-rou, a sorrir no pedestal de granito, a effigie de Thomaz Coelho, cuja veneração constitue annualmente para nós, como para os brahmanes a ablução no rio sagrado, o mais instante dos deveres e a mais grata das alegrias. E após ella, outras se lhe vêm succedendo.

Ali o calor das mãos amigas; aqui os écos da palavra fascinadora que até hoje nos doutrinou; além, lobrigados pelas janellas dos venerandos edificios, o leito e a morada de tantos annos; mais além, arvores de que nos avisinhamos com a familiaridade de hontem e a saudade de hoje, demorando-lhes á sombra hospitaleira, como se, em lembrança destes ins-

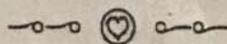
(\*) Proferido no 6 de Maio de 1923 por occasião da entrega dos diplomas aos agrimensores do Collegio Militar.

tantes, quisessemos fixar na retina a tonalidade dos seus ramos e conservar no peito o perfume das suas flores.

Visão do passado, esse cortejo de impressões dá-nos a sentir o travo da tristeza, que é a eloquência da despedida; mas nós a bemdizemos, porque nos resuscitam em momentos de infinita doçura os dias da nossa puerícia, os versículos da vossa doutrina, mestres e preceptores, doutrina sagrada, em cujo fundo nos transluziu sempre o dever como o vimos na consciencia de nossos paes, a prece como a escutamos nos labios de nossas mães. Della nos estão occorrendo, hão de occorner-nos, como balsamo e preservativo, lembranças as mais queridas. Retê-las, consoante aspiravamos, é-nos tão impossivel como ao beduino sequioso roçar os labios nas aguas da miragem. Sorriem, encantam e desaparecem, deixando-nos apenas o luminoso do seu sulco, tal qual, por noites de borrasca, o raio que corisca e serpeia na immensidade das trevas. Agora, porém, ella nos está presente. E a sua exposição, imperfeita embora, seria a apologia dos missionarios desta Casa, se os collegas me houvessem commettido a missão de repetir o que se está vendo claramente visto: o estímulo nos premios conferidos; o exemplo na equidade da distribuição; o civismo nas estrophes sublimes de Bilac, que ha pouco esvoaçaram em torno á bandeira. E não são estes, senhores, com a crença trazida do berço, os elementos imprescindiveis á formação da mocidade?

Mercê do seu concurso, quando o suborno e a pusillanidade enlameavam os homens publicos, não vindicou Thebas a patria espoliada? Em meio ás collectividades juvenis, onde, a par dos mais altos ideaes, coexistem os aspectos obscuros, aos quaes o naturalismo de Pompéa revelou a sordidez, que estimulante de character mais energico conheceis do que a justiça nas recompensas e o exemplo nas acções? Nas sociedades de todos os tempos, estigmatizadas sempre pela secular familia dos desfibrados, inexplicavelmente esquecida de Cuvier, a cujos olhos o servilismo se transfigura em evangelho, a ignorancia em merecimento, o patriotismo em futilidade, a reminiscencia dessas noções de altruismo, aqui com tanto carinho semeadas, permanece no espirito das mo-

ços, como o perfume nas flores apartadas da haste, para distingui-los e immunizá-los. Eis porque, illustres mestres, só nos lembram nesta hora sollemnissima palavras de reconhecimento e de saudade. Reconhecimento pela excelstude do vosso apostolado, reconhecimento pela ternura do vosso coração. Saudade dos dias tranquillos e laboriosos, tão plenos de alegria e de vida, tão isentos de asperezas e maldades que então nos parecia mais brilhante o oiro da aurora e mais serena a purpura do crepusculo. A elles acaba de transportar-nos, missionando as excellencias do vernaculo, o mestre generoso, o filologo eminente, o orador magico, em cujos labios escutei cantar o brado de incentivo e patriotismo, que no prefacio de «Le Disciple» endereçou Bourget á mocidade de França. Delles acabamos de receber a lembrança mais perduravel no titulo de agrimensor, com que se nos galardoou o tirocinio escolar. E como outróra, na Roma dos Cesares, as iniciaes do Nazareno eram a senha dos christãos, sejam elles no torvelinho da existencia o iman dos nossos corações, e agora, no momento da despedida e da separação definitiva, nos vinculem para todo o sempre á grande encruzilhada da nossa vida. Mas é forçoso partir. O marinheiro escutará sempre sob os pés o soluço das ondas; jámais esquecerá o ciciar da brisa nos dias de bonança e o fusilar do raio nas horas de procella. Nós partimos como o marinheiro: levando todos os ensinamentos, todas as lembranças, todos os affectos, através dos quaes nos iniciaram no amor de uma patria, mas de uma patria robusta e magnanima, que seja, como o templo de Ptolomeu, o amparo dos pequeninos e a veneração dos potentados.



## TERCETOS

Com Dora pela igreja te casaste ;  
desposas no civil hoje a Quiteria  
e pensas tu assim que o mundo logras !

mas desgraçado, nunca te lembraste  
que ser bigamo é o menos, a miseria  
é que um sujeito assim tem duas sogras !

# COMBUSTIVEIS (\*)

J. Luiz Belart

## CAPITULO I

### Generalidades

Sabe-se que a caldeira se compõe de 3 camaras: camara dagua, camara de vapor e camara de combustão. E' nesta ultima que se introduz o combustivel.

O combustivel na accepção industrial é um corpo abundantemente espalhado na natureza e que se combina com o oxygeneo, desprendendo luz e calor.

O diamante, por exemplo, é um combustivel, porém não é destinado á industria.

O combustivel deve as suas propriedades a 2 corpos, o carbono e o hydrogenio, que se combinam com o oxygenio do ar. Quando se dá a reacção do hydrogenio com o oxygenio formando-se agua ( $H^2O$ ), vê-se pela lei das proporções definidas que:

1k de H se combina com 8k O, produzindo 9k de  $H^2O$  e desprendendo 32.462 calorías...

Do mesmo modo na reacção do C com O:

1k C se combina com 2k,67 de O produzindo 3k,67 de  $C^2O$  e desprendendo 8.080 calorías.

A composição do combustivel é complexa, isto é, formado de varios elementos; porem existem dois corpos, que estão mais espalhados, o C e o H.

Quanto maior for a proporção do C tanto melhor será para as applicações á industria, e quanto maior a do H tanto melhor será tambem, pois que diminue a quantidade de corpos complexos, o que implica na maior duração do combustivel.

### Diferentes especies

Passemos agora á divisão dos combustiveis.

Podemos resumil-a no seguinte quadro:

Combustiveis.	solidos.	{ naturais.
		{ artificiaes.
	liquidos.	{ naturais.
		{ artificiaes.
	gazosos.	{ naturais.
		{ artificiaes.

Dos combustiveis naturaes podem-se geralmente extrahir combustiveis artificiaes.

Como combustivel solido natural cita-se o carvão de pedra; como combustivel liquido natural tem-se o petroleo. Do petroleo costuma-se extrahir combustiveis artificiaes mais adequados á industria, como os oleos.

Como combustivel gazoso tem-se a methana ou gaz dos pantanos ( $CH^4$ ) que é um hydro carbureto.

Nem todo combustivel, entretanto, pôde ser aceito na industria; é preciso saber-se

- como vai ser empregado e para isso ha necessidade de se recorrer a umas tantas propriedades.

### Propriedades geraes

Estas propriedades em numero de sete são:

Inflammabilidade, combustibilidade, estado de divisão, pureza, temperatura de combustão, poder calorifico e extensão da chamma.

Tratemos cada uma ãe per si.

### Inflammabilidade

- E' a propriedade que tem os combustiveis de se inflammarem com a maxima facilidade.

### Combustibilidade

O combustivel inflamma-se rapidamente e depois se apaga; ora, isso não convem á industria, que necessita dum combustivel que tenha bastante duração. Para isso é preciso fazer a escolha dum combustivel que tenha essa propriedade.

### Estado de divisão

O combustivel é retirado das minas a dynamite; fragmentado como fica é elle levado em carretas pelos tunneis. Dahi para os poços, donde é erguido e transportado em trens para os caes ou portos, onde finalmente é descarregado nos navios que o levam para o seu destino.

Ora, comprehende-se facilmente que depois desses transportes successivos o combustivel se acha muito fragmentado, o que não convém, pois que com o carvão nestas condições a tiragem tende a ser muito forçada.

E' devido a isso, que os destroyers durante as manobras, apresentam um grande penacho de fumaça negra, attestando grande perda de combustivel. Esse carvão assim fragmentado é chamado no Brasil de moinha.

### Pureza

Consiste no seguinte: Tomemos um combustivel que contenha enxofre (S) no estado de sulfureto de ferro. Se empregarmos esse combustivel, como o sulfureto de ferro ataca as chapas da caldeira, em pouco tempo esta ficará inutilisada. Dahi conclue-se que o combustivel deve estar isento de impureza, cinzas e agua.

### Temperatura de combustão

Quanto maior for a temperatura de combustão dum combustivel, tanto maior será o raio de acção do navio.

Pode-se obter maior temperatura de combustão, tomando o combustivel natural e tornando-o artificial, como os glomeratos; é o caso da turfa que se faz comprimir e em que se passa uma camada de breu.

### Poder calorífico

Evidentemente um combustível é tanto melhor quanto maior for o seu poder calorífico, pois tanto menor será a quantidade que se gasta e portanto maior será o raio de acção do navio.

Dahi a preferencia que se dá ao carvão inglez exportavel, o Cardiff, que dá 8.000 calorías, ao nacional com 5.000 calorías.

Influem no poder calorífico: a agua e a cinza.

Ha uma formula pratica que dá o poder calorífico em função da quantidade de C e H.

$$O = \frac{C}{100} \times 8.080 + \frac{H}{100} \times 29.500$$

A differença dos numeros 29.500 e 32.462 é devido ao seguinte: H se combina com O produzindo 32.462 calorías e formando H<sup>2</sup>O, para eliminação da qual se dispendem algumas calorías, que representam essa differença.

### Extensão da chamma

Pode-se queimar o combustível com chamma dupla, isto é, com uma chamma que vá ter até ao feixe tubular e penetre dentro delle, dispendendo mais calor.

### Poder calorífico

O numero de calorías necessario á vaporização de 1k dagua, é dado pela seguinte formula de Regnault.

$$606,5 + 0,305 t - \Theta$$

O t é retirado da tabella de Zeuner em função da pressão, e  $\Theta$  representa a temperatura dagua de alimentação dos tanques de sobra e de reserva.

Nos destroyers a agua para alimentar as caldeiras é retirada dos tanques de reserva a

uma temperatura de mais ou menos 28°.

A pressão é marcada no manometro, e é por exemplo no caso dos destroyers, igual a 18k por cm<sup>2</sup>.

Procurando a temperatura correspondente na tabella de Zeuner, acharemos 210°.

Substituindo na formula de Regnault, vem

$$606,5 + 0,305 \times 210 - 28 = 642,55$$

Então cada kilo dagua tem necessidade de 643 calorías.

Tabella de Zeuner

Pressão em kilog. por cm <sup>2</sup>	Temperatura em graus centig.	Peso dum metro cubico
1,809	116,4	1,025
2,067	120,6	1,161
2,583	127,8	1,432
3,100	133,9	1,699
3,617	139,25	1,964
4,134	144	2,226
4,650	148,3	2,487
5,684	155,8	3,002
6,200	159,2	3,258
9,300	175,7	4,767
10,334	180,3	5,262
15,501	198,8	7,696
15,887	200	7,897
19,470	210	9,578
23,637	220	11,494
28,443	230	13,678

(\*) O trabalho, cuja publicação inicio no presente numero, nada mais é do que um modesto resumo das notas por mim colhidas nas aulas da cadeira de Thermodynamica e Combustiveis, professadas pelo lente substituto comte. Heitor Plaisant.

## PATESCARIA E PESCARIA

Adorada baleia:

Si ainda não lhe *traçaram* nenhuma derrota para a *viagem* de nupcias, permita-me, que lhe lance o *arpão* e lhe diga: Oh! minha *retranca!* Cuidado com o *pão do pica-peixe!* Não posso deixar de lhe manifestar pela minha *bocca aberta* o desejo que tenho em *pescal-a* na *rêde do gurupés*, pois aqui em *alto mar* lhe declaro que me considere como *tridente de Neptuno* que concorda com a sua *palha*, em todos os *tempos* e *aguas*. Espero que não me pense um *cabo solteiro*, sou *aspirante*, pouco mais, ao querer possuir um *cardume* na minha familia, porque me creio bastante *mácho* para não ficar *surdo* em presença da *femea* que dirige o *leme* da vida.

Já propuz á *gata* esta allocução e ella me mandou que fosse *gurnir* no buraco de uma agulha de *marcar*. Eu não coube, pois, nem no *agulheiro*, e como tenho muito mêdo do *grande* que *emécha* por *ante a vante* da *gata* e a respeito, defendi as *costas* e fugi para a *casa do leme* onde fui bem recebido.

Agora peço-lhe em nome do *maçame*, *poleame* e *velame* que não me envie para outro *bordo* e oxalá seja eu o unico *gato* que solicita o seu amor, assegurando-lhe sem *vento* e sem *mar pela prôa*, que a amo desde N. até S., e desde E. até W.

*Estrop... eado.*

# COMPARAÇÕES

« Si queres a paz prepara-te para a guerra ».

«O nosso poder naval morre aos poucos!» disse um dia um deputado, quando se discutia o Orçamento da Marinha.

E no nosso espirito calou fundo esta phrase. Olhamos actualmente para nossa Marinha e vemos:

Minas, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e 11 destroyers.

E é com isto que pretendemos defender 7.000 kilometros de costa... Infelizmente, é esta a verdade.

Quando eramos Imperio, possuíamos a primeira marinha da Sul America. Veio a republica, e não estamos senão em 3º lugar.

Comparar a esquadra brasileira com a argentina ou a chilena é o mesmo que medir metros com kilometros.

Temos 2 encouraçados:

Minas e São Paulo de 19.281 toneladas com 12 canhões de 305 m/m de 45 calibres, 12 canhões 120 m/m, 4 de 47 m/m e 2 ante aereos de 76 m/m, velocidade 21'.

Do lado argentino *tambem* 2 encouraçados, «Moreno e «Rivadavia» mas de 28.000 tons. armados com 12 de 305 m/m de 50 cal., 12 de 150 m/m 12 de 101 m/m.

Como vemos a superioridade argentina é esmagadora. Além disto o «Moreno» e o «Rivadavia» são mais novos, mais velozes, (22'5) e atiram com 12 canhões para cada bordo, ao passo que os nossos só o podem fazer com 10. Prosigamos. A Argentina tem em seguida: 4 cruzadores couraçados: San Martin, Pueyrredon, Garibaldi e Belgrano armados com canhões de 254 m/m, 203 m/m e 150 m/m.

Para offerecer combate a esta divisão homogenea, não possuímos sequer um navio. Dois guardas-costa seguem-se á divisão «San Martin». Nós temos um, o «Floriano», que apesar de mais bem armado que os seus semelhantes argentinos, nada poderá fazer.

Evidencia dos factos:

2x1?

Em melhor situação estamos quanto aos cruzadores. Possuímos tres:

Barroso, com 3.450 tons., 6 canhões de 150 m/m 4 de 120 m/m e 4 de 57 Rio Grande do Sul e Bahia, ambos com 3.500 tons., 120 m/m, 6 de 47 m/m e 2 tubos lança-torpedos.

Contra estes 3 oppõem os argentinos 2: Nueve de Julio com 3.500 tons. 4 de 150 m/m. 8 de 120 m/m e 8 de 47 m/m;

Buenos Ayres com 4.500 tons., 2 de 203 m/m., 4 de 152 m/m., 6 de 120 m/m. e 10 de 47 m/m.

Em destroyers a nossa, superioridade numerica é apreciavel, mas, *tambem* a inferioridade

como valor militar é evidente! Temos de 1 a 10 com 700 tons., 2 canhões de 101 m/m, 4 de 47 m/m e 2 tubos-lança-torpedos e velocidade 27' p. h.. O ultimo, o «Maranhão», 950 tons., 3 de 101 m/m e 4 tubos-lança torpedos, velocidade 31'.

Possuem os argentinos: 4 com 1.000 tons., 4 canhões de 101 m/m., 4 tubos-lança-torpedos velocidade 36'.

Seguem-se mais 4 com 1.250 tons., 3 de 101 m/m e 7 tubos-lança-torpedos.

Eis ahí em linhas geraes uma comparação, na qual não levamos em conta navios auxiliares, monitores etc.. Apenas navios para combate em alto mar.

Agora raciocinemos! Estamos preparados para uma guerra?

«Nós somos essencialmente pacifistas!» dizem muitos. Sim, respondemos, sermos pacifistas não quer dizer que sejamos fracos. Garantimos uma cousa: Tivessemos nós uma esquadra forte, outro teria sido o resultado da Conferencia de Santiago.

Em qualquer problema que se nos apresente, somos irremediavelmente batidos. Que digam os illustres officiaes que cursaram a E. N. de Guerra, se no taboleiro do jogo de guerra já foi resolvido algum problema que nos favorecesse inteiramente. «Não», estamos certos, responderiam todos. E depois onde nossas reservas? Onde nossos arsenaes?

Os argentinos já possuem um magnifico porto militar; e nós? Vivemos sempre necessitando de particulares, para os quaes tem sido a Marinha uma verdadeira mãe, mãe carinhosa e prodiga; justamente por isso torpemente explorada.

Não levemos á vante considerações taes. Ellas só servem para nos acabrunhar. Só prevemos que não está muito longe o desaparecimento d'esta Marinha. Como vamos, o material fluctuante tende a acabar.

Gozaremos um bello quadro. Um ministro cheio de entusiasmo dando o classico «Rumo ao mar!» e a officialidade de braços cruzados nos caes do Arsenal:

— Com que, Deus nosso!?

Convençamo-nos d'uma cousa: emquanto não applicarmos o celebre aphorismo inglez «We have the ships, we have the mer, We Dhave the money too», catinuaremos na mesma.

Men, nós temos mas «money and ships», este estado de cousas, sempre se lamentará o nós não possuímos... e emquanto não remediarem

# A TEMPESTADE NO LAGO

Roberto de Barros

«Um dia depois de subir a uma barca com seus discipulos, disse-lhes: passaremos á outra banda do lago. Partiram elles.»

«E, enquanto elles iam navegando, dormiu Jesus: e levantando-se uma tormenta de vento sobre o lago, a barca se enchia de agua e elles estavam a pique de se perderem.»

«Chegaram-se pois a elle e accordaram-n'o dizendo: Mestre, nós perecemos. Elle levantando-se fallou com ameaça ao vento e ás ondas que se aquietassem e ellas se aquietaram e veiu a bonança.»

«Disse-lhes então Jesus: onde está a vossa fé? Mas elles cheios de mêdo e de espanto diziam uns para os outros: quem é este que assim manda aos ventos e ao mar e elles lhes obedecem?»

Meditando sobre essa passagem do Evangelho de S. Lucas, a respeito da tempestade no lago de Tiberiades, despertou-se-nos o desejo de mostrar que hoje, em plena luz do XX, seria bem possível — *sem o caracter divino, já se vê* — reproduzir o milagre com o qual o Nazareno encheu de mêdo e de espanto os seus discipulos e companheiros de travessia.

Meditando sobre essa passagem do Evangelho a analyse torturante dos scepticos filhos da idade contemporanea, bem longe portanto dos tempos mysteriosos e obscuros em que floresciam na terra galiléa, apóstolos, prophetas, evangelhistas e martyres, seria possível reproduzir, por um meio diverso do mechanismo milagroso, o phenomeno natural do aplacamento das ondas enfurecidas.

O processo para se conseguir esse *quasi* milagre (e dizemos *quasi* porque os milagres genuinos se vão tornando de uma escassez desoladora) é amplamente conhecido por todos aquelles que, como o humilde rabiscador das presentes linhas, têm percorrido a face tempestuosa dos oceanos.

D'elle se soccoriam, *desde a mais alta* antiguidade, os pescadores de esponjas do archipelago grego.

Com elle os indígenas actuaes da Polynesia vão roubar, ao seio mysterioso dos mares, os espinhos de nacar onde dormem perolas preciosas.

Graças a elle innúmeras vidas têm sido poupadas já não dizemos no acanhado ambito de uma cûba lacustre mas nas proprias regiões em que o flagello cyclonico vergasta e contorce a vaga em paroxismos tão violentos que, ficial das aguas que permitta a facil e profunda enfrental-os, é preciso ter o coração

triplicemente forrado de bronze, no dizer de Horacio.

Para nós, marinheiros, a scena da tempestade no lago poderia ter sido facilmente resolvida sem a responsabilidade tremenda do milagre.

Dizemos *facilmente* porque não só as condições topographicas do pequeno lago de Tiberiades como a dinamica especial das bacias lacustres de exiguas dimensões não autorizam a existencia das tempestades de grande vulto.

Nesse ponto as considerações de ordem scientifica concordam plenamente com a tradição historica. O lago de Tiberiades, hyperbolicamente chamado de *mar* da Galiléa, jamais foi séde de convulsões tempestuosas dignas de attenção.

Uma simples, uma modesta, uma diminuta aspersão de *oleo de peixe* sobre as aguas revoltas do lago e a barca de Jesus entraria em uma zona de bonança sufficiente para acalmar os seus aterrados tripolantes.

Por via humana e material os pescadores da Galiléa teriam obtido o mesmo effeito que obtivera o Christo por via divina e transcendental.

Num scenario mais amplo, em paragens cujas tempestades são classicas pelo seu desordenado furor, um grande navio, portador de innumeras vidas, deveu a sua salvação a esse processo *antiquissimo*.

Eis o communicado do seu commandante ao Instituto de França:

«Aos 6 de Dezembro de 1896, diz o commandante do *Arethuse*, tendo sido apanhado por uma tempestade entre Poulo-Condore e Singapurá, resolvi *filar* (deixar sahir) o *oleo* segundo o processo preconizado pelo Almirante Cloué; os conductos situados na pôpa e na prôa, foram cheios de estôpa sobre a qual se derramou o oleo.

A partir d'esse momento o navio se achou cercado de uma zona de calma que se prolongava pela sua esteira: e quando uma vaga chegava sobre elle, dividia-se em dous fragmentos que contornavam a area tranquilla sem nella penetrar».

São innúmeros, na vida do mar, os factos d'essa natureza.

Pescadores de perolas e esponjas, navegantes, aquelles para obterem a calma superficial das aguas que permitta a facil e profunda penetração da luz, estes para criarem, em torno do navio, uma zona de tranquillidade que o subtraia aos golpes violentos do mar, todos se utilizam d'essa propriedade interessante dos oleos e azeites.

Para bem comprehender a acção calmante dessas substancias graxas é necessario, primeiramente, estabelecer a distincção entre o que seja *onda* e *vaga*.

Da mesma fôrma que a pedra deixada cair sobre uma superficie liquida, produz uma série oscillatoria de rúgas circulares que se vão ampliando, da mesma maneira a acção impulsiva dos ventos regulares, que sopram com uma intensidade e uma direcção praticamente constantes, determina na superficie oceanica uma série de ondulações que se succedem com intervallos regulares.

E' a onda.

Esse movimento ondulatorio isochrono que fascina, pela sua grandiosa belleza, aos que contemplam a face gigantesca do mar, é a feição normal e permanente das grandes massas d'agua.

Esses movimentos, que os poetas com tanta felicidade facilidade classificam com a doce expressão de *berceuse* das ondas, esses movimentos nenhum perigo offerecem ás grandes como ás pequenas embarcações cujas fôrmas a engenharia naval talha e proporciona para esse rythmo da sua vida fluctuante.

Supponhamos entretanto, que o vento, abandonando a constancia da sua intensidade, entre de soprar com uma violencia sem cesar crescente.

Nesse caso dous phenomenos novos se apresentam.

Não só o perfil do movimento ondulatorio se torna mais accentuado estabelecendo maior differença de nivel entre as partes superiores de duas ondas successivas e o intervallo correspondente entre ellas, como tambem a acção mechanica do vento arrasta — pelo attricto — as particulas liquidas superficiaes para a parte mais alta de cada onda, isto é, para a *crista*.

Ahi, a acção impulsiva do vento para deante — combinada com a acção attractiva da gravidade para baixo — faz com que a crista da onda se encurve, no sentido da sua propagação, formando uma verdadeira *voluta* liquida.

A onda então chama-se *vaga* e as bôlhas de ar, aprisionadas na voluta, toucam a vaga e espuma: é a *arrebentação*.

Essa vaga e essa arrebentação, quando *intensas*, constituem — apezar da sua empolgante magestade — o maior, o mais grave perigo para os navegantes.

Os golpes de mar, originados pela vaga, adquirem, ás vezes um poder destruidor de tal violencia que a imaginação não pôde traduzir o *bello horrivel* da angustiosa realidade.

As menores como as maiores embarcações, quer ao largo, quer na proximidade das costas, podem ser facilmente *encapelladas* (en-

volvidas pela parte superior) pela voluta enraivecida da vaga.

E' contra esse perigo que se desdobram os diversos meios de defeza.

Entre esses; o da *aspersão do oleo*.

Menos denso do que a agua, o oleo pela sua ligeireza, sobrenada e se espalha, em tenuissima camada, pela sua superficie.

O vento desliza, em *attricto doce*, pela camada oleosa não podendo arrastar, para a crista, as particulas liquidas superficiaes.

Como consequencia a crista da vaga se arredonda, não tem voluta, não tem arrebentação, e a montanha d'agua — subtrahida á acção demoniaca do vento — se accomoda em onda.

Cria-se em torno á embarcação essa zona de tranquillidade tanto mais impressionante quanto, mais longe, fóra da area lubrificada, a furia da tempestade inda parece maior pelo jôgo dos contrastes.

Si o obscuro rabiscador das presentes linhas tomasse, em uma barca, algúns sertanejos, rudes e ignorantés, do interior do Brazil, poderia passar aos seus olhos attonitos como um semi-deus.

Bastaria para isso lançar, sobre as ondas enfurecidas, com attitudes extaticas de illuminado e palavras confúsas de um ritual mysterioso, a aspersão solemne dos oleos milagrosos.

Barbacena, 22—Maio—1916.



Fotografia da prôa do "N. E. Benjamin Constant" apanhada da rede do gurupés, em viagem de instrução com os aspirantes.

# Um grande marinheiro

Asp. José Domingos Barbosa

Telegrammas recentemente chegados da Inglaterra annuñciam, laconicamente, a morte do almirante Sturdee.

Ninguem desconhece, de certo, aqui no Brasil, o nome deste grande marinheiro inglez, que a 8 de Dezembro de 1914, em uma pugna épica, registrada em grandes caracteres no livro de ouro dos grandes feitos navaes, desbaratou a poderosa esquadra de von Spee, esse temível e heroico salteador dos mares sul-americanos.

O desastre do Coronel, em novembro do mesmo anno, em que teve morte tragica e gloriosa esse outro grande cabo de guerra inglez, que foi o contra-almirante Christopher Cradock, tinha sido um rude golpe, vibrado com maestria, por aquelle mesmo marinheiro teutão, no prestigio naval da poderosa Albion.

Uma *revanche* formidavel se impunha.

Cumpria exterminar aquelle reflexo longinquo e temível do poderio naval allemão, varrendo, uma vez por todas, os mares do Sul, aquelle tremendo espantelho do commercio alliado, vingando ao mesmo tempo a perda irreparavel de milhares de subditos inglezes e apagando a mácula com que uma tragica derrota empanára o orgulho da Soberana dos Mares.

Esse pesado encargo deu-o a Inglaterra ao vice-almirante *sir* Doveton Sturdee.

Homem dotado de uma placabilidade formidavel e de ferro, conhecedor profundo da profissão, enduredo nas lides constantes e traiçoeiras do oceano, de uma coragem fria e medida — estava naturalmente talhado para chefiar aquella sagrada missão reivindicadora da honra da sua patria.

Vajamos, num rapido summario, como se desenrolou a sua brilhante acção na batalha das ilhas Malvinas.

Commandando a poderosa esquadra que lhe foi entregue, composta dos cruzadores coraçados *Invencible*, *Inflexible*, *Cornavon*, *Kent*, *Cornwall* e cruzadores protegidos *Glascow*, *Bristol* e *Macedonia*, achava-se o vice-almirante Sturdee com os seus navios fundeados em Porto-Stauley, refazendo-se de combustivel, quando surgiu a campo o seu terrivel adversario. Este, ao ter noticias seguras das respeitaveis forças que haviam sido enviadas no seu encaço, receando um encontro, que lhe teria sido fatal, com as grandes unidades anglo-japonezas encarregadas de lhe barrar a passagem do Pacifico, resolvera montar o cabo Horn e lançar-se no Atlantico, de onde talvez lhe fosse

facil gaanhar rapidamente os mares do norte. Foi-lhe adversa a sorte.

O almirante Sturdee, ao avistar, 30 milhas ao largo do archipelago das Malvinas, a esquadra do adversario, suspende immediatamente com todas suas forças e corre velozmente ao seu encontro. Navegava a esquadra allemã em columna. A esquadra ingleza, desdobrada em igual formatura paralela á do inimigo inicia a perseguição, que se prolonga durante seis horas, 30 milhas ao norte daquella. Dispondo de uma velocidade superior, cõrta finalmente o almirante inglez a linha do inimigo e força-o a aceitar combate.

A's 12'55<sup>m</sup> o *Invencible* abria fogo sobre o *Leipzig* na alça de 16000 jardas. Algum tempo depois o *Inflexible* rompia igualmente o fogo sobre o mesmo navio. Este, juntamente com o *Dresden* e o *Nuremberg* abandonam a linha e apioando para SW procuram fugir ao fogo violento e continuo dos dois cruzadores inglezes. Sahem-lhe incontinenti no encaço o *Kent*, o *Glascow* e o *Cornwall*.

O almirante inglez ordena, então, que os seus navios concentrem o fogo sobre os dois maiores cruzadores inimigos o *Scharnhorst* e o *Gneisenau*, na distancia de 13.500 jardas. Estes, virando de 7 quartas para o N., em linha de frente, comecam a responder a 1'50<sup>m</sup>. Daveton Sturdee, porem, muda igualmente o rumo dos seus navios e procura apertar von Spee dentro de um circulo de fogo. Este muda novamente de rumo, 10 quartas para BB, sendo ainda uma vez seguido pelo adversario, que o obriga a tomar a posição primitiva.

Estava proximo o fim desastroso de von Spee.

Debaixo de uma nutrida e violenta tempestade de fogo, o *Scharnhorst*, com as peças de BB avariadas, gyra de modo a fazer entrar em acção os canhões de BE. Uma granada inimiga, porem, abre-lhe uma enorme tenca no costado, de onde comecam a jorrar chammass.

Foi o tiro de misericordia. A's 4'17<sup>m</sup>, arrastando consigo para o abysmo o valoroso almirante allemão e toda a sua guarnição, desaparece nas ondas. Morto o chefe, estava proximo o desenlace fatal do combate.

O *Gneisenau*, porém continua resistindo sósinho. Exgottadas, porem, as munições, emmudece pouco a pouco, e com o pavilhão desfraldado, sem se render, tem a mesma sorte do seu capitanea.

Emquanto isto, o *Glascow*, o *Kent* e *Corn wall* continuam a perseguição dos restantes adversarios. A's 3 h. o primeiro destes cruzadores, a 10.000 jardas de distancia, abre o fogo sobre o *Leipzig*: ás 4 h. e 17<sup>m</sup> o *Corn wall* junta o seu fogo ao do *Glascow* sobre o mesmo navio. A's 9 h. da noite submerge-se este glorioso cruzador allemão.

O *Nurnberg*, que a principio procura resistir valentemente ao fogo do *Kent*, emmudece por fim, arria o pavilhão e afunda-se ás 7 h. e 27<sup>m</sup> da noite.

Do adversario, só conseguiu escapar ao castigo cruel que lhe destinára o heroico almirante inglez, o *Dresden* que, aproveitando a concentração do fogo dos cruzadores inglezes sobre o *Leipzig* e o *Nurnberg*, e a má visibilidade do tempo que se cerrára após as 4 horas da tarde, consegue fugir e por-se a

salvo da sorte tremenda que lhe havia sido destinada pelos baterias victoriosas dos cruzadores inglezes.

Foi esta, em resumo, a acção rapida e decisiva do grande marinheiro britannico na batalha das ilhas Malvinas, batalha de cujo desenlace dependiam a honra, o orgulho e o prestigio naval da Inglaterra. Deve-o esta, agradeça, ao egregio e glorioso filho, cuja morte hoje a consterna profundamente.

O seu nome, porem, passa á posteridade envolto no respeito e na sympathia do mundo inteiro, como o de um grande e valoroso marinheiro, que em uma das mais épicas e memoraveis batalhas do oceano tanto se glorificou, n'ella depositando todo o seu valor, todo o seu heroismo, todo o seu abnegado amor pela patria querida, na defeza sagrada da sua honra.

## SIRGUEIRO

# Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

**ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida**

Artigos em deposito: Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance, casemiras inglezas e francezas. Brins brancos—diversos fabricantes—estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

**Vendas por Atacado e a Varejo**

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encommendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

**8, Rua Rodrigo Silva, 8**

TELEPHONE CENTRAL 1527

**RIO DE JANEIRO**

# O submersível «U 9»

A. S. de Castro Menezes

Em meio do intenso nevoeiro, como gigantescos fantasmas que desfilassem na sombra, a esquadilha britânica avançava no Mar do Norte. O olhar percuciente da maruja debalde procurava sondar o horizonte. Dir-se-ia que as nuvens, descendo da altura, resvalavam sobre as ondas, envolvendo as audaciosas náus de guerra num sudário de brumas. Não devia estar muito longe a costa alemã. Se a neblina se dissipasse, talvez surgisse á distancia, numa linha alagada, o littoral inimigo. E os cruzadores avançavam sempre, com a segurança de quem, arvorando a bandeira ingleza, sabe que todos os mares são seus e que as ondas, batendo de encontro ao casco, se desfazem em espumas, num gesto de vassalagem, desdobrando macios tapetes aos pés do soberano. Avançavam tranquillos, confiantes na rocêga das minas, feita pelos «destroyers», e que, dias antes, tornara possível a *accommittida* contra Heligoland, a ilha que a engenharia militar da Allemanha transformou num formidável chelonio, encarapaçado de aço. Si o mar já estava desimpedido, si as vallisnerias da morte, que trazem na corolla de ferro, em vez do poleu de ouro, cargas de algodão polvora, haviam sido colhidas, onde o perigo? Num ataque de surpresa das unidades da esquadra germanica? Vão receio, esse.

Jellicoe não teme o Príncipe da Prussia. O sceptro dos oceanos cedeu-o Neptuno á Inglaterra, que o recebeu em herança e o mantém na mão firme...

Cada vez mais denso, o nevoeiro distende as longas azas cinzentas sobre a liquida superficie, afogando a vizão dos marinheiros. O brucejamento luminoso dos holophotes mal redoura as neblinas proximas.

Para onde vão esses tres cruzadores de pharões apagados, em meio da espessa bruma? Para os lobos do mar da velha Inglaterra essa interrogação nada vale. Vão para onde os chama o dever. E' bello morrer no mar, em meio da batalha, ao troar dos canhões.

Navegam em linha os cruzadores. Primeiro, o *Abouhir*, depois o *Hogne*, por ultimo o *Cressy*. Acostumados a estações longinquoas, os tres Leviathans arfam felizes no Mar do Norte, no desempenho de uma tarefa heroica, de reconhecimento. Não faltam á esquadra britannica unidades modernas e mais fortes. Mas Jellicoe deixou de lado os veloezs «scouts», os insidiosos «destroyers», os possantes «dreadnoughts» e lembrou-se, para aquella missão, dos tres tritões iguaes na idade, na marcha, na efficiencia.

Orgulhosos, avançavam cada vez mais. O fumo, que em grossos novellos negros sobe das chaminés, eleva-se no nevoeiro. As helices gyram numa louca impaciencia e a cada prôa se levanta a espumarada das ondas scindidas, nessa abalada para a frente.

Subito, do *Hogne* vêm o *Abouhir* sacudirse, como um monstro ferido, enquanto a seu lado se levanta uma tromba furiosa. O espectáculo desdobra-se rapido e dantesco. Foi um drama de assombro que poderia ser representado ao vermelho clarão de um relampago. Lance de tragedia para o instantaneo de uma objectiva diabolica. Em vão, na audacia do auxilio, o *Hogne* se aproxima. Quando chegou ao local, a agua torvelinhava, mostrando que o mar se abrira, sorvendo o tritão vencido.

Era em tres actos o drama. Alli mesmo, por seu turno, o *Hogne* reproduziu a scena horrivel, desaparecendo num vertice de espumas, aos olhos attonitos da guarnição do *Cressy*, que iracundo acorria, varrendo de balas a superficie ondulosa. Do *Cressy* que, minutos depois, golpeado no flanco pelo inimigo invisivel, succumbia tambem...

Não teve espectadores a tragedia. Nem mesmo a presenciou o olhar frio das estrellas, que a noite era de nevoeiros e de brumvas, como um espelho embaciado.

A Allemanha coubera a sorte de estrear em plena guerra a terrivel efficiencia dos espadartes de aço. A historia da tactica naval accrescentou esse capitulo, esboçado, em tempo de paz, nas manobras e cujo valor faz scismar na agilidade dos proprios «dreadnoughts».

Não se tratava mais da deflagração mecanica das minas. Nem o feito surprehendente era o resultado de uma sortida de «destroyers». Nenhum vulto de náu de guerra ficara sósinho em campo, gozando a victoria, sobre a superficie irrequieta do mar. Apenas, a poucas dezenas de metros do cenário, riscava a crista das maretas uma haste quasi imperceptivel, que se apartava célere, rumo á costa germanica.

Essa haste explicava o drama. Fôra a sinistra batuta da orchestra das explôzões. Por ella, o minuscuro inimigo, mantendo-se invisivel, cclhera os tres cruzadores no alcance de seus torpedos.

Aquella haste era o periscopio de um submarino allemão...

(Dos Quadros da Guerra.)

# Fonseca, Almeida & Co.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Ferragens, Tintas, Vernizes, Oleos, Lubrificantes, Materiaes de  
 construção, Tubos, Gaxetas, Correias, Cabos,  
 = Maçames, Metaes, etc., etc. =

MATERIAES PARA ESTRADAS DE FERRO E OFFICINAS

TELEPHONES: Armazem - Norte 962  
 Escritorio - Norte 36

CAIXA DO CORREIO N. 422

End. Teleg. "CALDERON"

R. 1.º DE MARÇO, 75 e 77  
 R. GENERAL CAMARA, 19

— E —

Deposito á Rua Camerino, 64  
 RIO DE JANEIRO

## CASA VIEIRA NUNES

.. ARTIGOS PARA HOMENS ..

FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO

AVENIDA RIO BRANCO, 142

## Café Victoria

Chá, Chocolate, Mingaos,  
 Ceias, Vinhos e Licores.

GONÇALVES & MOURE

LARGO DA CARIOCA, 2 — TELEPHONE C. 5861

RIO DE JANEIRO

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

**166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro**

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

**Bernado** — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

**Bernice** — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho e A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

**Brandão** — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de princípios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

**Naval** — **Construção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmias do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas 8\$

**Madre** — **Construção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes 8\$

**Combate** — **Construção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8\$

**Acésoro** — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do apparelho motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

**Conduto** — **Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

**Navegal** — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharões, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

**Piltage** — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

**Fundura** — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis, Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Aparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

## ALFAIATE

*A. L. Oliveira*

Rua 7 de Setembro, 92 - 1.º andar

(Entre Av. Rio Branco e Rua Gonçalves Dias)

Telephone Central 6247

RIO DE JANEIRO

## CASA MOUTINHO

### E A ELEGANCIA MASCULINA

O progresso e a cultura de uma cidade moderna podem ser perfeitamente aferidos pelas suas casas de modas. E' mesmo certo que são esses estabelecimentos as resultantes mais immediatas de um centro, onde á civilização se venha processando, diuturnamente, sem solução de continuidade. A desaparição de taes casas implicaria, naturalmente, num colapso, senão na morte mesma da civilização.

Comprehendem-se, porventura, montras como as da nossa Avenida Rio Branco em ruela de villa sertaneja? Entretanto, progredindo essa villa, vindo ella a ser uma cidade moderna digna desse nome, é absolutamente certo que, nas suas ruas e avenidas de então, como aqui no Rio, hão de succeder-se, variadissimos, os mostruarios da civilização.

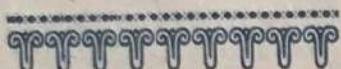
As vitrines são, pois, o melhor indice do progresso de um povo. Aqu no Rio, a medida da elegancia masculina nos é dada pelos mostruarios da Casa Moutinho, á Avenida Rio Branco. Só num centro hiper-civilizado, aliás, é que se concebe um estabelecimento de tal ordem. Tudo ali, no que concerne a artigos finos para homens, de um lenço a um chapéu, é obra de apurado labor, que trae a preocupação de agradar plenamente ao individuo mais requintado das élites mundanas.

Bem aceita como foi, desde a sua fundação, a Casa Moutinho progride sempre, esforçando-se o seu proprietario por manter o conceito a que se impoz, logo que abriu as suas portas aos amantes da esthetica na indumentaria. Modificou-se, com o tempo, esse conceito... porque avultou, cresceu muito. E hoje a Casa Moutinho é, sem favor, no Rio de Janeiro, a

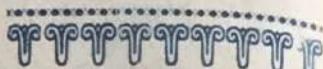
CASA "CHIC" POR EXCELLENCIA DE ARTIGOS FINOS PARA HOMENS.

# RONEO

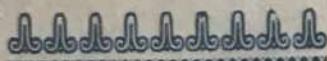
Os melhores arquivos  
de aço para corres-  
pondencia, officios,  
fichas, stock, estatis-  
ticas, etc.



Os systemas de  
classificação fa-  
bricados pela  
Roneo Ltd. de Londres,  
são os melhores  
do mundo.



Temos exposição  
permanente deste  
material e teremos  
prazer em fornecer  
detalhes e explica-  
ções gratis a quem  
nos honrar com  
sua visita.



## UNDERWOOD



A MELHOR MACHINA  
DE ESCREVER

As qualidades que distinguem a

### UNDERWOOD

de suas congêneres são tantas e  
tão notáveis, que a tornam a ma-  
china padrão (standard), cuja  
reputação universal em vão pro-  
curam as suas rivais igualar.  
Inscrevei-vos na Escola Underwood

## PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

OUVIDOR, 98  
Rio

S. BENTO, 45  
S. Paulo



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.



Dizem que traz felicidade a teia  
De aranha. Surge um dia, malha a malha,  
E a aranha infatigavel que trabalha,  
Mata os insectos quanto mais se alteia.

Galga o beiral. E' um berço e balança  
Ao vento que os filêtes d'ouro espalha...  
E ao sol que a envolve dentro da fornalha,  
A trama illuminada se incendeia.

Chega a primeira borboleta ebrizada.  
Dem louca. Primavera de anciedade...  
Mas, de repente, a aza despedaçada,

Róla... E' o fim... A tortura da grilheta...  
Não queiras nunca essa felicidade,  
Que vem da morte de uma borboleta!

*Oregario mariano*

# S U M M A R I O

---

<i>Teia de aranha</i> . . . . .	Olegario Mariano . . . . . (Capa)
<i>Riachuelo</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . . 3
<i>Barroso</i> . . . . .	Alm. Barão de Tefé . . . . . 4
<i>A iconographia de Marcilio Dias</i>	Gastão Penalva . . . . . 7
<i>Riachuelo</i> . . . . .	Aspirante D. B. . . . . 8
<i>Tuyuty</i> . . . . .	Lucas A. Boiteux . . . . . 8
<i>As ondas</i> . . . . .	Olavo Bilac . . . . . 10
<i>Doutrina</i> . . . . .	Antonio Bardy . . . . . 11
<i>Exercicios de artilharia de des-</i>	
<i>embarque</i> . . . . .	O. Mathias Costa . . . . . 13
<i>Mal incuravel</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . . 18
<i>Alvorada</i> . . . . .	Joaquim Pernambuco . . . . . 20
<i>Amor nautico</i> . . . . .	O. C. . . . . 20
<i>O Capitão Jacob</i> . . . . .	Gabino Duque . . . . . 21
<i>Navegação</i> . . . . .	Eugenio Possolo . . . . . 21
<i>Presagio</i> . . . . .	Olavo C. Marques . . . . . 23
<i>Secção desportiva: Breves notas</i>	
<i>sobre natação</i> . . . . .	Robert A. Fowler . . . . . 24
<i>Algumas notas uteis para a</i>	
<i>guarnição de um escaler</i> . . . . .	O. Mathias Costa . . . . . 25
<i>Palavras ao mar</i> . . . . .	Vicente de Carvalho . . . . . 29
<i>Combustiveis</i> . . . . .	J. Luiz Belart. . . . . 30
<i>Fabula</i> . . . . .	O. C. . . . . 34
<i>Revista de Revistas</i> . . . . .	L. R. . . . . 35

REDACÇÃO:

ESCOLA NAVAL x ILHA DAS ENXADAS

ASSIGNATURA ANNUAL. . 165000





*Antonio Luiz von Hoonholtz*

ALMIRANTE BARÃO DE TEFFÉ

No heroico commandante da ARAGUARY a "GALERA" saúda os bravos  
da jornada gloriosa de 11 de Junho de 1865.



Orgam Official dos  
 Aspirantes de Marinha.

Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

## RIACHUELO

A. M. Buarque de Lima.

*Dominus tecum, virorum fortissime*

Essa promessa do Livro dos Juizes, que occorre a Bossuet na oração funebre do heroe de Rocroy, o Senhor de certo não a denegou a quantos se immolaram nas aguas do rio historico pela salvação da patria periclitante. Magos da coragem, feiçeiros do mar, predilectos da gloria, o Brasil tambem não os esqueceu, e a romaria de todos os annos á estatua do chefe que os capitaneou, significa, como a peregrinação dos fieis aos logares santos, a perpetuidade da sua memoria. Aquella effigie, cujas rugas parecem reproduzir no bronze os estremecimentos das ondas que a contemplam, é o genuflexorio espirital da marinha. Deante della as tropas desfilam em continencia, como se a alma dos vultos legendarios lhe adejasse em torno ou se lhe aninhasse no bojo, á espera dos clarins para uma nova vibração, á escuta das salvas para uma derradeira saudade.

E' uma reminiscência hellenica o culto dos heroes. Celebrando-os, os grandes tribunos transfundiam na multidão arrebatada a chamma que abrazou esses «fakirs» do patriotismo. Os poetas e os esculptores espalhavam e eternizavam-lhes na rhapsodia e no marmore a fisionomia e os feitos. Riachuelo ainda não teve um poeta. Mas a pagina épica da historia naval americana, cuja repercussão chegou ao Oriente longinquo, palpita no coração do nosso povo. Elle sabe que um punhado de bravos num punhado de náus legou ao Brasil a victoria sobre Lopez; que desses bravos, Greenhalgh morreu envolto nas dobras ensanguentadas da bandeira, cuja honra desaggravou num lance leonino; que Marcilio Dias succumbiu trespassado, canibalescamente mutilado; que Barroso se nivelou num surto genial aos marinheiros mais habeis. A Amazonas e a Mearim, a Parandhyba e a Ara-

guary representam-nas a imaginação como ninhos de leões, relicarios de glorias, cuja vida, como a da *Victory*, devera ter sido religiosamente conservada. A analyse das manobras, o alarde do triumpho, a significação tactica da batalha não os apprehendeu nem gravou. Ficou-lhes num resquicio, talvez nebuloso mas inapagavel, a impressão do papel que coube aos nossos marinheiros e a intuição do que o futuro possa reservar-lhes. A voz, que Ruy escutou «no fragor contínuo das rochas e das ondas», afigura-se-lhe nesses momentos de vibração patriotica como a condição da inviolabilidade da nossa soberania e da manutenção da nossa dignidade. Aos mais ingenuos não lhes escapa que o futuro de uma nação desaparecida no mar, principalmente se invejada porque rica e desprezada porque fraca, é, como a China, onde todos mandam e só os naturaes obedecem, debater-se nas garras dos que, invocando a solidariedade humana, pregam enternecidamente o desarmamento... dos outros. Para premunir-mos contra esses vexames não nos fallece o factor moral. O passado da nossa marinha, que ainda se não cogitou de investigar, não inveja de leve que seja o confronto com o das outras classes. Quando urgiu rematar a emancipação, o seu concurso valioso, infatigavel, imprescindivel está nas façanhas da *Nictheroy*, *Paraguassú*, *Pedro I*. O velame insufficiente, a mastreação suspeita, a artilharia avariada, como o refere o proprio Cochrane, ellas escorraçaram das nossas aguas os piratas que as infestavam, os recalcitrantes da conservação de um dominio já de ha muito fadado á liberdade. Por isso *11 de Junho* não é apenas a commemoração de uma data; é a sagração, gravada a fogo, de todo um passado de lutas, de sacrificios e de glorias, nella resumido pelo genio de Barroso e pelo cannibalismo de Lopez.

# DISCURSO

do Almirante Barão de Ceffé ao ser depositada a urna contendo os restos do Almirante Barão do Amazonas na crypta do monumento elevado a Barroso em 11 de Junho de 1909.

Minhas senhoras. Meus senhores.  
Usando da palavra nesta solemnidade, não é intuito meu abusar de vossa attenção com a narrativa do feito naval de 11 de junho de 1865.

As mais brilhantes pennas do jornalismo da época se encarregaram de perpetuar os episodios notaveis dessa batalha cruenta, cuja descripção pode ser hoje synthetizada nestas breves palavras:

«Uma pequena esquadra brasileira de nove navios de madeira — lançada a centenas de leguas da patria para operar em um rio crivado de escolhos perigosos e dominado pelo inimigo — bateu-se de sol a sol, e derrotou por completo a esquadra inimiga, composta de 14 unidades.

«Ao anoitecer, o combate cessou por falta de combatentes.

«O Brazil perdera totalmente um navio e 300 homens, mas o Paraguay ficára sem a sua esquadra e perdera dous mil homens.»

Pelo simples facto de ser eu um dos dous unicos commandantes sobreviventes de Riachuelo, fui convidado com instancia para fazer-me ouvir nesta cerimonia official; cabe-me pois aproveitar o ensejo para frizar um ponto que não mereceu a devida attenção dos historiadores da guerra:

— A Vuelta del Riachuelo nos era completamente desconhecida como ponto estrategico.

Barroso, depois de expulsar, a 25 de Maio, da cidade argentina de Corrientes as forças paraguayas de occupação, tomára posição na margem opposta e a pouca distancia da cidade, em uma cancha, onde o rio, embóra dividido ao meio por um baixio, offerecia sufficiente espaço ás evoluções da esquadra.

Mas o ardiloso inimigo preparára em segredo e longe de nossas vistas o campo de batalha que mais lhe convinha e para o qual manhosamente nos attraheu dias depois... Os Generaes Robles e Bruguez, de accôrdo com o Comodoro Mezza, haviam préviamente escolhido uma curva do rio, de canaes tortuosos, entre o banco das ilhas Palomeras e as altas barrancas da margem Correntina.

Numa quebrada, ou depressão do terreno, serpêa ahi um insignificante riacho sem nome — el riachuelo — em fren-

ao qual, durante um dia inteiro, se desenrolaram scenas de verdadeiro heroismo.

Nessa manhã, 11 de Junho, domingo da Trindade, ao divisarmos o inimigo pela prôa, o recebemos com todas as honras da guerra, e ao passar rio abaixo o saudamos cortezmente á bala e metralha.

Descendo Mezza pelo canal da margem opposta á nossa, esperavamos que, montado o cabeço meridional do banco de areia que separava as forças belligerantes, elle tornasse aguas arriba e emparelhar-se connosco, afim de offerecer-nos franco combate.

Incomprehensivel nos pareceu, portanto, a sua tactica, ao vermos que continuara a descer até occultar-se por trás das ilhas do Chaco.

Nossa esquadra, que durante esse espaço de tempo suspendera ancoras, e, sobre rodas, esperava a sua volta, esperou em vão, pois que dos navios paraguayos só eram visiveis os rôlos de fumo de suas chaminés por cima do mattagal das ilhas.

O Chefe Barroso resolveu, pois, descer tambem e neste sentido fez desfraldar na capitânea o signal:

«Bater o inimigo o mais perto que cada um pudér.»

Uma surpresa nos estava reservada.

Mezza estendera em linha suas 14 unidades, atracando-as á barranca alterosa da margem correntina, sobre a qual 30 canhões mascarados pelo frondoso arvoredo, dezenas de estativas de foguetes a Congrève e milhares de fuzis da infantaria do Exercito, decuplavam o seu poder combativo e o tornavam quasi irreductivel.

Páro aqui: assás se tem dito e escripto em referencia a esse bello feito naval.

Poetas e litteratos de grande nomeada já espargiram a mãos cheias sobre a frente dos vencedores as mais odoríferas flores de rhetorica.

O que viria, pois, contar-vos hoje, de novo, um obscuro e velho comparsa desse drama sangrento?

Antes de prosequir, permitti-me uma ligeira explicação.

Avêso por indole ás exhibições em publico, não assisti nunca, nos 44 annos decorridos desde então, a nenhuma festa commemorativa dessa data para mim tão

cara, e, si hoje, pela primeira vez, aqui me apresento, faço-o impulsionado pelo dever sagrado de prestar a ultima homenagem do meu profundo respeito áquelle que foi meu chefe e meu guia nessa terrivel jornada.

Meus senhores — E' com o coração confragido pela tristeza e a alma enlutada pela saudade que eu venho encontrar, depois de quasi nove lustros, o vulto homérico do bravo entre os bravos, o Almirante Barroso, encerrado neste minuscúlo cofre funerario...

Que lição sublime á estulta vaidade humana!

Vêde!... Esta urna de tão exiguas dimensões, não contém as cinzas de um ente nullo, de uma dessas creaturas que nascem e morrem sem ter deixado de si o menor vestigio neste mundo.

Não!... Alli repousa um heróe... E talvez mesmo que tão mesquinho recipiente inda seja de tamanho exaggerado para conter a ossatura de um homem, cujo nome encheu o Brasil inteiro e expandiu-se nas azas da fama até alem dos Andes, e através do Atlantico!

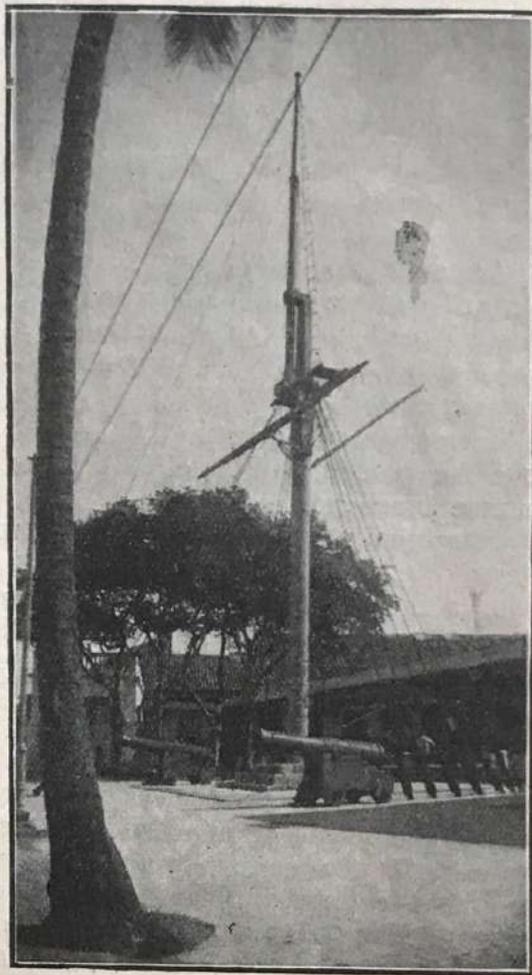
Francisco Manoel Barroso da Silva, o grande Barão do Amazonas, ahi está, nesta pequena urna, onde a acção corrosiva do tempo o reduzirá á pó, terra, cinza e nada!

Bem haja, pois, o Ministro patriota, entusiasta por sua classe, que para estímulo da moderna geração, fez este monumento, em honra á marinha de outr'ora.

Bem haja o illustrado e infatigavel Almirante Alexandrino de Alencar, que injectou nas veias da Armada entorpecida por condemnavel repouso, o sangue ardente do seu organismo impulsivo; que despertou-a do lethargo, armando-a com um poder formidavel, que já começa a inquietar o mundo; e que tem ainda tempo de cuidar nas glorias passadas, fazendo reviver no bronze a figura varonil do vencedor de Riachuelo, para legal-o á posteridade, reconstituído em toda a *sua belleza máscula!*

Convidado, como disse, a expender nesta solemne consagração das glorias de Barroso as minhas impressões puramente pessoases, em relação ao homem que fôra meu chefe durante a phase mais critica da campanha, vou desempenhar-me do encargo, dando a palavra á minha consciencia. Antes da guerra eu só conhecia por tradição os traços mais salientes de seu perfil. Barroso pertencia á escola da pri-

## UMA RELIQUIA



Mastro da "AMAZONAS", capitanea de Barroso, conservado na Escola Naval, e no qual se içam annualmente os signaes historicos da memoravel manhã de Junho.

meira geração de nossa Marinha; era um disciplinador severo e rude; rigoroso cumpridor de deveres; habil manobrista e excellentes navegador.

Nada mais era necessario, nesse tempo de commandantes de *tálha ao lões*, para conquistar-se a reputação honrosa e ambicionada de official *patesca*.

Sua viagem ao Pacifico, commandando a corveta *Bahiana*, e montando com felicidade inaudita o tormentoso Cabo de Horn, debaixo de temporal desfeito, consagrou-o *lobo do mar*.

Ao romper a guerra com o Paraguay, o Almirante Tamandaré subdividiu a esquadra estacionada no Rio da Prata em duas divisões, confiando o commando de uma dellas ao Chefe Barroso.

Desta divisão fazia parte a canhoneira *Araguary*, de meu commando.

Vem a proposito consignar aqui certos característicos peculiares a esse chefe e que servem a explicar a situação pouco

sympathica de que gosava entre alguns de seus commandandos, antes do nosso commum baptismo de fogo.

Sua vida austera, seu tom secco e rude, sua physionomia severa, não eram predicados de molde a inspirar sympathia aos mais jovens commandantes. E' ridiculo o que vou dizer, mas não importa.

Accrescentarei ainda um traço physionomico que me causára impressão desagradavel desde o nosso primeiro encontro; uma transgressão aos preceitos da moda de então:

Barroso usava a cara toda rapada, o que me parecia anti-esthetico para um almirante brasileiro.

Esta opinião não deve causar espanto á geração actual, por isso que, ha meio seculo, a moda yankee dos homens se desbarbarem não havia invadido o Brasil e muito menos o grupo *smart* da nossa marinha de guerra.

Encurtando razões: *solicitei transferencia para a outra divisão*, onde, no tópe grande do *Jequitinhonha* tremulava um pavilhão que se me afigurava o historico *Pennacho Branco* destinado a conduzir nos, árdego e impetuoso, aos sitios onde mais rija e feroz se travasse a pugna. Mas, de erros e decepções está cheia a nossa vida!...

Penitencio-me em publico das minhas apreciações injustas sobre o homem, que, ao relampear dos canhões, despiu inopinadamente a casca grossa de chefe patetica para revelar-se aos nossos olhos maravilhosos sob as vestes fulgurantes de um heróe!

Com a mesma franqueza que desde o começo desta succinta narrativa tem servido de norma á exposição de minhas impressões pessoaes sobre Barroso, passarei agora a tratar do almirante em seu posto de honra *au plus fort de la mêlée*.

Por volta do meio-dia, quando as peripecias da batalha já nos tinham privado da cooperação de duas unidades das mais pujantes — o *Jequitinhonha* — (quem diria? encalhado por impericia do pratico) e a *Belmonte*, que, arrombada por uma bala ao lume d'agua fôra obrigada a procurar a salvação em um banco de areia, longe da acção — quando, repito, as nossas sete unidades restantes, dispostas em linha fonteira as forças inimigas de mar e terra, batiam-se com redobrado furor, no intuito de desalojar a esquadra de Mezza de sua base de operações, descobri o *Amazonas* a descrever uma curva para

deixar sua posição na testa de columna e descer majestoso, á meia força, por entre as duas filas de combatentes.

O vulto de Barroso destacava-se imponente sobre a caixa da roda de boreste; erecto, calmo, impassivel; e, nesta occasião, o seu aspecto já não era o mesmo de mezes atrás. As feições de *actor tragico*, que haviam produzido a minha particular antipathia pelo homem, estavam radicalmente transformadas pelo crescimento da barba, branca, longa e sedosa, que lhe cobria metade do peito.

A' medida que o *Amazonas* se aproximava da *Araguary*, o vulto de Barroso tomava maiores proporções.

Naquelle momento recrudescera o fogo inimigo, e o ribombar incessante dos canhões e os gritos dos feridos, abafavam as vozes de commando; mas Barroso, ao passar rente ao meu navio, pela primeira vez sorriu-me, e levando o porta-voz a bocca, bradou em tom claro e firme:

«Siga nas minhas aguas, que a victoria é nossa!»

Termino aqui as minhas impressões.

Barroso, por uma razão qualquer; talvez — quem sabe? — para cumprir um voto, nunca mais se barbeára desde a entrada nas aguas do Paraná.

Desta forma os sulcos das faces e a expressão voluntariósa dos labios desappareceram sob o espesso bigode e a longa barba, transformando-o em um ancião venerando e sympathico.

Ao vel-o assim, calmo e sorridente em meio da saraivada de balas, tive impetos de apertal-o em meus braços.

Através da atmospheria de fogo e fumo, a figura desse velho cuja barba fluctuava em niveos flócos açoitada pelo vento, parecia a meus olhos de moço entusiasta, uma visão. O sorriso despreocupado com que elle affrontava a morte, impavido e sereno, assemelhava-o aos semi-deuses fabulosos do polytheismo pagão.

Possuido de admiração sacudi no ar o meu bonet e saudei n'aquelle vulto o symbolo da verdadeira coragem!

E Barroso era, na vida intima, no conchego do lar, no estricto círculo de seus amigos — uma alma de justo, um homem bom e leal.

Bem haja, pois, o povo brasileiro, generoso e patriota, que representado por todas as classes sociaes accorreu em massa a prestar hoje a ultima homenagem ao heróe do dia 11 de Junho, o vencedor de Riachuelo!



## A ICONOGRAPHIA DE MARCILIO DIAS

(INÉDITO)

Ha heroes que nasceram para victimas da sua propria consagração historica. Um delles foi Marcilio Dias.

Como si não bastassem os golpes paraguayos que o deformaram physicamente, surgem muito mais tarde os caprichos da arte, que acabam por lhe adulterar completamente as linhas physionomicas.

Par' que os vindouros o adorassem, e elle gosasse no seio da nobre classe que tanto soube honrar dessa aureola de bravura estoica que o tornou legendario, foi mister que a sua figura se concretisasse em um typo qualquer, um retrato, uma ephygie, parecida ou não, que se collocasse nas cobertas das naus de guerra e fosse alvo da veneração maruja.

Semelhante ou não — que importa? Quem é capaz de garantir que os santos das igrejas tivessem em vida essas mesmas feições de santidade que os fazem inconfundiveis? Quanta controversia iconographica se debate em torno do typo physico do proprio Nazareno!

O que era preciso era um retrato de Marcilio Dias. Já não havia no momento quem se recordasse dos seus traços fortes, masculos, dominantes, e o seu bello ar a um tempo humilde e soberano. Quando se dispuzeram a render-lhe essa homenagem, o unico que poderia adeantar alguma cousa ao caso era o almirante Firmino Chaves, que o conhecera de perto como seu immediato na «Parnahyba», o navio em que o leão das batalhas se sacrificou, na jornada cruel de Riachuelo. Mas o almirante estava ausente, e a homenagem, como tudo o que se promove á ultima hora, demandava pressa.

Mas ha um deus para os necessitados. E esse deus poz logo á frente da commissão encarregada de perpetuar a imagem do bravo marinheiro um modelo salvador. Não era Marcilio Dias; nada tinha de commum com o heroe. Mesmo as profissões

de ambos eram antagonicas: um vivera e morrera nas aguas; o outro, ao contrario, era um bombeiro, de mãos queimadas no serviço do fogo. Mas este, typo pernambucano de sympathica presença, herculeo e franco como o arrojado defensor da nossa bandeira, bem se podia prestar a ser para a eternidade emulo physico de Marcilio Dias, com muita honra e muita gloria.

Então, um bello dia, em vespuras de 11 de Junho, Decio Villares empunhou a paleta e os pinceis e foi copiar o frontispicio do bombeiro, e em pouco mais elle era dependurado á coberta dos navios, vulgarizado entre as guarnições, que hoje ao verem esse caboclo destemido, de olhar penetrante, e o geito decidido de quem será capaz de enfrentar a desgraça, jurarão pelo que houver de mais sagrado que aquelle que ali está foi, é e será sempre o verdadeiro, o authenticico, o glorioso Marcilio Dias.

Quando o almirante Chaves regressou, e deu com os olhos na pintura commemorativa, examinou-a, apalpou-a, revistou-a, e a sorrir declarou formalmente que aquelle homem tinha tanto de Marcilio como de Pyrrho, Vercingetorix ou Scipião o Africano.

Emfim, a marinha nunca fizera questão de uma photographia e sim de um symbolo.

Esse ahi está. Marcilio Dias ou o prestimoso bombeiro, o que elle hoje representa é um facto historico dignissimo de ser venerado e festejado. Marcilio, pelo que operou, é hoje a lenda. E esse que ahi anda pelas cobertas dos ranchos, deante do qual todo o marujo ao passar se deveria descobrir em continencia, ha de ser sempre o heroe anonymo (tem havido tantos!), o obreiro da bravura, o pariá da abnegação — o Marinheiro Desconhecido.

Gastão Pevalva

# RIACHUELO

« O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever. »

11 de Junho!

Quão grata recordação não traz esta data ao coração da armada brasileira!

E, sobretudo, quanto consolo!...

Ha 60 annos atraz eramos fortes, tinhamos a consciencia nitida e perfeita do valor da nossa força naval, posta sempre ao serviço da Justiça e do Direito. Possuíamos chefes peritos, valentes e intemeratos que, collocados á frente da mais poderosa esquadra sul-americana, deram sobejas provas de capacidade e heroismo, patenteando ao mundo inteiro a efficiencia da nossa força e o valor da nossa gente!

Hoje, se ainda possuímos chefes capazes, de, pela sua capacidade, pela sua bravura e pelo seu arrojo, contribuirém gloriosamente para manter intacto todo esse rico e abençoado patrimonio que é a nossa terra, precioso e querido legado dos nossos maiores — não é menos certo tambem que não temos marinha ou se a possuímos, não foi esta a marinha que Barroso sonhou para o futuro do Brasil!.

Somos o maior paiz da America do Sul e um dos maiores do mundo, temos a zelar por um passado todo elle limpido e glorioso e a nossa pequenissima esquadra actual, guarda avançada que é da inviolabilidade da nossa soberania, é por si só impotente para proteger da cobiça estrangeira esse avultadissimo e inestimavel thesouro que se agazalha no seio de nosso vasto territorio.

E' por isso que, nesta ditosa data de 11 de Junho que tão alegre alvoroço traz ao seio da marinha brasileira, — fazendo contrastar aquillo que hoje somos e aquillo que, de facto, antigamente fomos, — sentimos um suave consolo a estimular-nos o nosso patriotismo de militares, evocando os nomes desse punhado de

bravos, que tão alto collocaram o nome da nossa patria, no conceito das outras nações.

Barroso! Nome quasi divinizado pela gratidão nacional, symbolo de uma epopéa e resumido de toda uma raça de heróes. Ficaré inapagavel no coração de cada marinheiro a sua figura veneranda, erecta, firme e de pé no passadiço da **Amazonas**, as longas barbas brancas voejando-lhe sobre o peito, o olhar duro e leal cravado no inimigo — como se fosse a propria imagem serena e formidavel da bravura consciente!

Marcilio Dias! Exemplo vivo e flagrante do arrojo temerario do marujo brasileiro! Parecemos ainda vel-o, no convez da **Parnahyba**, retalhado de sabre, em lucta gigantesca com um grupo fanatico de selvagens e cahindo finalmente succumbido aos golpes desesperados do inimigo.

Greenhalgh! Incarnação perfeita da intrepida mocidade brasileira! Primeira victima da **Parnahyba**, tombando inanimado no seu posto de honra, guardando até o ultimo instante o pavilhão da sua patria do contacto profano de mãos adversarias!

Pedro Affonso! Bravo official do nosso glorioso exercito, cahindo tambem victima do seu dever, após uma resistencia épica, em que o seu sangue generoso se misturou ao dos seus vallentes collegas da marinha, em holocausto á victoria da causa sagrada do seu paiz!

Gloria, pois, a esses heróes que tombaram no campo da lucta e do dever!

Gloria aos venerandos sobreviventes do Riachuelo!

Gloria a todos quantos, nesta grandiosa pugna, pelejaram pela honra e integridade do Brasil!

Asp. D. B.

oooooooooooo  ooooooooooooo

## TUYUTY

( INÉDITO )

Lucas A. Boiteux

Vinte e quatro de Maio!... Tuyuty!...

— Foi uma manhã fria, cheia de nevoas e tristeza, quasi invernososa, a de 24 Maio de 1866.

— Farrapos de neblina alvadia, apegados ás franças do arvoredado denso, que

se desenvolvia em redor, semelhavam bandeiras de lanças em prenuncio de batalha.

— O exercito da Triplíce Alliança, forte de 28.000 homens e 47 canhões, extendia-se na grande planura por uma

frente de quatro kilometros, entre a Lagôa Pires e o passo Sidra.

— Apoiava-se debilmente em algumas trincheiras, plataformas e cortinas, levantadas sem grande methodo e apuro.

— Por traz das mattas, de banhados e sangas, velava o exercito inimigo de 26.000 veteranos aguerridos.

— Lopes fôra informado da nossa proxima offensiva e, com affinco, tratou logo de tomar-nos a primazia.

— O acampamento alliado, envolto em auras boscarejas, entretinha-se nas fainas diarias, ruidoso, despreoccupado.

— Eis senão quando um formidavel ribombo de canhão resôa dentro da matta, espessa e um foguete a *congrève* traça no cariz do céu nublado um gilvaz de fogo.

— Seriam onze horas... Sôam cornetas e clarins e, em accelerado, a soldadesca dispersa se reúne em torno ás suas bandeiras. Crepita a fuzilaria; ribombam sem cessar os canhões com uivos soturnos, impressionantes.

O solo treme como que tomado de subito pavor. Rajadas de projectis esfusiantes, com sibillos lugubres varrem, ceifam homens ás dezenas. Os corseis espumantes e suarentos relincham apavorados, escoceam o solo, eriçam as crinas e têm sobresaltos violentos á passagem zumbidora dos mortiferos projectis.

A voz metalica e penetrante das cornetas, o surdo rufar das caixas de guerra, as vozes de commando, os soluços, os lamentos, as pragas dos feridos e moribundos, se casavam numa horripilante dissonancia. Era a voz macabra da devastação...

— Os vermelhos paraguayos, enfibulados em largas blusas escarlates, com en-surdecedor alarido batalhavam quaes leões famulentos.

— Era como se o inferno se tivesse aberto e os demonios em liberdade se atirassem com toda furia á exterminadora peleja.

— Aqui, a arma branca procura dominar a arrancada dos atacantes com esforço sobrehumano; adiante, a admiravel artilharia Mallet contem a furia encanzinada das massas inimigas; além, a cavallaria, em embates formidaveis, abre cla-

ros nas hostes adversas, debandando-as, acutilando-as.

E a procella cresce, cresce desabalada; é já tufão violento e num crescendo de enlouquecer transforma-se em cyclone devastador. O solo vae-se atopetando de um cháos horrivel de corpos mutilados a nadar em sangue, de animaes estripados, de toda sorte de destroços informes.

Uma fumarada densa, suffocante, como se voraz incendio envolvesse a grande planicie, levanta-se zebrada de relampagos fulgurantes, de listões rubros dos foguetes a *congrève*.

Saraiva, graniza, crepita a fuzilaria, arrazando vidas caras. E os homens tombam, cahem mordendo o pó em tragicas contrações, em gemidos pungentes, com pragas ferozes; ha sangue aos borbotões, tetricos rangidos de dentes, braços que se levantam em acessos vesanicos, mãos crispadas, labios descorados murmurando preces...

E as duas temerosas vagas humanas, que se defrontam magestosas, impressionantes, obstinadas, experimentam oscillações violentas; recuam, avançam, estacam, ora se distendem ora se contraem na ansia louca de vencer.

Rompem-se, afinal, as linhas infestas e os nossos bravos soldados com indiscriptivel entusiasmo e uma bravura sem par, gravam nos marmores da nossa historia militar mais uma epopéa de glorias.

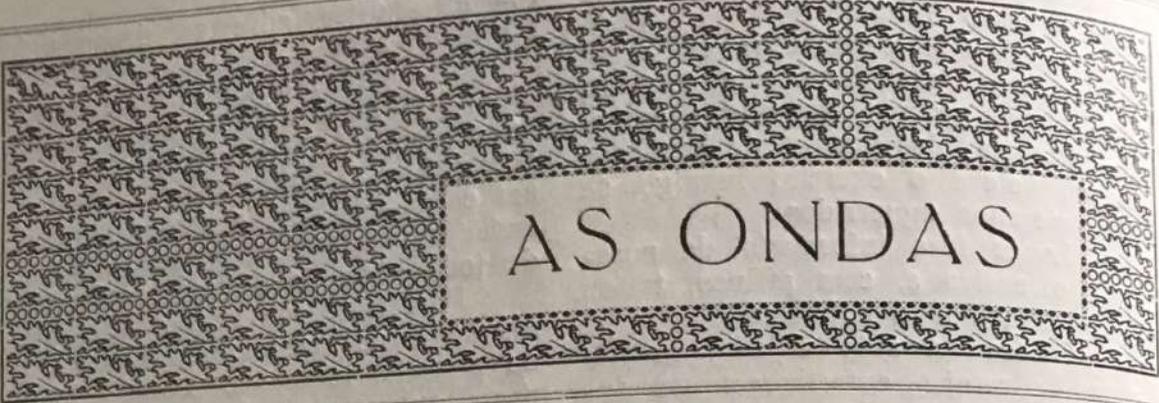
E daquelle manto fumarento, que envolve o sanguinoso scenario, os nossos olhos vão vendo surgir, nimbadas de gloria, as figuras homericas de Osorio, Guilherme Xavier, Jacinto M. Bittencourt e tantos outros elevando bem alto o nome do Brazil.

Hoje, dos bravos d'aquelle dia poucos restam...

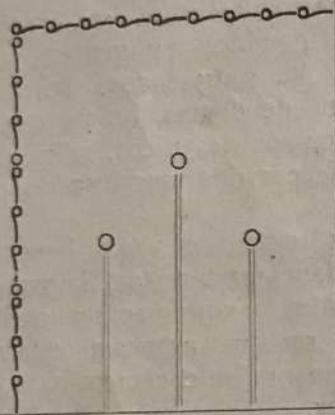
A vós, gloriosos superstites do memoravel prelio em que a bravura brasileira alcançou as raias do sublime; a vós, reliquias veneraveis que, graças aos céos, ainda viveis para exemplo e incentivo dessa mocidade que surge tão sceptica, o nosso respeito, o nosso carinhoso entusiasmo!

Bravos do Paraguay, Veteranos da Patria, Guerreiro de Tuyuty, salve!



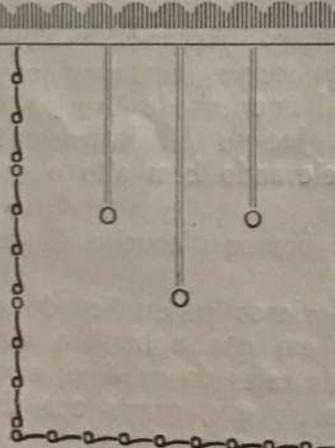


# AS ONDAS



Entre as tremulas mornas ardentias,  
A noite no alto mar anima as ondas.  
Sobem das fundas humidas Golcondas.  
Perolas vivas, as nereidas frias :

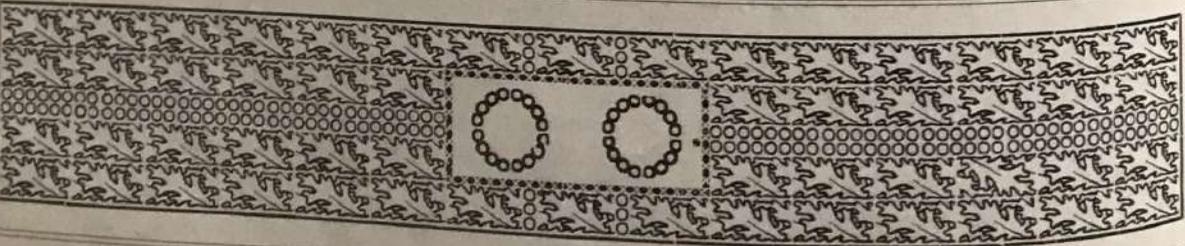
Entrelaçam-se, correm fugidias,  
Voltam cruzando-se ; e, em lascivas rondas,  
Vestem as formas alvas e redondas  
De algas roxas e glaucas pedrarias.



Coxas de vago onyx, ventres polidos  
De alabastro, quadris de argentea espuma,  
Seios de dubia opala ardem na treva.

E bocas verdes, cheias de gemidos,  
Que o phosphoro incendeia e o ambar perfuma,  
Soluçam beijos vãos que o vento leva.

OLAVO BILAC.



# DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

*These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy á Escola Naval de Guerra em 1922.*

## CAPITULO II

### DOCTRINA NACIONAL

Para segurança da propria Nação, é indispensavel que a educação torne cada vez mais viva e mais explicita na consciencia de todos, a tradição nacional. Com isto se reforça, de geração em geração, a unidade nacional; mas tal resultado só é possível na educação orientada por um programma geral inspirado numa politica essencialmente nacional, cuja realização effectiva é o Estado.

*Manoel Bomfim*

Desde o momento em que um punhado de homens primitivos sentiram a necessidade da collaboração e de defesa mutua, não só para se ampararem contra o medo ao sobrenatural, sinão tambem para se garantirem contra os perigos de toda a ordem, e, ao mesmo tempo, se proverem dos meios necessarios á sua subsistencia; desde o momento em que, para melhor se ampararem e garantirem, tiveram que afeiçoar uma linguagem (1), apoiar-se numa mesma crença (2), combinar e tentar a mesma acção conjuncta; desde o momento em que, com a primeira experiencia, esse punhado de homens, longe de se desmembrar, se fez ainda mais coheso e buscou melhorar os meios e os processos; nesse momento, digo, surgiu, potencialmente, a primeira nacionalidade, e, com ella, esboçou-se a primeira Doutrina.

Levados, igualmente, pelo medo, urgidos por identicas necessidades, outros homens formaram, aqui e ali, outros nucleos humanos, novas nacionalidades se plantaram, as quaes, consoante as condições naturaes do meio em que se fixaram, e a que deveram compulsoriamente adaptar-se, tiveram que adoptar, para a realização dos fins a que visavam, processos e normas que differiam, pouco mais ou menos, de nucleo para nucleo.

E como esses nucleos — em especial os que ficavam mais proximos — nutriam, geralmente, ambição pela mesma seára, ou tinham de concorrer á mesma presa, começou cada um delles a constituir, para o outro, uma ameaça perenne.

Tal competencia deveria cavar, entre esses nucleos, divergencias profundas. Um dia, veio a lucta: desordenada, sem regras, sem preceitos; mas essa lucta, em que houve vencedores e vencidos, essa lucta, não ha negar, foi a *genesis* da guerra.

D'ahi em diante, passou a constituir uma das preoccupações mais imperiosas dos nascentes Estados, em uns — os mais ambiciosos — a maneira melhor de emprehender a guerra, e em outros — os menos ambiciosos — a maneira mais facil de evital-a.

Muito cedo, porem, chegaram esses ultimos á conclusão de que, para evitarem a guerra, teriam que preparar-se para ella.

Eis a razão por que, nos primitivos Estados, a doutrina nacional constava, na sua melhor parte, da doutrina da guerra.

Como todos os individuos sabiam que, da continuação da existencia do Estado, dependia a sua propria existencia; e, como era a guerra trazida de fora, o que mais ameaçava desagregar o Estado — porquanto elle podia ocasionar a derrota e a consequente escravidão — acostumaram-se todos a praticar e a transmittir aos que vinham os preceitos que a lucta pela vida lhes im-

(1) — Na opinião de Paul Deschanel, a lingua é a patria espirital.



Aspirante LUCIO MARTINS MEIRA

Chefe de classe do 3.º anno.

punha. Assim, o interesse do individuo fez com que elle existisse para o Estado e não o Estado para elle.

Dest'arte, nos Estados assim constituídos, a DOCTRINA NACIONAL outra coisa não era que um numero bastante restricto de preceitos, tão simples quanto categoricos, pelos quaes se predispunham todos os individuos — mediante uma educação summaria porem una — a contribuir, do mesmo modo, com o melhor do seu concurso, para a harmonia e prosperidade do Estado, que, entretanto, todos sabiam inevitavelmente sujeito á possibilidade da guerra.

E porque todos o sabiam, a doutrina da guerra constituía uma das partes mais indispensaveis da doutrina do Estado.

Innegavelmente, devêra ser sempre assim, porquanto os dias da humanidade têm sido dias de guerra. Se não, vejamos o que disse, em Junho de 1902, em um discurso que pronunciou, ante as Camaras reunidas, o philosopho e politico patricio Dr. Fausto Cardoso:

«A guerra foi, incontestavelmente, o primeiro modo de aquisição e manutenção da soberania dos Estados, a primeira forma de coexistencia e manutenção das aggre-

ações humanas de todos os tamanhos e matizes. Foi nos campos de batalha que a humanidade viveu a primeira quadra da sua existencia, e, dahi, ainda hoje, ella não se retirou inteiramente.

E' assim que, computando-se os annos de guerra e os de paz, a contar do seculo XV antes de Christo até nossos dias, se acham 3.130 annos de guerra para 227 de paz”!

Accresce mais: durante esse tempo, 8.397 tratados de paz com a clausula de duração eterna, foram firmados e, de facto, não duraram elles, na média, mais de dous annos”.

Sómente por desconhecerem os factores psychologicos das luctas guerreiras, vêm, de ha muito, os pacifistas sonhando com a *Paz Universal*, e, como tal desconhecimento ainda perdura, continuam immersos neste sonho, de que nem mesmo os despertou, em Agosto de 1914, a realidade da *Guerra Universal*.

A observação corriqueira da historia dos povos sempre nos tem demonstrado que, todas as vezes que os homens de de um Estado, minados pelo individualismo, influenciados pela propaganda pacifista ou seduzidos pela miragem dos prazeres, se descuidam dos perigos que, de continuo, os ameaçam, e desattendem, por isso, á preparação militar do dicto Estado, toda a organização do mesmo se nesente.

Assim é que surgem os interesses antagonicos; irrompem as opiniões incompativeis; afrouxam-se os laços sociaes e explodem as luctas intestinas.

Por outro lado, nos Estados em que a preocupação da defesa nacional se faz um sentimento generalizado, não ha divergencias que aturem: a unidade de vista géra a unidade mental. Demais, como se hão de acotovelar os que andam no mesmo rumo? Como hão de, então, collidir, se alem do mais, todos sabem aonde vão?

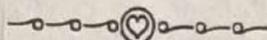
Creada pelo mêdo, imposta, irresistivelmente, ao individuo pela adversidade a que o que o sujeitava o isolamento, A SOCIEDADE NÃO PODERA', EM TEMPO ALGUM, SUBSISTIR SEM A CONSCIENCIA DO PERIGO.

Quanto mais persevero em meditar na citação que encima este Capitulo; quan-

to menos temeraria se me afigura a affirmação de que a *sociedade não poderá, em tempo algum, subsistir sem a consciencia do perigo*; tanto mais se me radica o parecer de que a doutrina nacional se tem que traduzir num «programma geral, inspirado numa politica essencialmente nacional, cuja realização effectiva é o Estado», que, *entretanto, todos saibam invariavel-*

*mente sujeito á possibilidade da guerra.* Como remate aos conceitos emittidos no presente capitulo, espero resumir, com o seguinte aphorismo, tudo o que peaso ácerca da Doutrina Nacional:

*Não haverá Doutrina verdadeiramente Nacional, se della não fizer parte, como factor eliminatorio, uma boa doutrina militar.*



## Exercicios de Artilharia de desembarque

Octavio Mathias Costa

Capitão de corveta ajudante instructor

(CONCLUSÃO)

Em acção para a frente

1.º tempo — A guarnição occupa os seguintes postos:

**Chefe da peça:** na altura do cofre da flecha.

**Atirador e conetriador:** nas azas de coneteira, para desengatar a peça.

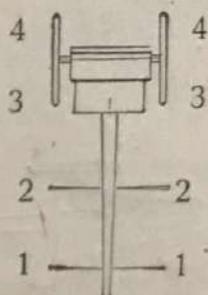
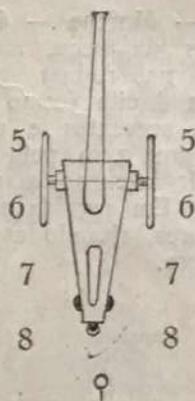
**Apontador e carregador:** junto a flecha do reparo, para auxiliar a evolução da peça, quando preciso.

**Conductores da peça:** junto ás rodas, para manejar os raios da mesma, afim de auxiliar a evolução da peça.

**Serventes do armão:** junto ás rodas do armão, para auxiliar a manobra do mesmo, se for necessaria.

**Conductores do armão:** continuam nas cruzetas.

Estando o carro desengatado, o chefe da peça dirá — **Prompto.**



2.º tempo — **Marche** — (corresponde a effectuar as evoluções necessarias e a preparar a peça para o fogo ou seja — pegar na palamenta); a voz de — **marche** — os serventes da peça, auxiliados pelos seus conductores (estes nas rodas), gyram a peça (como indica a setta na figura) girando a flecha de coneteira para a esquerda e a levam para a direita do armão, que não se deslocou.

Em seguida, todos — pegam na palamenta — do seguinte modo, sem haver voz de commando especial para isso:

**Apontador:** tira a capa da alça; recebida a alça, colloca a mesma no seu lugar; examina o apparelho de pontaria; em seguida ajoelha-se junto a peça.

**O carregador:** ajuda o coneteirador a armar a pá de coneteira; retira a sua ferramenta do cofre; em seguida ajoelha-se junto a flecha.

**O atirador:** tira a taipa do canhão, tira a capa da culatra; auxilia a armar a pá de coneteira; abre a culatra e em seguida ajoelha-se junto a flecha.

**O coneteirador:** arma o leme de coneteira; e auxilia a armar a pá de coneteira, suspendendo a flecha por meio do leme de coneteira; em seguida ajoelha-se junto ao leme de coneteira.

**Os conductores da peça:** auxiliam a armar a pá de coneteira, segurando nas azas de coneteira; vão buscar no armão o cofre dos sobresalentes e o trazem para a rectaguarda da peça; o conductor n. 5 retira a alça deste cofre e o entrega ao apontador; em seguida todos ajoelham-se n'uma fileira a rectaguarda da peça.

**Os conductores do armão:** depois de transportar o cofre ou cofres para junto da peça, ajoelham-se no terreno formando a cadeia de munição.

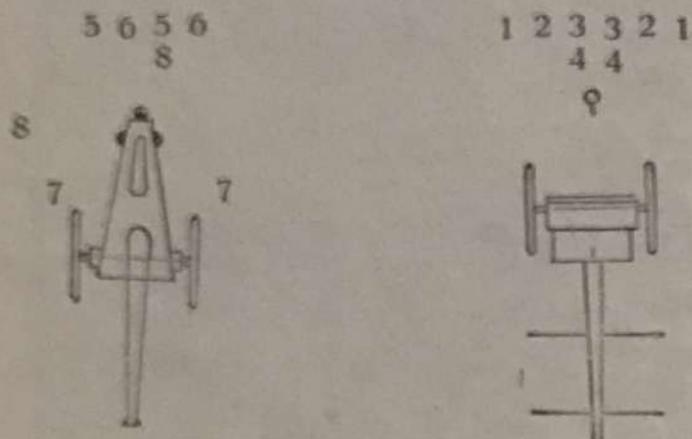
**Os serventes do armão:** auxiliam a retirar os cofres do armão; em seguida ajoelham-se na rectaguarda do armão.

**O chefe de peça:** fiscalisa o serviço, e em seguida ajoelha-se a esquerda do atirador.

**O chefe do armão:** fiscalisa o serviço de munição e ajoelha-se na rectaguarda da linha dos serventes do armão.

O commandante da viatura: ajoelha-se na rectaguarda da viatura, mais ou menos a meio entre a peça e o armão, afim de fiscalisar o seu serviço.

Assim ficam todos nas posições abaixo indicadas.

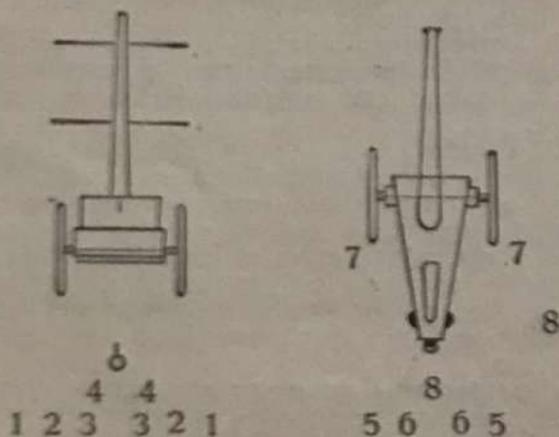


Em acção para a rectaguarda

1.º tempo — (como no caso anterior).

2.º tempo — Marche — á voz de marche os serventes do armão nas cruzetas, gyram o armão para a direita, levando-o para a esquerda da peça, que se conserva na mesma posição.

Em seguida todos pegam na palamenta e tomam as posições indicadas na manobra anterior.

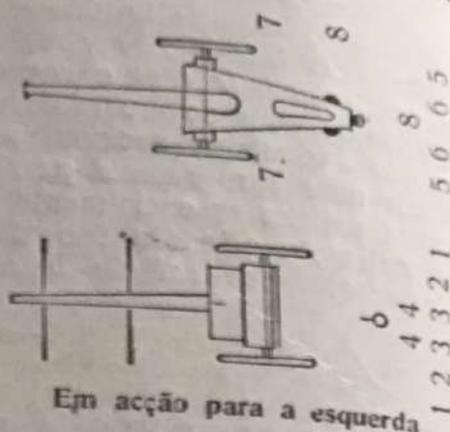


Em acção para a direita

1.º tempo — (como nos casos anteriores).

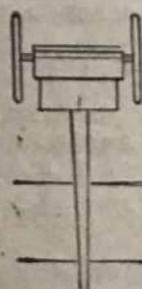
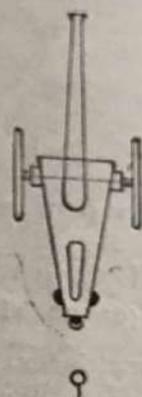
2.º tempo — Marche — á voz de marche — os serventes da peça, auxiliados pelos seus conductores (estes nas rodas) gyram a flexa do reparo para a esquerda (como indica a setta da figura) e os serventes e os conductores de armão (estes nas rodas) gyram o armão para a direita.

Em seguida procede-se como nos casos anteriores, ficando todos como se vê na figura abaixo:

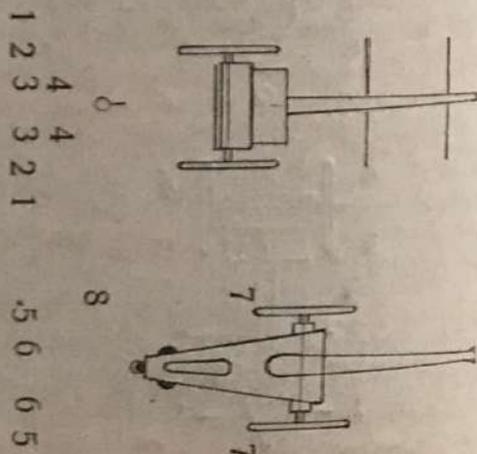


Em acção para a esquerda

1.º tempo — como nos casos anteriores).



2.º tempo — Marche — á voz de marche, os serventes da peça, auxiliados pelos conductores (estes nas rodas) gyram a flecha do reparo para a direita (como indica a setta na figura) e os serventes e conductores do armão, faezndo um gyro pela direita, levam o armão para ir ocupar a sua posição á esquerda da peça. Em seguida procede-se como nos casos anteriores, ficando assim na posição indicada na figura.



A' braços para a frente (rectaguarda, direita e esquerda).

1.º tempo — Todos occupam as posições do 1.º tempo de — em acção.

2.º tempo — levam a peça e o armão para a frente (rectaguarda, direita e esquerda).

Os conductores da peça e os serventes do armão impellem as rodas segurando os raios situados proximamente em angulo recto, e mudando as mãos em cada quarto de volta.

Si o armão não deve seguir a peça, isto será indicado pelo Commandante, á voz — armões fixos.

#### Metter armões para á frente

1.º tempo — atracam a palamenta (desfazer o que foi feito para pegar na palamenta) e em seguida occupam as posições do 1.º tempo de — em acção.

2.º tempo — **Marche** — os conductores da peça (nas rodas) e os serventes da peça, gyram a flecha da peça para a direita, fazendo pião na roda do carregador, até ficar a bocca da peça numa posição diametralmente opposta a que se achava; os conductores do armão o levam um pouco obliquamente a frente afim de engatar com a peça.

#### Metter armões para á rectaguarda

1.º tempo — como no caso anterior.

2.º tempo — **Marche** — gyra-se a flecha do armão para a esquerda, ao mesmo tempo que se recua o armão para vir engatar na peça que é conservada na mesma posição.

#### Metter armões para a direita

1.º tempo — como nos casos anteriores.

2.º tempo — gyra-se a flecha da peça, de 90º para a direita e o armão é conduzido, pela direita, para a frente da peça.

#### Metter armões para á esquerda

1.º tempo — como nos casos anteriores.

2.º tempo — gyra-se a flecha da peça e a do armão de 90º para a esquerda, afim de engatar.

### SERVIÇO DA PEÇA EM ACÇÃO

Estando a peça em acção pode-se mandar para a verificação da instrução:

**Bateria reunir** — formam como já foi dito mais acima.

**Guarnecer** — todos vão occupar os seus postos de acção.

**Pegar na palamenta** — procede-se como já foi dito mais acima.

**Atracar a palamenta** — da mesma forma.

Quando se quizer fazer uma verificação qualquer ou dar uma explicação, sem reunir a bateria, dar-se-ha a voz, — **Alto**; todos interrompem immediatamente o que estavam fazendo, e ficam attentos.

A execução do serviço prosegue, ao commando — **continuar**.

Para desfazer a parte já executada ou todo elle, quando tiver havido erro, dar-se-ha á voz — **ultima forma**.

Querendo-se examinar qualquer serviço, afastando-se os serventes, dá-se a voz — **formar guarnições** — Todos formam, em accellerado, a cinco passos a rectaguarda, em

duas fileiras, cobrindo os serventes e conductores de peça, a respectiva peça, tendo na fileira da vanguarda os serventes e na da rectaguarda os conductores; do mesmo modo os serventes do armão, cobrem o armão formando na primeira fileira e os conductores, na da rectaguarda.

### DOS COMMANDOS

1 — Os commandos são feitos ou directamente ou por meio de transmissão.

2 — Os commandos directos fazem-se á voz ou por gestos.

3 — Os commandos de transmissão são feitos: telephones, signalisação á braços, signalisação optica, portadores de ordens verbaes ou escritas, cadeia de repetidores e toques de cornetas.

4 — Distingue-se tres especies de commando:

a) — O de **advertencia**, que serve de signal para chamar a attenção.

b) — o **preparatorio**, faz conhecer o movimento a executar;

c) — o de **execução**, que determina a execução.

5 — Nos commandos por gestos emprega-se o apito exclusivamente para chamar a attenção da bateria.

6 — Os commandos por gestos são repetidos sómente pelos commandantes de secções devendo porém os chefes de viatura, repetir o **gesto de attenção**. Estes traduzem os gestos em — Commando á voz—, de modo que sejam ouvidos em sua viatura.

#### 8 — GESTOS DE COMMANDO —

**Attenção** — levantar o braço direito verticalmente. Todos os outros gestos de commando devem ser precedidos deste; quando elle não é seguido de outro, significa — **sentido**.

**Marcha** — Baixar e levantar o braço 2 ou 3 vezes approximando e afastando o punho do hombro.

**Alto** — Da posição de attenção baixar lentamente o braço até o prolongamento da linha dos hombros.

**Direcção** — Da posição de attenção descer o braço estendido até que a mão aberta, pollegar para cima, fique na altura da cabeça, na direcção desejada.

**Mudar de direcção** — Da posição de attenção descer o braço estendido na direcção da marcha e descrever um arco correspondente á conversão a fazer e indicar vivamente a nova direcção.

**A' rectaguarda** — Descrever com o ante-braço, duas circumferencias acima da cabeça; voltar-se e indicar a nova direcção.

**Mudar de lado** —, isto é, fazer com que as viaturas da columna de marcha passem simultaneamente de um lado para o outro — Da posição de attenção, baixar o punho á altura do hombro e estender vivamente o braço para o lado a tomar.

**Cerrar intervallos** — Do gesto — attenção — abrir e fechar a mão repetidas vezes, descendo a altura do hombro para o lado conveniente, quando se quizer cerrar sobre um dos flancos.

**Abrir intervallos** — Do gesto — attenção — fazer oscillar o braço duas ou tres vezes, acima da cabeça, de um lado para outro.

**Columna por peça** — Da posição — atenção — apontar com o indicador para a peça que deve formar a testa e estender em seguida o braço para cima, com o indicador erguido.

**Columna por secção** — Da posição de — atenção — apontar com o indicador e o meio escachados para a secção que deve formar a testa e erguer em seguida o braço de modo que toda a bateria veja o — V — formado pelos dois dedos. A frente do Commandante da bateria, indica o lado por onde deve ser tomada a formação.

**Columna dupla** — Da posição de — atenção — estender o braço, direito ou esquerdo (conforme o lado por onde deve ser tomada a formação) para a rectaguarda e descrever horizontalmente um círculo para a frente.

**Em linha** — Da posição de — atenção — colocar o ante-braço, horizontal por cima da cabeça; a frente do commandante indica o lado e a direcção por onde se deve tomar formação.

**Em acção** — Da posição de — atenção — executar com o braço um molinete vertical e determinar o movimento fazendo o gesto de quem dá soccos na direcção em que se deve fazer o accionamento.

9 — **Ordens verbaes ou escriptas** — devem ser claras, simples e precisas. O encarregado da transmissão de uma ordem verbal deve repetir logo que a recebe e esforçar-se por empregar as mesmas palavras quando as transmitir; ao regressar se apresentará, dizendo — dada a ordem — se não tiver comunicação a fazer.

## FORMAÇÕES E EVOLUÇÕES

1 — A bateria compõe-se de 4 viaturas.  
2 — Cada duas viaturas, formam uma secção.

3 — **Frente** — é a direcção para a qual a bateria está voltada; ella é indicada pela flecha do armão.

4 — **Rectaguarda** — é a direcção opposta áquella para a qual a bateria está voltada.

5 — **Flancos** — são os lados da força.

6 — **Intervallos** — é o espaço comprehendido entre os flancos de duas viaturas; quando esses intervallos, contados de lança a lança, são de 4 passos, diz-se que a bateria está com os intervallos **cerrados**; e com os intervallos maiores diz-se que a bateria está com os intervallos **abertos**.

Toda vez que, no commando, não se designar o intervallo, elle deve ser de 20 passos.

7 — **As distancias** — entre as viaturas, são de 6 passos, medidos da lança do armão, á fileira dos serventes de peça da viatura anterior; esta fileira deve estar a 1 passo da bocca de sua peça.

8 — **Alinhamentos** — **Em linha** — a peça-guia é a segunda da direita. Excepcionalmente o alinhamento poderá ser baseado em uma viatura extrema da direita, á voz — **Guia á direita**; para restabelecer o alinhamento pela segunda peça dá-se a voz — **Guia ao centro**.

**Em columna** todas as viaturas regulam o seu passo e direcção pelo commandante da viatura testa.

9 — **Em linha** — As 4 viaturas, com 20 passos de intervallo, n'uma mesma linha de frente.

O **commandante da secção** — no meio do intervallo de suas viaturas e no alinhamento dos 1.ºs. conductores de cruzetas.

O **Commandante de viatura** — a dois passos á direita do conductor guia.

O **Chefe de peça** — á esquerda da peça, cobrindo o alinhamento do chefe do armão.

O **chefe do armão** — á esquerda do conductor do armão, sem intervallo.

Reduzindo-se a quatro passos tem-se a **linha cerrada** — que serve para a reunião da bateria e desfile em **Continencia**.

10 — **Columna por secção**. — Serve para encurtar a columna de marcha. A bateria fica em duas linhas que se cobrem, formando a 1.ª secção a primeira linha e a 2.ª secção a segunda linha. Intervallos nas secções como na bateria em linha. Distancia de uma secção á outra: 12 passos.

**Commandantes de secção** — no meio do intervallo de suas viaturas, porém 4 passos á frente, os demais, como na linha.

Pode-se tambem empregar a **columna cerrada**, em que os intervallos são reduzidos á 4 passos.

11 — **Columna por peça** — serve para columna de marcha, para manobrar no campo de acção. **Distancia das viaturas**: 6 passos.

**Commandantes de secções** — 4 passos á frente de sua secção.

**Commandante da viatura** — 2 passos á frente da sua viatura.

**Chefe de peça** — á esquerda de sua peça (2 passos).

**Chefe do armão** — á esquerda do armão, no alinhamento dos 1.ºs. conductores e á dois passos.

12 — **Columna dupla** — As secções formam em columna de peça; ficando uma secção ao lado da outra, podendo ficar á direita, tanto a primeira como a segunda secção.

## CONVERSÕES

1 — A mudança de frente, conservando a formação, pode ser: á **direita (esquerda)** — **oitavo á direita** — á **rectaguarda** (sempre pela esquerda) salvo se se disser — **pela direita** — á **rectaguarda**.

2 — As amplitudes dessas conversões são approximadamente de 90º, 45º e 180º.

3 — Quando a conversão deve ser realisada com outra amplitude, o Commandante indicará pelo gesto a direcção da marcha ou fará seguir á voz de commando á **direita (esquerda)** — á voz — **Em frente** — quando a nova direcção for alcançada.

4 — Na conversão de secções é a **peça do flanco interior que conserva o passo** — a outra augmentará a sua cadencia, de modo que ambas cheguem alinhadas na nova direcção.

Na **conversão em linha** — o alinhamento obedece ao do Commandante da **secção interior**, que escolhe o seu percurso, tendo como guia a 2.ª viatura. Esta viatura conserva o passo, a do flanco interior diminue e as do flanco exterior augmentam.

## EVOLUÇÕES

1 — **Marcha de frente**, em linha (vóz — **Bateria** — marche (indicar a cadencia). **Bateria** — alto.

2 — **Marcha oblíqua**, — em linha — Vóz **Bateria** oblíqua a direita (esquerda), restabelece-se a frente com a vóz — em frente.

3 — **Marcha retrograda**, — em linha — Vóz — **Bateria** a retaguarda — ou — **Bateria**, pela direita, á retaguarda.

4 — **Mudança de Intervallo**, — em linha — Vóz — **Cerrar** (abrir) intervallos ou — sobre tal peça? **Cerrar** (abrir) intervallos? ou — á tantos passos — **cerrar** (abrir) intervallos.

Quando não for designada a peça, servirá de base a 2ª da direita, que segue em frente com o mesmo passo; as demais ganham o seu intervallo por oitavo á direita (esquerda) aumentando o passo proporcionalmente á distancia a percorrer.

## DOBRAMENTOS

1 — **Passar da linha á columna por secções** — **Por conversão** — Vóz — **Secções á direita** — Os commandantes de secções repetem esse commando.

A secção testa accelera o passo, até dar a distancia necessaria aos outros elementos da columna. A segunda secção faz uma conversão á direita, segue em frente até chegar ao alinhamento da primeira, e faz nova conversão para a esquerda.

**Por desfile** — Vóz — **Bateria**, por secções da direita — a do lado indicado segue em frente, no passo immediatamente superior; a outra secção segue oblíquamente para a direita, assim que poder entrar na columna.

2 — **Passar da columna de secção á columna por peça** — Voz — **bateria por peça da direita** — a peça testa de cada secção segue em frente; as outras oblíquam para o lado direito, e entram no seu lugar na columna.

3 — **Passar da linha á columna por peça** — procede de modo semelhante ao de passar a columna por secções, com a differença, aqui, que as peças evoluem, cada uma de sua vez.

## DESDOBRAMENTOS

1 — **Passar da columna por peça á columna por secção** — Vóz — **Bateria** por secções ou — **Bateria**, pela direita, por secção.

As peças testas seguem em frente; as outras ganham, em passo mais acelerado, os seus intervallos e alinhamentos.

2 — **Passar da columna por peça á columna dupla** — Vóz — **Bateria** — columna columna dupla — ou **Bateria** — pela direita, columna dupla.

A primeira secção segue em frente; a segunda secção em passo mais acelerado vae procurar o intervallo e alinhamento á esquerda (direita) da primeira secção.

3 — **Passar da columna por peça á linha** — Vóz — **Bateria** — em linha (linha cerrada). A peça da secção testa segue em frente; as outras, em passo mais acelerado, tomam o intervallo e alinhamento.

## MOVIMENTO DA COLUMNA POR PEÇA

1 — **Marcha de frente** — Vóz — **Bateria** — marche — ou **Bateria** — acelerado — marche.

As viaturas marcham cobertas pela frente. No caso de alguma se deter por accidentes, as seguintes se desviarão de modo que não se propague interrupção, e continuam a marcha, deixando o lugar para a viatura detida, salvo se receberem ordem de cerrar.

2 — **Marcha retrograda** — Vóz — **Bateria** — retaguarda ou **Bateria** — pela direita, á retaguarda.

Todas as viaturas fazem a conversão onde o fez a viatura testa.

ou — **Peças** — á retaguarda.

ou **Peças** — pela direita, á retaguarda.

Todas as peças fazem simultaneamente a mudança de frente.

3 — **Marcha Oblíqua** — Vóz — **Bateria** — oblíqua a direita (esquerda). Execução simultanea de todas as viaturas, seguida de commando — **Em Frente** — quando o reconstituir-se a columna com a direcção de marcha parallela a primitiva.

4 — **Mudança de direcção** — Vóz — **Bateria** — á direita (esquerda) **Aviatura** testa faz a conversão indicada e todas as outras viaturas fazem-na no mesmo ponto.

## ACCIONAMENTOS

1 — Estando-se em linha, acciona-se á frente ou retaguarda.

2 — Estando-se em columna, acciona-se á direita ou esquerda.

## ESPECIES DE FOGO

1 — **Grupo de tiros** é constituído por tantos disparos de todas as peças quantos torem os grupos commandados... 1 grupo (2, 3 grupos etc.). Cada peça atira ao commando do chefe de peça, assim que tiver prompta, fazendo tantos disparos quantos forem os grupos commandados.

Para que os disparos de um grupo de tiro não saham muito dispersos, convém que essa vóz seja dada quando todas as peças estiverem promptas, e é preciso que os chefes de peça só commandem fogo depois que o Commandante da segunda secção tiver repetido o commando.

2 — **Fogo escalonado** — Só se emprega esta especie de fogo com Sharapnel. Vóz — Alça 30 — escalonar, 1 grupo.

Escalonar significa augmentar a alça da direita para a esquerda, de 100 de uma peça para outra.

**Fogo escalonado por secção** — Significa que as duas peças da secção da direita atiram com a alça commandada; as duas da outra secção augmentam-na de 100.

O escalonamento póde deixar de ser de 100; deve-se então indicar a sua grandeza, no commando — Alça 40 — Escalonar de 50 — um grupo.

**Salva** — E' constituída pelos quatro's disparos successivos das peças da Bateria.

Vóz — Uma salva (2, 3 salvas).

1 — As peças disparam successivamente, a partir da direita e ao commando do respectivo commandante da secção, com intervallos de 5 a 6 segundos, recomeçando a da direita depois que a ultima tenha disparado, si se houver commandado mais de uma salva,

2 — Se a peça não ficar prompta, o fogo passa adiante e ella só atirárá novamente, quando lhe tocar a nova vez.

3 — O intervallo dos disparos pode ser augmentado ou diminuido; no 1º caso dá-se a vóz — Fogo lento — tantas salvas — no segundo caso: Fogo vivo — tantas salvas, os disparos succeder-se-hão com intervallos de 1 a dois segundos.

4 — Para voltar á salva com intervallos normaes, o commando será — Fogo habitual. Fogo por peça — Vóz — Por peça — togo — O commandante da secção fará dis- parar a peça que estiver na vez, esperando cada uma o commando — fogo — dado pelo commandante da bateria. Para proseguir neste exercicio, o commandante da bateria, depois de cada quarto tiro, commanda — Continuar.

Fogo rapido — Cada peça dispara ao commando do respectivo chefe de peça, assim que estiver prompta, fazendo-se todo o serviço com a maxima presteza, sem prejuizo da exactidão.

Nota — qualquer que seja a especie e a velocidade de fogo, cada peça só atira ao commando — tal peça — fogo.

## Mal incuravel

E' o enjôo de mar. Não ha outro.

Por isso, o inglez formulou aquella receita: «Si á primeira vez que embarcas, tu enjôas, procura distrahir-te, porque este mal é antes mal dos nervos. A' segunda vez, si enjoares, toma limão, chupa laranjas verdes. A' terceira, consulta o medico de bordo, que talvez te allivie o incommodo com uma droga qualquer da botica. A' quarta, desgraçado, desembarca, e nunca mais ponhas o pé a bordo. E' o unico remedio para o enjôo».

E tem razão o amigo inglez.

Só quem nunca sahio barra a fóra tem direito a ignorar o que seja essa horrivel molestia, talvez a peor de todas, porque é a unica que faz a mulher esquecer e pudor. Barra a fóra, digo mal. Tenho visto muita gente enjoada até nas barcas da Cantareira. Para não citar um collega que tive na Escola Naval, que por signal foi obrigado, a bem das proprias tripas, a abandonar a carreira. O infeliz enjoava até no exercicio de escalar; e de tal modo ficou que já não podia olhar nem para um remo sem que lhe viessem nauseas e arrepios, quando não desandava a vomitar com mais estrondo que o finado Menezes Badaró, quando comia queijo.

Não ha muito, tive que ir a Santos num navio da Costeira. São estes barcos dos que mais jogam. Fazem até lembrar o «Floriano», uma vez que sahio para o mar depois de pagamento, provocando o conceito de um marujo:

— Este marvado não se emenda. Ainda hontem se recebeu sordo, e já elle vae perdêr tudo no jogo.

la cheio o «Itapuca», Gente *chic* de S. Paulo e alguns paes da patria em viagem de férias.

A principio, tudo eram flôres. Depois, mal o navio defrontou a Rasa, ficámos na tolda eu, um deputado paulista e um padre. O resto dos passageiros enfiou nos camarotes, cada qual com a sua provisão de laranjas e limões.

Conversavamos. O deputado passava sempre bem. Tinha encanto pelo mar. O seu desejo era ter sido official de marinha. Seria hoje (calculava elle) da turma do Penido ou do Alencastro. Mas cortaram-lhe a vocação. Teve que cursar direito por imposição paterna. Mais tarde, a politica. Comtudo, não se arrependia. Pudera! — ruminei eu.

O padre era uma rocha para o mar. Vivia em viagem, como um cabrestante. Nunca se déra mal. E olhem que já apanhára temporaes de escacha. Uma vez, atravessando a Mancha...

Cousa notavel: padre nunca enjoa.

Vim do norte, ha alguns annos, num vapor pequeno que era um cabrito a saltar sobre as ondas. Toda a gente gritou. Havia, como sempre, um padre a bordo. Pois eu enjoero, o commandante enjoou, os pilotos enjoaram, creio mesmo que até a chaminé. Uma tarde que subi a refrescar, dei com o padre solitario na tolda, bem disposto a ler um livro e a fumar cachimbo.

Tanto que resolvi modificar a receita do inglez. Para o enjôo de mar só existe um remedio infallivel: vestir uma batina.

Voltando ao caso, o «Ita» cabriolava como um vitello ás marradas. Vi as cousas pretas. Olhei para o deputado, o tal da vocação cortada: estava livido, sorrindo o classico sorriso côr de canario dos semi-enjoados. Olhei para o sacerdote: contemplava o oceano, impassivel. Dahi a minutos o politico pediu licença. Ia repousar ao camarote. Andava tresnoitado (afirmava elle) com os ultimos trabalhos da Camara. Mas não chegou a descer; foi ali mesmo. Inundou o convés com uma explosão de sopa de legumes e outros ingredientes do accidentado cardapio maritimo.

Mais tarde subi ao passadiço. Ficou só-sinho o padre, granitico, imperturbavel, senhor absoluto do navio.

Para o enjôado só conheço uma comparação: o estudante a fazer exame. E' a mesma cara côr de cera, desenhada de contorsões exoticas, suando um suor copioso e frio; é a mesma passividade morbida, não se importando que se faça delle o que se queira, comtanto que se o livre daquella estopada.

E a mulher atacada do indesejavel mal de mar? Coitadinha! Vae-se a vaidade por agua abaixo, vão-se os cuidados de belleza — o bistre, o rouge, o pó de arroz. Entrega-se toda ao abandono de si mesma, desleixada numa *chaise longue*, pallida, desgrenhada, de olhos cerrados, num adoravel *negligé*. Si a perturbam, irrita-se, quasi sem falas: antes, põe-se a gemer em miados de gata enferma. Nunca vae á mesa.



Turma do 4.º anno em viagem de instrucção no cruzador "Barroso".

E' capaz de passar sem alimento do Rio Grande ao Pará. Quando desembarca, é um cadaver que alguém conduz, arrasta a um *restaurant*, dá-lhe um banho de aguas mineraes. A terra parece-lhe que oscilla como o navio; tudo em redor gyra, zune, atordoa. A' mesa, ainda se lembra da comida, do cheiro, dos longos dias de bordo, e enjoa mais uma vez, promettendo nunca mais embarcar.

Os enjoados profissionaes consolam-se com o exemplo de antepassados illustres. Recordo-me de um da minha turma que em ancias exclamava:

— Nelson, o grande Nelson, enjôou no dia de Trafalgar. E ganhou a batalha.

— Si não enjoasse, talvez a tivesse perdido — commentava outro, do beliche de cima.

Muitos enjoam com *pose*. Nunca o confessam. Por isso, ficam firmes no passadiço, e de quarto em quarto de hora correm á ré, «a ver o odometro».

Outros fazem penosas travessias, em contraste com a navegação: fundeam quando o navio suspende, e suspendem quando o navio fundea. São uns bichos num pau de portof; e em geral os mais tésas.

Que mal faz enjoar, comtanto que não se suje o convés nem se lése o proximo?

Nelson, como lá disse o outro, enjôou. Napoleão, rumo de Santa Helena, quasi arreventa o estomago. Pedro Alvares Cabral, garante o Mendes Fradique na sua *Historia do Brasil*, descobriu o Brasil a vomitar como um lorpa. Cochrane enjoou, Saldanha enjoou, eu enjoei.

Até na religião catholica se encontram casos de santos enjoados. Querem um exemplo? Santo Antonio «falando aos peixes»...

Com razão dizia o Mané Bocca Torta, fachineiro da «Tymbira», agarrado á balastrada, a esvasiar o recheio:

— Vocês são bestas. *Gosmitar* não é vergonha. O que é preciso é *gosmitar* com certa dignidade.

*Gastao Peralva*

Mappin & Webb

J ALHEIROS

RUA DO OUVIDOR, 100

RIO DE JANEIRO

ESPECIALIDADE EM JOIAS

E PEDRAS FINAS

RELOGIOS E PRESENTES

EM PRATA DE LEI

FANTASIA, ETC.

Londres — Buenos Aires — S. Paulo — Paris

«Lindo mimo de arte, ermo ninho ás flores,  
No cimo azul pontilha o alvo castello,  
Velando — eremiterio dos amores,  
O idyllio mais suave e o par mais bello.

Lêdo ciciar de ramos multicores  
E o ruido de um beijo, como o sêlo  
De eternas juras, é nos arredores  
O só murmurio do recanto bello.

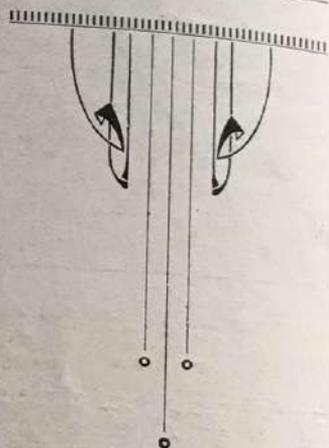
Elle pede, a afagar-lhe as mãos de neve,  
— Deixa aspirar. deixa roçar de leve  
A flor de sangue dos teus labios puros.»

Nisto sôa o clarim; e já desperto  
Sente o fantasma da aula que vem perto,  
Somno heroico, altos toques, bancos duros.

## ALVORADA

por

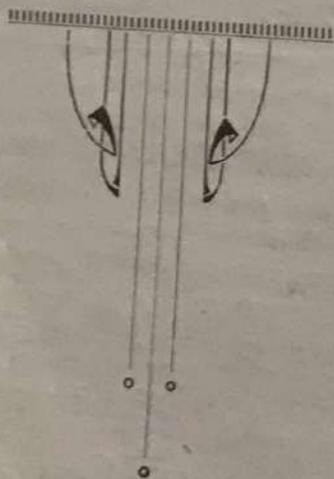
Joaquim Pernambuco



## Amor nautico

por

O. C.



<sup>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11</sup>  
O nosso amor é um ponto atrapalhado.  
(Ponto estimado para nós, mas não  
Para teu pae, o qual tem observado,  
Que eu ainda não tenho posição).

A tua mãe, porém, tendo marcado  
A latitude desta cruel paixão,  
Furtivamente dá compensação  
Ao nosso appartamento amargurado.

Vejo, por mais que sonde com malicia,  
Que o nosso affecto segue a loxodromia,  
Em cujo polo o juiz espera a gente.

Resta um circulo maximo : a policia ;  
Mas uma tal derrota um outro tome-a,  
Que eu me desvio e saio na tangente.

## O CAPITÃO JACOB

Encontrei-me hontem com o Jacob No-gueira. É um cearense de popularidade internacional. Já esteve na Allemanha, antes da guerra, ajudando o Kaiser a projectar o canal de Kiel, ajudou Hugo Stinnes a fazer o «trust» da navegação e é deste irrequeto cearense o décimo primeiro e o decimo segundo dos quatorze principios que Wilson lançou ao mundo durante a guerra.

Actualmente, ensina esgrima na Escola Naval.

— Você, Gabino, (disse-me ele) escreveu ultimamente uma historia em que demonstra que o mineiro é mais esperto que o cearense. Realmente, no caso narrado, o mineiro «embrulhou» o cearense. Quer ouvir uma historia em que se deu justamente o contrario?

— Quero, meu caro Jacob.

— Em cidade do interior do Ceará, estabeleceu-se um mineiro com um negocio de fazendas e fez fortuna. Num raio de cem leguas ou mais, era este mineiro o unico habitante do Ceará que possuia um cofre de ferro, uma «burra» forte e segura. Era elle quem guardava toda a fortuna em especie dos moradores das redondezas e, não dando jámais recibo ou qualquer outro documento, foi assim o herdeiro de muito cearense que as seccas mataram... Certo dia, appareceu na loja um pequeno criador de gado de logarejo proximo. Os negocios tinham corrido muito bem e alli estavam em notas do thesouro dous contos de réis. Vinha pedir ao negociante mineiro que guardasse, que fizesse o favor de guardar no seu cofre. O obsequio foi feito e os dois contos lá ficaram na «burra». Passaram-se dois annos e um bello dia o pobre criador de gado precisou do cobre e procurou o dono do cofre, a quem pediu os dois contos.

— Que dois contos?

— Aquelles dois contos que eu dei para guardar.

— Você está enganado, eu não recebi este dinheiro.

O pobre criador comprehendeu que estava embrulhado, pois que não tinha documento, nem havia testemunha da entrega do dinheiro.

Sahiu da loja muito triste e sentou-se um pouco adiante numa pedra a pensar na sua desgraça e a chorar. Pouco depois passou um seu compadre e amigo, que indagou do motivo da tristeza. Informado do que se passara, o compadre pensou alguns minutos e disse:

— Muito bem; eu dou um remedio ao seu caso. Vá para a porta da loja do homem e, quando você observar que estou passando o lenço na testa, entre apressado e diga: Faça o favor de me dar os meus dois contos.

O compadre entrou, cumprimentou o mineiro lojista e foi logo dizendo:

— Eu vim para que me faça um favor. Eu juntei dez contos de réis para comprar machinismos para a minha fazenda. Tenho um irmão, porém, que me escreveu lá dos fundos do Amazonas dizendo que está muito doente. Queria que o senhor me guardasse estes dez contos até a minha volta, se eu voltar, pois que o lugar para onde vou é máo mesmo.

E assim dizendo o compadre tirou o lenço e passou na testa. O tal dos dois contos entrou neste momento e pediu: Faça o favor de me dar os meus dois contos.

O lojista sem dizer uma só palavra abriu o cofre e entregou a quantia... na esperança de guardar os dez do compadre.

Gabino Duque.

## NAVEGAÇÃO

PELO PRIMEIRO TENENTE

EUGENIO DA SILVA POSSOLO (\*)

(1917)

(CONTINUAÇÃO)

### CAPITULO II

#### Agulhas — Theoria dos desvios Magnetismo terrestre

É a terra um grande iman, sobre o qual se acha irregularmente distribuido o magnetismo. Colocada uma agulha imantada, livre de girar em torno de um eixo vertical, em qualquer ponto da superficie terrestre, ella se orienta segundo uma direcção fixa para cada logar; si a agulha fôr deixada livre de girar em torno de um eixo horizontal perpendicular a esta direcção, verifica-se que a atracção magnetica da Terra não se exerce horizontalmente porquanto a agulha toma uma certa inclinação tambem constante para cada

logar. A força directriz que, em cada ponto da Terra, aje sobre a agulha magnetica chama-se força magnetica total.

O plano que contem a vertical do logar e a direcção segundo a qual a agulha se orienta chama-se meridiano magnetico do logar e o seu traço sobre o horizonte constitue a linha N-S magnetica. A força magnetica total póde ser decomposta segundo dois eixos, um horizontal e outro vertical, ambos existentes no plano do meridiano magnetico; chamando F a força magnetica total, i o angulo que ella faz com o horizonte, H a componente horizontal e V a componente vertical, são evidentes as relações:

$$H = F \cos i$$

$$V = F \sin i$$

Os dois pontos da superfície da Terra em que a inclinação  $i$  atinge  $90^\circ$  são chamados polos magnéticos; acham-se situados respectivamente a  $73^\circ 30'$  de latitude S e  $147^\circ 30'$  de latitude E Gw e a  $70^\circ$  de latitude N e  $96^\circ 45'$  de longitude W de Gw. O lugar geométrico dos pontos em que a inclinação é nula chama-se equador magnético.

A declinação magnética, anteriormente definida, varia com o tempo em cada lugar; essa variação é, porém, lenta, não sendo sensível em intervalos menores de um ano.

Em certas regiões da superfície terrestre, manifestam-se atrações locais que prejudicam a ação diretriz do magnetismo terrestre sobre a agulha. Na costa NW da Australia, nas costas da Islandia, na baía de Odessa, nas costas de Madagascar e na região das ilhas vulcânicas próximas de Java, essas perturbações, manifestando-se por bruscas variações da declinação em pequenos espaços, obrigam a uma vigilante navegação e tornam precário o emprego da agulha magnética para a determinação dos rumos.

O magnetismo local pôde ser caracterizado pela força magnética total, pela declinação e pela inclinação; entretanto, as determinantes geralmente empregadas são a componente horizontal, a declinação e a inclinação. A força magnética total e a declinação podem ser medidas por meio do magnetometro e a inclinação por meio do círculo de inclinação; para o uso da navegação, porém, foram construídas cartas especiais que mostram os elementos magnéticos correspondentes a cada lugar da Terra. Nelas são traçadas as linhas izodinâmicas, que são o lugar geométrico dos pontos em que a componente horizontal tem o mesmo valor, assim como as linhas de igual inclinação e de igual declinação. As próprias cartas náuticas fornecem também a declinação magnética correspondente à região que representam e, tanto as cartas náuticas como as magnéticas, consignam a variação anual da declinação em cada lugar.

### *Agulhas magnéticas*

As agulhas magnéticas são instrumentos empregados a bordo para a determinação da linha N—S. no mar. O princípio em que se funda é o da atração e repulsão mútua dos corpos carregados de magnetismo. Dada uma barra imantada que tenha um único ponto fixo em sua zona

neutra, si ela fôr sujeita á ação de um determinado campo magnético, ela se orientará segundo a linha de força desse campo que passe pelo ponto fixo. As agulhas magnéticas instaladas a bordo, utilizam este princípio, servindo-se do campo magnético terrestre.

As agulhas modernas se compõem, em sua essência de um sistema de barras imantadas paralelas, em numero par, dispostas em um mesmo plano, de tamanhos diferentes, e constituindo um todo que pôde girar livremente sobre um pivot vertical, cujo eixo passa pelo centro de gravidade do conjunto movel. Sobre esse conjunto é disposto um círculo ou um anel circular em que é traçada uma zona dos ventos e uma gradação concentrica, disposta segundo o modo de contagem adotado.

Alguns fabricantes, no intuito de diminuir o atrito do pivot, diminuindo o peso aparente do conjunto movel, resolveram dispor este conjunto com o seu eixo de rotação dentro de uma cuba em forma de calóte esférica, cheia de um liquido de densidade calculada. São as chamadas agulhas a liquido de que é exemplo a agulha Chetwynd & Clarck, adotada em nossa marinha. Esse conjunto em que existe o eixo de rotação, quer nas agulhas a liquido, quer nas secas, é preso por intermedio de uma suspensão Cardan a uma coluna tronconica de madeira que lhe serve de suporte e que é denominada bitaculo; dessa forma, qualquer que seja a inclinação que o navio tome por efeito do balanço, a suspensão assegura a posição vertical do eixo de rotação da agulha. No interior da peça em que existe o eixo de rotação e na direção da prôa do navio, existe traçada uma pequena linha vertical chamada linha de fé; quando o navio muda de direção, ficando a agulha fixa por efeito da atração magnética terrestre, a linha de fé vai percorrendo as gradações da zona dos ventos e mostrando os diversos rumos da agulha que o navio vai tomando.

As bitaculas comportam sempre uma cupola movel, que protege o seu interior e é munida de janelas e pinulas que permitem fazer se vizadas durante máo tempo; comportam ainda um sistema de iluminação que facilite, á noite a leitura das indicações da agulha e é de uzo fixar-lhes, na parte externa e na linha de pôpa á prôa um clinometro que permita apreciar os balanços do navio.

Além desses acessórios, vão as bitaculas munidas de um sistema de compensação, composto de um conjunto de imans de diferentes dimensões, denominados corretores, cujo destino estudaremos adiante.

Nas mais modernas bitaculas a disposição para receber esses imans é feita da seguinte fôrma:

Na parte anterior da bitácula é fixado externamente um alojamento vertical feito de um metal não magnético. Na parte interna, ao longo do eixo de figura da bitacula é reservado um vazio cilíndrico ao longo do qual desliza uma pequena caixa cilíndrica em que podem ser dispostos pequenos imans verticais e cujo movimento é commandado por uma corrente, que se folge ou se pucha, graduada de fôrma a indicar a distancia entre os imans e a agulha. No interior da bitacula existem ainda dois alojamentos horizontais dispostos na direção da prôa á pópa, de um lado e outro da bitacula, ambos podendo elevar-se ou se abaixar por meio de uma corrente sem fim manobrada por uma chave propria. Finalmente, na parte posterior interna, existe um outro alojamento horizontal, em tudo semelhante aos longitudinais, sendo porém disposto transversalmente. Na parte superior da bitacula, de um lado e outro, existem ainda dois braços horizontais, sobre os quais deslizam duas esferas de ferro doce que se aproximam ou se afastam á vontade.

Nas agulhas a liquido, por mais cuidadoso que seja o fechamento da camara em que a agulha existe mergulhada, fôrma-se sempre, no fim de um tempo mais ou menos longo, uma bolha de ar que é preciso eliminar. Nestas condições, para

evitar a necessidade de encher constantemente a agulha, — operação que é dificultada por não se ter sempre á mão o liquido conveniente, — foram construídas as camaras variaveis, munidas de orificios abertos em forma de cilindro, tapados por verdadeiros embolos que se póde fazer entrar movendo-os por meio de uma chave própria de fôrma a diminuir a capacidade da camara.

As agulhas de bordo, sob o ponto de vista de sua utilização, se distribuem em tres classes que são, na ordem de precisão decrescente: agulha padrão, agulhas de governo, agulhas de escaléres.

A agulha padrão é a principal de bordo e a ela se aferem as de governo. Sua compensação deve ser a mais cuidadosa e ela deve ser colocada, tanto quanto possivel, afastada das grandes massas de ferro a bordo existentes. Além disso, convém que seja situada em logar alto e desembaraçado para que pela se possa vizar a maior porção possivel do horizonte, pois dela é que serão feitas as marcações.

As agulhas de governo que, além da compensação propria, devem ser constantemente aferidas á padrão, são colocadas proximas das rodas de leme e servem, como o seu nome indica, ao governo do navio. Geralmente se coloca uma no passadiço, uma na torre de comando e outra próxima da roda do leme á mão. Nos pequenos navios, a agulha padrão é geralmente uma das agulhas de governo.

As agulhas de escaleres são pequenas agulhas portateis, sem compensação, que são utilizadas pelas embarcações miudas em ocasião de nevoeiro ou quando seja necessário abandonar o navio.

(Continua).

## P R E S A G I O

oo ————— oo

Não sei que féro e mau presentimento  
Me faz o coração pulsar afflicto;  
Esconder não sei mais e então constricto  
Volvo supplice olhar ao firmamento;

A implorar ao Deus sempre bemdito  
Que se condoa deste meu tormento;  
Fortaleça minh'alma e dê-lhe alento  
Desviando esse mal que premedito.

Eu vejo a cada passo, escuto, sinto,  
o mar na furia de um voraz faminto  
Tragar a prêza — o "Benjamim Constant".

E enão orando fervoroso e crente,  
oppondo ao mar o céu omnipotente,  
Acalmo o coração de tanto afan.

Olavo Coutinho Marques.

# Secção desportiva

## BREVES NOTAS SOBRE NATAÇÃO

pelo Instructor da Liga de Sports da Marinha

ROBERT A. FOWLER

### O CRAWL STROKE

Principiantes: — O «Crawl Stroke» é o melhor nado para os principiantes porque sua acção envolve os movimentos do corpo que são instinctivos e permitem inclinação natural para o deslize. D'ahi o principiante desenvolver uma coordenação de braços e pernas que é o requisito mais essencial para nadar.

A experiencia tem provado que os principiantes ensinados pelo «Crawl», adquirem a pratica do mar no mais curto tempo e obtêm proficiencia o mais rapidamente possivel. É o melhor nado como exercicio, pois desenvolve o corpo mais igualmente e mais efficientemente que qualquer outro. E é o melhor nado para competição, pois todos «records» existentes foram estabelecidos por cultivadores d'esse methodo.

Na aprendizagem da natação o principiante deve procurar condições favoráveis para a pratica, afim de que seu progresso não sofra demora. Um local com agua pela cintura e com temperatura mais ou menos igual a do corpo, apresenta boas condições; porque o conhecimento de que a agua não está acima da cabeça inspira um sentimento de confiança; e a falta de frio na agua contribue para o relaxamento muscular.

O primeiro passo do principiante para aprender o «Crawl», deve ser: ficar com uma perna dobrada no joelho, o pé da mesma contra uma superficie a prumo, tal como um rochedo, um muro, etc., etc... estender os braços para frente, na superficie, junctar as mãos, tomar uma profunda inspiração, mergulhar a cabeça e empurrar delicadamente com a planta do pé, estendendo immediatamente o corpo que formará uma linha recta das mãos aos calcanhares. Depois de deslizar em movimento durante algum tempo, o principiante deverá então começar a bater as pernas para cima e para baixo, alternadamente. O batimento deve ser ligeiro, porém, facil, applicando, muito pouca energia. As pernas devem ficar rectas, porém, completamente relaxadas.

Depois de executar bem esse movimento o principiante começará os movimentos dos braços que são simplesmente giral-os alternadamente em circulos, ao mesmo tempo que vira a cabeça para o lado direito quando a mão direita sae d'agua, e para o lado esquerdo quando sae a mão esquerda. Quando os movimentos da cabeça, braços e pernas poderem ser combinados para dez golpes consecutivos, é então tempo de cuidar da respiração.

Como é necessario inspirar pela bocca e expirar pelo nariz, o principiante achará mais facilidade em conseguir esse desideratum praticando o com os pés no fundo. Tome-se uma profunda inspiração pela bocca, mergulhe a

cabeça e expire vagarosamente pelo nariz, dentro d'agua. Quando o livre borbulho do nariz denotar expiração facil, esta pratica estará concluida.

O principiante dará então algumas braçadas, reparando para que lado elle gira a cabeça com mais facilidade, escolhendo esse lado para respirar. Quando a respiração está perfeita, a cabeça não gira mais para os dois lados. Depois de esperar para o lado escolhido, o principiante volta então á posição normal, e fica direito com a face submergida, expirando atravez do nariz dentro d'agua, enquanto o braço do lado opposto está correndo para frente em restabelecimento do golpe. A respiração no nado completa as instrucções elementares para o principiante. Depois o caso é de aperfeiçoamento gradativo; a acção em complemento com os requisitos do «Crawl».

### A ACÇÃO MODELO DO CRAWL

#### Posição do corpo

Os braços estendidos para frente, na superficie, e o corpo esticado em todo o seu comprimento, formará uma linha recta dos dedos das mãos aos calcanhares. As pernas devem ser completamente soltas para permittirem qualquer acção dos joelhos e calcanhares. Os pés devem estar apontados e virados para dentro.

#### Acção das pernas.

O impulso deve ser de oito movimentos para cada «stroke» completo dos braços, sendo facil com applicação de muito pouca energia; e a distancia entre os calcanhares não deve exceder oito polegadas de abertura.

#### Acção da cabeça

A cabeça deve oscillar como se ficasse em um pivot. Deve, no acto de respirar, virar simplesmente e nunca mover para diante e para traz ou girar acima do hombro opposto ao lado em que se respira. Deve ainda se conservar ao nivel d'agua até que o braço inferior tenha completado o seu curso, expirando o nadador ao mesmo tempo.

#### Acção dos hombros

Os hombros devem ser chatos e quadrados, porque da acção correcta d'elles é que depende o balanço do corpo. Deve ser fto do nadador de «Crawl Stroke» trabalhar os braços independente do corpo, e de tal modo que os hombros não sigam seus movimentos para traz e para frente, porém, ajam em conjunção com

a cabeça e separadamente, eliminando d'este modo tanto quanto possível o rolamento do corpo que é o grande detrimento da velocidade.

### Acção dos braços

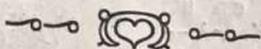
O primeiro passo para aperfeiçoar a braga é dobrar os cotovellos e conservar os braços perto d'agua, em vez de jogal-os para frente e para cima completamente esticados quando elles saem d'agua. Como cada um varre a superficie, o ante-braço é lançado para longe do corpo e em volta, de modo que descreve approximadamente meia circunferencia, com o cotovello quieto. Então quando a mão aponta para frente o cotovello começa a avançar muito de vagar e não mais de oito polegadas acima da superficie. Este acto de dobrar é muito importante, pois o balanço do corpo depende em grande parte d'elle, devendo portanto ser praticado até ser executado direito.

Cada braço deve entrar na agua com o cotovello um pouco mais alto do que a mão, isto é, dando ao ante-braço um pequeno declive, o pulso recto, a palma da mão para baixo,

os dedos fechados. A mão deve entrar n'agua directamente de frente do olho do seu lado.

A força é applicada com uma pressão para baixo no momento da entrada e um esforço sufficiente deve ser exercido para dar um suporte ao hombro. Então o braço corre vigorosamente para traz, dobrando no cotovello depois de ter percorrido um terço da distancia desde o alto. Elle deve ser mantido de modo que a mão puxe de baixo do meio do corpo, até que acabe o mergulho. Então sobe para fóra e justamente antes de chegar á superficie a mão está voltada para dentro e a palma para a perna. Ao deixar a agua a mão gira com a palma para baixo e pende por um segundo do pulso, mas o ante-braço continua a se mover para fóra e a mão reassume a posição normal, ainda com a palma para baixo, como com os circulos em volta do ante-braço.

A acção mostrada deve ser executada de modo que o mergulho debaixo d'agua seja poderoso, a dobra do braço rapida e o restabelecimento acima da superficie muito de vagar, com os musculos completamente relaxados. O Cyclo total deve ser continuo e suave, fazendo todas as pausas e lances afim de que possa ser conservado um balanço correcto do corpo.



## Algumas notas uteis para a guarnição de um escaler

( Compiladas de varias fontes )

Octavio Mathias Costa, Capitão da Corveta ajudante.

### DESIGNAÇÕES DA GUARNIÇÃO

*Vogas* — São os dois primeiros remadores, junto ao paineiro, quando a embarcação é de *palamenta* (dois remadores por bancada); é o primeiro remador, junto ao paineiro, quando a embarcação é de *voga* (um remador por bancada, como nas canoas).

*Sota-vogas* — são os dois que se seguem aos vogas.

*Contra-vogas* — são os dois que se seguem aos sota-vogas.

*Meios* — são os dois que se seguem aos contra-vogas, quando a embarcação é de quatorze remos.

*Contra-prôas* — são os dois que se seguem aos contra-vogas ou aos meios.

*Sota-prôas* — são os dois que seguem aos contra-prôas.

*Prôas* — são os dois ultimos remadores de vante, ou o ultimo remador na embarcação de *voga*.

### DEFINIÇÕES TECHNICAS

*Seguimento* — é o movimento para vante, de uma embarcação;

*Cahimento* — é o movimento para ré;

*Abatimento* — é o movimento de translação lateral;

*Orçar* — é approximar a prôa da linha do vento;

*Arribar* — é afastar a prôa da linha do vento;

*Guinar* — é mudar o rumo de uma embarcação, sem fazer referencia ao vento;

*Arfar* — é a acção em virtude da qual uma embarcação ergue a prôa, devido ao embate da vaga;

*Caturar* — é a acção opposta á de arfar; são estas as designações que tomam os balanços da embarcação, no sentido da linha de pôpa á prôa, dando-se a denominação de *jogo* aos balanços no sentido de BB a BE;

*Barlavento* — é o bordo d'onde vem o vento;

*Sotavento* — é o bordo para onde vae o vento;

*Virar por davante* — é mudar de amuras orçando, isto é, passando pela linha do vento;

*Virar em roda* — é mudar de amuras arribando, isto é, sem cortar a linha do vento;

*Airavessar* — é fazer parar uma embarcação que está velejando;

*Navegar á bolina* — é velejar, recebendo o vento do travez para vante;

*Navegar ao largo* — é velejar, recebendo o vento pelo travez; ou até 2 quartas do travez para a pôpa;

*Navegar aberto* — é velejar, recebendo o vento pela *alhetá*; ou até uma quarta da pôpa.

*Navegar pelo redondo* — é velejar, recebendo o vento pela pôpa;

*Voga* (no remar) — é a cadencia que se dá aos remos, ou o intervallo entre duas remadas;

*Voga larga* — é a voga em que se dão duas remadas, em 10 segundos; é utilizada, normalmente, para longas travessias ou com o mar cavado;

*Meia-voga* — é aquella em que se dão tres remadas, em 10 segundos;

*Voga-picada* — é aquella em que se dá quatro remadas para cima, em 10 segundos; utilizada em serviço urgente e em regatas;

*Bater-a-voga* — quando se quer passar de uma cadencia para outra, o voga de BE, dá

uma pancada n'agua (com a pá do remo, afim de chamar a atenção da guarnição;

### RECOMMENDAÇÕES

Antes de arriar uma embarcação, o patrão deve:

Fazer subir para a embarcação dois dos remadores, para os serviços das talhas; esses primeiramente, fecharão as boeiras e, em seguida, disporão os croques, de modo que fiquem á mão;

Mandar tirar as voltas aos *cabos de cabeça*;  
Mandar clarear as talhas;

*Nota* Os dois remadores que estão dentro da embarcação devem sempre ficar por dentro das talhas e nunca entre as mesmas e as extremidades da embarcação, porque se arriscam a ficar imprensados pela talha, se houver qualquer acidente, que dê em resultado desprender-se bruscamente um dos extremos da embarcação.

Ao arriar-se uma embarcação, deve-se fazel-o, conservando-se a mesma proximamente horizontal; a pôpa deve tocar á agua um pouco antes da prôa.

Quando se arria uma embarcação em um navio que está filado á maré; a *talha de ré* — é desengatada em primeiro lugar; e a *de vante*, no caso contrario. Quando se arria a embarcação de um cáes, desengata-se, primeiramente, a da prôa ou a da pôpa conforme a maré.

Quando se arria uma embarcação, com máo tempo, deve-se passar uma *boça falsa* para bordo, afim de melhor aguentar-se o escaler, depois de desengatado.

Quando se arria uma embarcação, com mau tempo, deve-se, antes de desengatar as talhas, passar os cabos de cabeça, afim de facilitar essa operação que se torna difficil com o vae e vem da embarcação, devido a ressaca.

Com máo tempo, a embarcação deve ser arriada *guarnecida*, e a guarnição deve, utilizando-se das escoras para amparal-a, evitar que a mesma, com o balanço do navio, seja atirada de encontro a elle.

Antes de largar um escaler, deve-se verificar que elle tenha todos os seus pertences, como sejam — mastros, palamenta, croques, forquetas etc., e se fôr para uma commissão longa — agulha de marear, prumo com a competente linha, relógio, semaphoras e aguada.

Os croques devem estar sempre no meio das bancadas; o mastro grande na forqueta de mastro de BE e o do traquete na de BB.

O leme deve estar com o seu fiel.

Para largar um escaler a remos, as vozes são, successivamente:

*Larga* — o *proeiro do bordo* da atracação abre a prôa com o respectivo croque, e o *voga* deste mesmo bordo impellirá a embarcação para vante.

*Remos promptos* — a guarnição, exceptuados os proeiros, prolonga os remos para vante, colocando a haste sobre a borda, por ante a ré da toleteira que ficar immediatamente á vante ficando a ponta das pás em cima da borda e segurando os punhos.

*Cruza* — a guarnição dispara os remos com rapidez, fazendo-os cahir nas toleteiras, e tendo cuidado em não tocar com os remos n'agua.

*A' vante* (cia, etc.) — a guarnição inicia as remadas. Nesta occasião, os *proeiros* preparam os remos;

*Prôa-cruza* — os proeiros disparam os seus remos e acompanham a voga.

Quando se fôr em *um escaler a panno*:

Os mastros (o grande com o pé para ré, o do traquete com o pé para vante) serão içados a uma — devendo haver cuidado em verificar se elles estão bem vestidos, isto é, com a adriça passada e os brandaes encapellados.

As velas devem estar a sotavento dos mastros respectivos e abafadas por duas voltas da adriça.

Os *brandaes de barlavento* devem ser tesos nos respectivos *olhaes*.

As escotas passadas nos *cunhos* correspondentes.

As velas devem estar *amuradas*.

Podendo o escaler largar do navio em *differentes condições*, temos que considerar:

a) *navio filado ao vento*, isto é, recebendo o vento de prôa.

*Voze:*

*Adriças promptas* — Os sota vogas (para a vela grande) e os sota-prôas (para o traquete) claream-nas e ficam promptos a içal-as. A *escota da vela grande* fica a cargo do *voga de sotavento*, e a do traquete á cargo do *contra-voga de sotavento*.

*Larga* — o *proeiro do bordo* da atracação abrirá a prôa da embarcação — o *patrão* aguentará a pôpa do escaler para auxiliar a manobra.

*Iça o traquete* — quando o escaler receber o vento pela bochecha. Içada a vela, alase pela escota até tezar a esteira.

*Iça o grande* — depois que o traquete estiver cheio.

Orienta-se depois o panno conforme o rumo a seguir.

b) *navio atravessado ao vento:*

*Voze:*

*Adriças promptas* — como anteriormente:

*Larga* —

*Iça e caça a vela grande* — logo que abrir a prôa, para orçar o escaler, afastando a sua prôa do navio. *Leme para barlavento.*

*Iça e caça o traquete* — logo que o escaler sinta o effeito da vela grande.

Orienta-se depois o panno conforme o rumo a seguir.

c) *navio recebendo vento de pôpa:*

Procede-se como no caso anterior.

Quando se quer seguir para *sotavento*, ou passar pela *pôpa do navio*, desatraca-se içando o traquete e só se içará o grande, quando se estiver com o vento pelo outro bordo, virando-se, assim, em roda, em menos tempo.

Quando se caça o panno, deve-se fazel-o tendo em consideração a força do vento; e nunca se deve tezar muito a vela, esticando a sua esteira, quando o vento fôr traco, porque isto impedirá a marcha do escaler. E' preciso que o panno tenha sempre vida, isto é, que o vento o possa enfunar.

A escota nunca deve ser alada enquanto a vela não estiver bem içada.

As *velas de prôa* fazem arribar a embarcação e as de *ré* fazem-na orçar.

Quando quero *orçar* uma embarcação, devo: *folgar* ou *supprimir* o traquete e *entrar o grande*; do mesmo modo, quando quero *arribar*, devo: *folgar* ou *supprimir* a *vela grande* e *entrar o traquete*.

Nas embarcações armadas *com carangueijas*, quando se içar a vela, *dever-se-á içar a carangueija por igual e dar volta á adriça da bocca* antes de repicar a carangueija.

N'uma embarcação á vela, estando toda a guarnição sentada na *pôpa*, se elle vae bem com relação á sua estabilidade, fica no entanto, com qualidades pessimas para o seu governo (muita tendência para *arribada*). Se a guarnição fôr toda sentada na *prôa*, coincidem as pessimas condições de estabilidade da embarcação com pessimas condições para o governo (muita tendência para a orça).

O melhor meio de guarnecer um escaler a panno é ter cada um na sua *bandada* e de preferencia sentado no fundo da embarcação, principalmente com o vento fresco, porque aumenta a sua estabilidade.

E' erro, quando sobrevém uma forte rajada, querer equilibrar a embarcação sentando na borda de *barlavento* — a regra é sentar a *barlavento*, porém no fundo da embarcação.

A guarnição nunca deve ficar em pé sobre as *bancadas*, nem mesmo sob o pretexto de manobra.

A *prôa* deve estar sempre alliviada; por isso, não se deve admittir agrupamento por *ant'avante* do *traquete*.

E' erro dar inclinação no escaler para *sotavento*, porque elle assim perde seguimento e pôde perder a estabilidade. Sômente quando se quizer, numa *guinada* de orça, augmentar a tendência da embarcação para a orça é que a pratica aconselha a sentar-se o pessoal a *sotavento*, durante a *guinada*.

Deve-se orientar o panno de modo que o escaler navegue sempre com pouco leme a *barlavento*. — Com o panno bem orientado, o escaler tende a orçar por si e pouco leme basta para trazel-o á linha do vento.

Quando a *bolina*, o escaler deve estar sempre em condições de virar de bordo.

Com o mar cavado, deve-se conservar o escaler aroado ao mar.

Quando se fôr surpreendido com uma forte rajada (andando a *bolina*) deve-se immediatamente, carregar todo o leme para orça, folgar as *escotas* e até arriar o panno, caso seja necessario.

Quando a rajada não fôr muito violenta, basta folgar as *escotas*.

As *escotas* devem estar sempre *sob mão* e nunca *com volta*.

Quando o vento fôr fraco, *dever-se-á dar um salto ás escotas*, porque, tendo a embarcação pouco seguimento, *cahirá para sotavento*. O mesmo quando o mar estiver cavado, para evitar a excessiva inclinação do escaler, do que resultaria perda de seguimento e *cahida* para *sotavento*.

Estando a guarnição sentada a *barlavento*, *deverá sentar-se nos seus logares*, quando se tiver de passar a *sotavento* ou á *sombra* de um navio ou ilha, afim de evitar o adernamento do escaler para *barlavento*, por não estar, durante esse intervallo, sentindo a acção do vento sobre as velas.

Com o vento fresco, se o escaler começar a metter agua pelas *toleteiras*, *deve-se rizar nos primeiros*.

Si não se tiver certeza de *barlaventejar* um navio ou qualquer objecto, como *boia* etc., *vire-se de bordo*; não se deve cavalgar no vento, em risco de ficar atravessado na *prôa* do navio

ou *boia* ou de *cahir em cima* do objecto perigoso. Nesta situação *deve-se ter um remo prompto*, para o caso do escaler *negar-se a virar por d'avante*.

*Bordeja-se* para alcançar um ponto situado na direcção do vento.

Quando a distancia não é grande e não ha probabilidade de mudança de vento ou de corrente, convém *bolinar* e proceder de modo a só virar de bordo, uma vez — quando se tiver o ponto a alcançar á duas quartas do travez para a *pôpa*.

No caso contrario, em geral, na primeira *bordada* afastar-se do ponto, e virar depois de um percurso conveniente (quando se marcar o ponto a 90° do rumo verdadeiro seguido pela embarcação ou a 22° do rumo apparente da mesma) *proseguindo-se no bordejo até alcançal-o*.

Quando possivel, nunca se deve navegar com o vento pela *pôpa*; a vela grande faz sombra ao *traquete*, o escaler terá a sua velocidade diminuida e *mão governo*. E' preferivel percorrer-se a distancia, metade com o vento a uma quarta para um bordo e a outra metade com o vento pelo outro bordo. Fazendo-se isso, *andar-se-á geralmente mais meia milha*, e não se correrá o risco das *guinadas*.

Para se aproveitar o *barlavento*, é preciso ter-se cuidado com o governo; não se deve *arribar de mais* nem cavalgar no vento.

Com a armação de *carangueija*, nunca se deve folgar a vela de tal modo que a *carangueija* fique por *ant'avante* do mastro; porque, fazendo-se isso, *corre-se o risco de partir a bocca de lobo da carangueija*.

*Virar de bordo* é a manobra que tem por fim mudar a amura de uma embarcação ou, em outros termos, mudar o bordo que fica a *barlavento*.

#### Para virar por d'avante:

- 1) a embarcação deve ter seguimento;
- 2) *entra-se o grande e folga-se o traquete* — leme na orça, até que o escaler venha para a linha do vento. (O leme não deve ser carregado todo a uma, e sim aos poucos, para não cortar o seguimento da embarcação);
- 3) quando o escaler chegar a linha do vento — se elle ficar parado — leme a meio — se *cahir a ré* — leme de ló;
- 4) *aquartelar a prôa*, quando o vento estiver quasi pela *prôa*;
- 5) *cambar o panno rapidamente*, assim que este encher pelo outro bordo;
- 6) *arriba-se um pouco e mareia-se na nova amura*.

Se o escaler vier ao largo ou aberto, *deve-se mettel-o*, com antecedencia, a *bolina*.

#### Para virar em roda:

- 1) leme na *arribada*;
- 2) *folga-se o grande e entra-se o traquete*;
- 3) *continua-se a arribada até o panno receber o vento pelo outro bordo*;
- 4) *camba-se o panno*;
- 5) *mareia-se na nova amura*.

Para se augmentar a tendência para orça ou *arribada*, quando se quizer virar por *d'avante* ou em *roda*, pôde-se passar gente para a *prôa* ou para a *pôpa*, conforme a manobra que se deseja effectuar, deslocando-se assim o eixo de rotação para vante ou para ré, e facilitando-se assim o *emmergir* menos a parte opposta.

Quando se quiser atracar a um cões, dever-se-á fazel-o aproado ao vento, e, quando possível, atracar á sombra, isto é, a sotavento.

Com o vento fresco, devem-se arriar os mástros, antes de se prolongar o escaler com o costado de um navio.

Para atracar um escaler a panno, temos a considerar:

a) o escaler vem do travez do navio para vante.

1) o patrão faz a prôa um pouco a vante do portaló;

2) adriças claras — (promptas a arriar as vergas).

3) *entra o grande* e folga ou arria o tranquete-leme na orça.

4) arria o grande.

b) o escaler vem do travez para ré.

1) aproa-se para o portaló, um pouco aberto;



Aspirantes do 2.º e 3.º annos em cruzeiro de instrucção no "N. E. Benjamin Constant".

2) adriças claras;

3) leme na orça;

4) arria o panno.

Deve-se procurar, fazer esta manobra de modo a não ser necessario usar todo o leme carregado, porque, se houver algum erro no calculo das distancias, nada mais se poderá fazer com o leme, para evitar que o escaler vá de roda a roda sobre o navio.

É muito feio atracar-se um escaler, quer a remos quer a panno, com muito seguimento; o menos que pôde acontecer é, commummente, perder-se ou partir-se um croque.

Para atracar um escaler á remos, as vozes são:

a) *prôa-leva*

b) *arvora*

c) *leva*.

Quando se carrega um escaler com carga, deve-se, de preferencia, arrumal-a no meio da embarcação, conservando-se as extremidades livres, bem como sempre carregal-a mais á ré que a vante.

Quando varias embarcações são rebocadas por uma mesma embarcação, os escaleres mais pesados ou mais carregados devem vir na frente.

Quando varias embarcações são rebocadas por uma mesma embarcação deve-se usar uma boça especial, com varias pinhas. Os chicotes dessa boça devem ser fixos, um na lancha e o outro no ultimo escaler; os outros escaleres ficarão por baixo da boça, tomando uma volta na prôa e outra na pôpa por antavante das pinhas mais proximas.

Para evitar o esforço sobre o arganéu de um escaler, a boça deve dar uma volta na bancada de prôa e se este escaler tiver que receber um escaler pela pôpa, o chicote da boça desse escaler, deve dar uma volta na bancada da voga, antes de se fixar no arganéu da pôpa.

Para içar um escaler, deve-se primeiramente retirar o guardão patrão e em seguida passar o respectivo estropo. Depois do que são engatadas as respectivas talhas, começando pela de vante, quando o navio estiver filado á maré e pela de ré, no caso contrario, no caso; de ser içada uma embarcação em um cões, e engatada, em primeiro logar, a talha de vante ou a de ré, conforme a direcção da maré.

Engatadas as talhas, são ellas rondadas; por ellas sobe a guarnição, ficando no escaler dois guardas. Esses, collocando-se como já foi recommendado ao arriar, auxiliam a manobra de içar, não só destorcendo as talhas quando preciso, como tambem, amparando, com escoras, o escaler afim de evitar que, com grandes balanços, elle vá de encontro ao costado do navio.

A embarcação pôde ser içada — á lupa — ou de leva arriba.

No primeiro caso a guarnição, parada, e a talha passando de mão em mão, iça a embarcação; neste caso deve ficar alguém aguentando o chicote da talha para ella não recorrer.

No outro caso, a guarnição segurando nas talhas e com ellas caminhando içará o escaler até beijar, e sem parar.

Sempre que possível, deve-se passar as talhas em patescas, afim de alliviar o esforço da guarnição.

É muito feio içar-se um escaler com inclinação; deve-se fazel-o mantendo-o proximalmente horizontal.

Deixa uma impressão desagradavel o escaler que não é içado á beijar.

Com mão tempo, deve-se passar uma boça falsa para bordo, bem como os cabos de cabeço; neste caso, deve-se aproveitar o balanço do navio para içar a embarcação quando este adriçar no balanço, e a embarcação é sempre içada de leva arriba.

Tendo o escaler fundas, convém passal-as e guarnecel-as de bordo para evitar, com ellas tezas, os grandes balanços do escaler de encontro ao navio.

Içado o escaler e clareadas as talhas deve-se abrir as boeiras e assim deixal-as.

Escola Naval, em 6 de Junho de 1925.

## PALAVRAS AO MAR

Mar, bello mar selvagem  
 Das nossas praias solitarias! Tigre  
 A que as brisas da terra o somno embalam,  
 A que o vento do largo eriça o pêlo!  
 Junto da espuma com que as praias bordas,  
 Pelo marulho acalentada, á sombra  
 Das palmeiras que arfando se debruçam  
 Na beirada das ondas — a minha alma  
 Abriu-se para a vida como se abre  
 A flôr da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raiava  
 O claro mez das garças forasteiras;  
 Abril, sorrindo em flôr pelos outeiros,  
 Nadando em luz na oscilação das ondas,  
 Desenrolava a primavera de ouro:  
 E as leves garças, como folhas soltas  
 Num leve sopro de aura dispersadas,  
 Vinham do azul do céu turbilhando  
 Pousar o vôo á tona das espumas...

E' o tempo em que adormeces  
 Ao sol que abraça: a colera espumante,  
 Que estoura e brame sacudindo os ares,  
 Não as sacode mais, nem brame e estoura;  
 Apenas se ouve, tímido e plangente,  
 O teu murmúrio; e pelo alvor das praias,  
 Langue, uma carícia de amoroso,  
 As largas ondas marulhando estendes...

Ah! vem d'ahi por certo  
 A voz que escuto em mim, tremula e triste,  
 Este marulho que me canta na alma,  
 E que a alma jorra desmaiado em versos;  
 De ti, de ti unicamente aquela  
 Canção de amor sentida e murmurante  
 Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,  
 Pela manhã de sol dos meus vinte anos.

O' velho condenado  
 Ao carcere das rochas que te cingem!  
 Em vão levantas para o céu distante  
 Os borrifos das ondas desgrenhadas.  
 Debalde! O céu cheio de sol si é dia,  
 Palpitante de estrelas quando é noute,  
 Paira, longinquo e indiferente, acima  
 Da tua solidão, dos teus clamores...

Condenado e insumisso  
 Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo  
 Uma alma (sobre a qual o céu resplende  
 — Longinquo céu — de um esplendor distante.  
 Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,  
 Meu tumultuoso coração revolto  
 Levanta para o céu, como borrifos  
 Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura existe,  
 Sonho-a; sonhando a vejo, luminosa  
 Como dentro da noute amortalhado  
 Vês longe o claro bando das estrelas;  
 Em vão tento alcançá-la, e as curtas azas  
 Da alma entreabrindo, subo por instantes...  
 O' mar! A minha vida é como as praias,  
 E o sonho morre como as ondas voltam!

Mar, bello mar selvagem  
 Das nossas praias solitarias! Tigre  
 A que as brisas da terra o sono embalam.  
 A que o vento do largo eriça o pêlo!  
 Ouço-te ás vezes, revoltado e brusco,  
 Escondido, fantastico, atirando  
 Pela sombra das noutes sem estrelas  
 A blasfemia colérica das ondas...

Tambem eu ergo ás vezes  
 Imprecações, clamores e blasfemias  
 Contra essa mão desconhecida e vaga  
 Que traçou meu destino... Crime absurdo  
 O crime de nascer! Foi o meu crime.  
 E eu espio-o vivendo, devorado  
 Por esta angustia do meu sonho inutil.  
 Maldita a vida que promete e falta,  
 Que mostra o céu prendendo-nos á terra,  
 E, dando as azas, não permite o vôo!

Ah! cavassem-te embora  
 O tumulto em que vives — entre as mesmas  
 Rochas nuas que os flancos te espedaçam,  
 Entre as nuas areias que te cinjem...  
 Mas fosses morto, morto para o sonho.  
 Morto para o desejo de ar e espaço,  
 E não pairasse, como um bem auzente,  
 Todo o infinito em cima do teu tumulto!

Fôsses tu como um lago,  
 Como um lago perdido entre montanhas:  
 Por só paizagem — áridas escarpas,  
 Uma nesga de céu como horizonte...  
 E nada mais! Nem visses nem sentisses  
 Aberto sobre ti de lado a lado  
 Todo o Universo deslumbrante — perto  
 Do teu desejo e além do teu alcance!

Nem visses nem sentisses  
 A tua solidão sentindo e vendo  
 A larga terra engalanada em pompas  
 Que te provocam para repelir-te;  
 Nem, buscando a ventura que arfa em roda,  
 A onda elevasses para a ver tombando,  
 — Beijo que se desfaz sem ter vivido,  
 Triste flôr que já brota desfolhada...

Mar, bello mar selvagem!  
 O olhar que te olha só te vê rolando  
 A esmeralda das ondas, debruada  
 Da leve fimbria de irisada espuma...  
 Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho  
 Um coração chagado de desejos  
 Latejando, batendo, restrugindo  
 Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse  
 Quanto e.s. len. o! de aguas e de espumas  
 Cobre, oculta, amortalha!... A alma dos homens  
 Apiedada entendera os teus ruídos  
 Os teus gritos de colera insumissa,  
 Os bramidos de angustia e de revolta  
 De tanto brilho condenado á sombra  
 De tanta vida condenada á morte.

Ninguém entenda, embora,  
 Esse vago clamor, marulho ou versos,  
 Que sae da tua solidão nas praias,  
 Que sae da minha solidão na vida...  
 Que importa? Vibre no ar, acorde os écos  
 E embale-nos a nós que o murmuramos...  
 Versos, marulho! amargos confidentes  
 Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

Vicente de Carvalho



# COMBUSTIVEIS (\*)

J. Luiz Belart

## CAPITULO I

### GENERALIDADES

As caldeiras compõem-se de tres camaras: camara de vapor; camara dagua e camará de combustão.

A ultima camara, como o nome indica, recebe os combustiveis para as reacções químicas.

O combustivel, no campo das applicações praticas, deve ser um corpo abundantemente espalhado na natureza e deve ao se combinar com o oxygenio (comburente) desprender luz e grande quantidade de calor.

Como exemplo temos o diamante que é um combustivel porém não applicavel á industria.

Quanto ao desprendimento de calor, os combustiveis devem as suas propriedades a dois corpos: o carbono e o hydrogenio.

Para bem comprehender o que acima ficou dito, appellemos para a lei das proporções definidas.

Vejamos:

1 kilo de carbono combina-se com 2k,67 do anhydrido carbonico ( $CO^2$ ) e desprendendo 8,080 calorias.

1 kilo de hydrogenio combina-se com 8 kilos de oxygenio formando 9 ki.os dagua desprendendo 32,462 calorias.

Para se determinar o desprendimento de calor basta multiplicar as porcentagens de carbono e hydrogenio respectivamente, por 8,080 e 32,462 e sommar os resultados.

Comtudo precisamos notar que não são o C e H os unicos corpos encontrados nos combustiveis.

Observando a reacção do H desde logo podemos affirmar a superioridade dos combustiveis, (quanto ao poder calorifico) que possuem grandes porcentagens deste corpo.

### ESTADO PHYSICO

Os combustiveis empregados nas caldeiras marítimas podem ser solidos ou liquidos.

Quanto ao estado physico elles são: solidos, liquidos e gazosos.

Combustiveis..	} solidos.....	}	naturaes
			artificiaes
	} liquidos.....	}	naturaes
			artificiaes
	} gazosos.....	}	naturaes
			artificiaes

Como combustivel solido natural podemos citar o carvão de pedra.

Como combustivel liquido natural temos o petroleo e como gazoso temos a methana ou gaz dos pantanos.

Os combustiveis artificiaes são preparados dos naturaes para melhoria das suas caracteristicas. No correr do curso abordaremos este assunto.

### PROPRIEDADES GERAES

O combustivel não póde ser indifferentemente empregado nas caldeiras marítimas.

O carvão de pedra, por exemplo, tem que satisfazer a determinadas condições; não deve assim continuar sem grandes cuidados do pessoal de fogo; precisa ter pequena porcentagem de cinzas; grande poder calorifico, etc.

Vejamos então quaes as propriedades que os combustiveis devem satisfazer. São sete:

Inflammabilidade, combustibilidade, estado de divisão, pureza, temperatura de combustão, poder calorifico e extensão da chama.

Tratemos cada uma de per si.

### INFLAMMABILIDADE

É a propriedade que apresenta o combustivel de se inflammam com grande facilidade relativamente aos outros combustiveis que se tem em vista

A temperatura de inflammção varia de combustivel para combustivel e nos mesmos combustiveis segundo as respectivas formações.

Ha combustiveis que custam muito a se inflammam e como tal não devem ser empregados nas caldeiras marítimas.

A inflammabilidade depende de duas causas:

- 1) da natureza physica do combustivel.
- 2) da natureza chimica do combustivel

### COMBUSTIBILIDADE

É a propriedade que apresenta o combustivel de continuar facilmente, inflammado, apesar dos trabalhos de fogo executados pelos toguistas.

Ha combustiveis que se inflammam e em seguida, si não houver cuidados especiaes, apagam-se; outros, inflammam-se e embora esquecidos, continuam inflammados.

Eis porque precisamos ter em vista esta propriedade.

### ESTADO DE DIVISÃO

Nas minas o combustivel é fragmentado a dynamite; embarca nos vagonetes para os pontos de retirada; é transportado para os portos de embarque, onde descarregam nos navios carvoeiros.

Comprehende-se facilmente, que depois destas successivas manobras o combustivel fica muito dividido. Como nos navios de guerra a combustão é realizada com tiragem forçada em camara fechada, si o combustivel é «moinha» o desperdicio vem a ser grande, porque elle é jogado fóra pela chaminé, devido á tiragem. Assim sendo, o estado de divisão deve ser pequeno, pois as massas pulverulentas, ardem difficilmente, nas caldeiras marítimas.

### PUREZA

Ha combustiveis cujo emprego, nas caldeiras, tornam-se prejudiciaes ao serviço, pela existencia de corpos que uma vez decompostos pela

acção do calor, atacam as chapas, tubulações, etc., etc.

Como exemplo, temos o sulfureto de ferro existente no combustível, que submettido á acção do calor, decompõe-se, desprendendo o enxofre (S) que ataca a chapa dos geradores de vapor, tornando-a perigosa á vida da guarnição pelo seu enfraquecimento.

Podemos fazer a classificação, quanto a esta propriedade, em combustiveis puros e impuros.

### TEMPERATURA DE COMBUSTÃO

O valor industrial do combustível muito deve á temperatura de combustão. Esta é determinada pela formula

$$Q = p \text{ ct}$$

donde

$$t = \frac{Q}{pc} = \frac{P \times C}{p \times c}$$

Na pratica indaga-se a temperatura de combustão fazendo-se duas hypotheses:

1) Os calores especificos se conservam invariaveis.

2) Todo o calor produzido é absorvido pelos productos de combustão.

No emtanto, sabemos que os calores especificos variam com as temperaturas e que a irradiação faz com que os productos da combustão não guardem todo o calor produzido pela queima do combustível.

Na formula dada:

$p$  é o peso do corpo queimado,

$c$  seu calor especifico,

$C$  o poder calorifico do combustível,

$P$  o seu peso,

$pc$  é o calor absorvido para cada gráo do thermometro centigrado,

$pct$  é o calor total absorvido na temperatura  $t$ .

### EXTENSÃO DA CHAMMA

Quanto á extensão da chamma os combustiveis pódem ser: de longa chamma e de curta chamma.

Os combustiveis de longa chamma são aquelles que desprendem no momento da inflamação grande quantidade de elementos volateis e os de curta chamma possuem pouco destes elementos.

Os elementos volateis são gazes que, a frio, se acham dissolvidos no combustível e que, a quente, se desprendem por distillação nas temperaturas de 300, 400 e 500° centigrados, e se inflammam nas immediações de 600° antigrados.

Estes gazes são hydrocarburetos e apresentam esta particularidade:

o  $C$  e  $H$  que os compõem queimam-se separadamente e em temperaturas differentes. Dévé-se empregar nos geradores marítimos um combustível com 16 % de elementos volateis.

### PODER CALORIFICO

E' a propriedade dos combustiveis que mais cuidadosamente deve ser observada.

Poder calorifico dum combustível é o numero de calorías desprendidas, na combustão completa de um kilo deste mesmo combustível.

O poder calorifico varia muito de hulha para hulha; elle é funcção immediata da quantidade de carbono fixo.

Para a mesma cathegoria de combustível o poder calorifico varia com as porcentagens de cinzas.

Podemos assegurar que cada por cento de cinzas abaixa o poder calorifico de 90 calorías e que cada por cento de elementos volateis eleva-o de 60 calorías.

Podemos calcular theoreticamente o poder calorifico dos combustiveis, pelas formulas abaixo mencionadas:

De Dulong

$$P = 8080 C + 32462 \left( H - \frac{O}{8} \right)$$

De Scheurer — Kestner

$$P = 8080 C + 34500 H$$

De M. Goutal

$$P = 8150 C + A$$

em que determina-se o  $A$  pela porcentagem de materias volateis.

Goutal das experiencias de M. Mahler, formulou o seguinte:

$$P = 82 C + A a$$

onde  $C$  é a porcentagem de carbono e  $A$  a de materias volateis,  $a$  é um coefficiente que se determina em funcção de  $A$ .

$$A' = \frac{100 A}{C + A}$$

Uma vez determinado  $A$ , uma tabella nos dá  $a$

A formula porém, que se usa na pratica para o calculo do poder calorifico é o seguinte:

$$Q = \frac{C}{100} \times 8080 + \frac{H}{100} \times 29.500$$

Façamos um exemplo. Supponhamos o combustível no qual:

0,05 de  $H$  e 0,8 de  $C$

Applicando a formula

$$Q = \frac{C}{100} \times 8080 + \frac{H}{100} \times 29.500$$

acham-se 7.939 calorías.

tal é o poder calorifico do combustível.

### VAPORISAÇÃO

A quantidade total de calor necessaria á vaporisação de 1 kilo dagua, na pratica é dada pela formula de Regnault

$$Q = 606,5 + 0,305 t$$

Possuindo a agua algumas calorías, temos

$$Q = 606,5 + 0,305 t - \theta$$

Como nos vapores saturados a temperatura é funcção da pressão, o manometro é o elemento necessario para a determinação de  $t$

Uma vez lida a pressão, a tabella de Zeuner indica a temperatura.

Vejamos um exemplo pratico.

Num contra-torpedeiro, a caldeira funciona com 18k por cm<sup>2</sup> e está sendo alimentada a 40º centigrados, com agua dos tanques de sobra.

temos

$$t = 208^\circ \text{ c}$$

$$e \theta = 40^\circ$$

logo

$$Q = 606,5 + 0,305 \times 208 - 40 = 606,5 + 63,440 - 40 = 629,9 \text{ calorías}$$

Nas condições acima indicadas, cada kilodagua, no gerador, precisa de 630 calorías, aproximadamente, para se transformar em vapor.

O combustível empregado desprendendo 8.000 calorías e si possuir o gerador 60 % de rendimento, tem o poder vaporizador igual a

$$\text{Poder vaporizador} = \frac{8000 \times 60\%}{630} = \frac{4800}{630} = 7,6$$

Quer dizer: cada kilo de combustível vaporisa 7k,6 dagua.

TABELLA DE ZEUNER

Pressão em kilogramma por cm. <sup>2</sup>	Temperatura em graus centig.	Peso dum metro cubico
1,809	116,4	1,025
2,067	120,6	1,161
2,583	127,8	1,432
3,100	133,9	1,699
3,617	139,25	1,964
4,134	144	2,226
4,650	148,3	2,487
5,640	155,8	3,002
6,200	159,2	3,258
9,300	195,7	4,767
10,334	180,3	5,262
15,501	198,8	7,186
15,887	200	7,897
19,470	210	9,578
23,637	220	11,494
28,443	230	13,678

Se alimentarmos a caldeira com agua a 80º C, acharemos 589,9 ou aproximadamente 590 calorías. Dahi maior poder vaporizador do combustível, porquanto:

$$\text{Poder vaporizador} = \frac{8000 + 60\%}{590} = \frac{4800}{590} = 8,1$$

Isto concorre para mostrar a grande vantagem dos aquecedores dagua de alimentação, pois estes aparelhos economizam combustível, trabalho physico do foguista e augmentam a vida dos geradores.

Fallei no rendimento de 60 % dos geradores porque existem tres perdas: nos cinzeiros, nas irradiações e na chaminé.

Pela formula

$$Q = p c t$$

na qual temos:

p = peso do corpo  
c = calor especifico  
t = temperatura

aquilatamos a quantidade de calor perdida nas chaminés.

As perdas sommam mais ou menos 40 %  
Façamos agora um exercicio sobre a vaporisação.

Para se poder calcular o poder vaporizador do combustível é necessario primeiramente conhecer o poder calorifico.

Supponhamos um combustível que tenha 5.000 calorías por cada kilo queimado totalmente.

O rendimento da caldeira é de 60 %. A perda de calor nos cinzeiros, nas irradiações e na chaminé, é portanto, de 40 %.

Logo, ela só aproveita 3.000 calorías por cada kilo de combustível.

Supponhamos que o manometro da caldeira marque uma pressão de 12 kilos por dm.<sup>2</sup>.

Vai-se á tabella de Zeuner e acharemos sem interpolar, uma temperatura de 180º,3.

Basta aplicar a formula

$$606,5 + 0,305 t - \Theta$$

Tem-se, sabendo-se que  $\Theta = 20^\circ$ , como resultado

$$633,4$$

Logo com os dados apresentados tem-se necessidade de 633 calorías para vaporisar 1k dagua.

A caldeira de bordo aproveita sómente 3.000 calorías, logo para acharmos quantos kilos dagua um kilo de combustível vaporisa, ou melhor, 1 kilo de combustível quantos kilos dagua vaporisa, não temos mais do que dividir 3.000 calorías por 633,4, que dá 4k,73 de H<sup>2</sup>O.

Quer dizer que cada kilo de combustível vaporisa 4k, 73 de H<sup>2</sup>O.

Façamos mais outro exemplo.  
Tomemos o cartão inglez que dá 8.500 calorías.

O rendimento da caldeira é de 60 %, a pressão de 12k por cm.<sup>2</sup>, temperatura dagua nos tanques de reserva 28º.

A caldeira só aproveita 5.100 calorías.

Logo, como

$$5\ 100 \div 633,4 = 8$$

cada kilo de combustível vaporisa 8k dagua.

Vamos alimentar agora a caldeira com 85º, isto é, passando a agua pelos aquecedores de superficie.

Supponhamos que a pressão seja de 12k por cm.<sup>2</sup>.

Tem-se

$$606,5 + 0,305 \times 180^\circ - 85^\circ = 576,4$$

isto é, cada kilo dagua tem necessidade de 576,4 calorías.

Como

$$5\ 100 \div 576,4 = 9$$

segue-se que cada kilo de combustível vaporisa 9k dagua.

Fazendo um estudo comparativo destes tres problemas, vemos pelos dois primeiros a grande vantagem do poder calorifico do combustível.

Quanto maior for o poder calorifico dum combustível, tanto maior será o seu valor sob

o ponto de vista economico, pois maior será o raio de acção do navio.

Pela analyse dos dois ultimos problemas, verificamos, por sua vez, a grande vantagem dos aquecedores de alimentação.

CAPITULO II

Temperatura da Combustão:

Voltemos a tratar das temperaturas de combustão.

Vejamos como varia a temperatura de combustão de um combustível, segundo a sua combustão se opera numa atmosphera de oxygenio puro ou no ar atmosferico.

Numa atmosphera de O puro.

Lançando mão da formula

$$P \times C = pct$$

na qual

- P — é o peso do corpo
- C — » » seu poder calorifico
- p — » » peso do corpo queimado

- c — calor especifico
- t — temperatura da combustão.

tirando o valor de t para se determinar a temperatura da combustão, vem

$$t = \frac{P \times C}{p \times c}$$

Tomemos por exemplo o carbono.

Segundo a lei das proporções definidas,

tem-se

6kc se combinarem com 16k0 formando 22kc0<sup>2</sup> ou

$$1 \text{ k C se combina com } \frac{16}{6} \text{ ou } \frac{8}{3} \text{ 0}$$

$$\text{formando } \frac{11}{3} \text{ de CO}^2$$

Agora, como podemos applicar a formula, só nos faltando a conhecer o calor especifico de CO<sup>2</sup> que é 0,22, vamos ver que a temperatura de combustão proveniente de 1k de carbono, é

$$t = \frac{1 \times 8080}{\frac{11}{3} \times 0,22} = \frac{8080 \times 3}{2,42} = 10016^{\circ}$$

Então teriamos 10.016° se pudessemos queimar o carbono numa atmosphera de oxygenio.

Tomemos agora o oxydo de carbono.

Segundo a lei das proporções definidas,

tem-se:

14kCO se combinam com 8k0 formando 22kCO<sup>2</sup> ou

$$1 \text{ k CO se combina com } \frac{4}{7} \text{ 0}$$

$$\text{formando } \frac{11}{7} \text{ de CO}^2$$

E' bom notar que nesta combinação ha desprendimento de 2.403 calorías.

Applicando então a formula:

$$t = \frac{1 \times 2403}{\frac{11}{7} \times 0,22} = \frac{2403 \times 7}{2,42} = 6992$$

Ter-se-ia então 6.992° si se queimasse oxydo de carbono numa atmosphera de oxygenio.

NO AR ATMOSPHERICO

Consideramos em 1º lugar o carbono.

Na formula

$$t = \frac{P \times C}{p \times c}$$

só o que muda é o denominador e isto devido a presença do azoto, cujo calor especifico é 0,24.

Então a formula (1), fica

$$t = \frac{P \times C}{p \times c + p' \times c'}$$

sendo p<sup>1</sup> e c<sup>1</sup> o peso e o calor especifico do azoto.

Ora, se tomarmos 100 k. de ar atmosferico, verificamos que nelle entram

23% de 0,77% de Az.

Portanto, se considerarmos 1k 0 sómente, teremos respectivamente

$$\frac{77}{23} \text{ de Az ou } 3,33 \text{ de Az}$$

Como estamos considerando, porém,  $\frac{8}{3}$  de 0,

ter-se-á para peso de Az  $\frac{8 \times 3,33}{3}$

E a fórmula de t, no ar atmosferico, fica

$$t = \frac{P \times C}{p \times c + \frac{8 \times 3,33}{3} \times 0,24}$$

Para o carbono, vem

$$t = \frac{1 \times 8080}{\frac{11}{3} \times 0,22 + \frac{8 \times 3,33}{3} \times 0,24} = \frac{1 \times 8080}{2,42 + 6,3936} = 2750^{\circ}$$

Esta temperatura de 2.750° na pratica não existe pois a temperatura mais elevada é de 1.800° e pouco.

Existem corpos formados pelo enxofre que absorvem calor, logo quando o combustivel contém enxofre ou outro corpo qualquer que absorva calor, a temperatura diminue.

#### EXEMPLOS:

11 — Supponhamos que queremos determinar a potencia do gerador.

Chama-se potencia do gerador o numero de kilos de vapor produzido em uma hora.

Dados:

Superficie de grelhas 3,20 m<sup>2</sup>, sabendo-se que se queimam 105k por m<sup>2</sup>.

Poder vaporizador do combustivel, 6k 80.

Para se obter o numero de kilos de combustivel que se queimam em toda caldeira, basta multiplicar 3,20 por 105, e tem-se 336k.

A potencia do gerador será, por definição:

1 k de combustivel — 6 k, 80 de H<sup>2</sup> O

3 36 — x

ou

$$x = 6,80 \times 336 = 2284,8$$

Tal é o poder do gerador por hora.

(Continúa)

O autor deste trabalho mandou reeditar a primeira parte, devido a não ter sido feita a prévia revisão, razão pela qual não se pode evitar a saída de certas falhas e a deficiência em certos pontos. O autor aproveita também a ocasião afim de agradecer ao Commandante Plaisant o valioso auxilio que despendeu por ocasião da revisão do presente trabalho.

## Fabula

Um gallo senador tendo falado  
Sobre cousas gravissimas de estado:  
— A alta do milho e a exportação dos ovos;  
Para fazer effeito no poleiro,  
Poz-se a falar da vida de outros povos  
Aos habitantes de seu gallinheiro:

— «Quero — dizia impavido o tribuno —  
Mostrar-vos a injustiça que soffreis!  
E não será talvez inoportuno  
Que contra a mesma estatuamos leis!

«Sois escravas eternas das fritadas,  
Omelletes e doces para o homem;  
E, quando deveis ser aposentadas,  
Vossos algozes cynicos vos comem!

«Deveis fazer a greve! Eu sei de um nome  
Falado em todo o mundo, de um prefeito  
Que soube se deixar morrer de fome  
Como protesto digno de respeito!»

Neste ponto, um novinho garnizé,  
Que estava junto á mãe, não se conteve.  
Poz-se a gritar:

— «Mamãe! isto é que é!  
Viva a greve de fome! viva a greve!»

Mas a gallinha, que era experiente,  
Dando-lhe um formidavel beliscão,  
Tirou-lhe o entusiasmo incipiente,  
Cacarejando, a modo de instrucção:

— «Idéas bolshevistas não te tomem,  
Que és grande e já mais nada te desculpa;  
Pois morrer amanhã por culpa do homem  
Vale mais do que já por nossa culpa!»

O. C.

## Curso Auxiliar de Preparatorios

Rua 1.º de Março N. 4, 2.º andar

Sob a criteriosa orientação da sua directoria e a comprovada competencia do seu corpo docente, os alumnos deste curso têm obtido os melhores resultados nos exames do Pedro II, Escola Naval, etc., bem como os que se destinam á MARINHA MERCANTE.



## REVISTA DE REVISTAS



— O relatório recentemente apresentado pelo Secretario Wilbur ao «House Naval Committee» é uma refutação completa á propaganda que nos ultimos mezes se fez com intuito de levar o publico americano á convicção de que o poder naval dos Estados Unidos está aquém do lugar que lhe compete, entre a Inglaterra e o Japão, na celebre 5-5-3 Ratio do Tratado de Washington.

A frota americana compõe-se actualmente de 18 encouraçados; a ingleza conta com 22 navios capitais, encouraçados e cruzadores de batalha. O relatório mostra, entretanto, que a inferioridade numerica é compensada por algumas vantagens de armamento.

O alcance de nossos canhões, principalmente quando se houver realizado o projectado augmento para 30° do angulo máximo de elevação dos mais antigos, que ainda é de 15°, contrabalançará, *in the unlikely event* de uma guerra entre nós e a Grã-Bretanha, a superioridade numerica do inimigo. Em nossa esquadra, dos cinco mais modernos encouraçados, tres — o **West Virginia**, o **Colorado** e o **Maryland** — de 32.600 toneladas, possuem canhões (8) de 10 pollegadas, 45 calibres, que com 30° de elevação alcançam 34.500 jardas; os outros dois — **California** e **Tennessee** — são armados com canhões de 14 pollegadas, 50 calibres, e com 30° de elevação maxima seu alcance é de 35.700 jardas. Na esquadra britannica, os navios mais modernos têm artilharia de 15 pollegadas, 42 calibres, cujo alcance, com 20° de elevação, é apenas de 24.300 jardas.

Assim, no caso de uma batalha naval entre as duas frotas, suppondo que o estado do tempo permita um esclarecimento aereo amplo e preciso, a testa da columna britannica, provavelmente constituída pelos encouraçados da classe dos **Royal Sovereign**, entrará debaixo do fogo de 40 canhões, a cerca de 17 1/2 milhas, distancia superior de 5 milhas ao alcance maximo de seus canhões mais poderosos. Emquanto, tirando partido de sua maior velocidade, procurarem os Inglezes diminuir a distancia, seus navios serão severamente castigados por nossas salvas durante 15 a 25 minutos, sem poder responder, e talvez, com precisão de tiro e volume de fogo bons, de nossa parte, serem postos alguns fóra de combate, sem ter sequer feito um disparo; com o nosso systema de direcção de fogo e um bem organizado esclarecimento aereo, os navios britannicos poderão, neste espaço de tempo, receter cerca de 1.000 a 1200 projectis.

Tal vantagem, no inicio da luta, compensará sobejamente o facto de termos nós

8 encouraçados, armados de canhões de 14 e 12 pollegadas, 45 calibres, 15° de elevação maxima, cujo alcance é inferior a qualquer canhão da frota britannica. Aliás, esta desvantagem cessará em breve pois se cogita em augmentar para 30° a elevação de todos nossos canhões de grosso calibre.

E' apenas na velocidade que nos ultrapassa a esquadra britannica. Embora não seja grande a superioridade do conjunto (o navio menos veloz americano faz 20,5 nós, o menos veloz inglez 21), não contamos, nós Americanos, com navio algum cuja velocidade exceda de 22 nós, ao passo que os Inglezes têm entre os seus — cinco encouraçados rapidos, os **Barham**, 25 nós — e quatro formidaveis cruzadores de batalha, tres — o **Hood**, o **Repulse** e o **Renown**, com velocidade de 31,5 nós, e o **Tiger**, com 29.

(*Scientific American* — Maio, 1925.)

\*

— Dentre todos os obstaculos que se deparam ao navegante, a cerração é um dos mais temiveis; para o marinheiro, porém, o perigo não é tão imminente como para o aviador. O navio pôde diminuir a velocidade, parar, fundear, ás vezes, á espera que a bruma se dissipe; o avião, solto no vasio, só encontra o recurso de aterrissar immediatamente, cousa difficil e muitas vezes impossivel.

E' capital, portanto, o governo seguro, do navio e, principalmente, do avião, debaixo de quaisquer condições de tempo, sem o que se torna precario o trafego commercial e insufficiente a protecção das vidas. O meio disto conseguir foi descoberto praticamente por Loth — o emprego dos signaes electromagneticos — em 1921, e logo após experiencias absolutamente satisfactorias, adoptado pela Marinha de Guerra e pela repartição de Aeronautica.

O processo basêa-se na propriedade de que um conductor percorrido por uma corrente alternativa desenvolve linhas de força que lhe são concentricas e induz num circuito proximo outras correntes; o conductor, collocado nos logares a indicar e o circuito receptor a bordo constituem pois um systema de signaes. O conductor, convenientemente protegido, é o **cabo piloto**, estendido no fundo do mar, ou suspenso a postes em terra, para os aviões, ligado por um extremo a um manipulador Morse, funcionando a mão ou automaticamente, que serve para emissão de signaes convencionaes, geralmente um som musical.

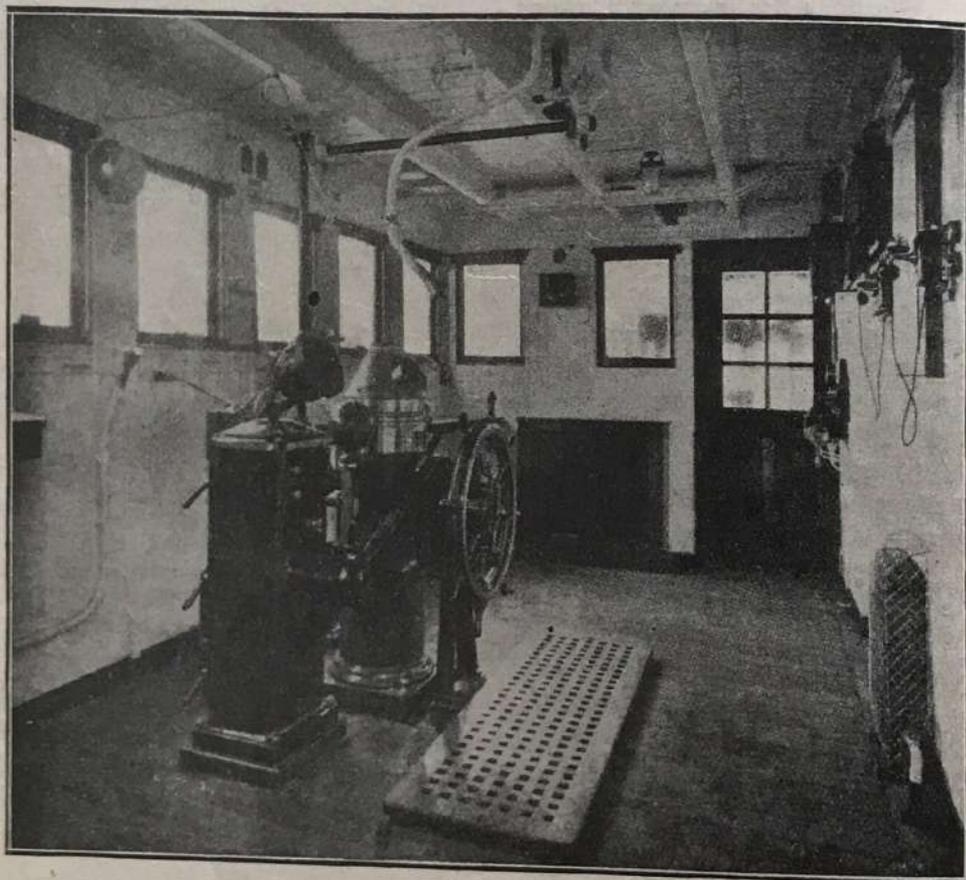
A bordo, as **bobinas exploradoras**, instaladas no costado, uma de cada bordo, ligam-se

a receptores telefonicos que assignalam pelo som a presença do cabo piloto. Supponhamos um navio demandando o canal de acesso a um porto debaixo da mais espessa cerração; logo que perceba o som caracteristico do cabo, manobrá de forma a caminhar sobre elle, fazendo por ouvir o som com a mesma intensidade pelos dois bordos; os receptores telefonicos podem, por commonidade, ser collocados nos ouvidos do timoneiro. No mar a 3 kilometros são percebidos os signaes, no ar, a 14. O perigo de abalroamento é inteiramente afastado, desde que o navio siga deixando o cabo por BB, para o que bastará manobrar de maneira a ouvir a BB,

inscreveu em seu orçamento os creditos destinados á installação destes dispositivos, (cujos detalhes são ainda pouco conhecidos mas que provaram optimamente, nas experiencias effectuadas), nas estações da primeira secção da linha Paris — Londres, Bourget e Luzarches. Estuda-se actualmente a adaptação de tal dispositivo aos campos de aterrissagem, de modo a fazer conhecida ao aviador a orientação mais favoravel para a aterrissagem.

( *L'illustration* — Dezembro, 1924 ).

\*



A estabilização do jogo do navio e o governo automatico do mesmo são as ultimas valiosas applicações do gyroscopto a bordo. A gravura mostra a casa do leme de um navio moderno, vendo-se ao lado da roda do leme o "gyro-pilot", que substitue vantajosamente o timoneiro.

ruido maior que a BE; para os aviões, esse perigo é evitado pela diversidade de altitude das derrodas oppostas.

Mas si ao navio é sufficiente tal aparelhamento para entrada e saída de portos, aos aviões é indispensavel em todo o percurso, pelos campos e pelos mares, o que apresenta serias difficuldades, sobretudo de ordem financeira. Para obviar a este inconveniente acaba Loth de inventar novos dispositivos que, aparelhados os pontos extremos de uma singradura com elles, dispensam o cabo-piloto sem prejudicar a eficiencia do governo.

A repartição competente da Aeronautica já

— «Desde 1922, emprega o «U. S. Coast and Geodetic Survey», repartição federal encarregada dos trabalhos cartographicos, na determinação das longitudes dos vertices principaes de um levantamento, um novo instrumento que a par da maravilhosa precizão conseguida em suas indicações offerece inestimaveis vantagens de economia e simplicidade.

Em memorial apresentado á American Astronomical Association, descreve Clarence Swick, em todos seus pormenores, o interessante invento que permite a substituição da telegrafia, até então usada em tais trabalhos, pela radiotelegrafia. O alto valor da descoberta dispensa encareci-

mentos depois dos serviços prestados em grandes levantamentos no Wisconsin, e recentemente no Alaska.

A determinação da longitude de uma estação é feita, conforme se sabe correntemente, pela comparação da hora local com a hora do primeiro meridiano; o primeiro elemento é dado pela observação astronômica, para o que se usa um transitó especial, e o segundo pelo telegrafo. Para o caso, entretanto, de uma estação onde não passe o telegrapho torna-se impossível a applicação deste methodo, a menos que o recurso de estender até lá a linha telegraphica não se torne muito dispendioso ou demorado. Com o novo instrumento, é bastante uma estação telegraphica, a transmissora, e a facilidade em transportal-o de um lugar para outro permite a determinação da longitude de

muitos pontos, mesmo aquelles, quasi inacessíveis, cuja posição era determinada, antigamente, por uma triangulação subsidiaria.

O instrumento consta, em essencia, de um apparelho receptor, que dá os sinais horarios emittidos pelo Observatorio Naval de Annapolis, e um chronometro, disposto de maneira que um estylete registre, num tambor accionado pelo chronometro, as indicações do apparelho receptor; com tais elementos, e as observações do transitó, que tambem são registradas no tambor, resolve-se o problema, já se tendo alcançado em alguns resultados a bella precisão de 0,03 de segundo de tempo.

(Scientific American — Maio, 1925).

L. R.

## CASA MOUTINHO

### E A ELEGANCIA MASCULINA

O progresso e a cultura de uma cidade moderna podem ser perfeitamente aferidos pelas suas casas de modas. E' mesmo certo que são esses estabelecimentos as resultantes mais immediatas de um centro, onde a civilização se venha processando, diuturnamente, sem solução de continuidade. A desaparição de taes casas implicaria, naturalmente, num colapso, senão na morte mesma da civilização.

Comprehendem-se, porventura, montras como as da nossa Avenida Rio Branco em ruela de villa sertaneja? Entretanto, progredindo essa villa, vindo ella a ser uma cidade moderna digna desse nome, é absolutamente certo que, nas suas ruas e avenidas de então, como aqui no Rio, hão de succeder-se, variadissimos, os mostruarios da civilização.

As vitrines são, pois, o melhor indice do progresso de um povo. Aqui no Rio, a medida da elegancia masculina nos é dada pelos mostruarios da Casa Moutinho, á Avenida Rio Branco. Só num centro hiper-civilizado, aliás, é que se concebe um estabelecimento de tal ordem. Tudo ali, no que concerne a artigos finos para homens, de um lenço a um chapéo, é obra de apurado labor, que trae a preocupação de agradar plenamente ao individuo mais requintado das elites mundanas.

Bem acceita como foi, desde a sua fundação, a Casa Moutinho progrediu sempre, esforçando-se o seu proprietario por manter o conceito a que se impoz, logo que abriu as suas portas aos amantes da esthetica na indumentaria. Modificou-se, com o tempo, esse conceito... porque avultou, cresceu muito. E hoje a Casa Moutinho é, sem favor, no Rio de Janeiro, a

CASA "CHIC" POR EXCELLENCIA DE ARTIGOS FINOS PARA HOMENS.

## Café Victoria

Chá, Chocolate, Mingaos,  
Ceias, Vinhos e Licores.

## GONÇALVES & MOURE

LARGO DA CARIOCA, 2 — TELEPHONE C. 5861

RIO DE JANEIRO

# Klabin Irmãos & Companhia

INDUSTRIAS — IMPORTADORES

Endereço Telegraphico: KLABIN

Codigos A B C 5th ed e Ribeiro

MATRIZ:

*Rua Florencio de Abreu, 51*

Teleph. Central 982 — Caixa Postal, 524

SÃO PAULO

FILIAL:

*RUA DO CARMO, 66*

Teleph. Norte 5515 — Caixa Postal, 1622

RIO DE JANEIRO

UNICOS DEPOSITARIOS DA

## Companhia Fabricadora de Papel

Lithographia — Typographia — Alto  
Relevo — Aerographia.

Fabrica de Placatas, Folhinhas, Livros  
em branco e cartas para jogar.



Endereço Telegraphico: IMPERIA — Telephone Central 1296

**Casa de compras em Paris**

1, CITÉ PARADIS

ATELIERS COMPLETOS

## SIMÕES & ALIJÓ

Modas — Confeções — Chapéus — Vestidos — Lingerie — Sedas e Novidades.

Em correspondencia directa com os grandes creadores das modas de Paris,  
para o envio de modelos.

56, RUA GONÇALVES DIAS, 56

RIO DE JANEIRO

### Botões **KREMENTZ**

Unicos que não sujam a camisa nem a  
pelle, não se estragam nem  
ficam pretos.



Os melhores do mundo

Veja na marca KREMENTZ a garantia  
de que adquire um botão inalteravel  
e de uso indefinido.

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL:

**Companhia Mercantil Pan-Americana**

*RUA CHILE N. 7 — 1.º andar*

Endereço Telegraphico: PAMERICANA — Caixa Postal 1623 — Telephone Central 3801

RIO DE JANEIRO

# Fonseca, Almeida & Co.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Ferragens, Tintas, Vernizes, Oleos, Lubrificantes, Materiaes de  
construcção, Tubos, Gaxetas, Correias, Cabos,  
= Maçames, Metaes, etc., etc. =

MATERIAES PARA ESTRADAS DE FERRO E OFFICINAS

TELEPHONES: Armazem - Norte 962  
Escritorio - Norte 36

CAIXA DO CORREIO N. 422

End. Teleg. "CALDERON"

R. 1.º DE MARÇO, 75 e 77  
R. GENERAL CAMARA, 19

— E —  
Deposito á Rua Camerino, 64  
RIO DE JANEIRO

SIRGUEIRO

## Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

**ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida**

Artigos em deposito: Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance, casemiras  
inglezas e francezas. Brins brancos—diversos fabricantes—estrangeiros e nacionaes.  
Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

**Vendas por Atacado e a Varejo**

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade.  
Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata,  
capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados,  
kepís, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

**8, Rua Rodrigo Silva, 8**

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

**166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro**

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DÁ BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

*Bernado* — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriaes, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

*Bernice* — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos tipos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

*Brandão* — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuas para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

*Naval* — **Construção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmulas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

*Madre* — **Construção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

*Combate* — **Construção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8

*Acesoro* — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Instalação do aparelho motor; Instalações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

*Conduto* — **Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes tipos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua condução e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

*Navegal* — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharões, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

*Piltage* — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

*Fundura* — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns tipos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Condução e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

# RUPTURITA

Alto-Explosivo Brasileiro

Patente N. 9970



Fabrica : MERITY — Estado do Rio

E. FERRO LEOPOLDINA



ESCRITORIO :

Avenida Rio Branco, 29 - 1.º andar

RIO DE JANEIRO

End. Teleg. "RUPTURITA" — Código RIBEIRO

PERSPECTIVA DO NOVO EDIFÍCIO  
DO MINISTÉRIO DA MARINHA.



ESCRITORIO TÉCNICO

RAJA GABAGLIA

ENGENHEIROS CIVIS

PROJECTA — ADMINISTRA — FISCALISA

× × × EMPREITA : × × × × ×

× × OBRAS HYDRAULICAS × × ×

× × CONCRETO ARMADO × × ×

Instalações industriais e electricas — Estradas de ferro e rodagem

Rua da Quitanda, 96  
1º andar

Rio de Janeiro  
Phone N. 2122



Orgam Official dos *✕*  
 Aspirantes de Marinha.

REDACTOR-CHEFE: *— — — — —*  
 A. M. BUARQUE DE LIMA



Uma galera! a Audacia, armada em guerra,  
 ou guirlandada de trophéos de paz,  
 que, hostile a terra ao mar e o mar á terra  
 o homem, no entanto, é que é o maior audaz.

O mais audaz é o homem: que, ora, aferra  
 a ancora, de repouso, junto ao cáes,  
 ora, velame aberto aos céos, descerra  
 mundos, e senhoreia os temporaes!

O mais audaz é o que -- na agil galera  
 do Pensamento, com azas de chimera,  
 unindo o gladio ao livro, e o verbo á acção,

Vae plantar na outra margem a bandeira  
 de uma Pátria maior -- da verdadeira  
 patria de mutuo amor e redempção...

*Jerome Fontes*

# S U M M A R I O

---

<i>A Galera</i> . . . . .	Hermes Fontes . . . . . (Capa)
<i>Resurrexit</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . . 3
<i>A politica naval americana</i> . . . . .	Eugenio de Castro . . . . . 4
<i>Postos de combate</i> . . . . .	O. C. . . . . 6
<i>O intrigante.</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . . . . 8
<i>Doutrina</i> . . . . .	Antonio Bardy . . . . . 11
<i>A Bahia e a Marinha</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . . 14
<i>Spottagem</i> . . . . .	Tenente. . . . . 16
<i>A bordo</i> . . . . .	O. C. . . . . 16
<i>Dous de Julho</i> . . . . .	Lucas A. Boiteux . . . . . 17
<i>O sabbado na Escola Naval</i> . . . . .	Peter Pan . . . . . 18
<i>Navegação</i> . . . . .	Eugenio Possolo . . . . . 20
<i>Revista de Revistas</i> . . . . .	L.R. . . . . 22
<i>As duas gêmeas</i> . . . . .	Almirante Gomes Ferraz . . . . . 23
<i>Estados Unidos versus Brasil</i> . . . . .	João Sem Telha. . . . . 23
<i>A musa inspiradora da mais remota poesia lyrica portu- gueza</i> . . . . .	Nelson Olympio Oddone . . . . . 25
<i>A tempestade no lago</i> . . . . .	Roberto de Barros . . . . . 26
<i>De volta no Benjamin</i> . . . . .	Tenente. . . . . 28
<i>Reforma...</i> . . . . .	O. C. . . . . 28
<i>O frango da Tamoyo</i> . . . . .	O. C. . . . . 29
<i>O brigue</i> . . . . .	O. Coutinho Marques . . . . . 29
<i>Combustiveis</i> . . . . .	J. Luiz Belart. . . . . 30

---

REDACÇÃO:

ESCOLA NAVAL x ILHA DAS ENXADAS

---

ASSIGNATURA ANNUAL. . 165000





1.º Tenente Eugênio da Silva Dossolo

Na primeira vítima da aviação naval  
brasileira "A Galera" homenageia todos  
os que se immolaram pelo seu floresci-  
mento em nossa terra.



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.

Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

## RESURREXIT

A. M. Buarque de Lima

**N**UMA das suas mais interessantes obras, «A influencia do poder marítimo na historia», acentúa Mahan a injustiça com que se subalternizou em todos os tempos o vulto historico do marinheiro. Acentúa e critica-a, através de uma documentação cerrada, de uma dialectica irresponsivel, em paginas admiraveis, de onde saltam, como figuras plagiadas de Homero, os intrepididos guerrilheiros das vagas — os Nelson e os Suffren, os Tourville e os Duquesne, a marujada anonyma das galeras, todos quantos no mar e pelo mar batalharam as batalhas sangrentas dos seculos XVII e XVIII, tão encarniçadas quanto as de terra e mais que ellas sinistras, pelo dilemma de capitular ao inimigo sanhudo ou succumbir ao mar revolto. Está na consciencia de todos a sua projecção na historia dos povos que as venceram. Recuando mais, se não fóra Salamina onde rebentaria a vaga persica? «A supremacia marítima dos Romanos», adverte o mesmo autor, «forçou Annibal á longa e perigosa marcha através das Gallias, na qual perdeu mais da metade dos seus veteranos». Triunphassem os Turcos em Lepanto, até onde alongaria o crescente os ramos da curva cabalistica?

Com ter sido, porém, o oceano quasi invariavelmente o campo de batalha pela independencia das nações que confiavam com o mar, timbra-se em reduzir-lhe a influencia até entre nós, pela palavra autorizada de Pinto Bravo, nesta lamentavel referencia ao papel da esquadra da Independencia: «A parte que á nascente marinha brasileira tocou no abafamento das *pequenas resistencias* que se antepuzeram á independencia nacional não tem a importancia pre-

cisa para aqui ser mencionada». Basta a confundir-los a simples leitura das «Memorias» de Cochrane, a ponderação de que *pequenas resistencias* não offereceu quem dispunha de «uma força naval e militar superior á do Brasil, em circunstancias ordinarias, plenamente capaz de se manter, assim como de abafar ou, pelo menos, paralyzar qualquer movimento a favor da Independencia», e que «para combater-nos levantára em Londres um emprestimo de dois milhões esterlinos», contraminando ainda pela intervenção dos seus agentes no estrangeiro a agitação que irrompia com difficultar-nos a aquisição de munições e material de guerra». E depois, aquella quasi depreciativa adjectivação, *nascente marinha brasileira*, não envolve paradoxalmente um merecimento invulgar? Marinha improvisada, cuja capitanea saiu de uma doação particular, sem ella, sem a pericia dos seus chefes, que para logo penetraram a ineptia do portuguez Felix de Campos, sem a abnegação quasi suicida das suas guarnições, não se consummaria a Independencia. Marinha nascente, teve ella por paranyphos da sua gloria os jangadeiros de João das Botas — figura legendária de patriota, marujo como um bretão, valente como um grego, semi-selvagem na furia louca com que arremettia o inimigo — o antepassado de Marcilio Dias, o carrasco de Madeira de Mello. Nas campanhas que se succedem sempre o mesmo espirito de audacia, de intelligencia e de patriotismo no nosso marinheiro. Mas nos dias agitados deste seculo de conquistas e de postergações, em que o direito da força resplandece ameaçadoramente nas torres altas das náus de guerra, a elle se deve

com mais carinho comtetter a vigilância das nossas costas, tão extensas quão abandonadas, tão hospitaleiras quão esquecidas. País essencialmente marítimo, sem ter sentido ainda rasga-lo os trilhos das grandes vias-ferreas, o seu bloqueio será a morte pela fome, a capitulação pela immobilidade, a vergonha pela desidia. Para restaura-la maritidamente, nada mais do que o apoio material. Podemos repetir em relação a nós a frase do almirante Grivel: «Infelicitades de toda ordem arrebataram ao Brasil o poder naval, mas não os elementos desse poder». Esses ali estão, moirejando e soffrendo, esperando e navegando, na coberta dos nossos navios, no recesso das nossas escolas. Nem o estímulo lhes esfolheu o esquecimento a que os relegaram. Mas não basta. Toda decadencia é humilhante, e nós decaimos do posto que nos haviam assignalado os marujos do passado. Cumpre rehavê-lo para não descermos mais, mesmo porque num parallelo que se impõe é triste a situação nossa de inercia quando a Ar-

gentina acaba de votar para modernização e aumento da sua esquadra 20 milhões esterlinas e o Chile lhe segue o exemplo. A menorethorica condição de paz é o equilibrio das forças, e esse a nossa fraqueza vem rompendo-o. Parece, porém, que elle tende a restabelecer-se. A Bahia, num rasgo que a nobilita, iniciou a cruzada de resurreição da marinha, iniciada Ella escutou a voz de Ruy: «O mar é a tracheia dos estados maritimos. A nação que deixou pi-sar-lhe sobre esse organ a planta do adversario, é nação previamente perdida no primeiro ensaio de forças».

Que o seu exemplo vença a rotina e o indifferentismo, tal qual as vélas que della largaram para a jornada gloriosa de Cochran e venceram, como a aza branca dos alcyones, a immensidade dos mares que a beijam. E astrocrocada, a Marinha resuscite, porque já se pronunciou o *Resurrexit*, a palavra magica de vida.

## A politica naval da America Latina

(INEDITO)

Eugenio de Castro

Conta Herodoto de Halicarnasso no seu primeiro livro de Historia dedicado á Musa Clio, que, segundo os persas, foram os phenicios os autores da querela.

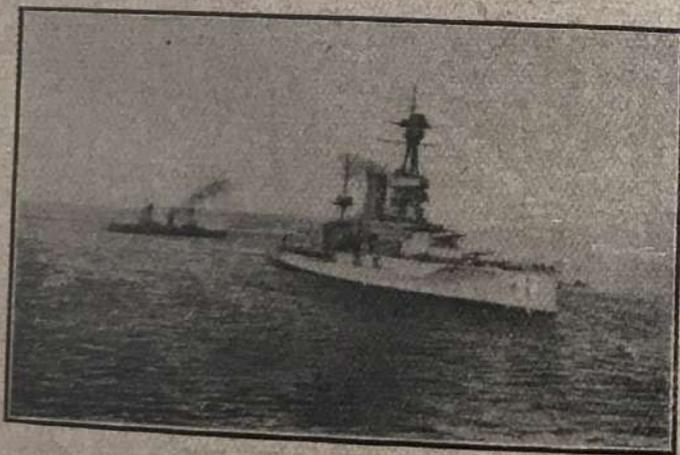
Fazendo escala no porto de Argos uma galera phenicia, os seus marinheiros raptaram entre outras mulheres a filha do rei Inachus; e, em seguida, dando de vela, buscaram um porto egypciano.

Não tardaram os gregos na represalia: abordando ás praias de Tyro, raptaram Europa, filha do rei phenicio. E dahi, a origem das grandes guerras nessa antiguidade remota, na consciencia de Herodoto, o pae da Historia.

Se bem que em outros seculos ainda se encontre a — mu-se encontre a — lher — como pretexto a novas contendias entre nações e até como bella flôr de idealismo nas justas e torneios da cavallaria andante, outros motivos serviram, antes e depois, de melhor justificar aggravos e guetras entre povos até os nossos dias: taes como: as questões de terra e de raça; o despotismo e o anseio de liberdade; a religião; o predomínio commercial ou a luta pelo dinheiro disfarçada em aspectos varios; e quantos mais, sob a protecção de pretensos direitos? Caminhando no espaço e no tempo, foram sempre os povos mais cultos louvando-se em semelhantes motivos para as suas declarações de guerra, como nos foram os ensinamentos de historicos demonstrando que, em parte, — prevê-la, é retarda-la —

Previendo-a pois, com serenidade, procuraremos adia-la dentro do scenario e do ideal americano.

Rompidos os grilhões da idade feudal e vivendo a Humanidade a phase fascinadora do Renascimento, o periodo das grandes navegações de que resultou o descobrimento official da America, lhe deu um campo mais vasto para este anseio de liberdade colhido em plena civilização occidental e trazido no peito dos primeiros colonos europeus ao pisarem o solo do Mundo Novo. Nesta parte do Atlantico surgiram colonias breve tornadas nações confiantes num melhor destino para a humanidade futura e as quaes ergue-



O Encouraçado "Latorre", da marinha de guerra chilena.

ram para afirmar esse sentimento, faz um se-culo, o lemma immortal de Monrôe: — «a America dos Americanos!».

Foi esse grito da Independencia das Americas elevado do seio do continente novo, aonde, hontem como hoje, ainda se acham desmentindo-o, possessões da Inglaterra, da França, da Hollanda e da Dinamarca.

Erguida essa voz do sólo de uma nação povoada por uma raça vigorosa e rica industrialmente, escutando-a entusiastas as outras nações americanas emancipadas das metropoles mas muito atrasadas ainda, como corporificar esse ideal que a todos devesse animar, fortalecer e unir?

Como amoldar o sentimento anglo-saxão dominante ao norte ao sentimento latino dominante ao centro e ao sul no continente, e levando-se em conta o prestígio da Europa, senhora ainda de terras na America?

Como formar-se então um ideal latino-americano, uma politica consequente da unidade latina, tendo em vista a sua propria defesa dentro e fóra da America?

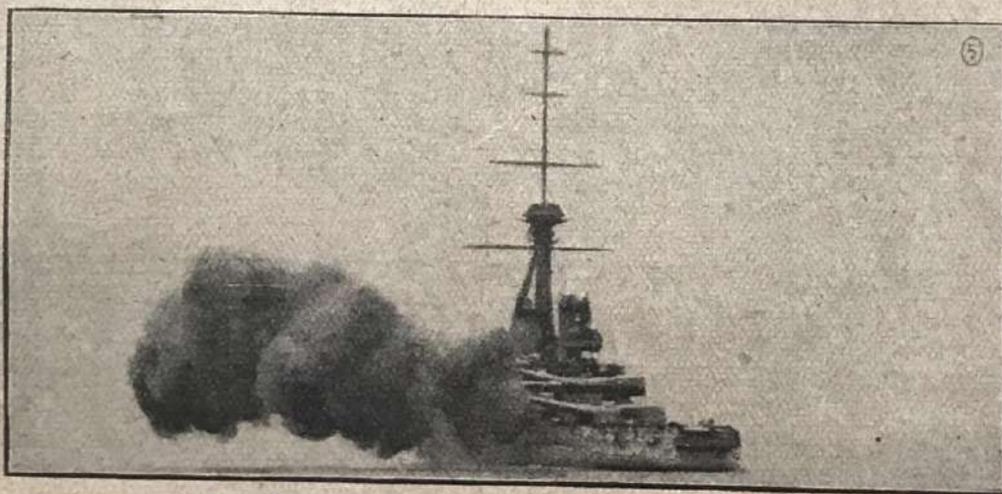
Rio Branco, o segundo, após o inicial surto de politica imperialista indispensavel á primeira phase da sua direcção na pasta de Estrangeiros do Brasil, nos deu uma bella e fecunda politica continental, cujos frutos não quiz precipitadamente colher, antes deixou que sazanassem na frondosa arvore da paz. Se vivo hoje elle fosse, seria o «leader» talhado para animar a formação ainda indecisa desse ideal latino-americano no sentido de uma interpretação mais sadia da doutrina de Monröe,

sião da nossa Independencia politica, outros acontecimentos historicos posteriores nos levaram a encurtar as nossas fronteiras, dentro das quaes todavia nos devemos ater hoje e sempre, sem qualquer outro espirito de expansão ou reconquista, antes prestando ás outras nações o nosso apoio, como o fizemos contra Oribe e Rosas.

Volvamos de preferencia as nossas vistas para o grande rio ou mar mediterraneo do Amazonas, deixando o grande estuario do sul entregue a quem couber de defende-lo neste seculo tendo como nós o dever de cumprir o lemma de Monröe.

Este lemma porém, só poderá ser praticado e defendido por paizes latinos da America, dentro de um alto espirito de garantia mutua e sabia. E para mante-lo e consolida-lo faz-se mister a par de uma união sagrada, uma politica naval de larga visão.

A inviolabilidade das nossas terras, ao correr dos tempos, assim o requer.



O Encouraçado "S. Paulo" salvando com a artilharia de grosso calibre.

visando o porvir e a integridade de todas as nações do novo continente.

Mestre esclarecido da diplomacia, saberia elle corporificar esse ideal, apagando resentimentos e incertezas, estabelecendo uma corrente de justa sympathia entre nações latinas ou irmans na America, e mutuos beneficios ao convívio internacional dellas.

Poderíamos ter mesmo como o primeiro marco dessa esplendida alvorada o tratado de sua autoria que estabeleceu as divisas definitivas da Lagoa Mirim e assignado pelo Brasil e o Uruguai.

Praticando esse ideal — e tomando óra o caso sempre tão explorado do Brasil e Argentina — os argentinos e os brasileiros mais eminentes pelo saber e virtudes haveriam de deixar na consciencia dos dois povos a certeza de que nações de fronteiras demarcadas, alimentando o intercambio de productos diversos e industrias varias que se completam e accrescentam, jámais serão fadadas á guerra mas sim á paz, geradora de progressos e riquezas.

Verdade é que, se no passado golpes de defesa natural levaram aos nossos maiores a alargar as nossas fronteiras até o rio da Prata, ainda entregue quasi como brasileiro por occa-

Querem os Estados Unidos da America do Norte que a doutrina de Monröe assegure a todos os americanos a posse da America: pensemos com elles, dentro da nossa finalidade historica.

Como porém manter-se a idéa de Monröe, notada a desproporção de riqueza e progresso entre a nação mais progressista do Mundo-Novo e do Mundo mas entre os dois fogos do Japão e da Inglaterra, e os paizes da America Latina ora iniciados no grande surto de civilização mas que conjugados em seus esforços nestes cincoenta annos proximos, poderão della vantajosamente se approximar?

Pensamos responder a esta justa interrogação repetindo talvez o que já foi arbitrado: o crear-se um progresso commum dentro de um ideal commum: — o progresso latino-americano dentro do ideal de Monröe.

Para tanto, diminuamos as distancias que nos separam, servindo-nos da locomotiva, do navio mercante, da aeronave, do telegrapho; intensifiquemos, a par das communicações internas, a agricultura, a pecuaria, a industria, a exploração dos productos naturaes, com o fito de buscarmos o ouro que de nós se escôa fartamente para a Norte America e para o Velho

Mundo; pratiquemos o intercambio intellectual e artistico, e sobretudo busquemos como Leon Suarez na Argentina, incuti na juventude de todos esses países de raiz ibérica a certeza de um grande destino historico commum, animados do instincto de defesa quanto de cordialidade continental; nacionalizemos, debaixo de um ponto de vista peculiar a cada nação e ao de harmonia de defesa geral, as industrias da guerra — sobretudo a do ferro e aço — e a exploração do carvão e do petroleo, tendo em mente o pensamento de um arguto secretario do Governo americano, expresso não faz muito tempo, de que: — neste seculo do minerio e do combustivel, quem os possuir e não os souber explorar, terá de os ceder por força da lei ou de circumstancias aos outros povos mais trabalhadores, praticos e fortes; concorramos para a estabilidade da moeda americana, e engrandecimento intellectual da America Latina com centros scientificos directores formados de uma minoria humana liberal, intelligente e culta, e com innumeraveis nucleos de escolas primarias e profissionais aonde se aparelhem o agricultor, o criador, o operario, sob todos os aspectos uteis á sociedade e á familia; formemos cuidadosamente e só na escola da honra, os nossos soldados e marinheiros.

E quando esse desenvolvimento material e moral alcançar o fim collimado, unidos ao americano do norte, tenhamos em toda a eficiencia a nossa politica naval latino-americana representada por uma grande esquadra a igualar em poder a da America Anglo-Saxonica indepen-

dente, mas as duas constituindo a «Grand Fleet» sob um só pavilhão da America e affirmando perante o Mundo a doutrina de Monroe.

Essa affirmação naval não deverá assustar o mundo civilizado europeu mais inquietado com o avassallamento do capital yankee nos países latinos do que, parece, com o destino das colonias de além Atlantico. Elle é capaz de ver nessa politica naval um justo equilibrio entre a limitação ao expansionismo americano do norte e a garantia á valorização do capital europeu empregado e vantajosamente remunerado nos países latinos da America.

Tem a America Latina de dar esse passo de providencia e defesa neste meio seculo que temos deante de nós.

Ao homem socialmente installado neste nosso planeta e como comparsa desta tragi-comedia internacional chamado a representa-la, não deverá escapar que esse periodo de tempo precitado venha a ser para o Brasil como para as demais nações latino-americanas, o do primeiro esplendor ou o do fraccionamento inicial: — porque é preciso sabermos que, assim como no passado remoto achava Herodoto de Halicarnasso para causa das principaes guerras — o rapto da mulher —, para nós do seculo XX, motivo bem mais «legal» de guerras presentes e futuras, deverá ser o rapto menos sentimental e mais pratico — do ferro, do carvão e do petroleo —.

## POSTOS DE COMBATE

Com a louvavel preocupação de tornar eficiente a *nau* sob seu commando, o capitão de fragata Monteiro da Silveira chamou o immediato.

Na camara discutiram os dois largamente sobre o modo de levar a cabo as fainas de emergencia tão ao vivo quanto possivel, de fórma a dotar a guarnição de um treinamento nunca dantes attingido. Depois de riscar tabeas e permutar postos, lá desceram ao terreno da pratica, onde infelizmente as melhores idéas têm os seus escolhos e os seus naufragios. E era verdade que a idéa do commandante Monteiro vinha á execução sem o collete salvavidas do apoio da officialidade. Em todo o caso, como acontece na Marinha, cumpriu-se tudo e foi um horror de postos de abandono, de incendio, de collisão, e de não sei mais que, em que os nossos adoraveis Gécas de lenço e fiel faziam maravilhas para chegar a comprehender a necessidade de dar a bomba tirando agora a boreste para esguichar a botabordo, sem ter sequer uma miseravel *bagana* de mata-rato fumegante para justificar o seu furor de bombeiros intempestivos.

Onde, porém, culminou o genio inventivo do commandante foi nos postos de combate.

Até machadinhos para abordagem e picaretas para cavar trincheiras nas operações de desembarque armavam os grumetes espantados, que se viam de repente revestidos da imprevisita catadura de piratas de alguns seculos atrás.

Mas faltava ao scenario o fogo vivo da batalha e a tinta rubra do sangue.

E o commandante tinha serias duvidas sobre o effeito que ambos pudessem exercer sobre a acção dos seus prestimosos Gécas no combate. Depois, havia o medico de bordo e todo o pessoal da enfermaria que não tinham que fazer no meio daquelle furor bellico, que atacava a guarnição quando tocava postos. Mais que tudo incommodou ao bravo fragatão a attitude do Dr. Serapião de Andrade, o honesto Esculapio de bordo, que elle surprehendeu um dia a fumar um charuto com uma calma irriante em pleno decorrer da incruenta peleja. O commandante Monteiro não esteve pelos autos para admirar o sangue-frio do medico, e, após o tésa regulamentar, voltou a consultar tabeas e a permutar postos.

Assim, parte pela louvavel intenção de tornar mais reaes os «fighting drills», numa época em que o americanismo não invadira a marinha, como o futurismo as artes, e parte pelo ainda mais louvavel desejo de dar que fazer ao Dr. Serapião, aquelle que fumava charutos nos postos de combate, ficou assentado nem mais nem menos, que em cada exercicio, *morreriam* alguns dos valiosos elementos daquelle muito pacifico navio de guerra.

E era de ouvir-se a ordem dada na parada, *escutando* os feridos e cadaveres do proximo encontro naval, com a seriedade com que sempre se dividem as fachinas:

— Setenta e um, sessenta e nove!

— Napoleão Bonaparte de Jesus!

— Você morre no paiol de 47 mm. avante.

— Sim, senhô — respondia o grumete, numa gravidade comica, batendo uma continencia «made in Geoland».

E assim por diante. Um ou outro «boi de bico», nome com que pittorescamente os «antigos» baptisaram os novatos que vêm do Corpo de Marinheiros, arriscava sorrisos compromettedores para a boa ordem das formaturas.

Mas cumpria-se tudo.

Na hora do combate, o Ignacio de Loyola Livramento ou o Martinho Luthero Cadaval dava um grito, escolhia um lugar macio para cair, abria uns olhos de morto convencional e «largava as amarras» para cair na inercia do nada.

Como, porém, tal morte eliminava o individuo da faina, era commum morrer accidentalmente algum fóra da escala, o que rejubilava o commandante Monteiro, que dizia, na sua candidez diaphana, que «elles» já iam comprehendendo o espirito da coisa.

Mas ainda não era tudo. Da guarnição, a escala passou aos officiaes: um dia era o encarregado da navegação, outro o chefe de machinas, e já o pessoal da enfermaria abominava o exercicio, que o fazia carregar ininterruptamente, durante uns bons quartos de hora, uma sucia de malandros, que se lembravam de cair desamparados, soltando num berro o aviso previo:

— Estou... morto!...

Cobertas abaixo, é verdade que todo mundo ria.

E as aneddotas e os ditos chocalhavam no meio de risadas, quando tocava «volta aos postos».

O commandante Monteiro, este sorria satisfeito, estregando as mãos, quando via um morto ser substituido immediatamente no seu posto de honra.

E' bem certo que o pessoal de bordo já estava tão afiado que era commum ver-se o ferido cair nos braços do substituto, gemendo e estrebuchando como um suino em vespéras de facão, cada qual mais conscio de que era uma revelação na arte theatral.

Havia até moleques pernosticos que párodiavam as attitudes carcamanamente tragicas da Francesca Bertini, bem entendido só durante os postos, para não dar que pensar outra cusa muito menos innocente do que fazer de morto em combates simulados.

Não cessava, porém, o commandante Monteiro na sua preocupação de treinar todo o seu pessoal, e foi isto que o levou desgraçadamente áquella desavença com o proprio immediato. Foi o caso que, para verificar como se haveriam os seus commandados, quando lhes faltasse em combate o luminoso archote da sua direcção technica, resolveu um dia, sem aviso previo, como seria curial, suicidar-se, ou melhor, deixar-se assassinar por uma daquelas imaginarias granadas que o inimigo supposto fazia metralhar sobre o seu invicto «buque».

Corria serena e pacificamente o formidavel combate. Os canhões conteiravam com uma velocidade capaz de provocar a applicação dos principios einsteinianos; as vozes de commando cruzavam-se nos tubos acusticos com uma semcerimonia capaz de causar inveja ás telephonistas da Light; os apontadores, conscios da efficacia do seu tiro, chegavam a dar a voz de «fogo»!

com a culatra aberta, sem sequer pestanejar diante da probabilidade de um desculatramento. No torreão de commando, grave como uma estatua do dever, o timoneiro fixava um olhar ferreo, que perturbava a agulha. Uma ou outra vez passava um grupo de taifeiros, assistidos gravemente por um enfermeiro, carregando numa padiola algum valoroso ferido, que soltava heroicas phrases á maneira dos mortos illustres, que sempre se lembram de dizer alguma cousa de aproveitavel. Houve até um grumete pernostico, antigo admirador dos romances de capa e espada e coleccionador de phrases feitas, que botou a morte a meia adriça para poder exclamar como a Italia Fausta num dramalhão de arrepiar couro, cabello e unificme:

— O grumete rende-se mas não morre!

Lamentavel equivoco, que, reconhecido já quando atopetára a tirada, fel-o coçar a cabeça e murmurar desconsolado o resto, que a historia diz que Cambrone celebrizou...

O commandante Monteiro, apesar do que lhe ponderava o tenente Assumpção, «que elle se arriscava muito», era a alma do combate, multiplicando-se pela bateria, coberta, torreão de commando, teijupá, e até na machina, onde a fogueirada ouvia chegar todos aquelles marciaes rumores como o longinquo tropel de uma multidão enlouquecida.

Depois da lucta, cada qual esperava uma repressão ou um elogio pautado pela theoria que o commandante expuzera ao estado maior sobre a pobreza de gradação dos nossos objectivos, propondo a adopção de «uma escala de Beaufort um pouco augmentada» para supprir a falta dos elementos qualificativos do bello idioma de Camões.

Assim é que o Manoel da Paixão Soares, apontador de 47 mm. era um marinheiro «disciplinado 89», «cuidadoso 56», «patesca 68» e assim por diante...

Nesse dia porém o commandante Monteiro estava «com nó nas tripas 99», talvez com a certeza de sua «morte» proxima; dahi talvez o temporal que desabou sobre a cabeça do immediato, pondo fim a todas as boas intenções «daquelle commando», e interrompendo para sempre uma orientação bellica, que tão auspiciosa começara.

Já havia o fragatão passado pela bateria e rumado em direcção ao castello, incolume como o proprio genio das batalhas, dominando o tumulto da peleja com o seu sangue-frio imperturbavel, quando, tendo reconhecido por uma rapida inspecção, que estava num lugar commodo para representar o seu papel tragico, levou a mão ao peito, na altura em que devia pulsar como uma bomba de circulação o seu coração bem formado, e revirou os olhos num doloroso grito:

— Ah!...

A gecada estacou surpresa diante daquella desgraça, enquanto o commandante Monteiro, lembrando-se de que mesmo «morto» um commandante deve ter uma «pose» capaz de conservar ascendencia sobre a guarnição, rodopiava sobre os calcanhares, e dava uns dois passinhos syncopados á retaguarda, para poder «morrer» christãmente encostado a um ventilador.

O immediato, que pairava sobre machinas alli perto, não poude resistir ao aspecto dramatico do succedido, e, aguentando a barriga com ambas as mãos, entregou-se gostosamente ás melhores gargalhadas que déra em sua vida,

acompanhado em surdina pela guarnição, que o seu riso homérico contagiava.

Este rumor pouco marcial chegou aos ouvidos do commandante, que continuava estaiado contra o ventilador, querendo encher de admiração respeitosa o seu prematuro «fallecimento». Forcejou por guardar a sua estranheza para mais tarde, não querendo com uma manobra insolita comprometter a sua condição de «morto». Mas não paravam os riso, e, muito embora a sua escala de adjectivação deixasse longe a de Beaufort, o bonacão Monteiro passou o limite da gradação e achou-se subitamente «damnado 101». Por uma força espantosa ainda se conteve um segundo, o tempo de «arriscar um olho» e ver o immediato dando barrigadas de riso, «solo» rumoroso, a que respondia o «côro» abafado da maruja.

Era de mais! Qual mais escala de Beaufort, nem nada! O commandante atopetou a «enrascativa» e poz-se de pé num pulo, fúscante, gaguejante, enfim, «hydrophobo 109»!

— Immediato! — apostrophou com uma voz

de trovão, que dominou o proprio tumulto da batalha — Ha mais de quinze minutos que «este commando» está morto e o senhor não assume o commando!

E como o immediato redobrasse de riso, encerrou-se o candido fragatão dentro de sua dignidade offendida e bateu para a camara, depois de mandar tocar volta aos postos, furioso como um leão ferido, para mandar preparar a caderneta do immediato, que desembarcava «naquella data», por ter attentado contra a melhor intenção, que já tivera o commandante Monteiro em toda a sua vida.

E, como o estado-maior reintegrasse o immediato no cargo, o commandante Monteiro, com a comprehensão inabalavel da disciplina que o tornava um digno emulo dos spartanos de Leonidas, abalou para a terra na sua canôa muito limpa e muito cuidada, e nunca mais voltou a pisar o convez do navio, para cuja efficiencia elle procurava concorrer com tanta boa vontade!...

— Sic transit gloria...

O. C.

## O INTRIGANTE

A ouvir a voz de algum descendente de Job que apregôa moral — coberto de mazelas.

Vicente de Carvalho

**F**ÇA já lhe traçou o perfil inconfundível. Pequenino e abjecto, inextruculo e infatigavel, tem a obsessão da curiosidade; em lhe faltando onde esta se apascente, forgica; é, pois, consoante as circumstancias, o leiloeiro do escandalo ou o alchimista da calumnia. Escarra em toda reputação que se lhe depara; nenhum nome lhe passa pelos labios sem a babugem da sua saliva peçonhenta e a escoriação da sua lingua farpada. Tal a charnéca, com a lama e os espinhos. Lê um pouco: Zola, Paulo de Kock, Conselheiro XX e, nos momentos de mais espiritalismo, saboreia, através das traducções, a lubricidade classica dos versos de Aretino. Apraz-lhe as coisas antigas; não se refocila, porém, nos museus nem nos sarcophagos porque não vale a pena criticar o passado nem dizer mal dos mortos. Julga-se o pontifice da ironia; mas engana-se com seraphica ingenuidade: o que lhe sai não é a leveza attica dos espiritos

de escol; é o fermento da gargalhada inoffensivamente boçal. Aos physiologistas, que tudo subordinam à sexualidade, não se afigura enigmatica a virulencia da sua maldade; com effeito, dir-se-ia voronofficado no berço, ou um homem com o erotismo de orangutango. No profundo “Amor dos homens”, cuja leitura lhe prescrevo, analysou-lhe Mantegazza, com o carinho do sabio que vê nas monstruosidades mais nojentas simples manifestações de uma psychose, os caprichos da lascivia insaciavel, com os quaes, por um largo sentimento de solidariedade, busca por vezes brindar os outros... Proserpina, sua deusa, que lhe receba as offerendas...

De todos esses symptomas de degenerescencia um, porém, preleva aos demais: a inveja. Remorde-o a florescencia do trabalho alheio; enerva-o a santidade dos lares, por sua lingua nivelados aos prostibulos mais baixos; ennauseia-o um encomio, um applauso, um estimulo aos que

moirejam; iconoclasta impenitente, não confesso por covardia, em torno a elle só a ralé dos alcovetas, que, como os Hebreus escapavam á serpente fitando-a, acreditam escapar ao intrigante ouvindo-o. Alcoveta sim, porque só se avizinha desse monstro quem tem na alma a vocação para famulo. E famulo, joeira-lhe os vituperios, espalha-os, advoga-os, tonifica-os com a preocupação doentia de, bem servindo o senhor, afastar de si a chibatada do seu latego. Triste, inevitavel signo da fraqueza humana, que não revolta mas penaliza, pois aos que capitulam lhes está reservado findar os dias entre as torturas do remorso, o cilício da consciencia. Porque a influencia desse typo sinistro persegue até os mesmos cum-

plices. Lembra na extensão do mal os crimes tenebrosos da Edade Media, cujos autores se eliminavam para inviolabilidade do segredo. O horror, a esses tempos votado aos leprosos, deviam senti-lo quantos de quem se aproximasse o intrigante.

Emquanto a mim, desafio-o. Disponho para ferreteá-lo da affronta suprema: gritar-lhe o nome. Mas não basta; quisera biographá-lo com a vehemencia digna da sua vileza; esqueci, infelizmente, o lôdo com que faze-lo. Tenho esperanças de um dia consegui-lo, e então, molhando a penna no seu sangue, a biographia revestirá uma fidelidade absoluta, uma flagrancia inegualavel.

A. M. BUARQUE DE LIMA

# Fonseca, Almeida & Co.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

*Ferragens, Tintas, Vernizes, Oleos, Lubrificantes, Materiaes de  
construcção, Tubos, Gaxetas, Correias, Cabos,  
= Maçames, Metaes, etc., etc. =*

MATERIAES PARA ESTRADAS DE FERRO E OFFICINAS

TELEPHONES: *Armazem - Norte 962  
Escritorio - Norte 36*

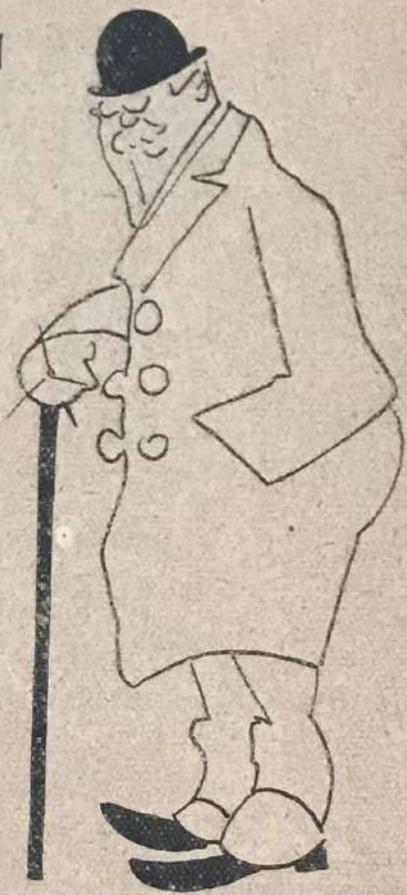
CAIXA DO CORREIO N. 422

End. Teleg. "CALDERON"

*R. 1.º DE MARÇO, 75 e 77  
R. GENERAL CAMARA, 19*

*Deposito á Rua Camerino, 64  
RIO DE JANEIRO*

# THEORIA DE EINSTEIN



— Porque será que a õzita deixou o Coronel pelo Aspirante ?

— Aquillo é questão de relativa... idade...

925

# DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

*These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy á Escola Naval de Guerra em 1922.*

## CAPITULO III

### DOCTRINA MILITAR

Considerada, como vem sendo neste trabalho, á luz de uma concepção eminentemente monistica, a noção fundamental de Doutrina poderá, com facilidade, adaptar-se a cada nova applicação que se lhe dê, uma vez que, para cada caso, se torne bem definido o fim a que se visa.

Deste modo, todas as considerações que, a respeito de doutrina militar, se virem aqui consignadas, deverão imaginar-se baseadas no conceito geral que, ácerca de doutrina, formulei no capitulo primeiro, a menos que, por contradictorias ou desharmonicas, aberrem, por completo, desse conceito geral.

Muito embora, em razão do que ora digo, não seja proposito meu definir si não apenas commentar, neste Capitulo, a noção de Doutrina Militar, accrescentando-lhe, quiçá, alguma suggestão minha, desejo, em todo o caso, adoptar, neste trabalho, as palavras do Commandante L. Moreira, quando diz que «Doutrina, militarmente falando, são as deducções tiradas dos são principios da arte da guerra, experimentados na pratica, diffundidos, comprehendidos e mutuamente accetos por uma collectividade armada, com base fundamental do pensamento militar e guia para a conducta da guerra».

Sem entrar em contradicção com aquillo que affirmei no Capitulo segundo, mas, tão sómente, para melhor arrazoar este aspecto especialissimo da doutrina nacional, peço que seja permittido, por um instante, considerar isoladamente, as collectividade militares.

Se se pudesse conceber para as diferentes modalidades da doutrina nacional uma certa preferencia, uma como que precedencia hierarchica, certamente tal precedencia recahiria sobre a parte concernente á doutrina militar.

Realmente, de todas as collectividades humanas, são as militares as que, rigorosamente falando, mais necessitam de nortear-se por uma verdadeira doutrina, porquanto sómente com ella se poderão armazenar, sob a forma de energia po-

tencial, no cerebro de cada um dos individuos que constituem as referidas collectividades, e egualmente para todos, os actos militares de toda ordem, adequados á realizacão do fim a que as mesmas se destinam.

Mas esses actos, sejam de que natureza forem, só se poderão assim preparar á custa de uma boa e perseverante *educação* — tomado, bem entendido, este termo no sentido em que o tomou Gustavo Lebon, na sua «Psychologia da Educação».

Comquanto as demais modalidades da Doutrina necessitem, umas em maior e outras em menor escala, do auxilio indispensavel da educação (por isso que é ella que torna *os doutrinados* accessiveis a certas accões determinadas, a que, á prima vista, sómente são accessiveis as minorias dirigentes), todavia, a doutrina militar é a que mais necessita de soccorrer-se desse auxilio.

De facto, emquanto aquellas, para irmanarem *os doutrinados*, para os afinarem a todos, precisam, em primeiro lugar, de crear predisposições de natureza mental, esta, a doutrina militar, precisa, alem do mais, de combinar e afinar aptidões. Taes aptidões, é sómente a educação que no-las dá.

Se todas as collectividades militares endoutrinadas dispuzessem, anatomicamente, do *cerebro colectivo* a que me referi no Capitulo primeiro, tal cerebro representaria, se assim me posso exprimir, o *mostruario* em que estariam dispostos, á espera da sollicitação, todos os actos militares de que, *dentro dos limites intransponiveis da sua missão*, poderiam ser capazes essas collectividades.

Pois bem: esse mostruario, a que só se póde attribuir uma existencia subjectiva, existe, por assim dizer, objectivamente, em cada um dos individuos das mencionadas collectividades.

Quaes serão pois, as vantagens offeridas por semelhante mostruario? En-

tre outras, duas de character capital: a escolha incôsciente do acto e a sua instantaneidade.

Por isso mesmo que, como já ficou dicto neste trabalho, a doutrina outra coisa não é que habito collectivo, nas forças militares convenientemente doutrinadas, os actos a praticar decorrem, inconscientemente, instantaneamente, de uma especie de selecção natural: pode-se mesmo dizer que são as proprias situações inimigas que escolhem os actos que se lhes vão oppôr ou que as vão remover.

Muito de proposito, dirigi esta trama de idéas para um ponto da Doutrina Militar que a historia nos mostra não ter sido, em todos os tempos, como ainda hoje não é, devidamente comprehendida pela generalidade dos homens de guerra.

Refiro-me as que vulgarmente se chama a Iniciativa.

A meu ver, a idéa que, geralmente, se faz, mesmo entre militares, do que se chama Iniciativa, é o que ha de mais arbitrario e mais falso.

Umaz vezes, basta que um militar incumbido da execução de um plano ou de uma ordem, revele resolução prompta ou ardor temerario, — muito embora a sua decisão não se ajuste, de nenhum modo, ao fim considerado — para que logo se proclame «que elle teve iniciativa»; outras vezes, basta que o executar proceda com acerto — muito embora, até a sua decisão, decorra um lapso de tempo capaz, por si só, de comprometter o exito da execução — para que, egualmente, se proclame «que elle teve iniciativa».

Entretanto, muito outro é o conceito que se deve fazer da Iniciativa, a qual, nada mais é, segundo penso, que a escolha instantanea e quasi sempre incôsciente, do meio ou dos meios que se impõem á realisação de um fim; sua acção não poderá jámais ultrapassar o limite das possibilidades da Doutrina, de que é, pode-se bem dizer, uma criação exclusiva.

Demais disso, pelo facto de ser a iniciativa o resultado das solicitações feitas ao falado *Mostruario*, em que, para cada caso, se acham dispostos os actos potenciaes que se irão transformar em *actoes actuaes*, resulta que a verdadeira iniciativa (mórmente se se tem que desenvolver no terreno da tactica) é a iniciativa incôsciente. A esta, eu desejaría chamar a prophylaxia dos imprevistos.

Como a essencia mesma da doutrina impõe que cada *mostruario* seja rigorosamente adequado ás necessidades da missão respectiva, força é reconhecer que a iniciativa é o que ha de mais delimitado e mais condicional: Em um Commandante em Chefe, ella não poderá exorbitar dos limites intransponiveis da missão, limites fóra dos quaes não poderá esse Commandante exercer a sua liberdade de acção; em um subordinado qualquer, ella não poderá exercer-se á revelia do pensamento do respectivo Commandante.

Fóra disto, não haverá, penso eu, a verdadeira iniciativa, mas, exactamente ao contrario, a phantasia, a falsa iniciativa, eu ia mesmo dizer, a licença e a desordem.

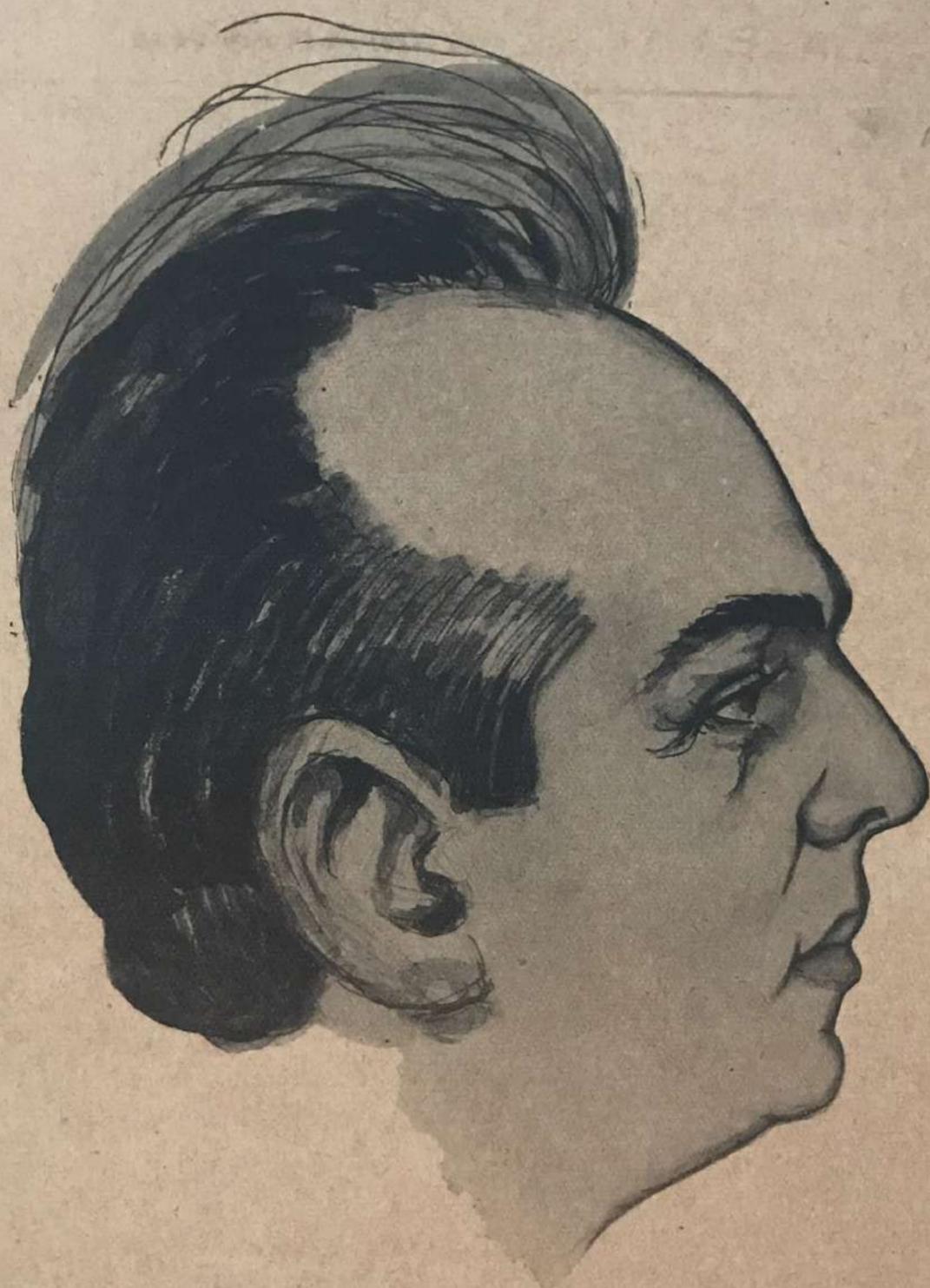
Rematando, abalanço-me, pois, a affirmar que, em um conjuncto militar sem doutrina, os golpes de falsa iniciativa se repetem arbitrarios e inconsistentes, como as imagens de um kaleidoscopio.

No intuito de emprestar ao presente Capitulo o prestigio de uma opinião assás abalizada, accrescento-lhe, por vir inteiramente a proposito, o seguinte trecho que encontrei na *Psychologia Politica* de Gustavo Lebon:

«A energia do character não é o unico factor de ordem psychologica que intervem no exito das guerras. Outro existe de importancia igual: quero falar da commuidade na maneira de proceder ou, se preferem, da *doutrina* (1). Ella representa o fructo de uma *educação* aspecial, forçosamente muito longa. Os seus effeitos não se produzem sinão quando ella chegou a *ancorar* certas noções no incôsciente de todos os officiaes do exercito. Sómente nesta occasião, estes ultimos encaram, com uma mesma *optica mental*, as situações, mais inesperadas, e nella se comportam, por consequente, de uma maneira identica. A leitura das Memorias do Marechal Moltke mostra o resultado dessa commuidade de doutrina. Nellas se vê, a cada pagina — e o autor não deixa mesmo de o fazer notar — que, quando, na guerra franco-allema, uma evolução *imprevista* do inimigo obrigava o Estado Maior a prescrever novos movimentos, esses eram, geralmente, iniciados antes que a ordem tivesse chegado.

As memorias dos nossos officiaes

(1) Os gryphos são meus.



Gastão Pevalva

Lvitz 924

ácerca d'aguerra de 1870 revelam, ao contrario, que elles esperavam, invariavelmente, instrucções, e que não se mexiam nunca antes de as ter recebido. Os primeiros possuíam a disciplina *inconsciente*, a *única que permite a iniciativa*: os segundos

não conheciam, infelizmente, sinão a do corpo.

Com um exercito muito pequeno, basta a disciplina externa; com um grande exercito, a disciplina interna torna-se indispensavel. Só uma educação intelligente pode creal-a.

## A BAHIA E A MARINHA

Foram as terras bahianas as primeiras de Santa Cruz que avistaram as proas altas das caravellas da frota cabralina, na ancía gigantesca dos descobrimentos. Desde então, tudo o mais que se fez no Brasil em prol do brilho das armadas subsequentes, desde as náos decrepitas que ainda assomam na história dos nossos mares como fantasmas fluctuantes ate aos modernos cruzadores ligeiros, garbosos, insolentes pela arrogancia do seu complexo aparelhamento bellico, nunca mais a Bahia deixou de interessar-se nesse patriótico desenvolvimento; e foi varrendo as naves inimigas das suas costas, por época da consolidação da nossa nacionalidade, que do campo azul e irrequieto das ondas surgia a nova esquadra, cheia de prestimosas unidades, por seu turno a estuar de um sangue novo, précurso: da grande aurora do Brasil de amanhã.

Foi no glorioso torrão nortista que se assentaram as primeiras quilhas de náos de maior estatura, e onde se fundiram as peças do seu armamento; diversas dessas embarcações desempenharam funcções de realçado vulto nacional; esquadras inteiras de procedencia bahiana se empenharam em guerras, ou partiram para levar ao estrangeiro, em missão diplomática, o desfraldado pavilhão brasílico. Quando da vinda da familia real, quasi todas as náos que compunham a immensa comitiva eram filhas dos estaleiros do Salvador e arrancadas das espessas florestas sertanejas; mesmo a não-capitanea, que trazia para os ocios da colonia a pobre rainha louca, e o príncipe regente, e mais esse travesso D. Pedro que mais tarde imperou no Brasil e lhe quebrou os grilhões do captivo, e passava o dia a bordo, á sombra do mastro grande, a fumar e a ler Virgílio — mesmo essa, embora fabricada em Portugal, foi toda reconstruída na Bahia para depois chefiar impávida as hostes da Independencia.

Nesse tempo ella era bella, festejada, veleira. Accorriam á praia as multidões só para vel-a desfechar o vôo, serena, emplumada de alvo como uma enorme ave marinha. No taboado do seu convés tombaram bravos defendendo a patria; e as baterias ferozes espiavam das portinholas das casamatas com largos olhos de fogo. E além, no passadiço de commando, estrugiam sonoras e marcias as vozes de Lord Cochrane, de James Norton, de Barroso Pereira.

De outra feita, na celebre viagem á Bahía, onde os animos se voltavam contra o throno

foi a sua alma singela de navio conspurcada pelo accinte dos amores imperiaes, num brilhante e escandaloso concubinato...

Um dia a velha não, recamada de gloria, foi atirada, imprestavel, num desvão do accidentado litoral bahiano. Hora por hora se fazia em ruinas: hoje desmoronava um mastro, com todo o peso do seu maçame; em seguida ruia uma caverna, e as taboas do costado eram lançadas longe, ao léo das aguas, caminhando sempre, como parcelas da não-mãe que ainda queriam navegar; depois era um florão de proa que se desprendia e afundava no mar com as suas carantonhas, os seu tritões e os seus neptunos caricatos; e, por fim, toda a não, já encalhada nos parais da costa, de carena ao vento, decadente e ridicula. No entanto, por noites quietas de luar quem passasse a deshoras pelo calado da região, ainda talvez escutasse sahir do bojo alquebrado da galera morta vozes frias de heroes narrando o esplendor dos seus feitos para os ouvidos glaucos do oceano; e mesmo talvez visse, numa allucinação pavorosa de lenda, emergir daquelle insolito arcabouço os espectros ancestraes dos fundadores da nossa historia, como um protesto eloquente ao desmedido esquecimento humano.

Outro navio legendario, oriundo da mesma terra, foi a corveta «Bahiana», que marca na marinha Brasileira uma phase indelevel de carancismo nautico e por onde perpassam como sombras heroicas as figuras austeras, rudemente expressivas, dos antigos lobos do mar, typos humanos de singular catadura, que só achavam prazer e conforto entre as agruras e o desconforto do mar. Ainda hoje ha na armada a expressão no tempo da «Bahiana» para indicar uma éra remota, de estranha gente e costumes exóticos, tão diferente da actual, ampla e uzida de liberdade e espirito.

Passou-se um seculo sobre os fastos iniciais da chronica naval. Durante esse tempo, tudo se fez no sentido de dotar o Brasil desse mobiliario de luxo, extremamente custoso, que é a marinha de guerra, e se installa na ante-câmara das nações afim de que por elle se avalie das posses interiores. Até que um dia a Bahia viu de novo despontar das aguas outra proa, mais altaneira e mais forte do que todas as que dantes haviam sulcado a extensão dos seus mares. Era o «Minas Geraes» que chegava, a maior bellonave da sua época, e com elle um novo sol raiava para a armada — sol creador de estoicas energias, sol fecundo de audacia e

era esplendida, promissor de um porvir de apoio de labor, sol berrante de guerra, arauto de uma theose.

No scenario tumultuoso da vida dos povos ha personagens que se dão as mãos. Em 1851, o presidente da Bahia mandava comprar dous **liates** por dezeseis contos que em seguida foram incorporados á esquadra com os nomes de **Ita pagibe** e **Constante**. Quasi um seculo depois, o Presidente da Bahia referenda um projecto de reorganização da armada, onde se convoca a liberalidade dos estados em beneficio da defesa do littoral.

A linda terra que viu nascer Luiz da Cunha Moreira, o heróe da conquista de Cayena, e o primeiro Ministro da Marinha, repetirá sempre aquelle gesto grandioso toda a vez que a patria reclamar a presença das bocas de fogo na segurança da sua paz armada.

Naquelle tempo, um dos Andradas, Martim Francisco, então Ministro da Fazenda, teve a generosa idéa de instituir uma subscrição cujo alcance visava a aquisição de navios baseada no seguinte plano:

«Todo cidadão, que voluntariamente quizer concorrer para tão util e importante objecto, assignará com as acções, que quizer e poder. Cada acção mensal é de oito contos de réis, e a subscrição será recebida no principio de cada mez; mas o que não poder continuar a concorrer com a quantia, que subscreveu, não será obrigado por modo algum».

Esse teor foi approvedo pelo Imperador, considerando que uma nação só é digna desse nome quando se assegura «por uma Marinha respeitavel, e que para obter esta, deve com preferencia escolher, e abraçar, aquelles meios que mais cedo conduzirem a tão uteis fins sem comtudo gravarem, ou empobrecerem o povo».

O patriotismo dos brasileiros não se fez esperar. De toda a parte appareceram subscrição

propagandas e grandes donativos. E dentro em pouco a armada nacional se tornava em potencia pelo numero e pela força das suas novas unidades. Até as pobres populações praieiras, e mesmo muitas do sertão, foram levar o seu obulo á construcção do bello monumento. Quem não podia contribuir com dinheiro lançava mão do que lhe permittia a propriedade. Desta sorte houve gestos de alevantado merito, como o do vigario da freguezia do Espirito Santo de Jaguarão e os seus parocianos, que offereceram cincoenta bois por anno para fornecimento da maruja, e o do commandante da villa de Guaratingueta, que presenteou a esquadra renascente com cincoenta alqueires de feijão.

Tudo isso valia muito, e significava muito.

Hoje, pela mão do Governador da Bahia, são convidados os demais Estados para a compra das poderosas náos de linha que exige a guerra moderna.

Não quero absolutamente dissuadir de tal intento o seu nobre propugnador, acoimando a lembrança de utopia. E' que me ponho a pensar no abnegado Brasil de outr'ora, que vivia a olhar para dentro de si mesmo, e a tapar com os proprios recursos os buracos da sua economia; e no illudido Brasil de agora, opulento e prodigo, que se envergonha de haver nascido tão pobre, e tudo faz por apagar o passado.

Em todo o caso, Sr. Governador da Bahia, é muito de louvar a vossa idéa. E oxalá veja uma vez mais a grande terra que diris crescer do mar a frota do futuro, e penetrando em aguas patricias, ir despertar do seu lethargo aquella velha não symbolica onde ainda parece que se ouve na quietude da solidão, a voz autoritaria dos bravos que morreram em gloria, á espera de que cada um cumprisse o seu dever.

Gastão Denalva

## A Torre Eiffel



97, Rua do Ouvidor, 99

ROUPAS PARA HOMENS E MENINOS. —  
ROUPAS PARA INVERNO, COBERTORES,  
CHALES, PLAIDS, MALAS E TODOS OS  
OBJECTOS INDISPENSÁVEIS PARA  
VIAGENS.

ALFAIATARIA DE 1.ª ORDEM

## "Spottagem"

Dou pedir tua mão. Envergo o fraque usado,  
Limpo na manga escassa a cartola "up-to-date"  
É um taxi vagabundo e desclassificado  
Transporta-me... Ojalá que o velho teu me aceite!

Teu dote — eis o meu "albo"; e eu lhe calculo a "rate"  
Delos juros que dá; quando o houver "enquadrado",  
"Dou um tço" na miséria e alargo com deleite  
A "carga de projecção" que eu tenho supportado!

Chega o taxi afinal. Moras num quarto andar.  
Subo "um degráo"; mais um, mais um degráo e tanto,  
Mais dois, mais tres! Oh! céos! estou que não me aguento!

... Teu pae, que, pelo visto, é um "bicho", no "spottar",  
No patamar me deu por "correccão", no entanto,  
"Menos" a escada toda e um pontapé no assento!...

O. C.

## A bórdo

(Máu rancho)

Dizem que a tudo, neste mundo, um dia,  
A gente há de assazer-se, olé se ha-de,  
Nem que seja a passar necessidade  
Ou dormir ao relento, em noite fria.

Se a comer e a coçar se principia  
A coisa se prolonga á eternidade,  
Por isso que coçar é uma verdade  
E comer, uma lei que não arria.

Eu era bem capaz de acostumar-me  
A ser gordo. a ser forte, a dar nota,  
E assim gordo, assim forte conservar-me.

Mas... a fome passar? Por certo, eu  
In meo del camín batia a bota  
Como o cavallo do Ingles bateu!

TENENTE

# Dous de Julho

(INÉDITO)

"Era no Dous de Julho. A pugna immensa  
Travára-se nos ceiros da Bahia...

— Nesse lençol tão largo, tão extenso  
Como um pedaço roto do Infinito,  
O mundo perguntava, erguendo um grito:  
— Qual dos gigantes morto rolará?

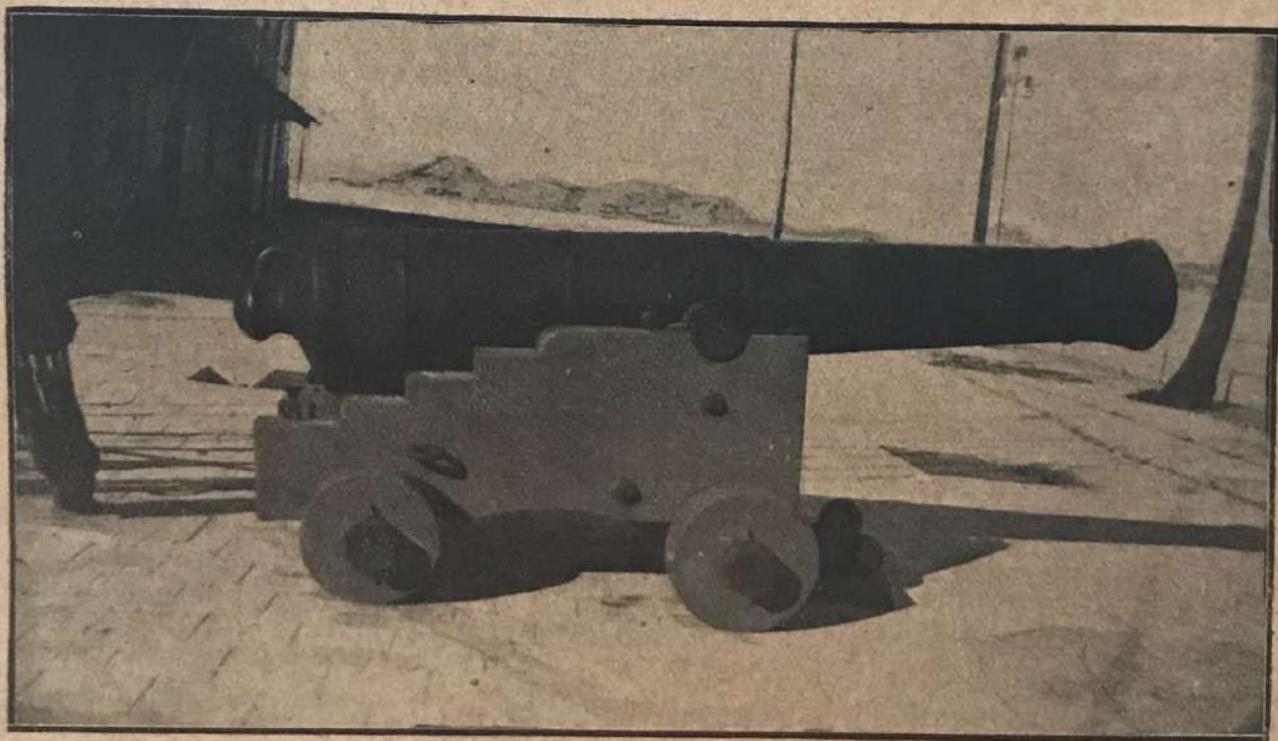
Castro Alves.

Uma esquadilha nacional, desfraldando a insignia do famigerado Lord Cochrane, traçara, na sua audácia, com o talhamar rompente e espumoso de seus vasos, na planura equorea e crespa da barra da Bahia, o *Lasciate ogni speranza* da legenda dantesca, ás forças navaes e terrestres de Portugal, até então senhoras des-caroaveis e absolutas do littoral brasileiro.

Batido o exercito de occupação nas memora-  
raves arrancadas do Cabrito e Pirajá; desmo-

dados, familias, armas, obras de arte, livros, alfaias, machinismos e ferramentas do Arsenal, e metaes preciosos, tudo enfim que a cubiça lusitana, num ultimo bote premeditado, certo e rapinante, alcançara pilhar.

Ao largo, banhadas pelas fulgurações de um sol causticante, velas pandas, arqueadas pelo boscarejo terral, vigilantes aos movimentos in-féstos, a nau almiranta **Pedro I**, a corveta **Maria da Gloria** alcunhada pela maruja, graças ao



Modelo dos canhões dos navios de Cochrane, offerecido ao Brasil pela Inglaterra, e que se acha actualmente na Escola Naval.

ralizada a forte esquadra inimiga no encontro de 4 de Maio e nas aguas do reconcavo pelo legendario João das Botas á testa dos minus-culos barcos itaparicanos; impossibilitados de se manterem em face de apertado assédio e asphy-xiante bloqueio, resolveram, então, os Chefes portuguezes, na tremenda expectativa de uma rendição humilhante e incondicional, embarcar as tropas e atirar-se ás aventuras do mar em demanda da patria distante e suspirada.

Pelas 11 horas da manhã do dia 2 de Julho de 1823 um estranho movimento de cascos negros e um palpar de velas tocando em vento, qual bando assustadiço de aves d'arri-  
bação, enchia a bocca da barra, a caminho do alto mar.

Eram 86 velas entre navios de guerra de todos os typos e transportes, atopetados de sol-

seu bom andar, **Agua do Brazil**, e o brigue **Real Pedro**.

Mais distantes, solertes, destacando-se da base eventual do Morro de S. Paulo, as fragatas **Carolina** e **Nictheroy**, o brigue **Bahia** e a escuna **Carlota**.

Essa a debil esquadra nossa, cuja missão era oppôr-se e atacar com decisão e galhardia o poder naval do inimigo.

Numa desordem espantosa, tendo já a retaguarda picada pelos lenhos do impavido João das Botas, o comboio portuguez, flanqueado por 16 vasos de guerra, ganhava vagarosamente o largo, em busca da salvação, da derrota ou da morte.

Ante o abandono inesperado da cidade pelos rudes e detestados dominadores, a veia satyrica do povo explodia em quadrinhas e ditos

chistosos. E, nadando em regosijo, cantava a arcaça miuda.

O Madeira assentou  
Que a Bahia era sua;  
Chegou Lord Cochrane,  
Póz-lhe os quartos na rua...

João das Botas avistou  
A Barca **Constituição**;  
Deu-lhe um tiro na bochecha,  
Que a virou de trambolhão...

O tempo começára a turvar-se.  
Vento procelloso cahira e as ondas fustigadas arqueavam o dorso verde, enfurecidas.

E a alcateia de lobos nacionaes, faminta de aventuras, de glórias e de presas, aproximando-se paulatinamente, espreitava, fremente, o momento azado de trespalhar aquelle compacto rebanho tímido e fugitivo.

Mas, então, de que servia aquella aguerida escolta a acompanhá-lo á guisa de pegureiros? Qual o seu papel?

Naturalmente defendel-o, atacando, resoluta, os nossos debéis elementos; aniquilal-os decisiva e valorosamente com sua incontestante superioridade, emquanto o comboio, com segurança e presteza, se engolphasse no mar em rota batida ao almejado objectivo.

Mas, não!... A esquadra portugueza, ante a iniciativa dos chefes brasileiros, perdera de todo seu valor moral e mostrava-se incapaz de assumir e praticar qualquer disposição batalhadora.

O nome de Cochrane e sua fama por si sós sopitavam o menor impeto bellicoso.

Bem conheciam os portuguezes as façanhas do experimentado marujo, quando na armada ingleza, e seus heroicos feitos nas aguas do Pacifico, que lhe valeram dos espanhões escarmentados o apellido de **Diabo**.

Não tinham elles já a prova nas iniciadas operações do bloqueio?...

O largo velinho negro da noite descia lugubre sobre as aguas escachoantes.

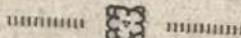
Panno caçado, portinholas hiantes, gente a postos, luzes apagadas, os vasos brasileiros numa arrancada impavida, heroica, irresistivel, investem o comboio portuguez, insinuam-se de permeio ao bando fugitivo.

Trôa horrisono o canhão, rechina a metralha, zunem hastilhas espadanando as aguas, desprendem-se com fragor mastros e vergas envoltas em farrapos panejantes, surriadas de mar varrem e alagam os cascos desmandados e dentro da noite tetrica e tormentosa, ulula a soldadesca lusa, gemem mulheres transidas e suppliças; e, á luz soturna dos relampagos e á explosão viva e fugaz das coronadas, surgem ao longo de trincheiras esboçadas rostos lívidos de inimigos a gaguejar, imprecando misericordia.

E, uma a uma ou aos grupos, a ajudaz companha arrebatá valiosas presas, as amarinha e despacha, desfalcando o inimigo de soldados, petrechos e haveres, sem a repulsa, sem o protesto pelas armas da tímida escolta encarregada de sua guarda.

A Bahia era livre... Salve, dous de Julho!

Lucas A. Boiteuf



## O SABBADO NA ESCOLA NAVAL

Melhor deve ser  
Neste aventurar  
Ver e não guardar  
Que guardar e ver.  
Ver e não dizer  
Muito bom seria,  
Mas quem poderia?

Almeida Garret.

Sabbado dia unico na semana, dia por que se suspira cinco dias. Dia só que por si é uma promessa de amor, jazz-band e alegrias! Duas horas! A corneta toca alegre; o aspirante corre presto e ligeiro, nenhum chega atrazado neste dia; ao contrario todos querem ser primeiros! Eil-os, enfim, promptos para terra; oh! quantos sonhos de felicidade! Oh! como é bello vel-os tão contentes; cheios das illusões da mocidade!

Na ponte: — severo está o ajudante, a dizer: Sapato não é permittido. Aspirante que quizer ser almofada, agora mesmo, já, fica impedido! Vão passando alegres e elegantes...

Surge Saldanha, o turco encantador, que diz ao Guaraná, em confidencia: «Não entendo de flirts..... nem d'amor..... «O prazér da vida para mim consiste nos jogos onde encontro a alegria. Certo os sports me fazem tão feliz, como um beijo, de mulher não me faria.»

Ouvindo o Guaraná concorda com as palavras que o Saldanha diz, opinando que não é flirt nem dança, que fazem um aspirante feliz.

Ao grupo, alegre chega-se o Lins, que feliz!... só falla no que vai jantar, nas comidas boas e gostosas, que estão em sua casa a lhe esperar.

Chega o Amaral, sempre almofada, sempre cheio de amor e de paixão, hoje, namora D. Margarida, amanhã já é d'outra o coração. Vai correndo par'a terra pressuroso, para a Deusa do dia adorar, está cheio de paixão e convencido, que só a ella, elle é capaz de amar!

Vai passando o Sampaio correcto, com ar de pouco caso e ironja. Oh! a quantos corações este tratante, não tira o socego e a alegria! Elle traz consigo um anelzinho, que o livra dos estragos do amor, prenda d'alguem... que o quiz livrar das juras falsas, que trazem magua e dor!

Alegre e elegante vem o Ferraz, ancioso de ir par'a terra, a pensar: — «Quanta moça bonita e com quem, logo mais poderei eu dansar? Moças musica e dança! Oh! trindade sem igual, da vida afugenta as dores, que nos vêm por nosso mal!»

Ahi vem o Mattos; e vem correndo. Ao chegar na ponte, para e falla:

«Não posso ir nesta lancha... irei na outra, vou de novo arrumar a minha mala.»

O Milliet, aproxima-se dizendo: «Em co-cadas eu não quero hoje pensar. O meu tempo é só para as pequenas, vel-as lindas na Avenida a passeiar!»

Chega o Guilhon artista pensador, sempre de lapis na mão a rabiscar. Que será meu Deus, que enlevado está elle sózinho a desenhá-lo?»

Ahi vem o Barbozinha mathematico; todo cheio de x e de vector. Só pensa nos projectis e na balística, não quer saber de moças, nem d'amor!

Ativo, majestoso, empertigado; com passo cadenciado e militar, apparece o Djalma que perfilla-se: ao ajudante pede licença para embarcar. Não ri, não pensa em moças, nem namoro; está sosinho, calado a calcular, pensando que depois de tudo pago, quanto dinheiro este mez pode guardar.

Chega o Meirinha, intelligencia sem rival, que vai ligeiro para a terra a pensar, nos bonbons, chocolates e docinhos que estão em sua casa a lhe esperar!

O Mario Lima todo electrico aproxima-se e diz aos outros com animação: — «Estou a descobrir a força electrica para vez se desperto uma paixão».

O Bardy communica radiante: «Para dansar hoje, já fui convidado.» «Que lastima não poder hoje bailar! Triste exclama o Brazil acabrunhado!»

Meu Deus passam todos tão contentes, como bando de felizes cotovias. Ahi vem o Odone alma de artista, só a pensar em musicas e harmonias.

Appressado vem chegando, o Apollinario, sempre preocupado e a pensar: «Quem é que neste sabbado luminoso, vai na minha «Galera» annunciar? Se os outros pensam em dansas e pequenas; elle só na «Galera» quer sonhar. E um caso de alegria é para elle achar quem queira na «Galera» embarcar.

Ahi vem o Fischer, Lord Brassey brasileiro, allemão, Rio Grandense a valer; vai dizendo aos outros juncto d'elle: «Deus me livre de com péquenas me metter. Eu não faço caso de dinheiro, pois dinheiro é feito para ser desperdiçado, mas... lamento de todo coração, de para socio do Fluminense ter entrado.

Apparecem os dois Levys, vêm conversando; o secretario dizendo ao presidente: «A navegação da «Galera» é magnifica; e eu como immediato, estou contente.»

Pensativo, amoroso passa o Armando, todo cheio de amor e de paixão. Vai pensando

nas tranças tão formosas que lhe trazem apertado o coração!

Quem é que vem ahi correndo, bouet na mão, cabelo esvoaçando? E' o Lauro Menezal, Cearense ousado, que a todas boas do Rio vem amando.

Chega o Heck, porque vem atrazado? Vem com o Moss animado a conversar; no que fallam e combinam os dois piratas, a que coração é que el'es querem assaltar?... Fallam... conversam, discutem; moças, conquistas, amor...; o Moss matreiro, ensina ao Heck, como se fica um seductor.

Apparece Bularmaqui atrazado. Meu Deus que teria acontecido? E' possivel que seja o Bularmaqui, e que hoje não esteja impedido?

Passam, Perrin, Berger, Belart... O Toscano e o Sá vão conversando; quando o Pavão o amigo dos caloiros, risonho e elegante vai passando.

Jaquetões novos e botões luzindo, ahi vem um grupo do primeiro anno; no meio delles sobressahe o Poggi, que mais parece velho veterano. Conversam animados os caloiros. um só discute o positivismo; enquanto o Cavalcanti convencido, narra manifestações de espiritismo.

Sempre atrazado chega o Fragoso, e vai dizendo: Ah! que alegria! Vou dormir, descansar confortavel, dormir!!!! uma noite, e todo o dia.

N'um grupo de aspirantes atrazados, chegam o Humberto e o Radmacker a conversar; diz o Humberto em tom convencedor: «Não ha como a franceza para amar». O seu Novaes que chega com o Atahualpa, vai dizendo: «Eu penso diferente; eu cá sou jacobino verdadeiro, e só quero saber de minha gente!»

Para o Aspirante preso durante cinco dias, quanta alegria o sabbado em si encerra, o sabbado, dia unico da semana; como é doce de se ouvir o «Rumo á terra!»

Pouco depois pela Avenida, surgem os Aspirantes em grupos a passeiar, guapoz todos cheios de importancia, capazes de meio mundo conquistar. E as donas boas as melindrosas, têm os Aspirantes em cotação. Com a ponta do espadim, el'es querendo, de qualquer uma atravessam o coração!

Sabbado dia de luz e de alegria, pela Avenida ha fulgurações radiantes. Ha uma luz que não ha nos outros dias, são as capas dos Lonets dos Aspirantes.

Peter Dan.

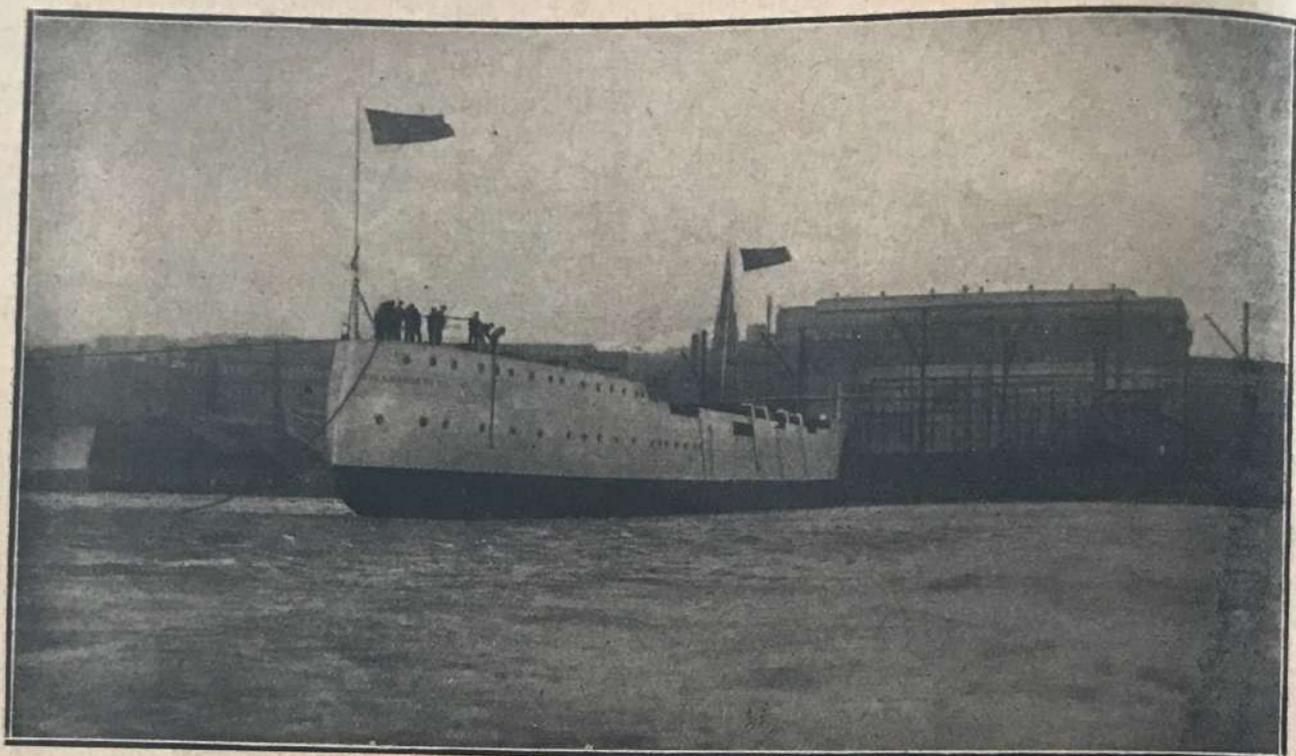
**Café Victoria**

*Chá, Chocolate, Mingaos,  
Ceias, Vinhos e Licores.*

**GONÇALVES & MOURE**

LARGO DA CARIOCA, 2 — TELEPHONE C. 5861

**RIO DE JANEIRO**



Lançamento do "Rio Grande do Sul". (Madrinha: Sra. Almirante Gomes Ferraz).

## NAVEGAÇÃO

PELO PRIMEIRO TENENTE  
EUGENIO DA SILVA POSSOLO  
(1917)

(CONTINUAÇÃO)

### *Teoria dos desvios*

A atração das massas de ferro existentes a bordo se traduz por uma ação desviatriz que afasta a agulha do plano do meridiano magnético, levando-a a uma outra orientação de equilíbrio que faz, com a linha N-S magnética, um angulo denominado desvio.

Sob o ponto de vista do seu modo de imantação, todos os ferros de bordo podem ser distribuidos em duas grandes categorias: ferro endurecido e ferro doce.

O ferro doce, sujeito ao fluxo indutor de um campo magnetico, facilmente se magnetiza, perdendo porém a imantação assim adquirida logo que cesse a influencia que a determinou. O ferro endurecido, ao contrario, sujeito a essa mesma influencia, reziste mais á ação indutora que só lentamente se exerce, porém uma vez magnetizado, conserva essa imantação com caracter mais ou menos permanente. A primeira dessas fórmulas de magnetismo é essencialmente variavel, mudando com o tempo, o logar e a prôa do navio, ao passo que a segunda, adquirida durante a construção do navio ou a sua longa

permanencia em uma dada posição, se conserva mais ou menos inalterada.

No estudo das diversas fórmulas de desvio consideramos separadamente as seguintes massas de ferro:

- a) ferro endurecido
- b) ferro doce vertical
- c) ferro doce horizontal simetrico
- d) ferro doce horizontal assimetrico.

Evidentemente, dada uma barra de ferro doce disposta em uma posição qualquer, nós podemos sempre substituir a sua ação por duas ações componentes exercidas por duas outras barras ideais, uma vertical e outra horizontal.

- a) ferro endurecido.

Seja (fig. 3) um navio construido com a prôa Nmgx; durante a sua permanencia no estaleiro, conjunto das massas de ferro endurecido adquirirá uma imantação permanente e o navio constituirá um verdadeiro iman, ficando a parte da prôa carregada de magnetismo N., representado pela côr vermelha, e a da pôpa de magnetismo S., representado pela côr azul, chamando magnetismo N. aquele que repele a ponta N. da agulha magnetica — Sejam  $P_1, P_2, P_3...$  as diversas posições

que pôde tornar este navio e seja a b uma agulha magnetica nele instalada de fórma que o seu eixo de rotação exista no plano longitudinal de simetria do navio.

Nas posições  $P_1, P_5$ , evidentemente não haverá desvio; a atração magnética do navio se limitará a diminuir ou aumentar a ação diretriz do campo magnetico da Terra. Nas posições  $P_2, P_3, P_4$  haverá um desvio W e nas posições  $P_6, P_7, P_8$ , um desvio E.

Consideramos outro navio (fig. 4) construído com a prôa NE mg; ele se imantará como mostra a figura e nas orientações magneticas N., NW, W, SW haveria um desvio para E e nas prôas NE, E, SE, S, um desvio para W.

Esse desvio, produzido pelo magnetismo permanente, chama-se desvio semi-circular porque, girando o navio em azimut, ele conserva a mesma denominação em todo um semi-circulo do horizonte.

A força desviatriz que produz esse desvio, evidentemente só depende da força magnetica total do lugar da construção e é, portanto constante: por seu lado, a força diretriz que a ela se contrapõe é a componente horizontal H do magnetismo terrestre no lugar em que se acha o navio. Nestas condições, sendo o desvio resultante do equilibrio dessas duas forças, das quais uma é constante e a outra variavel de um lugar para outro, segue-se que o desvio semi-circular será também variavel de um lugar para outro.

b) ferro doce vertical.

Seja (fig. 5) um navio que suporemos achar-se no hemisferio N. Seja PQ. uma barra vertical de ferro doce; ela se imantará como mostra a figura e essa distribuição do magnetismo não variará, qualquer que seja a orientação do navio. Nestas condições, ela agirá como uma verdadeira barra de ferro endurecido, produzindo um desvio semi-circular. Desde porém, que o navio atravesse o equador magnetico, a barra PQ se imantará em sentido oposto e o desvio por ela produzido, continuando semi-circular, mudará de sentido.

Sendo a força desviatriz diretamente proporcional á componente vertical Z do magnetismo terrestre que é a força indutora que atua sobre o ferro doce vertical e sendo a força diretriz que age sobre a agulha, proporcional a H, o desvio, resultante do equilibrio dessas forças, variará com  $Z/H$  ou  $tj$  sendo portanto variavel de um lugar para outro.

c) ferro doce horizontal simetrico em relação ao plano longitudinal do navio.

Evidentemente, a ação desse ferro se pôde reduzir á de uma unica barra de ferro doce, disposta no plano longitudinal do navio. Seja (fig. 6) p q essa barra e a b a agulha magnetica de bordo.

A figura mostra claramente que nenhum desvio se produz nas posições 1, 3, 5, 7. Nas prôas 2 e 6 ha um desvio para W. Esse desvio, que muda de sentido em cada quadrante, chama-se desvio quadrantal.

Chamando A o coeficiente de indução de uma barra qualquer de ferro doce é  $\delta$  o angulo que ela faz com o meridiano magnetico do lugar, a força desviatriz será produzida pela ação indutora de  $H \cos \delta$  e será igual a  $A H \cos \delta$ .

A relação entre a força desviatriz e a diretriz, cujo equilibrio produz o desvio, será:

$$\frac{AH \cos \delta}{H} = AH \cos \delta$$

O desvio resultante do ferro doce horizontal simétrico depende portanto unicamente de  $\delta$ , isto é, varia com a prôa magnetica do navio porém, para uma mesma prôa, é constante para qualquer lugar da Terra.

d) ferro doce horizontal assimetrico.

Cada barra de ferro doce horizontal assimetrico podendo ser decomposta em duas outras, uma existente no sentido longitudinal e outra no transversal, seja (fig 7) p. a barra que pôde ser considerada como a resultante de todas as componentes longitudinais e q a de todas as transversais. Considerando o modo de imantação nas diferentes prôas, verifica-se que nas prôas N, S, p produz um desvio para E, nas prôas E, W, não produz desvio algum e nas prôas NE, SE, SW, NW, produz um desvio E. Por seu turno, a barra q, não produzindo desvio nas prôas N e S, produz um desvio W nas demaes prôas. A combinação desses dois efeitos dará em resultado um desvio que é nulo nas prôas NE, NW, SE, SW, maximo nas prôas N, S, W e alternadamente E e W em cada quadrante comprehendido entre dois colaterais consecutivos.

Existe ás vezes um desvio constante, devido a alguma imperfeição na construção ou na colocação da agulha; ele é geralmente devido ao afastamento da linha de fé da sua posição conveniente ou da colocação do eixo de rotação da agulha para do plano longitudinal de simetria do navio.

( Continua )

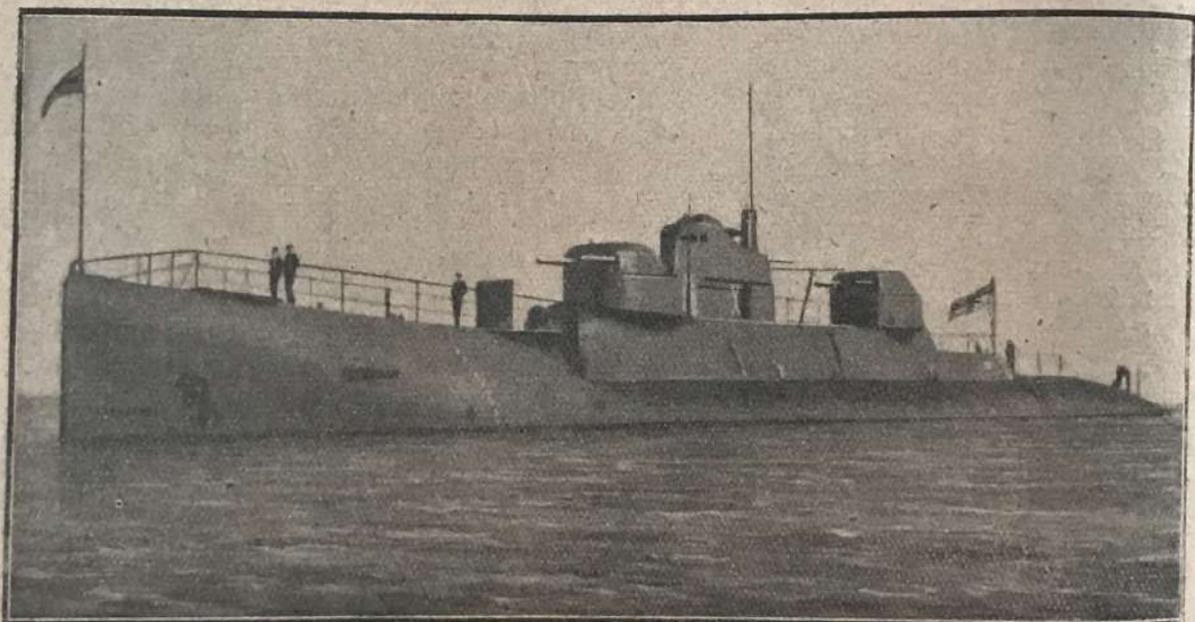
# REVISTA DE REVISTAS

O emprego da arma submarina nos combates navaes de amanhã não poderá, de modo algum, cingir-se ao restrito circulo de acção dentro do qual tantos successos se colheram na primeira phase da ultima guerra. As grandes unidades, dotadas de apparatus que revelam e prezizam, a grande distancia, a posição do inimigo submerso, podem evital-o facil e seguramente, mudando bruscamente de rumo, aumentando ou diminuindo a velocidade, deshor-teando-o logo que se assignale sua presença; mesmo no caso de attingidos pelo torpedo os effeitos da explosão são muito attenuados pela compartimentagem especial de que dispõem todas ellas. Quanto aos pequenos navios, que não temem o torpedo, são para o submarino adversarios temiveis pela sua superioridade de artilharia, mórmente quando industriados pelas indicações de apparatus, electricos e acusticos, montados em terra em postos especiaes. Para que

jadados e espaçozos para tornar supportaveis cruzeiros longos.

As qualidades tacticas crescem tambem: velocidade na superficie de 31 nós, que o faz nesse particular competidor de qualquer contra-torpedeiro, com a vantagem de poder desapparecer abaixo dagua quando conveniente, desenvolvendo então 10 nós. Sua artilharia compõe-se de quatro canhões de 137 mm., montados aos pares em duas torres, collocadas a vante e a ré da superstructura central, que é recoberta de uma fina couraça. Relativamente ao armamento torpedico nada se conhece ainda, mas é sem duvida consideravel, assim como não deve ter sido descurada a artilharia anti-aerea.

O exame da figura aqui reproduzida permite imaginar o modo pelo qual o X — 1 se apresentará no combate em superficie. Na posição de meio submerso apenas o blockhaus central, ligeiramente encouraçado, apparecerá



O cruzador submarino X-1

seu valor militar seja real impõe-se a necessidade de tornal-o apto a sustentar combate vantajosamente com as pequenas unidades deslinadas á sua destruição.

A este intuito obedeceu evidentemente o Almirantado Inglez, fazendo construir o X — 1, a maior unidade submarina até hoje vista, cujos estudos e construção se esconderam debaixo do mais rigoroso sigillo.

Já concluido, em primeiras experiencias, o X — 1 apresta-se para entrar em serviço. Embora reïne ainda algum scepticismo sobre as características do novo typo, sabe-se que elle mede 106 m. de comprimento, 9 m. de boca, e 5 m. de calado. De dimensões muito maiores que o commum, sua capacidade permite a instalação de mecanismos potentes e vastos tanques de combustivel, ganhando assim em raio de acção; ao mesmo tempo foram dispostos alojamentos para a officialidade e guarnição — cem homens ao todo — sufficientemente are-

cima dagua, offerecendo alvo insignificante. Os 137 mm. poderão então cauzar bastante damno ao inimigo, ao qual poderá o submarino escapar, immergindo, si necessario.

As grandes dimensões e o deslocamento consideravel talvez prejudiquem um tanto as qualidades evolutivas peculiares e indispensaveis a um submarino. Trata-se porem de um typo completamente novo e só a experiencia poderá mostrar os inconvenientes que serão sanados nas construcções seguintes.

Consagrando as experiencias com uma longa viagem, o X — 1 fará um raid a Singapura e é provavel que ahi permaneça apoiando a poderosa frota que a Inglaterra cautelosamente aproxima pouco a pouco do Pacifico.

(La Nature — 9 Maio — 25).

## AS DUAS GEMEAS

SÃO DUAS ESTRELLAS GEMEAS!  
NASCERAM NO MESMO DIA;  
TIVERAM A MESMA AURORA;  
O MESMO NOME: MARIA!

( NÃO SEI QUE ENCANTO DIVINO,  
NÃO SEI QUE TERNA MAGIA,  
SE ENCERRAM NAS CINCO LETRAS  
DESSE NOME DE MARIA!... )

DUAS GOTAS CRYSTALINAS,  
TIRADAS DA MESMA FONTE;  
DUAS FLORES CAMPEZINAS,  
COLHIDAS NO MESMO MONTE

DUAS GOTTAS DE ROCIO,  
PRANTO DE NOITE ESTRELLADA,  
BRILHANDO NA MESMA PET'LA,  
TREMENDO DO MESMO NADA;

DOIS CASTOS BEIJOS DE MÃE,  
SUAVES, FRESCOS, DIVINAES;  
DOIS SORRISOS DE CREAÇA;  
DUAS AURORAS BOREAES;

AS DUAS GEMEAS CELESTES,  
CASTOR E POLLUX DIVINA,  
BRILHANDO NO CÉO PROFUNDO  
CO' A MESMA LUZ DIAMANTINA;

AS PET'LAS DA MESMA ROSA;  
SONHOS DE NOIVA FELIZ:  
NÃO TEM TANTA SEMELHANÇA  
COMO ESSAS GEMEAS GENTIS.

AGOSTO DE 1887.

A. M. Gomes Ferraz

O nome aureolado do Almirante Gomes Ferraz não precisa de encomios. Profissional emérito deixou elle obras que se tornaram classicas nos assumptos da sua especialidade. Uma coisa, porém, muitos ignoram: é que ao lado do artilheiro inconfundivel vibrava um poeta finissimo, de cuja lyra conseguimos, por nimia gentileza de sua Exma. Viuva, a delicada, a commovida, a mimosa poesia que publicamos.

## ESTADOS UNIDOS VERSUS BRASIL

João Sem Telha

«Mister» Kennedy, mal desembarcou a sua imponente massa muscular deliberou, logo, percorrer as bellezas do Rio. O escritorio da Guanabara, a imponencia granitica do Pão de Açúcar e a attitude erecta do Corcovado, tinham despertado a sua curiosidade a nosso respeito. Assim, na praça Mauá, em companhia do Jacob Nogueira, que lhe fora dar as boas vindas, mas que elle tomára por um «cicerone» intelligente e apresentavel, porque nunca havia visto o Jacob mais gordo, nem mais magro, «mister» Kennedy tomou um taxi e mandou rodar para frente.

A avenida Rio Branco até a esquina de Ouvidor não lhe provocou nenhuma phrase de admiração. Habitado a ver os «arranha-céus» de Broadway, a nossa principal arteria quasi que lhe fazia cocégas na sua veia comica. Na altura, porém, do «Jornal do Brasil», mister Kennedy mexeu-se nas almofadas do «auto», mandou que elle parasse um pouco, e depois de olhar defidamente para a architectura do magnifico predio, disse:

— Muito bonita!... Parece casa de Broadway...

— E' o «Jornal do Brasil»... Um bello edificio... Foi feito para caber dentro d'elle o Paulo Hasslocher, informou, solícito o commandante Jacob.

— E demorou muito a ser «produzido»?

— Uns tres annos, mais ou menos.

— Aoh! Lá em Norte America «predia» maior ainda leva nem tres mezes! retomou o filho do tio Sam, orgulhoso, mandando seguir o taxi.

O Jacob estava meio encafifado. Seu patriotismo fora amolgado e ainda doia quando «mister» Kennedy, defrontando o «Monroe», perguntou-lhe:

— E' a Camara dos Deputados, ensina, envergonhado o Nogueira.

— Tambem levou tres «annas»?

— Não, retruca, o «cicerone» ufano... Essa construcção durou só tres mezes...

— Aoh!... Em Norte America apenas tres semanas levava para fazer 10 eguaes...

O Jacob ficou rubro... Uma pilheira de indignação fazia-lhe cocégas na lingua... Mas, rapaz viajado, de educação esmerada, resistiu ao despeito e calou.

O taxi foi rodando, «mister» Kennedy sempre olhando tudo como que enfarado, até que na primeira curva da Avenida Beira-Mar appareceu majestoso, enorme, opulento, o grande edificio do Hotel Gloria.

O americano não resistiu, e exclamou:

— Muito bello... «Grandioso»!...

E, logo, após, num tom de debique:

— Levou a construcção desse muito tempo?

— Homem! isso eu não sei... Este edificio é, até, surpresa para mim...

— Surpresa?!... indaga o «yankee», espantado.

E o Jacob, num cynismo revoltante:

— Sim... Quando, hontem, eu passei por aqui ainda não havia nada em construcção...

E saltou do «taxi» em disparada...

Vencêra o Brasil...



## E L E G I A

*A' memoria de Ribeiro Cabral*

Figaro meu gentil que te largaste  
Tão tarde desta vida descontente,  
Remorde-te no inferno eternamente  
E assobiem cá na terra os que *esfolaste*

Se lá na furna escura, onde fundeaste,  
Dinheiro desta vida se consente,  
Não te esqueças, ó figaro indecente,  
Dos cobres devolver que nos *raspaste*.

E se vires que pôde alliviar-te  
A lembrança de um fiado que escapou  
A' garra cobradeira da tua arte,

Lembra-o ao Diabo, que tua alma abafou,  
P'ra que tenha piedade de cobrar-te  
Como a tua avareza nos cobrou.

Joaquim Pernambuco.

## A musa inspiradora da mais remota poesia lyrica portugueza

A belleza feminina tem sido sempre um dos factores primordiales do desenvolvimento universal e causa de grandes e arriscadas empresas. Por uma mulher bella constróe-se um monumento, por uma mulher bella commette-se um crime. Artistas havia na antiga Hellade que adquiriam, a peso de ouro, as damas mais bellas, para as reproduzir em seu gesso, como Praxiteles com Phrynéa, que serviu de modelo á estatua de Venus, Phidias e outros.

Já no tempo de Caio Cesar, em Roma transformavam-se os amantes em gladiadores e afoitos combatiam féras e afrontavam a morte por uns olhos azues, por um collo alvo...

Mais tarde, com a Cavallaria, instituição feudal, militar e religiosa, que predominou na Europa durante o periodo medievo, já não era sómente por feitos de bravura, mas por audaciosos raptos que conquistavam a dama de seus pensamentos.

E' ainda a mulher que, em 1189, no reinado de Sancho I — o Povoador —, filho do denodado guerreiro D. Affonso Henriques, 1º rei de Portugal e de D. Mafalda, inspira a mais remota poesia lyrica em nossa lingua — nessa forma espontanea de representação dos varios sentimentos e desejos que enternecem o coração dos amantes, de todos os arquezos e prantos que inundam um peito amoroso, enfim, na maneira mais sonora de decantar tudo o que se vê, tudo o que se sente.

Mas quem seria o ente privilegiado que com o donaire de suas formas deu origem á mais sublime das artes em o nosso idioma?

D. Maria Paes Ribeiro — a Ribeirinha.

A Ribeirinha era natural de Villa do Conde, filha de Paay Moniz e D. Urraca Nunes Bragança, e irmã de Martins Paes, casado com outra Maria Paes.

«D. Maria Paes Ribeiro — diz o conde de Sabugosa — foi bella e encarnou no seu corpinho meudo todas as temiveis faculdades de sedução e de perfidia. O seu poder de encanto é attestado pelas paixões que ateou não só no rei, como em outros que della se aproximaram.»

Foi autor da primeira poesia Raay Soares de Taveiros, parente e um dos apaixonados da Ribeirinha, que, aliás, em versos incolores, declara «morrer por ella» e que a não via feia quando a surprehendia «em saias»; querendo, talvez, isto dizer que quando a via em subveste, não lhe desagradava sua carne tentadora.

Eis um dos fragmentos:

«No mundo non me sei parelha  
mentre me foi como me vay

ca ja moiro por vos — e ay  
mia senhor branca e vermelha.  
Queredes que vos retraya  
quando vos eu vi em saya.  
Mas dia me levantei  
que vos enton non vi fea.»

Por essa estrophe comprehende-se que a Ribeirinha era muito alva e de cabellos fulvos, qualidades que, aliadas a sua «mignonne» estatura, revolucionaram os cerebros de quantos a viram e conheceram.

Em outra estancia elle canta visivelmente o seu profundo amor pela filha de Paay Moniz.

«E, mia senhor, des aquel di ay  
me foi a mi muyn mal  
e vos, filha de dō Paay  
Moniz e bem vos semelha  
d'aver eu por vos guarvaya  
pois eu mia senhor, d'alfaya  
nunca vos ouve nem ei  
vali d'ua correa.»

Mais tarde, D. Sancho I transformou tambem em verso todo o seu incontido amor pela Ribeirinha, a qual já tinha passado a ser sua favorita.

A rainha de Portugal fora desthronada por D. Maria Ayres de Fornellos, que, por sua vez, foi desbancada pela Ribeirinha, fazendo-a D. Sancho I uma quasi rainha.

Morrendo D. Sancho, em 1212, retiravam-se da côrte, D. Maria Paes e sua comitiva, aquella vestida de branco que era o lucto da época, quando foram atacados perto de Avellans por Gomes Lourenço Viegas, outro apaixonado della, e seu grupo.

Depois de ataques e defesas, conseguiu Gomes Lourenço raptal-a, fugindo em seguida para o reino de Leão. Foi, no entanto, assassinado por ordem do rei D. Affonso II, filho de D. Sancho I, e por perfidia da propria Ribeirinha, que ainda veio a casar-se com João Fernandes de Lima.

Morreu D. Maria Paes Ribeiro com mais de 90 annos, deixando varios descendentes.

Devemos reconhecer que a Ribeirinha offercia todos os requintes reveladores de uma estonteante belleza, de uma plastica perturbadora, a par das perfidias de sua alma caprichosa e de seu voluvel coração!

Tinha, pois, a inspiradora de nossos pioneiros lyricos, predicados de musa e qualidades de mulher!

## A TEMPESTADE NO LAGO (\*)

Roberto de Barros

«Um dia depois de subir a uma barca com seus discipulos, disse-lhes: passaremos á outra banda do lago. Partiram elles.»

«E, enquanto elles iam navegando, dormiu Jesus; e levantando-se uma tormenta de vento sobre o lago, a barca se enchia de agua e elles estavam a pique de se perderem.»

«Chegaram-se pois a elle e accordaram-n'o dizendo: Mestre, nós perecemos. Elle levantando-se fallou com ameaça ao vento e ás ondas que se aquietassem e ellas se aquietaram e veiu a bonança.»

«Disse-lhe então Jesus: onde está a vossa fé? Mas elles cheios de medo e de espanto diziam uns para os outros: quem é este que assim manda aos ventos e ao mar e elles lhe obedecem?»

Meditando sobre essa passagem do Evangelho de S. Lucas, a respeito da tempestade no lago de Tiberiades, despertou-se-nos o desejo de mostrar que hoje, em plena luz do século XX, seria bem possível — sem o caracter divino, já se vê — reproduzir o milagre com o qual o Nazareno encheu de medo e de espanto os seus discipulos e companheiros de travessia.

Mesmo em face da logica exigente ou da analyse torturante dos scepticos filhos da idade contemporanea, tem longe portanto dos tempos mysteriosos e obscuros em que floresciam na terra galiléa, apóstolos, prophetas, evangelistas e martyres, seria possível reproduzir, por um meio diverso do mecanismo milagroso, o phenomeno natural do aplacamento das ondas enfurecidas.

O processo para se conseguir esse quasi milagre (e dizemos quasi porque os milagres genuinos se vão tornando de uma escassez desoladora) é amplamente conhecido por todos aquelles que, como o humilde rabiscador das presentes linhas, têm percorrido a face tempestuosa dos oceanos.

D'elle se soccorriam, desde a mais alta antiguidade os pescadores de esponjas do archipelago grego.

Com elle os indigenas actuaes da Polynesia vão roubar, ao seio mysterioso dos mares, os escriptos de nacar onde dormem perolas preciosas.

Graças a elle innumeras vidas têm sido poupadas já não dizemos no acanhado ambito de uma cuba lacustre mas nas proprias regiões em que o flagello cyclonico vergasta e contorce a vaga em paroxismos tão violentos que, para enfrental-os, é preciso ter o coração triplicemente forrado de bronze, no dizer de Horacio.

Para nós, marinheiros, a scena da tempestade no lago poderia ter sido facilmente resolvida sem a responsabilidade tremenda do milagre.

Dizemos facilmente porque não só as condições topographicas do pequeno lago de Tiberiades como a dinamica especial das bacias lacustres de exiguas dimensões não autorizam a existencia das tempestades de grande vulto.

Nesse ponto as considerações de ordem scientifica concordam plenamente com a tradição historica. O lago de Tiberiades, hyperbolicamente chamado de *mar da Galiléa*, já-mais foi séde de convulsões tempestuosas dignas de attenção.

Uma simples, uma modesta, uma diminuta aspersão de *oleo de peixe* sobre as aguas revoltas do lago e a barca de Jesus entraria em uma zona de bonança sufficiente para acalmar os seus aterrados tripolantes.

Por via humana e material os pescadores da Galiléa teriam obtido o mesmo effeito que obtivera o Christo por via divina e transcendental.

Num scenario mais amplo, em paragens cujas tempestades são classicas pelo seu desordenado furor, um grande navio, portador de innumeras vidas, deveu a sua salvação a esse processo *antiquissimo*.

Eis o communicado do seu commandante ao Instituto de França:

«Aos 6 de Dezembro de 1896, diz o commandante do *Aréthuse*, tendo sido apanhado por uma tempestade entre Poulo-Condore e Singapurá, resolvi *fitar* (deixar sahir) o *oleo* segundo o processo preconizado pelo Almirante Cloué; os conductos situados na pôpa e na prôa, foram cheios de estôpa sobre a qual se derramou o oleo.

A partir desse momento o navio se achou cercado de uma zona de calma que se prolongava pela sua esteira: e quando uma vaga chegava, sobre elle, dividia-se em dois fragmentos que contornavam a area tranquilla sem nella penetrar.»

São innumeros, na vida do mar, os factos d'essa natureza.

Pescadores de perolas e esponjas, navegantes, aquelles para obterem a calma superficial das aguas que permita a facil e profunda penetração da luz, estes para criarem, em torno do navio, uma zona de tranquillidade que o subtraia aos golpes violentos do mar, todos se utilisam d'essa propriedade interessante dos oleos e azeites.

Para bem comprehender a acção calmante dessas substancias graxas é necessario, primeiramente, estabelecer a distincção entre o que seja *onda e vaga*.

Da mesma fórma que a pedra deixada cahir sobre uma superficie aquosa lisa, espelhada, nella produz uma série oscillatoria de rugas circulares que se vão ampliando, da mesma maneira a acção impulsiva dos ventos regulares, que sopram com uma intensidade e uma direcção praticamente constantes, determina na superficie oceanica uma série de ondulações que se succedem com intervallos regulares.

E' a *onda*.

Esse movimento ondulatorio isochrono que fascina, pela sua grandiosa belleza, aos que contemplam a face gigantesca do mar, é a feição normal e permanente das grandes massas d'agua.

Esses movimentos, que os poetas com tanta felicidade classificam com a doce expressão de *berteuses* das ondas, esses movimentos nenhum perigo offerecem ás grandes como ás pequenas embarcações cujas fórmas a engenharia

(\*) Reproduzimos este artigo, transcripto do "Jornal de Barbacena" por ter sahido com incorrecções.

naval talha e proporciona para esse rythmo da sua vida fluctuante.

Supponhamos, entretanto, que o vento, abandonando a constancia da sua intensidade, entre de soprar com uma violencia sem cessar crescente.

Nesse caso dous phenomenos novos se apresentam.

Não só o perfil do movimento ondulatorio se torna mais accentuado estabelecendo maior differença de nivel entre as partes superiores de duas ondas successivas e o intervallo correspondente entre ellas, como tambem a acção mechanica do vento arrasta — pelo attricto — as particulas liquidas superficiaes para a parte mais alta de cada onda, isto é, para a *crista*.

Ahi, a acção impulsiva do vento para deante — combinada com a acção attractiva da gravidade para baixo — faz com que a crista da onda se encurve, no sentido da sua propagação, formando uma verdadeira *voluta* liquida.

A onda então chama-se *vaga* e as bôlhas de ar, aprisionadas na voluta, tocam a vaga de espuma: é a *arrebentação*.

Essa vaga e essa arrebentação, *quando intensas*, constituem — apezar da sua empolgante magestade — o maior, o mais grave perigo para os navegantes.

Os golpes de mar, originados pela vaga, adquirem, ás vezes, um poder destruidor de tal violencia que a imaginação não póde traduzir o bello horrivel da angustiosa realidade.

As menores como as maiores embarcações, quer ao largo, quer na proximidade das costas,

podem ser facilmente *encapeladas* (envolvidas pela parte superior) pela voluta enraivecida da vaga.

E' contra esse perigo que se desdobram os diversos meios de defeza.

Entre esses; o da *aspersão do oleo*.

Menos denso do que a agua, o oleo, pela sua ligeireza, sobrenada e se espalha, em tenuissima camada, peia sua superficie.

O vento desliza, em *attricto dôce*, pela camada oleosa não podendo arrastar, para a crista, as particulas liquidas superficiaes.

Como consequencia a crista da vaga se arredonda, não tem volúta, não tem arrebentação, e a montanha d'agua — subtrahida á acção demoniaca do vento — se accomoda em onda.

Cria-se em torno á embarcação essa zona de tranquillidade tanto mais impressionante quanto, mais longe, fóra da area lubrificada, a furia da tempestade ainda, parece maior pelo jôgo dos contrastes.

Si o obscuro rabiscador das presentes linhas tomasse, em uma barca, alguns sertanejos, rudes e ignorantes, do interior do Brazil, poderia passar aos seus olhos attonitos como um semi-deus.

Bastaria para isso lançar, sobre as ondas enfurecidas, com attitudes extaticas de illuminado e palavras confusas de um ritual mysterioso, a aspersão solemne dos oleos milagrosos.

Barbacena, 22 — Maio — 1916.

SIRGUEIRO

## Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

**ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida**

Artigos em depósito: Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance, casemiras inglezas e francezas. Brins brancos—diversos fabricantes— estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

**Vendas por Atacado e a Varejo**

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encommendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

**8, Rua Rodrigo Silva, 8**

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO



De volta no "Benjamin"

(O que fica de pé)

Dae-se o primeiro á terra licenciado,  
Dae-se outro mais, mais outro, emfim, dezenas  
Delles se vão do "Benjamin", apenas  
Do Estado-Maior vem o recado.

E, á tarde, ás 3 horas e um bocado,  
As tuas onde moram as pequenas,  
Duchando tudo, e leves como pennas,  
Dão ter todos, com peito apaixonado.

Assim, do "Benjamin", onde chegaram,  
Os Thebas um por um já debandaram,  
Como fazem as pombas dos pombaes.

Nas pôrtas do Arsenal, as aças soltam.  
Dãm; mas aos pombaes as pombas voltam  
E elles a bordo é que não voltam mais.

TENENTE

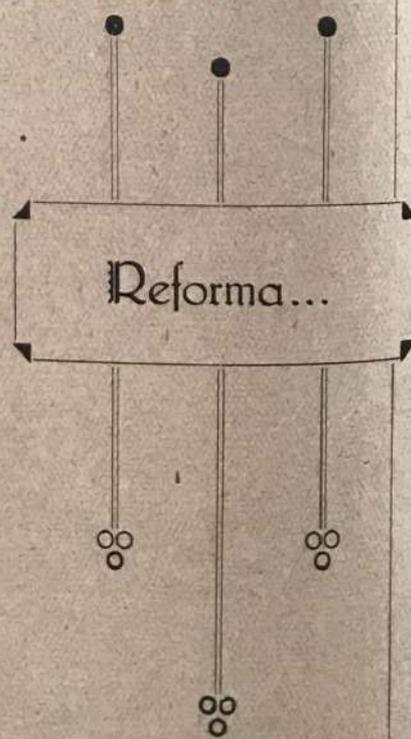
Querida, neste paletot tão fraco,  
Que é um monumento em minha prehistoria,  
Faltam botões e sobra-lhe um buraco,  
Si não me falha o archote da memoria :

Das ffinanças agora outro não saco  
— Precisas reformal-o... De que historia,  
Que, para estar na activa, este casaco  
Precisa de reforma compulsoria!...

Eu já quis "encostar" tal "escaphandro";  
Joguei-o allí. Porém, certa manhã,  
Reconheci volta no malandro.

E etl-o. Reforma-o todo, minha linda;  
Que até parece o "Benjamin Constanti"  
Que depois de ter batiza serve ainda...

O. C.



Reforma...

## O FRANGO DA TAMOYO

Parte porque o lidar continuo com a officialidade lhe dê um pouco daquelle bom humor ironico que caracteriza os commentarios dos homens do mar, parte porque as leis, impedindo a critica livre e aberta, lhe desenvolvam a tendencia para a mordacidade, o marinheiro tem as mais pittorescas maneiras de expressar o seu modo de sentir sobre as cousas, que a disciplina torna intangiveis. Lembro-me de um signaleiro, grumete vivo e observador, que me dizia as cousas mais judiciosas desse mundo:

— Quá, seu tenente! o americano mandou chamar de *yorkino* a bandeira pissilão; dizem, que é p'ra gente não confundi, mas elles não disseram p'ra os signaleiros si *yorkino* se escreve com *i* ou com pissilão mesmo. Tem o Lesbão, do segundo quarto, que escreve com *h* e diz que é uma palavra de origem franceza. Eu por mim chamo *yorkino* porque são ordens, mas cá no fundo do intellecto ella continúa a sê o pissilão do código brasileiro...

Mas o americano não conhece os commentarios do nosso géca, e o Lesbão pôde continuar a escrever *yorkino* com *h* aspirado sem attentar contra o nosso tão maltratado vernaculo.

Mas ao marujo respeitoso e ordeiro não passa o mais leve pensamento de ostensiva critica aos actos superiores e é por isso que muitas vezes buscam modos indirectos de dizer as cousas, sem ferir o espirito rigido das leis disciplinares.

Sirva de exemplo o que succedeu com o Atanagildo da Conceição, primeira classe desclinado da nossa saudosa Tamoyo.

Foi num tempo em que o rancho da guarnição passou por uma dessas crises historicas muito parecidas com a que assolou o rancho dos pharaós no tempo das vacas magras.

Attendendo porém, á physionomia faminta de certos membros da disciplinada maruja, é bem provavel que as vacas do pharaó pudessem passar por gordas ao pé das vacas da Tamoyo.

Contribuiam soberanamente para esta realiação macabra de precusores do prefeito de Cork, o fiel, o fornecedor e o cozinheiro.

E não fossem ponderar nada ao immediato.

A um mais ousado que lhe foi mostrar que a ração de pão explicava naturalmente o milagre da divisão de um pão por mil pessoas

e que o caldo do feijão podia servir para lavar a roupa branca, respondeu com meia duzia de urros muito em voga entre os patescas da marinha antiga, tão em voga que ainda encontram éco no cerebro e na bocca de certos patescas modernos que eu conheço...

E foi um deus nos accuda. O desgraçado recebeu como premio de sua abnegada intenção de informar a autoridade, dois dias de solitaria rigorosa, que lhe sujaram uma caderneta mais limpa do que a alma de um christão que nasceu morto.

Tal procedimento irritou o Atanagildo da Conceição, que começou a ruminar no bestunto um meio de tirar uma desforra estrondosa do immediato, sem incorrer nas penas disciplinares, que dormem nas paginas dos livros de castigos.

A occasião apresentou-se na ilha Grande. Como sempre, amontoava-se em torno do navio um bando de canoeiros, trazendo os mais variados productos daquellas regiões praiaras. Foi quando o commandante e o immediato se aproximaram da borda para comprar alguma melhoria:

Olá! chefe, quanto quer por essas galinhas?

O canoeiro, opilado e esquelético typo daquellas bandas, tocou no chapêlo de palha grossa a guiza de cumprimento:

— Treis mi réis, patrão!

— Hein?! — fez o immediato, como quem não ouviu bem.

— Dois mi réis, patrão! affirmou o canoeiro, como quem repete,

Junto do portaló, o Atanagildo bugalhava a scena.

Entabuladas as negociações, tratou-se de fazer subir a mercadoria.

— Pega esses frangos lá embaixo, Atanagildo! — mandou o immediato, e logo, vendo os bichos mais a feição:

— Ih! mas como estão magrinhas!...

— E' mesmo, seu immediato! — confirmou o marujo — esse não tem perigo de emmagrecer mais!

E chhando muito sério para o frango, que se debatia improficuamente:

— Você já sabia que vinha embarcar na Tamoyo? Já?...

O. C.

## O BRIGUE

(Inspirado na barcarola de Mendelssohn)

*Do porto largou singrando mansamente  
O veleiro barco, e a doce brisa  
Suave enfuna o panno. Leve deslisa  
Se afastando pouco a pouco e indolente*

*Da patria — o "brigue". O marujo sente;  
Sente uma saudade que o martirisa.  
Surge a luz, linda e clara que matiza,  
Ilumina, encanta um coração ausente.*

*Arfando no mar o barco, no céu passa  
Uma nuvem cor de chumbo que ameaça.  
A brisa refresca e a chuva bate.*

*Do temporal pinta longe um aguaceiro  
No horizonte, sóbe e forte e passageiro  
Cae; trava-se a luta e ganha-se o embate.*

Rio, 6 - 9 - 925.

O. C. Marques.

# COMBUSTIVEIS

J. Luiz Belart

2 — Achar a quantidade de combustível gasta por um navio numa viagem de 18 horas apresentando os seguintes dados:

Pressão de regimen — 18k cm<sup>2</sup>.  
 Poder calorico do combustível — 8.000 calorias.  
 Agua de alimentação — 85° c.  
 Potencia da machina — 2.500 C. H. Rendimento do gerador 65% — Cinzas 5%.  
 Tomemos 6k. dagua por cavallo — hora.

## RESOLUÇÃO

Sabemos:

$$P = P_v \times Q$$

em que

P — Potencia do gerador.  
 P<sub>v</sub> — Poder vaporizador.  
 Q — Quantidade em kilos de combustível.  
 Tirando valor de Q, vem

$$Q = \frac{P}{P_v}$$

E' necessario, pois, que se conheça P e P<sub>v</sub>.

Calculo de P<sub>v</sub>:

$$C = 606,5 \times 0,305 t - \Theta$$

substituindo t por 210° que corresponde pela tabella de Zeuner á pressão regimen de 18k cm<sup>2</sup>, e  $\Theta$  por 85°, tem-se

$$C = 585,5$$

O poder calorifico sendo de 8.000 calorias e o rendimento 65%, teremos 5.200 calorias.

Logo o poder vaporizador fica sendo de

$$5,200 \div 585,5 = 9$$

isto é, cada kilo de combustível vaporiza 9k de H<sup>2</sup>O.

Mas é preciso levar em conta os 5% de cinzas; para isso temos, que um kilo de combustível queimado totalmente vaporiza 9k dagua; como, porém, o kilo do nosso combustível não é queimado totalmente, havendo 5% de cinzas, é necessario subtrahirmos, donde

$$1 - 0,05 = 0,95$$

logo se

$$1k \text{ de comb.} - 9k \text{ dagua} \\ 0k,95 - x$$

ou

$$x = 9 \times 0,95 = 8,28$$

O poder vaporizador do combustível é então

$$8k,28$$

Determinação de P:

A potencia do gerador será

$$2500 \text{ CH} \times 6 = 15,000k \text{ de combustível}$$

Uma vez tendo-se

$$P = 15,000 \text{ e } P_v = 8k,28$$

ter-se-á

$$Q = \frac{15,000}{8,28} = 1811k,45$$

Como, no entretanto, a viagem foi de 18 horas, e como queimamos 2 toneladas de combustível aproximadamente por hora

$$Q = 2 \times 18 = 36 \text{ toneladas}$$

Conclusão:

Durante a viagem foram queimadas 36 toneladas de combustivel.

## CONSUMO DE COMBUSTIVEL

Nas caldeiras nem todos os kilos de combustível queimam do mesmo modo. A razão disso é a dimensão das grelhas.

Assim ha caldeiras cujas grelhas são pequenas em relação a superficie de aquecimento e como tem-se necessidade de gastar muito combustível, este fica com muita espessura não podendo ser espalhado como deveria. Do mesmo modo ha outras cuja superficie de grelha é grande demais, ficando o combustível com pouca espessura.

Vejamos os inconvenientes que dahi resultam.

O combustível ficando com grande espessura, as camadas de baixo não queimam tão bem quanto as de cima, nem tão pouco as intermediarias.

Resulta como consequencia a necessidade da tiragem forçada para queimar todo combustível, o que entretanto ainda não se consegue.

E' preciso tambem levar em conta o grande volume de ar que torna-se preciso para a queima de todo carvão. Como a queima não se dá uniformemente, o poder vaporizador baixa, dahi a necessidade para obter o mesmo poder vaporizador de maior quantidade de combustível.

Então para controlar o consumo de carvão a bordo, temos que ver se a tiragem deve ser natural ou forçada.

## TEMPERATURA DO H NO AR

Pela lei das proporções definidas, sabe-se que 1k H se combina com 8k O formando 9k H<sup>2</sup>O e despreendendo 32.462 calorias. Por ahi se verifica que para se obter o numero de calorias effectivas que resultam dessa combinação precisa-se ainda subtrahir o numero de calorias que se perde com a vaporização da agua formada.

Vejamus quanto se deveria subtrahir, 1k dagua exige para se vaporisar na atmosphera á pressão normal, o seguinte numero de calorías dado pela formula de Regnault.

$$Q = 606,5 \times 0,305 t$$

Como a temperatura de vaporisação da-gua á pressão normal é 100°, vem

$$Q = 606,5 \times 0,305 \times 100 = 637 \text{ calorías}$$

Mas a agua vaporisada ou vapor dagua, estando então a 100°, possui uma certa quantidade de calor que para 1k dagua é de

$$Q = pct = 1 \times 0,4805 \times 100$$

sendo 0,4805 o calor especifico do vapor dagua.

Este valor

$$Q = 0,4805 \times 100$$

que não desprende calor, devemos subtrahir das 637 calorías.

A formula que dá a temperatura do H no ar será então

$$t = \frac{P \times C}{p \times c + p' \times c'} = \frac{1 \times 32462 - (637 - 100 \times 0,4805) 9}{9 \times 0,4805 + 8 \times 3,33 \times 0,24}$$

O numerador vem multiplicado por 9 porque se tratam de 9 Kilos dagua.

O que está dentro do parenthesis é para 1k dagua.

Effectuando os calculos obtém-se

$$t = \frac{32462 - 5300,55}{4,245 + 6,394} = 2553^0$$

Si se queimássemos o H no O puro, encontraríamos

$$t = \frac{27161,45}{4,245} = 6398^0$$

Praticamente estes valores são menores devido ao phenomeno da dissociação.

(Continua)

## IMPORTAÇÃO DE FERRAGENS E ARTIGOS

## PARA CONSTRUÇÕES CIVIS E NAVAES

MATERIAL PARA ESTRADAS DE FERRO E OFFICINAS.  
FERRAGENS, TINTAS, ETC.

# J. Larica & Cia.

Rua dos Ourives, 95 ↘ ↘ Rio de Janeiro

TELEPHONE NORTE 452

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

**166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro**

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DÁ BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

**Bernado** — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

**Bernice** — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

**Brandão** — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

**Naval** — **Construção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmis do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estansláu de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas 8

**Madre** — **Construção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes 8

**Combate** — **Construção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8

**Acesoro** — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paíões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Instalação do aparelho motor; Instalações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

**Condulo** — **Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

**Navegal** — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharóes, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

**Piltage** — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira, Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

**Fundura** — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis, Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

# Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA  
BRAZILEIRA

PATENTE No. 14.743

# "RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

## ALVARO ALBERTO

( OFFICIAL DE MARINHA )

Patentes Nos. 9970 e 11638

**Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.**

VENDEDORES :

## P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco 29 - Rio de Janeiro.

Telephone Norte 3974  
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.

ELECTRICIDADE: BAIXA E ALTA TENSÃO, MOTORES,  
TRANSFORMADORES, CABOS, FIOS, ETC., FERRAGENS,  
METAES, FERRO E AÇO, ARTIGOS PARA MARINHA,  
TELEGRAPHOS, MACHINAS, ESTRADAS DE FERRO; ES-  
CAPHANDROS; BOMBAS PARA AGUA; OLEOS DE  
TODOS OS TYPOS; BLASTING, DYNAMITE, GELIGNITE,  
ESPOLETAS, DETONADORES; MOTORES A GAZOLINA  
"HONOMAG LLOYD"

# MAYRINK VEIGA & Co.

ENGENHEIROS, IMPORTADORES E EXPORTADORES

Encarregam-se de instalações hydraulicas, mechanicas  
e electricas. Officinas de reparações de  
motores, machinas e qualquer  
apparelho electrico.

---

Mangotes, Tubos de borracha, Mangueiras, etc.  
ELECTRIC-HOSE & RUBBER Co. NEW YORK

Tintas, Vernizes e Esmaltes de  
THOMAS PARSONS Co. LONDRES

Grupos *Kohler* geradores de força e luz de  
KOHLER Co. NEW YORK

Estaleiros para construcção e reparaçãõ  
navios de qualquer tonelagem

GEORGE BROWN Co. GREENOCK

Gaxetas metallicas, etc. de

CRANE PACKING Co. CHICAGO

---

Rua Municipal 15/21 Trav. de Santa Rita 26

Deposito : Rua do Acre n. 64 — Ilha de Saravathá

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones Norte :

Armazem 3849 — Escriptorio 3840

CODIGOS USADOS :

ABC 5ª Edição — Ribeiro — Liebo  
Bentley — Marconi — Int.  
General Telegraph.

RIO DE JANEIRO

*Joscano,*



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.

REDACTOR-CHEFE:   
A. M. BUARQUE DE LIMA



Bate o <sup>1</sup>mar <sup>2</sup>furi<sup>3</sup>do em <sup>4</sup>cima <sup>5</sup>do <sup>6</sup>roche<sup>7</sup>do.  
Vaga em cima de vaga e vagas despejando.  
Impassivel, de pé, a rocha não se abala.

Xi agua, que resvala,  
corre de quando em quando,  
e vae, aos poucos, molhando,  
a pedra do lagêdo...

Brigam <sup>1</sup>lutam <sup>2</sup>assim, brigam <sup>3</sup>sem <sup>4</sup>pausa,  
da <sup>5</sup>guerra <sup>6</sup>nos <sup>7</sup>ardores,  
sem <sup>8</sup>motivo, <sup>9</sup>sem <sup>10</sup>causa...

E quem supporta as dôres,  
o perigo, o seu risco?

Brigam <sup>1</sup>lutam <sup>2</sup>assim e <sup>3</sup>quem <sup>4</sup>padece <sup>5</sup>horrores  
é o pobre marisco...

*Balthazar Pereira*

# S U M M A R I O

---

<i>Fabula</i> . . . . .	Balthazar Pereira . . .	(Capa)
<i>Sea Power</i> . . . . .	A M. Buarque de Lima . . .	1
<i>Signalaria</i> . . . . .	O. C. . . . .	2
<i>Migalha de ventura</i> . . . . .	Olegario Marianno . . . . .	5
<i>Doutrina</i> . . . . .	Antonio Bardy . . . . .	6
<i>Cantador</i> . . . . .	Ildefonso Falcão . . . . .	9
<i>A Guerra de outr'ora e de hoje</i>	Goulart de Andrade . . . . .	10
<i>S. Luiz</i> . . . . .	Rosalina Coelho Lisboa . . .	12
<i>Caridade</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . .	13
<i>O ultimo livro de Loti</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . .	14
<i>Marinha</i> . . . . .	Pethion de Villar . . . . .	17
<i>Quarta-feira na Escola Naval</i>	Peter-Pan . . . . .	18
<i>Revista de Revistas</i> . . . . .	L. R. . . . .	21
<i>Ø recife de coral</i> . . . . .	Olegario Marianno . . . . .	} 23
<i>A cigarra</i> . . . . .	O. C. . . . .	
<i>O sonho da paz</i> . . . . .	Annibal Gama . . . . .	24
<i>A folha dobrada</i> . . . . .	Malba Taban . . . . .	27
<i>Felicidade</i> . . . . .	O. C. Marques . . . . .	} 28
<i>Fé de officio</i> . . . . .	V. S. . . . .	
<i>Requizitos para o commando</i>	C. C. Gill . . . . .	30
<i>Ouvindo estrellas</i> . . . . .	Adalberto M. de Oliveira . . .	33
<i>Combustiveis</i> . . . . .	J. L. Belart . . . . .	35

—  
REDACÇÃO:

ESCOLA NAVAL de ILHA DAS ENXADAS  
RIO DE JANEIRO

—  
ASSINAGTURA ANNUAL . . . 165000

---

NOTA: — Não publicamos o numero de Agosto em vista de  
haverem sido nesse mês effectuados os exames  
do 1.º periodo.



Redactor-secretario — L. P. AARÃO REIS

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

## SEA POWER

A. M. Buarque de Lima

**D**a prôa alta da «Bucentaur», onde os festões de rosas pareciam incrustações de conchas nacaradas, o doge veneziano arremessa ao mar um anel. Era por ocasião de uma cerimonia imponente, a que o povo concorria com o prestigio do seu entusiasmo espontaneo, o mais das vezes vibrante até a bellicosidade, quando lembrava, sobre o oceano ante elle infinitamente desdobrado, para elle tentadoramente irrequieto, o adejo glorioso das suas vélas. O que desaparecera nas aguas não representava o rito misterioso de uma seita; era a formulação de uma promessa publica. «Desponsamus te, mare, in signum veri perpetuique domini», eis a legenda gravada no aro metallico que saltára das mãos do doge. A poderosa republica do Adriatico, por cujos canaes o oceano lhe estendera a vibração do seu amplexo, foi na Edade-media a predilecta de Neptuno. Deante das suas frotas a mesma Genova recuou, e o sceptro de soberana dos mares, que tão intelligentemente mereceu, só lhe caiu das mãos por obra da fatalidade, implacavel na intuição de Vasco da Gama; e esse Mediterraneo, que assim recebia numa das innumeradas bifurcações a alliança votiva, constituiria-se em todos os tempos, muito antes do surto de Veneza, a arena do marinheiro. As suas vagas ergueram na crista e sepultaram no cavado as civilizações mais brilhantes. Nellas quase desapareceu Roma, a Roma altiva das legiões, a Roma desdenhosa do mar, quando se levantou do sul na ameaça de Carthago a nuvem da sua gloria; e tamanha foi a evidencia do erro que em pouco os penteres, a véla pur-

purea afluindo numã ansia, afastam em Myla o perigo que acabrunhava a republica.

E' de flagrante contraste a attitude dos Romanos: antes do feito naval admittindo como dogmatica a omnipotencia das suas legiões contra inimigos de terra e do mar; depois, na columna erigida no Forum em memoria dos vencedores, penitenciando-se da sua incuria. E tão intenso é o jubilo da victoria que a Duilio concederam o privilegio de «ser acompanhado para sempre por um flautista tocando em signal de alegria»(1) Mas este exemplo não pôde ser invocado como um precedente; a historia assignala a sorte dos que confiaram demasiado no exito do improviso, material ou moral. Elle constitue apenas uma excepção perigosa, que se não deve parodiar. O que se intima ao senso patriotico é a previdencia no preparo do marinheiro, o zelo infatigavel na conservação do material e na sua crescente eficiencia, a formação de um vinculo intimo entre o estadista, o estrategista e o tactico. O desastre da Espanha em Cuba e o da Russia em Tsuschima, para cingir-nos aos mais recentes, são lições impressionantes. A mesma França, com a sua tradicional negligencia pela marinha, que a fez recorrer a Genova sob Felipe Augusto para emprender as cruzadas e sob Felipe o Bello para batalhar os Ingleses, a mesma França, que sem a protecção da Home Fleet reproduziria em 1914 o papel tragicamente grotesco de Cervera, volta-se agora para o mar, aparelha a esquadra, exer-

(1) Oliveira Martins, Historia da Republica Romana, Tomo I pag. 196.

cita-a, instrue-a, estimula-a, desagrava-a com o carinho de hoje do desprezo de hontem. Ao platonismo das conferencias de desarmamento responde apontando aos marujos o oceano. E nisso nada mais faz que copiar o exemplo das demais nações.

Ainda ha pouco bradava Lloyd George que a Inglaterra comparece aos congressos de paz, levando numa das mãos uma proposta seraficamente pacifica e na outra escondendo formidavel plano armamentista. A's manobras americanas e britannicas succedem as japonezas e as italianas. Que denuncia essa emulação, que sobreavisa essa febre? Talvez a utilidade da «Liga das Nações»...

O mais fervoroso apostolo da paz, que impugnára vehementemente a obrigatoriedade do serviço militar, para quem «soberano era só o direito, interpretado pelos tribunales», renegou a fé antiga deante da evidencia de Haya, e entrou a pregar com o ardor do convertido a necessidade imperiosa de uma armada, condição da nossa soberania. Elle vira que a mediocridade do barão de Marshall, transparente nos comentarios de William Stead, se impuzera ao tribunal supremo pelo prestigio nelle reflectido da marinha e do exercito germanicos. E sete annos após confirmou-se o seu vaticinio.

Não escutam os pregador maravilhoso e avisado. Permanecemos como se em nós se houvesse encarnado o espirito fatalista dos Musulmanos. Mas o Brasil não soletira o Alcorão; lê a Biblia, que offerece na esperança o premio do trabalho. O lemma de Cicero: «Cedant arma togæ, concedant laurea lingue» tem sido até hoje, quando estendido pelos utopistas ao direito internacional, systematicamente desmentido. Riachuelo é a eloquencia com que responder-lhes: a surpresa da guerra, a responsabilidade tremenda da batalha, a bravura inexcedivel do

nosso marinheiro fa'am com a vehemencia da realidade positiva; fazem-nos reflectir no que até agora temos sentido. Essa a opinião do Brasil neste momento, em que os Presidentes e Governadores dos Estados se congregam para dotá-lo de navios. O que seria, porém, mais bello era a participação do povo, donde saem os nossos marujos. E a este só se póde apelar pela imprensa: ouse ella esse movimento civico, interessando a turba a quem fala nessa resurreição que se avizinha. A marinha brasileira, em cujas naus batalharam, morreram, immortalizaram-se filhos de todos os estados, tem as responsabilidades de um passado glorioso. Que, relembrando estes irmãos, attendendo á supplica que os seus espiritos de certo lhes endereçam, todos os brasileiros, pequeninos e potentados, com uma migalha que seja, collaborem na reconstituição do nosso poder naval, no eterno e sempre novo «Sea power». E' de Roma a prioridade numa subscrição popular desse genero. Foi durante o duello com Carthago que um cidadão, com a intelligencia do momento, aventou a ideia salvadora. Em pouco 200 vélas desbaratavam o adversario, cujo almirante a indignação carthaginesa crucificou. O ape'o em prol da esquadra brasileira eu o attribuo a Barroso. Os signaes historicos do chefe inesquecivel já não se dirigem apenas á coragem dos seus commandados, nem esvoaçam no penol de uma carangueija. Abrangem neste instante a Patria inteira, como se pendessem do Cruzeiro, que é o mastro luminoso do céu. E dahi, desses cimões, é que elle vos fala, gente de Santa Cruz, como o leteiro misterioso que re'ampejou deante das hostes de Constantino, a dizer-vos na sua legenda inapagavel: «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever». Brasileiros, cumpri o vosso dever, resuscitando a vossa esquadra!



## S I G N A L A R I A



Houve um tempo (essas cousas não são assim tão velhas como se presume, porque a marinha brasileira tem progredido de accordo com a Liga de Sports, como quem corre um pareo de obstaculos: *marinha facit saltus*, como diria qua'quer patasca contemporaneo de Tiberius Gracchus ou de Duius Pœnos) em todo o caso, houve um tempo em que o signaleiro era um elemento tão perturbador a bordo como o ferro vertical.

Não tinha ainda entrado na massa encephalica do Jéca, que é tambem cinzenta para estar de accordo com a pintura da esquadra, a necessidade de andar pendurando umas bandeiras pelas vergas, ou estar cansando o braço numa semaphora canonizante.

Por isso, quando alguma divisão estrangeira vinha, como Cabral, por obra do accaso, a estas paragens hospitaieiras da admiravel Gecolandia, pasmavam os nossos miquimbis de leaço e fiel, deante da rapidez com que os «da estranja» se avinham no complicado manejo da semaphora.

E' verdade que um ou outro representante da nossa fauna marinha, o Manoel Euphrasio, ou o Thimoteo da Silva, abanava a cabeça com um ar de duvida e sorria superiormente:

— Quá! falando estrangeiro, tambem eu transmitto depressa! Quarqué cousa sae certo, porque ninguem entende a lingua delles...

E no dia seguinte, para mostrar a efficiencia da semaphora indigena, iam por agua abaixo as mensagens, que os signaleiros transformavam num febril esgrimir de tejumpás com a precisão de movimentos de box.

A par dessa morosidade progressiva, que a gente chama nos outros, com um euphonismo bondoso, de espirito conservador, o nosso marujo guardava sempre aquelle bom-humor, que não tem rival no mundo, e que faz do nosso homem o paciente cumpridor dos seus deveres debaixo de todos os males que assolam a marinha: desde o temporal, que Deus manda, até o atrazo de semestre, que Deus não manda. E' que o Geca é assim: uma resignação dentro de um dever. Bem hajas, miquimbi pacato, que sabes ser forte, porque sabes soffrer de riso á flor dos labios!

E' este sorriso que ás vezes desabrocha em gargalhada, contagioso e forte, que os signaleiros de outr'ora sabiam transmittir para toda a esquadra, ainda que ignorassem toda a complicada teoria de signaes que importamos agora do americano.

Basta lembrar o caso do tenente Teixeira de Andrade, official de quarto no Floriano, que foi procurado pelo signaleiro de serviço, por uma bella manhã de primavera e lona e areia:

— Prompto, seu tenente!

— Que é que pega, Hermenegildo?

O marujo perfilou-se, numa attitude de respeito e convicção:

— O «Tiradentes» içou signá de «farra».

O official franziu o sobr'olho, na espectral de uma errata:

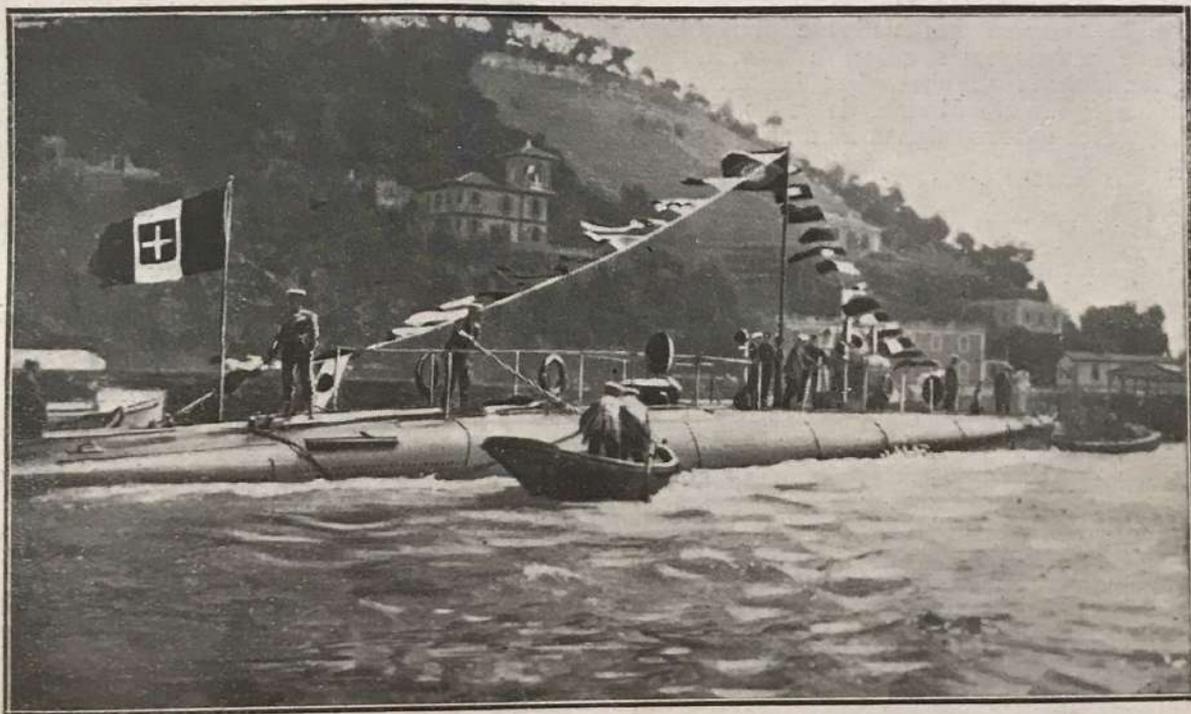
— Hein?!...

— Sim, sinhô; o «Tiradentes» atopetou o signá de «farra». E o Hermenegildo perfi-

terra, depois de uma festa de detalhes escabrosos, içando no lais da verga um soberbo par... de calças de senhora, cuja origem não passou á historia: honni soit qui mal y pense! (oh! não é o que você pensa!). Apesar de que mandaram a barca dagua...

Hoje porém mudou tudo. A missão americana veio ensinar-nos uma porção de cousas, mas o Geca, bem lá no fundo de sua intelligencia nativista, ficou sempre o mesmo, especie á parte, que resiste ao tempo e á se'ecção.

De resto, não creio que tenhamos progredido muito. Si a'guem quizer hoje repetir o signal de «farra», que o pandego signaleiro do Tiradentes resolvia com um violão rachado,



*Submersível F 1, logo após o seu lançamento em Spezzia (Fotografia gentilmente cedida pelo Commandante Mario Sampaio).*

lava-se serio, calcanhares unidos, mão no chapéo, espetando os dedos como as pontas de uma rosa dos ventos a apontar todos os quadrantes.

Uma tremenda tempestade avolumou-se sobre a cabeça do pacato grumete. O tenente Teixeira de Andrade teve a impressão que o Hermenegildo queria acanalha-lo, e deante de tamanha ousadia ia fulminal-o do alto da sua omnipotencia de caveira de páo, quando lhe veio ainda a calma de olhar para o vulto do velho Tiradentes, que se perfilava espetado no «necroterio» da ilha das Cobras, a ver que signal era aquelle que motivava a escandalosa referencia do Geca. E escancarou a bocca pasmo, desanuviando a frente, para terminar num riso suffocado e num mal disfarçado ar serio a dizer: «Está bem. Estou sciente.», que fez as delicias do Hermenegildo.

E' que, na adriça do velho cruzador, como um signal de serenatas e folganças a convidar a esquadra, balançava-se soberbamente atopetado, um velho violão arrebetado!

Bom tempo aquelle! em que os guardas-marinha, no Benjamin Constant, saudavam a

terá de empregar mesmo os signaes alphabeticos, num estylo kilometricamente perfeito.

Em todo o caso, como o homem é o unico animal que ri, não cessaram os episodios cheios de bom-humor, que servem para transformar numa gargalhada as tenebrosas horas de «onça», em que o «caveira» sente que a «enrascativa» está a meia adriça.

E é um signal terrivel este: «enrasca onça», signal de emergencia que não precisa de código para ser interpretado.

Depois, é justo registrar, que, si os americanos não nos vieram ensinar a rir, sabem fazel-o tão bem como nós, e melhor do que muito patesca figadal (porque a patescaria é uma molestia do figado que «abunda na marinha»), que amarra a cara e entra na ordenança quando a gente ri.

Foi assim que, no outro dia, um dos nossos amigos yankees conseguiu interpretar com um sorriso toda a desventura de um zeloso signaleiro.

A bordo dos nossos contra-torpedeiros as competições de signaes crearam uma nova dedicacão ao serviço, que faz com que o signa-

leiro se esforce com todas as veras para collocar o seu navio na frente dos demais. Essa emulação porém dá ensejo a que aconteça o que fez o Manoel de Jesus, correcto signaleiro de serviço num dos nossos destroyers dar uma «rata» de quatro pannos.

E' que, quando um dos officiaes da Flotilha, que fôra a bordo a serviço, subiu ao passado, na urgencia de se communicar com o capitanea, foi tal o fogo de efficiencia do nosso heroe, que, num signal de treis bandeiras, a affobação fel-o esquecer uma, para andar depressa.

Parece que a sua bôa intenção não foi porém comprehendida, porque, mal foi reconhecido o signal pelas outras bellonaves, um movimento desusado alastrou-se pela esquadra: guarneceram-se embarcações, armaram-se contingentes de soccorro, embalados e municiados, cruzaram-se ordens num apice, e parecia que toda a marinha ia se encarniçar furiosa sobre a pequenina figura do Manoel de Jesus, quando o destroyer içou novo signal annullando o precedente.

E' que o signal de duas bandeiras que o Manoel de Jesus içara por excesso de zelo, queria dizer «apenas» isso:

— Navio revoltado. Peço soccorro.

E' de julgar que, nos tempos que correm, não precisasse mais nada para por em em polvorosa meio mundo. Içada porém a annullação, desfez-se o incidente e ficaram somente os commentarios.

Foi quando, a bordo do «Minas Geraes», o commandante F., sorrindo do incidente, pronunciou-se na sua lingua perra de quem aprendeu o portuguez em poucos mezes:

— Oh! vocês... ad'miram isto?

In United States Navy suc'cedeu uma melhor...

Acercaram-se immediatamente physionomias curiosas, como sempre se encontram nas praças d'armas para apreciar um bom manjar espirituoso. Sorrisos desabrocharam promptos a florir em gargalhadas, e num momento o sympathico official americano se viu envolvido por uma turba avida de um bom dito, com a bateria... de dentes prompta a disparar num fogo sem «control» de gargalhadas.

E então ouviram.

Certa occasião uma flotilha de destroyers americanos, navegando a toda a velocidade, com a impeccabilidade de manobra que os nossos amigos do norte obtêm a custa de longos dias de mar a fôra em material novo e bom, encontrava-se em exercicios não me recordo mais em que logar das costas americanas, onde não faltam perigos e sobejam pedras.

Os signaes succediam-se com a precisão das manobras, e a flotilha realizava naquella dia um dos seus mais acabados exercicios, quando um accidente veio perturbar a alegria dos que levavam a bom termo estas perigosas incursões no dominio de Neptuno.

Um dos destroyers, no decurso de uma das evoluções, afasta-se da linha, e a toda velocidade vae preparar num pedrouço encoberto. Um momento de estupor correu toda a linha, como um signal de desgraça, ao ver de subito emmergir como a querer varar os céos aquella quilha, que só se pode qualificar de *altiva*, tal a posição que conseguira obter no desastre.

A bordo do navio sinistrado correram os primeiros momentos de afobação. Ordens, tinidos de campainha para as machinas, gente que corria de ré para vante sem ter que fazer, mas para se dar a si propria a impressão de que estava fazendo muito, emfim a balburdia do imprevisto, que não ha disciplina nem treinamento, que impeçam nos primeiros segundos de catastrophe.

Conhecida rapidamente a extensão do desastre, o commandante urge em communicar á flotilha.

Rabisca-se um signal e os signaleiros apressam-se deante da gravidade da situação em pegar bandeiras daqui e dalli, engatando-as num phrenesi justificavel.

Tremula afinal suspenso da verga o signal. Atiram-se ao codigo a decifral-o os officiaes da flotilha, e, apesar da situação critica dos companheiros, não ha como suffocar as risadas que estrugem como metralha.

E' que, confeccionado num momento de «onça», com o concurso da afobação dos signaleiros, a sua interpretação jocosa e de accordo com a posição incrível que assumira o torpedeiro, era a seguinte:

— Ainda posso subir mais.

O. C.

# CASA RIEKEN

ENDEREÇO TELEGRAPHICO "RIEKEN"

Codigos usados: "Ribeiro",  
A. B. C. 4th. e 5th.

PHONE CENTRAL 4364

## SALGADO GUIMARÃES & COMP.

FORNECIMENTOS MILITARES

Importação e exportação — Alfaiataria civil e militar — Sirgueiros

Rua da Quitanda, 26

Rio de Janeiro

# Migalha de ventura

(Inédito)

Tirem-me a luz que os olhos me alumia,  
O ar que me enche os pulmões e o céu que adoro;  
Tirem-me esses momentos de alegria,  
Tirem-me a voz de passaro canoro;

Tirem-me a paz de espírito, a harmonia  
Da vida e o mar que canta quando eu choro;  
Tirem-me a noite e, ao luar da noite fria,  
O sonoro esplendor do céu sonoro;

Tirem-me a força, a crença, o orgulho, o encanto,  
A lágrima, o sorriso, a mocidade  
Que faz com que eu na vida engane tanto;

Tirem-me o manto, deixem-me desnudo,  
Mas não me tirem dalma esta saudade  
Que é meu sangue, meu ser, meu pão, meu tudo.



*Oregario mariano*



# DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Barøy á Escola Naval de Guerra em 1922.

## CAPITULO IV

### Doutrina e suas relações com a estrategia

Quem quer que escreva ácerca de estrategia ou de tactica, não deve, em sua theorias, desprezar o ponto de vista especial do seu povo; é mister que nos dê uma estrategia e uma tactica nacionaes.

VON DER GOLTZ (citado por Darrius).

Todo o paiz verdadeiramente consciante, isto é, todo aquelle de cuja doutrina nacional resalta a consciencia de um perigo as mais das vezes perfeitamente caracterizado e definido, procura não só adquirir o armamento com que possa conjurar esse perigo, mas tambem preparar-se para a efficaz utilização desse armamento.

Qual será em verdade esse perigo?

E qual a natureza do armamento capaz de conjura-lo?

Costuma-se, geralmente, imaginar que os agentes diplomaticos de um paiz no estrangeiro, prognosticando com a precisão dos instrumentos meteorologicos mais perfectos, ás perturbações que ameaçam operar-se na atmospheria da politica internacional, indicam ao paiz a que pertencem, o inimigo ou os inimigos que o ameaçam. Na realidade, não é isso o que verdadeiramente se passa; e os que assim conjecturam, confundem os symptomas do mal com o mal em si mesmo.

Cada povo que se conhece a si proprio, conhece, igualmente, qual o seu inimigo. E esse inimigo, quem lh'o indica é, na opinião do autor da Psychologia Politica (1), «a antipathia profunda que as divergencias de constituição mental engendram entre as raças, divergencias que as levam a concepções da vida mui diversas, e, por consequente, a uma norma de proceder differente».

Dessas divergencias, por assim dizer constitucionaes, nasce a predisposição á intolerancia mutua, o que faz com que a mais ligeira competencia — seja qual fôr o terreno em que se verifique — constitua o pretexto para a explosão de tal antipathia: A Guerra.

O que, porém, esses utilissimos agentes, usando de admiravel perspicacia, conseguem geralmente prever, e muitas vezes mesmo prevenir, são os mencionados symptomas, isto é, as causas immediatas das guerras; porque em suas causas remotas, duradouras, as verdadeiras causas dessas guerras, bem as sabem os povos consciantes.

De varias circumstancias depende a natureza do armamento que cada paiz deve adquirir, para ficar habilitado á realização do que Clausewitz considera «a Politica por outros meios». E estas circumstancias apresentam multiplos aspectos, já relativamente ás condições geographicas do paiz que se arma, já relativamente ás do paiz inimigo. A estas, que, sós

por sós, se revestem de assignalada importancia, outras condições se accrescentam, as quaez — devendo ser, igualmente, examinadas em relação ao paiz que se arma e ao seu inimigo — vêm tornar ainda mais complexo o problema da escolha das armas e o estudo attinente ao melhor emprego dellas:

Taes são, entre outras menos importantes:

a) — a direcção dos rios navegaveis; a distribuição e capacidade da rêde ferro-viaria; a orientação e natureza das estradas de rodagem; a facilidade e segurança das communicações maritimas; a disseminação, nos paizes de grande vastidão territorial, dos nucleos populosos, e a densidade desses nucleos — circumstancias que, representando, na realidade, as **variaveis da mobilização** e influindo, de maneira capital, no lançamento do primeiro golpe offensivo, e bem assim em todo o desenvolvimento offensivo da guerra, se associam para facilitar o que se poderá chamar o **impeto offensivo**.

b) — as possibilidades logisticas e financeiras; a estabilidade ou instabilidade da organização interna; a possibilidade ou a existencia de alianças, e as sympathias existentes no continente ou fóra d'elle; a população, considerado o seu aspecto numerico; a influencia dos grandes vultos dirigentes (2), no sentido de levantar o moral da população, se ameaçado de colapso; — o que, tudo, contribue para o que se poderá chamar o **folego guerreiro**.

c) — os antecedentes historicos; a psychologia nacional, e, sobretudo, a psychologia e o prestigio dos grandes vultos dirigentes — factores esses que concorrem para a formação do que se poderá chamar a **temibilidade relativa**.

Por si sós, bastam as considerações que, relativamente ao impeto offensivo, ao folego guerreiro e á temibilidade relativa, acima vêm expressas, para forçar á conclusão de que:

**Primeiro:** — A verdadeira estrategia de um paiz — deva ella attender, propriamente, á escolha das armas, ou prever o que Von Moltke chamou o «onde» e o «quando» das batalhas — a verdadeira estrategia de um paiz não pôde, em caso algum, surgir como uma intuição pura da razão, mas, ao em vez disso, deve subordinar-se, inteiramente, á natureza e ao con-

(1) Capitulo V. Factores psychologicos das lutas guerreiras. (G. Le Bon).

(2) Exemplos: Rei Alberto, Lloyd George, Clemenceau, etc.

curso das condições de ordem material e moral que militam em seu favor e em pról do inimigo.

**Segundo:** — A verdadeira estratégia de um paiz não se póde improvisar nas vespéras da guerra nem tão pouco nos dias que se seguem á sua irrupção; deve, muito ao contrario, ser um trabalho ponderado e já feito, ao qual, entretanto, se ajuntem, a cada momento, as observações e os retoques que a variação das alludidas condições aconselha por ventura.

Quanto mais numerosas são as condições que influem no problema strategico de um paiz; quanto mais complicado se afigura, por isso mesmo, o mencionado problema; tanto mais fortemente se requer que todos os que de perto se interessam pela organização da defesa nacional, encarem pela mesma «optica mental» não só o aspecto verdadeiro por que tal problema se lhes apresenta, sinão tambem os meios a empregar e o caminho a seguir para a sua resolução satisfactoria.

Se, nos tempos em que as forças armadas de um paiz eram consideradas de per si, o seu problema strategico requeria, para cada uma dellas, a mais perfeita convergencia de vistas e a mais afinada collaboração, hoje, que a experiencia da ultima guerra evidenciou a mutua dependencia em que estão Exercito e Marinha, essa harmonia e essa collaboração ainda mais indispensaveis se tornam.

Assim é que, tanto aos militares de terra quanto aos de mar, aos quaes está directamente affecto esse problema strategico, se impõe que tenham a mesma visão das verdadeiras condições que influenciam semelhante problema, afim de que a aquisição e o preparo das armas, correspondam, como qualidade e bem assim como quantidade, ás necessidades reaes do paiz.

Pois bem: essa mesma visão strategica, essa maneira unanime de pesar as multiplas condições capazes de communicar ao inimigo o impeto offensivo, o folego guerreiro e a temibilidade relativa, sómente se poderá conseguir com a assistencia de uma perfeita doutrina militar.

Infelizmente, não basta, para esse fim, a doutrina militar. Supposto que foi maduramente concertado, á luz dessa mesma doutrina, o que se poderá appellar o projecto da preparação strategica da guerra, deve semelhante projecto submeter-se ao juizo do Poder Legislativo, que é o poder incumbido de votar as dotações necessarias á sua completa objectivação.

Ora, acontece, mesmo na maioria dos paizes do Velho Mundo, que, pelo facto de não terem o que aqui já se denominou a consciencia do perigo, e, consequentemente, não soffrerem a imposição das condições que communicam ao mencionado projecto um character insubstituivel de qualidade e quantidade, os representantes do alludido poder encaram, geralmente, os projectos de armamento como motivos para despesas avultadas, que o erario nacional nunca pode supportar.

E se, como, geralmente, succede nesses paizes, a maior parte da imprensa orienta a opinião publica no sentido de negar a sua sancção moral ao preparo strategico da guerra, difficilmente logrará a doutrina militar triumphar dos obstaculos que encontra.

Em compensação, nos paizes em que a consciencia do perigo communicou á mentalidade nacional o reconhecimento de que sómente com a aquisição e o preparo das armas se poderá prevenir esse perigo, os órgãos incumbidos de propor a quantidade e a qualidade dessas armas encontram, não só da parte dos poderes publicos sinão tambem no sentimento unanime de todas as classes sociaes, o credito e o prestigio que, no seio de um organismo equilibrado (seja-me permittido comparar) encontram os órgãos encarregados da elaboração de principios e elementos indispensaveis á defesa e á continuação da vida.

Que se poderá, pois, concluir, da presente comparação? Que, nos primeiros, em razão da falta de uma verdadeira doutrina nacional, lhes falta, por isso mesmo, a comprehensão das necessidades palpitantes do Estado; emquanto que, nos ultimos, em virtude de os reger essa verdadeira doutrina, as referidas necessidades a todos impressionam e a todos se recommendam.

Além disto, qual é o lemma que, resumindo o instincto de conservação de todo um povo, ou manifestando a sua aspiração de hegemonia, não traduz uma esperança nas armas? Que quererão, por ventura, significar as divisas «Deutschland über Alles», «Rule Britannia», «America for Ever», que tanta eloquencia apresentam nos labios das mulheres e das crianças quanto na discreta mudez dos Estadistas?

Que extraordinario alcance não terá para o futuro do nosso paiz a certeza de que as mães, as melhores sementeiras do sentimento nacional, já começam a ensinar ás criancinhas que «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever»?

De todas as considerações de ordem geral que acabam de ser consignadas no presente Capitulo, resaltam, naturalmente, as seguintes conclusões:

1) — A preparação strategica da guerra — no que respeita á escolha qualitativa e quantitativa das armas de terra e mar, e bem assim ao «onde» e ao «quando» devam ser empregadas — não póde subordinar-se ao juizo exclusivo do Exercito e da Armada, respectivamente; mas — uma vez que a guerra é uma só — deve, depois de pesadas as condições que militam a favor do paiz que se arma e do seu inimigo, resultar do completo entendimento entre as classes citadas, ás quaes uma verdadeira doutrina tenha communicado uma identica visão das condições referidas.

2) — Essa preparação strategica se torna mais effectiva em um dado paiz, se uma verdadeira doutrina nacional communicou mais ou menos nitidamente a todas as classes, a todos os individuos, a comprehensão das necessidades militares do paiz.

Não desejo finalizar o estudo das relações existentes entre a doutrina e a estrategia, sem que, primeiro, me transporte, por um instante, ao terreno restricto do armamento naval.

Até ha bem pouco tempo, pode-se mesmo asseverar, até estalar a guerra de 1914, raros eram os paizes em que uma verdadeira doutrina déra aos encarregados de «forjar as armas» da lucta naval, uma comprehensão unanime e perfeita de todas as condições capazes de lhes impôr a escolha conveniente de taes armas.

Assim é que, longe de representarem o resultado expresso da doutrina, eram de todo o ponto arbitrarías as conclusões relativas á escolha dos typos dos navios, e, dentro de cada typo, á do raio de acção, velocidade, armamento, protecção e sentido da compartimentagem; e nem mesmo se levava em linha de conta a consideração assáz melindrosa do **porque** e do **quanto** se devia sacrificar qualquer desses elementos em beneficio de outros.

Occorria, além disso, que, nesses paizes, a pluralidade de vistas impedia a comprehensão da **homogeneidade** indispensavel ao que o Comandante Baudry denominou as **massas** de uma esquadra de combate: massa de encouraçados, massas de cruzadores, de Contra-Torpedeiros, etc.

Na França, essa falta de homogeneidade chegou a subir tanto de ponto, que o Comandante Darrieus, ao publicar o seu conhecido trabalho — A Guerra no Mar — A Doutrina —, observou que, havia cerca de trinta annos, a Marinha franceza vinha renovando e mantendo uma frota constituída de «amostras» tão heterogenea, tão eclectica éra ella.

Hoje, diante das lições mais recentes da guerra no mar, tal homogeneidade se impõe com tanto mais força quanto as batalhas navaes não se passam, absolutamente, entre simples navios, mas sim entre systemas homogeneos de navios (massas) dispostos em determinadas **formaturas**, das quaes não se póde impunemente passar para outros, no renhido da acção.

O que, no maximo, se permite, **individualmente mas egualmente**, aos navios que constituem um systema homogeneo que combate, é a articulação necessaria ao melhor aproveitamento global do fogo da artilharia e do tiro colectivo de torpedos, articulação que, de resto, só poderá realizar, com proveito, uma torça tacticamente endoutrinada (3).

Outro ponto que tem as mais intimas relações com a doutrina, é o que diz respeito ao «porque» e ao «quanto» se poderão sacrificar, em beneficio de outros, certos elementos **vítaes** de um navio de combate.

E' sabido que, sómente depois de historíada a batalha da Jutlandia, se poudo verificar o motivo por que, apesar de ser mais ou menos equivalente e egualmente conduzida a

(3) Este ponto está estudado no Capitulo VI.

artilharia dos dois combatentes, tiveram os inglezes tão grande numero de navios postos a pique pela perfuração da respectiva couraça e suas multiplas consequencias, o que não se verificou, em escala tamanha, com os seus inimigos.

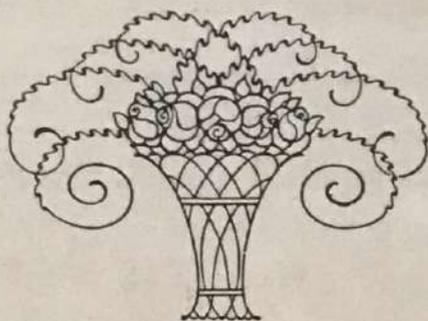
E' que os allemães — de cuja doutrina estrategica resultára a convicção, logo indiscutivel, de que o theatro da sua maior batalha naval não havia de estar demasiadamente afastado das suas aguas territoriaes — resolveram sacrificar, em proveito da espessura da couraça dos seus navios de linha, o unico elemento que o peso meticuloso de todas as condições em estudo aconselhou que se ousasse sacrificar: o raio de acção.

Releva ainda lembrar, a proposito de Doutrina e suas relações com a Estrategia, (por ser este um assumpto que, em primeira plana, interessa á nossa preparação estrategica) a importancia de que se reveste o estudo da localização e do numero dos portos militares, bases de operações e estações de abastecimento (comprehendendo este estudo a defesa destes e a dependencia que deve haver entre elles e as forças de terra) e bem assim a do emprego dos aparelhos de aviação como olhos — cometas das esquadras, da defesa e vigilancia das costas e das fronteiras terrestres.

Quanto a estes u'timos, ou sejam os aparelhos de aviação, se bem que ainda estejamos muito longe da sua adopção conveniente, quer por parte do Exercito quer por parte da Marinha, constituem elles um assumpto novo, a respeito do qual não ha nenhuma razão para nos penitenciarmos neste instante; mas, quanto aos primeiros, isto é, os portos militares, as bases de operações e as estações de abastecimento, peço licença, para dizer, sem outra intenção que a de articular um exemplo eloquentissimo que, á sua fãta absoluta de doutrina estrategica, deve a nossa Marinha de Guerra o não terem ainda hoje (4), os nossos Encouraçados, os nossos Esclarecedores e a nossa diligente malilha de Contra-Torpedeiros, portos defendidos e aparelhados onde, em tempo de Guerra, possam ir refazer a carga potencial indispensavel á realização das batalhas, e, em todos os tempos, se deixem ficar, livres de sobressaltos e de sustos (5), durante o periodo de entorpecimento, a que estão, inevitavelmente, sujeitos, mais que quaesquer outros, os navios creados para a guerra.

(4) A 8 de Setembro de 1895, sahio o N. E. «Benjamin Constant» com o Presidente Prudente de Moraes para a Ilha Grande; a 23 de Janeiro de 1897, sahio o V. «Carlos Gomes» com o Dr. M. Victorino, Vice-Presidente em exercicio, para a Ilha Grande. Em ambos os casos, o objectivo era a escolha do local para o Porto Militar.

(5) Refiro-me apenas aos portos militares.



# Cantador

( Inédito )

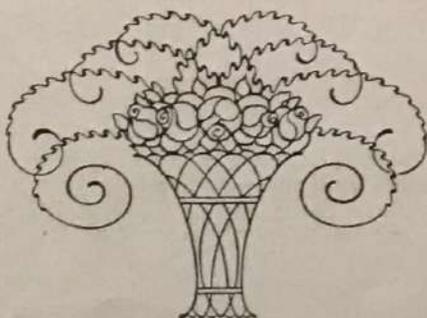
Chapeu de couro e alpercata,  
grosseiríssimo gíbão,  
lá vai de viola e bravata,  
o menestrel do sertão.

Não sabe lêr nem se mata  
por ser o que os outros são;  
mas se não usa gravata,  
põe génio na louvação.

Canta, rustico rhapsodo  
no desafio com todo  
o teu garbo emocional !

Dor tua viola resôa  
a alma lyrica, a alma bôa  
desta patria tropical...

Ildefonso Falcão.



# A GUERRA DE OUTR'ORA E DE HOJE NO MAR.

(INÉDITO)

Goulart de Andrade

Cançada já de devassar distancias a vista esbarra na cinta rosicler do horizonte. As vagas correm, crista esfolada a bater no costado escuro da não, bipartindo-se ao encontro do talhamar, num marulho gorgolhante.

O pannejamento inflado adérna o casco, impellido ao impulso da brisa de feição e o poente pincéla de tons vermelhos o concavo das velas.

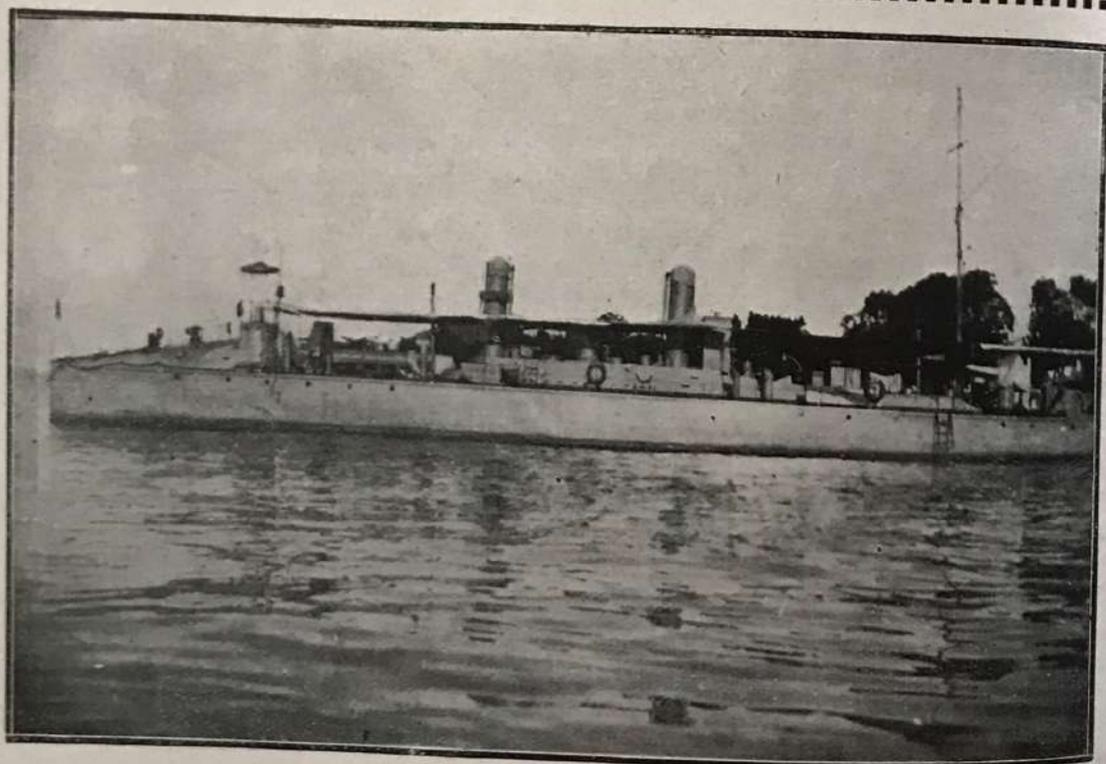
As lufadas esmorecem num suspiro, asso-viam no maçame e vão morrer ao longe, perdidas no ermo.

Se as gaveas não envergam pelos risos, por que se não esfarrapem á furia do pegão, motivo não ha para largar todo o panno; e á voz de andar assim, cessada a faina, descança

Mas um dia, ao romper d'alva, a desenhar o vulto sobre o fundo oiro e rosa do levante, outra não apparece, em apotheose!

Mal o gageiro, voz em grita annuncia o successo, já pelas amuradas assomam cabeças curiosas. É é tamanha a ansiedade pelo companheiro de solidão, que se prefere sempre, sempre, o perigo dos combates e a carniceria das hecatombes a um affastamento, em calma, nessa desesperadora tristeza do mar largo. Eis por que os vultos avançam um para o outro: — é que o homem quer a sociedade ainda que para lutar e suffer...

O espaço diminúe... um bojo fusco emerge á flor das ondas... um instante mais e um no-



*Torpedeira "Goyaz", ao serviço da Escola Naval para instrução dos aspirantes.*

a maruja até á singradura seguinte, em novo rumo.

Vem lentamente chegando a hora da saudade, que as extensões augmentam mais e mais. O pharol a subir, baloiçando-se no ar, accrescenta tristuras á monotonia do plaino liquido sobre o qual se alongam olhos marejados para a esperança longinqua do porto...

E os dias passam, e passam os mezes, ao capricho dos ventos, riscando aquelles galeões de alta guinda os zigue-zagues espumarentos da sua derrota, á superficie offegante das aguas.

vello de fumo sóbe, esgarçando-se, fundindo-se no ar. Já se lobriga um pavilhão na mezena, e só então chega o som cavo da bombardeira: — E' o inimigo!

Outras côres se desfraldam apoiadas pela voz rouca das colubrinhas, porque a resposta é uma bordada no virar por d'avante.

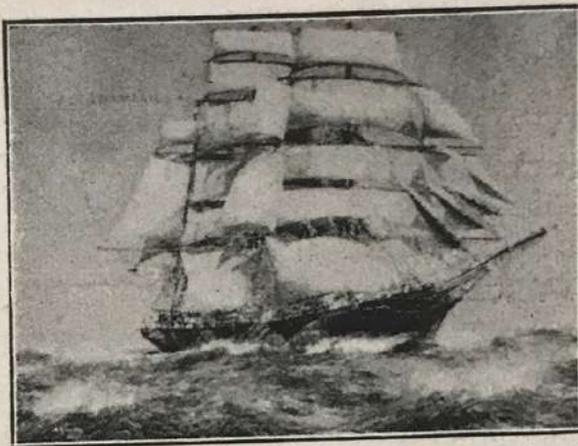
Lá, longe, na esteira do contrario saltam columnas d'agua, que rebrilham um momento ao sol e abatem rumorosas em cachões de espumas. Largadas latinas e redondas range a mastreação ao esforço do velame.

Mas, ainda não bastam, que a segurança, está no barco a barlavento. Presto disparam antenas, e os cutelos e as varredouras entram de fazer maior colheita de aragem.

Dos furos das meias-laranjas, da escuridão quadrangular das escotilhas a equipagem afluí com as armas de córte em lampejos! Já um mastaréo desaba empachando o convez... Os tiros de enfiada dos arcabuzeiros varrem o castello, ségando a guarnição, esfuracando o panno, tremulante em farrapos, cortando estais já enrodilhados em meadas, rompendo escotas, puindo enxarcias, partindo adriças, e o espaço entre os dois contendores é tão pequeno que se não perde uma só pollegada de ferro. Aquella das náos que primeira desarvóra, aguarda a manobra do adverso para o esiorço supremo da luta mão-tenente. Mais um meneio de leme, novo mastro que rúe, mais cordame para o embaranhamento dos combatentes, e a garra dos arpéos prêa a amurada: agora, os costados se prolongam, os bordos se ajustam, e a lida se generaliza demente desde a borla do tópe ao resalte da carlinga!

Não raro, ao cair da tarde, as duas naves constringidas nesse abraço de ferro e de fogo, estouravam num estrondo medonho, coalhando as aguas revoltas de victimas e de destroços, que o fluxo das marés ao depois arremessava para uma praia remota e ignorada.

E, assim, o mysterio baixava sobre esses heróes obscuros a sua cortina cinzenta, até que, um dia, a Lenda os viesse tomar no seu piedoso regaço...



Hoje, no mar, a guerra é á distancia: — o impeto da coragem é soffreado pelo temor do desconhecido.

De onde virá o inimigo? Estará aos seus pés, mergulhado sob o casco do seu navio, ou para além das nuvens, de onde deixará tombar o inevitavel engenho de destruição?

Como se exercitará o heroismo nesta guerra com os fantasmas da sombra?

A differença é apenas esta: a furia da arrancada transforma-se numa especie de resignação fatalista. O que se mostra mais calmo, esse o mais bravo.

Mas ainda quando a contenda se trava com ferocidade, em recontros inconjuraveis, não ha negar que o heroismo parece perder aquelle divino prestigio do sacrificio e do devotamento: o combatente sabe que os seus gestos podem ser apprehendidos pela photographia animada, e a nova da sua proeza váe ser levada em reclamos, mundo fóra, através das ondas hertzianas. Dir-se-ia lidam os heróes para gaudio dos circumstantes.

Por mais obscuro que seja o lidador, não será difficil que os seus feitos se transmitam uma hora talvez depois de praticados..

Assim, a guerra no mar tambem perdeu muito da sua tragica belleza, e é ponto pacifico que o navio de batalha moldado nas mais puras linhas nunca se poderá comparar áquellas formosas galeras de outr'ora, que eram no maravilhoso dizer do poeta, como altas cathedraes viajeiras....

## Curso Auxiliar de Preparatorios

Rua 1.º de Março N. 4, 2.º andar

Sob a criteriosa orientação da sua directoria e a comprovada competencia do seu corpo docente, os alumnos deste curso têm obtido os melhores resultados nos exames do Pedro II, Escola Naval, etc., bem como os que se destinam á MARINHA MERCANTE.

## S. Luíz

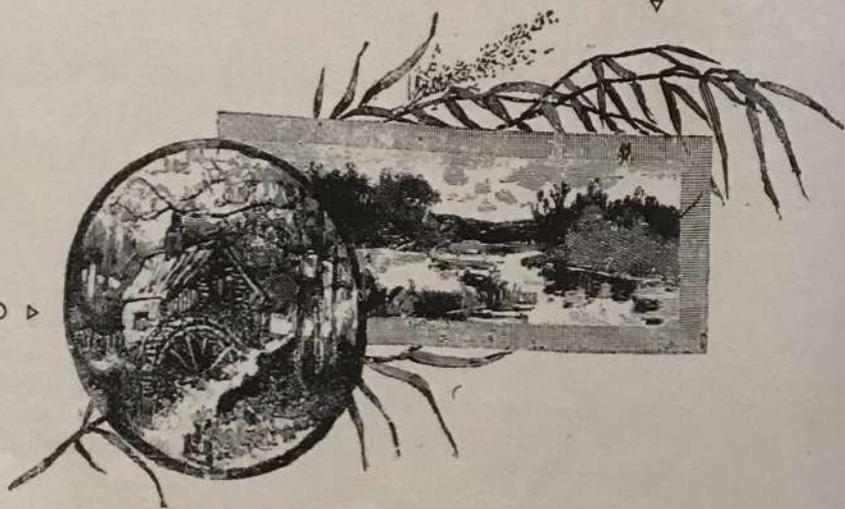
Na caravela real, que o mar verde balança,  
Entre adeuses febris da multidão em terra,  
E eneos choques casuaes de petrechos de guerra,  
Embarca a fina flôr da nobreza de França.

O velame se enfuna a um vento de bonança,  
Essa legião de heroes, que o destino desterra,  
Na ambição de lutar e de vencer, encerra  
Em páreas e trophéus a guerreira esperança.

Na fé, que lhe enche o olhar e lhe illumina o aspecto,  
Um homem sobresae de soberano porte;  
Traz da cruz, na loríga, o symbolo perfeito;

— E' el-rei S. Luíz, que vae, abroquelado e forte,  
O orgulho á fronte, o gladio á mão, o escudo ao peito,  
Cavalleiro de Deus, á conquista da morte!

Rosalina Coelho Lisboa



# CARIDADE

■ ■ AO ABRIGO DO MARINHEIRO ■ ■

L'ardente *charité*, que le pauvre ido'âtre,  
Mère de tous ceux pour qui la fortune est marâtre,  
Qui relève et soutient ceux qu'on foule en passant;  
Qui, lorsqu'il le faudra, se sacrifiant toute,  
Comme le Dieu martyr dont elle suit la route,  
Dira: «Buvez, mangez; c'est ma chair et mon sang».

V. HUGO

Entre as prescrições sabias da lei mosaica uma havia que intimava aos Judeus a doação do dizimo, a decima parte das suas colheitas, «para uso dos sacerdotes e allivio das viuvas e dos orphans». Assim estabelecia o legislador, que não esquecera o exilio frio das aguas do Nilo, e a quem Bossuet considera «le plus ancien des historiens et le plus sublime des philosophes», a obrigatoriedade da assistencia aos desamparados, a esse tempo e por muitos seculos ainda exclusivamente privada, sem nenhuma feição publica, e quase por completo absorvida pela liberalidade dos favores que os peregrinos monopolizavam. Nem a tanto escapavam os mesmos exercitos, por isso que até a instituição das forças permanentes só aos feridos de alta linhagem se concedia o privilegio de não ser abandonados como **fardos inúteis**. A Roma é que coube nesse sentido a prioridade de um emprehendimento santo: da terra do seu sólo, dos obulos dos seus filhos levantaram-se pela primeira vez essas tendas bemditas, onde os abandonados encontram um lar, os enfermos um carinho, os indigentes um pão. Mas a eloquencia de Basilio e de Jeronymo, a philanthropia de Fabiola, a piedosa dama do patriciado e o beneplacito humanitario de Constantino não se puzeram por obra sem transição. Antes delles a hospitalidade ao **cidadão** era o preço da alienação de uma consciencia: o **patricio**, de quem elle se constituia **cliente**, retribuia-lhe por unica recompensa ao seu suffragio a **sportula**, a materialização de um suborno. Os escravos, esses recolhiam-se ás **valetudinaria** com o cuidado das coisas valiosas. Mais tarde crearam-se as **xenodochia**, com a baixesa de menos e a doçura de mais. O erudito e nebuloso Empedocles, o creador da theoria dos quatro elementos, admitia a existencia de duas entidades, que infatigavelmente se disputavam a posse do mundo: o Amor e o Odio. Parece que até o IV seculo o Odio preponderou no egoismo dos felizes e talvez na imprecação dos desventurados. De então é que o triumpho oscillou entre elle e o Amor, pela intervenção divina da Caridade, cãrcia do céu á tristeza da terra, ora compellida no sentido do bem por um, ora solicitada no sentido do mal por outro, mas perpassando sempre irresistivel na omnipotencia da sua magia, como os rios entre o amplexo das margens. Os braços do Nazareno, abrindo-se do alto do Golgotha num gesto de dor e de perdão, haviam assegurado ao mendigo que lhe assistia espalmar a mão na suplica de uma esmola a alguem menos infeliz. Caridoso elle fôra até consigo mesmo nos derradeiros transes da acerba peregrinação voluntaria; e pois cabia-lhe falar: e elle falou da cruz negra da Redempção na mudez eloquente dos braços ensanguentados, cada um de cujos rasgões era um arco-iris de Amor. O mendigo, porém, não teve esmola,

nem leito, nem morada senão quando o Christianismo derramou pela terra empedernida de egoismo as bençams da **Caridade**. E tão ardente foi o mysticismo dos apóstolos missionando-a que lhe attribue Renan uma influencia mais efficaz que a da Fé na fraternidade dos homens. Não desserviram a religião com esse apostolado os discipulos do Christo, porque, como o accentúa o doce eremita de Meaux, a caridade é o fim da Religião; e em torno delles é que ella floriu pura como a quera Jesus, anonyma como a prefere o pobre; não revestiu o aspecto mundano do seculo XVI, quando della faziam a nobreza altiva e a burguezia despeitada a emulação das suas prodigalidades hypocritas.

Caridade bemfazeja, em meio á carnificina das batalhas é tu que abres para o moribundo a tregua dos odios; entre a multiplicidade dos pavilhões que arfam sob a metralha, não hesitas porque a tua côr é a mesma para todos os povos: o vermelho, que tisna de sangue o regaço branco dos teus pendões como se o acabasses de suspender da chaga palpitante de um ferido, cujos contornos nelles se estampassem como o semblante de Jesus no sudario de Veronica. Os que te torpedeiam os navios, os que te canhoneiam os hospitaes são a reincarnação do espirito sacrilego dos iconoclastas: a tua inviolabilidade é sagrada porque o teu ministerio é divino. Mas apezar de todas as selvagerias, sobre os destroços sobrenada a tua bandeira, cuja imagem longinqua derrama no espirito das mães a orvalhada magica que refloresceu a esperanza no coração da viuva de Naim. Apenas cessa a fusilaria, os teus legionarios invadem em revoada o campo transformado em necropole: são os primeiros coveiros do novo cemiterio, os primeiros enfermeiros do novo hospital; não escolhem a quem assistir; os seus eleitos são os que gemem, os que agonizam, os que soluçam. A Sciencia e Arte offerecem-te os seus thezoiros inexgotaveis: vives nos versos de Hugo, nas allegorias de Rubens, nos sermões de Massilon. Mas vives sobretudo no coração dos pequeninos e dos soffredores, onde entras com a alegria de um raio de sol — caridade divina, fada do bem, feiticeira do amor, adivinha da lagrima. O teu templo é o hospital; a tua linguagem é a prece, o dialogo da creatura e do Creador; o teu ministro é o sacerdote, pelo qual, representado na figura admiravel de Vicente de Paula, estendeste ás creancinhas sem lar, após o grande cataclisma religioso, a piedade da tua protecção miraculosa. O **Pater meus et mater mea deleriquerunt me** recebeu em ti o substituto da Providencia. E assim obras. Os maus, sentindo-te, redimem-se; os bons, praticando-te, santificam-se. Bemdita sejas!

## O ÚLTIMO LIVRO DE LOTI

Um domingo, em Toulon, porto militar da França onde é por demais variada e intensa a vida de marinha, velha cidade do Meio-Dia tão pittorescamente desenhada por Claude Farrère nas páginas vivas de *Les Petites Alliées*, — almoçava eu com Marcel Roger, redactor policial do *Petit Var*, a um canto quieto e sombrio da *Brasserie de La Rotonde*. Fóra, era um dia calmo, sem ruído de trabalho nem estrepido de multidões afanosas. As acacias da rua ensombrevam bonancosamente o passeio deserto, num leve tremor de folhas, á brisa mansa que vinha do mar. De quando em quando, a um sopro mais violento, uma flôr amarella cahia na calçada, e ahi ficava esquecida, abandonada como si fosse um pensamento mau repellido da arvore. Muito raro, manchava a claridade da vidraça um vulto de passante, quasi sempre um marujo, hirsuto, pesadão, mettido em roupas grossas, á boca o inseparavel cachimbo, como quem deixa o borborinho enfadonho do cães de Kronstadt, e a paisagem cinzenta do Mourillon e dos navios para uma folga larga e divertida, na mansão domingueira dos arrabaldes.

Marcel estava apressado; comia e falava sem pausa, como um homem que não tem tempo a perder. Tinha ainda que assistir a uma deligencia da Policia Maritima em Tamaris, a duas horas de vapor. Era o caso de uns marroquinos que tentaram passar em Toneon um contrabando de opio, fumo e sedas, com a cumplicidade de uma tal Abd-el-Zobair, *danseuse* egypcia do Casino, e o principal interesse da emboscada. Perseguidos, refugiaram-se nessa deliciosa Tamaris, do outro lado do golfo «à l'autre bout du monde».

Por isso, ia deixar-me o activo jornalista, e deixar a cidade, num automovel que o aguardava á porta — quando entra alguém que o surprehende, e ainda o detém á mesa, de olhar suspenso, suspenso o ultimo gesto, nessa contemplação absorta de um homem que admira outro homem, e estava longe de vê-lo chegar.

Esse alguém era um senhor de meia idade, elegante, delgado, o rosto pallido e macio dos românticos, uma barba negra á Guise, e o ar accomodado de quem tem perlustrado o mundo inteiro, e em qualquer parte se acha bem. Caminhou certo em direcção a uma mesa, a sua mesa, porque a marcava uma cadeira encostada, e o *garçon*, solícito, de carta á mão, dava a entender que se tratava de um freguez generoso e costumeiro.

Fiquei á espera de que Roger falasse. Elle devia-me a explicação do seu extase. Quem era aquelle que de prompto entrava e o fazia esquecer que á porta um *chauffeur* impaciente já buzínara tres vezes, e ao cães uma lancha fumegante estava ao seu dispôr, para leval-o a Tamaris, na reportagem dos contrabandistas?

— Conhece-o? — perguntou-me afina, em voz baixa.

— Não — respondi, com a pressa de saber quem era.

Marcel chegou-se quasi ao meu ouvido e sussurrou:

— E' Loti, o nosso grande Pierre Loti. Eu já tinha de pouco, na pasmeira enervante de um cruzeiro, em marcha para o Japão, a historia de *Madame Crysanthème*. Foi justamente o livro que escolhi, dentre todas as narrativas que se haviam composto sobre o paiz encantador das cerejeiras, para guiar-me nas ruas tortuosas de Nagasaki e no tortuoso coração das geishas. Já eu tinha então por Loti a sympathia que devia ao escriptor, ainda mais tendo elle sido, a bordo do «*Tonnerre*» e do «*Jean Bart*», o commandante Julien Viaud, vestindo a mesma farda de ancoras que eu vestia.

Assim, olhei-o com dobrado respeito. Marcel Roger encarava-o ainda com uma admiração de patriota.

— E' Loti — continuou. Uma gloria da França. Acaba de chegar do oriente. Pela entrevista que concedeu ao *Matin*, traz dois livros sobre a Turquia onde se espelha a alma escravizada da mulher turca. E' um libello terrivel contra a lubricidade despotica dos sultanatos.

Não era. O meu amigo enganava-se. Era apenas o transbordamento sentimental de um impressionista doentio. Como em tudo quanto Loti escreve, nunca ahi se encontra o menor traço de revolta, a mais tenue expansão de desacato ás enraizadas instituições dos homens. Elle era artista e artista antes de tudo. Qualquer apparencia que lhe revestisse essa qualidade seria no seu feitiço tão postica quanto as insupportaveis convenções da disciplina e do apoio estrabico e incondicional ás leis do seu paiz, que elle, como francez e como militar, tinha que defender. Isso, de resto, nunca o impediu de ao descansar a espada a um canto da sua *cabine* de bordo, tomar a penna do escriptor e as tintas do colorista para esboçar as suas grandes impressões, desde os mares glaciaes do *Pêcheur d'Islande* ás regiões torturadas da *Turquie Agonisante*.

«*Mon mal m'enchante*» — dizia elle numa divisa que exprime bem o stoicismo do estheta e da creatura superiormente organizada deante do imprevisto e do irremediavel. A sua propria desgraça o fascinava.

Marcel despediu-se por fim. Nunca mais eu soube d'elle nem do successo da sua expedição.

Ainda fiquei por uns minutos a mirar bem de frente aquella face de Nazareno á moderna, e aquelle venturoso *touriste* da vida que ali estava a comêr, trocando ás vezes uma idéa, um sorriso sympathico com o *garçon*, como qualquer burguez do Var ou de Marselha — esse que então já era Pierre Loti.

Depois elle partiu. Tomou das mãos do criado o seu chapéu e o seu *par-dessus*, e lá se foi, emquanto eu ficava a pensar para onde elle ia, e que thesouros nos traria de volta.

Ha já quinze annos.

E' morto o fino pensador das *Suprêmes Visions d'Orient*. Eis que agora me chega ás mãos o seu ultimo livro, paginas que elle deixára manuscritas e inéditas, e que seu filho,

Samuel Viaud acaba de colligir e de editar. São fragmentos de um diário íntimo, e tem por título *Un jeune officier Pauvre*. São esses pensamentos varios e fugaces que só assaltam os homens do mar quando se encontram a sós consigo e com o oceano; e ainda mais se lhes acommette esse horrivel *cafard* dos exilados, que é cem vezes peor que a nostalgia, e mil vezes peor que a saudade. São preciosas pepitas de ouro do seio opulento de um coração de artista. Ah!, como em todo jornal íntimo, é que bem se reflectem a sua alma, as suas paixões, a sua sinceridade, quer escrevendo acerca de si mesmo, quer á sua mãe, á sua irmã, aos seus amigos mais do peito, e a certas creaturas eleitas do seu amor, que elle ia topando pelo mundo, como *Aziyadé*, como *Rarahut*, como *Madame Crysantème*, como *Fatou-Gaye*, e tantas outras flores de olor capitoso e exotico que feriram bem fundo a sua extrema sensibilidade de marinheiro e de artista.

Além desses retalhos da memoria, outros muitos havia; uns foram destruidos pelo proprio autor, outros vedados á publicidade, »par un

très comprehensible scrupule, quand la notoriété du jeune maitre eut fait de ses cahiers un document qu' il convenait de mettre à l'abri de certaines indiscretions.»

O grande valor desse livro é ter sido o ultimo livro de Loti, repositório das suas primeiras tansias e das suas mais remotas reminiscencias. Samuel Viaud, seu filho, reuniú-as carinhosamente, e Emile Vedel, seu grande amigo, prefaciou-as, satisfazendo á derradeira vontade do glorioso escriptor.

Agora que voltei a ultima página de *Un jeune officier Pauvre*, fiquei a recordar fortemente Loti, e aquelle tranquillo domingo de Toulon em que elle appareceu, tomou lugar á sua mesa, conversou com o *garçon*, amistosamente, bonanchão, quazi humilde — almoçou e sahiu. Depois ainda viveu quinze annos; muito teve que ver e produzir para afinal morrer. Morrer materialmente. Porque, si, tem valor a prophacia de Vedel, Loti ainda está vivo, ainda viaja, ainda produz. «Car il en a tellement vu qu' il tandraít presque une autre vie pour tout raconter».

(De *Lavas e Punhaes*).

*Gastao Punhaes*

## Fonseca, Almeida & Co.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

*Ferragens, Tintas, Vernizes, Oleos, Lubrificantes, Materiaes de  
construcção, Tubos, Gaxetas, Correias, Cabos,  
= Maçames, Metaes, etc., etc. =*

MATERIAES PARA ESTRADAS DE FERRO E OFFICINAS

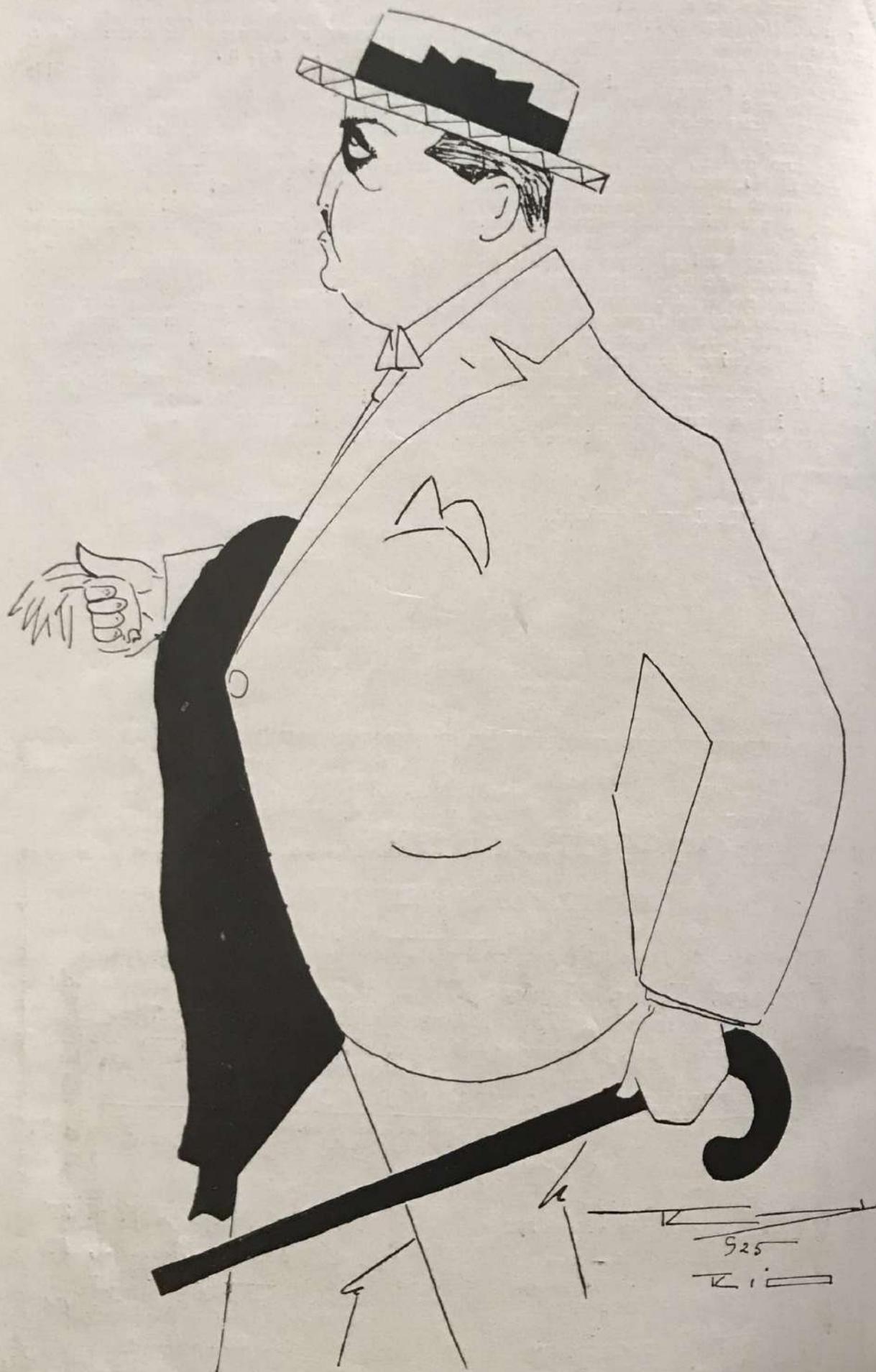
TELEPHONES: *Armazem - Norte 962  
Escriptorio - Norte 36*

CAIXA DO CORREIO N. 422

End. Teleg. "CALDERON"

R. 1.º DE MARÇO, 75 e 77  
R. GENERAL CAMARA, 19

— E —  
Deposito á Rua Camerino, 64  
RIO DE JANEIRO



Capitão Jacob Nogueira

MARINHA

Zune rijo o nordeste; o quebra-mar, deserto,  
Estoura aos repêlões brutais da levadia.  
Crepuscula; faz frio; o temporal vem perto!...  
Barcos a bolinar voltam da pescaria!  
No cães, dando-me o braço, ou antes agarrada  
Ao meu corpo, através de um véo azul marinho,  
Alice, a minha noiva, erguendo o narizinho,  
Grita, sorvendo, alegre, a fina espumarada:  
— Como eu gosto do mar!... que coisa divertida!...

Ouvindo a exclamação, pallida, surprehendida,  
Volta-se uma mulher de olhar cheio de maguas  
Que, como nós, fitava o turbilhão das aguas;  
Trazia pela mão uma creança loura.  
Chega á borda do cães e ali, ameaçadora,  
Fixando o mar, fechando o punho, erguendo a fronte  
Diz, apontando ao longe as trevas do horizonte:

— Foi por um tempo assim, tal qual, minha senhora,  
Que uma tarde de Abril, vinte annos já lá vão,  
Meu pae, o velho André, pescava barra fóra,  
Com meu sobrinho Claudio e Pedro, meu irmão...  
Afogaram-se os tres...

Foi por um tempo igual:

Um barco foi a pique ao entrar no canal.

Tinha como patrão, meu homem, Zé Maria  
O melhor deste porto; pois bem,  
Ali, naquella pedra, a cabeça esmigalhada!...  
Meu filho, meu José, vinha a bordo também;  
Grita pelo vigia; a noticia se espalha;  
Reboliço na praia; oito barcos no mar,  
Tudo, porém, debalde; aqui, deste logar,  
Eu vi morrer meu filho a seis braças da terra!

Soprava o vento com rugidos de hyena;  
Meu derradeiro filho, o meu bordão, Vicente,  
Pae desta pequerrucha — marujo de guerra —  
Indo enriçar de noite a vela de mezena  
Cahi dentro do mar!...

E tragica, inclemente  
A velha, sacudindo os dois punho: cerrados,  
Continuou, falando aos vagalhões rados:

— Mar sem misericordia! assassino e ladrão!...  
Mar que matas os meus e me deixas sem pão!...  
Maldição sobre ti, negro mar sem entranhas!  
Escarra a tua espuma em meus cabellos brancos.  
Esbraveja cruel! Mas debalde te assanhas,  
Jamais abafarás com teus urros e arrancos  
O soluço das mães a quem roubaste os filhos...  
Como eu te odeio, mar!...

Desgrenhadr, descalça,  
Do cães, ficando os pés, quasi na borda falsa,  
A pupilha a chispar relampagos e brilhos,  
Que bravia a resaca espumejando alaga,

A velha, alto vibrando a vingadora voz,  
Parecia uma uria infernal e feroz  
Acusando o Oceano e excommungando a vaga!

Interpellei-a então:

Este mar iracundo,  
Este impalcavel mar que um tumulto tem sido  
Para os seus, que lhe rouba os filhos e o marido,  
Por que o não abandona — este maldito mar?...  
Vi dissipar-se logo o odio daquelle olhar;  
Encarou-me um instante e perplexa, espantada,  
Torcendo as mãos, curvando a fronte resignada,  
Respondeu com uma voz tão triste que doia:

— Mas se eu deixasse o mar, senhor, eu morreria!...

PETHION DE VILLAR



## Quarta-feira na Escola Naval

Deixai voar bem alto a phantasia!  
Sem illusões o mundo o que seria?

Campoamor.

Quarta-feira, dia commum, dia que em si nada diz; agora, para o Aspirante, tornou-se um dia feliz. Reina na Escola grande alegria, em tudo nota-se animação, todos alegres, é 4.<sup>a</sup> feira, os Aspirantes dão recepção.

São durs horas, não ha mais aulas, todos felizes se vão preparar. Oh! quantos sonhos! quantos projecto's! todos só pensam com quem vão dansar.

Vem chegando a lancha, cheia de moças, bellas, sympathicas, todas tafues, claras, morenas, altas e baixas, d'olhos castanhos, d'olhos azues.

Na ponte, os Aspirantes esperam os convidados, e lá já está a postos o «*Bloco Motor*», que entusiasmado falla e discute — *Donas Bôas...* conquistas... amor...

A tarde está linda, e ha muitas moças; principia a jazz, vibrante a tocar; em poucos minutos o salão está cheio, e os Aspirantes alegres começam a dansar.

O Aspirante, quando dansa, esquece tudo, sente logo da paixão o ardor, e ao som palpitante da *jazz band*, inicia o *flirt*, e as declarações de amor.

Sempre atarefado o salão percorre, e de tudo cuida o nosso Ajudante. Mas... com que saudades lembra o passado, e recorda o tempo em que era Aspirante! Como tudo passa... como o tempo corre, está o Ajudante saudososo a scismar! Mas olha o salão e tem um consolo, — revive no filho que está a dansar!

Toca a musica um alegre Fox-trot, e o Ferraz é o primeiro a dansar, todo contente e satisfeito, por ter encontrado *aquelle par.....*

Elle dansa bem, e de dansar não cansa, sabe escolher par.... e sabe com *quem dansa.*

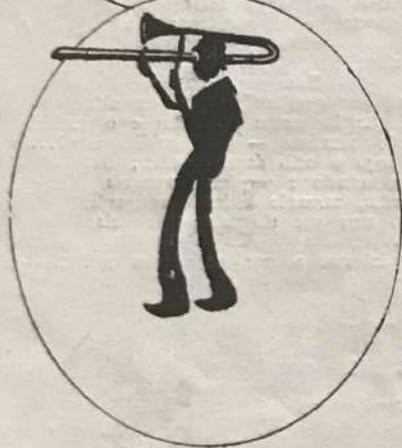
O Sampaio, com ar inquiridor, o salão percorre procurando alguém; não está *absoluto* como os outros, pois as lanchas chegam... e ella não vem!

Pouco depois já com outro *flirt*, o Sampaio dansa com animação. Diz o Heck: «o Sampaio é pratico, tem a duas amarras — o coração.»

O Moss atirado como sempre, com aquelle ar de conquistador, está dansando com uma melindrosa que enlevada ouve o seductor.

No intervallo, o Moss conversa animado, e diz ao Ferraz: «Parece brincadeira, mas eu aqui no meio desta festa, estou a fazer estudos de *caldeira*».

O Amaral dansa, mas não *flirta*; não tem dona actual seu coração, porém, isto é um estado transitorio, e elle já anda em mysteriosa cavação. Quem é???? Ninguem sabe, — nem o nome que ella tem. E' tudo envolto em mysterio. Mas... elle conquista alguém!



O Heck sente-se triste. Ella não veio! e só deseja sair, dar um passeio; ir ver a imagem da flôr mais linda, que Copacabana guarda em seu seio. Pensativo o Heck ouve a musica, e diz: «Que bello tango para se dansar; a questão, porém, está na sorte de ter *aquella* em que se pensa como par!

Passa o Mattos dansando, animado, com uma *Dona Bôa*, que não cansa. Mas... o Mattos pára quando o Amaral pára e dança quando o Amaral dança....

O Brazil dança triste e carrancudo, até parece que está na arguição. O que foi que aconteceu ao pobre do Brazil, que tormento lhe aperta o coração?

O Bardy dança e *flirta* animado, com uma graciosa moreninha, e está entusiasmado, que nem se lembra da *turquinha*.

O Saldanha e o Guaraná não apparecem, estão sós no alojamento a conversar. Diz o Guaraná ao Saldanha aborrecido: «Como hoje a tarde está custando a passar!» O Saldanha sempre com o sorriso, que se quizesse, o tornava um seductor, diz: «Não imaginas como isto me aborrece, e como á invasão da nossa Escola tenho horror! Tudo hoje aqui está mudado, não se tem um lugar tranquillo para estar; como feliz seria, nessa tarde linda, se estivesse n'um escaler só a remar!»

O Fischer está desapontado. Ella não veio! Está dansando para disfarçar. Elle já arranjou um novo *flirt*? Não é *flirt*, agora é para casar.

Dansa se lembrando de hontem, do baile em que com ella só dansou. Ella frequenta o Fluminense? Certainmente. Então elle teve sorte — aproveitou.

Porque não dança o Levy Aarão Reis? Não dança, porque não gosta de dansar. É pena, tão gentil e tão guápo, as melindrosas assim perdem um bom par.

O Odone tem bom gosto. Escolheu bem, com que linda menina está dansando! A de marron? Encantadora! Botão de rosa que está desabrochando.

Lá vem o Barbosinha entusiasmado, com uma moça de roxo dansa sem parar. Hoje elle deixou os projectis, e a balistica; mas quem é aquella moça? E que olhar!!!...

Porque foi para a terra o Humberto? Pensei que elle gostasse de dansar. Gosta... m'as, é de outras dansas, elle acha isto aqui familiar.

O Levy dansa e *flirta* sem parar, já por muitas se sente apaixonado; mas, não sabe a qual d'ellas prefere, pois tem o coração *anarchisado*. Faz declarações de amor sem hesitar, e encontra quem o queira acreditar!!!

O Nunes dansa encantado, com uma moçoila linda e tiformosa, uma rosa rubra, boneca da moda, o typo gracil da meindrosal.

O Nunes *flirta* e diz: Minh'alma é a vela solitaria, que voga sosinha entre a lua e o luar, á procura de uma luz que a allúmie, e esta luz hoje encontrei — é o teu olhar.

Não perde tempo o Radmaker; e lá está com uma *Dona Bôa* a passeiar. Mas, que *Dona Bôa* tão espevitada! Parece até May Murray no andar!



Com uma figurinha de Greuze, dansa o Djalma, encantado, parece uma boneca de louça que se tivesse humanizado! Ella pequenininha, mignonne, elle, alto empertigado; o contraste dá na vista, o par está desencontrado.

O Milliet, quando viu que *ella* não vinha, não perdeu tempo inutil em lamentar. Veio, correndo para terra, e foi ligeiro, um certo bond em Botafogo esperar. E, pouco depois, sem se lembrar da Escola, nem que podia também estar dansando, o Milliet contente, radiante, em Copacabana está com *ella* paseando.

Sósinho, longe das dansas, sem nem a musica escutar, Menescal e uma pequena, conjúgam o verbo amar! Menescal é atirado, e está n'um *flirt* cerrado... *flirt* assim é um perigo... é preciso ter cuidado!

Olhando em volta a multidão alegre, Guillon não dansa; mas como observador, imagina dos dansantes as silhuetas, que surgirão do seu lapis creador.

O Duque Estrada entusiasmado narra ao Parreira com animação, uma conquista que fez, *estupenda!* e tem testemunhas: Palhares e Paixão.

O Meirinha como está dansando bem! Foi em Paquetá que aprendeu a dansar, mas só dansa com meninas de collegio, e agora tem uma do «Jacobina» como par!

Dansando um animado Fox-trot, passa o Poggi do primeiro anno, cuja preocupação durante a dansa é convencer ao par que é veterano. Diz o Poggi muito convencido: «Esses caloiros são de uma ousadia! Eu já disse aos veteranos, meus collegas, precisamos ter com elles energia!»

Lá vem um par dansando em colleio, é o Angelo com uma moça perigosa... cabellos a Jeanne D'Arc, modos desenvoltos, com um simulacro de vestido côr de rosa. O Angelo, olhos nos olhos, dansa, dansa agarrado, com o mesmo par constante, dansando sem rival. Diz o Sá: «o Angelo não aguenta... continuando assim, esta dansa acaba mal!.....»

Porque tão pensativo está o Armando, dansando somente por dansar? Pensa em alguém, está comprometido. Que lastima! Mais um homem ao mar!

O Sá está no seu elemento, animado não pára de dansar, dansa com todas, casadas e solteiras, dansa bem e... *sabe escolher par.*

Num canto, alheio a tudo que o cerca, com a sua eleita agarradinho, a conversar, diz o Perrin: «oh! minha doce amada, quando é que poderemos emfim casar?»

Ao vel-os, assim, tão amorosos, tão cheios de projectos confiantes, me admiro como ha moças *ingenuas*, que contratem casamento com Aspirante.

O Coronel aborrecido diz ao Chagas: «a esta festa aqui eu preferia estar ao lado de Virgilio meu amigo, apreciando pinturas, lendo poesia...»

O Baena dansa radiante, tem uma linda menina como par, toda de azul, e que lindos olhos... que encanto tem *ella* no olhar!

O Magaldi não liga ás *melindrosas*, o seu pensar está longe, muito além, e em cada

rosto formoso de mulher, imagina ver Mariaquinhas — o seu bem.

Diz o Belart ao Vandick: para dansar não tenho animação, tudo me aviva as saudades do pobre Papae Conceição.

Passa o Seu Souto muito animado, dansando e *flirtando* sem parar. Emfim, tomou parte n'uma festa, onde não foi preciso *penetrar*...

Olho para o salão admirado, de tanto rapaz do «Posto 6» vir a dansa. Quem foi que convidou tanto paisano, sem com a commissão da festa combinar? Alguem responde: «Um aspirante do primeiro anno. «*Seu Descascado*», o tal do jamelão, convidou Copacabana em pezo, para hoje aqui vir a recepção.»

O Mario Lima diz ao Atahualpa: «Assim que esta festa se acabar, vou correndo buscar meu «*cavaquinho*» e apreciando a noite vou tocar.»

Uma melindrosa que dansou com o Goulart, diz ao Levy: «danei com o Ajudante, Engano Senhorita de *Apprecias*... é o Goulart, meu collega... Aspirante.»

Estou admirado do que vejo: Um caloiro em vez de estar dansando, com uma planta do Rio de Janeiro, sósinho attemadamente consultando! O Saba amavel diz: Elle não é d'aqui, chegou ha poucos mezes, veio do Norte, do Apody.

O Toscano não dansa indifferente, não quer saber de dansas nem d'amor, vive só a pensar preocupado, no invento do seu «Condensador».

O Novaes, alegre diz ao Costinha: «Vistes a belleza com quem danei? Figurinha de Tanagra, não se compara, com uma que em Florianopolis amei!»

Era uma linda flôr campestre; descrevela não se pôde, uns labios côr de romã, com um buço *quasi bigode!*

Olha o Lins como está funcionando, na porta do refeitório, activo a mastigar! Naturalmente... é o encarregado do buffet, precavido já se vê... Não quer sobrar.

O Lopes não dansa, e como não dansa vai aproveitando, com uma figurinha melindrosa, elle está animado conversando. *Flirta* e conversa, tão encantado, preso nos raios d'aquelle olhar, alheio a tudo, só *ella* existe, sem da Paulina mais se lembrar.

Alegre percorre o salão o Apollinario, que tem procurado a todos agradar. O Redactor anda sempre tão atarefado, que nem quasi tempo tem para dansar.

O Apollinario é jornalista e tem ideias, quiz que os Aspirantes fossem bem lembrados, fallou ás melindrosas, tirou sortes, e entre ellas distribuiu «*Botões dourados*».

Passam os pares alegres, velozes, todos *flirtam* e fallam de amor, as promessas de futuro, e o uniforme tornam o Aspirante um partido seductor.

Todos *flirtam* convencidos que estão fallando a verdade. Mas... o amor do Aspirante não dura mais que uma tarde.

Acabou-se a festa, ficam as saudades, ficam os commentarios e as trepações, amanhã começa a vida de sempre, cheia de estudos e de arguções.

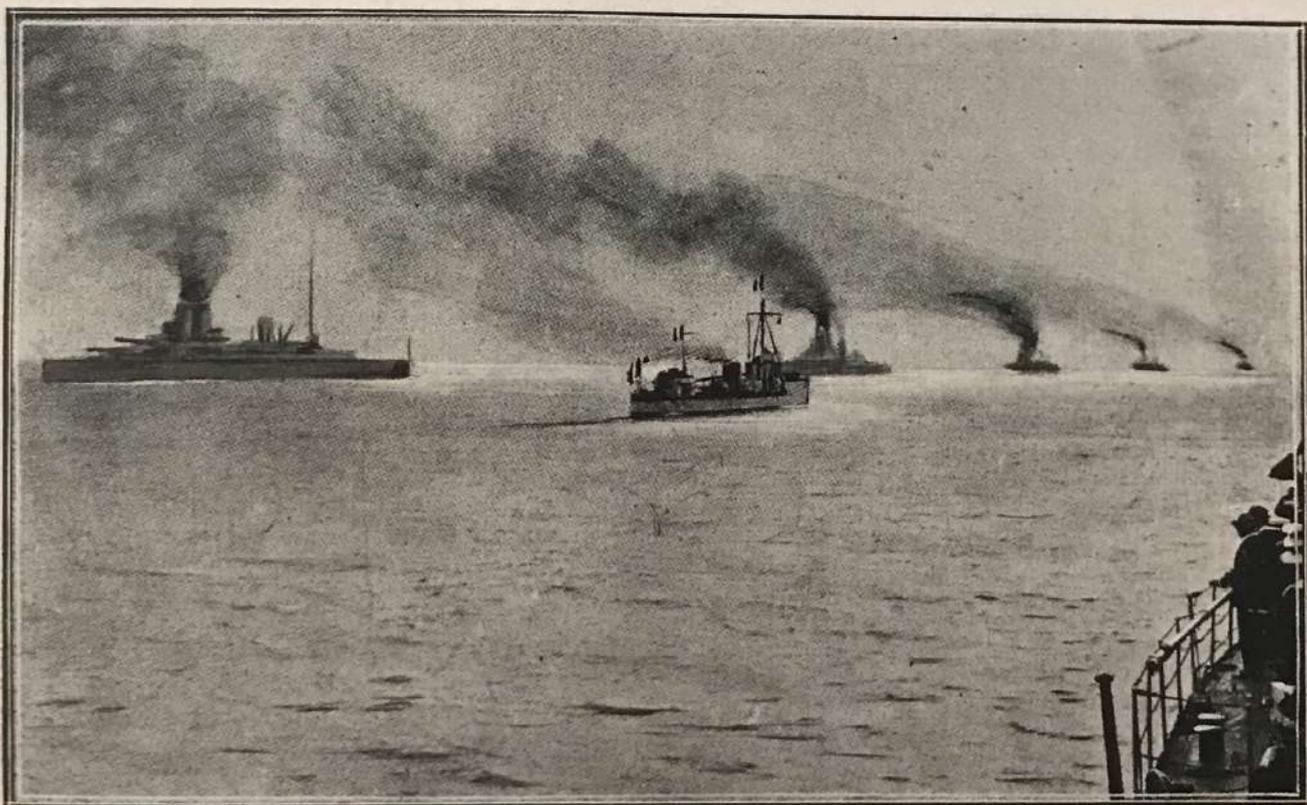
# REVISTA DE REVISTAS

— As sondagens a que procedeu Amundsen em sua recente tentativa de alcançar o pólo Norte confirmaram definitivamente que a bacia polar artica é ocupada por um vasto oceano, de profundidade proximamente igual a quatro mil metros. O pólo Sul, como se sabe, é cercado por um vasto continente, cuja altitude média é consideravel e cuja extensão excede á da Europa. Assim se constata, uma vez mais, o contraste entre as duas zonas oppostas.

Esta opposição, esta dissemelhança diametral não existe entretanto apenas quanto aos pólos; é antes de character geral e parece apli-

Todas estas observações tornam mais sedutora a hypothese de Lowthian Green, hypothese que encontrou ardente e persuasivo apoio em Lallemand, segundo a qual a superficie terrestre affectaria proximamente a fórma, não espherica, mas sim a de um tetraedro. Green foi levado a tal juizo pelas experiencias que realizou, entre as quais se costuma citar a seguinte: uma bóla de borracha, no interior da qual se rarefazia o ar, perdia a fórma espherica para tomar a fórma vagamente tetraedrica, com as faces concavas pelo augmento de pressão exterior.

## AS MANOBRAS DA ESQUADRA FRANCEZA



*Reuniram-se ultimamente em Cherburgo, para uma imponente revista naval, as esquadras do Mediterraneo e da Mancha, perfazendo um total de cerca de 60 unidades, depois das manobras realizadas no golfo de Gasconha. A gravura reproduz um aspecto da partida dos encouraçados da esquadra do Mediterraneo que regressam a sua base.*

car-se ás regiões mais variadas do globo. Por quasi todo elle ha opposição antipodica entre os mares e os continentes, entre as depressões e as elevações. Já Alphonse Berget mostrára que se póde, mediante um circulo maximo convenientemente escolhido, dividir o globo em dois hemispherios — o **continental** em que se acham contidas quasi todas as terras, e o **oceanico**, em que o mar ocupa mais de nove décimos da área total. L'apparent, o geologo eminente, notára que dezenove vigésimos da superficie dos continentes e terras emersas são antipodas de pontos situados em pleno oceano.

A razão do phenomeno é, geometricamente, muito simples. Imaginemos que uma superficie espherica apresente, exactamente, os contornos da substancia nella contida. Imaginemos que esta substancia diminua de volume. A superficie espherica tenderá a se modelar sobre ella, ficando entretanto com a mesma área. Ora, segundo a geometria elementar, a figura a qual corresponde, para uma área exterior dada, um volume minimo, é o tetraedro. Por consequencia, á medida que o nucleo central do globo se contráe pelo resfriamento, sua crosta, assentando

sempre sobre o núcleo, tomará a forma approximada de um tetraedro, de faces concavas.

Nisto consiste a hypothese de Green. Por ella se explica porque ás tres grandes arestas continentaes, (Europa, Asia e América) convergindo para o pólo Sul, são separadas por oceanos; porque a depressão oceanica do pólo Norte corresponde a elevação continental do pólo Sul; porque, de um modo geral, ás profundezas oceanicas correspondem terras elevadas, da mesma forma que ás arestas de um tetraedro se oppõem ás faces respectivas, (para onde, por serem concavas, de maior profundidade, refluem as aguas).

E' interessante assignalar esta audaciosa e fecunda concepção, oriunda da experimentação e confirmada pela observação, á qual as recentes sondagens de Amundsen vêm emprestar um brilho novo.

(L'illustration — Julho de 1925).

\*

Ha muito já que a propulsão mecanica nos navios supplantou a propulsão natural do vento. O veleiro garboso desapareceu diante do navio a vapor, desgracioso mas pratico, e as chaminés fumegantes tomaram o lugar do arrojado arvoredado que as vélas branquejavam. Os poucos veleiros que ainda restam — ou são objecto de luxo de milhardarios que se comprazem num dos mais nobres desportos, mas só á sua bolsa accessivel ou transportes de empresas modestas, para quem o emprego do vento representa economia apreciavel. Parece, entretanto, que nem esta ultima razão impedirá o seu desaparecimento da concorrência commercial, pois maior economia ainda offererão os dispositivos imaginosos recentemente inventados para utilizar o vento como força motriz, porquanto de maior rendimento e mais facil manobra.

Estes dispositivos são os rotores de Flettner e a turbina aérea de Constantin. O pri-

meiro, applicação do velho principio de Magnus, já installado em navio regular, portou-se satisfatoriamente nas viagens que empreendeu. A turbina de Constantin, entretanto, de invenção mais antiga, foi esquecida, apesar das vantagens offercidas. Consta em traços gerais de uma grande helice montada em um mastro que, accionada pelo vento transmite seu movimento de rotação, por meio de engrenagens conicas e rolamentos de bilhas, á helice propulsora; poderá assim a embarcação, e é esta justamente a vantagem de tal apparelho, marchar em linha reta contra o vento, pelo vento.

A idéa nada tem de nova. Um marinheiro de Dunkerque propoz outrora a Napoleão equipar toda uma frota com moinhos de vento que accionassem as rodas propulsoras. O rendimento seria, caso houvessem posto em pratica tal idéa, deploravel; é que os factores de successo da empreza são essencialmente modernos — os rolamentos de bilhas e as helices. O rendimento é assim de quazi 80 %, como demonstraram as experiencias executadas em uma pequena embarcação de 5 toneladas, cuja velocidade não ficou aquem da dos grandes veleiros de carga.

Quanto maior é o deslocamento do navio, mais rendosa é a installação da helice turbina, porque, para uma dada força do vento, a potencia crece com o quadrado do diametro, o que não acontece com o systema Flettner em que as difficuldades de construcção crescem com a potencia necessaria.

Além da applicação á marinha, é susceptivel o novo invento de se adaptar á frente das locomotivas e automoveis para recuperação parcial da potencia dispendida em vencer a resistencia do ar; e, como utilizador dos ventos para a producção de energia electrica, fornecerá, installado em torres fixas ao longo do valle do Rhodano, mais energia do que as geleiras dos Alpés, e a preço reduzido.

(L'illustration).

L. R.

## A Torre Eiffel



97, Rua do Ouvidor, 99

ROUPAS PARA HOMENS E MENINOS. —  
ROUPAS PARA INVERNO, COBERTORES,  
CHALES, PLAIDS, MALAS E TODOS OS  
OBJECTOS INDISPENSÁVEIS PARA  
VIAGENS.

ALFAIATARIA DE 1.<sup>a</sup> ORDEM

## O recife de coral

(J. M. Heredia)

O sol, dentro do mar, em mysteriosa aurora,  
O profundo brenhal dos coraes illumina,  
Mesclando ao fundo da bacía esmeraldina,  
A fauna florescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sal e de tódo se colóra  
O musgo, a actínia, o ouriço e a pobre alga franjina  
Dõe desenhos írreaes de sombra purpurina  
No chão rendado a que o polypo se encorpora.

Apagando o esplendor da espuma íriada, passa  
Um peixe a navegar na trama que se enlaça.  
Ora as aguas alisa, ora as aguas desfalda.

Subito agita em leque a barbatana enorme,  
E á tona do crystal da agua mansa que dorme,  
Corre um fremito de ouro e nácar e esmeralda.

*Olegario mariano*

*S.*

## A' cigarra

— Não cantes tanto assim; sê mais razoavel;  
Dê que acaba o verão; lembra que o frío,  
Com o largo manto gelido e sombrio,  
E' um companheiro pouco desejavel...

Olha como a formíga anda incansavel  
Juntando o grão, enquanto dura o estío;  
Esta não canta, sim; mas é louvavel  
O seu trabalho insano horas a fio.

Não cantes tanto assim; sê mais prudente;  
Nem só de cantos é que vive a gente,  
Inda que por cantar menos se pene...

— Ella víbrava em ríspida fanfarra  
Tão alheia, que eu disse: — Esta cigarra  
Nunca leu com certeza Lafontaine...

O. C.



# O SONHO DA PAZ

Todos sabemos que a politica internacional tem dois braços: um delles tem á mão calçada a luva de pellica e segura a roda do leme da não do Estado quando ella navega sobre as aguas tranquillas dos accôrdos pacificos e amistosos. E' a diplomacia. O outro tem a mão que empunha o estandarte marcial. E' a força. Quer isto dizer que as forças armadas são instrumentos ao serviço da politica internacional. E nada ha de mais indecifrável no mundo que os mysteriosos designios da politica das nações.

Desde longinquas épocas que a humanidade trabalha para se libertar do horrivel flagello das lutas armadas, mas apesar de todos os esforços, de toda a ansia espiritual dos visionarios, o imperio da força não pode ser suprimido.

Neste ultimo seculo, dous homens pretenderam regenerar o mundo á sombra da bandeira branca, symbolo da paz e da fraternidade humana: Nicolau II e Woodrow Wilson.

Em 1899, o Imperador da Russia convidava o mundo a renunciar á politica da guerra, isto é, dos armamentos, por elle considerada como a causa da ruina moral e economica dos povos.

Em 1904, a sua propria nação empenhava-se na grande guerra com o Imperio do Sol Levante como o mais ironico desmentido ás suas proprias tendencias pacifistas.

E, depois desta, quantas lutas, quantos conflictos armados deshonrando os principios da moral e da civilização que inspiravam essas proclamações theoricas e doutrinarias!

Chegou finalmente a grande catastrophe temida ha tantos annos, a conflagração mundial, a carnificina mais horrenda, mais feroz, mais terrivel que se póde imaginar.

E depois desse drama sanguinolento ouviu-se a voz do novo apostolo da paz, o politico poeta que foi o extincto presidente dos Estados Unidos da America, juntando os povos em uma assembléa de irmãos.

A Sociedade das Nações surgira dos escombros do mundo ensanguentado, não podia ter nascido em uma época mais propicia quando todos os horrores da guerra estavam ainda nitidamente visiveis aos olhos da geração que testemunhara a luta.

As nações empobrecidas, as cidades destruidas e despovoadas, milhares de familias sem tecto, alguns milhões de mancebos sacrificados, um ror de mutilados expostos á commiseração

dos sobreviventes, constituíam o quadro mudo e si'encioso das consequencias sinistras da guerra.

Se em tal momento uma energica reacção não fizesse contra os processos brutaes da politica, seria infantil pensar-se em uma posterior soluçáo do problema da confraternização efectiva da humanidade.

Mas tudo não passou de uma generosa tentativa.

A hypocrisia dos homens acostumou-nos ao espectáculo das nações poderosas affirmarem na sua profissáo de fé politica o zelo ardente pela paz do universo, enquanto atrás dos bastidores organizam friamente a luta moderna com todos os seus formidaveis recursos.

Após a grande guerra, no grande cenaculo de Versalhes, as nações vencedoras reunidas redigiram o celebre tratado de paz cuja primeira parte se chama o Pacto das Nações.

Em alguns artigos desse Pacto acha-se exposta a idéa de se conseguir a paz universal por um accôrdo ensaiando vacillantemente a passagem do direito internacional como doutrina para o campo da sua applicação juridica.

Seria a acção coercitiva das nações collegadas no campo economico e no campo militar para o impedimento das aggressões guerreras de qual'quer divergente desta orientação pacifista.

A redacção deste accôrdo não sendo, porém, precisa, tornava a sua applicação demasiado precaria.

Depois dessa combinação, de valor pratico duvidoso, surgiu a organização da Côte de Justiça Internacional que não alterava a forma platonica do direito das gentes. E, facto mais grave, a commissáo de juristas nomeada pela Sociedade das Nações para elaborar os estatutos daquela Côte Permanente de Justiça, fez uma recommendação á Assembléa da Sociedade das Nações, que foi repellida. Esta recommendação é eloquente por si mesma. Tinha como propositos:

1) Reaffirmar as regras existentes no direito internacional e especialmente nos dominios affectados pelos acontecimentos da recente guerra;

2) Formular e sancioner as modificações e addições cuja necessidade ou utilidade se tenha revelado na ultima guerra e em razão da mudança das condições da vida internacional que vieram após esse grande conflicto;

3) Tomar em consideração toda especial

os pontos que, actualmente, não estão regulados de uma maneira adequada e dos quaes a justiça internacional reclama a determinação precisa por um entendimento commum;

4) Conciliar as opiniões divergentes e assegurar um entendimento geral relativamente ás regras que motivaram a controversia.

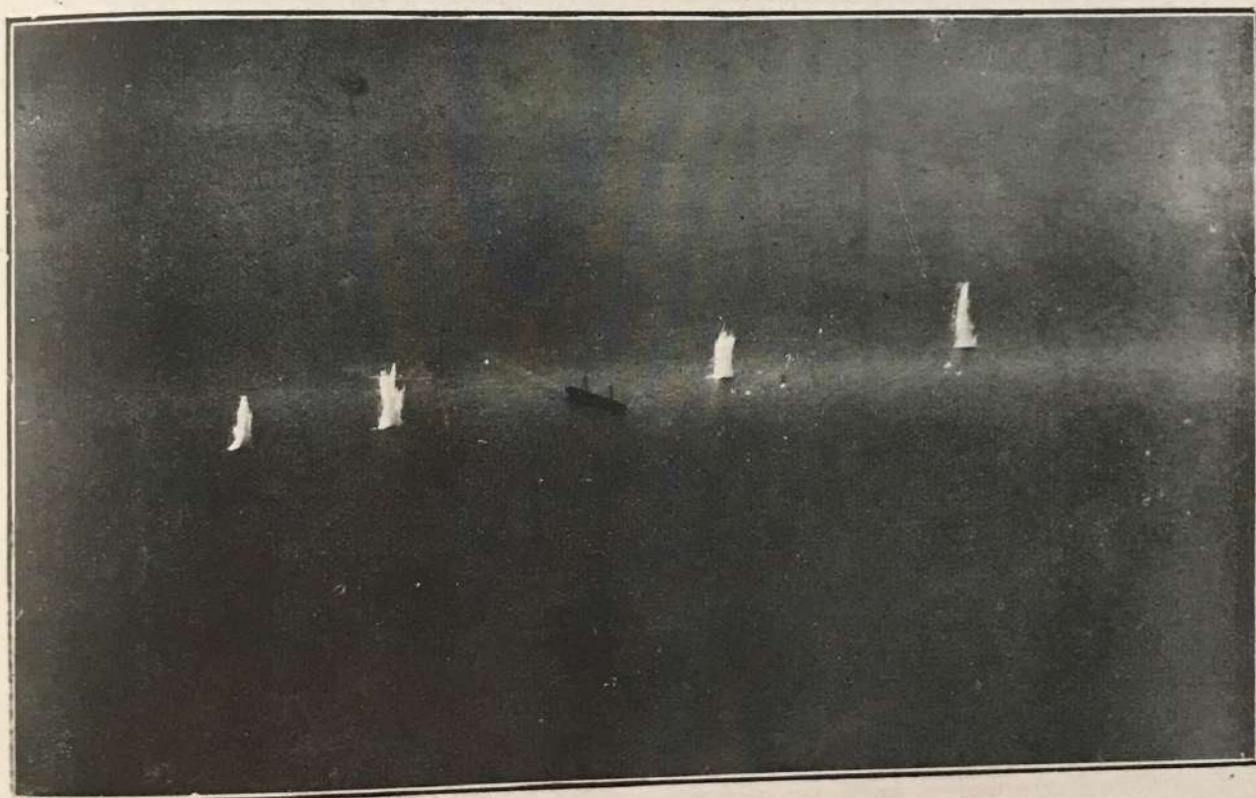
A repulsa deste programma não demonstra o espirito cordato e pacifico que devia animar os propositos da Liga das Nações.

Porque o temor de regulamentar a guerra, de se arrancar o arbitrio das mãos dos belligerantes nos innumerados pontos duvidosos do

resse; contradictorios definidos nas estratégias nacionaes dos paizes em causas.

Os juristas que julgavam candidamente servir aos interesses da civilização e do mundo não percebiam que os altos principios de humanidade, por uma lei irrecorrivel, têm de ser preteridos pelos principios da conservação das raças e do seu progresso, porque a vida internacional nada mais é que uma expressão objectiva da concorrência.

A politica de cada nação que progride além de certos limites, é, no fundo, imperialista.



direito internacional, consequentes do uso das novas armas?

Porque recusar discutir os pontos cuja elucidação é reclamada pela justiça internacional?

Por uma razão unica e simples: regulamentar a guerra submarina, a dos gazes e da aviação seria pôr em conflicto pontos de vista inconciliaveis como demonstrou a Conferencia de Washington.

E essas eram as armas, os methodos e os processos que permaneciam fóra do direito das gentes.

Não se pense, porém, que essas divergencias tinham o caracter de antagonismos de principios moraes e de civilização. Ellas resultavam dos attrictos provenientes dos inte-

O desenvolvimento das nações se fará pacificamente quando os obstaculos que lhe são antepostos não ameaçam seriamente a sua marcha progressiva.

Os juristas só olham o mundo pelo seu lado social, procurando o seu equilibrio pacifico.

Os politicos, isto é, os estadistas, só o encaram sob o seu aspecto economico.

Uns têm preocupações unicamente subjectivas, outros as têm ao contrario, objectivas.

Foi por esta razão que a Assembléa da Liga das Nações achou prudente não regulamentar uma guerra ainda não completamente caracterizada pelo seu lado technico, mas extremamente perigosa pelo seu lado moral.

Como a ruina financeira do mundo recla-

mava uma solução do problema dos armamentos, havia mistér de fazer qualquer coisa de notavel nas relações politicas dos povos.

Foi assim que appareceu a idéa de um pacto de Garantia Mutua que permittisse ás nações o desafogo dos seus grandes aprestos militares, mas esta idéa seductora e deslumbrante foi tambem naufragar no plenário da 4ª Assembléa daquella instituição internacional.

Entrementes, por uma iniciativa independente da Liga, reuniam-se em Washington as grandes potencias do globo, que se chamavam a si proprias, emphaticamente, «The Big Five».

Não é possível, mesmo em resumo, dizer o que se passou naquella famosa reunião.

O resultado foi, porém, uma decepção sob o ponto de vista dos principios que devem governar a politica do mundo.

Sob o rotulo «desarmamento» tratava-se de se firmar accórdos entre as mais fortes potencias sobre a sua actividade exploradora do Extremo Oriente.

Cada nação ali tratou «dos seus casos», sem a preocupação do aspecto geral dos problemas mundiaes.

Foi, por conseguinte, uma conferencia de caracter particular, cuja generalização estará fatalmente em conflicto com os interesses de muitas outras nações.

O interesse da China, por exemplo, que se achava presente para assistir aos funeraes das suas reivindicações nacionaes, foi ostensivamente desprezado.

Ella foi o exemplo do que póde soffrer ainda na época actual uma nação de muitos milhões de habitantes sem a necessaria capacidade militar de defesa.

Depois de proclamados e adoptados os mais altos principios na Conferencia de Versailles, uma nação soberana viu-se privada dos seus mais elementares direitos de paiz independente; viu-se humilhada pela cupidez dos povos fortes.

Sob o ponto de vista material, houve uma renuncia collectiva quanto ao desenvolvimento das esquadras, no que toca aos navios capitaes, cujo valor, por unidade, já attingia a 10.000.000 de libras.

Os navios auxiliares de superficie, os submarinos e a aviação ficaram fóra desse entendimento e nós, os profissionaes, sabemos o que isto significa.

A Conferencia de Washington e, mais tarde, a de Santiago prohibiram o emprego dos gazes de guerra, mas a commissão dos technicos daquella primeira conferencia provou que tal decisão era inócua e romantica. devido á impossibilidade de controle na sua fabricação e na sua utilização.

O Snr. Arthur Balfour declarou mesmo o perigo de um tal accôrdo que só servia para pôr em condições de inferioridade os povos agindo de boa fé. A não ratificação desses accórdos por algumas potencias denuncia a fraquezas dessas combinações.

Por occasião da 5ª Assembléa da Liga das Nações, em Setembro de 1924, encontraram-se em Genebra os chefes dos gabinetes de Londres e de Pariz. Por uma singular coincidência, eram ambos representantes da corrente trabalhista que prega a paz como um direito fecundo da humanidade.

Alli se firmou o celebre accôrdo conhecido pelo nome de Protocollo de Genebra, o qual pretendia dar ao direito das gentes o seu aspecto positivo e juridico, dando uma fórmula concreta a duas concepções fundamentais: a garantia mutua e a arbitragem obrigatoria.

O enendimento internacional que adoptava as medidas coercitivas de ordem economica e de ordem militar para a sustentação da arbitragem como estatuto definitivo, parecia ser o termo dessa peregrinação philosophica que desde as mais remotas eras havia empolgado numerosos espiritos em quasi todos os paizes.

Mas o fructo não estava maduro e a Inglaterra o recusou.

Essa esperança, que já tinha começado a tomar a fórmula das cousas concretas, dissipou-se como o fumo por entre as nuvens côr de rosa dos sonhos ideaes da humanidade.

A Côte Permanente de Justiça Internacional, o Pacto de Garantia Mutua e a Arbitragem Obrigatoria são as tres columnas sobre as quaes repouza a concepção generosa da paz do universo, formando a organização pacifica da politica do mundo.

Esta rapida exposição dos principios que regem a vida dos povos deixa em evidencia o valor do argumento que serve de apoio á opinião dos scepticos em materia de paz permanente.

## A FOLHA DOBRADA

CONTO DE MALBA TABAN

Naquella noite conversavamos sentados na camara do commandante do «Invencible». O immediato, commandante Keller, que servia durante dois annos na esquadra do Pacifico, contava-nos peripecias medonhas, façanhas terriveis, praticadas pelos marinheiros das forças navaes inglezas.

— «A morte que mais me impressionou, «contou-nos o immediato», foi a de um telegraphista australiano, descoberto em espionagem, a bordo do encouraçado «Richmond». Era moço ainda, de physionomia serena e sympathica; tinha os cabellos grisalhos de homem que muitos desgostos soffrera na vida. Julgado summariamente por um conselho de guerra, foi condemna-

mente a pagina que estava lendo, como se quizesse marcar assim, para depois recommear, um trecho interrompido de leitura.» —

Todos os officiaes alli presentes, homens afeitos á guerra e á morte, ouviam assombrados a narrativa de tão estranho episodio. O commandante Keller, depois de uma ligeira pausa, continuou:

— «Causou-me uma impressão terrivel, indefinivel, o gesto daquelle homem, que antes de partir para a morte marcava a pagina do livro que estava lendo.» — Teria o infeliz a esperanza vã de voltar ainda? Não, elle era soldado; sabia que ia morrer. Que idéa fazia elle da vida? Que noção tinha elle da morte?



Aceitou conformado a sentença do tribunal, do á morte. Nada quiz objectar em sua defeza. sem trahir a mais leve perturbação, quer no geito quer no olhar. Devia ser fuzilado pela madrugada, aos primeiros alhores da aurora. Na hora da execução, fui buscal-o no camarote em que elle se achava preso com sentinella á vista. Encontrei-o lendo um livro.

— «E' chegada a sua hora, meu amigo», disse-lhe, procurando encher-me de animo, para cumprir aquelle doloroso dever. O condemnado ergueu-se e fitou-me calmo e resignado.

— «Vou então morrer?» perguntou-me. E como se adivinhasse a resposta que meus labios não queriam formular, ajuntou: «Está bem». E inclinando-se um pouco sobre a mesa onde pousara o livro aberto, dobrou vagarosa-

Taes interrogações que mudamente nos faziamos, ficaram sem resposta. Que poderia significar o gesto do espião australiano? Cada militar é um philosopho que encara a seu modo a vida, e a morte. E no silencio que se fez entre nós após essa narrativa, lembrei-me dos versos admiraveis do poeta:

A vida é uma leitura...  
Mas quando a espada fulgura,  
Quando se sente bater  
No peito, a heroica pancada,  
Deixa-se a folha dobrada  
Emquanto se vae morrer!...

## FELICIDADE

Sentir teu corpo quente e palpitante,  
Num abraço amoroso e prolongado !  
Sentir-me inda de ti enamorado,  
Em um affecto conjugal constante,

Como o zenith de um sol radiante,  
Cuja aurora ha muito tem passado ;  
Vivendo então a vida de casado,  
Numa serena paz edificante !

Ser feliz no lar, ser feliz no mundo,  
Pelo trabalho e pelo amor fecundo,  
E' graça immensa que do céu nos vem ;

E' dom supremo que nem sempre dura —  
Amizade, amor, carinho, doçura,  
Vontade infinda de querer-se bem.

O. C. MARQUES



## FÉ DE OFFICIO

ou officio em que muita gente não tem fé.

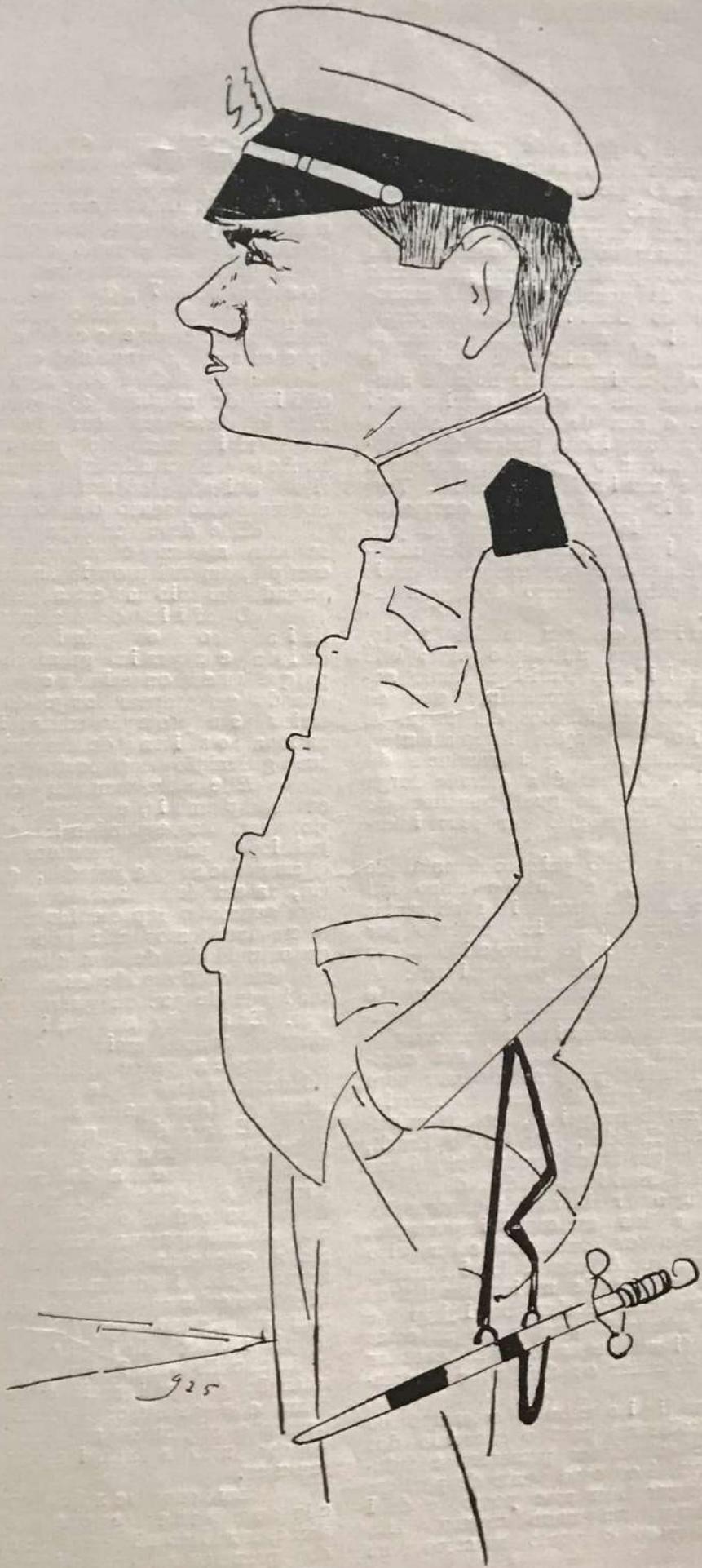
Aspirante — licenças, namoradas,  
escola, formaturas, sabbatina,  
prisões, recreio, natação, pancadas,  
enjôos, dansas, muque, disciplina.

Tenente — versos, festas, jogatina,  
amantes, musica, invenções, paradas,  
viagens, bebedeira, Hemoglobina,  
mercurio, noiva, emprestimos, massadas.

Commandante — familia, lar, despeza,  
projectos, ambições, fumo, riqueza,  
politica, conforto, Urudonal.

Almirante — sessões, bordados, fama,  
discursos, pavilhão, remedios, cama,  
rheumatismo, jazigo e... funeral.

V. S.



M. S. L.

# REQUEZITOS PARA O COMMANDO

*Conferencia feita na Escola Naval, em 24 de Julho de 1925, pelo Capitão de Fragata C. C. GILL, da Missão Naval Americana para o Brasil junto á Escola Naval de Guerra, Departamento de Estrategia.*

Esta Escola é o ponto de partida para os officiaes que iniciam sua carreira no serviço naval da Republica. O que a viagem lhes reserva, de bom e de máo tempo, não póde ser previsto, mas existem sempre alguns prenuncios de que se deve tomar nota. Por exemplo, ha indicações de que os proximos cincoenta annos serão um periodo de grande progresso economico e industrial no Brasil. Póde-se esperar, em consequencia disso, uma reacção favoravel ao desenvolvimento da Marinha, e assim, a perspectiva para vós, aspirantes de hoje, é altamente promissora de que a vossa carreira será cheia de interesse e rica de opportunidades.

Após a mais destruidora guerra da historia, o mundo está entrando agora em uma nova era de expansão e actividade commercial. Tres quartos da superficie do globo são occupados pelo mar, e a consciencia da humanidade despertou afinal para a importancia do poder marítimo. Em cada década elle vae exercendo mais e mais influencia sobre o curso dos acontecimentos humanos.

Poder Marítimo, em seu sentido amplo, significa capacidade para utilizar o mar; elle comprehende as actividades maritimas tanto navaes quanto commerciaes, juntamente com os seus estabelecimentos subsidiarios em terra. A elle dizem respeito as relações internacionaes, os meios de communicação e a conducta do commercio mundial. O mar é a estrada larga da civilisação, ao longo da qual transitam as bandeiras de todas as nações em seus inter-cambios naturaes.

O Brasil é um vasto paiz continental de oito milhões, quinhentos e vinte e cinco mil kilometros quadrados com tres mil e seiscentas milhas de costa sobre o Atlantico, cortado por numerosos rios navegaveis e favorecido com bahias e portos de grande profundidade. A insuficiencia actual de estradas de ferro e outras vias terrestres de communicação, juntamente com as longas distancias a percorrer e as difficuldades naturaes relativas á sua construcção, torna o Brasil dependente do mar para uma muito grande parte do seu commercio, não só com paizes estrangeiros, como principalmente entre seus Estados. Por isso o Brasil, embóra constituindo um bloco continental, é um paiz essencialmente marítimo. Além disso, a natureza dos productos brasileiros de exportação, combinada como a sua crescente importação, faz-nos prever que o seu commercio estrangeiro será cada vez maior. A conclusão inilludível é a urgente necessidade de navios brasileiros para transportarem mercadorias brasileiras e de uma marinha adequada para proteger esses navios, manter a dignidade nacional no exterior e, si necessario, defender os direitos e interesses brasileiros.

E' este, em ligeiro esboço, o campo da profissáo que escolhestes para o exercicio dos vossos esforços e actividades presentes e futuras. A Escola Naval é o vosso ponto de partida, e si puderdes marcar bem esse ponto, e dahi tirar, com confiança, um rumo seguro, isto concorrerá muito para o vosso successo na carreira naval.

O primeiro ponto essencial é uma apre-

ciação correcta, uma comprehensão justa do que exigirá de vós o serviço da Marinha. John Paul Jones, heroico combatente do mar e fundador da Marinha Americana, forneceu-nos disso uma concepção que tem provado a sua justeza através de um e meio seculos. Suas idéas são evidenciadas em uma carta, datada de 14 de Setembro de 1775, que elle dirigiu á Commissão de Marinha do primeiro Congresso da Republica, então recentemente creada no Norte, e da qual apresentamos o seguinte extracto:

«Não é de modo algum bastante que um official de marinha seja um marinheiro habil. Elle o deve ser sem duvida, mas deve ser ainda muito mais do que isso. Elle deve ser tambem um cavalheiro de maneiras finas, espirito cultivado, cortezia escrupulosa, e dotado do mais alto senso de honra pessoal.

«Elle deve ser capaz não só de expressar-se com clareza e vigor, pela palavra e por escripto, em sua propria lingua, como ser tambem versado em idiomas estrangeiros.

«O official de marinha deve estar familiarizado com os principios do Direito Internacional e a pratica geral do Direito Marítimo, porque esses conhecimentos podem muitas vezes, quando em viagem longe da Patria, ser necesarios para proteger contra insultos a bandeira nacional ou livrar de imposições e prejuizos a sua guarnição em portos estrangeiros.

«Elle deve tambem ser versado na pratica da diplomacia, e capaz de mandar, si necessario, uma correspondencia diplomatica digna e judiciosa, porque acontece muitas vezes que circumstancias inesperadas, em aguas estrangeiras, fazem delle tanto o representante diplomatico quanto o representante militar do seu paiz, e em taes casos elle póde ter de agir sem a oportunidade de consultar os seus superiores e a sua acção póde envolver a tremenda eventualidade de paz ou guerra entre grandes potencias. Estas são as qualidades geraes necessarias; e quanto mais o official se approximar da completa posse dellas, tanto mais probabilidades elle terá de bem servir seu paiz e ganhar honra e fama para si proprio.

«Encarando agora o official de marinha a bordo em relação a seus commandados, elle deve ser a essencia do tacto, paciencia, justiça, firmeza e bondade. Nenhuma acção meritoria de um subordinado deve escapar á sua attenção ou deixada passar sem a devida recompensa, ainda que esta seja apenas uma palavra de approvação. Inversamente, elle não deve ser cego a nenhuma falta de qualquer subordinado, mas ao mesmo tempo elle deve ser prompto e infallível em distinguir o engano da maldade, a irreflexão da incompetencia, erros sem má intenção da negligencia ou erros crassos. Assim como elle deve ser imparcial em suas recompensas e applausos ao merito, tambem elle deve ser justo e inflexível nos seus castigos ou censuras.

«Em suas relações com os subordinados elle deve manter sempre a attitude de commandante, mas isso não deve de modo algum privá-lo dos prazeres da cordialidade ou do cultivo da alegria dentro dos limites apropriados. Todo official commandante deve manter com os seus

subordinados relações taes que tornem estes sempre satisfeitos com um convite para se sentarem á sua mesa, e sua conducta para com elles deve ser de molde a encorajal-os a lhe expressarem suas opiniões com franqueza e informarem-se dos seus pontos de vista sem acanhamento.

«Uma marinha e essencialmente e necessariamente autocratica. Por mais verdadeiros que sejam os principios politicos pelos quaes estamos agora propugnando, elles nunca podem ser applicados praticamente ou sequer admittidos a bordo dos navios. Isto pode parecer difficil de comprehender, mas é, entretanto, a mais simples das verdades. Emquanto os navios enviados pelo Congresso podem e devem combater pelos principios dos direitos humanos e da liberdade, esses mesmos navios devem ser dirigidos e commandados pelo systema de obediencia a um.

«Creio agora ter-vos mostrado as tremendas responsabilidades que pesam sobre essa honrada Commissão. Sois chamados a crear uma nova marinha, a lançar os fundamentos de um novo poder naval que pode algum dia, no decorrer dos acontecimentos humanos, tornar-se grande bastante para disputar, mesmo á Inglaterra, o dominio do mar. Nem vós nem eu viveremos para ver tal desenvolvimento, mas estamos aqui plantando uma arvore, e pode ser que algum de nós deva, no curso do destino, regar com o proprio sangue as suas raizes fracas mas tenazes. Si assim for, que assim seja! Não podemos evitar o que tem de ser. Devemos fazer o melhor que podermos com os meios ao nosso dispôr!»

A Marinha dos Estados Unidos attingiu agora a posição de poder relativo que o commandante Jones, com tanta clarividencia, previu para ella na epoca da sua infancia attribulada. Nos conselhos e na prophesia de John Paul Jones os officiaes da Marinha Brasileira encontram assumpto para meditação.

Como já se disse, a concepção do Commandante Jones, em 1775, tem provado a sua solidez pela experiencia de seculo e meio. Hoje ella faz parte do curso da Escola Naval dos Estados Unidos e todos os seus alumnos a estudam.

O que se contem nessa carta não é theoria baseada em abstracções, mas representa senso pratico baseado em principios estabelecidos — principios de commando, disciplina e eficiencia.

O primeiro paragrapho dessa carta diz que não é de modo algum bastante que um official de marinha seja competente em seus deveres profissionaes. Elle deve ser tambem um cavalheiro de maneiras finas, espirito cultivado, cortezia escrupulosa, e dotado do mais alto senso de honra pessoal. Estas qualidades geraes são o alicerce sobre o qual o Character militar deve repousar e, em ultima analyse, a eficiencia de uma marinha depende do character dos seus officiaes.

Depois desse paragrapho, a carta frisa a necessidade de um official de marinha estar preparado, no caso de uma emergencia subita em aguas estrangeiras, para agir como diplomata e como militar. Por causa da complexidade sempre crescente de technica naval, não é facil encontrar tempo e energia disponiveis para dedicar ao estudo da politica e do direito internacional. Em uma marinha moderna isso é mais difficil do que o era em 1775.

E' por isso conveniente acrescentar ao que disse John Paul Jones as seguintes observações mais recentes feitas pela eminente e mo-

derna autoridade em assumptos navaes, o Almirante Mahan:

«Os officiaes de marinha devem orientar seus estudos e sua attenção para os acontecimentos contemporaneos, no seu paiz e no estrangeiro, considerando que elles podem algum dia tornar-se Consultores do Governo e, em qualquer caso, pela sua justa apreciação das condições mundiaes, exercer uma influencia benefica sobre os acontecimentos.

«Na phrase de Nelson, um official deve possuir coragem politica e esta, para ser bem baseada, exige o conhecimento das questões internacionaes. Os officiaes devem concentrar sua attenção de uma maneira proveitosa sobre esse conhecimento e evitar a dissipação de energias em questões internas do paiz».

Este é um ponto importante a ser conservado sempre em mente. Provavelmente muitos annos ainda decorrerão antes que qualquer dos aspirantes presentes seja chamado quer para representar diplomaticamente o seu paiz, quer para ser um Consultor do Governo, mas ao mesmo tempo, no inicio de vossa carreira, é preciso perceberdes bem esta necessidade do conhecimento da politica e do direito internacional afim de que os vossos estudos e leituras se orientem pelo caminho proprio.

No meio tempo, a vossa preocupação immediata é a direcção de serviços a bordo de um navio de guerra: quer como officiaes subalternos, quer como officiaes superiores, o vosso successo dependerá da vossa capacidade para dirigir homens. Os outros paragraphos da carta de John Paul Jones são dedicados principalmente a este topico, e quando se reflete sobre elles verifica-se que a disciplina é a base, a idéa fundamental, sobre a qual o seu texto foi architectado.

A disciplina póde ser definida como submissão a um Codigo de Conducta, escripto ou não, que nos compelle a reconhecermos as leis e autoridades constituídas e a lhes obedecermos. A disciplina é o resultado de um treinamento physico, mental e moral. E' uma verdade evidente que a disciplina é a pedra fundamental do serviço militar bem como de qualquer instituição civil prospera. Sem disciplina é impossivel uma acção coordenada e eficaz. A experiencia illustra este principio.

Quando Kerensky extinguiu a disciplina no exercito russo, destruiu a capacidade deste para «puchar certo». Tentando collocar officiaes e praças no mesmo pé de responsabilidade e autoridade, elle substituiu a organisação pela confusão. O poder de resistencia ao inimigo foi destruido e o Imperio tornou-se uma presa facil do despotismo prussiano. A lição do desastre da Russia é obvia e inconfundivel.

O fim de uma Marinha é prover uma instituição combatente e eficiente. Para conseguir isso é preciso organisação e eficiencia de conjunto, tudo repousando sobre a disciplina, o que significa que os mais graduados, aquelles que têm a responsabilidade, dirigem e coordenam, emquanto os subordinados obedecem. Isto não é hierarchia de casta, mas simplesmente uma cadeia de responsabilidade e direcção, essencial ao successo de qualquer especie de trabalho collectivo.

Cooperação e unificação de esforços sobre a base de mutuo respeito e confiança, tal é o fim em vista. Paul Jones indicou claramente a attitude a ser tomada por um Commandante que procura attingir esse objectivo:

«Em suas relações com os subordinados elle deve manter sempre a attitude de Commandante, mas isso não deve de modo algum privar-o dos prazeres da cordialidade ou do cultivo de alegria dentro dos limites apropriados. Todo official commandante deve manter com os seus subordinados relações taes que tornem estes sempre satisfeitos com um convite para se sentarem á sua meza, e sua conducta para com elles deve ser de molde a encorajal-os a lhe expressarem suas opiniões com franqueza e informarem-se dos seus pontos de vista sem acanhamento».

Esta relação de mutuo respeito e confiança é a alma da descentralização e a descentralização é essencial em uma marinha moderna.

Todo homem que commanda homens deve lèr o conselho de Jetro a Moysés no deserto. E' sabido que quando Moysés retirou-se do Egypto com a tribu de Israel, seu sogro visitou-o no seu immenso Commando, onde Moysés procurava dirigir as operações sósinho, sem assistencia alguma. Jetro mostrou-lhe que elle estava fatigando a si proprio e ao seu povo e procurando realizar uma coisa impossivel. Elle concitou-o a dividir o seu povo em milhares, centenas e dezenas e collocar homens competentes á testa de cada fracção para lidar com os detalhes, ficando elle livre para as questões mais amplas de administração e politica. Diz a chronica que «Moysés ouviu attentamente o conselho de seu sogro e fez tudo o que este lhe dissera». Este episodio da Biblia dá um exemplo de descentralização e disciplina.

Descentralização de administração não importa, entretanto, em responsabilidade dividida. O chefe que planeja e dirige modos de conducta deve assumir pessoalmente a responsabilidade perante o Governo, e não póde atiral-a sobre os seus subordinados quando falham os seus planos. Si é importante que elle tenha confiança em seus subordinados, muito mais importante é que os seus subordinados tenham confiança nelle. Nada concorre mais para a disciplina e effizienz do que o conhecimento da parte dos subordinados de que, aconteça o que acontecer na execução de ordens, seu chefe estará sempre prompto, deante de todos, a tomar a responsabilidade dos accidentes ou insuccesso que se verificarem.

A lealdade é um requisito primordial e bilateral: a lealdade de cima para baixo é tão necessaria quanto a lealdade de baixo para cima.

Na transição da marinha antiga para a moderna, com o extraordinario desenvolvimento do material, as complicações em machinismos e dispositivos, o augmento no tamanho e numero das unidades, a compartimentação estanque e a descentralização da autoridade, tem havido uma certa tendencia a esquecer o homem que acciona o mecanismo. Nenhum erro pode ser maior do que este, nem mais capaz de conduzir ao desastre. Mahan disse: «A Historia ensina que boas guarnições com mãos navios valem mais do que más guarnições com bons navios;» ou na phrase das «Instrucções para artilharia da Marinha Americana», «os officiaes devem prestar mais attenção e dar maior importancia ao pessoal dependente de sua direcção do que ao material e ferramentas a seu cargo». O moral e o treinamento das guarnições têm sido sempre, na obtenção da victoria, um factor mais importante do que os caracteristicos dos navios e qualidade das armas empregadas.

Mais do que em qualquer outra organização, o successo de uma marinha depende do elemento direcção, commando. Ha apenas alguns dias, aqui mesmo no Rio de Janeiro, este principio foi admiravelmente apresentado pelo deputado Eloy Chaves no discurso que pronunciou na Camara dos Deputados, concitando o Congresso a attender ás necessidades da Marinha Brasileira.

Para illustral-o, o orador lembrou o seguinte episodio da batalha da Bahia de Mobilé na guerra da Secessão Americana:

«No inicio do combate, o commandante em chefe, Almirante Farragut, foi avisado por alguns de seus officiaes de que as aguas, pela proa da esquadra, estavam coalhadas de torpedos e que seria melhor que elle retirasse. Farragut respondeu: «Diabos levem os torpedos. Adiante a toda a força». E assim elle conduziu os seus navios á victoria.

Um outro exemplo do poder e influencia que um verdadeiro chefe exerce sobre os seus homens está no incidente historico do combate entre o navio inglez «Serapis» e o norte americano «Bon Homme Richard». O ultimo era um navio velho e pouco marinheiro commandado por John Paul Jones. Durante as primeiras phases do combate elle foi seriamente castigado pelo inglez e já estava em risco de ir a pique quando o Commandante inglez bradou para Jones perguntando si elle se havia rendido. Sua resposta foi: «Eu ainda não comeccei a combater» e, quando ouviram isso os seus officiaes e marinheiros adquiriram novas esperanças e enthusiasmos, dahi resultando que uma derrota immimente transformou-se em victoria completa.

As tradições navaes americanas, tanto no Norte quanto no Sul, nos foram transmitidas pelos grandes marinheiros do passado desde Colombo, Balbôa, Vasco da Gama e Magalhães. A Marinha Brasileira, em particular, recebeu sua valiosa herança de Cochrane, Tamandaré e Barroso. Nos tempos da marinha a vela, como nos nossos dias de propulsão a vapor, tem sido a qualidade do Commando, mais do que a qualidade do material, o elemento decisivo da victoria.

A historia tem mostrado repetidamente que o dicto de Mahan era correcto, que os homens, e não os navios, são quem vence as batalhas.

Navios e armas são evidentemente necessarios; e, claramente, quanto melhores forem elles melhor será a Marinha. Mas é tambem verdade que boas guarnições com navios fracos valem mais do que guarnições fracas com navios bons. «Combatem os homens, não os navios».

Eis ahi, em ligeiro resumo, alguns aspectos da carreira que escolhestes — a Marinha. Como muito bem disse o Presidente Coolidge no discurso que pronunciou na Escola Naval de Annapolis, em Junho ultimo, por occasião da entrega de diplomas aos 438 guardas-marinha da ultima turma: «Sereis testemunhas constantes, em vossa carreira, de que a America acredita na preparação militar para a defeza nacional, para a protecção dos direitos, da segurança e da paz dos seus cidadãos». Sereis, com o tempo, chamados a postos de responsabilidade e Commando. Representareis a potencia, a gloria e a honra do Brasil entre povos estrangeiros, conspicuamente como deve fazer quem usa seu uniforme e carrega sua bandeira.

O que fordes, o marinheiro brasileiro o será: o que representardes, a marinha brasileira representará.

# OUVINDO ESTRELLAS...

## As pilhas photo-electricas e as suas applicações

Adalberto Menezes de Oliveira

Para evitar qualquer equívoco, devo declarar, desde logo, que não se trata de ouvir estrellas á moda do nosso saudoso poeta Olavo Bilac, mas de uma interessante applicação das pilhas photo-electricas, conforme veremos dentro em pouco.

Nós denominamos phenomenos photo-electricos a certas modificações que soffrem as propriedades electricas dos corpos, quando atingidos por um fluxo de energia radiante.

Os primeiros phenomenos observados eram produzidos pela luz ultra-violeta. Fazendo com que um feixe dessas irradiações cahisse sobre uma lamina metallica, verificava-se que esta se carregava de electricidade positiva.

Experiencias posteriores demonstraram que quando os corpos sobre os quaes incide a energia radiante são os metaes alcalinos (o potassio, o sodio, o lithio, etc.), os phenomenos photo-electricos se manifestam mesmo quando esta energia possui comprimentos de onda correspondentes ás irradiações visiveis do espectro.

As acções photo-electricas produzem-se igualmente quando os corpos são atingidos pelos raios de Roentgen, commumente denominados raios X, e pelos raios emittidos pelas substancias radio-activas.

Experiencias realizadas nos ultimos annos, vieram mostrar, de modo indiscutivel, que esses phenomenos se manifestam devido aos electrons emittidos pelos varios corpos, quando atingidos pelo fluxo de energia radiante. Esses electrons, considerados hoje como verdadeiros atomos de electricidade negativa, desempenham um papel importantissimo em um grande numero de phenomenos physicos.

Algumas das suas propriedades devem ser conhecidas pela maior parte daquelles que me ouvem, pois as valvulas thermionicas, hoje usadas em radiotechnia, são baseadas no emprego dos electrons, que são emittidos pelos seus filamentos incandescentes.

Essas experiencias permittiram examinar as diversas condições em que se realizam as acções photo-electricas e estabelecer as leis referentes á quantidade e á velocidade dos electrons emittidos.

A quantidade de electrons é proporcional á quantidade de energia radiante recebida pelo corpo mas a sua velocidade (medida pelos methodos ordinarios, observando-se os desvios que soffrem sob a acção de um campo electrico e de um campo magnetico) depende apenas da frequencia da radiação empregada.

Como em todos os casos de permuta de energia entre um corpo e uma irradiação, os phenomenos photo-electricos são perfeitamente explicados pela moderna hypothese dos quanta, não podendo as leis que os regem ser previstas pela theoria classica ou electromagnetica.

Deve-se ao eminente Prof. Einstein os estudos referentes á applicação da theoria dos quanta a esses phenomenos, cujas leis desempenham um papel importante nas hypotheses modernas sobre a constituição da materia.

Baseadas nestes phenomenos, foram recentemente construidas as pilhas ou cellulas photo-electricas.

São ellas constituidas por um tubo ou ampoula de vidro ou de quartzo, em que se faz o vazio ou em que se encerra um gaz inerte (argonio ou he'i), sob uma pressão bastante reduzida, e cujas paredes interiores são cobertas por uma pequena camada de potassio.

Esta camada constitue o cathodo da pilha, sendo o anodo formado por um anel metallico.

A pilha é protegida por uma caixa opaca, tendo apenas uma pequena abertura por onde póde penetrar o feixe de luz ou de outra forma de energia radiante, destinada a fazer funcionar o aparelho. A camada de potassio, assim excitada, adquire, com a perda dos electrons, uma carga positiva, que póde ser medida por um dos methodos commumente usados na avaliação das pequenas quantidades de electricidade e baseado no emprego dos electrometros de quadrante ou dos electrometros de corda.

Esta carga positiva impede, no fim de um tempo curto, que novos electrons se desprendam do cathodo; mas o aparelho póde continuar a funcionar mediante o emprego, no circuito da pilha, de uma differença de potencial auxiliar, constituindo o que se denomina — o potencial acelerador.

Esta differença de potencial auxiliar tem, além disto, a propriedade de produzir um augmento de velocidade nos electrons emittidos pelo cathodo, os quaes chocando-se com as moleculas do gaz existente no interior do tubo (o argonio), vão provocar phenomenos de ionosação por collição, augmentando notavelmente o numero de electrons e, portanto, a intensidade da corrente.

Assim construidas, vieram as pilhas photo-electricas encontrar applicações notaveis em varios ramos da S.ienca.

Uma dessas applicações é o seu emprego nas medidas photometricas. Os illuminamentos produzidos por duas fontes luminosas dependem da natureza dessas fontes, isto é, da sua composição espectral. Quando essas fontes são sensivelmente da mesma natureza, como acontece nas medidas geralmente realizadas em photometria, as pilhas photo-electricas permittem comparar os illuminamentos por ellas produzidos com uma approximação muito maior do que a conseguida anteriormente, observando-se esses illuminamentos com o nosso.

Outra applicação de grande importancia das cellulas photo-electricas é o seu emprego na photometria estellar. As medidas relativas á comparação do brilho das estrellas eram feitas observando-se, com os methodos normaes, os illuminamentos por ellas produzidos em determinadas condições.

Devido ao fraco valor desse illuminamento e ao facto conhecido de varios observadores julgarem de modo differente illuminamen-

tos identicos, o rigor dessas medidas deixava muito a desejar.

O emprego das pilhas photo-electricas permittu, assim, realizar com uma approximação muito maior, a comparação do brilho das estrellas, tendo permittido, igualmente, medir a duração do periodo de rotação dos astros binarios (admitte-se hoje que a maior parte das estrellas sejam systems estellares duplos), observando-se as variações de brilho por ellas produzidas.

Citaremos, finalmente, uma outra applicação, de notavel alcance e utilidade, que está sendo realizada no Observatorio de Paris, graças á idéa e aos esforços de dois eminentes scientistas francezes, o Professor R. Youaust e o General Ferrié, membro do Instituto de França e Director Honorario da nossa Radio Sociedade.

Esta applicação consiste no emprego das pilhas photo-electricas para a determinação exacta do instante em que uma estrella passa pelo meridiano de um lugar. Como se sabe, é por esse processo que se regulam as pendulas sideraes dos observatorios astronomicos. Utilizando-se de uma luneta meridiana (uma luneta, cujo eixo optico se acha no plano do meridiano), um observador nota o momento exacto em que uma estrella passa pelo fio central do reticulo (na realidade, elle observa os momentos em que a estrella passa pelos varios fios do reticulo, conseguindo, assim, obter com uma melhor approximação, o instante da passagem da estrella pelo meridiano).

Quando verifica que a estrella se acha no fio central do reticulo da luneta, o observador actua sobre uma chave, que, fechando um determinado circuito electrico, faz marcar, sobre a fita do chronographo de uma das pendulas sideraes, um signal que permite saber a hora (com a approximação de uma fracção de segundo) dessa pendula, nesse instante.

O inconveniente desse methodo, que é ainda empregado nos observatorios astronomicos, reside no erro pessoal que o observador introduz na determinação do momento exacto em que a estrella passa por um determinado fio do reticulo.

A substituição do observador por uma pilha photo-electrica, convenientemente collocada no plano focal da objectiva da luneta, permittu, uma vez que esses aparelhos são completamente desprovidos de inercia, eliminar o erro pessoal, que era, assim, introduzido e que podia attingir a valores visinhos de 1 segundo de tempo.

É esta interessante applicação que está sendo ensaiada no Observatorio de Paris. Para isto, a pilha photo-electrica vae alimentar um aparelho amplificador, baseado no emprego das valvulas thermoionicas que fornece, assim, a energia necessaria para fazer funcionar o dispositivo destinado a registrar, sobre a fita do chronographo, os instantes da passagem das estrellas pelos fios do reticulo da luneta meridiana. Projecta-se, igualmente, fazer com que a cellula photo-electrica provoque, por meio de semelhantes amplificadores, a emissão de ondas hertzianas, capazes de produzir, nos receptores commumente empregados, um determinado som musical.

Nessas condições, uma vez que a estrella se ache no campo da luneta, a pilha photo-electrica, fazendo funcionar o dispositivo em questão, emitirá atravez do espaço uma nota musical, que poderá, assim, ser ouvida por todos os amadores de radiotelephonia. Se supuzermos que o reticulo da luneta possua, apenas, o fio central, no momento exacto em que a estrella estiver no plano do meridiano, este fio projectará uma sombra sobre a pilha: o som soffrerá, então, nesse instante, uma variação momentanea de altura.

Esse momento corresponderá a uma determinada hora, que poderá ser previamente e os navegantes terão, assim, mais um processo para regular os seus chronometros, de que depende a segurança de navegação, e os amadores poderão, commodamente em suas casas, acertar os seus relógios, ouvindo a musica das estrellas, musica provocada pela luz mysteriosa que ellas nos enviam e que, como se sabe, leva muitos annos atravessando os espaços sideraes, antes de chegar á superficie do nosso planeta.

É assim que, dentro em breve, esperamos poder, no intervallo de uma de nossas audições radiotelephonicas, ouvir a voz do «speaker», annunciando: «Vae-se ouvir, daqui a poucos minutos, a musica de Sirius, estrella que passará pelo meridiano do Rio de Janeiro a horas tantas». E, pouco depois, a luz enviada por essa estrella e que leva vinte e dois annos a chegar á superficie da terra, irá provocar a emissão de uma determinada nota musical, nas condições que acabamos de descrever.

Os navegantes receberão, assim, na ampliação dos mares, a hora exacta, que lhes permittirá calcular a sua longitude, e os amadores, em suas casas, poderão acertar os seus relógios pela musica provocada por essa estrella e transmittida por intermedio de uma estação irradiadora.

# CASA VIEIRA NUNES

.. ARTIGOS PARA HOMENS ..

**FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO**

AVENIDA RIO BRANCO, 142

# COMBUSTIVEIS

J. L. Belart

## TEMPERATURA DO CO NO AR ATMOS- PHERICO

Supponhamos agora que quizessemos saber qual a temperatura do CO no ar atmosferico. Nada mais teriamos que fazer do que applicar a formula conhecida

$$t = \frac{P \times C}{p \times c + p' \times c'}$$

em que

$$P = 1$$

$$C = 2403$$

$$p \times c = \frac{11}{7} \times 0,22$$

$$p' \times c' = \frac{4}{7} \times 3,33 \times 0,24$$

logo

$$t = \frac{1 \times 2403}{\frac{11}{7} \times 0,22 + \frac{4}{7} \times 3,33 \times 0,24}$$

effectuando, obtem-se

$$t = \frac{2403 \times 7}{5,61} = 2998,4$$

que vem a ser a temperatura de combustão do CO no ar atmosferico

## IMPORTANCIA DO AR NA COMBUSTÃO

E' de capital importancia o conhecimento da quantidade de ar enviado para o interior da caldeira afim de se tornar possivel a combustão.

Ora, o peso de ar necessario á combustão dum corpo facilmente se deduz da quantidade de oxygenio que os seus elementos combustiveis tem precisão.

Considerando-se que o ar é chimicamente composto, em peso, de 23 % de oxygenio e de 77 % de Az, basta saber-se a quantidade de ar que contem a porcentagem de oxygenio necessario á combustão dum Kilo de H e de C.

Para isso temos que, o resultado final da combustão de H é o vapor dagua, sendo a combinação feita na razão de 2 atomos de H para 1 atomo de O, ou então, levando em conta os pesos respectivos na razão de 1 k de H para 8 k de O.

Dahi a proporção:

$$1 \text{ k de ar contem } 0,23 \text{ de O}$$

$$x \text{ de ar conterão } 8 \text{ de O}$$

ou

$$\frac{1}{x} = \frac{0,23}{8}$$

donde

$$x = \frac{8}{0,23} = \frac{800}{23} = 34,7$$

quantidade essa necessaria á queima de 1 k de H.

Identicamente, teriamos que o resultado final da combustão do carbono seria o acido

carbonico, sendo que a combustão effectuar-se-ia na razão de 1 atomo de carbono para 2 atomos de oxygenio, ou de 1 k de C para 2k,67 de O. Dahi, a proporção:

$$1 \text{ k de ar contem } 0,23 \text{ de O}$$

$$x \text{ de ar conterão } 2,67 \text{ de O}$$

ou

$$x = \frac{2,67}{0,23} = 11,6$$

quantidade que necessita-se para a queima de 1 k de C.

Resumindo, conclue-se a necessidade de 34k,7 de ar para, obter 8 k de O precisos á queima de 1 k de H e de 11k,6 de ar para se ter 2k,67 de O para a queima de 1 k de C.

Se considerarmos um combustivel com

C	de carbono e	H
100		100

de hydrogenio, teremos que para 1 k de sua combustão elle necessita de um peso minimo de ar expresso pela formula

$$(1) \text{ Q ar} = \frac{C}{100} \times 11,6 + \frac{H}{100} \times 34,7$$

Um exemplo nos esclarecerá melhor o assumpto.

Supponhamos ter-se recebido a bordo, um combustivel, encerrando 80 % de C e 5 % de H applicando a formula

$$(1) \text{ Q ar} = \frac{80}{100} \times 11,6 + \frac{5}{100} \times 34,7 = 11,015$$

é este o numero theorico que se adapta para os combustiveis, mas é um minimum e geralmente dobra-se-o na pratica.

A transformação deste peso em volume se estabelece facilmente, sabendo-se que 1 m<sup>3</sup> de ar pesa cerca de 1k,293, e tem-se

$$x \text{ de ar} = 11 \text{ k, } 015$$

$$1 \text{ de ar} = 1, \text{ k, } 293$$

donde

$$x = \frac{11,015}{1,293} = 8 \text{ m}^3, 6$$

Como na pratica se dobra esse valor, são então 2 k ou 17 m<sup>3</sup> de ar que se fornecerá a cada Kilo de combustivel considerado.

Se tivessesmos queimado 80 k do combustivel por m<sup>2</sup> de superficie e por hora,

$$80 \times 11 = 880 \text{ k por m}^2$$

Se a caldeira tiver 3 m<sup>2</sup>, virá

$$880 \times 3 = 2620 \text{ k}$$

de ar para a queima de combustivel em uma hora.

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

**166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro**

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

**Bernado — Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriaes, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

**Bernice — Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, apparatus auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho e A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

**Brandão — Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecânica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

**Naval — Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmulas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanslau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas 8\$

**Madre — Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes 8\$

**Combate — Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8\$

**Acesoro — Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paíões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Instalação do apparatus motor; Instalações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

**Conduto — Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

**Navegal — Manual do Navegante.** Signaes maritimos, pharóes, boias e balizas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

**Piltage — Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

**Fundura — Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

# Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA  
BRAZILEIRA

PATENTE No. 14.743

# "RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

## ALVARO ALBERTO

( OFFICIAL DE MARINHA )

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

VENDEDORES :

## P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco 29 - Rio de Janeiro.

Telephone Norte 3974  
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.

PERSPECTIVA DO NOVO EDIFICIO  
DO MINISTERIO DA MARINHA.



ESCRITORIO TECHNICO  
RAJA GABAGLIA

ENGENHEIROS CIVIS

PROJECTA — ADMINISTRA — FISCALISA

× × × × EMPREITA: × × × ×

× × OBRAS HYDRAULICAS × ×

× × CONCRETO ARMADO × ×

Instalações industriaes e electricas—Estradas de ferro e rodagem

Rua da Quitanda, 96  
1º andar

Rio de Janeiro  
Phone N. 2122



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.

REDACTOR-CHEFE  
A. M. BUARQUE DE LIMA

## A eterna derrota

(ESPECIAL PARA A Galera)

*Morre, espedaça-te, onda! É o teu destino. Estoura  
Antes de ter galgado o pincaro das fraguas.  
Canta no teu soluço a gloria immorredoura  
De tombar pelo ideal - o louco ideal das aguas. . .*

*Contra o rochêdo nú que um sol eterno doura,  
Minhas ansias atiro - espedaço-as, esmago-as;  
E hei de ter, como o mar, pela alvorada loura,  
Em mansa quietação, desilludidas maguas.*

*Essa é a hora em que o mar, em placido remanso,  
Parece, aniquilado, entregar-se ao descanso,  
Mas, pelas rochas, a onda em lagrimas escorre. . .*

*E ha de voltar de novo a uivar em lucta insana,  
Num desespero igual ao da fraqueza humana,  
Erguendo novo ideal sobre o sonho que morre. . .*

Anna Amélia do Queiroz Carneiro de Mendonça

Rio, 1925

# S U M M A R I O

---

<i>A eterna derrota</i> . . . . .	Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça . . .	Capa
<i>Caravelas</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . .	1
<i>Contradições</i> . . . . .	A. Gomes Ferraz . . . . .	2
<i>O prisioneiro</i> . . . . .	O. C. . . . .	3
<i>Doutrina</i> . . . . .	Antonio Bardy . . . . .	5
<i>Sereia</i> . . . . .	Velho Sobrinho . . . . .	7
<i>Segunda-feira na Escola Naval</i> Peter-Pan . . . . .		8
<i>A frotilha em commissão</i> . . .	Luigi Barzini . . . . .	12
<i>Aysha</i> . . . . .	A. M. Buarque de Lima . . .	13
<i>Perfil</i> . . . . .	Tenente . . . . .	14
<i>Revista de Revistas</i> . . . . .	L. R. . . . .	15
<i>Lição do Extremo-Oriente</i> . .	Ruy Barbosa . . . . .	18
<i>A arte de navegar</i> . . . . .	Eugenio da Silva Possolo . .	20
<i>Sem titulo</i> . . . . .	Tenente . . . . .	20
<i>Ocaso</i> . . . . .	Gastão Penalva . . . . .	21
<i>Patria</i> . . . . .	Goulart de Andrade . . . . .	22
<i>Entre canibaes</i> . . . . .	J. D. B. . . . .	23
<i>Coisas que incommodam</i> . . .	Joaquim Pernambuco . . . .	24
<i>Villa Ventura</i> . . . . .	Alvaro Moreyra . . . . .	25
<i>Revelação</i> . . . . .	Henriqueta Lisboa . . . . .	25
<i>A Academia e a Marinha</i> . . .	A. M. Buarque de Lima . . .	26
<i>Devoradores de reis</i> . . . . .	Malba Tahan . . . . .	27
<i>Combustiveis</i> . . . . .	J. L. Belart . . . . .	28

---

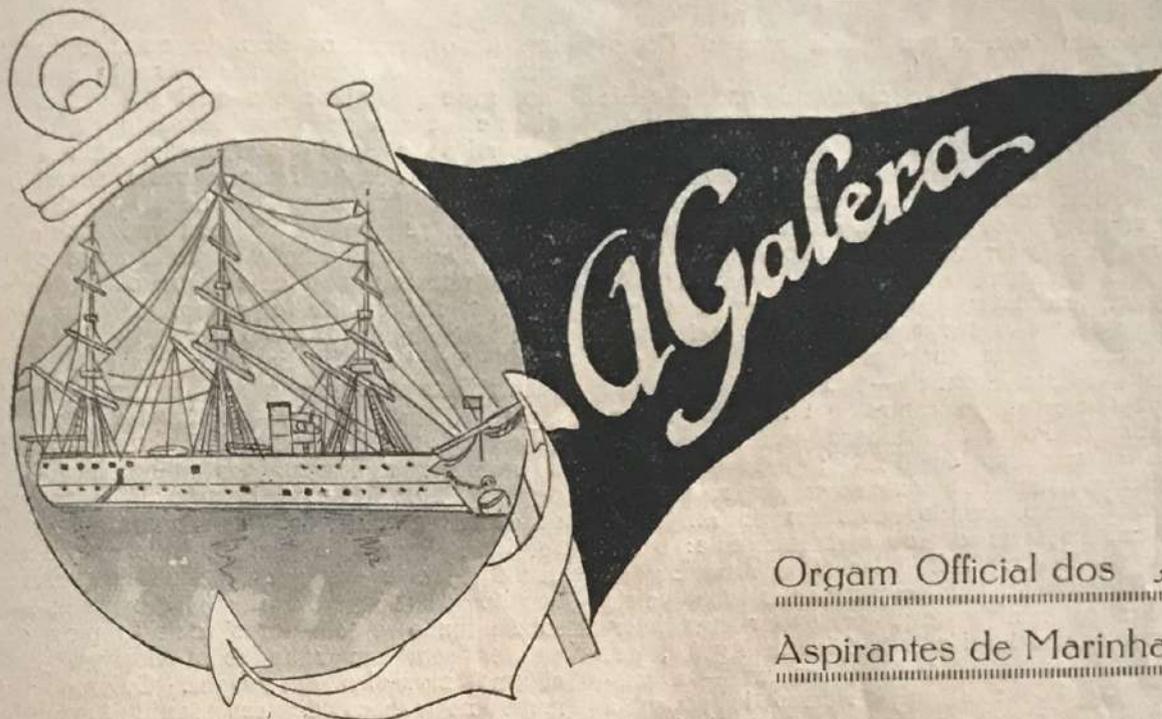
REDACÇÃO:

ESCOLA NAVAL ILHA DAS ENXADAS

RIO DE JANEIRO

---

ASSIGNATURA ANNUAL . . . 165000



Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor esportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha.

## CARAVELAS

A. M. Buarque de Lima.

...et l'esprit des marins d'autrefois flotte et flottera sur les eaux éternellement. — CLAUDE FARRÈRE.

A caravela é a gloria do seculo XV e Colombo é o rei da caravela. Nem o Protestantismo com a sua insurreição religiosa, nem o Renascimento com a sua refluorecência artistica logram romper a penumbra que projectam sobre elles as velas dos descobrimentos. No oceano taúlha, pompeia, exulta todo o crepusculo medieval da Europa, como o do Sol para o observador das suas plagas. Dir-se-ia que que os homens o buscavam por lavar-se do sangue em que os tingia o odio dessa quadra tormentosa, desse pesadêlo da Humanidade.

Até então o mar servira ao trafico e á luta; agora ia ratificar a predieção da sciencia, desmentir a orthodoxia dos concilios, integrar o mundo, que desaggrega, immortalizar o homem, que fascina. Porque Colombo é o apaixonado do mar. Toda a vida do marinheiro genovês, a cuja sagração não falta nem a adversidade, que só o poupou no instante fugitivo da culminação da gloria, toda a sua vida, desde a incerta adolescencia, por elle injustamente negada na sua humildade dignificante, decorre-lhe na investigação dos assumptos nauticos, na meditação profunda da indigente cosmographia da época, na contemplação commovida dos planispherios, no trato indefesso dos autores antigos e contemporaneos, a quem suggestionou o segredo das ondas. Com Toscanelli, o sabio florentino, trata de viva voz, e esquadrinha com os mais arrojados capitães o Mediterraneo, até onde lhe consentiam os Arabes e o Atlantico, até onde lhe permittia a superstição. E elle mesmo quem o confessa: Entré a navegar en el mar de muy tienra edad y lo ha continuado hasta hoy, pues el mismo arte inclina

a quien le sigue a desear saber los secretos de este mundo, y ya pasan de cuarenta los años que lo estoy usando; en todas las partes que hoy se navegan, mis traficos y conversaciones han sido con gente sábia, latinos, griegos, indios, moros y otras diferentes sectas.

Assim, navegando e inquirindo, estudando e conjecturando, rolando nas mãos fragmentos de madeira, que lhe deparavam as viagens para o occidente, cada vez mais se lhe enraiza a certeza da existencia das terras ultramarinas, no rumo das quaes toparia el Levante por el Poniente — o caminho para as Indias ambicionadas e maravilhosas. E o nomearam mesmo el que halló las Indias.

Essa intuição foi a sua gloria e o seu martyrio. Antes da manhã luminosa de Agosto, em que deixava á ré a Andaluzia e prefigurava á vante as Indias, a simples enunciação do seu plano, a logica das deducções dos seus estudos, o testemunha dos indicios das suas viagens, tudo era havido por fallacia e vaidade. Em Portugal, onde viveu desenhando cartas e consultando os mareantes de Sagres, assim o jugou a junta, a que o remetêra D. João II. Mas ahi conheceu a filha de Perestrello. E a Lusitania, que o repelliria mais tarde pelo parecer dos seus sabios, vae deparar-lhe mais uma fonte para as pesquisas: os documentos do sogro. Em Porto-Santo, bem perto das ondas, ei-lo no recesso do lar feliz, fronteiro ao mar, ouvindo-o, perscrutando-o, sentindo-o.

Baldada a primeira tentativa, dizem alguns que recorreu á Inglaterra e á França, a Genova e a Veneza, ninhos de caravelas. Nada ha positivo sobre esses apellos, que, se existiram,

só podem reverter em gloria para o Descobridor.

Na Espanha, entretanto, é que elle de tacto peregrina, gravitando em torno á corte, apprehensiva da guerra com os Mouros. E ahí uma incoherencia define bem o espirito estreito da época: com os livros santos infirmam-lhe as affirmações os theologos, convocados em concílio pelos reis; com o mesmo texto biblico retruca Colombo, lembrando a prophécia do Senhor, consoante á qual da Espanha é que se propagará o seu santo nome. Vencidos do seu ardor e da sua palavra fogosa — elle talava admiravelmente — varios ministros da Igreja escudam-no contra a férula da intolerancia; D. Pedro de Mendoza, cardeal de Espanha e arcebispo de Toledo; João Perez de Marchena, um dos confessores da rainha, e João Cabrero, um dos capellães do rei. Dois, porém, amparam-no mais carinhosamente: o duque de Medina Coeli e Isabel, a alma cor de rosa de Isabel, em cujas hostes elle peleja contra os inimigos seculares, e por cuja intercessão, numa limpida sexta-feira de Agosto, tres caravelas espalmam as velas brancas — as malhas da rêde com que Colombo ia pescar a America. Num dos mastros da Santa-Maria serpeia ao vento a sua flammula, cujo regaço triangular parece em breve ter baixado do tope ás ondas, ter-se estendido da Europa á America na esteira das aguas espumaradas. Era a plenitude da felicidade, cuja realização lhe embranquecêra os cabellos; era o primeiro rufo de asas para o remigio que já entrevia. Deante disso, o que lhe importava fossem os navios tripulados de criminosos, a quem se prometêra o indulto em recompensa? Para attenuar a ignorancia dos marujos improvisados, ahí estava a *bussola*, e o *astrolabio*, e o milagre do seu ardor de visionario, e a miragem doirada das Indias.

Passam-se as semanas e ellas não apparecem; aquella gente já desesperava de encontrá-

las, tantos eram os dias de cruzeiro entre as nuvens e as espumas, entre o trovão e o marulho, entre a saudade e a duvida. Colombo, previdente, se reserva o conhecimento da distancia percorrida; e, sendo interpellado, redu-la quase á metade. A lenda fantasia nessa occasião um motim; embóra não o mencione o *diario* do almirante, certo não se falseou muito a verdade. Em meio a tanto mar e a tanta ansia só duas coisas minoravam o desespero: os pedaços de madeira, indícios de terra proxima, e a grande cruz vermelha, cujos braços se abriam do concavo branco das velas, numa esperança e numa bençãam... Essa esperança é que se concretizou pela madrugada de 12 de Outubro no brado do gageiro da *Pinta*, quando lobrigou sublinhando o horizonte a silhueta das montanhas da ilha de Wathing. Foi esse instante a unica tregua de desventura na vida do visionario, agora descobridor. Essa vida tem qualquer coisa semelhante á sorte das aves marinhas: espriam o vôo do rochedo perdido na immensidade, sobem, sobem muito, e tombam silenciosas para desaparecer sem um rufo, sem um gorgeio no abysmo movediço das vagas. Colombo lutára muito no esboço do seu sonho; mas lutára com a incredulidade e a ignorancia. Os novos inimigos, esses eram mais odientos: a inveja, a calunnia e o despeito, a alma negra de Bobadilla. E nelles a sua vida desaparece, como a das aves no embate das ondas. Por elles, pela trama que urdiram, pelo veneno que inocularam, de nada lhe valeu, ao grande navegador, as quatro viagens ás terras que revelára á civilização. Numa dessas odysseias torna a Castella acorrentado: era o primeiro galé que a America devolvia á Europa, como fôra o primeiro nauta que a Europa enviára á America. E pouco depois, em Valladolid, no 21 de Maio de 1506, finava-se, abandonado, indigente, infamado o *Amiraglio Christoforo Colombo* — o rei da Caravela, o beduino do Atlantico, o adivinho da America.

## CONTRADIÇÕES



Fragata Escola, 4 de Maio 1887.

A. GOMES FERRAZ

A tua boca e os teus olhos,  
Que eterna contradicção!  
Quando os olhos dizem — sim —  
A boca responde — não —!

Dizem amor os teus olhos,  
E a linda boca — desdem —  
Assim, não se sabe ao certo,  
Quando queres mal ou bem.

Teus olhos negros ditinos,  
A tua boca mimosa,  
Se os olhos adoram o cravo,  
A boca namora a rosa.

Mysterio!... Jamais vio-se coisa semelhante.  
Mente a boca desdenhosa,  
Ao teu olhar de diamante  
E ninguém sabe explicar  
A causa deste mysterio,  
Quê faz sorrir uma boca,  
E faz o olhar ficar serio!

E quando olhos e boca  
Estão em contradicção,  
Se ao menos se conhecesse  
Como falla o coração,  
Facil seria acertar  
Qual dos dois, mentia então,  
Se os olhos á tua boca,  
Se a bocca ao teu coração.



## O PRISIONEIRO



Na nossa viagem de instrução nós tivemos a responsabilidade de um prisioneiro a bordo.

Ignorado pela maioria da guarnição, vivia segregado na prôa, fechado a cadeado, como um animal feroz, só recebendo a visita do seu carcereiro, um homem da taifa, que fôra encarregado de lhe dar as refeições. Casmurro, concentrado, sempre rondando a sua prisão na ancã de recobrar a liberdade, nunca deu uma palavra a ninguém, entrincheirado num mutismo inquebrantável, que não deixava sequer entrever a sombra dos pensamentos mãos que lhe germinavam no cerebro rudimentar. Incapaz de ter na sua cella uma noção da viagem que fazia, nem o fim a que se destinava, minava-lhe a alma o desejo agudo de evadir-se, que lhe dava ao olhar uma expressão de odio á vista do carcereiro.

Revoltava-se intimamente contra aquella prisão, que considerava illegal, tratado como era com um severo encarceramento, sem ter tido ao menos um minuto para desentorpecer os membros passeando pelo convez, desde que viera preso para bordo. Não lhe haviam dado nem a dura enxerga, a que os condemnados têm direito, e dormia no chão nauseabundo da cella, onde elle era obrigado a satisfazer todas as suas necessidades, porque da prisão a bordo elle só sahiria para o destino ignorado e por isso mesmo terrível, que o aguardava.

Tamanho rigor na adversidade, que o puzera sob as mãos cruéis, que o tinham encarcerado, tornavam-no cada vez mais sedento de liberdade e de vingança. Ninguém, dos poucos que sabiam da existencia de um prisioneiro a bordo, conhecia o seu crime ou a injustiça que o fazia tratar assim. Longos e longos dias de cruzeiro a panno, demoradas calmarias em alto mar, rapidas horas no porto, tudo elle passava na sua deshumana reclusão, ignorado de quasi todos, encerrado no seu mutismo, que era uma outra prisão voluntaria, talvez mais terrível e mais expressiva. Eu só vim a saber de sua existencia no dia em que elle tentou evadir-se. Tíhamos chegado a Santos, atracando ao caes. Talvez porque lhe tivesse chegado o conhecimento de tão favoravel occasião, preparou-se com todos os meios para a evasão, que quasi leva a effeito. Foi assim que elle esperou pela noite. Veio uma noite quente de Março, sem estrellas, coberta de nuvens, com um haio sulfocante, que precede os temporaes, e relampagos rapidos riscando o céu lá para o fundo do canal, onde se perfilam os montes, como atalaias á escuta.

A bordo todo o mundo dormia. A guarnição, deitada nos macas, descansava das farchinas e das fainas da vespera. No caes, mal illuminado, com um fusil ao ombro, um homem da guarda passeava somnolento, rondando de pôpa a prôa do navio. Vigias, no castello e no tombadilho, luctavam desesperadamente com o somno, passeando como automatos de um para outro bordo. A's horas impares rendia-se o serviço e continuavam as rondas silenciosas, em quanto o cabo de quarto se aproveitava de

um ou outro momento para se encostar bocejando a um pé de carneiro.

Eu entrara de quarto á meia noite e arrastava pelo convez com o meu máo humor aquella pesada cruz do páo de meia-noite ás quatro, que tem feito tanta gente bôa neurasthenica.

Um re'ogio longinquo bateu duas horas lá para os lados do largo do Rosario. O edificio esca'avrado da Alfandega perfilava-se em frente numa interrupção da linha de armazens. De um café fronteiro vinham risadas e tinar de copos. Um ou outro noctivago se esgueirava ao longe, a caminho de casa, ou um policial passava a contemplar intimamente a mesma lucta de sempre entre o somno e o dever.

No meu passeio deploravel de um portaló a outro, resoava o convez gasto do velho navio, aonde muitos outros passos ainda hão de resoar depois dos meus no convez mais gasto ainda.

Parei no portaló de BE que estava com a escada içada, olhando para o mar que se assemelhava a um grande lago de tinta, tão escura era a noite. A fraca luz de policia dava ás cousas tonalidades de pesadelo, recortando sombras caprichosas de vãos e de picadeiros, ou se perdendo nas aduchas de cabo. De repente uma sombra ce'ere resvalou pelo talabardão para o tombadilho, tão rapida que não pude precisar o que fosse, e cuidei que um gato de bordo se entregava á caça dos enormes ratos, que o navio alimentava no seu bojo. Mas já descia a escada do tombadilho, apavorado, offegante, o vigia de ré:

— E' elle, seu tenente! elle fugiu! está lá em cima escondido atraz de uma boneca! Elle estava preso na prôa! não sei como poude fugir!

O marujo estava tão emocionado, que eu senti um arrepio me percorrer a espinha, mas havia antes de tudo o dever, a responsabilidade de offic'al de quarto, que me obrigava a aceitar em primeiro logar todos os perigos:

— Elle é máo? — inquiri eu.

— E' sim, seu tenente. Elle uma vez mordeu a mão do taifeiro!

O caso é grave, mas era preciso resolver-o sem a'armar a guarnição. Depois, o sigillo com que fôra guardado até então o prisioneiro, a ponto de até eu, que estava de quarto, ignorar a sua existencia a bordo, obrigava-me a agir com o menor numero de homens possivel, para que não se divulgasse um segredo, que talvez até pertencesse ao estado.

Reuni os vigias, o cabo de quarto e o contra-me'te de serviço. Mandei o senti e la tomar conta do portaló de BB e subi com mil precauções ao tombadilho. Eu estava armado de revolver e creio que por isso elle não me atacou, mas, quando me approximei do mastro elle surgiu dentre os cabos e em pulos rapidos e nervosos desceu para o convez. Ahi estabeleceu-se uma caça terrível. Elle esgueirava-se por entre os cabos, passava por debaixo das macas, pulava por cima do guincho, contornava o mastro grande, numa ancã, em rapidos saltos, que denotavam uma agilidade espantosa.

Afinal, numa lucta rapida e sem ruido, foi dominado e a custo levado novamente para a sua cella, onde voltou á casmurice de sempre, mais inquieto, recebendo a approximação do carcereiro com rugidos de raiva, cercado de maior vigilancia do pessoal que o guardava, mas ruminando no seu cerebro uma nova fuga, amadurecendo um outro plano de evasão, que lhe devia ser fatal.

Veio assim o dia da partida. Os cabrestantes viraram, com o enfadonho tinir dos linguetes saltando; a amarra entrou a bater compassada aos arrancos sobre o convez; depois foi a primeira risada do servo-motor e o navio arfou sob a trepidação vigorosa da machina dando adeante.

Ficaram para traz a ponte das barcas de Guarujá, o posto de Itapema, os clubs de regatas de outra margem e os postes de energia electrica do Macuco. Desfiou-se aos nossos olhos a longa fileira de armazens com o cosmopolita parasitismo de innumerables cargueiros, deante dos quaes trabalham enfadonhos a rasgar os ecos com gargalhadas metallicas os guindastes poderosos, ou resfolegam cansadas, a arcar com o rosario de muitos annos, as ligeiras locomotivas das Docas.

Formados no convez e no tombadilho acompanhavamos com olhares saudosos o desdobrar das praias para cujo interior ficavam as saudades de alguns dias de festas e de ligeiros romances á moda de Butterfly.

Afinal era o adeus da Escola de Aprendizes, cujos alumnos, em postos de continencia, pontilhavam de branco enxarcias e vergas do mastro.

Do passadiço veio o breve toque de «sentido». Depois a banda atacou um dobrado e nós passamos para mais uns dias de cruzeiro, longe de tudo e de todos, entre o céu e o mar, na prisão de um veleiro.

Foi quando se deu a tragedia. Alguem correu do castello até o portaló de BB e olhou ancioso para os ondas:

— Elle atirou-se ao mar!

O tinir estridente do telegrapho da machina ressoou como um dobre de finados. O navio parou. Olhares anciosos pesquisaram do alto do tombadilho o redomoinho da esteira. Vimos ainda um vulto que se debatia.



O Almirante Nelson na camara da "Victory"

Foi assim que morreu o estranho prisioneiro, que traziamos a bordo nesta viagem. O indifferentismo dos homens nada fez para salvá-lo. Nem um escaler arriaram. Viram-no desaparecer e depois o telegrapho retiniu novamente ordenando «adeante».

Mas elle morreu como um estoico. Preferiu o consolo de uma morte livre á vida de captiveiro que a crueldade dos homens lhe dera por destino. Aproveitou-se dos descuidos dos guardas entretidos com a partida do navio e fugiu; esgueirou-se pelo páo de sorriola atracado ao costado. Quizeram detê-lo: foi balcão o esforço. Cercaram-no esperando que o

medo de morrer o fizesse voltar ás mãos dos seus algozes.

E foi com uma pontinha de remorso que aquelle mesmo ronda, que me ajudára a prendel-o em Santos, veio me falar á tarde, quando o navio com as velas cheias, caminho do mar alto, deixava ao longe, no espumado do horizonte, o perfil azulado da Moella:

— O senhor se lembra d'elle, seu tenente, aquella noite lá em Santos? Deu tanto trabalho pra Morrê agora. Tambem o taifa é que está enrascaão. Eu sempre disse a elle:

Toma cuidado com o Guaxim de seu tenente Andrade Pinto!...

O. C.

SP

SP

SP

# DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy á Escola Naval de Guerra em 1922.

## CAPITULO V

### Doutrina e suas relações com a logistica

A medida que um exercito se afasta da sua base, as leis de uma boa logistica indicam a necessidade de se organizar uma linha de operações e de etapas, capaz de servir de ligação entre esse exercito e a sua base.

Barão de Jomini.

«Se a guerra moderna — diz o Commandante Britto e Cunha — é, para uma nação, a sua maxima empresa industrial, as regras que a governam devem ser, **primeiro**, as que se applicam ao exito das grandes industrias, e, depois, nos theatros das luctas, as leis eternas da estratégia e a complexa e caprichosa sciencia tactica».

A guerra de 1914, realizando, em toda a sua plenitude, o conceito Goltzeano da Nação Armada, revolucionou, da maneira mais radical, o que, desde os tempos guerreiros do Grande Frederico e de Napoleão Bonaparte, se conhecia pelo nome de Logistica.

Se, naquelles tempos guerreiros, as attribuições da Logistica, por serem tão numerosas, difficilmente se accommodavam nos dezoito paragraphos em que, com tanta minucia, as ordenou Jomini; se «a sciencia de preparar as applicações da Estrategia e da Tactica» se incumbia até mesmo de «bem redigir todas as ordens do General em Chefe, para os diversos committimentos, e bem assim os projectos de ataque para os combates previstos ou premeditados»; em compensação, depois que a guerra passou a ser eminentemente nacional, es as attribuições ao mesmo tempo que se restringiram, sobremaneira, no tocante á sua complexidade, deveram assumir a feição e o vulto extraordinarios que todos ultimamente observaram, e que necessitam de ser assim extraordinarios para se tornar compatíveis com «a maxima empresa industrial de um paiz»: a guerra moderna.

Quer até parecer-me que, em virtude de ser a **previsão** o característico essencial da Sciencia, jámais a Logistica mereceu tanto esta classificação como a partir de 1914.

De facto, as lições da Guerra Universal mostraram, com a maior evidencia, que, sendo as guerras de hoje, além do mais, **caprichosos** duellos de recursos, devem todos os paizes que se governam por uma doutrina verdadeiramente nacional (1), investir, em tempo de paz, por intermedio de agentes adequados, e com o auxilio indispensavel de um excellenté serviço de Estatística, qual a totalidade dos multiplos recursos capazes de lhes permittir a **provisão** do proprio folego guerreiro, e, sobretudo, do proprio alcance offensivo.

Por occasião dos conhecidos golpes offensivos que a Alemanha vibrou contra a Russia,

já no começo da guerra, já quando o colosso moscovita ameaçava desassociar-se por completo, não foi raro observar-se que, poucos dias depois de uma completa victoria, eram os Allemães como que forçados a retirar-se a toda a pressa, a modo que os tivessem os Russos repellido com vigilancia, mediante habilissimos contra-ataques.

E' que, levando a sua penetração offensiva muito além do que lhes podiam aconselhar «as leis de uma boa Logistica», encontravam-se os Allemães, quando menos esperavam, inteiramente desaperecebidos não só da quantidade de munição de guerra indispensavel á continuação da offensiva, sinão também do municionamento de bocca e de outros recursos necessarios ao sustento e á prestabilidade militar do soldado.

Foi isso o que, em escala muito mais elevada, e motivando um completo desastre, se passou com o grande Bonaparte, em 1812, durante a campanha da Russia.

Como é sabido, á proporção que as forças do Imperador avançavam, os Russos precipitavam o recuo; mas, como punham fogo nos campos e inutilizavam as searas, transformava-se o theatro das operações num verdadeiro **vácuo logistico**.

Não obstante, Bonaparte venceu no Borodino; mas, ao se avizinhar de Moscow, viu-a presa das chammas.

Dahi, veio a retirada: dos quatrocentos mil homens que iniciaram a campanha, tresentos e oitenta mil, foram adormecendo no gelo e não despertaram mais (2).

Innegavelmente, escapára ao grande genio da guerra, como, cento e tres annos depois, esquecerá á meticolosa previsão do Estado Maior do Kaiser, que a **OFFENSIVA SÓ PÓDE ATE' ONDE PÓDE A LOGISTICA**.

Demais disso, sempre a História nos mostra que, com a Russia, é preciso fazer Logistica dobrada.

—o—

Com a guerra de 1914, ficou definitivamente firmado que, para realizarem a «sua maxima empresa industrial», não devem as nações que se empenham em lucta, relegar o campo

(1) Não haverá doutrina verdadeiramente nacional, se della não fizer parte, como factor eliminatório, uma boa doutrina militar Cap. II.

(2) Assim dizia a recommendação ao exercito retirante: "Quem pára, senta-se; quem se senta, deita-se; quem se deita, dorme; quem dorme, não acorda mais."

actual (1) da Logistica aos Estados Maiores Militares. Não. Conforme se observou dessa guerra, as forças em um dado instante mobilizadas para a batalha, nada mais são do que destacamentos avançados, sempre em renovação, do grande exercito nacional que, constituído por todos os individuos válidos de ambos os sexos e de todas as condições sociaes, trabalha em especializações diferentes, nos tres grandes ramaes da Logistica moderna:

- a). — **A LOGISTICA MATERIAL**, que comprehende: o municiamiento regular e completo de todas as tropas mobilizadas; a distribuição equitativa, em todo o paiz, dos generos de primeira necessidade, na previsão de que possam, em breve, rarear; a aquisição e o consumo regular do combustível; a adaptação de todas as fabricas e officinas do paiz ao fabrico de munições, armas, machinas de guerra, locomotivas, trilhos, etc.; utilização de todos os inventos que se possam apropriar á destruição do inimigo; e, finalmente, a utilização, de um modo geral, de tudo quanto materialmente se possa transformar em recursos de guerra.
- b). — **A LOGISTICA FINANCEIRO-ECONOMICA**, que comprehende: o arrolamento global do thesouro publico e privado; a regulamentação do movimento dos capitães particulares para o exterior do paiz; a utilização dos dinheiros nacionaes no custeio geral da guerra.
- c). — **A LOGISTICA MORAL**, que comprehende: a acção persuasiva da Imprensa, no sentido de sustentar, no interior, a força moral do seu povo, e alliciar contra o inimigo, no exterior, novos odios e novos sentimentos hostis; a intervenção da Diplomacia no mesmo sentido que a da Imprensa no exterior; a presença ubi-

(1) Actual, isto é, de acção.

qua dos grandes vultos dirigentes (1) — verdadeiros condensadores de força moral — para reavivar a chamma patriótica, que é um dos factores mais poderosos de quantos podem formar o folego guerreiro.

—o—

Tal foi a Logistica do Imperio Allemão nesta ultima guerra; tal deveu, então, ser a Logistica dos Alliados: **UMA LOGISTICA EMINENTEMENTE NACIONAL**, a unica que poderá, d'ora avante, corresponder ás exigencias da **NAÇÃO ARMADA**.

Comquanto as relações entre a Doutrina e a Logistica tenham emergido, naturalmente, do contexto do presente Capitulo, desejo, inda assim, destacar as seguintes, as quaes — segundo penso — confirmam a orientação que vem tendo este breve trabalho.

- a). — **A OFFENSIVA SÓ PODE ATÉ ONDE PODE A LOGISTICA** — preceito que a licção de todas as guerras impõe como uma das «permanentes necessarias» da Doutrina Militar.
- b). — Depois que a ultima guerra veio realizar, em toda a sua plenitude, o conceito Goltzeano da nação armada, todo o povo que se governa por uma doutrina verdadeiramente nacional, sabe, pela evidencia dos factos, que, em caso de guerra, o paiz se transformará em uma officina universal, onde, exercendo especializações diferentes, todos os que não constituem o destacamento avançado (2), trabalham para a destruição do inimigo, em um dos tres ramaes da Logistica moderna: **LOGISTICA MATERIAL, LOGISTICA FINANCEIRO-ECONOMICA E LOGISTICA MORAL**.

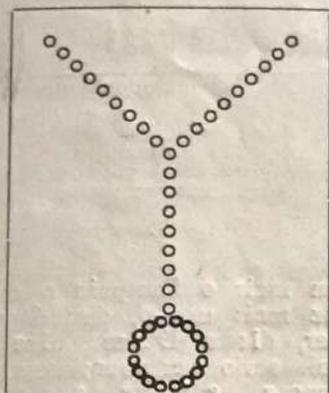
(1) Rei Alberto, Lloyd George, Clemenceau, etc.  
(2) As forças mobilizadas para a batalha.

**CASA VIEIRA NUNES**

.. **ARTIGOS PARA HOMENS** ..

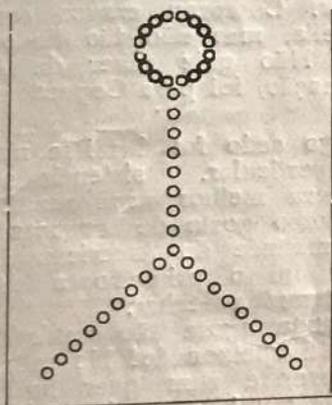
**FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO**

**AVENIDA RIO BRANCO, 142**



# Sereia

( Inédito )



Do alvo lençol de espuma, aos repêdes, liberta,  
Ergues o busto aos céos na crista azul da vaga !  
No vozeirão dos buçios, á amplidão deserta,  
O corpo teu desnudo a víração propaga !

De mar em mar e praía em praía e plaga em plaga  
Tua canção de amor cut as canções desperta !  
Em perolas, a rir, tua bocca embrígaga,  
E a derrota das náus é vacillante e incerta !

De algas aureolada e envolvída em sargaços,  
Corres em cabriola as aguas, pólo a pólo,  
Sem susto e sem pudor, sem medo e sem receíos !

O velho mar, cioso, estreita-te nos braços,  
E beija e lambe e morde as conchas do teu collo  
E morde e beija e lambe os coraes dos teus seíos !



“Céu e Mar”  
(Livro em preparo)

Delho  
Sobrínho

## Segunda-feira na Escola Naval

As saudades que nos cercam  
Parecem ondas do mar:  
Vêm umas, voltam, vêm outras,  
Sem um instante parar!

Esta palavra saudade  
Aquelle que a inventou  
A primeira vez que a disse  
Com certeza que chorou.

Lopes Vieira

(Trova popular portugueza)

Se o sabbado é todo de esperanças, que nos enche de alegrias o coração; Segunda-feira é um dia triste, todo saudade e recordação.

Saudade de tudo o que nos fez feliz; do conchego do lar... e do que não se diz.

Saudades das horas de felicidade; todas cheias de flirt, prazer e liberdade.

Saudades dos cinemas, dos chás, das melindrosas; que nos deram tantas horas venturosas.

Saudade de poder dormir tranquillo, de sonhar, sem receio do clarim nos acordar!

Segunda-Feira... Volta a Escola, onde nem siquer existe a graça, o perfume, o encanto da mulher!

Segunda-Feira! O Aspirante odeia este dia, se podessemos elle não existiria.

Os Aspirantes na Segunda-Feira se reúnem animados conversando, e o que fez no sabbado e no domingo, cada um, por sua vez, lá vai contando.

Num canto do salão estão reunidos, e animados conversam os do «Bloco Motor». E o que é que elles fallam e discutem?

Sempre a mesma cousa — flirt, amor.

O pessoal deste Bloco é perigoso, e muito tem elles que contar. O que fizeram no sabbado e domingo? Andaram atrás das melindrosas a flirtar.

Foram ao theatro, ao cabaret, a bailes, passaram a noite inteira a dansar, mas ás 8 da manhã lá no Flamengo, já ensinavam pequenas a nadar.

E' um «Bloco» sacudido e resistente, passa a noite em claro e não o sente.

Vão a missa, não para rezar, vão só as melindrosas ver passar. E quando ellas da Igreja vão sahindo, elles ousados as vão seguindo.

Em cada lugar que comparecem, tem sempre uma Dona Bôa a quem amar, e nisto fazem elles muito bem, são rapazes..... e é aproveitar.

O Sampaio diz com aquelle ar, que é só delto, e não se pode imitar:

«Passei o meu sabbado, eu lhes vou contar, a ler um bello romance de Alencar.... Li, creiam, não fiquei cansado. Que bravura a do guerreiro branco ousado!... Que lindo livro! Tem-se pena de acabar.... quando se chega ao fim, já se quer recommençar..... O meu domingo consagrei á poesia, a apreciar de Luiz Carlos a mais perfeita criação.... Vocês não imaginam que obra prima, e como vai directa ao coração!... E' uma obra cheia de encanto e ternura, toda ella em cada linha é formosura.»

A' tarde não sahi de casa, não quiz passeiar, na minha vizinhança tem muito que encantar».

Diz o Moss ao Ferraz: «Quem podia imaginar, que o Sampaio apreciase tanto Alencar... E o Ferraz diz sorrindo: quem diria, que o Sampaio apreciase tanto poesia.....»

E não tem mais o Sampaio o anel que tinha? Não quiz mais usal-o, deu á vizinha.

Que prazer, diz o Djalma, tive hontem, capaz de ao mais serio pertubar; uma pequena gentil e tão formosa, pediu-me para ensinar-lhe a nadar. Tinha um corpo de formas divinaes, Venus de Milo, creio não teria iguaes.

Imaginem vocês que emoção, tive hontem a dar-lhe a lição!

O Heck empregou o tempo de outro modo, e como apaixonado sente-se feliz, no sabbado foi correndo antes de vel-a, comprar cravos lá na Flor de Liz. Comprou cravos roseos de uma côr tão bella, mas não tão lindos como as faces d'ella. Não quiz saber da Avenida, nem da sua animação, foi para Copacabana onde tem o coração.

No domingo cedo foi á missa n'uma capellinha que é particular. Assistencia selecta.... ella toi, assim era melhor para rezar.

A' tarde como gosta de crianças immensamente, foi á matinée do Americano.... e foi contente. Alegre foi o primeiro a chegar, e sahiu com o Cinema a fechar.

O Moss anda agora tão mudado, quem o vê diz que está apaixonado! No sabbado vai logo para a casa, e nem quer na Avenida passeiar. Foge da multidão, será receio de com Bo'lo Pachá lá se encontrar?

Não vai a festas, não quer saber de dansa, e só passeia lá na vizinhança.

O Ferraz tem tanto que contar, que o melhor que elle faz é se calar.

Está hoje aqui na Escola se lembrando, de Sonia, Mary e Jany com quem andou flirmando.

A cada uma dellas, elle diz amar, e tem jeito o rapaz para enganar.

Passou a noite do sabbado, no club a dansar, chegou em casa com o dia a despontar.

E não pode ficar tranquillo descansado, a todo o instante o telephone o está chamando. São as amiguinhas que querem conversar, não o deixam nem dormir nem descansar.

A todas marca encontros em horas diferentes, ellas acreditam nelle... e vão contentes. E elle sabe dividir o tempo muito bem... engana a todas e não desgosta a ninguem.....

O Bardy diz: «não fui ao Cinema, nem a dansa, fui fazer uma visita lá na vizinhança.

N'um palacete lindo, elegante, tinha uma pequena formosa e provocante.

E ficamos os dois sós a conversar, não tinhamos olhares a nos pertubar. Imaginem vocês que feliz situação e os resultados desta solidão...

O Mattos, no sabbado e domingo, o seu chateau a todos offerencia, e os amigos e conquistas reunidos, enchiam aquella casa de alegria!

Agora a folia se acabou... e não pode offerecer mais o chateau.

O Mattos não está muito contente, passou um sabbado de modo diferente.

O Amaral todo dado a conquista, passa seu tempo no Alto da Boa Vista.

Descobriu-se a cavação misteriosa, tudo é com uma Argentina bem formosa.

O domingo e sabbado elle não perdeu, e em doce encanto lá viveu.

Diz que está aprendendo o hespanhol a falar, e o tango argentino com ella a dansar.

Ella é uma professora muito preparada, e dá cada lição **muito bem dada**....

E por isto elle vai bem aproveitando... e o tempo que tem com ella praticando. Ella ensina mesmo muito bem, mas onde ella mora... não o diz a ninguém.

O Fischer passou um domingo socegado, um domingo de rapaz enamorado.

No sabbado foi ao Fluminense, e com que prazer esteve a dansar! Ella estava... e elle radiante quiz todos os momentos aproveitar.

Feliz, cheio de amor e de paixão, só via quem lhe roubou o coração.

E no domingo cedo em Copacabana, sem temer a chuya e nem se cansar, lá estava elle muito satisfeito e todo animado no banho de mar.

Depois foi á **matinée** do Americano, **matinée** infantil e engraçada... e o Fischer com outros Aspirantes, gostam de apreciar a **criança**.

E hoje lembra-se das segundas-feiras, em que elle e Milliet ficavam conversando, e das duas amigas gentis e seductoras, os dois passavam o dia se lembrando.

E saudoso elle olha as aguas, que no seu vai e vem, talvez lhe tragam o olhar de alguém...

O Apollinario não, pensa como os outros, que perdem o tempo em flirt e amor, aproveita tão bem seu sabbado e domingo que nem um minuto perde o Redactor.

No sabbado foi com o Secretario ao theatro, a uma bella revista assistir, e estavam tão alegres e animados, que era um prazer que se tinha em vel-os rir.

O domingo tranquillo passou a ler, o Redactor gosta sempre de aprender. Um bello livro, uma linda poesia enchem seu domingo de alegria.

Hoje aqui com o Levy Reis conversando, da Revista e de tudo que lá viu... está se lembrando.

O Levy lembra-se de tudo muito bem, mas lembra-se mais ainda de alguém....

O Meirinha veio de terra tão mudado, até parece que está apaixonado. Tem levado o recreio todo a escrever, cem vezes um nome de mulher se pode ler. É um nome tão suave que desliza, um nome que resôa como a brisal.

O Saldanha fica no sabbado na Avenida, não para as melindrosas ver passar, fica só a espera dos amigos, para sobre os **sports** conversar.

Não liga ás moças, não quer conversar, e como sempre calmo, indifferente, nos domingos vai ao **foot-ball**, sente-se feliz sem **flirt** e bem contente.

Mas, um grupo de melindrosas decidiu esta paz do Saldanha perturbar, e uma dellas, a mais formosa, apostou que o ensinaria a **flirtar**.

A melindrôsa terá razão? Dizem que sim. Mas... eu que não.

O Guaraná parece triste e sério... engano, elle gosta de rir, mas com mysterio.

Passa no club a noite se divertindo, conversando animado e sempre rindo.

No sabbado a noite divertiu-se tanto... que vel-o tão mudado causou espanto...

E, com apparencias de não ligar a ninguém, elle tudo quanto **quer** logo obtem.

O Menescal com aspecto fatigado de quem regressou á Escola ao amanhecer, de quem passou toda a noite a dansar, e descansou quando o sol estava a nascer.

Diz: «Diverti-me muito, immensamente, aproveitei bem o meu tempo e estou contente. Fui aos «Filhos de Talma». Que baile! Que folia! gente de confiança, cheia de alegria. O salão rescendia a jambo e a agua de rosa, e havia cada socia perigosa... Boa musica e tangos sem parar, e creiam que sempre tinha par. Dansou-se sempre com animação, nos intervallos gemia o violão.

E hoje aqui me sinto extenuado, de tanta **folia**, de tanto ter dansado».

O Levy Meira nos domingos anda triste, não diverte-se, perdeu a alegria. Tudo é o receio de encontrar **alguem** que mora do outro lado da bahia.

O João Costa está hoje muito alegre, só tem vontade de rir e de cantar, pois elle passou o domingo todo inteiro, com os rapazes da tuna a passeiar.

O Radmaker tem mania de cinema, e as fitas **comicas** sempre apreciou, pois no domingo, em certo cinema, seu typo preferido encontrou.

Era um typo ideal e formosissimo. E deu-lhe corda... Achou-o **engraçadissimo**.

O Guilhon passa o domingo no Central, elle gosta do que é bello... alma de artista. E senta-se logo na primeira fila, que é um ponto estrategico de **conquista**.

O Novaes e o Mario Lima, ao som do cavaquinho estão animados conversando; trouxeram de terra muito assumpto para poder ir nos outros criticando.

O **duo** Pinheiro sabe trabalhar, e ninguém pode d'elle **escapar**.

O Fragoso diz «que bom domingo, pude dormir, pude descansar! Em minha casa tão **confortavel**, sem o toque do clarim me perturbar.»

O Herman Martins passou o domingo, junto de certa ilha sózinho a remar. E veio para a Escola feliz, satisfeito, trazendo os presentes que lá foi buscar.

O Belart divertiu-se muito hontem, divertiu-se de um modo especial. A paisano, chapéo a Rodolpho Valentino, assistiu á sessão continua do Ideal.

O Barbosa — o mathematico, já tem uma paixão. Tudo effeito da chegada do verão. Num baile no sabbado, com ella se encontrou. Ella é tão seductora... elle se apaixonou.

O Lopes veio de terra preocupado, a procura de um ideal já está cansado.

Elle quer uma menina encontrar, por cujo amor tenha de lutar. Por cujo amor tenha de soffrer, trabalhos e perigos mil correr.

E passa os domingos atraz deste ideal, que não é da epoca... é medieval.

Mas, para o Lopes, a felicidade, está em tudo que é difficuldade.

O Toscano gosta da familia, e no domingo visita os parentes; mas... como é amigo dos estudos, visita mais aquelles que são lentas.

O Milton passou o domingo na roça, tinha **alguem** em São Gonçalo esperando, **alguem** que tudo convida ao amor e a poesia. A casa pensa nelle todo o dia, e que ausente o vive idolatrando. Um domingo no campo é a alegria,

entre o laranjal todo em flor e ao seu lado a Normalista... seu amor. Hoje, o Milton lembra-se com emoção, que está aqui mas sem o coração.

O Humberto não quiz nas dansas nem nas festas o sabbado e domingo aqui passar. Pensando em **alguem** tomou o trem e na Barra do Pirahy toi descansar.

Chegou hoje feliz e radiante. Viu a dona do seu pensar e é bastante.

O Atahualpa voltou triste de terra, com a physionomia muito acabrunhada. E' socio de Clubs, andou pelas festas, não arranjou flirt... não **conseguiu** nada...

Triste elle pensa que é pezo que tem. Mas não aturar mulheres, não é **pezo** é um bem.

O Coronel diz: «Mais um domingo perdido! Não tive coragem de me declarar! Não sei o que será de mim, se o Fischer não quiser me ajudar.

Fui ao Fluminense, estive com a pequena, vocês não imaginam que doce emoção. Quiz fallar com ella, quiz dizer-lhe tudo, faltou-me a coragem para a declaração. Dansamos muito... como estava bella! ainda me enebria o perfume della».

O Poggi andou nos chás, andou nos bailes, foi ao Fluminense de casaca e tão contente, dansava e flirtava entusiasmado, e dansando dizia ao par que era **Tenente**.

O Enéas aproveitou seu tempo muito bem, e andou sempre onde ia **alguem**.

E hoje cheio de saudade e paixão, pensa em quem lhe **retomou** o coração.

Voltou de novo ao feliz passado, e hoje está realmente apaixonado. Lembra-se do sabbado que passou, e que feliz com ella só dansou. Em tudo revê o seu vulto seductor, e só deseja poder dizer-lhe seu amor.

Ao vel-o pensativo, o Amáral diz a sorrir: «On revient toujours... debes de convir.

O Chagas está saudoso e tão triste, passou o domingo tão só a pensar em **alguem** que era para elle a alegria, e que elle vive em segredo a adorar.

Agora tão só... o sonho acabou... recorda os bons domingos que feliz passou!

No Norte da Escola, está elle vagando... e em tudo que se foi saudoso pensando.

O Sá aos domingos, vae perto de certa Garage passeiar, e com uma pequena bem interessante, fica horas esquecidas a flirtar. Mas... este domingo na Garage não passou, parece que o flirt se acabou.

O Brazil passou um domingo animado. Feliz, na Praça Saens Peña passeiando com una Dona Bôa, provocante e perigosa que o vai inteiramente dominando.

O Benjamin vem de terra ancioso, não diverte-se, tem uma preocupação: vive pensando nos seus cincoenta, que estão guardados debaixo do colchão. Elle guarda os cincoenta sem mexer, nem tocar, a espera de outros que lhe tomem o lugar.

O Benjamin é methodico e sabe poupar, um rapaz assim é bom para casar.

O Magaldi passa o domingo em Campo Grande, um domingo feliz e **proveitoso**; perto de **alguem** que tudo arrisca, para dar-lhe um dia venturoso.

Mas... Magaldi é preciso ter cuidado; pôde ser que sejas vigiado.....

O Zany fica parado na Avenida, com geito e ar de conquistador; de pelerina e cache-col branco, com pose de **sportman**.... jogador.

Nesta pôse — fica horas, á Bibi esperar, para juncto com ella feliz passeiar.... E, no sabbado, passa a noite muito animada,... chegando em casa com a Alvorada.

O domingo para em casa descansando... Nem sempre se pode estar passeiando...

E saudoso, hoje o Zany aqui, lembra-se dos passeios.... com a Bibi.

O Seo Souto n'um grupo de caloiros, diz alegre e entusiasmado: «Fui nas Laranjeiras a um baile no sabbado, onde entrei sem me terem convidado.

Ninguem veio o meu convite me pedir... quando se é esperto a gente sabe agir...

O Seu Descascado, no **posto** Seis tem importancia, e as pequenas admiram-lhe do nadar a elegancia.

Mas no domingo, ficou triste, aborrecido, invadiram o seu **posto** preferido.

Um grupo de Aspirantes, de porte seductor, dos taes que fazem parte do «Bloco Motor», resolveu no domingo tomar banho de mar, e no **posto** 6 é melhor para nadar.

Chegaram elles... Seu Descascado baixou de cotação, e isto magoou-lhe tanto o coração.

O Waldeck chega em casa no sabbado muito prazenteiro, agradando a todos e..... pedindo dinheiro.

Elle passou um domingo tão feliz, comeu em casa tantos bolos quanto quiz. Para elle é da vida um prazer, ter no domingo muito doce para comer.

O Baena divertiu-se no domingo, pela Rua dos Voluntarios a passeiar, e olhando para um lado e para outro, esperando **alguem** talvez lá encontrar.

O D'Orsi passou o domingo em Copacabana, a uma certa melindrosa visitando, e ella ouvia admirada, tudo o que elle ia lhe contando. Dizia o D'Orsi: «que não podia demorar, pois para «A Galera» ia trabalhar. Tinha no domingo muito que fazer, elle era o Peter Pan, e a chronica ia escrever.... E a melindrosa teve um sorriso agradecido, emfim conhecia o Peter Pan desconhecido.

O Perrin passou feliz o domingo, ao lado de sua eleita conversando, embevecido, alheio a tudo mais, e as horas ligeiras iam passando.

Olha o relógio e quer partir, porem ella disse-lhe tristonha e sincera, com um sorriso que por si dizia tudo: «ainda é cedo espera»....

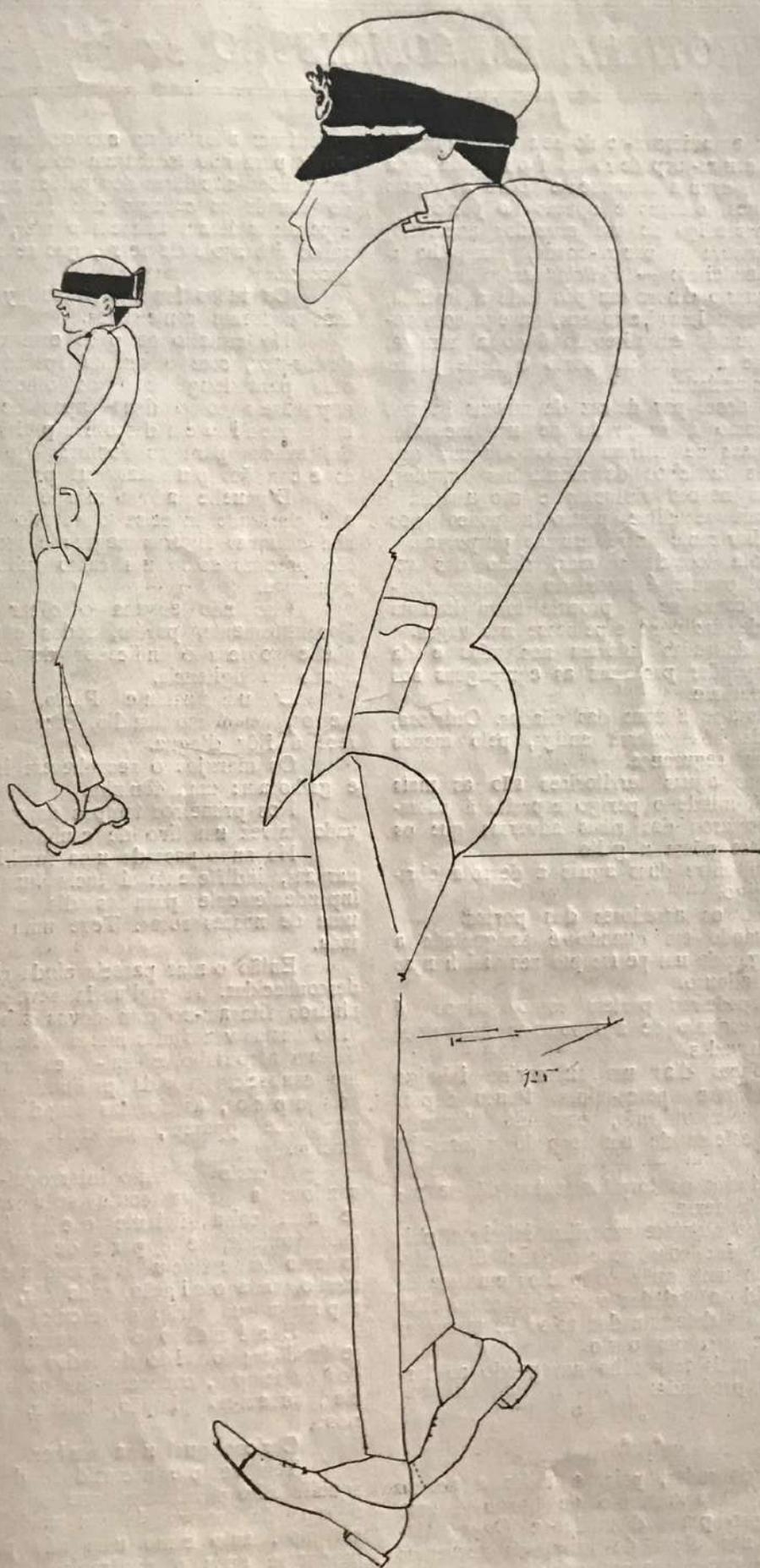
E o Perrin ficou, obedeceu, mas.... a ultima lancha elle perdeu.

Voltou para a casa, não pode entrar, bateu, não conseguiu os acordar.

E triste para o Arsenal elle voltou, e n'um banco toda a noite lá passou. E hoje, aqui na Escola, fatigado diz: «muito custa viver apaixonado».

Segunda-Feira!  
Que dia triste! Como custou tanto a passar!

Toca a recolher, deixemos as saudades, vamos, dormir vamos sonhar!



Heck numa das suas criações.

# A FROTILHA EM COMMISSÃO

Chronica de  
Luigi Barzini

O dia aproximava-se do seu termo quando o primeiro contra-torpedeiro da frotilha, largada a amarração, avança suavemente sobre as aguas calmas, verdes, oleosas e opacas do porto.

Do passadiço de um cruzador ancorado, do qual passava a contra-bordo, fazem-lhe o signal de bandeiras: — *Felicitades!*

Um quarto d'hora em pós toda a frotilha, transpostas as ultimas barragens, navega com velocidade calculada em direcção á costa inimiga.

Mal se afastára do porto e delle já se encontra distanciada.

O sol desce por detraz de nuvens baixas, abrazadas como a fumarada de um incendio, entre as quaes se filtram raios obliquos que roçam perfis indecisos de montanhas remotas, afogadas em nevas violuceas e afogueadas.

A praia se dilue pouco a pouco nos confins do horizonte entre brumas purpureas.

Na rota tomada o mar, cheio dos reflexos do sol poente, é recortado de intermittentes clarões, como se a propria terra italiana fôsse feita de luz e se espelhasse nas vagas.

Vigia dobradas subiram aos váos e da faina de suspender passaram as equipagens aos postos de combate.

Atravessa-se a zona das ciladas. Outr'ora, no tempo da bôa guerra antiga, pelo menos partia-se com segurança.

Hoje as aguas territoriaes são as mais ameaçadas. A miude o perigo espreita á passagem. E' nos aros das ribas adversas que os submissiveis se põem a geito.

Seguem entre duas aguas a derrota obri-gada do inimigo.

Infestam os arredores dos portos.

De quando em quando é assignalada a apparição fugaz de um periscopio nas vizinhanças de um ancoradouro.

Os torpedeiros partem como galgos á caça, mas o esqualo de aço some-se facilmente nas aguas turvadas.

Ha poucos dias um submarino inimigo abalroou um barco pesca-minas. Pouco depois um navio em movimento, passando n'aquella zona, viu a esteira de um torpedo aflorar-lhe o costado.

Quasi todos os torpilhamentos dão-se assim, á vista de terra.

O mesmo acontece nas ribas inimigas, pois a partilha se faz com generosidade. Si assignalássemos em uma carta os pontos em que os navios têm sido afundados ver-se-hia como elles se acumulam em determinados raios de desastres tendo para centro um porto.

Está-se mais tranquillo navegando ao largo, em mar profundo.

\* \*

Vigias dobradas, pois, e todas a postos de combate. O armamento de bordo é uma mola retesa prompta a distander-se. Os apontadores estão nas alças de mira, os serventes por traz das peças prescrutando o mar, e os canhões carregados, gyrando vagarosamente sobre os reparos brilhantes, alongam para os bordos suas boladas leves como pendões.

Os primeiros cofres de projectis já se

encontram abertos no convez, atracados ás anteparas para não tombarem com o balanço, e dos escotilhões circulares dos paiões surgem no plano do convez as cabeças dos transportadores que esperam e fixam tambem o mar, attentos, agarrados á braçola de ferro, que se corôa de dedos grossos.

Os tubos lança-torpedos gyraram nos trilhos e foram conteirados.

No castello de prôa com marujo deitado de bruços, com o queixo apoiado nos punhos, olha para longe com os olhos fitos, claros, impassiveis como duas lupas de binoculo. E' um especialista em descobrir periscopios. A frotilha avança para as sombras do levante, para as escuridões plumbeas que prenunciam a noite.

D'aquelle lado o mar é livido e apagado e á claridade indecisa o cavado da onda desenhada obliquas figuras negras e moveis, ás vezes tão precisas como um casco subtil que emerge e navega.

Mas não engana o olhar dos marujos. Repentinamente, porém, todos experimentam aquelle sobresalto indicador do apuro subito e agudo da vigilancia.

E' um instante. Perto, á uns sessenta metros, um dorso luzidio, escuro e veloz, apparece á flôr d'agua.

Os marujos o reconhecem immediatamente e galhofam: uma toninha.

Nos primeiros tempos da guerra teria provado talvez um tiro de canhão.

No anno passado uma familia de soberbos narvaes, indifferente á lucta humana, escolhera imprudentemente para estadia a vizinhança de uma de nossas rotas. Teve uma existencia agitada.

Então o mar parecia ainda cheio de cousas desconhecidas. A vigilancia revelou-o. Os marinheiros fitavam-no com novos olhos. Tinham-no visto bastas vezes mas nunca o haviam observado. Sabiam afrontal-o, cruzal-o, combatel-o mas não lhe conheciam a vida profunda, os seus mutaveis aspectos, as formas fugidias, tudo aquillo que nelle apparece, que nelle aflora, que nelle fluctua.

A custo de tanto interrogal-o elle se desvendou: a agua conta seus mysterios, diz se uma coisa distante oscilla inerte ou tem uma vontade, se é parte de um grande corpo immerso ou se fluctua independente; e cada movimento, cada oscillação, cada côr, cada borbotão, explica a sua razão ao esculca silencioso.

E até mesmo o submarino inimigo torna-se familiar; foi visto de todos os modos, em todos os tempos, conhecem-lhe os habitos, o caracter, sabem-no pimpão, timido, trahidor e curioso.

Curioso qual uma mulher.

Tem sempre necessidade de pôr de fóra aquelle olho phantastico, que emerge aguas como o tope do mastro de um navio sossobrado e em movimento como uma náu phantasma, que navegasse após o naufragio.

Quantas caçadas lhes têm feito os nossos, e nem todas inuteis. Muitas vezes viram subir do fundo em borbotões o sangue do animal, a naphta escura.

(Continúa)



# A Y E S H A



Na ilha de Cocos, á tarde. O sol dissolvia-se no horizonte, e a fimbria purpúrina cintava o oceano, sobre cujas vagas escorria, afogueando-as, a luz vermelha e triste do occaso. Triste era tambem o marulho, essa prece do mar, que a viração surdinava áquelles homens, caminhando em silencio. Toda a nostalgia da hora crepuscular infiltrava-se-lhes na alma, e por unica esperanza fitavam a face serena e energica do guia. A alguns metros da praia, elle falou. E, acerbando-se, escutaram.

— A estas horas o «Emden» está destruido. Von Müller, o nosso inesquecivel commandante, prisioneiro ou morto. E, pois, finda a nossa missão de corsarios, e a derradeira esperanza será o recurso extremo: repatriar-nos.

Entreolharam-se; como, desespercebidos de tudo, chegar á Allemanha? E a vigilancia inglesa, e a distancia immensa?

A responder-lhes ás interrogações, transparentes no commovido dos semblantes, estende-se para o mar o braço riscado de galões: na direcção apontada uma escuna embalava-se nas ondas. Era a Ayesha.

\* \* \*

O Emden eternizou na ultima guerra o marinheiro allemão. Se os canhões do Sidney não o houvessem fragmentado, figuraria hoje entre as mais bellas reliquias germanicas; elle mereceu ao povo admiravel da Deutschland a veneração religiosa dos Ingleses pela Victory. Capitaneou-o o mais completo vulto dessa frota, que um esforço herculeo improvisou em quinze annos: cavalheiro de uma fidalguia medieval, de quem se podia dizer, como do valente francês, «sans peur et sans reproche»; profundo estrategista, dotado de iniciativa e intelligencia invulgares, que teriam evitado o desastre das Falkland se assistissem junto a Von Spee, e que, impotentes da insistencia do vencedor de Coronel em rumar á base britannica, fa-lo-iam atacar, sem duvida de triumpho, e abatendo até a terra o orgulho de Fischer, a esquadra inimiga fundeada, deante da qual o almirante allemão fugiu...

Do que representou para os alliados as aventuras desse flibusteiro moderno, cuja audacia foi ao ponto de torpedear navios de guerra em Penang, diz bem a implacavel perseguição que se lhe moveu: uma matilha de 70 cruzadores farejava-o, rastreava-o, emmaranhava-o na malha cada vez mais ameaçadora da sua volupia de vingança. Mas Von Müller não perdia a serenidade; sabia que o seu nome pairava como uma ayantesma sobre os mares, na Oceania, na India e na Asia. E, por intensificar esse milagre de ubiquidade, assenta de destruir a T. S. F. da ilha de Cocos. Nessa depredação é que o surprehe o Sidney. Foi a extrema uncção do seu cruzeiro, a transfiguração em odysséia da gloria que o envolvia. Mas nem todos lutavam com o cruzador australiano; dirigidos pelo immediato, 46 homens faziam em pedaços as antenas da ilha. E eram esses que, depois de terem assistido ao inicio do duello, e á fuga do Emden olhavam agora na direcção em que uma escuna se embalava nas ondas.

\* \* \*

Quando Von Mücke lhes manifestou o seu plano, os Ingleses, encarregados da estação telegrafica, sorriram: a fragil embarcação fóra abandonada por imprestavel, havia já alguns annos. Nem se sabia por que ainda flutuava, a pequenina a/cyone. Aventurá-la a uma travessia seria escolhê-la por tumulo; ao primeiro sópro da brisa, á primeira vergastada das ondas, esfalçar-se-ia, como na rajada se depenna uma asa debil. O official allemão insiste e, maravilhados da sua audacia, os ilhéos offerecem-lhe os recursos para a viagem. Roupas e mantimentos, agua e linho para as vélas, tudo que pudesse attenuar o sacrificio imminente, deposita-lhe nas mãos a multidão commovida. Era, celebrado pela alma rustica daquella gente, o baptismo de gloria desse andarilho do mar.

Agora, á obra. Recorta-se na praia o velame, protege-se a mastreação, substitui-se o maçame. A maruja, na quase totalidade ignorante das manobras de um veleiro, recebe uma rapida instrução. Tudo pronto.

Piscavam no alto as estrellas e o seu reflexo tremeluzia na agua. A brisa sibilava nos cabos a toada triste que só os marinheiros escutam, e para além a noite immensa talvez embuçasse o inimigo vigilante. Mais immensa que a noite era a tristeza da alma de Von Mücke, tristeza feita da saudade dos seus companheiros e das apprehensões do seu futuro. Da enxarcia do traquete é elle quem dirige, através dos innumeros bancos coralinos, a lancha que reboca a Ayesha, rumo á Africa, como informára na ilha...

Em breve, as vélas enfunadas, ei-la, prôa ao norte, rangendo, caturrando, cabriolando nas vagas. Mas urge fugir á bolina, arribar mais de 200 milhas, receber ao largo as brisas de N. O. e evitar a corrente equatorial. Alcançadas essas circumstancias favoraveis, resta navegar 600 milhas. A difficuldade não está somente nas precarias condições de navegabilidade; são ridiculos os recursos para o calculo do ponto, falta-lhes desde um sextante digno desse nome até as cartas da zona em que cruzam. Nem o moral da tripulação compensa a adversidade dos meios. Barbados, immundos, esfomeados, não pensam senão em eximir-se, mesmo pela morte, áquelle martyrio de Dante. E assim decorrem as semanas, interminaveis, indefiniveis.

Um dia chove: não foi mais providencial no deserto o milagre da vara de Moisés. Immediatamente se fecham as dalas, transforma-se o convez em tanque, e aquelles homens, já sedentos e ainda desnorteados, refocilam-se na agua, rolam numa alegria infantil pelas poças, unico refrigerio com que o céu lhes suavizava a amargura. Mas ao longe pontilha um vulto negro: — «Se for um destroyer francês e atacar, assalta-lo-emos», ameaça Von Mücke, debaixo da impressão acabrunhadora do circulo de aço em que os estreitava a perseguição allidada. E já estavam todos em postos de combate, armados como os piratas antigos, á faca á bôca, o sabre á mão, quando um dos tenentes reconhece o contra-torpedeiro hollandês Lynx.

— Sou navio de Sua Magestade o Kaiser, e rumo a Padang. Peço noticias do Emden.

— O Emden foi destruido.

Padang estava ainda a dois dias de cruzeiro, mas no horizonte se recortavam os perfis negros das suas montanhas, e as florestas bracejavam entre as nuvens a sombra rendada dos ramos, que, como diria Loti, *il fallait des yeux de marin pour saisir*. Só quem sentiu a nostalgia de um cruzeiro prolongado pôde ter a impressão do alvoroço que salteou os supliciados do minúsculo veleiro, lobrigando a sublinhar o horizonte a terra ha tantos dias sonhada, a terra essa Chanaan dos marinheiros. Padang ali estava — mas acessível somente á vista, pelo menos durante 48 horas. A fome tornou-se menos intensa, a soffreguidão fez-se mais forte: eram quasi felizes.

Na possessão hollandêsa, a exigencia das autoridades creou embaraços imprevistos. Receiosas de uma complicação diplomatica, recusaram todo auxilio a Von Mücke, e ao mesmo tempo, penalizadas, buscaram induzi-lo á internação. A despeito das justas ponderações sobre a temeridade da continuação da viagem naquelle barco e sobre o bloqueio formidavel dos alliados, elle resolve largar dentro das 24 horas regulamentares, largar nas condições mesmas de miseria em que arribára. Quando iam a picar a amarra, uma lancha atraca. Em terra haviam contemporizado e pelo menos poupavam-lhe o suplicio da inanición. Mas o que o interessou não foram os mantimentos. Um papel, disfarçadamente passado ás mãos, absorveu-lhe a attenção. Era uma missiva do consul. Em resposta,

tambem occultamente devolvida, escreveu-lhe: «Cruzarei, tanto quanto mo permitirem o vento e a corrente, aos 30.20 S e 99.20 E Gw.

Dez dias de espera no ponto combinado, dez dias de continuas manobras, e pela manhã de 14 de Dezembro o **Choising** recolhe-os. Afundada a *Ayesha*, um rapido pensamento atravessa o espirito de Von Mücke: reiniciar o curso. Mas o velho cargueiro arrasta-se penosamente. Quatro nós eram talvez insufficientes para illudir a vigilancia e attingir a Arabia, caminho da salvação. Cumpria, pois, não perder tempo. A 9 de Janeiro ei-los em Hodeimah, a S. O. da península arabica. Se até então padeceram, erraram e venceram no oceano, agora outro martyrio mais doloroso os aguardava: haviam de percorrer desertos, transpor montanhas, lutar com tribus revoltadas, enlutar-se com a morte dos que a febre vitimou, para novamente no mar, costeando a Arabia em duas fragilimas chalúas, attingir Cherb-Munaibura — a liberdade, o sonho, a gloria.

Mas quando a pequenina véla branquejou deante da terra do propheta, sob a invocação de cuja esposa elles haviam deixado a minúscula ilha do Indico — era tarde, o sol dissolvia-se no horizonte, e a fimbria purpurina cintava o oceano, sobre cujas vagas escorria, afogueando-as, a luz vermelha e triste do occaso.

A. M. Buarque de Lima

## PERFIL

Ha um homem que, a bordo, a voz mais alto eleva,  
E a cujo mando acode a guarnição submissa,  
Ou seja á luz do sol ou no rigor da treva.

E' elle quem mais fala aos homens; e, na liça,  
Um látego empunhando, energico, enristado,  
O mavortico ardor das hostes mais atica.

Tem mil chispas no olhar, que vae de lado a lado,  
Buscando em derredor, inexoravelmente,  
No inflammado da luta a fuga do soldado.

Se ouve da corneta a voz impenitente,  
E' como se elle ouvisse um baque de muralha  
Após cujo fragor a morte se presente.

Alça o vulto. A correr, por toda a parte espalha,  
A forte irradiação de sua voz possante  
Um *shallali* que parece um grito de batalha!

E' mais forte que Marte: é Jupiter Tonante!  
Pudesse castigar, que, mais feroz que Nero,  
O braço transformára em raio fulminante!

E vêde: esse tyranno, o gritador austero,  
O ultimo a cumprir o que mandou primeiro,  
E' por elle que chamo e, paciente, espero.

Oh! ronda! vae chamar, de novo, o Fachineiro!

TENENTE

## Curso Auxiliar de Preparatorios

Rua 1.º de Março N. 4, 2.º andar

Sob a criteriosa orientação da sua directoria e a comprovada competencia do seu corpo docente, os alumnos deste curso têm obtido os melhores resultados nos exames do Pedro II, Escola Naval, etc., bem como os que se destinam á MARINHA MERCANTE.

## REVISTA DE REVISTAS

Assignado pelo Almirante Bradley Fiske, o «Harper's», periodico editado em Nova-York, publicou no mês de Julho um artigo sobre o «Desarmamento», cujo resumo transcrevemos:

Os resultados da Conferencia de Washington relativos á limitação dos armamentos navaes foram, assim que divulgados, recebidos com agrado pela nação, ao ver, como disse Hughes, chefe da delegação norte-americana, que as cinco nações ali reunidas accordavam num tratado «que punha termo á rivalidade na construcção dos armamentos navaes, e que ao mesmo tempo conservava intacta a segurança relativa das grandes potencias».

Recapitul'emos, entretanto, os factos, meditando um pouco sobre suas provaveis consequencias.

Em Agosto de 1921, o Presidente dos Estados-Unidos convidava os governos da Grã-Bretanha, França, Italia e Japão a «participar de uma conferencia sobre a limitação dos armamentos, e onde as questões connexas — as do Pacifico e do Extremo Oriente — seriam tambem discutidas.»

Reunida a conferencia, foi o General Board (Conselho Geral da Marinha) encarregado pelas autoridades civis de fornecer aos eminentes juristas que representam os Estados-Unidos um memorial indicando a maneira possivel de limitar os armamentos, deixando ao paiz uma esquadra capaz de defender o seu commercio transoceanico e sustentar sua politica no estrangeiro. Era um esclarecimento de que deveriam precizar os delegados americanos, que não podiam estar familiarizados com os principios e factos da logistica e da estrategia naval, assumpto cujo estudo compete ao General Board.

O General Board, que funciona ininterruptamente desde a guerra com a Espanha, viveu apagadamente muitos annos, graças apenas ao prestigio do seu primeiro presidente, o Almirante Dewey. Mas apurando-se, no correr dos annos, a selecção dos officiaes que o compõem, o General Board ganhou gradualmente a confiança da marinha pela justeza dos conselhos que sua vigilancia esclarecida suggeria. As informações colhidas em todas as regiões maritimas pelos agentes do «Office of Naval Intelligence» e os estudos do Naval War College eram os factores vitais para suas deliberações.

Desde a victoria do Japão sobre a Russia em 1905, o War College compreendeu que o Japão formára entre as grandes potencias como uma das mais inteligentes e aggressivas. Durante estes vinte ultimos annos que se seguiram, seus trabalhos se orientaram, juntamente com o General Board, para a eventualidade de uma guerra com essa nação, chegando a conclusões muito claras relativas á importancia e composição da força naval necessaria aos Estados-Unidos para sustentar seus direitos nas aguas do Extremo Oriente.

O proposito da Conferencia recebeu a approvação universal porque promettia estabelecer condições tais que removessem as causas proximas dos conflictos entre as nações com grandes interesses no Extremo Oriente. E ninguém era mais cordialmente favoravel a isto que os officiaes de marinha, que esperavam ver satisfactoriamente resolvida a complicada

situação naval sem guerra; porque si os officiaes de marinha são militaristas no sentido de desejarem uma força naval capaz de conseguir o objectivo para o qual é creada e mantida uma força naval, não são militaristas, se por isto se entende o desejo da guerra.

A situação no Extremo Oriente era então seriamente inquietadora, causada principalmente pela rapidez sem exemplo do desenvolvimento do Japão. Composto até 1854 de algumas ilhas habitadas por um povo semi-civilizado, era em 1920 uma das mais progressistas e mais admiradas nações do globo; e que no decorrer destes sessenta e poucos annos usára em gráu elevado da energia, da capacidade imperia'istica, da ambição commercial que fazem o poderio das nações. Pela guerra com a China em 1894, apossou-se da Formosa e outras ilhas mais. Em pouco tempo se tornaria a Inglaterra do Oriente se, estabelecendo-se nas Filipinas, não lhe saísse á frente um competidor inesperado — os Estados Unidos —, que lhe iria disputar a predominancia nos mares da Asia. O Japão, unico paiz commercial no Extremo Oriente, soffreria doravante a concorrência temivel do commercio americano. As Filipinas, ilhas quasi tão vastas como o proprio Japão, mais fertes, dotadas de melhores portos, constituíam excellentes bases para as operações commerciaes e navaes ao longo de toda a costa da Asia.

Depois disso, tem o Japão continuado a estender sua influencia: batendo a Russia, afasta sua concorrência e apossa-se da Corea, levando sua dominação, disfarçada ou não, á Mandchuria, á Mongolia, á Sakhalina. Torna-se então o maior obstaculo ao regime da «Open door», a egualdade de oportunidade para o commercio das outras nações, que os Estados Unidos procuram obter para evitar a asphyxia do seu commercio pe'os privilegios extorquidos á China pelo Japão e Inglaterra. Assim procedendo, o Japão agia então em defesa propria. Fazia apenas aquillo que era necessario a sua grandeza. Roma, a Grecia, o Egypto, e em nossos dias, a França, a Espanha, a Alemanha e principalmente a Inglaterra tornaram-se grandes por este procedimento que consiste na politica offensiva, economica e militarmente. O Japão, melhor que a Inglaterra, é disto um exemplo flagrante, pela rapidez com que ganhou a consideração do mundo occidental, dominando a China, afastando a Russia e a Allemanha do seu caminho.

A conferencia inaugurava-se, então, sob um céu inquietadoramente carregado. Cogitava-se mesmo da possibilidade da guerra. Assim, foi grande o allivio do povo quando a Delegação Americana apresenta a proposta da limitação dos armamentos «que salvaguardava os interesses das nações em causa».

Tal proposta, que se esperava ser um plano razoavel que diminuísse as grandes despesas, garantindo-nos a força indispensavel, surpreende-nos immensamente. Os quinze novos navios capitais em construcção, eram abandonados. Motivava-se a surpresa no seguinte: em 1910 e 1911, (era eu encarregado dos planos de guerra do General Board), suppunha-se que, no caso de procurar o Japão impôr aos Estados Unidos sua vontade pela força, occupariam primeiramente as Filipinas, e nós teriamos grande

trabalho em recuperá-las, e grandes dificuldades em conduzir a guerra. De então para cá, a eficiência crescente dos submarinos e aviões, além do crescimento de nossa frota mercante, tornam-nos muito mais vulneráveis ao ataque.

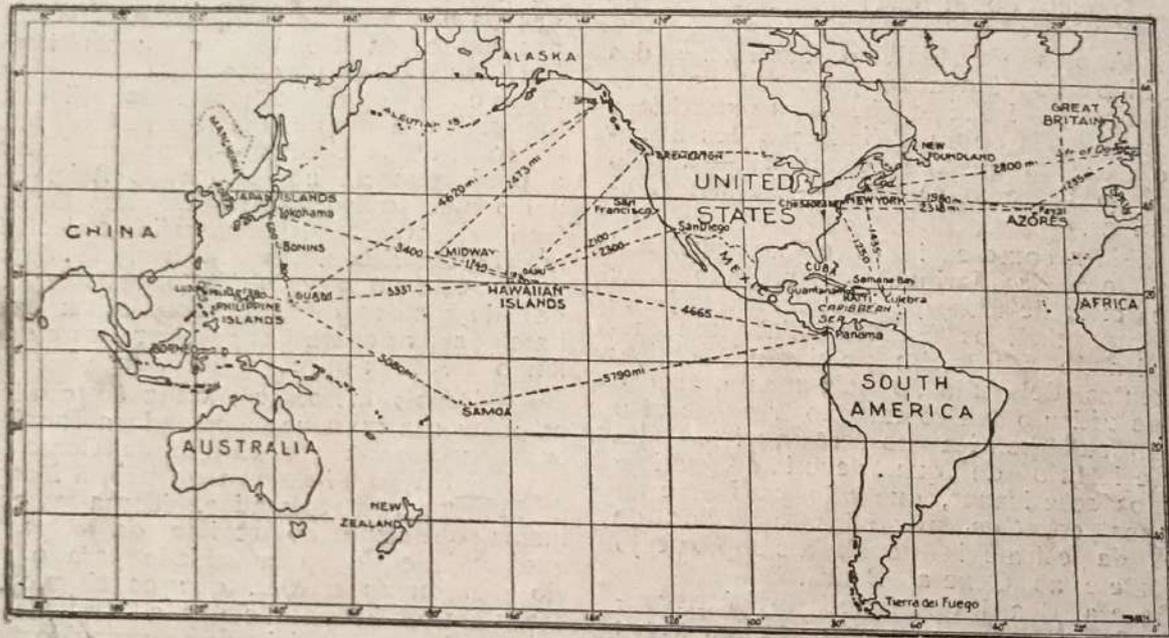
Como solução a tal problema, elaborou-se o programma de 1916, do qual constavam as unidades capitais de grande raio de acção, já em construção quando o Tratado os supprimiu.

A redução «proporcionada» das esquadras é uma questão mais difícil do que parece. E a proporção de 5 para 3 dos Estados Unidos para o Japão não será suficiente nem para crear a igualdade de condições, uma vez que é fóra de duvida que os Japonezes, desde o primeiro momento de posse das Filipinas, travarão o combate apoiados em suas bases, ao passo que

aérea ao menos equivalente á sua. Duplicava-se o handicap sob o qual se teriam de bater os Estados Unidos em caso de guerra.

Havia ainda a clausula que nos impedia o fortificar as Filipinas. Essas ilhas, a sete mil milhas da costa americana, espaço em que só duas pequenas bases — Hawaii e Guam — nos podiam servir, ficavam indefesas, promptas a succumbir ao primeiro ataque japonês. Chave estrategica e commercial da situação do Extremo Oriente, que não poderemos honrosamente deixar nas mãos do inimigo, convem — nos conservar porque são possessões valiosas e nos servem de bases commerciaes para o trafico com os grandes mercados consumidores asiaticos.

Vizinhança incommoda e tentadora, entretanto, tanto mais desprotegidas forem ellas, tanto



nós estaremos immensamente afastados das nossas.

E não é só. A equiparação á frota inglesa, que no papel parece ter sido feito, perdemos-a nós de facto.

Póde-se objectar que não se trata de comparação com a Inglaterra, porque não ha indícios de guerra com ella. Lembremo-nos entretanto que tambem não os ha quanto ao Japão, que tres meses antes da batalha de Manila ninguem pensava em guerra com a Espanha, que dois annos antes de declararmos guerra á Allemanha tambem ninguem o imaginava. Lembremo-nos que o augmento vertiginoso de nossa frota mercante constitue para a Inglaterra um golpe tão rude como o vibrado ao Japão pela occupação das Filipinas, e que a Inglaterra combateu e venceu successivamente, a Espanha, a Hollanda, a França e a Allemanha apenas porque ameaçavam a predominancia do commercio inglês no mar.

Surpreza maior experimentámos com o resultado da limitação das forças aéreas. Desilludiram-se amargamente os optimistas que diziam ser os navios capitais desprezados por se preferir a arma do futuro, a aviação, quando viram que apenas tinhamos direito a 135.000 toneladas para os navios aerodromos. Tornava-se-nos impossivel o levar ás aguas do Japão uma força

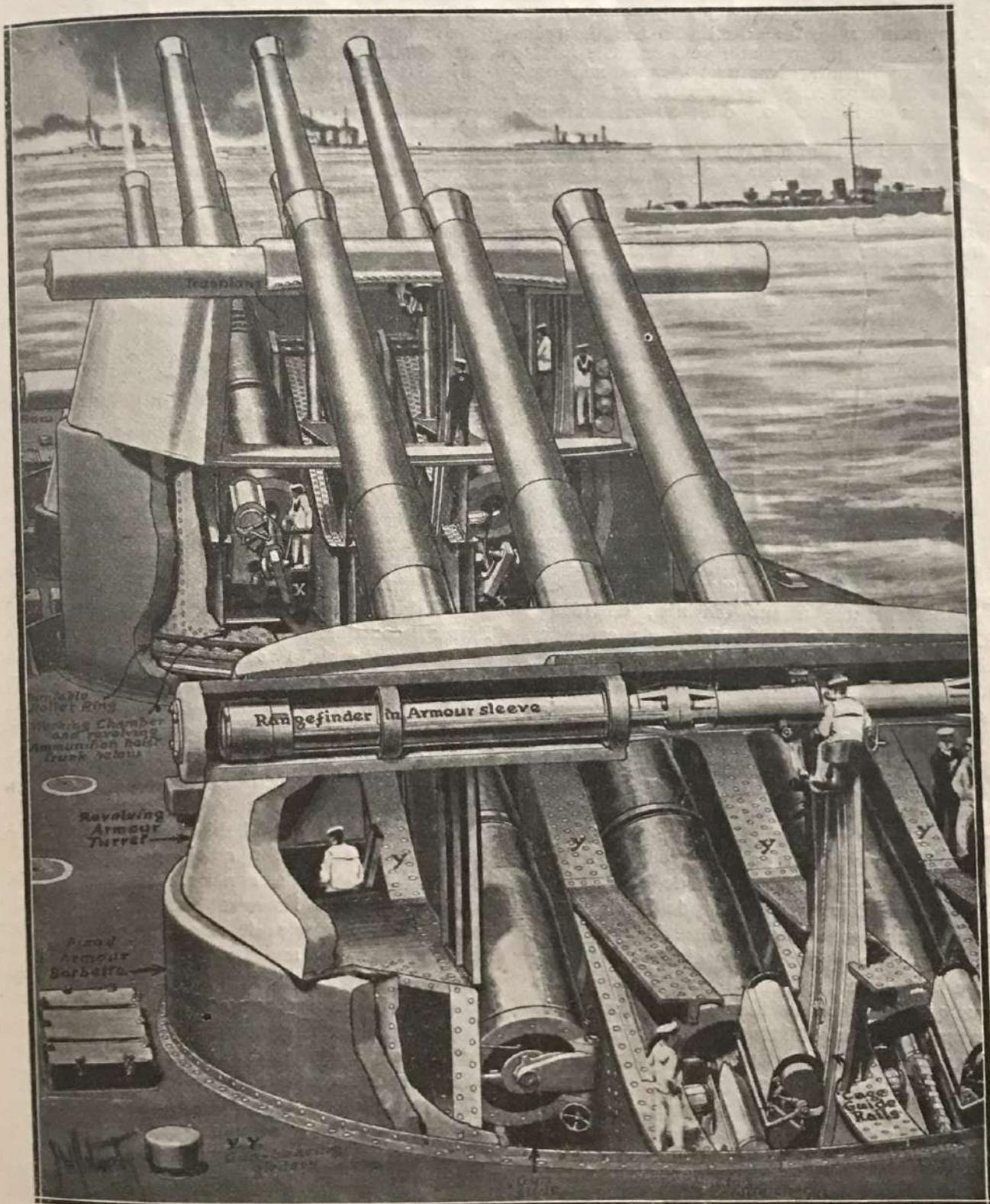
maior será a tentação do Japão de absorvel-as. Os japoneses, cujos estadistas comprehendem a estratégia, avaliam exactamente o seu valor «actual» para os Estados Unidos e o seu valor «potencial» para o Japão. Não é portanto duvidoso que as instruções trazidas pelos delegados nipponicos lhes recommendassem obter o compromisso dos Estados Unidos de desistir de fortificações e bases navaes nas Filipinas. E este objectivo conseguiram-no elles dos Americanos, não obstante a opposição tenaz do unico órgão tecnico competente.

Póde-se observar que não eram os Delegados Americanos obrigados a seguir os conselhos do General Board, que os officiaes da marinha são simples servidores da nação, simples instrumentos nas mãos das autoridades civis. É verdade — mas o unico juiz competente para avaliar os meios pelos quaes a marinha póde servir o povo é a propria marinha. Para isto, recebem seus officiaes a instrução fundamental na Escola Naval, instrução que é aperfeçoada dia e noite, sem interrupção, durante toda sua vida activa. Nenhuma profissão é tão extremamente especializada. Em nenhuma outra profissão são os requisitos e condições tão esotericos.

A idéa de que as classes armadas devem contentar-se impassiveis com os meios que aprofundar ao governo lhes fornecer é das mais nefas-

tas. Devido a ella, empenham os politicos a nação em guerras para as quaes não está ella preparada economica nem militarmente. Temos em nossa historia muitos exemplos funestos da falta de cooperação entre o estadista e o estra-

seus governos para os perigos que as politicas aggressivas do Japão e da Allemanha iam introduzindo na situação mundial, deixaram nossos estadistas continuar a marinha insufficientemente preparada. Fosse melhor nossa preparação



A artilharia principal do encouraçado "Nelson".

tegiſta. Esta cooperação, que é a mais completa no Japão, é deſcurada entre nós. Ha pouco mais de dez annos, quando todos os eſtrategiſtas das grandes potencias chamavam a attenção dos

militar, e não ſe atreveria a Allemanha a nos forçar á guerra por um acto vio'ento como o torpedeamento do «Lusitania». E ſi aſſim foi em 1914, peor foi em 1921.

E para terminar, lembremo-nos que o «entendimento commum em encarar as questões do Extremo Oriente» entre as nações interessadas, que a Conferencia se propunha crear, e que chegou a ser expresso e approved no Tratado das Nove Potencias — não existe, uma vez que a França, recusando-se a ratificar o alludido tratado, annullou-o. Mas a limitação dos armamentos (que era o fim collinado pelo estabelecimento deste entendimento commum) somos nós obrigados a executar, visto ter sido o Tratado Naval plenamente ratificado por todas as potencias signatarias.

E assim, durante um certo período de tempo, estaremos sujeitos a ver o Japão praticar repetidas violações ao regime da «porta aberta» e occupar as Filipinas a qualquer reacção de nossa parte — e seremos então obrigados a uma guerra altamente dispendiosa — altamente dispendiosa para nós, mas não para elles.

\*

— A 3 de Setembro, o primeiro dos dois novos encouraçados que o Tratado de Washington permite á Inglaterra construir, o «Nelson» foi lançado ao mar. Guarda-se grande segredo acerca das características do grande navio de linha, o mais poderoso do mundo actualmente. Sabe-se entretanto que desloca o «Nelson» 35.000 toneladas, e sua artilharia consta de 9 canhões de 16" montados em tres torres triplices (pela primeira vez são montados torres triplices em navio britannico) collocadas na prôa. Um amplo convez é reservado, segundo se lê num dos ultimos numeros da «Revista Maritima-Brasileira», á força aerea. O periodico «Sphere» publica num dos seus ultimos numeros a gravura que reproduzimos, figurando o armamento principal deste navio. Na direcção da prôa só podem os canhões atirar com angulo maior de 30°, sendo o alcance então de 30.000 jardas. O peso do projectil é de cerca de 1 tonelada.

L. R.

## Lição do Extremo Oriente

(Fragmento)

RUY BARBOSA

A Grã-Bretanha não esquece a campanha napoleonica e a função capital, que nella coube á sua marinha, de 1805 a 1815. No começo de 1806 não havia esquadra, na Europa, capaz de bater-se com a ingleza. Senhora do oceano, ella poude firmar o bloqueio do continente, reduzindo a França á penuria, pela asphyxia do seu commercio, ao mesmo passo que influiu energeticamente na guerra continental, despejando na peninsula grandes forças militares, que a sua soberania no oceano lhe permittia conduzir a salvo, do norte, ao sul da Europa, atravez das aguas francezas. Trafalgar palpita como um facto de hontem no coração deste povo. «Nos dias de Trafalgar a Inglaterra tinha uma esquadra realmente forte, com um exercito que indubitavelmente não poderia resistir, desajudado, ás hostes de Napoleão em qualquer campo de batalha no continente. A França, por outro lado, contava um bello exercito, mas tinha uma esquadra fraca. Qual foi a consequencia? A esquadra fraca foi esmagada pela forte. O dominio britannico do mar já se estabelecera trez mezes antes de Trafalgar, quando Villeneuve, hesitando em acometter Cornwallis, retirou para Cadiz. E o plano napoleonico de invasão da Inglaterra desfez-se para sempre. A sua supremacia naval, e só ella, é que obstou á invasão destas ilhas. Foi a supremacia naval unicamente que tornou possível aquella activa participação do exercito inglez na guerra continental, que por fim derribou Napoleão. Trafalgar era necessaria á iniciação da

campanha peninsular e indispensavel, como condição preliminar, a Waterloo.» (1)

Estas recordações, tão dolorosas para a França, contribuíram provavelmente, para lhe entreter no espirito os efeitos salutaes da amarga experiencia, que sobrepairava, talvez, ainda ha pouco, aos debates do seu parlamento, quando o deputado Lokroy, pugnando pela reforma da sua marinha, exclamava: «A França deve ter os olhos fitos no oceano.»

Agora não é de crêr que o mar a ameace pela Mancha. Os habitos e interesses da Grã-Bretanha excluem o receio de uma politica de aggressão, pela sua parte, contra qualquer das grandes potencias europeas. Mas, na hypothese de novo ajuste de contas entre a republica franceza e o imperio limitrophe, não seria possivel que a Allemanha escolhesse a costa occidental de França como o caminho mais facil para lhe varar o coração? E' o que sugere um abalizado escriptor militar deste paiz, em consciencioso estudo, recém-publicado, sobre o futuro cêrco de Pariz. Não seria extraordinario que, attentas as immensas difficuldades levantadas pela actual organização militar da França á marcha de um exercito invasor pela fronteira oriental contra Pariz, o governo de Berlim, aproveitando os recursos incalculaveis que lhe reserva a sua marinha mercante a vapor, facilmente concentravel no Elba e no Weser, jogando com as vantagens que agora lhe

(1) — The Times — 22/12/1894

tranqueia o canal do Báltico, contando com a inacessibilidade relativa do seu território a uma invasão pelo mar, com a retenção da esquadra francesa do levante no Mediterrâneo, com a inferioridade de um para dois entre a esquadra francesa do poente e a allemã, e apoiando-se, talvez, em alguma alliança no Mediterrâneo, ou no Canal, surprehendesse a velha inimiga, cujo systema de defesa interno olha para léste, e dá as costas para oéste, desembarcando no desprotegido littoral do occidente, e marchando rapidamente dalli para a capital.

Mas, ainda quando falhe essa conjectura, parece fóra de questão que, no caso de um conflicto franco-germanico, as forças das duas nações serão medidas no oceano, á primeira

lecida, se não possue essas tradições. E nós cobiçamos acima de tudo possuil-as.

Bem sabe a Allemanha porque nutre esses desejos. Não ha ainda meio seculo que a Prussia, em collisão com um dos minimos estados europeos, experimentou o valor inestimavel da superioridade naval nos conflictos entre nações banhadas pelo mar. Era em 1848. Os ducados de Schleswig e Holstein, rebellados contra a constituição imposta pelo governo de Copenhagen, foram invadidos pelas tropas dinamarquezas. Mas essas não tardou que fossem desbaratadas, na batalha de Schleswig, pelas forças da Prussia alliadas ás de outros estados germanicos. Os dinamarquezes recolheram á ilha de Alsen, e não se aventuraram a outro combate. Mas, ao



As ultimas manobras da esquadra italiana — Revista dos contra-torpedeiros.

oportunidade possivel. Nada, actualmente, preoccupa mais a Allemanha do que a ambição do prestigio naval. «O vosso prestigio», dizia, ha annos, o commandante Hasenclever, da marinha allemã, a um escriptor inglés, «o vosso prestigio por si só vale uma frota. Não deveis poupar esforços, para manter vivas as suas tradições historicas. O prestigio naval da França vale-lhe outro tanto. A Russia gosa de prestigio naval. Tem prestigio naval a Dinamarca. Até a Austria o possue. A Allemanha, porém, não tem passado naval, glorias navaes, que afervorem a nossa gente. Precisamos de crear essas tradições gloriosas; e assim, se, por desgraça, tivermos de ver-nos em guerra com alguma potencia naval, sejam quaes forem as consequencias, nós os da marinha allemã temos de entrar em peleja. Cumpre-nos fazer alguma coisa, capaz de inflamar os que nos succederem. E havemos de conseguil-o, ou cahiremos gloriosamente. Não ha marinha realmente estabe-

passo que os vencedores não possuiam marinha de guerra, os vencidos dispunham de uma esquadilha efficaz; e, transportadas por esta, as tropas dinamarquezas podiam operar livremente contra a vanguarda ou a retaguarda allemã. Esta situação privilegiada baldou completamente o triumpho obtido, até que o general victorioso desesperou da victoria, confessando-se impotente contra os vencidos, por falta de armada. E, como não fosse possivel obtel-a, a Dinamarca resistio dois annos, á sombra dos seus navios, até á intervenção do Czar, que obrigou a corôa da Prussia a abrir mão da empreza. Dest' arte, sem combate naval, pela méra posse de uma esquadra, «os dinamarquezes, não só puderam manter-se illesos nas suas ilhas, senão que lograram arrostar as forças militares, incomparavelmente superiores, dos allemães, durante duas campanhas».

Abril de 1895.

## A ARTE DE NAVEGAR



De suspender mal se aproxima a hora  
Brotam das chaminés nuvens de fumo,  
E, de derrotas mil como resumo,  
A derrota futura se elabora.

Mas no rumo o navio não demora  
Porque, de quando em vez lança-se o prumo,  
E, sem indecisão, muda-se o rumo:  
« Por segurança » mais dois grãos p'ra fóra.

No fim da viagem tem-se esta estatística:  
Milhas dez mil e rumos trinta e tantos;  
Mas, p'ra ficar a coisa mais artística,

Põe-se na carta só tres linhas puras  
E com as coordenadas dos dois cantos  
Faz-se o calculo inverso das alturas.

EUGENIO DA SILVA POSSOLO



## SEM TITULO



« Dilata-se a materia, quando a quente ».  
« Haja vista o que fazem os metaes: »  
« Se ha bastante calor no ambiente »  
É que elles se dilatam muito mais »

Diz Ganot e Del Vecchio, e muita gente  
Que pode proclamar coisas eguaes.  
Ousa alguém duvidar? De boa mente,  
Quem refuta as razões exp'rimentaes?

A sciencia, meu Deus, mui pouco indaga!  
Esta lei é geral? não vou na onda!  
O cobre, o arame vil, o que se paga,

O tal do « recebi na mesma daia »,  
Por mais quente que o guarde e que o esconda,  
Encolhe muito mais que se dilata

TENENTE



## OCCASO

**D**ou tentar pintar-vos, com a minha reconhecida pobreza de tintas, um desses maravilhosos pomes de Fernando de Noronha, que quasi todas as tardes me levavam a esquecer de mim proprio e do mundo, num extase mussu'mano, num desleixado embevecimento dos cinco sentidos.

Nesses instantes de hyperesthesia contemplativa vinham-me sempre á mente os sagrados occasos japoneses, que eu me aprazia de surpreender nos campos de arroz de Yokohama, quando os laboriosos filhos do pais do nascente, ao fim de uma jornada de labor, iam admirar o sol moribundo esconder-se por detraz do Fujiyama; e assim ficavam num absorto entorpecimento de espirito, entoando em voz baixa, para não perturbar a paz do ambiente, canticos em louvor do divino Dai Butsu.

Já tem transposto o sol o outro extremo do eixo onde sopra o suéste, em demanda do horizonte do mar para o seu banho vespéral de sangue, arrastando pelo céo uma alva e franjada toalha de nuvens; lá deixa á casa-ria branca da Quixaba, majestoso e sereno, uns pallidos adeuses de crepusculo.

Ha na terra um profundo silencio de respeito como si a terra inteira assistisse, coberta de tristeza e de crépe, orvalhada de um pranto angustiado, aos imponentes funeraes de um rei.

E o sol que morre, é o grande, o bemdito, o creador astro-rei, que uma hora antes ainda jorrava torrentes de ouro pelos campos, espalhando-se em ricas pulverisações pelas frondes das arvores, pela crista dos montes, pelos leques abertos das palmeiras, pela relva, pelo ar, em caricias de luz ás pétalas das flores, á pennugem das aves, ao pêlo dos animais.

Do outro lado, as montanhas, as florestas e os riachos parece que meditam, num canto-chão longinquo e lugubre, numa só voz que entôa a prece, soturna e abençoada do Angelus.

Ondulam pelo espaço sons plangentes de harmonium, reboando arrastadamente na nave immensa e verde escura das mattas. A natureza áquella hora é toda um recolhimento. Divagam religiosas por entre os troncos do arvoredo, espargindo benções; perdendo lagrimas, que ao outro dia, pela alvorada, se encontram transformadas em perolas de orvalho.

Buscam os bichos os seus abrigos predilectos; acasalam-se as aves riscando o céo, num amor que nunca se acaba, e vae continuar na quietude domestica dos ninhos. Muge no monte o gado a descer lentamente, numa attitude de presepio, lembrando a hora gratissima em que Christo nasceu. Cantam gallos, empoleirando-se ao lado das amantes, áquella brusca encenação de luz. Já pelas sombras começa o estridente trillar dos grilos e um zumbir azoizante de todos os insectos, enquanto os pyrilampos despetados aticam lumes para a ronda dos valles.

Além morre o sol. É uma agonia esplendida. Já por metade amortalhado, ainda inunda de chammas meio mar e meio céo.

Então, quadros fantasticos succedem-se, despencando das alturas em cambiantes magistraes de inspiração, percorrendo tom a tom todo o vibrante chromatismo esthetico.

Ora é um castello enorme a incendiar-se; são cumulus que se desmoronam ao crepitar de longas labaredas. Sente-se a lenta devastação dos fogaréos indomitos; lambendo como linguas as muralhas das nuvens, ceifando como foices os escombros da amplidão em cinzas.

Ouve-se ao longe um clangor de clarins, que a pouco e pouco se aproxima, em confusão com os écos; repercute nos cerros, retumba nas quebradas; canta claro nas frinchas da floresta, enche os ares de estrepitos de guerra, e recua final para além da serra, deixando na terra um atordoamento e uma impressão modorrenta de febre.

No ocase lavra ainda o incendio incessante e medonho. Nuvens avermelhadas tingem o horizonte como pinceladas de sangue. Ficam pesados cirrus, alongados e rubros como cadeias de fogo que se atravessam no céo para isolar o cortejo funebre do sol.

Num momento é um derrubar entroncado de muros, torres e ameias, quebrando-se tudo na fimbria azul do oceano, entulhando-o de destroços, que logo se espalham e immergem no amplo seio das aguas.

Extincto o incendio, ficam no espaço quatro largas faixas de um vermelho arroxeadado, em quatro raios obliquos, esmaecendo suavemente pelo infinito, enquanto se dilatam nas sombras da noite proxima.

O poente agora está profundamente rôxo como os adornos dos esquifes mortuarios. Escutam-se por toda a parte prantos incontentos, confissões de amarguras, nesse convulso *carpe diem* dos crepúsculos. Desmancham-se pelo ar perfumadas grinaldas de lilazes, como mancheias de confetti, em adeuses de magua e de saudade. Tudo se reveste da cor da tristeza, tudo pranteia a inconsolavel vivez da terra.

Barram-se então de escuro as vivas colorações do occaso. Corre-se pelo espaço o velario das intensas tragedias acabadas. É morto o sol. Lá no alto irrompe clara e harmoniosa a ladainha das estrellas. São myriades de virgens mortas que resuscitam a cantar; são essas almas puras de crystal cedo evolucionadas das torpezas terrenas, que locupletam os côros do firmamento, arranjadas em constellações, numa disciplina conventual de preces e de vozes.

Começa a natureza a sua animalização polyfôrme e spectral. Surdem pesadas massas somnolentas, que se alastram pelos campos e pelos outeiros. Ausculta-se o compassado arfar de peitos que resomnam.

Tudo se occulta em frios véos de sombra. Além, para traz do espinhaço dos morros circumdantes, na sua culminancia heroica e taciturna, ergue-se o Pico com o seu habito negro de frade — e fica a noite inteira vigilante, enquanto dorme a terra, ouvindo as rudes confissões do mar — velho devasso de cabellos glaucos, imponente e trahidor, cheio de negros e irremissiveis peccados.

(De Fora do Mundo.)

*Gastao Realva*



(INÉDITO)

Mar, bonançoso mar de aguas claras e mansas,  
Mostra o escuro cachôpo, oh! Mar, que não descanças,  
Descobre teus parciais, teus rochedos ostenta,  
E enfreia no teu peito as furias da tormenta;  
Que elle, o monstro de ferro, é um mastim vigilante,  
Vindo para guardar-te essas vagas, que deante  
Das praias de ouro e prata, em rebanho agitado,  
Correm do littoral as angras, lado a lado,  
Saltam, vão a brincar; e aqui, uma onda gaíga  
A escarpa do alcantil, rendendo-a toda de alga,  
Enfeitando-a de espuma e de conchas vermelhas;  
Alli se empinam; lá se estiram, em parelhas,  
Por sobre o campo glauco... adiante, em rancho lèdo,  
Vão de um halo coroar a grimpada de um rochedo,  
Todas vestindo sol, sorrindo á brisa leve,  
E rasgando a cantar os seus véos cõr de neve!...  
A estrada lhe accendei de ardentias! Ao trilho  
Dáe-lhe o vivo fulgor, o mesmo argenteo trilho  
Da Via-Lactea! E quando, em mar estranho, arfando,  
Erguer a grande não seu vulto formidando,  
Ondas verdes, cantae-lhe ao costado a saudade  
Do longinquo paiz, terra de claridade!  
Recordae, de mansinho, o almo cêo do Cruzeiro,  
Na apothéose triumphal da aurora, no braseiro  
Das noites, no esplendor do Crepusculo, oh! Vagas!  
Dizei-lhe, sem cessar, dessas formosas plagas,  
Onde a verde palmeira acena, docemente,  
Num reclamo de amor, vagarosa, e indolente,  
Na volupia da seiva! Auras, auras nativas,  
Nesse adejar levae as espiras votivas  
Do fumo que de seus potentes pulmões de aço,  
No olhar da Patria vão rovoando para o espaço!  
Oh! Fazei palpitar a bandeira querida,  
Afflindo no penol, num frémito de vida;  
E emballae, como a um berço, a aurora movediça,  
Em que se cantará por amor á Justiça  
E do Direito em prol a epopéa sangrenta  
De immolados heróes que a mãe-patria acalenta!  
Alli se agitará a egregia descendencia  
Da raça de Titães que, em divina demencia,  
Foi pelo mar a dentro a desflorar-lhe as aguas!  
Do Ignoto o véo rasgou, entre risos e maguas,  
Domou a tempestade, e em Mazagão, Azzilla,  
Alcácer e Cafim, a luz da crença instilla;  
E váe á Diu, e váe á Cochim, á Malaca,  
A' Timor, á Bornéu... E simplesmente estaca  
Porque havia chegado ao termino do mundo!  
Raça audaz que traçou no pèlago profundo  
O eterno poema astral das conquistas, com a quilha  
De frageis barinéis, e a inapagavel trilha  
Por onde a Sciencia andou, e por onde a grande arte  
A Terra percorreu, de uma parte a outra parte!  
Do conubio feliz da tradição — o Oriente,  
Mysteriosa mansão dos mythos — com o fulgente  
Progresso occidental, prole augusta proveio:  
E a divina poesia, a deusa em cujo seio  
O bello nasce, o ideal se nutre, o amor impêra;  
E a industria genetriz; véde, é a verdade austera  
De antigas religiões que crystallizam a alma!  
Si, pois, de um povo tal, que na fecunda calma  
Da paz hoje floresce, e se ergue hoje de novo  
Provens, Oh! dura raça! Oh! destemido povo  
Tu vencerás tambem, pois retiveste attento  
Os feitos varonis, o passado tormento,  
A copiosa colheita aurea de gloria, a fama  
Que em estrophes de luz pelo orbe se derrama!  
O sangue que em nós arde! é o mesmo! E a mesma ainda  
A estirpe assignallada! E a Terra farta e linda  
E a mesma que gerou os heróes sobrehumanos  
De Cuevas e Humayá, que ha tres dezenas de annos  
Oppuzeram, sorrindo, os feitos ás bombardas,  
E as pequeninas náos, fragilimas e tardas  
A's trincheiras hostis, aos continuos perigos  
Da pérvida caudal de rudes inimigos!  
Ainda é a mesma gente impávida que um dia  
Resistiu e venceu a terra que se abria  
Em furiosos vulcões, como num cataclysmo,  
E ao rio que juntava um abysmo a outro abysmo,  
Um ardil a outro ardil, mais um banco a outro banco!  
Gente que o charco infiel e o rispido barranco,  
Aureolado de fogo e fumo, castigava,  
E o ferro audaz com o ferro, e a lava ignea com a lava  
Das armas e do amor pela patria adorada!...  
Vinde ver! E' já dia: — O pallio da alvorada  
Abre o rubro docel no firmamento escampo!  
Deserto é o rio em torno; ermo em redor é o campo...  
De repente, uma voz: «Alerta!» diz — «Alerta!»  
E o campo ermo e deserto, e a agua lisa e deserta  
Se povoam de náos e de canhões! Agora  
Ha naquelle recanto o incendio de uma aurora!  
Mas o scenario é vil, o palco é muito estreito  
Para tragedia tal, para tão grande feito!  
E' o torvelinho! E' o cháos! Eia! Esta não encalha!  
Essa é chama sómente! Aquella, só metralha!  
Esta outra, gyra e cae aguas abaixo! Aquella  
E' um brazéiro infernal, e de heroismo se estrella!  
Essa, váe a afundar, desarvorada bate  
De encontro á margem, mas... ainda alli se combate!  
Pelo exiguo convés vermelho da Belmonte  
Os vivos quasi nada, os mortos quasi um monte!  
Quem sabe o nome aquella? Olhae! Jequitinhonha!  
Em cujo bordo escuro a carnagem medonha

Tanto sangue espadana e faz correr, que o lódo  
Do rio, o proprio rio é de purpura todo!  
Paranahyba succumbe em constricção tremenda,  
Num abraço de ferro, e váe como offerenda  
Immolar-se no altar da Patria! Eil-a, sossobra!  
Eil-a, váe a morrer! Eil-a, o alento recobra!  
E alli se morre! Alli se luta! Alli se clama!  
O sangue salta, o sangue esguicha, o sangue é lama  
Sob agitados pés, sobre corpos varados,  
Do gurupés ao leme, em cima, em baixo, aos lados!  
E a blasphemia, o estridor, a demencia da luta  
Vão por aguas a fóra, e vão de gruta em gruta,  
Turbando a quietação e o silencio assustando!  
Mas, quem é que a lutar contra um hórrido bando  
De furias e dragões, que a raiva desfigura,  
Lá vem correndo? Olhae! Por sobre a pelle escura  
Ha um claro coração! E a grosseira roupeta  
Que era de fumo e pó, funebremente preta,  
Já traz a cõr triumphal dos régios mantos! Véde!  
Tem fome de vingança e de gloria tem sêde!  
— «Marcilio Dias! Basta!...» Oh! Não bastal Ainda é cêdo!  
Elle é um raio, um titan, elle é um duro rochedo  
Em que se vêm quebrar as ondas fragorosas,  
Da audacia e do rancor! Adeus, terras formosas,  
A morte vem buscal-o, e com a morte a derrota,  
A alma branca lhe dóe, e do corpo lhe brota  
A flor de uma ferida a cada golpe! Um braço  
Pende-lhe decepado ao flanco! Mas, no espaço  
Seu sabre inda lampeja, e ceifa, embota o corte,  
E gyra, e no seu gyro ha um grito, queda e morte...  
E assim cae como um deus num clarão! E' bastante!...  
Mas, que nova alleluia alli, na pópa, adiante?  
Não! E' uma scena cruel! Da altiva carangueija  
O brasileiro pendão que o negro fumo beija  
Lá desce esfarrapado! E, alli, céos! dentro em breve,  
Outras côres virão, outra bandeira deve  
Cobrir este convés com a sua triste sombra!  
Oh! Desdita sem par!... Oh! Loucura que assombra:  
E' uma creança, olhae bem! Mas este vulto imbelic  
Destróe, mata, fulmina e derruba e repelle!  
Um instante, e depois, sóbe a bandeira ufana  
De metralha crivada, em quanto a morte empana  
O celeste fulgor que ha na formosa face  
De Greenhalg, que, se cae, para a gloria renasce!  
O furor cresce, a ruina avulta, a morte avança!  
Oh! Angustia suprema! E' a derrota! A matança  
Augmenta mais e mais! De repente — um ribombo!  
Um vulto negro surge!... Um choque, um brado, um rombo!...  
Uma não inimiga arqueja, e, prestemente,  
Váe com o casco medir o fundo da corrente!...  
Novo choque! Outro brado!... E o espectro formidando  
Corre, ás tontas, recua, avança, gyra, dando  
Guinadas sem governo! E ainda outra vez volta,  
Despedaçada, destróe, já se prende ou se solta!  
Véde! E' a Amazonas! Véde! E' o grande desvario:  
E' a victoria afinal!... Já váe subindo o rio  
O inimigo a fugir como um bando assustado  
De rabidos chacáes em frente ao leão irado!

Mar, bonançoso mar, de agua cerula e mansa!  
Hoje, á flôr de teu seio, indolente, balança  
A formidavel não, seu vulto branco e enorme!  
Dorme aos beijos da luz, que chove do alto; dorme  
Aos bafejos subtis da viração patricia;  
Dorme á doce canção das vagas, e á caricia  
Do alento e branco luar!... Entretanto, se um dia,  
Na desesperação de humilhada agonia  
Esta terra se vir, a alma do aço, a alma bruta  
Do ferro, vibrará de alto a baixo! E na luta  
Levantará o mar em ondas de tormenta!  
E toldará o céu com a fumaça agourenta!  
E agitará o vento em borrascas bravias!  
E abalará com a voz as rudes penedias!  
E accordará no espaço, em ignoto ninho  
O genio do escarcéo, a alma do torvelinho!  
E os ares romperás, e rasgarás a onda!  
E a terra espancarás para que não esconda  
A cilada, o infortunio em seu lutuoso manto...  
E assim váes a correr, de recanto em recanto!...  
Mas que va'era a nós este arcabouço de aço,  
Este molhe de ferro, o estrondoso fracasso  
De seus longos canhões em que se forja a morte,  
Si não fóra afinal, mais forte, bem mais forte  
O olaro pundonor que nos peitos se azila  
Dos que em seu bojo vão?! Podes ficar tranquilla,  
Oh! Patria! E anda, caminha! Em teu regaço deita  
De aureos fructos da paz a abundante colheita!  
Ara os teus campos, sulca os teus rios, semeia  
Pelos invios sertões, bem ao pé de uma aldeia  
Outra aldeia, outra villa, outra cidade branca!  
E no teu seio de ouro, aos punhados, arranca  
Esplendores de sol, feixes de raios, brilhos  
De céu rasgado! E que teus ardorosos filhos  
Fortes pela Razão, encham todo o futuro,  
Desde as terras da luz ao polo frio e escuro,  
Por todo o mar, por todo o firmamento estranho,  
Com tamanho poder e com fulgor tamanho,  
Que a terra toda fique em altar eregida  
Para incensar-te o vulto, oh! Patria estremecida!



## ENTRE CANIBAES

4 horas da manhã. O **Barroso** cortava garbosamente o oceano espelhado e azul, rumo a ilha da Trindade. Nenhum outro ruído, a não ser a trepidação monótona das máquinas, perturbava a grande paz daquela noite quente e estrelada. Em torno, por toda a parte, estendia-se o oceano, indefinido e deserto, e sobre elle arqueada resplandecia a immensa cúpula doirada do céu, toda ella pingando a luz suavíssima das estrelas...

Navegámos, então, a setecentas milhas do Rio. Deviamos avistar a Trindade ao cair da tarde do dia seguinte.

Para alugar o somno, entrei a caminhar de um lado para o outro, no convez, entre as duas peças de 120 m/m á ré. Tinha ainda deante de mim quatro longas horas antes de passar o quarto a outro collega. Um torpor vago e exquisito tolhia-me os membros, invadia-me o ser e envolvia-me o espirito numa nevoa muito vaga e embriagadora. A noite, uma noite cálida e resplandecente de verão, obrigava ao repouso e á meditação.

Para despertar o espirito enervado de tres dias monótonos de cruzeiro, puz-me a pensar naquella ilha deserta e longínqua, que eu imaginava fantástica e mysteriosa, toda ella esbatida nas sombras vagas das lendas que eu tantas vezes ouvira contar...

Cansado de andar de um lado para outro no convez, encostei-me ao escudo de uma das peças de 120 m/m, cruzei os braços sobre esta e sobre os braços recostei ligeiramente a frente. Fechei insensivelmente os olhos e procurei fixar na retina da imaginação a imagem confusa e fugidia dessa ilha mysteriosa e lendaria, que eu devia finalmente conhecer no dia seguinte...

Vimo-nos perdidos, eu e o meu companheiro Lins de Vasconcellos, no coração de uma floresta densa e exuberante da ilha da Trindade!... A' custa de nos embrenharmos cada vez mais pelo seio da matta a dentro, haviam-nos desgarrado dos nossos outros companheiros de aventura, que conosco haviam desembarcado á cata de um immenso thesouro, — thesouro que dizia a lenda — cem annos atraz, um bando de piratas, fugindo á perseguição de uma fragata ingleza, haviam occultado no seio daquella ilha mysteriosa e abandonada...

A noite, que se fechára tempestuosa e escura, ali então nos surprehendera, sem sabermos ao certo qual dos atalhos tomar afim de voltarmos para bordo. Bastante inquietos, eu e o meu companheiro viamos, passando e repassando sobre as nossas cabeças, num tatar sinistro de azas, bandos de aves agourentas, soltando guinchos horribeis, aos quaes respondiam, do centro da floresta, os rugidos das feras estomeadas... De uma direcção muito vaga, chegava até nós, casando-se ao lugubre assobio do

vento por entre as copas das arvores, o bramido cadenciado e profundo do mar tempestuoso, esphacelando-se de encontro aos rochedos da praia...

Completamente desesperados já; sem nenhuma probabilidade de tornarmos a encontrar os nossos outros companheiros; sem uma só arma para nos defendermos contra um ataque provavel; inteiramente exhaustos de forças; com as vestes em farrapos e as carnes ensaguentadas — nada mais nos restava senão esperar que viesse o dia afim de melhor nos orientarmos...

Subito, ouvimos distinctamente, do seio mysterioso e lugubre da floresta, um ruído estranho e sinistro que se approximava. Dir-se-ia um tropel confuso de feras, numa louca investida pela floresta a dentro, correndo em nossa direcção... O estranho rumor approximava-se cada vez mais, avo'umando-se; pareceu-nos, então, um canto guttural e selvagem, acompanhado de pancadas cadenciadas em tambores de guerra...

— Estamos perdidos!... São os selvagens!

Mal acabei de articular estas palavras, eu e o meu companheiro nos vimos cercados por uma centena de indigenas hercúleos e semi-nús, todos elles sobraçando pesados tacapes e de cujas cinturas pendiam, como um adorno horripilante e macabro, pedaços de ossos humanos... Um clarão sinistro e machiavelico illuminava-lhes as physionomias duras e más, e quasi todos sorriam para nós, com um sorriso atroz e selvagem...

Sem que offerecessemos a menor resistencia fomos arrastados, durante uma hora, atravez da immensa floresta, até um vasto acampamento indigena onde, agachados em torno de uma enorme fogueira, fomos encontrar centenas de outros selvagens que, á nossa aproximação, entraram a saltar e a bater as mãos de satisfação, esboçando-nos esgares indecifráveis...

Fomos logo levados á presença de um cannibal alto e espadaúdo, typo de Hercules com a face já enrugada e a cabeça completamente grisalha. Era, com certeza, o chefe daquella tribu feroz. Este trocou algumas palavras rapidas com os nossos algozes, numa linguagem toda ella guttural e entrecortada de mimicas, mas em tom energico de quem expede uma ordem.

Fomos em seguida arrastados até ao pé de uma immunda e fetida masmorra cuja entrada era guardada por dez indigenas, que cochilavam, acorados em torno de uma pequena fogueira. Estes, em nos avistando, levantaram-se logo, e tomando de dois compridos cipós finos e flexiveis, ataram-nos os pés e as mãos, e em seguida nos atiraram para o fundo da infecta prisão.

Ahi, — dolorosa surpresa! á luz bruxuleante da fogueira que lhe illuminava a entrada, eu e o meu companheiro fomos encontrar, de mãos e pés atados, como nós, e espalhados pelos

quatro cantos daquella cellula humida e escura, os nossos nove outros companheiros de aventura: o Pavão, o Goulart, o Paiva Meira, o Oddone, o Parreira, o Johansson, o Wandyck, o Nunes, o Dias Costa... todos elles taciturnos e resignados, sem deixar escapar a menor palavra de queixa ou de protesto... Perguntamos-lhe logo, á queima roupa:

— Que querem de nós estes selvagens?... Vão matar-nos?... Falem, homens de Deus!... Vamos ser queimados?... Comidos vivos?...

— Estamos todos perdidos, Barbosa! exclamou o Goulart. Não ha salvação possível... Estes miseráveis são anthropophagos e vamos ser todos guisados e almoçados amanhã pela manhã!...

— Meu Deus do céu!... gritou o Lins.

— Ahn!... gemeu o Victor.

— Desgraçada viagem, esta!... soluçou o Parreira — Antes nunca tivéssemos tido a funesta idéa de visitar esta ilha maldita!...

— Se eu conseguir escapar-lhes, esbravejou o Pavão — ainda hei de um dia fusilar estes miseráveis um a um!...

— E eu que estou noivo!... suspirou o Wandyck...

A nossa conversa foi subitamente cortada pela entrada de um grupo de selvagens, os quaes nos arrastaram immediatamente para fóra da prisão.

Amanhecia. Chegára finalmente a hora fatal!...

Fomos levados até uma especie de terreiro circular, no meio do qual grandes caldeirões de barro com agua fervendo fumegavam dentro de enormes fogueiras. A nossa aproximação uma multidão de indigenas nos rodearam entre homens e mulheres, e sorriam barbaramente, e saltavam de alegria, os olhos gulosos e fusilantes cravados sobre nós.

Foi-se-nos, então, a ultima esperanza. Não havia duvida: iam ser victimas de uma horrivel carnificina, para servir de repasto á cobiça insaciavel daquelle bando de feras!...

Seguido de outros, adiantou-se até nós o velho Hercules selvagem que eu vira na vespera e que se me afigurára ser o chefe da tribu. Examinou-nos detidamente, um por um, tocando-nos desdenhosamente com o pé. Ao chegar-se deante do nosso collega Lins de Vasconcellos, deteve-se muito interessado, exami-

nando-o longamente. Os seus olhos opacos de velho cannibal accenderam-se então de um clarão vivo e sinistro. E virando-se para um dos homens que o acompanhavam, por meio de gestos que nos toram perfeitamente comprehensíveis, manifestou claramente o sua alegria de velho lobo glutão:

— Este é o mais gordo; vae-nos fornecer um prato saboroso... Vamos mata-lo primeiro!...

O Lins não poude conter um formidavel esforço para romper os laços que lhe prendiam os pés e as mãos. Debateu-se, muito tempo em vão, rolando-se pelo chão immundo, sujando-se, estrebuchando, rugindo, soltando um sem numero de pragas. Foi debalde. Os dez vigorosos selvagens, obedecendo ás ordens do chefe, seguraram-no fortemente, arrastaram-no cruelmente pelo chão lamacento e infecto do acampamento e á viva força recostaram a sua cabeça sobre um pequeno parallelipipedo de pedra. Um dos algozes, então, tomando de um formidavel tacape, ergueu-o com os dois braços no ar, inclinou violentamente o corpo para a frente e...

Acordei sobresaltado. Um golpe de mar mais violento me havia lançado de encontro á escada que sóbe para o tombadilho. Olhei em torno, ainda estremunhado, sem nada comprehender... Levantei-me, esfreguei os olhos... Não havia duvida: tinha sido victima de um pesadelo

Ainda assim assaltou-me o espirito meio adormecido uma duvida singular. Desci, pé ante pé, meio vacillante, ao alojamento dos aspirantes e não pude conter um gesto de alegria: lá se achavam, sãos e salvos, os meus dez queridos companheiros, de turma, dormindo beatificamente o somno tranquillo e reparador dos que não vivem, como eu, com a imaginação saturada de lendas...

Subi novamente ao convez para espairecer o espirito mal despertado.

Amanhecia. Uma brisa muito fresca, que soprava do largo, acariciou-me o rosto.

A immensa toalha liquida, toda ella saphyra e esmeralda, estendia-se indefinidamente a perder de vista. E no céu, de um setim azul purissimo, apagavam-se, uma a uma, as derradeiras estrellas...

J. D. B.

## COISAS QUE INCOMMODAM...

Em limpido domingo, infindo pão,  
Fiedondas sabbatinas na segunda,  
Triste cara torcida e quase immunda,  
De tafeteo somnolento e máo.

Arpoada por gente de outra náo,  
A bolsa sangradinha, gemebunda,  
E — enrascadela negra e archi-profunda —  
Desados a fistar-nos sobre um páo.

A todo instante toque e continencias,  
Uniforme p'ra dansa e conferencias,  
Coisa esta de que ainda não vi os fins.

Mas duas sobretudo ferem a alma:  
O principio economico do Djalma  
E o appetite elephantico do Lins.

Boaquím Pernambuco.

## VILLA VENTURA

(INÉDITO)

Detto da minha casa, vizinha da praça, ha uma "villa" para alugar: "Villa Ventura".

Lembro-me dos antigos moradores, um casal de velhos e tres raparigas. Os velhos, fortes, corados; as raparigas, muito bonitas, muito finas, com uns olhos grandes...

"Villa Ventura"... Talvez fosse por esta denominação que eu sempre achei naquella gente um ar feliz, repousado, alegre...

Agóra, deante da casa vazia, fico imaginando que a ventura acabou, que qualquer coisa de máo e triste aconteceu aos velhos e ás raparigas... O annuncio banal: "Aluga-se" enche de pena o meu coração...

Dareciam tão bons aquelles velhos... Eram tão lindas aquellas raparigas...

ALVARO MOREYRA

**C**OMO foi que elle veio?... Era ao sol-por: uma palavra á tôa... um quasi enleio... Veiu assim, tão de leve, o nosso amor, que eu nem tenho certeza si elle veio...

**E** ainda agora que o guardo junto ao seio, fico a pensar que emquanto não se for, ha de ser sempre assim... Até não creio que este amor, em verdade, seja amor!...

**N**ÃO se queixa: é a brandura de um cordeiro. Mas a tristeza que lhe vem aos olhos, tráe qualquer cousa de um amor primeiro...

**Q**UALQUER cousa de estranho e allontanado,  
— sombra esquiva que immerge nos refólhos,  
— suave aroma de sombra do passado...

HENRIQUETA LISBOA.

Revelação

(Inédito)

## A Academia e a Marinha

Dor A. M. Buarque de Lima

Com a morte de Alberto Faria alvo-  
roçaram-se os nossos arraiaes literarios, como  
se os fustigasse uma ducha de agua em ebulição.  
Os boatos formigam, proliferam assustadoramente  
os candidatos de jornaes, cuja eleição é esperada,  
e o mortal que se immortalizará ao contacto  
macio da siége suspirada, sorri superiormente  
antes esses cabotinismos, que elle sabe inuteis,  
porque crê na infatibilidade dogmatica do sorti-  
legio que o elegerá. Mais positivo que Taine,  
mais prevenido que Thomaz, não confiou no me-  
recimento invulgar da sua obra, estendeu a  
teia traiçoeira por onde borboletejam os comen-  
saes do Olympo, e, surrateiro, aproveitando o  
enlevo com que fitavam através da vaga nevoa  
o corpo vago duma deusa, emmaranhou-os a  
todos, com a insignificativa excepção de uns pou-  
cos, nada poeticos e muito neurasthenicos, que  
quebraram a lyra no lombo da aranha ousada.

Mas, louvado seja Saturno — como diria  
o barão de Ergonte — não foi elle o unico que  
desceu zoologicamente. Alguns, admiradores dos  
reptis, rastejaram; outros, invejosos da camara-  
dagem dos caprinos, horizontalizaram o espi-  
nhaço e brotaram as protuberancias symbolicas;  
finalmente o terceiro rebanho, o dos ecleticos,  
impressionado com o evolucionismo, macaqueou  
o que nos dois havia mais pratico, e inscreveu-  
se... O que o distingue, porém, é a intelligen-  
cia: intelligencia assim no assedio á cidadela,  
hoje valorizada com o legado do Alves, que  
creou a finura academica do jeton, como na  
premeditação do golpe velhaco. Será indubi-  
tavelmente, fatalmente eleito.

E o criterio capcioso, que dê uma caia-  
dela de decencia ao suffragio suspeito?

A Academia tem sido até hoje, e se-lo-á  
sempre, o alvo da ironia, do despeito e da  
intriça dos candidatos infelizes. Na maioria de-  
sancam-na antes do fracasso: é uma anticipação  
da vingança, a providencia de um *touriste* avi-  
sado, que veste a camisa de malha para uma  
excursão á Favela. Mas, em chegando o instante  
solenne da inscripção, lembra-lhes o apóstolo...  
e negam a *turbulenta mocidade*. Tudo o que os  
pobres constrictos blasphemaram, escreveram, mo-  
tejaram foi devaneio de jovens. Agora, que  
recordam com um sorriso esse espirito icono-  
clasta, o das pedradas e dos assobios, reco-  
nhecem á encantadora netinha de Richelieu, á  
bella namorada de Nabuco, a influencia, a indis-  
cutível, a mais evidente influencia na literatura  
da Gecolandia. E acaciano é quem não balar,  
rubro de enthusiasmo, um apoiado apoplectico.

Emquanto a mim, ainda não justifiquei  
essa hostilidade nem vislumbrei essa influencia.  
Sem a Academia tivemos a pleiade magnífica  
dos nossos romanticos, o surto da nossa critica  
e do nosso theatro, a fase mais bella da nossa  
eloquencia, tivemos Alvares de Azevedo e Castro  
Alves, Gonçalves Dias e Basilio, Casimiro de  
Abreu e Varella, Alencar e Macedo, Francisco  
Lisbôa e Mont Alverne. E o que ainda mais  
alto floresceu nas nossas letras, precedeu-a: Via

Latea e Espumas Fluctuantes, por exemplo sem  
falar na obra do admiravel Coelho Netto, a esse  
tempo mais fresca, mais vibratil, mais luminosa.  
Entretanto, se não occulta num recanto do Petit  
Tianon a lympha magica, trazida por uma  
musa amiga na concha rosea das mãos, se  
ninguem se faz poeta, porque ella o inspire  
nem troiano, porque ella o converta, não se  
lhe póde arguir, invocando a literatura britanni-  
ca, uma inutilidade absoluta. Nem o prestigio  
dos immortaes de França nem a sumptuosidade  
ôca dos de Espanha. Lemos quasi exclusivamente  
livros francezes, mode'amo-nos pelas ideias fran-  
cesas, pen'amos como os innovadores francezes;  
e é ella quem, em meio á invasão e, recebendo  
embóra directamente a influencia ultramarina,  
busca resalvar o vernaculo da adulteração inevi-  
tavel, promovendo concursos, onde pontifica o  
puritanismo de um Laet, de um Silva Ramos, de  
um João Ribeiro e de um Duque Estrada. E  
não é pouco. Nada se lê entre nós que não  
esteja vasado na lingua de Renan. Compreende-  
se que se leia Tolstoi através das traducções.

Mas ignorar Manzoni ou Carlyle no  
original é francesismo chronico. Dahi a sua  
influencia, como eu a comprehendo, influencia  
providencial para que amanhã algum mystico  
contemplador do Sena não procure no Briguiet  
a versão da obra de Machadou d'Assi.

\*  
\*

Mas a Academia justifica até certo ponto  
o ridiculo e a indifferença que cercam o preen-  
chimento das suas vagas. Ella desvirtuou, com  
a injustiça de muitas eleições, o fim para que  
foi instituida. Se desde o vetusto casarão da  
Lapa, para cuja obtenção tanto penou o seu  
primeiro presidente, quando ella perambulava  
de Herodes a Pilatos, se desde essa Babel,  
onde se confundem o patriotismo da Liga de  
Defesa Nacional e a erudição do Instituto Histo-  
rico, abriga verdadeiros homens de Letras, cujo  
merecimento honraria qualquer congener estrangeira,  
outros vegetam sob o tecto auguste numa  
serena esteridade, que é o penhor mais seguro  
da sua ascensão ao reino dos céus. E a justi-  
ficativa é o *criterio dos expoentes*. Ora, admitti-  
da a honestidade da applicação de tal criterio,  
ainda assim procedia a censura: a Academia,  
como a sonhou Nabuco e como a edificou Lucio  
de Mendonça, não foi para albergue da medio-  
cidade dourada, devia sobrepair aos interesses  
politicos e revestir na sua finalidade alguma  
coisa da belleza espiritual dos platanos sagrados.  
Devia ser o privilegio do genio como a synagoga  
o da fé.

Esse criterio, porém, tão epidemicamente  
invocado, não passa dum enphemismo quase  
elegante, dum sophisma bem academico. Se assim  
não fôra, todas as classes cultas teriam na  
*illustre companhia* o seu representante. Mas  
engano-me: Os senhores immortaes têm razão.  
Todas as classes estão representadas... menos  
duas: O Clero e a Marinha. Para a omissão  
do clero militam duas razões: a primeira é  
que o distinguiram ha pouco no illustre D.

Silverio; a segunda é que, embora represente a religião da maioria do nosso povo, não reveste aspecto official; e com o mesmo direito e pe'o mesmo critério, tanto podiam sentar numa das poltronas o bispo israelita, como o Cardeal ou o Professor Mozart.

Quanto á *Marinha*, não me occorrem agora as razões. Devem de ser transcendentes, muito fortes e de certo irretorquiveis. *Academia dixit...* Talvez — quem sabe? — a similitude de uniformes... Ne'a, no entanto, encontra-se um vulto, cuja vida é um trecho da nossa historia, uma tradição dos nossos mares, e cujo valor intellectual não se correram de incorporá-lo a si varias instituições estrangeiras e nacionaes: o Almirante Téffé. Num ponto de vista exclusivamente litterario, encontra-se tambem quem troque sem desdouro a espada de marinheiro pelo espadim de academico. Gastão Penalva, Eugénio de Castro e Velho Sobrinho estão nesse caso.

Gastão Penalva é o creador de uma litteratura original, sem congeneres nas outras marinhas, mesmo na que produziu Pierre Loti e Claude Farrère. Elle é acima de tudo o chronista commovido do marinheiro, e as suas paginas guardam a jovialidade sadia de um flagrante de bordo. Entre nós só Raul Pompeia empregou o mesmo processo. Mas em todo

O Atheneu o desventurado e cintillante escriptor, naturalista orthodoxo, só revelou, e exagerada, a face repugnante da vida collegial. Foi a fotografia de um bello panorama desfigurado pela neblina.

No autor de *Botões Dourados* não ha preocupação de escola. Narra os episodios mais comicos com a naturalidade de quem está conversando — e elle é um causeur encantador; mas quando se volta a u'ltima pagina aos seus livros, fica, com o sorriso que a brejeirice do conto provocou, a sympathia pela alma ingenua e boa do nosso marujo. Esta, uma das modalidades do seu estylo. Porque possui tambem as tintas de um colorista, observação e leveza á maneira de Ramalho Ortigão; e nas chronicas sobre a circumnavegação que fez, com ellas fixou a poesia do Japão, a tristeza infinita do Sahára, Cairo com as suas ruas estreitas, a Turquia com as suas mulheres veladas e as ondas com o seu marulho triste, monotonoo, quase humano. Se Joaquim Nabuco ainda visse, elle que tanto insistira na sua correspondencia com o desencantado de *Quincas Borba* pela representação da *Marinha na Torre Eburnea*, certo o seu voto já teria recaido sobre quem soube escrever *A faina negra*, conto admiravel de finura, concizão e humor. E recairia bem.

## DEVORADORES DE REIS

Conto de Malba Tahan — Traducção do inglés  
pela senhorita Maria Helena Milliet

Havia já dois presos no cubiculo novo para onde eu fora levado. Um d'elles, um homem alto, corpulento, de barba preta, assim fallava, conversando em voz baixa com o companheiro.

— «Na semana passada eu só consegui comer um rei. Você teve maior sorte, devorou dois!»

O outro, sem se perturbar respondeu:

Não se lembra mais você da rainha que comeu o mês passado?

Santo Deus — pensei — estou aqui, numa prisão, com dois loucos terríveis! Esses homens, verdadeiras feras, fallam em devorar um rei, como se um soberano, de sceptro e corôa, fosse um bife que se come ás pressas na hospedaria da estrada. Eram com certeza republicanos escoltados, que arrastados pela paixão politica haviam perdido o uso da razão: e a mania d'elles no triste estado de demencia em que se achavam, era a extravagante preocupação de transformar todos os monarchas em iguarias e manjares.

Confesso que tive um grande medo dos meus companheiros de prisão. E se elles me tomassem por algum soberano da Grecia ou da Bu'garia? Estaria eu irremediavelmente perdido.

Lembrei-me então do conselho prudente de um medico amigo meu: «Quando estiveres entre doidos, finge-te doido tambem.» E foi isso que resolvi fazer. Passar, aos olhos da-

quelles dois loucos, por um terceiro louco, victima da mesma mania. Levantei-me, então, solenne, e a elles me dirigi da seguinte forma:

— «Isso que os senhores contam não é nada! Já comi em menos de um anno, varios reis, rainhas e princezas.»

E como os regicidas já me observassem com grande espanto, achei mais prudente acrescentar:

— «Já engoli vivo um archiduque com roupa, medalha e tudo!»

— «Esse camarada está doido murmurou o homem da barba preta.

— Louco varrido — ajuntou o outro. — O melhor é não lhe dar importancia alguma. Vamos jogar a nossa partida.

O homem da barba preta puxou então de um taboleiro de xadrez e de uma collecção de peças desse conhecido jogo. Só então percebi o engano e o ridiculo em que havia cahido. Aquelles dois homens não passavam de simples e pacatos enxadristas; as peças do jogo — reis, damas, bispos, cavallos, etc.. — na falta

de material proprio eram fabricados com miolo de pão. Pela combinação original existente entre elles, o vencedor de cada partida tinha o direito de devorar o rei adversario. Isso importaria para o vencido em um grande sacrificio pois era forçado a economizar, nas refeições seguintes, uma parte do pão, sufficiente para fabricar um novo rei.

(Do livro «Roba-el-Khali»)



# COMBUSTIVEIS

J. L. Belart

## TEMPERATURA DE COMBUSTÃO DE UM COMBUSTIVEL

Chamando

Q — a quantidade de calor contido em um corpo

p — o seu peso

c — o seu calor especifico

t — a temperatura,

virá

$$Q = pct$$

Vimos, porem, anteriormente que era necessario dispendir approximadamente 11k de ar, para queimar 1k de combustivel, sob os tenutos de 0,80 de C e 0,055 de H, e possuindo esse ar já uma certa temperatura t, claro está que terá uma quantidade de calor

$$Q = 11 \times 0,24 \times t$$

Sendo 0,24 o calor especifico ordinariamente tomado para o ar.

Após a combustão, os productos gazosos nos darão evidentemente, um peso de

$$1k + 11k = 12k$$

á uma temperatura t'. Dahi uma quantidade de calor,

$$Q' = 12 \times 0,24 \times t'$$

Para maior facilidade, considera-se o calor especifico 0,24 como constante.

A quantidade de calor então desenvolvida, será a differença entre os estados extremos.

$$Q' = p' ct'$$

$$Q = p ct$$

$$Q' - Q = p' ct' - p ct$$

Mas como o combustivel considerado (5% de H e 80% de c) apresenta um total de calorías expresso por

$$\frac{80}{100} \times 8080 + \frac{5}{100} \times 29500 = 7939$$

ou approximadamente 8000 calorías, segue-se que

$$Q' - Q = 8000$$

porquanto essa differença é precisamente igual ao valor gasto pela combustão.

Logo

$$8000 = p' ct' - p ct$$

ou

$$800 + p ct = p' ct'$$

donde

$$t' = \frac{8000 + p ct}{p' c}$$

Suppondo que o ar penetre na fornalha com 20°,

$$t' = \frac{8000 + 11 \times 0,24 \times 20}{12 \times 0,24} =$$

$$= \frac{8000 + 52,8}{2,88} = \frac{8052,8}{2,88} = 28,76^\circ$$

tal é a temperatura de combustão.

Na pratica, quando mandamos o ar para dentro da fornalha, mandamos tambem o Az e como este corpo difficulta a oxydção, a temperatura baixa. Dahi a razão (pela qual quando achamos as vezes 2000°, na pratica corresponde a 1600° ou a 1500° ou finalmente a 1800°.

Vejamus agora qual o rendimento.

## RENDIMENTO

Sejam:

T — a temperatura absoluta da fornalha

T<sub>1</sub> — a temperatura dos gazes, em sahindo pela base da chaminé

O rendimento theorico nos será dado, de accordo com a Thermodynamica, por

$$R = \frac{T - T_1}{T}$$

Ora

$$T = 273^\circ + t$$

fazendo t = 1500°, vem

$$T = 273^\circ + 1500^\circ =$$

$$= 1773^\circ$$

Identicamente, teremos,

$$T_1 = 273 + 300 = 573^\circ$$

suppondo 300° a temperatura na base da chaminé.

Dahi

$$R = \frac{1200}{1773} = 0,67$$

ou

$$R = 67\%$$

Se empregassemos os aquecedores «Alden», como elle rouba calor da base da chaminé por meio de dispositivos especiaes, teriamos a temperatura na base da chaminé diminuida para 200°, portanto

$$T_1 = 200^\circ + 273^\circ = 473^\circ$$

E como os 1500° logicamente augmentariam, para 1600°, teriamos

$$= 1600^\circ + 273^\circ =$$

$$= 1873^\circ$$

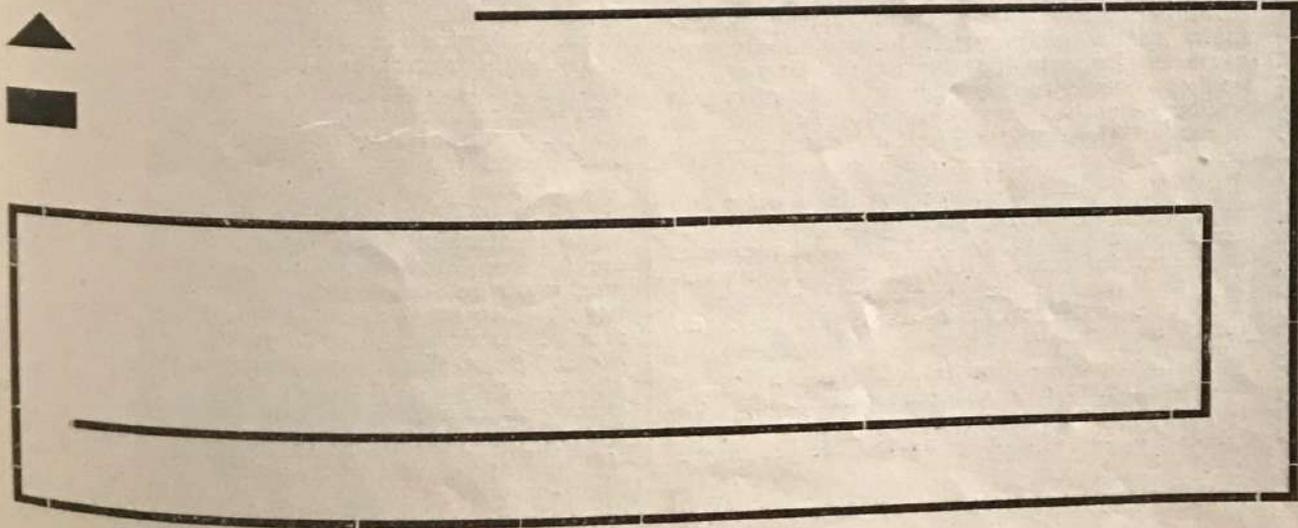
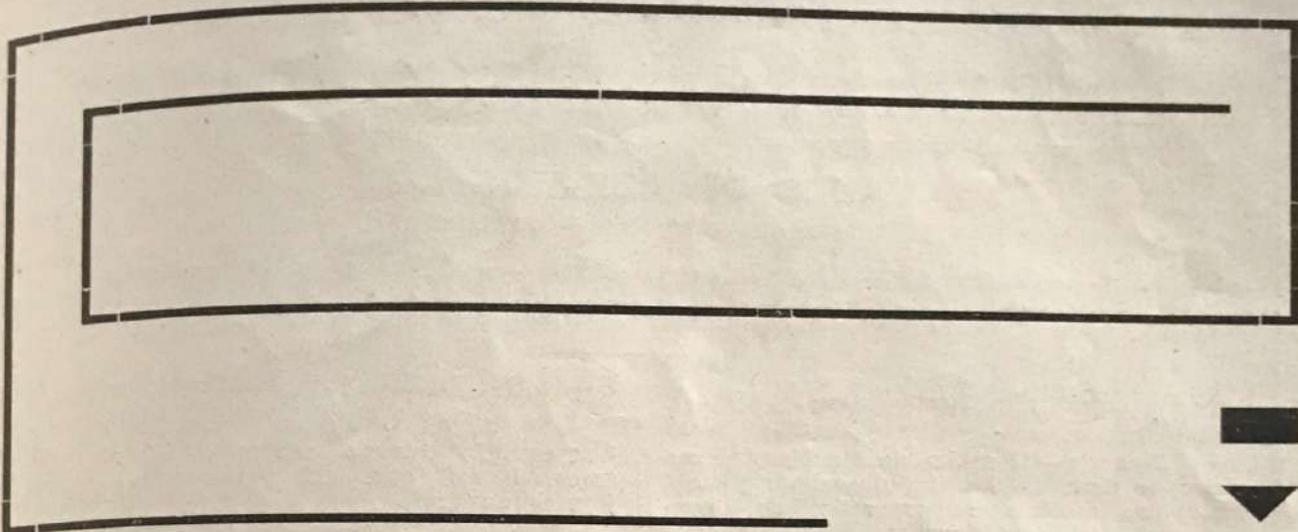
logo

$$R = \frac{1873^\circ - 473^\circ}{1873^\circ} =$$

$$= 0,75$$

differença de 8%

Como o roubar calor da base da chaminé, prejudica um pouco, tem-se que notar que esse roubo só se pôde fazer com vantagem entre certos limites.



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

**166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro**

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo - R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

**Bernado** — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriaes, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

**Bernice** — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, apparatus auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

**Brandão** — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

**Naval** — **Construção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmulas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislaw de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas 8\$

**Madre** — **Construção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes 8\$

**Combate** — **Construção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8\$

**Acesoro** — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paíões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Instalação do apparatus motor; Instalações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

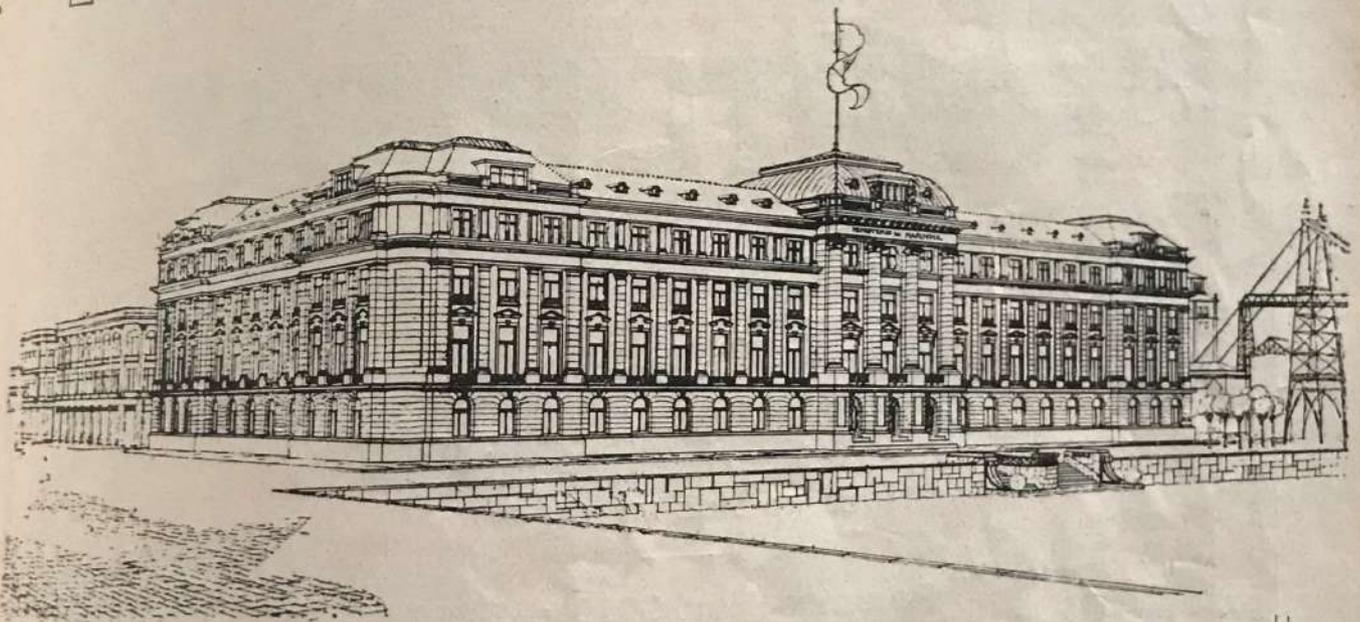
**Conduto** — **Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

**Navegal** — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharóes, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

**Piltage** — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

**Fundura** — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

PERSPECTIVA DO NOVO EDIFICIO  
DO MINISTERIO DA MARINHA.



ESCRITORIO TECNICO  
**RAJA GABAGLIA**

ENGENHEIROS CIVIS

PROJECTA — ADMINISTRA — FISCALISA

✘ ✘ ✘ ✘ EMPREITA: ✘ ✘ ✘ ✘  
✘ ✘ OBRAS HYDRAULICAS ✘ ✘  
✘ ✘ CONCRETO ARMADO ✘ ✘

Instalações industriaes e electricas — Estradas de ferro e rodagem

Rua da Quitanda, 96  
1º andar

Rio de Janeiro  
Phone N. 2122

# Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA  
BRAZILEIRA

PATENTE No. 14.743

# "RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

## ALVARO ALBERTO

( OFFICIAL DE MARINHA )

Patentes Nos. 9970 e 11638

**Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.**

VENDEDORES :

## P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco 29 - Rio de Janeiro.

Telephone Norte 3974  
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.

ELECTRICIDADE: BAIXA E ALTA TENSÃO, MOTORES,  
TRANSFORMADORES, CABOS, FIOS, ETC., FERRAGENS,  
METAES, FERRO E AÇO, ARTIGOS PARA MARINHA,  
TELEGRAPHOS, MACHINAS, ESTRADAS DE FERRO; ES-  
CAPHANDROS; BOMBAS PARA AGUA; OLEOS DE  
TODOS OS TYPOS; BLASTING, DYNAMITE, GELIGNITE,  
ESPOLETAS, DETONADORES; MOTORES A GAZOLINA  
"HONOMAG LLOYD"

# MAYRINK VEIGA & Co.

ENGENHEIROS, IMPORTADORES E EXPORTADORES

Encarregam-se de installações hydraulicas, mechanicas  
e electricas. Officinas de reparações de  
motores, machinas e qualquer  
apparelho electrico.

---

Mangotes, Tubos de borracha, Mangueiras, etc.  
ELECTRIC-HOSE & RUBBER Co. NEW YORK

Tintas, Vernizes e Esmaltes de  
THOMAS PARSONS Co. LONDRES

Grupos *Kohler* geradores de força e luz de  
KOHLER Co. NEW YORK

Estaleiros para construcção e reparação de  
navios de qualquer tonelagem

GEORGE BROWN Co. GREENOCK

Gaxetas metallicas, etc. de  
CRANE PACKING Co. CHICAGO

---

**Rua Municipal 15/21 Trav. de Santa Rita 26**

Deposito : Rua do Acre n. 64 — Ilha de Saravathá

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones Norte :

Armazem 3849 — Escritorio 3840

CODIGOS USADOS :

ABC 5ª Edição — Ribeiro — Lieber's  
Bentley — Marconi — Int.  
General Telegraph.

**RIO DE JANEIRO**

== A MACHINA DE ESCREVER ==

# UNDERWOOD

== SERÁ SEMPRE SUPREMA ==



A machina de escrever Underwood é considerada universalmente como a machina padrão que as demais procuram em vão igualar.

Jamais se fez machina de escrever tão perfeita!

Onde quer que se use a machina de escrever a Underwood é preferida, porque:

Sua construcção é sólida: dando garantia de durabilidade;

E' simples: permittindo o facil manejo;

É de ajustamento mechnico perfeito: permittindo maior velocidade.

# RONEO

Os systemas de classificação fabricados pela RONEO LTD., de Londres

SÃO OS MELHORES DO MUNDO

OS MELHORES ARCHIVOS DE AÇO PARA CORRESPONDENCIA, OFFICIOS, FICHAS, STOCK, ESTATISTICAS, ETC.

Temos exposição permanente deste material e teremos prazer em fornecer detalhes e explicações gratis a quem nos honrar com sua visita.



OUVIDOR 98  
RIO

UNICOS DISTRIBUIDORES:

Paul J. Christoph Company

SÃO BENTO 45  
SÃO PAULO



Orgam Official dos  
Aspirantes de Marinha

REDACTOR-CHIEF :  
A. M. BUARQUE DE LIMA

## O MARINHEIRO

ESPECIAL PARA "A GALERA"

Eil-o que segue oceano afóra, alheio  
A' ameaça e á perfidia dos escolhos,  
Com o mysterio do mar dentro do seio  
E o mysterio do céu dentro dos olhos !

A agua calma lhe embala as esperanças,  
Adormenta-lhe, em musica, a saudade...  
E a agonia do sol, nas tardes mansas,  
De romantismo o coração lhe invade.

Sente, com um riso triste e contrafeito,  
Lembrando a hora da partida louca,  
A lagrima materna... a arder no peito...  
E um beijo de noivado... a arder na bôcca !

Do horizonte, de subito, na curva  
Surge uma nuvem, de pavôres cheia !  
O ar escurece... O vento as ondas turva...  
E a tempestade se desencadeia !

Crêspas, vagas revôltas escancaram  
Tumulos d'agua... pélagos hiulcos...  
As trevas em relampagos se aclaram...  
Os céus se inflamam de fulmineos sulcos !

Lembra a afeição distante, e se tortura  
Pela ideia e o infortunio de perdê-la  
E, em delirio, nas tenebras, procura,  
O clarão de esperanças de uma estrella !

Densa treva !... E alma forte, mas vencida,  
Envia, com a ansia, que no peito encerra,  
Um olhar de tristeza para a vida  
E um beijo de saudade para a terra !

E, heroicamente, vendo a morte, em meio  
A chuva, o vento, e os perfidos escólhos,  
Sente a furia do mar dentro do seio  
E a revolta do céu dentro dos olhos !...

RAUL MACHADO

# S U M M A R I O

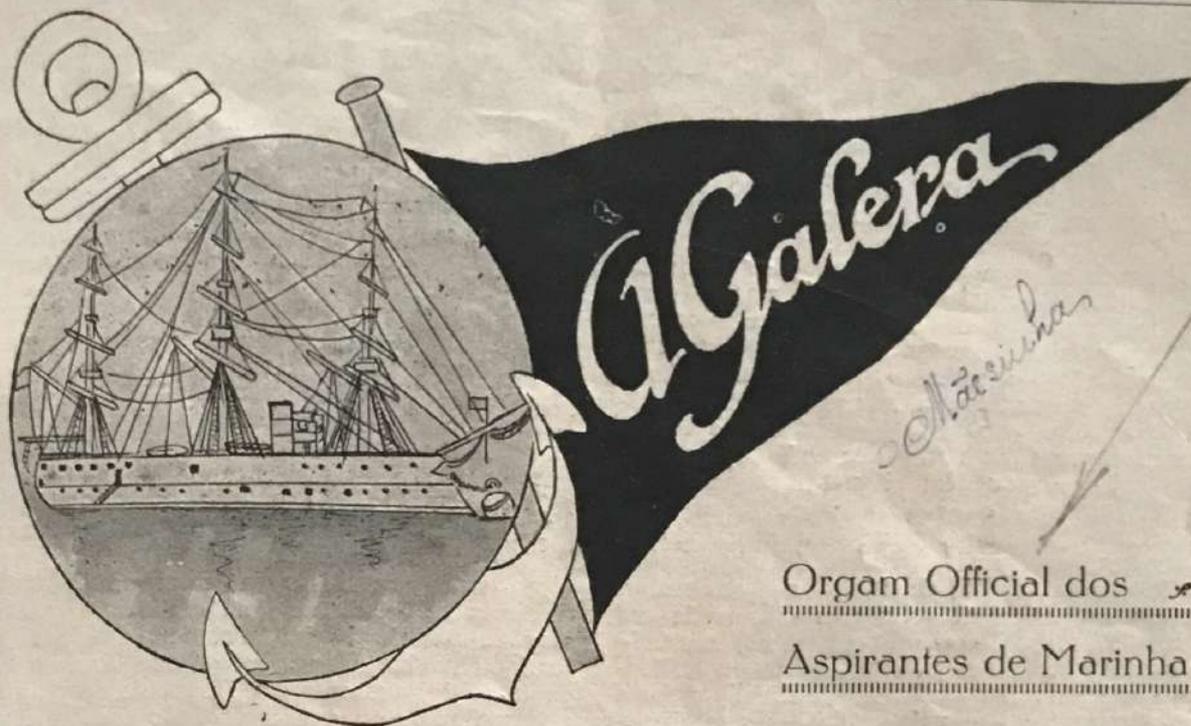
<i>O marinheiro</i> .....	Raul Machado.....	Capa
<i>D. Pedro II</i> .....	A. M. Buarque de Lima..	1
<i>O dia do marinheiro</i> .....	A. M. Buarque de Lima..	2
<i>Noivo e aspirante</i> .....	Tenente .....	4
<i>O Pharol</i> .....	Coelho Netto.....	5
<i>Palavras á minha mãe</i> .....	Olegario Marianno.....	6
<i>Assombração</i> .....	O. C. ....	7
<i>Revista de revistas</i> .....	L. R. ....	8
<i>Idyllio triste</i> .....	A. M. Buarque de Lima ..	11
<i>Doutrina</i> .....	Antonio Bardy .....	12
<i>O talho</i> .....	Malba Tahan.....	14
<i>Dois e uma</i> .....	Balthazar Pereira.....	15
<i>Fallando ao mar</i> .....	Velho Sobrinho.....	17
<i>Contos de Malba Tahan</i> ....	A. M. Buarque de Lima..	18
<i>Cruz de marinheiro</i> .....	A. M. Buarque de Lima..	20
<i>Fazer um pau</i> .....	Gastão Penalva.....	} 22
<i>Amor fundido</i> .....	O. C. ....	
<i>Nota sobre as temperaturas de inflamação</i> .....	Alvaro Alberto.....	23
<i>Paizagem</i> ...	O. C. ....	} 25
<i>Deante do mar</i> .....	Laura M. de Queiroz.....	
<i>Lapso de memoria</i> .....	Joaquim Pernambuco .....	} 26
<i>O estudo</i> .....	O. C. Marques.....	
<i>Uma reunião encantadora</i> ...	Tele-Scopio .....	27
<i>Lampejos</i> .....	Marietta Teixeira.....	29
<i>Frotilha em commissão</i> .....	Luigi Barzini.....	30
<i>Meia noite ás quatro</i> .....	} Eugenio da Silva Possolo.	32
<i>Nota</i> .....		
<i>Um livro de Gastão Penalva</i> .	A. M. Buarque de Lima..	} 33
<i>Um paraizo</i> .....	Mar-Ijuh.....	

REDACÇÃO:

ESCOLA NAVAL / ILHA DAS ENXADAS  
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL . 165000





Redactor-secretario — L. P. AARÃO REIS

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

## D. PEDRO II

O país está sob a impressão dos funeraes de Pedro II. O que me fica de todas essas homenagens é a certeza de que o contacto do martyrio e do perdão, isto é, da Realeza e da Republica, já se operou no coração brasileiro. Como os espelhos de Archimedes levaram o fogo ás náus inimigas, fazendo-as arder na centelha de um genio, tambem, da distancia a que se acha, o espirito do *Magnanimo* incinerou os odios, em má hora suscitados pela intolerancia, mas o fóco dos raios purificadores foi o carinho da sua bondade infinita, ainda mais santificada pelo soffrimento do exilio inevitavel.

Quando a terra abotôa no horizonte, o marinheiro, vendo a fimbria longinqua, onde as montanhas mais altas debruçam as eminencias escuras,

tem a illusão da pequenez dessas manchas, julga-as apenas ondas, que um arremesso mais forte paralysoou. A' medida, porém, que caminha para ellas, vê-las crescer para o alto, sente toda a imponencia da sua altura. Para mim, a figura do Imperador é como essas manchas que negrejam no horizonte: quanto mais me aproximo della, levado por esse guia commovido e encantador, que é Joaquim Nabuco, tanto mais a' admiro e amo. Dahi a homenagem que pela «A Galera», no seu ultimo numero deste anno, tributo á memoria veneranda desse exilado, cujos derradeiros dias, cheios de reminiscencias, se banharam na serenidade grega da velhice de Socrates, e que dorme agora, como elle mesmo queria, em terras do Brasil, nessa adoravel Petropolis — até hoje a cidade de Pedro, a partir de hoje o tumulo de Pedro.

A. M. BUARQUE DE LIMA

## O dia do marinheiro

A. M. Buarque de Lima

A instituição do dia do marinheiro é uma reparação que se impunha. Não sómente entre nós, materialmente desprovidos de uma armada, escapa á maioria dos espiritos a importancia capital do mar nas relações commerciaes e nas operações bellicas. Em outros países, onde a expectativa da guerra é uma preocupação de todos os dias e um alerta de todos os sentidos, a intuição dessa necessidade impõe-se mais frequentemente pelas consequências desastrosas do que pelo alcance e pela evidencia, que em si mesma encerra. No proprio drama de 1914, o papel, pelos mais intimamente interessados na luta attribuido ás esquadras, está muito abaixo da significação verdadeira, relegado de muito no seu valor, na sua dramaticidade intensa, na gloria da sua actuação insubstituível. Esqueceu-lhes, afastada a immiência do perigo, que levaram os submarinos allemães até as linhas de frente a fome e o desespero; que pelo espirito de sacrificio, de stoicismo, de temeridade conseguiram os marujos britannicos obstar a essa asphyxia, despedaçam um a um os grilhões que lhe acorrentavam o commercio, segregando do mundo e aproximando da morte as multidões que formzavam nas trincheiras. Hoje, pelas confissões publicadas, algumas conservando ainda, na fidelidade das impressões do diario, o travo da vigília e a beleza da resignação, que fazem de certas paginas verdadeiros breviaríos da dor, é que se pode reconstituir, na plenitude da sua intensidade, a tarefa ardua, escabrosa, ingente do marinheiro.

Quem lê a narrativa da odysseá do Eriden, que a pena de Farrère eternizou, a serenidade de Craddock caminhando para a morte, e, sobrepairando a todas, a jornada inacreditavel de Zeebrugge, a audacia, unica na historia naval, desse engarramento assombroso, commoivamente descripto pelo capitão de mar e guerra A. F. B. Carpenter, commandante do *Vindictive*, e a respeito do qual affirmou Beatty que illustra de maneira inconfundível as virtudes militares e moraes da marinha britannica, quem dedica a esses heróes, todos grandes no anonymato que os confunde, um momento de attenção, não fica insensível ao sangue que borbulha naquellas paginas, ao largo sopro de fé que as atravessa. Infelizmente, porém, são poucos os que as lêem e raros os que as meditam. Na mesma Inglaterra, não faz muito que alguém se insurgiu contra a verba destinada á esquadra. É a miragem da paz, o que um fino pensador chamou a ultima ingenuidade dos fracos, sonho dos ideologos, dos lunaticos, os primeiros na guerra a exigir dos militares a presteza na mobilização, a infallibilidade no golpe e a segurança dos lugares, onde realejam, lacrimojantes e arrependidos, os decrepitos chavões de patriotismo rethorico.

Ha em nossa historia uma coincidência que confia com um castigo. Quando, nas vespas da luta com o ditador paraguay, se cogitava na Camara do orçamento da marinha, uma voz se pronunciou contraria a toda despesa nesse sentido, e rematou as suas considerações confessando-se feliz no dia em que visse arder os navios da esquadra brasileira. Pouco depois era abruptamente confessado

o Marquez de Olinda; todos os passageiros sentiram a selvageria d'aquella mão de Macbeth sinistramente espalmada sobre os nossos destinos. Dentre elles, um succumbiu á fome num carcere infecto: era Carneiro de Campos, o autor da frase sacrilega.

Occorreu-me esse facto quando, ha pouco, vi os moços das escolas superiores congregarem-se em apoio unanime á Liga das Nações. Sorri intimamente, ouvindo o arroubo sincero com que saudavam a nova era de paz, e pareceu-me que para elles Jesus pregara a parábola do máo rico. E não estou bem certo se não me olharam furibundamente os botões dourados.

A nossa marinha, vale isso pelo menos como uma consolação, a nossa marinha teve dois grandes paladinos: José Bonifacio, o Velho, e Ruy Barbosa. O primeiro, testemunha do papel do marujo na Independencia, percebeu, num relance de estadista, que só a elle incumbia detar a desagregação, o desmoronamento do colosso americano, áquella primeira distensão de musculos. Percebeu, e entrou a pregar a necessidade de uma armada. Apontou as difficuldades todas do empreendimento, oriundas da previdencia da metropole, cuja estupidez conseguira alcançar, talvez insinuada por outrem, a ameaça que lhe adviria, se tornasse o officialato accessivel aos Brasileiros. Por isso, iniciando a sua cruzada em redor de si não viu o Patriarcha sinão, com rarisimas excepções, marinheiros ignorantes. Mas não esmoreceu.

Ruy Barbosa clamou a evidencia nessa admiravel Lição do Extremo Oriente, onde não se sabe o que mais impressione: a revelação do critico naval, a sinceridade oportuna dos conselhos ou a verdade triste dos factos.

Eis o que nos lembra o dia do marinheiro. Ha nelle, porém, um aspecto que mais concorre ao seu realce: a data. Foi a 13 de Dezembro de 1807, que n'uma villa do Rio Grande do Sul, nascia Joaquim Marques Lisboa, o Nelson brasileiro na propheta de Cochrane, o legendario Marquez de Tamandaré, do qual podemos dizer, com toda a justiça, que a sua biographia é a historia da nossa marinha.

Com effeito, desde que se emplumaram as primeiras gaves, Marques Lisboa novicia na sua carreira. A bordo da *Nitheroy*, contando apenas 16 annos, apresenta-se como voluntario a Taylor, o mesmo que, volvido algum tempo, affirmava delle, em officio a Villela Barbosa, ministro da marinha: asseguro a V. Ex., debaixo da minha palavra de honra, que, quando desembarcou da fragata *Nitheroy*, se achava habilitado sufficientemente para conduzir uma embarcação a qualquer parte do mundo. Ha, porém, na sua vida um traço que a nivela com a dos grandes vultos: o duello do merecimento e da inveja. Esse mesmo officio de Taylor, não foi um movimento espontaneo que o ditou: saíu antes duma reivindicação, da revolta duma consciencia contra uma injustiça. Como na lenda oriental, o mal capitulou ao bem. E aquellas palavras, endereçadas a um transfuga moral, que tal era Villela Barbosa, ficaram escriptas para a posteridade.

Pouco depois esse mesmo traço reimprimia na carreira do joven marinheiro o seu signo triste. Fervia ainda a colmeia do Prata.

onde se lhe iniciava, aos 18 annos, o officialato, quando um ardil inimigo attraiu Sheperd, o commandante da nossa expedição ao Rio Negro, a uma cilada fatal. Consistia essa em desviar dos navios, para uma operação, cujo exito informações capciosas garantiam, a maioria das nossas guarnições. Commetida essa leviandade, dominaram facilmente os argentinos os poucos que permaneciam a bordo, e commodamente se fizeram de vella para o rio Salado, comboido, aprisionada, aquella magnifica preza. Foi quando no **Juncal**, nome portenho que substituiu o de **Constança**, Marques Lisbôa acorrenou com os poucos marujos brasileiros; a guarnição inimiga, dissimulou a sua audacia, e, no momento propicio, desfechou o rumo para Montividéo, até cujas aguas o perseguiu o desespero argentino. Esse rasgo, só por si bastante a immortalizá-lo, intencionalmente o silenciou o desastrado almirante, a quem em má hora se confiou a nossa força naval.

A biographia do pupillo de Cochrane é assim, como o curso do S. Francisco, uma série de obstaculos. Mas elle soube vencer, como um Spartano dos tempos aureos, essa **steeple-chase** difficil. E o registo desses varios lances perdemo-lo com a morte prematura de Garcez Palha, **um inspirado do mar, da eterna sereia, que só ama os herões**, (1) a quem a filha do grande marinheiro confiara o archivo sagrado para a edificação do monumento historico que se impõe.

Das varias anedoctas da sua vida, carinhosamente recolhidas pelo almirante Boiteux, esse beneditino das nossas glorias navaes, duas impressionam mais fortemente: uma define o homem, outra explica o titulo. Esta occorreu em 1859, por occasião da visita imperial ás provincias do norte, e é bem o traço inconfundivel do perfil moral de Pedro II e

(1) Joaquim Nabuco. Discursos e Escriptos Literarios.

Marques Lisbôa. No regresso, arribando a esquadra ao porto de Tamandaré, o já glorioso vice-almirante solicitou ao monarcha que lhe permittisse recolher a bordo os despojos do irmão. Este, mais conhecido por **Major Pitanga**, succumbira na rebelião de 1823, em combate com as tropas legalistas. Pedro II, num rasgo dessa inteireza moral, que tão bellamente o caracterizava, determinou não só a piedosa intenção do seu marinheiro, senão que ao adversario intransigente do pae se recebesse com as honras mais elevadas. E, para gravar indelivelmente na vida de Marques Lisbôa aquelle episodio, escolheu para seu titulo o nome da terra, em que elle cavara com as proprias mãos o tumulo do irmão. Assim se entrelaçaram, um pela bondade, outro pela gratidão, esses dois corações bonissimos.

A outra anedocta revela em Marques Lisbôa o heróe, especie de D'Artagnan, com um desprendimento que orça pela loucura. Passando uma noite de temporal pela praia de Santa Luzia, percebeu o grito desesperado de um naufrago. Incontinenti arremessa-se ás ondas encapelladas, fura-as, mergulha, torvelinha, desaparece ás vezes, avança sempre, e, exausto, arrebatado ao abysmo o desgraçado desfallecido nos seus braços.

Muitas ainda se poderiam contar. Mas estas bastam a sagra-lo, na grande legião dos apóstolos do mar, o **Sacros Magnus**. E foi de certo sentindo assim que o dia do apóstolo coincidiu com o anniversario do Mestre. Commemorando-os na mesma solenidade, todo Brasileiro, ainda não contaminado pela indifferença do Grego da decadencia, evocará esse nome como um symbolo, escuta-lo-á em meio á agitação do dia, como elle ouviu o grito do naufrago, que salvou, no estrondo da tempestade, que venceu, e ve-lo-á tal qual se finou — velho, muito velho e pobre. Nesse dia as tropas não desfilarão em saudade ao marinheiro desconhecido: desfilarão em continencia ao marinheiro imperecivel.

# “A Flor de Lyz”

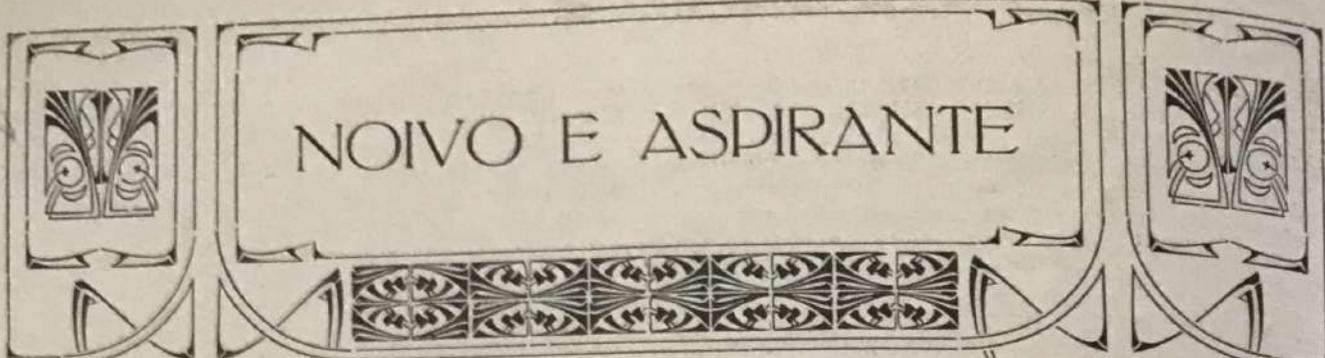
*Os melhores trabalhos em flores naturaes.*

*Bellas corbeilles. — Riquissimas coroas para enterros. — Prompta entrega.*

175 — Avenida Rio Branco — 175

☎ TELEPHONE CENTRAL 5681 ☎

Em frente á Galeria Cruzeiro



# NOIVO E ASPIRANTE

Noivo e aspirante — horrível contrasenso!  
Dizer-se que um rapaz valente, moço,  
Tendo sempre ante si o mar immenso  
Prefira, sem razão, cahir no poço...!



Sei bem que elle se diz de carne e osso  
E de osso e carne é a pequena — eu penso!  
E não se pode torcer mesmo o pescoço  
A quem a amar tão cedo é já propenso.

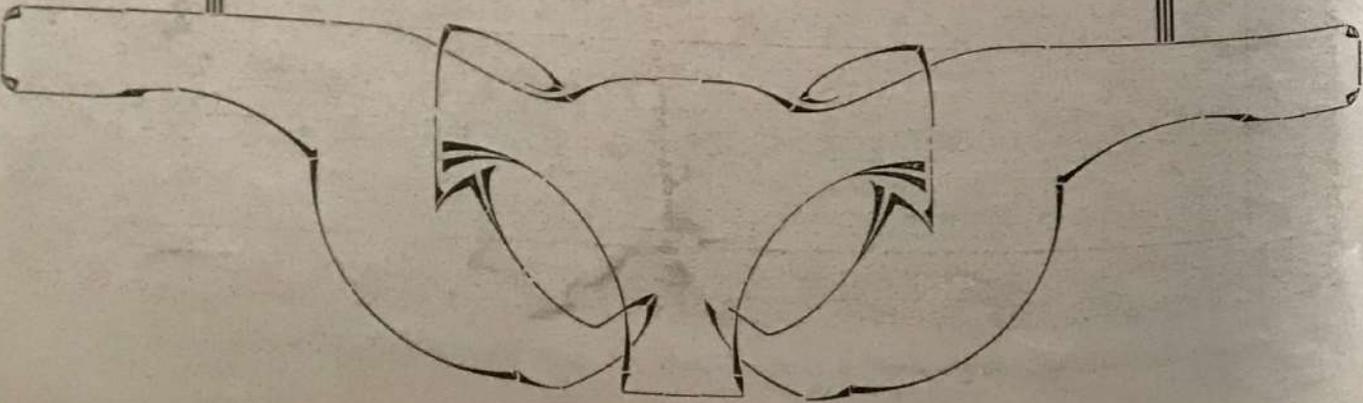


Mas, ha na vida obrigações, cuidados  
De ordem gastronómica, importantes  
Impostos ao mais rico e aos desgraçados:



O almoço, o jantar, o lunch, a ceia  
Sustentam mais os corações amantes  
Que brisas, beijos e pírões de areia...

Tenente.



Arto, espigado na crista do promontorio entre esboraoadas rochas, negras, como de ferro, e seixos a granel, erige-se o pharol, a prumo sobre o oceano, solitario na agrura do sitio taciturno. Vagalhões rebentam estrondorosamente em baixo esfolando-se em espumarada fervida e a grita rispida das gai-votas, voejando assanhadas acima do marouço, torna medonha a tristeza do degredo lugubre, entre o negror das pedras, o azul metallico do céu e o verde lurido do mar.

Ao sol, a torre dorme silenciosa e branca e, subindo dentre os penhascos, parece um dedo immenso apontando o ceu á terra.

A' noite, porém, á maneira de um cirio o seu clarão irradia ao longe, esteirando longamente as aguas arquejantes. Tanto, porém, que se lhe illuminava o nuvo esconde-se-lhe o corpo unido na treva sem que, de toda a claridade, que generosamente espalha, lhe aproveite a minima centelha. O seu brilho, piscando a cores, atravessa a caligem tremeluzindo em via-lactea nas vagas.

E, por elle, através do negrume guiam-se os maritimos transitando sem risco e, assim, passa dentro da noite tenebrosa a vida com tudo que é nelle espirito, belleza, alegria, fortuna, gloria e força.

E a torre não apparece: della apenas se vê, longinqua, a luz propicia assignalando a costa e alumando o mar.

Que importa aos navegantes saberem quem é o manobreiro do lume, a mão destra que brande, perrigila, infatigavelmente, no mysterio da escuridão, aquella espada flamminea que afugenta as perfidas sereias? O clarão lá está, perenne. Que mais?

Seja a noite limpida, de luar, ou tormentosa, de trovões e raios, de brisa mansa e tépida ou de rugidoras ventanias gelidas, estiva ou de bonaneiro, o pharol lá está sempre acceso, sempre attento, nortearo as singraduras, cer-

cado d'aves que, em alvoroçado bando, batendo furiosamente as azas rijas, arremettem ao lanternim atitando de raiva.

Que importa a torre? Quem a vê? Justamente quando mais a sua luz relumbra mais se occulta, como se toda se concentre no esplendor que irradia.

Elle é o clarão que brilha e salva, é o rumo, a segurança, a vida — tudo para os que passam, nada para si mesma. Conhecem-na os pilotos que por ella roteam, os mais vêm-lhe apenas a refulgencia iterativa dentro da noite. Dealba, abre-se o céu em cores de ouro e perola e logo se extingue a luz no lanternim. Então, ao vivido sol, apparece hirta, espigada na crista do promontorio, a torre branca. A' noite, quando reverbêra, ninguem a vê.

Rompe a manhã e a torre, então apagada, desvenda-se em toda a grandeza, alva como de marmore, a pino sobre o negror dos penhascos. As vagas, que a cuspihavam, marulham-lhe aos pés, submissas: as aves, que lhe eram hostis, revoam-lhe em volta em aureola, e, em vez dos raios fulminantes, douram na os raios do sol. E o dia exalta-a.

Assim o farol só apparece triumphante quando no vivo se lhe extingue a luz. Tal é o genio.

Emquanto vivo ninguem o vê. Só a sua luz refulge e toda para os que passam. Ninguem dá por elle no degredo em que jaz.

Vai-se-lhe porém, a vida e, com ella o destino ingrato. Raia o dia eterno e, assim como a torre, ao sol, impõe-se á vista no promontorio aspero, assim dos tormentos, das injurias e da indifferença tenebrosa levanta-se, destacando-se em esplendor triumphal, a figura do illuminador como o pharol que só é visto quando, apagado, avulta ao sol como torre de luz.

oelho Netto



o Aviso de Pásca "Aspirante Nascimento" fundeado ao largo da Ilha da Trindade, por occasião da viagem de Março, commandado pelo Capitão de Corveta Milciades Portella Ferreira Alves. A fotografia mostra como é penoso o desembarque.

# Palavras de minha Mãe

(Inédito)

℞

Quando, n'um dia calmo, eu vim ao mundo,  
Minha Mãe, santa e nobre Flor-de-lys,  
Disse, olhando os meus olhos bem no fundo:  
— Meu filho! has de ser bom e ser feliz!

No decorrer do tempo, na bravía  
Onda humana que ruga e se encapella,  
Qualquer cousa de máo que acontecia,  
Eu me lembrava das palavras d'Elle  
E era um goso infinito o que eu soffria.

Hoje, homem feito, a alma cansada e morta  
Colhendo males pelo bem que fiz,  
Ainda ouço aquella voz que me conforta,  
Sei que sou desgraçado, mas que importa?  
Quero illudir-me para ser feliz!

Olegario Marianno  
Olegario Marianno



## ASSOMBRAÇÃO



Quando o tenente Aleixo de Mattos pisou o convéz gasto e atravancado do «Republica», onde se emaranhavam os chicotes das talhas de embarcações e rolavam daqui todos os signaes característicos da «voga larga» do abandono, sentiu uma sensação de mal estar e achou que, pelo menos de momento, o estranho cruzador tinha o nome muito apropriado.

Recebeu-o no portalá um cabo que «contramestreava» na ocasião, e de meia nau para prôa appareceram em desalinho algumas caras de marujos, que observavam discretamente e com curiosidade a «guarda» da nova ave, que chegava áquelle viveiro espetado na ilha das Cobras.

Preenchendo as formalidades de apresentação ao «caveira de pau», que se achava calmamente recolhido ao camarote, foi esbarrar com o tenente Fabio de Miranda, que ao vel-o entrar abriu os braços num gesto de alegria e desafogo:

— Olá! Aleixo! — Embarcas neste «bucque»? Quando vieste de Matto-Grosso?

— Cheguei a cousa de tres dias. Mal me apresentei arrumaram-me aqui com sacco e maca. Escuta uma cousa: onde é meu camarote? Quero tirar esse espadagão e arrumar minha bagagem. O Fabio chegou á porta e berrou para fóra com a voz imperiosa de um semi-deus maluco:

— Despenseiro! atraca!

Um homenzinho gorducho (todo o dispenseiro é mais ou menos gordo e ás vezes nem mais nem menos) e vermelho, appareceu bamboleando o corpanzil sobre as ridiculas columnas de duas pernas arqueadas, num erro flagrante de architectura.

— Prompto, seu Commandante!

— Leva a bagagem de seu tenente Aleixo para o camarote numero 5... E, voltando se para o outro:

— Pelo visto, não vaes á terra hoje?

— Não; vou te fazer companhia.

— Isto é um prazer para mim; mas podes fazer cousa melhor. Imagina que isto aqui era um inferno! estamos a dois «paus»! E' de matar um homem! e isso já vae para mais de dois mezes.

Já que vaes ficar a bordo, passo-te o «pau» e «desgalho» para terra...

O Aleixo não estava muito habituado a taes transações, mas, visto que o outro propunha aquella troca com tanta desenvoltura, não seria no seu primeiro dia de embarque que iria contrariar a vóga do navio. E foi assim que, no dia em que se apresentou a bordo, o tenente Aleixo tomou o serviço sobre seus ombros, com grande pezar da maruja, que, antes de ter alguma illa sobre a «voga» do recém-vindo, sentiu pesar sobre suas cabeças o «tesamento» do Aleixo.

Mal o Fabio Miranda abalou para terra através a prancha carcomida pelo tempo e pelo passar continuo da maruja, o novo «caveira» poz-se a percorrer o navio com o olhar inquieto dos primeiros dias de embarque, este ligeiro periodo de prehistoria, em que a gente

ainda não se adaptou ao meio e tem orientação propria. São esses os momentos de indecisão para a marinagem, que espiona, commenta e define os mínimos escorregões que o representante da fauna marinha dá no convéz gasto debaixo das passadas neurasthenicas de todos os «meia-noite ás quatro» que viu passar.

Por toda a parte o navio estava sujo e em desalinho. Os amarellós, este luxo que veio da marinha de outr'ora até á de hoje, parecia que nunca tinham sido limpos, cobertos de azinhavre, esverdeados e em abandono; as embarcações, sujas e desarrumadas, amontoavam-se nos bordos içadas sem symetria, attestando a falta de um olhar carinhoso que visse mostrar o seu desalinho; por toda a parte a ausencia da vassoura deixava campo livre á sujeira, que reinava como senhora absoluta no interior daquella... nau guerreira.

Aos olhos do Aleixo o navio era uma verdadeira succursal da Sapucaya. Antes porem de interferir no estado de abandono do navio, quiz terminar a sua inspecção. Correu a prôa, ás privadas, e chegou finalmente á coberta.

Ahi, para grande surpresa do tenente, em meio a toda a desarrumação e sujeira dos saccos e macas, continuação do estado geral do navio, brilhava, com um brilho que quasi offuscava, tal o valor do contraste nas sensações humanas, fulgia, como uma nota de cuidadosa dedicacão ao serviço, uma bomba de incendio, muito limpa, muito alinhada, enfim, muito em desacordo com o navio!

E, de volta á sua peregrinação pelo velho rocinante da marinha brasileira, o tenente Aleixo estava pasmo, não por causa do seu estado de abandono, mas por effeito daquella bomba muito limpa, que era positivamente uma dissonancia naquella harmonia desmazelada.

Veio a noite. Uma dessas noites tenebrosas do «paliteiro», onde se espetavam os navios, illuminada por archotes indecisos e entregue á onda vandalica das ratazanas. O «Republica», illuminado a archote era apocaliptico. Sombras oscillantes de pés de carneiro e de vãos, recortavam-se sem symetria, num capricho satanico de cansar os olhos e augmentar o somno do «caveira de pau». Macas alinhavam-se pelo convéz a fóra, bojudas e curvas; o cheiro característico das horas de silencio vinha impregnando o ambiente; ruidos estranhos, corridas de ratos, ressonar de marujos, cruzavam-se no ar. De meia em meia hora um sino rachado ecoava como um ai! noite a dentro, pedindo a resposta somnolenta dos vigias de quarto.

Foi quando, antes de dormir, o tenente Aleixo quiz dar uma volta pelo navio, para ver si era respeitado o silencio, ou si a maruja se entregava a horas mortas aos vícios conhecidos de jogatina embriaguez e outros, que têm para theatro os escaninhos da prôa e os desvãos das cobertas.

Procurando um tortuoso caminho através o emaranhado das macas, e roçando daqui e dali em algumas, passando pr baixo de outras, com grave risco para seu offacto, atravessou a barreira de macas, que atravancia o convéz dos

navios depois da «fachina de macas», e attingiu a entrada da coberta.

O pausado resomnar dos «miquimbis» vinha ferir-lhe o tympano como uma harmonia barbara. Entrou.

A um canto, coberta com a sua capa de lona muito limpa tambem a famosa bomba perfilava-se no bruxoleio inquieto dos archotes. O olhar do «caveira» percorreu inquisidor os quatro cantos da coberta. De repente parou estupefacto. Symetricamente á outra, coberta com uma capa identica, recortava-se na meia-tinta do ambiente o vulto de outra bomba.

Como diabo estaria ella alli collocada, si elle se lembrava bem de só ter visto uma?

E não era possivel engano, á vista de sua admiração pela limpeza da bomba, que não deixaria despercebida uma outra na coberta! Positivamente aquelle navio era estranho! E o tenente Aleixo ia voltar para ré, deixando para o dia seguinte o esclarecimento do enigma, quando o sino bateu ferindo dolorosamente o silencio. E então, na coberta mal illuminada, repleta de sombras moveidas á luz vacillante dos archotes, a bomba estranha ergueu-se espectral sob a longa capa de lona, e, num vozeirão cavernoso de alem-tumulo, bradou para o espaço, estirando os braços como tentaculos de polvo:

— Vigia da coberta alerta!

O. C.

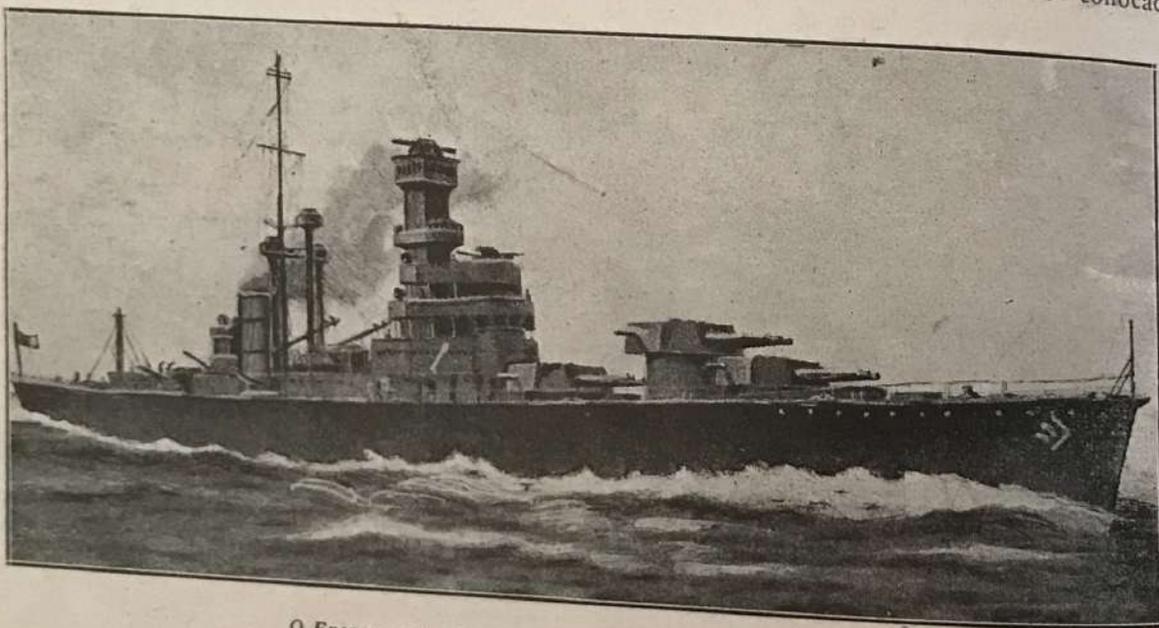


## REVISTA DE REVISTAS



.... O encouraçado «Nelson» — um dos dois que o Tratado de Washington permite á Inglaterra construir neste periodo de dez annos — ainda por acabar, prende a attenção actualmente, no mundo inteiro, dos officiaes de marinha e dos criticos navaes. Preoccupam-nos as

tempestade contra a Inglaterra, accusando-a de burlar o Tratado quanto á construcção de aerodromos, que outra coisa não eram os «Nelson» sinão encouraçados-aerodromos. A origem do boato foi naturalmente saber-se que toda a a bateria principal destes navios seria collocada



O Encouraçado «Nelson», segundo o «Scientific American».

modificações essenciaes que, nos limites do Tratado, introduzirá o Almirantado Britannico na construcção do navio de linha, modificações suggeridas pela experiencia da ultima guerra, especialmente da batalha da Jutlandia.

Acontece porém, que os chefes ingleses, não querendo divulgar o que tão caro custou á sua Marinha, têm observado a respeito o maximo segredo. E, assim, á falta de informações officiaes, forçoso é contentar-se com as noticias mais ou menos dignas de crédito da imprensa, nas quais a fantasia dos criticos de imaginação fogosa se expande á vontade, mas são estas as unicas noticias existentes e, admittidas com certa reserva, podem fornecer alguma coisa de exacto.

Ainda ha poucos meses, um jornalista norte-americano desencadeou uma verdadeira

á proa. Mudança tão radical nos velhos canones de arquitetura naval alarmou o dito jornalista, que para logo tirou — uma vez que os canhões deveriam atirar tambem pela pópa — uma série de conclusões falsas: que os «Nelson» não teriam chaminés, substituidas estas por conductos horizontais nos costados, nem mastros, e como deste modo se teria um vasto convéz disponivel, uma formidavel esquadilha de aviões ali se transportaria, ferindo assim o Tratado que limita o numero e o deslocamento dos varios aerodromos.

Este «canard» teve larga circulação em todo o mundo. No nosso ultimo numero mesmo, tratando da original distribuição da grossa artilharia do «Nelson», reproduzimos a noticia da «Revista Maritima Brasileira» que o commentava. O «Scientific American», numero de Outubro, em

artigo dedicado ao novo encouraçado, desfaz o mytho, fornecendo dados muito interessantes, alguns officiaes, outros apenas conjecturaes.

Começa o articulista mostrando a difficuldade de transporte e emprego, em navio não especialmente adequado, de uma força aerea de bombardeio respeitavel, e, apoiando a affirmação com outros dados obtidos, põe de lado aquella supposição. A plataforma disponivel do «Nelson» comportará apenas alguns aviões de esclarecimento e espottagem.

Suas principais dimensões são: comprimento 702 pés, bocca 106, calado médio 30, deslocamento 35,000 ton. (dados officiaes). Não será, provavelmente, de grande velocidade, talvez cerca de 23 nós apenas.

A artilharia consta de 9 canhões de 16", 12 de 6" e, naturalmente, numerosos anti-aereos.

Aos canhões de 16" (cada um dos quais peza cerca de 106 ton.) attribuem alguns criticos o comprimento de 50 calibres, o que não é provavel pois os Ingleses não costumam empregar canhões muito longos. São elles montados em 3 torres triplices que são pela primeira vez empregadas na Marinha Inglesa; depois de muitos annos de hesitação, o Almirantado Britanico segue os Estados Unidos e a Italia, pioneiros das torres triplices, que hoje já as vão abandonando por acarretarem, entre outras desvantagens, complicações no serviço de municiamento e consequente prejuizo do volume de fogo.

A novidade consiste na disposição destas torres, todas collocadas á prôa, não podendo portanto, atirar pela pôpa: naquelles encouraçados não se cogita da retirada!

Parece que a razão dessa concentração das torres é a necessidade da grande protecção dos pontos occupados pela artilharia principal.

A Grande Guerra, a Jutlandia principalmente, mostrou que esses eram os pontos mais vulneraveis de um navio capital. Em um navio de guerra moderno, a compartimentagem é tão efficiente que os effeitos do fogo inimigo são localizados, não prejudicando seriamente seu poder combatente. Mas um só projectil que perfura a couraça no ponto referido e attinge um paiol de munições representa um perigo gravissimo para o navio: o «Indefatigable», por exemplo, foi posto fóra de combate por uma explosão de paioes, e afundado poucos minutos depois por uma unica salva; o «Queen Mary», attingido no mesmo ponto, explodiu tão violentamente que seu matalote de ré, o «Tiger», ao passar no local do dezastre só encontra os destroços do grande navio.

E' portanto indubitavel que os novos encouraçados serão dotados de poderosa protecção vertical e horizontal, especialmente na artilharia principal. A proposito chama então o articulista a attenção do leitor para o facto de que ao principio de Lord Fisher — pequena couraça e confiança quas: que exclusiva na combinação da grande velocidade e artilharia poderosa (\*) — foi preferido o de Tirpitz — a fluctuabilidade antes de tudo. (\*)

A bateria secundaria compõe-se de 12 canhões de 6", montados aos pares em 6 torres. A installação da artilharia média em torres é tambem uma lição da Guerra, na qual ficou provado que poucas salvas de calibre médio bastavam para reduzir ao silencio qualquer canhão não installado em torre.

O navio só tem uma chaminé. A superstructura da torre de commando eleva-se quazi como um mastro. O unico mastro existente é de forma original: assenta, em vez da tripode usual, era quatro pilares, em cujo topo ficam as plataformas de direcção de tiro da bateria secundaria.

Taes são as caracteristicas dos foirmidaveis capital ships que a Inglaterra pretende concluir em 1927. Representam elles em suas modificações principais a interpretação inglesa das lições da batalha da Jutlandia.

L. R.

(\*) Aplicada aliás a cruzadores de batalha, não a encouraçados.

(\*) — Já o Almirante Jellicoe reconheceu (*The Grand Fleet*) que o principio — a melhor defesa é uma violenta offensiva (com que justificavam os Ingleses o papel secundario por elles reservado ao encouraçamento) — comquanto perfeitamente exacto em estrategia, a Guerra ensinou ser um erro apical-o ao material. — «Na batalha, o unico objectivo não é conquistar terreno, mas aniquilar o adversario. Depois da introduccão do vapor e das bocas de fogo modernas, este objectivo não se alcança abordando o adversario, mas afundando-o. Neste presupposto, o maior tempo que um navio fluctue, conserva certo valor para o combate e pode, depois ser facilmente concertado. Eis o motivo porque o ultimo objectivo das armas offensivas é dar golpe definitivo e mortal na parte immensa do navio, e o fim principal das medidas protectoras é augmentar a fluctuabilidade». (Das Memorias de Von Tirpitz).

## Curso Auxiliar de Preparatorios

RUA DO PASSEIO, 82

Sob a criteriosa orientação da sua directoria e a comprovada competencia do seu corpo docente, os alumnos deste curso têm obtido os melhores resultados nos exames do Pedro II, Escola Naval, etc., bem como os que se destinam á MARINHA MERCANTE.

Durante o curso da Escola os aspirantes fazem cerca de 790 sabbatinas.

(Do Regulamento).



- Sabes, amanhã não temos aula !
- Que beleza !
- Não acho !
- Porque ?
- Só temos sabbatinas !...

# Idyllio triste

A D. Maria Fausta, cujo coração repartiu commigo  
um pouco do seu carinho de mãe, um pouco da sua  
bondade de santa.

Noite clara. No céu, pontilhado de estrellas,  
Erra-lhes a tremer a vista ennevoada.  
Perto a sombra de um ramo, ao longe uma toada,  
E uma restea de luz nos cimos das capellas.

Passa em todo o arvoredado um fremito de folhas,  
Que estremece na sombra e o chão desnudo renda.  
E pela ramaria em flor rolam as bolhas  
De prata do luar — um triste luar de lenda.

Elle, estreitando ao peito a velha companheira,  
Relembra-lhe baixinho um trecho do passado.  
O primeiro sorriso, a aventura primeira,  
Entre sustos ousada, entre beijos trocado.

Fremia-lhes no peito o ardor da mocidade  
Que a ella dera a belleza — o seu supremo dote,  
E para o amor fizera-o, em tão ardente idade,  
Na paciencia um Jacob e na audacia um Quixote.

Depois... a paixão — sonho e miragem, ternura,  
A ternura do idyllio — alvorada do amor.  
Depois... de verso em verso, enlevam na leitura  
Do lyrismo espanhol do velho Campoamor.

Agora, as alvas cans — neblina da velhice,  
Só falam de saudade. E os dois, ao luar,  
Esse passado, todo em sonhos e meiguice,  
Na ansia de não perdê-lo, estreitam-se a lembrar...

E assim juntinhos, bem juntinhos e saudosos,  
Da fidalga mansão na florida janella,  
Ressuscitam um a um os dias venturosos,  
Elle já tão velhinho, ella ainda tão bella.

.....  
.....  
.....  
Noite clara. No céu, pontilhado de estrellas,  
Erra-lhes a tremer a vista ennevoada.  
Perto a sombra de um ramo, ao longe uma toada,  
E uma restea de luz nos cimos das capellas.

A. M. Buarque de Lima.

# DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

*These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy á Escola Naval de Guerra em 1922.*

## CAPITULO VI

### Doutrina e suas relações com a tactica

Taes são os elementos irreductiveis da Estrategia e da Tactica. Expostos, continuamente, a ser desencaminhadas por especulações theoreticas, por vaidade, por vicio de raciocinio, por orgulho, pelo amor das falsas symetrias ou por preceitos ambiciosos, ellas só têm um soccorro e uma salvaguarda: o regresso á natureza.

*Ernest Judet (Prefaciando o livro de Ardant du Picq).*

A Tactica é uma modalidade especialissima da Esgrima: nella, o esgrimista, podendo ser, mui excepcionalmente, um individuo, é, na generalidade, um systema, que se requer harmonico e cohero.

Em todos os tempos, essa harmonia e essa coesão maior ou menor, que caracterizavam taes systemas, tiveram que obedecer ao feitio peculiar a cada povo guerreiro; em cada um d'elles, os attributos inherentes á constituição ethnologica, associados ás inevitaveis determinações do meio e do momento (1), deveram communicar ás formações elementares da tactica uma physionomia distinctiva.

Assim é que, segundo observa o Major Pavlovitch (2), do Exercito Servio, pode cada exercito e cada tempo caracterizar-se por uma tactica propria: entre os Gregos, era a phalange; entre os Romanos, a legião; os Francos tinham a cunha ou a cabeça de porco; ao passo que a tactica moderna se caracteriza pela ordem dispersa.

Observa, ainda mais, o referido Official que, á medida que, em cada povo, o individuo define melhor a sua personalidade, ia, paralelamente, evoluindo a organização estructural das alludidas formações: á ordem massica, houve que succeder a ordem fraccionada, á qual a ordem dispersa succedeu, a final.

Fosse, porem, qual fosse a ordem tactica dominante, o que se vinha sempre observando (e ainda se observou durante os primeiros tempos da Grande Guerra Mundial) é que, na guerra, nenhum povo jámais abdicára totalmente o seu feitio peculiar, o seu timbre guerreiro.

Assim é que a observação desses primeiros tempos da Grande Guerra nos deparou amiúde a confirmação de que ainda era bem diverso, entre Allemães e Francezes, principalmente, o desenvolvimento tactico do combate: se, da parte dos Allemães, predominou o arremesso calculado de grandes massas humanas — verdadeiros punções com que, não raro, tentaram e, por vezes, conseguiram romper a frente do exercito alliado — da parte dos Francezes, porem, ainda uma vez se manifestou, na promptidão dos contra-ataques, e no apositado e rapidez dos movimentos, o condão improvisador, que é o apanagio da França.

Mas, esse feitio peculiar, esse timbre guerreiro não logrou resistir, por muito tempo, ás circumstancias especiaes de que se revestiu a Grande Guerra Mundial. Essa guerra marcou, innegavelmente, para a Tactica, o inicio de uma nova era, que talvez se pudesse denominar a era da Assimilação das Armas. Eu me explico melhor:

Antes de 1914, sempre que um dos paizes em guerra se apresentava para a lucta com uma especie nova de arma, ou engenho destruidor nunca dantes usado, constituia essa arma ou esse engenho, e a sua tactica propria, durante a guerra em que apparecêra, privilegio exclusivo do paiz inventor. E, fosse porque o periodo das luctas não durava, como hoje, o que duram as guerras; fosse, muitas vezes, porque o invento não tivesse apresentado um effeito notavel; ou fosse, afinal, porque as guerras ainda não eram, para os povos, a sua maxima industria; o facto é que taes inventos só serviam áquelles que os tinham creado — umas vezes para lhes minorar a situação inferior em que se achavam na guerra, e outras vezes para lhes proporcionar tanto maior vantagem material e moral sobre o seu inimigo, quanto mais «destruidor» e, por consequente, mais «desorganizador» e «desmoralizador» viesse a ser o invento (1).

Foi assim que, na primeira Guerra Punica Xantipo, com o emprego de cem elephantes de guerra, desbaratou os romanos, perto de Tunis, na Barbaria (2); assim que, em 1350 o Snr. de Bitche obrigou o rei da Bohemia a suspender o cerco de Metz, sómente com lhe apresentar, na defesa da praça, uma colubrina e um canhão primitivo (1); assim que, em 1870, os Allemães empregaram contra os Francezes canhões de aço, de recrocarga e fechamento de cunha; assim que, em 1877, os Russos empregaram contra os Turcos os nascentes torpedos (2); assim que os Boers, com o fim de forçarem as barragens inglizas, lançaram contra ellas tropilhas de bois, numa especie de «estouro» e avançavam então (3); assim, finalmente, que, segundo se diz,

(1) A razão de ser destes tres qualificativos encontra-se na pg. 15 da «Batalha Naval», de Boudry.

(2) João Ribeiro, Historia Universal.

(1) Almanack da Bandeira, 1900.

(2) M. Loir — Historia da Marinha Francesa.

(3) Almanack da Bandeira, 1900.

(2) O Ideal Democratico e a Disciplina Militar.  
(1) Segundo Taine, a raça, o meio e o momento são factores da psychologia dos povos.

durante a guerra russo-japoneza, os Nippões electrizavam os arames das suas barragens, tornando-as, dest'arte, mais difíceis ao accesso.

Durante a guerra de 1914, porem, verificou-se exactamente o contrario: — Fosse porque o periodo das luctas durou, com exactidão, o periodo da guerra; fosse porque a maior parte dos inventos (granadas de mão, carros de assalto, gazes asphixiantes, etc.) e o novo emprego dessas armas (aviões como auxiliares do tiro de artilharia, por exemplo) dessem os mais surprehendedentes resultados; fosse, afinal, porque essa lucta representou, para cada um dos belligerantes, a sua maxima industria; o facto é que não houve engenho destruidor, arma nova ou nova tactica de arma apresentada por um combatente, que o outro não adoptasse, o mais cêdo possível, no empenho de restabelecer o equilibrio, que então, se rompêra em favor do inimigo.

«A guerra de 1914 como que uniformizou todas as mentalidades», referiu o Capitão Genseric de Vasconcellos, nesta Escola, em uma de suas apreciadas conferencias.

Foi isso o que se passou nessa ultima guerra; é isso o que julgo se poderá denominar Assimilação das Armas, isto é, a necessidade que, d'ora avante, se ha de impôr aos paizes em lucta: o terem que combater os efeitos de um mal com um mal semelhante.

Similia similibus pugnantur.

A muitos, ainda se afigura algum tanto confuso o que seja Doutrina, em se tratando de Tactica.

Para esses, a confusão origina-se da intimidade que existe entre a doutrina e a educação tactica, isto é, o treinamento. No entanto, não me parece tarefa irrealizavel separar uma idéa da outra.

Se, como acima se disse, a Tactica é uma Esgrima em que o esgrimista, podendo ser um individuo, é, na generalidade, um systema que se requer harmonico e coheso, duas cousas importa considerar nessa Esgrima:

a). — a maneira mais apropriada a ferir mortalmente o adversario, incluindo-se nella a escolha acertada dos golpes, a procura da posição mais vantajosa para desferir esses golpes, e a iniciativa em virtude da qual se deverá proceder, a cada passo, em correspondencia com todas as situações offensivas e defensivas apresentadas pelo adversario, no correr do combate.

b). — a realização automatica dos golpes, e bem assim a dos movimentos de todo o genero (manobras, evoluções, etc.) que precedem á vibração desses golpes.

Ora, como é de todo impossivel improvisar um systema esgrimista capaz de, automaticamente, evoluir e manobrar para os golpes certos; e, como, é ainda menos possível comunicar, de improviso, a cada um dos individuos que o constituem, a mesma faculdade inspiradora, a mesma propriedade no avaliar e decidir, a mesma «iniciativa inconsciente» (o que, tudo, faz desaparecer o individuo, para somente subsistir um systema orientado e seguro); força é concluir que, para que um systema possa corresponder, com orientação e segurança, ás exigencias da Tactica, deve elle attender ao seguinte:

a). — Preparação conveniente dos individuos para o emprego automatico da arma; consilidação, com os individuos assim preparados, de um systema solidario e synergico; preparação do systema assim consiluido, não só para, automaticamente, evoluir ou manobrar em busca da posição mais favoravel aos golpes, mas tambem para, automaticamente, vibrar, em synergia, qualquer golpe indicado, de que seja capaz. EIS A EDUCAÇÃO TACTICA OU TREINAMENTO.

b). — Predisposição de todos os individuos do systema a uma unica interpretação das situações e dos aspectos tacticos apresentados pelo adversario, desde o seu apparecimento na arena, até o fim do combate; implantação, entre esses mesmos individuos, de um **senso unanime de escolha** não só dos golpes a lançar contra o adversario, sinão tambem das posições mais favoraveis ao lançamento dos golpes; generalização, entre os mencionados individuos, de uma «iniciativa inconsciente» em virtude da qual, independentemente de ordem, a todos occurram, uniformemente e de prompto, movimentos e actos que estejam sempre em função tactica com os do adversario, e de tal arte que, occorrendo o desapparecimento do Chefe, continue o systema a proceder com acerto; em summa: diffusão, no systema, desse espirito orientador que o Chefe em todos insufla e a que tambem obedece; que a tudo preside e a todos inspira egualmente; que é, em absoluto, impessoal, por isso que representa o espirito mesmo da missão, isto é, do fim a que se destina o systema; desse espirito que a todos anima de uma vontade forte de vencer — espirito que eu quizera poder chamar o fermento psychico da victoria. EIS A DOCTRINA DA TACTICA.

Dada a natureza do presente trabalho e a relação que elle tem com o curso fundamental desta Escola, nenhum assumpto merece mais, a meu ver, ser aqui dissecado que A DOCTRINA EM UMA FORÇA NAVAL.

Certamente, a nenhum estudioso da arte da guerra que tenha acompanhado a narração das jornadas de S. Vicente, Aboukir e Trafalgar, e, de envolta com ella, a exaltação das façanhas e a psychologia dos grandes marinheiros de guerra que foram Jervis, Nelson e Collingwood, poderão ter passado despercebidos o extraordinario espirito de collaboração, a completa obediencia á finalidade e a vontade incoercivel de vencer, que transudavam das forças commandadas por tão insignes marinheiros.

Do mesmo modo, a nenhum poderá ter passado sem reparo que, apesar de ter Nelson recebido, no começo da Batalha de Trafalgar, o ferimento de que havia de morrer algumas horas mais tarde, continuou a esquadra britannica a luctar com a mesma orientação e com o mesmo proposito de victoria que, do seu leito de morte, ainda lhe imprimia, e talvez, então mais do que nunca, a energia radiante do seu Chefe estremeado.

Por outra parte, a nenhum tampouco deixarão de paentear-se, claramente, a indecisão, a passividade e a falta absoluta de programma que celebrizaram as esquadras que, nessas tres batalhas tão lembradas, D. José de Cordova,

Bucrys e Vencuve respectivamente commandaram.

E' que, ao passo que, nessas forças, falava, por completo, esse espirito impessoal que avalia e decide por todos, naquellas, isto é, nas torças que Jervis, Nelson e Collingwood commandavam, imperava, de sobejo, esse espirito; fervilhava, continuamente, o fermento pychico da victoria; havia, para todos, uma unica bussola mental: a Doutrina. Dahi o se dizer

que são endoutrinadas as forças a que essa bussola oitina.

Pelo facto de, em uma força desta natureza, serem todos os executores do pensamento do Chefe impressionados, do mesmo modo que elle, pelas situações tacticas que, a cada passo, se lhes mostram, todos os movimentos e todos os actos desta força se realizam com grande simplicidade e, sobretudo, com muita rapidez e precisão.

( Continúa )

## O TALHO

( Traducção do inglés pela Senhorita Maria Helena Milliet )

— Barbado, barbadinho ou barbadão! Podem me chamar pelo appellido que quizerem. O facto é que eu não faço mais a barba. Corto-a, apenas, de quando em vez, com uma tesoura.

Parecia-me extranha essa resolução daquelle cavalheiro tão rico e tão distincto. Porque insistia elle em conservar uma barba enorme, incommoda, num a época em que todos os homens usavam o rosto raspado e escañhado? Promessa?

— Não foi promessa — e elle me explicou.

— Quando a navalha me toca no rosto sinto uma impressão má. Lembro-me de uma linda rapariga que tentou suicidar-se quando me viu, um dia, bem barbeado.

Suicidar-se? Linda rapariga? Palavra de honra: não podia achar relação alguma entre o suicidio de uma linda rapariga, e o facto de estar bem barbeado o tal cavalheiro.

— Eu lhe conto — começou elle — Antigamente, ao voltar para casa, passava antes por um barbeiro, que me fazia sempre a barba. Um dia, a minha boa creada Cacilda, que vinha receber-me e tomar-me das mãos a capa e o chapéo, notou que eu tinha um pequeno signal junto da orelha direita.

— Que é isso patrão? — perguntou-me.

— Foi o barbeiro que, sem o querer, deu-me ali um pequeno talho com a navalha — respondi.

Ao ouvir isso a rapariga começou a dar gritos de desespero e atirou-se ao chão, arrancando os cabellos como uma louca: — «Sou uma desgraçada!» «Sou uma infeliz!» «Quero morrer!» «Quero morrer!».

Pensei que a infeliz estivesse soffrendo das faculdades mentaes. Era aquillo um accesso e nada mais. O insignificante talno não podia dar motivo algum para aquella scena de desespero e dôr. Procurei segurar Cacilda. Ella, porém, escapando das minhas mãos, gritou: — «O talho! O talho na orelha!» — e correndo para a janella atirou-se á rua. Com a quêda a pobre moça quasi morreu. Esteve dois mezes, em um hospital, entre a vida e a morte. Paguei, sem regatear, os melhores medicos; fiz tudo, emfim, para que a infeliz se salvasse. Como admittir que a rapariga morresse, levando para o tumulo o segredo do meu talho?

— E descobriu, afinal? — perguntei ansioso por saber o desfecho daquella historia.

— Descobri, sim senhor — continuou o cavalheiro das barbas — algum tempo depois, habilmente interrogada, ella tudo confesou. Era noiva, em segredo, e...

me fazia a barba. E como não quizessem que os seus amores fossem descobertos, combinaram — elle e ella — que se corresponderiam pela minha cara. Sim, pela minha cara! Um talho no meu queixo

queria dizer: «Amo-te muito!» Um córte no labio superior — «Espero-te hoje no cinema!» Dois talhos na face: — «Venha ceiar commigo!...» «E assim por diante. A' proporção que elles iam se amando, ia eu ficando com o rosto cortado e recortado!

— Mas o talho?...

— O talho junto á orelha? Era o signal de rompimento, de separação. Elles, na vespera, haviam tido um pequeno arrufo, e o pandego do barbeiro, querendo bulir com a pequena, mandou-lhe o «tudo acabado entre nós» — cortando-me o rosto, sem piedade.

MALBA TAHAN.



DOIS

.. E ..

UMA

(INÉDITO)



Copyright of



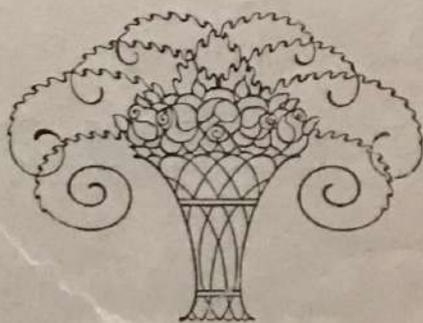
BALTHAZAR  
PEREIRA

Andando, sem timidez,  
em busca de amigo emerito,  
encontraram-se uma vez,  
a Fortuna e mais o Merito.  
Os dois, então, quasi a uma,  
Disseram:

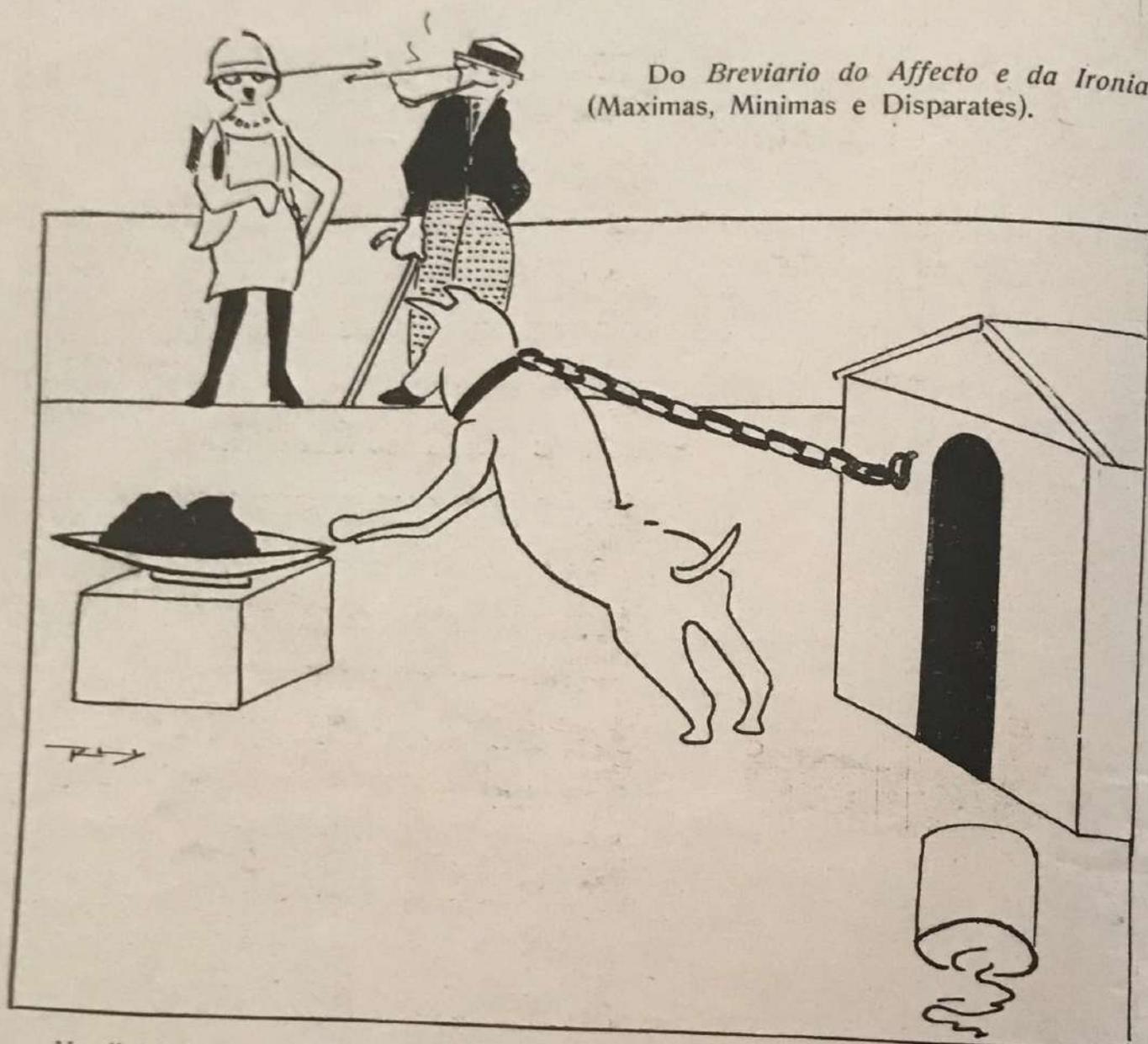
— Quem esta viu?  
Quem aqui nos reuniu  
em doce fraternidade?

Ouvindo, a Casualidade,  
disse a rir, no riso seu:

— Fui eu, Fortuna, fui eu!...



Do *Breviario do Affecto e da Ironia.*  
(Maximas, Minimas e Disparates).



Um dia amarrei meu cão a um palmo de um pedaço de carne. Elle bem que esticava a corrente para comer a carne. Mas faltava um palmo. Não sei como chamarão a essa tortura os animaes. Os homens chamam *flirt*. — GASTÃO PENALVA.

**CASA VIEIRA NUNES**

.. **ARTIGOS PARA HOMENS** ..

**FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO**

**AVENIDA RIO BRANCO, 142**

# Fallando ao Mar

(Inédito)



## Velho Sobrinho

Ó Mar, ó velho Mar, ó complacente amigo,  
Confidente de glórias e de desenganos!  
Eu venho sempre a sós dialogar contigo  
Ha muito tempo já — ha vinte e poucos annos!

Mas não sei entender os teus gemidos roucos,  
Que tradusem talvez o odio que em ti se encerra!  
E esse eterno vae=vem, que é próprio só dos loucos,  
Sempre a fugir de terra e a buscar sempre a terra!

Soffres de amor? Por elle é que ruges e anceias  
E o dôrso, em convulsões, elevas nos espaços?  
— Belsas os corpos nus de milhões de sereias  
E, carinhosa, a terra estreita-te nos braços!

E teu todo o seu pranto e é teu o seu catinho!  
E choras e sorris e tremes e desmatas  
E vens morrer por fim, a suspirar baixinho,  
No arenoso lençol de enseadas e de praias!

Espera em seu amor! aos braços que te estende  
Entrega-te feliz, chefo de paz! Descança!  
Olha á tarde o horizonte e o que elle diz aprende  
— Aquelle rato verde é um rato de esperança!

E's rico e poderoso! O ouro tens das manhãs  
E a prata do luar nas noites estibaes!  
Orna-te a fronte augusta — um diadema ás cans!  
— As perolas de Ophyr e os mats rubros coraes!

O teu poder, ó Mar, corre de polo a polo,  
E á luz do sol, á luz da lua, á luz dos astros,  
Doga, a cabrtolar, no teu equoreo solo  
A multidão sem fim de quilhas e de mastros!

E dessa multidão és rei, senhor e dono,  
Dois, si acaso estremecees tetríco e tracundo,  
Ella a calma terá do derradeiro somno  
Na eterna solidão do teu azul profundo!

E quem ha que descubra esse mysterio enorme  
Que em teu seio emmudece e que a ninguém despendas,  
Que ha dois mil annos quase em teu regaço dorme,  
Entre algas e abusões e sargaços e lendas?

E essa inconstancia emfim. Si a víração perfumas  
De maresia e, em troca, haures um grande affago,  
Eis-te em breve a rugir em turbilhões de espumas  
— Tôrno oceano agora e, logo após, um lago!

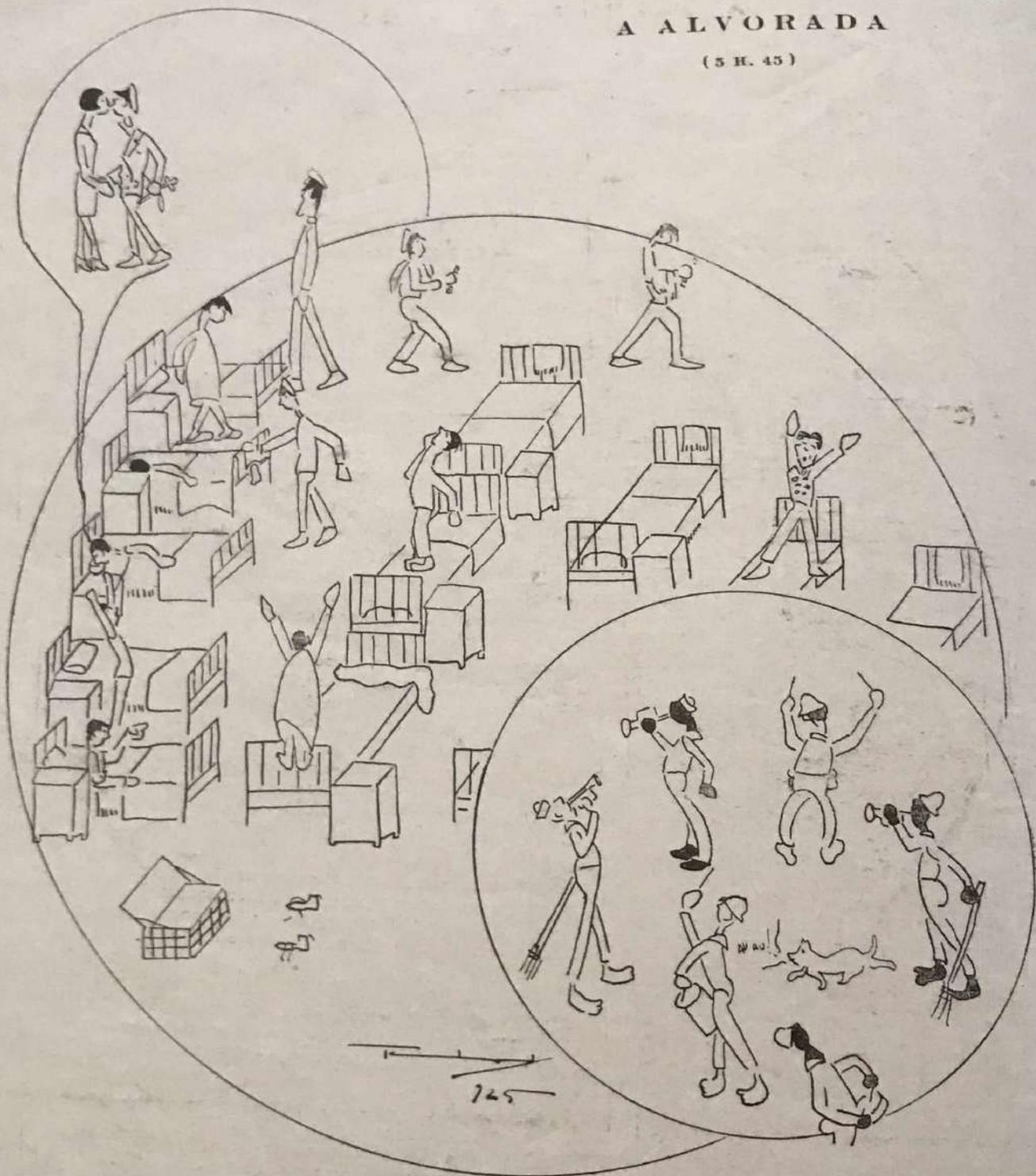
E's meiguice e furor! E's carinho e dureza!  
Ora cerrado o olhar, ora aberto, retrata  
O azul do céu distante, o esplendor, a belleza  
Do penhasco, do sol, da montanha e da matta!

Sussurrantes, a medo ou revóltas as aguas,  
Conta-me o que tens tu! Compartilha commigo  
Teu prazer, tua dôr, alegrías e mágoas  
O' Mar, ó velho Mar, ímpiedoso amigo!"

E eis-o, esquivo, a furtar-se ao meu aceno e em pouco  
Mats e mats se retrae, a fugir aos meus pés,  
Nesse eterno vae=vem, num resmungar de louco,  
Na marcha regular e justa das marés!

## A ALVORADA

(5 H. 45)



## CONTOS DE MALBA TAHAN

(Tradução de J. C. Mello e Souza)

○ que logo me impressionou nesse livro foi o carinho que mereceu a versão portuguesa. Na época, em que se busca adular a língua, sob o pretexto ingenuo de libertá-la do classicismo, é digno de aplausos o que não se enfileira entre os apedrejadores do idioma, entre os leiloeiros do cabotinismo, cuja mascara cae, desvendando-lhes a ignorancia, ao primeiro encontro de intelligencia. Ainda

agora acaba de instituir-se o mês do futurismo. Os novos repellem horrorizados este appellido: não somos futuristas, somos modernistas. Quanto a mim, acho que melhor nome não lhes caberia: se até agora nada fizeram, se ainda permanecem numa fossilidade faraonica, e tudo sacam no futuro... são futuristas. Ou então, dada a unica coisa de grande que fizeram... são reticentistas.

## A CELEBRE GYMNASTICA

( 6 HORAS )



Com a traducção de Malba Tahan mostrou o Dr. J. C. Mello e Souza que para escrever bem não se precisa plagiar Luiz de Souza, Bernardes, etc., nem outros que espartilharam a frásé. O que lhe caracteriza o esty'o é justamente o el-dorado dos futuristas: a simplicidade, o senso da medida, um pouco de rithmo. E com elle soube conservar com felicidade a graça magica do original, aquella fluencia embaladora, quase mystica dos contos orientaes, onde ha muita reminiscencia das Parabolas, e que mais parecem paginas, agora reveladas, de algum manuscrito do filosofo grego, com a moral por unica finalidade. E' esta a impressáo que nos deixa, por exemplo, *O Livro do Dest'no*.

De todos esses contos, porém, o que mais admirei foi *O Thesouro de Brésa* — é verdadei-

ramente a parabola do Livro. Um pobre alfaia-te, forcejando por descobrir o thesouro, que uma legenda mysteriosa lhe fizéra entrever, familiariza-se com varios idiomas, invade a mathematica e a theologia, e, mercê dessa erudição pacientemente accumulada, galga as posições mais eminentes e acaba Ministro. Um dia, confiando o segredo a um sacerdote, deste ouviu que o thesouro de Brésa já estava em seu poder.

Esse conto lembrou-me uma comparação: li um a um, cada vez mais fascinado pela delicadeza que os repassa, a qual me atuava no espirito como a esperança do thesouro mysterioso no coração do pobre Beremys.

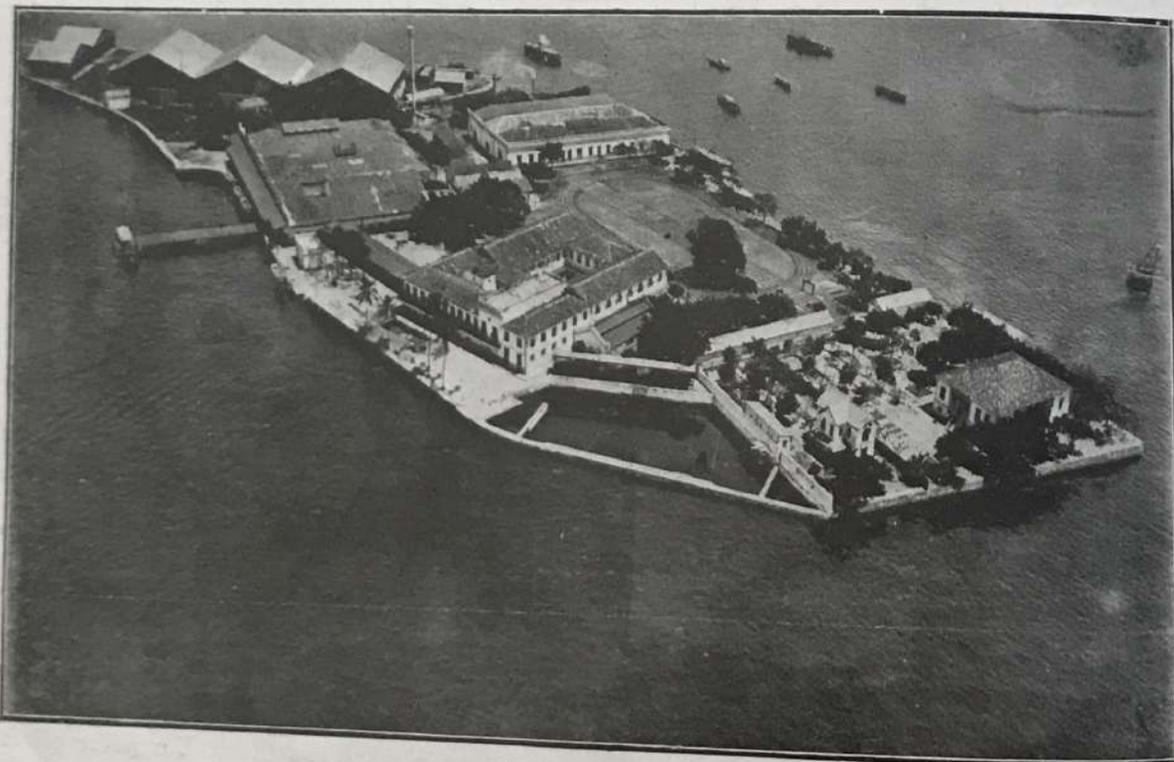
# CRUZ DE MARINHEIRO

A. M. Buarque de Lima

Mais uma vez a velha Albion, em cujo coração se aninharam o legado das glórias carthaginesas e a tradição das façanhas fenícias, manifestou o carinho commovido que dedica aos seus marujos — as sentinellas das suas ondas. Ella sabe que a sua segurança está no oceano, como a do marroquino na montanha. E hoje, mais que nunca, quando se faz sentir ameaçadora a concurrencia do Americano e do Japonês, concurrencia de que a audacia germanica lhe antecipou o perigo, ao inflingir-lhe, após tantos seculos de triumphos ininterruptos, o desbarato de **Coronel**, o desastre inesperado e fulminante do **Hogue**, **Aboukir** e **Crécy**, e aquella excepção a toda a sua tactica naval, que foi a batalha da Jutlandia, hoje o espirito britannico sente bem a necessidade imprescindivel da grande camisa de aço, que lhe derrama pelos flancos do imperio colonial a protecção das suas malhas impenetraveis.

divisão de cruzadores esfolhou no Pacifico, no logar onde se immolou, certo da morte, o grande Cradock, flores da terra inglesa, ramalhettadas por mãos inglesas.

Agora coube ao vingador do grande marinheiro, ao glorioso valente das Falkland, ha pouco desaparecido, uma homenagem, tocante na sua simplicidade sobria. E' sabido que o povo britannico tem a religião do passado e a intelligencia do presente; ha mesmo nelle o amalgame de duas caracteristicas aparentemente inconciliaveis: o espirito tradicionalista e o espirito pratico. Sem admittir como dogmatica a influencia que Le Bon attribue aos mortos, merece-lhe todavia uma veneração quase mystica tudo em que palpita uma nota, um reflexo, uma reminiscencia de outras eras. E no que respeita á marinha, ainda mais se acentúa esse sentimento, porque não lhe esquece, como muito bem assignalou um fino critico naval, que não existe



Ilha das Enxadas — Escola Naval.

Para occorrer a essa necessidade, não se limita a renovar, multiplicar, aperfeiçoar as centenas de unidades das suas frotas. Alguma coisa, mais alta e menos acessivel, preocupa-o neste momento: o factor moral, a que Napoleão attribuiu, em relação ao material, a preponderancia de tres para um. Em uma palavra: o **seamanship**.

De envolta com essa providencia, um prurido de orgulho ferido, especie de sophisma do amor proprio, com que busca attenuar no espirito publico a impressão desfavoravel dos fracassos. Pouco mais de um anno faz que uma

armada sem tradições. Não se improviza um Nelson; Von Müller, por exemplo, (a observação ainda é do mesmo critico) Von Müller representa, na marinha allemã de 1914, a excepção que confirma a regra. Além disso, o Inglês foi e será sempre o

marinheiro frio.

Que ao nascer no mar se achou.

E ainda é como marinheiro que elle celebra a cerimonia a que alludimos.

Num humilde cemiterio de aldeia branca, muito bello na sua simplicidade, um mau-soleu; e nelle repousa o almirante Sturdee, o que venceu Von Spee. Eis ahi dois nomes que significam para a **Home Fleet** uma fase inquietadora: o instante em que lhe tremeu nas mãos o sceptro de soberana dos mares: o derrota de **Coronel**, que abria ao curso o estreito de Magalhães, através do qual se transferiram para o Atlantico os mesmos filibusteiros que foram o espantallo do Pacifico, se, como observa Fisher, o chefe germanico tivesse mais imaginação.

Nesse tumulo levantou-se uma cruz. Até ahi nada de extraordinario. O que impressiona, porém, nesse facto é o requinte de tradicionalismo que o caracteriza. Em vez de escolher uma cruz de marmore, enflorada com todos os recursos da escultura moderna, o povo britannico, para homenagear o heroe de hoje, associou a sua gloria á dos antepassados, confundiu-os na mesma vibração, abençoou-os na mesma solennidade, juntou-os no mesmo recanto: o humilde cemiterio de aldeia. E fê-lo de uma maneira inconfundivel: recolheu um fragmento

de madeira da **Victory**, desbastou-o, modelou-o e fincou-o na jazigo de Sturdee. Hoje, por occasião das romarias da saudade, o Inglês cuidará ver, reunidos por uma miragem da imaginação, a malha encoirada de Sturdee e a revoada branca das vélas de Nelson, de cujo panno parece ter descido sobre o pobre tumulo a cruz que o encima, a mesma cruz que outrora as trespassava com os braços vermelhos.

Está em Roma, na basilica de S. Pedro, a columna do templo de Jerusa'em, santificada pelo contacto de uma das mãos do Nazareno, quando com a destra chibateava os vendilhões.

Quem sabe se Nelson não apoiou tambem uma das mãos nesse fragmento de madeira enquanto com a outra assignalava o inimigo?

Em summa, esta cruz é verdadeiramente, pela materia prima e pela significação historica, a cruz de um marinheiro. E nella poderia gravar-se, como uma legenda, aquillo do poeta:

Tu que passas, descobre-te. Alli dorme  
O forte que morreu.

## SIRGUEIRO

# Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

**ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida**

Artigos em deposito: Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance, casemiras inglezas e francezas. Brins brancos—diversos fabricantes - estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

**Vendas por Atacado e a Varejo**

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Accepta-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

## 8, Rua Rodrigo Silva, 8

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO

## FAZER UM PAU

Ora! — direis. Fazer um pau... Por certo nunca o fizestes, e eu direi, no entanto, que p'ra fazel-o, muita vez desperto, e a reclamar, furioso, me levanto.

E em claro passo a noite toda, enquanto dorme o burguez, ou outro mais esperto. E ao vir do sol o avermelhado pranto ainda divago no convés deserto.

Direis agora: — Incontentavel homem! Que te custa esse *pau*? Que te consomem essas horas que passas no abandono?

E eu vos direi: — Fazei p'ra calculal-o; pois só quem faz um *pau* a *pé de gallo* é que pode saber o que é ter somno.

*Gastao Realva*

## AMOR FUNDIDO

Amei a tempos a Zilah *Caldeira*,  
E, após uma subtil *machinação*,  
Logrei junto da Venus *admissão*  
Dando *expansão* ás musas e á... carteira.

Mais tarde, a *nickeis*, *raspo* a *carvoeira*,  
E abro a *descarga* da *consignação*  
P'ra *alimentar* com as *sobras* a *brejeira*.  
(Eu era o *burro* de *alimentação*.)

Mas que *fornalha* que era o seu olhar!  
E que *bocca* de *fogo*! em cujo *altar*  
Meus *beijos* e meus *tubos* *condensou*!

...Amou-me enquanto havia *combustivel*!  
E assim, por falta de *pressão*, (é *incrivel*!)  
Certo dia a *Caldeira* *disparou*!...

O. C.

# Nota sobre as temperaturas de inflamação

(Extrahido dos Annaes da Academia Brasileira de Sciencias)

A experiencia mostra que, em igualdade das demais condições, a temperatura de inflamação dos explosivos depende da maior ou menor rapidez com que se eleva a temperatura, até provocar a inflamação. Para essas substancias, o "ponto de inflamação" é tanto mais alto quanto mais rapido houver sido o aquecimento.

Assim é que VAN DUIN (*Onderzoekingen over moderne brisante nitro-explosiva*, 1918, pags. 89-98) obteve a respeito os resultados seguintes, elevando a temperatura a partir de 100° C:

SUBSTANCIAS	Velocidade de aquecimento	
	20° por minuto	5° por minuto
	Temperatura de inflamação	
Trinitrotoluol .....	321°	304°
Acido picrico .....	316°	309°
Trinitrophenylmethylnitramina .....	196°	187°
Tetranitroanilina .....	247°	231°
Tetranitroamidophenol .....	250°	231°
Trinitroamidoanisol .....	254°	238°
Trinitroamidophenetol .....	257°	236°
Trinitrometaphenylenediamina .....	335°	320°
Tetranitrophenylmethylnitramina .....	175°	162°
Trinitromethylnitraminophenol .....	197°	188°
Trinitromethylnitraminoanisol .....	198°	187°
Trinitro methylnitroamino-phenetol .....	202°	192°
Aminotrinitrophenylmethylnitramina .....	201°	190°
Ether hexanitro diphenylico (2. 4. 6. 3'. 4'. 6'.) .....	318°	313°
Sulfeto de hexanitro diphenyla .....	319°	302°
Trinitro dimethyldinitro-aminobenzol .....	214°	197°
Dipicrylamina .....	258°	249°
Hexanitro diphenylamina (2. 4. 6. 2'. 3'. 4'.) .....	287°	282°
Tetranitrophenol .....	251°	245°

É interessante referir também, de passagem, que o mesmo autor (op. cit., paginas 28, 77, 79, 83) cita exemplos em que se leva em conta a velocidade de aquecimento na determinação do ponto de fusão, caso mais simples e de outra ordem de phenomenos, em relação ao ponto de inflamação.

Ora, parece-nos possível demonstrar pelo calculo o seguinte theorema:

Admittindo a lei de VAN'T HOFF, que faz depender a velocidade de uma reacção chimica de uma função exponencial da temperatura a que ella é provocada, a reacção se

completará a uma temperatura tanto mais baixa quanto mais lenta houver sido a elevação progressiva da temperatura.

Seja

$$(1) \quad t = Ke^{-eT}$$

a relação que liga a duração da reacção,  $t$ , á temperatura  $T$ , sendo  $\alpha$  um parametro dependente da natureza especifica do systema chimico em transformação, e  $K$  outro parametro caracterizando as condições independentes da substancia em reacção, e dependentes do meio e das circunstancias diversas que influem sobre a reacção.

De (1) se deduz, por simples differenciação,

$$dt = -K\alpha e^{-\alpha T} dT$$

donde

$$(2) \quad \frac{dT}{dt} = -\frac{e}{K\alpha}$$

Applicando a expressão (2), que representa a velocidade do aquecimento, a dois tempos diversos  $t$ , e  $t'$  e ás temperaturas a elles correspondentes,  $T$  e  $T'$ , temos, para uma mesma substancia,

$$\left(\frac{dT}{dt}\right)_t = -\frac{e}{K\alpha}$$

$$\left(\frac{dT}{dt}\right)_{t'} = -\frac{e}{K\alpha}$$

onde  $\alpha$ , por hypothese, é identico, em ambas as expressões e  $K$  também se póde considerar o mesmo em (3) e (4), porquanto as condições physicas, a não serem as de temperatura, são praticamente as mesmas nos dois casos.

Dividindo (3) e (4) membro a membro, vem

$$(3) \quad \frac{\left(\frac{dT}{dt}\right)_t}{\left(\frac{dT}{dt}\right)_{t'}} = \frac{e^{-\alpha T}}{e^{-\alpha T'}}$$

Si admittirmos que, no primeiro caso, o aquecimento é mais rapido que no segundo, temos

$$\frac{\left(\frac{dT}{dt}\right)_t}{\left(\frac{dT}{dt}\right)_{t'}} > 1$$

logo, de (3) se tira

$$\frac{e^{\frac{\alpha T}{e}}}{\alpha T'} > 1 \text{ ou } e^{\frac{\alpha T}{e}} > \alpha T'$$

Applicando os logarithmos neperianos e lembrando que  $\lg'e = 1$  por definição,

$$\alpha T > \alpha T'$$

ou

$$T > T'$$

o que demonstra a nossa proposição

É facil calcular um *limite inferior* do valor de T, em funcção de T' do parametro  $\alpha$  e dos tempos de aquecimento t e t'.

Por hypothese, temos

$$(4) \quad t < t'$$

A relação (1) se póde escrever

$$\frac{1}{t} = c e^{\alpha T}$$

donde

$$\left(\frac{dT}{dt}\right)_{t'} = \frac{-1}{c \alpha e^{\alpha T} t^2}$$

e

$$\left(\frac{dT}{dt}\right)_t = \frac{-1}{c \alpha e^{\alpha T'} t'^2}$$

Sendo, como supuzemos,

$$\left(\frac{dT}{dt}\right)_t > \left(\frac{dT}{dt}\right)_{t'}$$

resulta

$$\frac{-1}{c \alpha e^{\alpha T} t^2} > \frac{-1}{c \alpha e^{\alpha T'} t'^2}$$

Multiplicando por -1,

$$\frac{1}{c \alpha e^{\alpha T} t^2} < \frac{1}{c \alpha e^{\alpha T'} t'^2}$$

Como os numeradores são iguaes, segue-se que

$$c \alpha e^{\alpha T} t^2 > c \alpha e^{\alpha T'} t'^2$$

ou

$$e^{\frac{\alpha T}{e}} t^2 > e^{\frac{\alpha T'}{e}} t'^2$$

ou

$$e^{\frac{\alpha T}{e}} > e^{\frac{\alpha T'}{e}} \left(\frac{t'}{t}\right)^2$$

A vista de (4), podemos escrever,  $\beta$  sendo um numero positivo,

$$t' = t + \beta$$

e, portanto,

$$e^{\frac{\alpha T}{e}} > e^{\frac{\alpha T'}{e}} \left(1 + \frac{\beta}{t}\right)^2$$

donde

$$\alpha T \lg'e > \alpha T' \lg'e + 2 \lg' \left(1 + \frac{\beta}{t}\right)$$

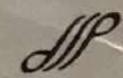
ou

$$T > T' + \frac{2}{\alpha} \lg' \left(1 + \frac{\beta}{t}\right)$$

o que dá o limite procurado.

Antes de encerrarmos esta Nota, lembremos que, recentemente, *Data, Misra e Bardhan*, do Laboratorio Chimico da Universidade de Calcuttá, estabeleceram que a temperatura de inflamação (ponto de explosão) das substancias organicas explosivas *endothermicas* é uma *constante natural*, como os pontos de fusão e de ebullicão, podendo servir para determinação do grau de pureza dessas substancias: segundo esses autores, «uma substancia perfeitamente pura apresenta a correcta temperatura de explosão, do mesmo modo como apresenta correctos pontos de ebullicão e de fusão». [J. Am. Ch. S., 45, 2530 (1923)].

ALVARO ALBERTO.





## Payzagem

Venta. Enfuna-se o panno. A enxarcia ringe e, como  
Tristonha barcarola, a agua verde escachôa  
Pela esteira. No occaso o sol semelha um pomo  
Sazonado a rolar num vergel de garôa ...

Rebenta a floração das vagas contra a prôa.  
Arfa e caturra a nau. Geme e silva ao assomo  
Do sueste o massame. E a espuma sobre o domo  
Das vagas baila e estoura e em renda se esborôa...

Abre as azas de panno a nave ardente; e em torno  
Bailam os mergulhões, pelo poente morno,  
Numa ronda abysmal espiralando no ar ...

E, como a reticencia estranha, resumindo  
A tragedia da tarde, estrellas vão surgindo  
Recordando pharóes, a queimar ... a queimar ...

O. C.

## Deante do mar

(INÉDITO)

Eis-me, em frente ao mar que canta,  
scismando...

A onda verde se levanta  
cantando...

Depois transforma-se em alva  
espuma...

Desta sina não se salva  
nenhuma...

Todas ellas se desfazem  
no ar...

E os meus olhos se comprazem  
a olhar...

Como é profundo esse immenso  
abysmo!

E eu penso... não... eu não penso,  
eu scismo,

Scismo que a vida passa fugaz  
Como a onda verde que se desfaz...

*Laura Margarida de Queiroz.*



## LAPSO DE MEMORIA

Ha algum tempo fundeava na Guanabara um navio-escola estrangeiro. Tratando-se de uma bellonave de pais amigo, cujas relações connosco são mais suspiradas por certa classe do que pelo Itamaraty, que, mesmo na melhor hypothese, não recebe a ouro, fomos immediatamente a bordo, no cumprimento da protocolar visita. Escolheram-se para isso os menos desapresentaveis, que por sua vez escolheram entre os uniformes dos collegas os menos desaproveitaveis. E assim, com a calça de um, o dolman de outro e a capa branca de um terceiro, lá se foram em caminho dos recém-chegados os emissarios da nossa gentileza.

Antes da lancha atracar ao portaló do navio, deu uma formidavel chiirada no costado, em virtude da qual o croque, com que o prociro heroicamente buscára attenuar a violencia daquella prova da impenetrabilidade da materia, emplumou um gallo no craneo do Bardy e deu-lhe um caldo no bonet.

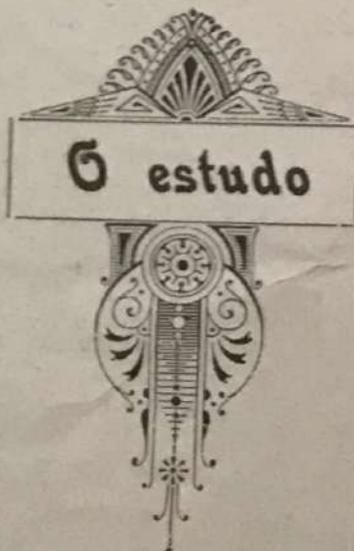
Tudo isso, contado num parentheses, attribuiu-se á influencia de um peso-pesado, que na occasião passava a contra-bordo. Felizmente passava, e sem mais avistá-lo fomos subindo os degrãos da escada. Em pouco encontravamos-nos com os collegas estrangeiros. A principio a conversação enclausurou-se, como a vista, na belleza das montanhas que emmo'duram a nossa cidade. Apontou-se o Dedo de Deus, riscando ao norte o ceu, o inevitavel Pão de Assucar — a sentinella de granito da Guanabara, o Corcovado, por onde deveriamos perambular no dia seguinte, e muitos outros. Insensivelmente, porém, fomos descendo para a planicie, e, como para a descida todos os santos ajudam, na hora do lanch já falavamos exclusivamente das coisas cá de baixo. A graça esfusiante das artistas do Casino, por exemplo, foi assumpto para uma larga dissertação do Ferraz, que ao mesmo tempo desancava uma terrivel catilinaria na censura theatral. Na sua exal-

tação chegou a baptizá-la de inquisitorial, o que calou profundamente no espirito dos circumstantes, que, em desaggravo ao nã cons-trangido, prometteram ir vê-lo — assim mesmo. Como atravessasse a praça d'armas um typo alto e sympathico, já guarda-marinha, um ceu collega nos referiu uma historia, rara nos nossos dias e no nosso meio: por occasião do centenário, quando ainda era aspirante, apaixonou-se por una carioca; regressando á patria, não se lhe apagou no coração a imagem querida, e agora, já no officialato, aqui viera só para o noivado. E noivou. *Usted me entiende* — sublinhou com malicia o nosso interlocutor. Quando os meus olhos deixaram o marisco Romeu, que eu fitava num mixto de admiração e piedade, é que notei a um canto a palestra animada do pacatissimo Toscano, presidente do blóco «Condensador unifluxo», com um ruivo, que pelos ares devia entender-se ás mil maravilhas com o meu amigo. Aproximei-me a tempo de perceber que o thema era o cotejo do que se estudava (ou melhor, do que se deveria estudar) aqui e lá. O Toscano já havia inventariado todas as cadeiras, com alguns accrescimos explicaveis; como futuro aviador não poude deixar de referir as emoções da primeira decolagem e o susto (que elle confessava sem vergonha) da primeira amerissagem. — Pensei que não dava para ave, rematou num sorriso...

O collega estrangeiro começou então o seu relatorio; mas tão alarmado o deixaram as peripecias de vôo do Toscano, que metteu Balistica no exame de admissão. Dahi em diante capotou. Quando chegou ao quarto anno fez uma pausa e uma careta. — E' a minha turma; no fim da viagem esperam-nos 8 exames; vejam só o que nos empilham na cabeça: Astro-nomia, Geodesia.... Geodesia.... Ge....

E até hoje o Toscano espera as seis restantes.

Joaquím Pernambuco



O estudo eleva e robustece a mente;  
E' do alumno — o pão de cada dia;  
Fonte farta do saber d'onde irradia,  
A Sciencia, a luz, a força intelligente.

Não ha quem persevere e firmemente,  
No cultivo das letras a porfia,  
Sem obter um logar de primazia,  
Na communhão social de toda a gente.

O merito — o verdadeiro valor,  
Existe sempre, onde existe o amor  
Ao livro e o amor a sã moral.

Illustrae a vossa intelligencia bem,  
Cultivae a alma e o coração tambem,  
E tereis a força de um valor real.

O. C. MARQUES

# UMA REUNIÃO ENCANTADORA

**N**oite linda de verão. Em Copacabana. No elegante palacete da viuva Almirante Gomes Ferraz.

Começam a chegar os habitués: aspirantes e senhoritas. Todos íntimos da casa.

Chega em primeiro lugar o José Milliet: atravessa, sorrindo, a sala de jantar e vai cumprimentar a dona da casa e os do grupo que a rodêa. Chegou cinco horas antes da hora marcada. E já ali encontrou o Barbosa, palestrando animadamente com o Dr. Carneiro da Cunha, sobre assumptos do Norte...

Chegam depois Castor e Pol-lux, isto é, os inseparáveis amigos Fernando Mattos e Ernani Amaral.

O primeiro já está sensivelmente afobado esquece-se de cumprimentar alguns dos presentes e a outros cumprimenta duas vezes; o segundo, sempre sorrindo, aperta com effusão a mão de todos, lança um olhar perscrutador ao redor e pede licença: vai ao telephone.

Chegam em seguida o Buarque de Lima e o Levy Reis. Cumprimentam ambos a dona da casa, no seu nome e no de «A Galera». O primeiro está hoje fóra do normal: lê-se-lhe na physionomia: será incapaz de escrever hoje um artigo. O segundo está alegre: veio de visitar a sua noiva, nas officinas: — «A Galera».

Entram depois o Helio Sampaio e o Brasil. O Sampaio vem hoje mais alegre e esperançado: se os olhos não mentem... O Brasil, mal cumprimenta, desconfiado, os presentes, afasta-se logo em direcção ao terraço do jardim de onde, nem á mão de Deus Padre, conseguirão arranca-lo mais de lá...

Logo em seguida entram o Moss e o Fischer: o primeiro sempre jovial, irradiando sympathia; o segundo, muito serio, muito calmo, muito despreocupado, com a fisionomia estampando essa serena tranquillidade dos que são felizes...

De repente, toda a casa se enche de uma alegria ruidosa e communicativa. Todos se levantam: é o elemento feminino que chega.

E' um desfilar encantador: mlle. L. V. mlle. T. S., mlle. N. P., mlle. A. M., mlle. L. O., mll. M. W., mll. C. F., mlle. H. L., mlle. L. Q., mlle. D. Q., mlle. M. G. T., mlle. R. C., mlle. A. E., mlle. P. D., mll. E. D., mlle. Z. C., mlle. M. A. R., mlle. M. C. S...

Alguem corre logo á victrola.

Os pares se formam pressurosamente.

Ninguem fala: dos aspirantes, alguns estão perturbados, com uma nuvem nos olhos; outros prestam uma attenção religiosa ás palavras do Dr. Carneiro da Cunha, o marcador da quadrilha, o qual dá aos parceiros uma explicação preliminar e succinta do que se vai fazer; outros, como o Ferraz, estão abstractos, com a imaginação longe, sonhando, não se sabe com quem... Começa a quadrilha:

— En avant!

— En arriere!... Balancer!

— Chaine des dames!... Chaine des chevaliers!...

Neste ponto, dá-se uma tragedia.

O Mattos, que anda afobadissimo, estende a mão direita, ao envez da esquerda, á senhorita que lhe está vis-à-vis. Resultado: o Mattos gyra para a esquerda, em vez de gyrar para a direita, depois torna a gyrat para a direita, atropela, confunde, atrapalha os que lhe estão na frente, segura á viva força a mão de uma outra senhorita que lh-a não estendeu, fa-la desviar-se do seu finalmente, não sabe como, no meio da roda que gyra, tonto, confuso, infeliz, debaixo de uma gargalhada estrepitosa e cruel de todos os presentes...

A quadrilha continúa.

— En avant!... En arriere!...

grita o Dr. Carneiro.

— A' ses places... Balancer!

Attention: grand chaine!... Au contraire!

Aqui dá-se outra tragedia.

O Brasil que, depsis do iasoco do Mattos, ficou com um horrivel receio de provocar outro identico — á voz: au contraire! — perdeu a calma, gyrou duas vezes sobre os calcannares, voltou á frente primitiva e applicou uma tremenda marrada na seahorita L. V. que vicia en seutido contrario.

Outra gargalhada estrepitosa.

Mlle. L. V. muito fina, muito delicada, limitou-se a odia-lo naquelle momento.

O Mattos, então, para consolar-se, foi quem mais regorgitou com a desventura do seu companheiro:

— viste, brasil, ri por ultimo quem ri melhor...

Sobre a enorme balburdia que o incidente provocou, levantou-se a voz do marcador dominando o tumulto:

— Attention, messieurs!...

grita o Dr. Carneiro — Allons

donc: corbeille de dames —

— les dames à droite, ies chevaliers au contraire!...

E a quadrilha continúa...

Subito, um toque de campainha. Tres

— Attention, messieurs!... grita o Dr. Carneiro

— Allons donc: corbeille des dames —

les dames à droite, les chevaliers au contraire!... minutos depois, entra o Djalma Albuquerque, teso, solemne, dogmatico, dentro de uns enormes collarinhos. Dirige-se incontinenti aos donos da casa e desculpa-se.

— Que a culpa não tinha sido sua, pois dera a sua palavra de que viria... Que a culpa havia sido do bonde de Ipanema; perdera duas horas no Largo do Machado, esperando-o...

A senhorita L. O. sussurra, então, aos ouvidos da senhorita N. P.:

— Eu cá sei muito bem a razão por que elle não chegou a tempo...

E a outra, curiosa:

— Qual foi?

— Depois eu te digo...

E afastam-se as duas para um canto...



Terminada a quadrilha, e após um ligeiro descanso para os doces e refrescos, os partidários das danças modernas reclamam os fox trots e os tangos...

E logo em seguida a victrola ataca o « I want to be happy » durante meia hora sem parar!... Terminado este o Djalma, suando copiosamente, observou ao Buarque de Lima.

— Uff! Que fox-trot comprido, hein!

— E' — respondeu o outro — a victrola desta vez foi muito camarada para conosco...

Mlle. L. O., que pescou a frase do Redactor, murmura novamente aos ouvidos da sua amiguinha:

— Eu sei muito bem a razão por que a victrola tocou tanto tempo esse fox-trot...

E a outra, arregalando os lindos olhos:

— Qual foi?...

— Vem cá...

E afastam-se as duas novamente para um canto...

— Meus senhores e minhas senhoras — annuncia o Dr. Carneiro — mlle. H. L. vae cantar ao violão algumas canções brasileiras...

Ha um movimento repentino de attenção.

E uma voz fina e de oiro se faz ouvir, então, no meio do mais profundo silencio: —



## Fogo de vista!

no meio de um extase geral, a historia encantadora do Tatú-Marambá...

E assim termina a festa, no meio da alegria de todos.

Começam a sahir os convidados.

Os Aspirantes, como sempre, são os ultimos a se despedirem...

E quando chega a vez de cada um o fazer, não se esquecem nunca de perguntar a D. Maria Fausta:

— Quando teremos outra igual?...

— Muito breve.

— No proximo sabbado?...

— Sim. No proximo sabbado — condescende a bondosissima senhora...

Tele Scopio

## Leitão, Irmãos & Cia.

FORNECEDORES DO GOVERNO

# CASA LEITÃO

Importação e Exportação de Fazendas, Modas,  
Armarinho, Perfumarias, Roupas  
Feitas, Tapeçaria, Alfaiataria, etc.

Largo de Santa Rita n. 2

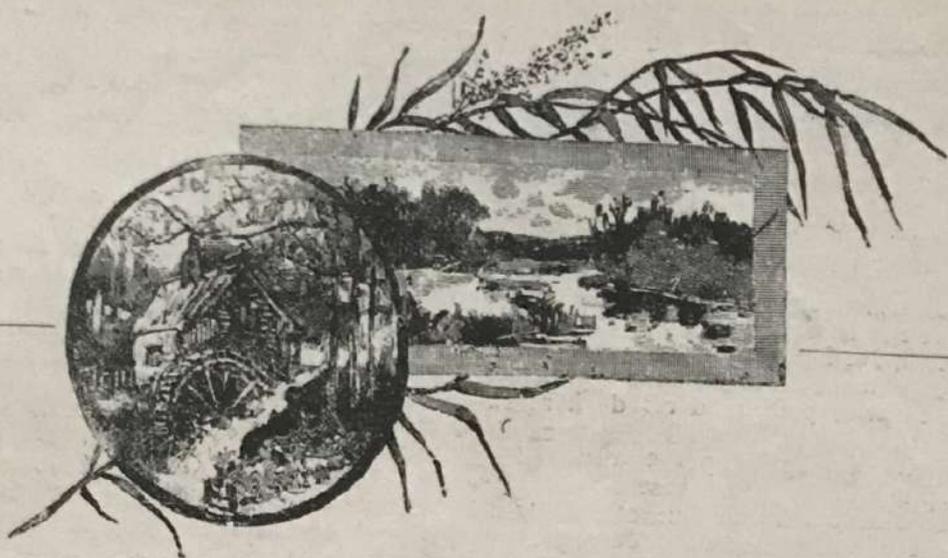
Rua Visc. de Inhauma

Rua Municipal

Travessa Santa Rita

Telephone Norte 767

RIO DE JANEIRO



# L A M P E J O S

( INÊDITO )

*Quem viaja em noite escura,  
Por esses mares além,  
Bem comprehende a ternura,  
E a confiança segura  
Que em certas horas nos vêm ...*

*O olhar que perfura a treva,  
Para ir bem longe ao lugar  
Onde o navio nos leva,  
Foge num sonho que enleva,  
Com avidez de aportar ...*

*Subitamente apparece  
Dum pharol o lampear,  
E aquelle ponto esclarece,  
Mesmo quando elle amortece,  
A nossa rôta no mar ...*

*Tambem a luz é o olhar  
Que a terra nos relanceia ...  
E vem como a nos guiar,  
Nessas noites sem luar,  
Na treva que nos rodeia ...*

*Na vida, um olhar amigo,  
Faz esse effeito seguro,  
Reluz como um terno abrigo,  
Que traz a méta comsigo  
E indica a rôta ao futuro ...*

*Se no mar, a confiança  
Vem com tão breve lampejo,  
Na vida, guarda esperança,  
Meigo olhar em que descança  
Nossa ternura e desejo.*

MARIETTA TEIXEIRA

# A FROTLHA EM COMMISSÃO *Chronica de Luigi Barzini*

(CONCLUSÃO)

A' noite, emerso, o submersivel se transforma em estranho veleiro.

Um veleiro negro, insolito, mysterioso, distanciado, veloz, que inumeros naufragos de navios torpedeados julgaram distinguir nelle um daquelles navios leadarios prenunciadores da hora suprema.

O mastro é o periscopio e a vela é o torreão trapezoidal, largo na base.

Certas occasiões ha em que com frequencia os nossos cruzeiros nocturnos desvendam o fatal veleiro.

Rompe então o *hallali* da caça.

Os torpedeiros avançam, a fôrma negra mergulha rapidamente, a cachorrada (pequenos canhões) ganiça, as bombas submarinas, lançadas no ponto em que o submersivel profundo, levantam grandes cachões d'agua, signaes luminosos se fazem, um tumulto immenso irrompe no mar, e desmedidas borbulhas brancas a correr sobre a agua escura indicam que a fera se defendeu fugindo.

Guerra estranha. O combate se estabelece assim num momento, imprevisito, fulminante, em qualquer ponto, e cada golpe que se descarréga é tão terrivel que o navio que alcançado fôsse seria aniquilado.

Uma explosão, uma columna d'agua, um sorvedouro.

Felizmente são bem raros os golpes que acertam. A lucta é encarniçada e cega. Mas nessa guerra feroz a sorte só apresenta uma alternativa; ou ficar ileso ou desaparecer.

Combatem em semelhantes encontros immensas forças destruidoras em pequenos cascos; tudo é para a offensiva, nada para a defesa.

A salvação está na rapidez do ataque e da fuga. Na procura e na espera com as armas promptas, quem primeiro vê ou pressente, em cima ou em baixo d'agua, domina a situação.

A vista para o torpedeiro e o ouvido para o submersivel podem decidir do imminente destino. Ha nisso a fascinação brutal de um jogo de morte.

Certas acções de guerra têm o aspecto de um duello á americana que tenha o mar por arena.

A vigilancia nos mares alcança assim a intensidade da vigilancia nas trincheiras, onde o inimigo está a poucos metros e agride. Cada homem é um vigia nos caça-torpedeiros que navegam á noite para a *riba opposta*.

Mas a frotilha já está fóra da zona das ciladas, fóra das derrotas varejadas.

Metade da guarnição entra de quarto e trabalha satisfeita em silencio ao palor do crepusculo.

Os homens vão e vêm com seu passo manso e gingado, se acercam de cousas informes na sombra, apparecem rapidos nos escotilhões apertados, preparando tudo que possa servir ao combate nocturno.

Serpenteiam pelo convéz os cabos electricos que dão luz suave ás alças de mira dos canhões, uma luz tenue como a phosphorecencia do vagalume.

Pela pôpa persiste no céu e no mar a derradeira claridade do dia, e observados do

navio testa da frotilha os outros se perfilam subteis, precisos e negros, como suspensos naquelle ultimo palor do occiduo.

Os marujos de serviço conservam-se immoveis apoiados ás ombreiras dos canhões.

O telephonista de cada peça conserva á cabeça a armação acolchoada á guisa de capacet.

Todo o descanso se faz sob o convéz vibrante e sonoro. Ninguem mais se move.

Acocorados em grupos aqui e acolá, resguardando-se do vento, os marujos de folga abrem latas de conservas e deveram com grande appetite suas rações.

Algumas risadas explodem; conversa-se em voz baixa. Ninguem discute a missão que se vae desempenhar além, do outro lado do mar. As lotações ignoram o destino dos navios. O mais não os interessa. Sabem que «se vae lá». E' o sufficiente. A viagem nada de extraordinario se lhes apresenta.

Não têm feito outra cousa desde que reventou a guerra. Estiveram em toda parte: em frente a Trieste, diante de Pola, defronte a Cártaro. Percorreram e tornaram a varejar todos os meandros do archipelago Dálmata. Derrubaram semaphoros, destruíram estações radio-telegraphicas, cortaram cabos submarinos. Exploraram as aguas hostis até os campos de minas. Foram á cata os submersiveis em todos os refugios provaveis, entre ilhas, em certas enseadas tortuosas, que para dellas sahir precisavam dar atraz como um automovel em um torniquete.

Perseguindo o inimigo chegaram um dia sob os canhões de um forte.

As nossas frotilhas de torpedeiros fizeram tudo: escoltaram, vigiaram, patrulharam, bombardearam, se npre em actividade, empregadas até em arduos serviços que a tactica moderna reserva de preferencia aos aeroplanos.

Si nos campos minados alguma unidade ficar; se alguns homens fôrem varridos pela tempestade: é a guerra.

Mas as equipagens sentem-se obscuramente as dominadoras e as guardians deste mar que percorrem sem descanso, enquanto escudados por seus constantes cruzeiros se realizam seguros e unicos os grandes trafegos da Patria em lucta.

Sentem a posse. Mesmo em combate o instincto do dominio os anima; elles são os caçadores e os outros a caça — uma fera que pôde investir mas que foge.

Os navios inimigos, dos typos *Huszar*, *Tatra*, *Nôvara*... encontraram-as tantas vezes; e a distancia entre ambos só não diminuia quando se apresentavam dez contra um. Afinal, fazem bem.

Fugir quando não se está na proporção de dez contra um e vôar, quando não se encontra viva alma, ao bombardeio de uma cidade indefesa, chama-se actualmente a guerra logica. No mar, agora, a prudencia é boa estrategia.

Appareceu a sciencia de se ficar enclausurado e de não se ser visto.

As nossas esquadrihas a deso-hacem. Precisamos deste mar e elle é nosso. Conservamo-lo nas condições as mais des-

favoráveis: sem portos, sem bases, em frente de um inimigo que possui todas as defesas, todos os refugios.

Mas temol-o na mão; e exercitos servios e montenegrinos, tropas nacionaes e forças alliadas, carregamentos de munições de guerra e bocca, comboios e mais comboios, multidão de navios com a nossa bandeira tiveram passagem livre a poucas horas das formidaveis bases inimigas, graças a esses marujos que levam sem cessar os seus navios de caça a tecer com sua esteira uma rede de interdição, longe, proximo ás costas inimigas, e que não indagam nunca para onde vão.

Julgam que nesta tarde terão talvez tiros a dar, bem se importando com a latitude ou longitude...

Tem uma fé religiosa no commandante e uma coafiança apaixonada no navio. Fallam de um e outro como de seres prodigiosos. No caça-torpedeiros capitanea e talvez nos outros, a equipagem ha seis annos que é a mesma. Navios e homens acabaram por formar um só todo, com uma alma só, altaneira, tranquilla, firme. Artilheiros e canhões, machinistas e motores, electricistas e dynamos, timoneiros e leme, não são mais do que organismos pensantes, doces, exactos, poderosos. Si não sabem para onde rumam, as guarnições não ignoram o que fazer. Isso sim.

Durante dous dias trabalharam nos preparativos de uma missão pouco commum. Grandes barcaças transportaram para bordo objectos extranhos, que os guindastes içaram com infinitas cautelas.

Eram enormes cylindros de aço, escuros, curtos, ócos, complicados, pesando cada um cerca de uma tonelada.

Pareciam esquisitos toncis, vasados em parte e formados por varios pedaços embutidos. Rolando-os vagarosamente os alinharam ao longo d'amurada, um a par do outro.

Dispostos sobre trilhos com accessimos de charneira, que abaixados tocam a agua, foram ligados com cabos de aço tesos por macacos e assentes de tal modo que, á tracção de um escape em alavanca, seriam immediatamente soltos.

— «Muito bem — disseram os marujos na sua algaravia. Desta vez vamos levar presentes».

Não se sabe como, de uma riba á outra, atravez do mar, chegam as noticias.

Talvez seja um periscopio emboscado que observa, talvez a cifra de um radiogramma que falla no segredo de um gabinete cryptographico: não se sabe.

Mas as noticias chegam, os movimentos do inimigo transpiram. São informações vagas, incertaes, phrases dubias e mysteriosas que mais deixam suppôr que saber o que se passa á distancia.

Devido a uma dellas a expedição se moveu. Ha necessidade de cerrar certo ancoradouro inimigo e bloquear forças navaes vindas ultimamente do norte.

Trata-se de ir semear dentro da noite formidaveis campos de minas ao alcance das baterias. O perigoso carregamento tão cuidadosamente recolhido a bordo da frotilha é um lote de minas. Ellas negrejam ao longo da balastrada. A sua lugubre massa alinha-se, indefinida, na escuridão.

São enormes, empolladas, embaraçantes; tocam quasi o espaço comprehendido entre a pópa e a prôa; á passagem, a cada balanço, é

se atirado contra as minas e obrigado a procurar apoio sobre seu dorso recurvo e frio.

Estão desarmados, mas, ao tocal-as, a mão se torna leve e medrosa, numa repulsão de horror. Incutem um pavor vago e instinctivo. Tem-se a impressão de estarem adormecidas e que podem acordar. E ao pé daquelles corpos inquietantes passa-se com cuidado, com uma cautela que mais parece respeito.

Têm uma indefinida e horrenda personalidade; dominam o navio não sei com que sinistro poder dormente e vivo.

Cada unidade da frotilha transporta o bastante para destruir uma frota inteira.

As nuvens que velavam o poente se foram esgarçando e uma multidão de manchas diaphanas pintalgavam o céu onde a foice subtil da lua nova deslisava perdidamente entre ellas, prateando-as.

A noite é fresca.

O convéz está molhado como se houvesse chovido. O aparelho, os canhões, os escaleres salva-vidas, os torpedos, tudo enfim se cobre de gottas densas de orvalho.

Os marinheiros; de folga dormem profundamente sob o rocio. Encheram seus colletes de salvação de borracha, transformando-os praticamente em travesseiros, e envolvidos em cobertores ou em *suétes* foram-se aninhando junto aos canhões e até debaixo dos tubos de torpedos.

Mal se os descobre. Não se pôde dar um passo sem tropeçar em algum corpo estirado, insensível aos choques.

Os marujos de quarto não se movem.

Poder-se-hia tomal-os como parte inanimada do navio. De quando em quando trocam observações em voz baixa.

— «Olha, lá por baixo daquella estrella»...

— Aonde?

— A dez graus da prôa.

— Não é nada... Talvez seja a sombra de uma nuvem».

O morrão de um cigarro brilha num recanto escuro. Acalmou-se o ruído humano. O cachoar impetuoso das aguas agitadas, brancas d'espuma a deslizar vertiginosamente ao longo do costado, o ruído sonoro dos ventiladores enchendo de ar as largas escotilhas da machina, a trepidação dos motores que se transmite a todo o navio, as pancadas das helices, o ranger do leme, formam uma atoarda profunda e unissona, o bramir da furia.

Dir-se-hia que na noite calma o navio leva em si e consigo o turbilhão que revolteia impetuoso, todo negro na escuridão, pre-nhe de procellas.

Os outros contra-torpedeiros acompanhantes são simples sombras na brancura da esteira.

E a hora de render o serviço.

O sino não mais bate as ampulhetas dos quartos. O cabo de quarto, envolto num *suéte*, percorre os grupos adormecidos, se inclina e chama: — «Olha o serviço!»

Os homens se erguem. — «Ponham o collete de salvação» — determina o guardião. Mais adiante a voz repete: «Olha o serviço.» «Col't'es salva-vidas». A treva é mais densa.

Do horizonte escuro chega a continuação e solemne successão de vagas arredondadas, sem espumas, longas, lentas, pesadas.

## *Meia noite ás quatro*

Recebi o serviço — Temporal  
De nordeste com chuvas a granel;  
O Minas vem garrando, — o mar é tal  
Que o leva como um naco de papel.

A's duas um medonho vendaval  
Faz desabar metade do quartel;  
A's tres um taifa ruim, propenso ao mal,  
Dá uma navalhada no fiel.

A's tres e quinze, mata-se um vigia  
Acrucado-se nagua embriagado  
Sem dar tempo a que alguém o soccorresse.

A's tres horas um grande incendio ardia,  
Logo após o serviço foi passado  
Sem que algo de notavel occorresse.

*Eugenio da Silva Possolo.*

....

## *Nota*

E' uma observação que fiz interessante:  
Logo que o mar produz algum balanço e arfagem,  
Este jogo continuo e o trepidar constante  
Abalam-nos um pouco a saude e a coragem.

A doença de alguns era de antes da viagem,  
Mas só se manifesta assim forte e importante  
Quando o vento que sopra é mais forte que aragem  
Sî bem que vagalhões enormes não levante.

Mas o que mais me chama a attenção e interessa  
(E por isto só vale a pena que eu diga  
Para que fique sempre assim assignalado)

E' que um tem mal estar, outro dôr de cabeça,  
Outro gastro-enterite, outro dor de barriga,  
Porém não ha um só que se diga enjoado.

*Eugenio da Silva Possolo.*

## UM LIVRO DE GASTÃO PENALVA

A. M. Buarque de Lima

O fino escriptor de **Luvás e Punhaes**, o chronista brejeiro de **Figuras de Prôa**, acaba de fazer a sua iniciação nos domínios de Marco Aurelio. O livro do noviciado é **Maximas e Minimas** (Breviário do Affecto e da Ironia) — e pelo título afasta a ideia classica que fazemos dos pensadores: creaturas abstractas, alheias a tudo, com o dedo espetado acompanhando a ideia, sempre vestidas como figurinos de **belchior**, intratáveis, especie da rabujice a tres dimensões. Logo na primeira parte da minúscula plaquette offerece-nos esse aperitivo delicioso, principalmente para os que têm o vicio, como todos os vicios irresistivel, de comprar livros: «Comprei num livreiro uma mythologia em máu estado por um preço exorbitante. E logo nas primeiras paginas: — **Mercurio, deus do commercio e dos ladrões**. Levei o livro conformadissimo». E' como se vê um discipulo aproveitado de Rabelais. **Rêz...** e começa rindo.

De quando em quando, porém, reponta uma sombra de philosophia, talvez um pouco sceptica, mas inteiramente distincta da de Forjaz Sampaio, cujo machiavelismo hypocrita se vae infiltrando perigosamente nas nossas classes incultas, de cujo numero não está excluido o marinheiro. Esta, por exemplo: «Ha quem condemne o egoismo. Eu, sem ser egoista, o defendo. O egoismo vive tão preocupado com o seu eu que lhe não sobra tempo para prejudicar o eu alheio. Se cada homem fosse um egoista, a humanidade se comporia de unidades solidas e isoladas como a columna de um monumento. O que enfraquece os povos é a dependencia em que vivem uns dos outros». Isto para nós, que dependemos do portuguez, é sublime. Mas que differença para qualquer immoralidade disparatada do «Tiberio filosofo e moralista». Se insisto num paralelo como esse, entre o escriptor brasileiro e o rabiscador iusitano, cujas obras estão tão afastadas como o nosso **Cruzeiro** e o tamanco do **Chiado** é para accentuar bem a necessidade de policar-se a leitura,

quando possivel, e esse é o caso da **Marinha**, por uma vigilancia intelligente, que destrua substituindo. Assim, por exemplo, qual não seria o resultado benéfico de espalhar-se entre as guarnições livros como **Patescas e Marambaias**, que lhes elevaria o humor sem o recurso de nenhuma ideia pernicioso, de nenhum cabotismo?

A concisão, a brevidade, a clareza, os escudos de quem se arrisca na arte elegante e difficil, que suggestionou o seculo XVIII, possue-as **Gastão Penalva**; e mostra-as bem nessa maxima (nós, os homens, optamos pelo minima): «A mola do relógio do mundo é um cabelo de mulher». **Nihil novi sub sole** já o sentenciavam os commensaes de Mathusalém e até Pascal realejou-o, affirmando que todas as boas maximas estão no mundo. Mas o saber dizer é que é a pedra de toque: Algumas vezes escorrega num trocadilho: «Certa vez, a sós contigo num vão de escada, juraste-me eterno amor. Passou-se o tempo, e me esqueceste. Bem que me tinhas jurado em vão».

Da leitura desse livrinho encantador não nos fica assim nem a impressão de tristeza, que Rousseau sentiu em **La Rochefoucauld**, nem a ferula do epigramma de **Chamfort**. As duas tonalidades confundem-se, atenuando-se mutuamente, completam-se, perfazem um todo, bom companheiro de alguns momentos, e dão a quem as lê a sensação de um contraste agradável. Ellas nos mostram um **Gastão Penalva** diverso do que nos habituamos a ler, mas diverso somente na forma. No fundo, (a nota intima e inconfundivel é uma só) no fundo é o mesmo pantheista, que escreveu um dos mais bellos galanteios ás **Rosas**, pagina palpitante, onde parecem estremecer as petalas da flor amada de **Eça**, o mesmo espirito risonho, que comprehendeu a alma do marinheiro, e deu della, em fragmentos successivos, a imagem definitiva.

Rabiscadas estas rapidas notas da leitura de **Maximas e Minimas**, só me resta agradecer ao autor a offerta gentil, com que mais uma vez distingue o humilde admirador.

*Si o Muttos ao Amaral,  
Não mais quizesse imitar;  
Si o Barbosa desistisse  
De, no verão, namorar,*

*Si o Ferraz nunca pensasse  
Em usar barbas e suíça;  
Si o Fischer não promettesse,  
Aos domingos ouvir missa*

*Si o Amaral resolvesse  
Algum dia se casar;  
Si o Djalma desistisse  
De Hercules imitar;*

### UM PARAISO...

*Si o encontro sempre fatal  
O Moss não receasse;  
E a successor de Caruso  
Sampaio se destinasse;*

*Si o Menescal não quizesse  
Basta cabelleira usar;  
E si o Brasil resolvesse  
De hoje em diante, se animar;*

*Si o Apollinario a Galera,  
Com tanto ardor não amasse;  
Si o Milliet às quartas-feiras  
A boia não mais filasse;*

*Si Levi Reis consentisse  
Em aprender a dan-ar;  
E si o Heck não tivesse  
Geitinho p'ra arremedar;*

*Si não houvesse o estudo,  
E sim, festas todo o dia,  
Então a Escola Naval  
Um paraizo seria!*

# Walter & Co.

RUA DA QUITANDA, 143

RIO DE JANEIRO

RUA DO CARMO, 12

SÃO PAULO

Commissões e Consignações — Agentes de Vapores  
Seguros Terrestres e Maritimos

REPRESENTANTES DE

**Sir W. G. Armstrong, Whitworth & Co., Ltd.**

Construcções Navaes, Artilharia, Machinas Hydraulicas, Locomotivas, Machinas  
e Ferramentas de todas as classes.

*Yarrow & Co, Ltd.* — Destroyers e torpedeiras. Especialidade em navios de pequeno calado.

*Commercial Union Assurance Co., Ltd.* — Seguros Terrestres e Maritimos.

*Merryweather & Sons Ltd.* — Material para extincção de incendios.

*Hadfield's Steel Foundry Co., Ltd., Sheffield.* — Fabricantes de aço. Especialidade de Agulhas e Cruzamentos, rodas e eixos, pás, picareras, Britadores e Ferramentas especiaes para Estradas de Ferro.

*J. & E. Hall Ltd.* — Machinas frigorificas.

*Thermotank Ventilating Co.* — Ventilação de Navios.

*Vacuum Oil Co* — Oleos lubrificantes.

*Baiss Brothers & Company, Ltd.* — Fabricantes de Drogas.

*Lipton, Ltd.* — Chá, Conservas, etc., etc.

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

**PAULO DE AZEVEDO & C.**

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

**166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro**

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes : R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

**Bernado — Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

**Bernice — Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios,apparehos auxiliares, aimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

**Brandão — Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

**Naval — Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislaw de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

**Madre — Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas. carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pe'os mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

**Combate — Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estructura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto \$

**Acesoro — Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do apparelho motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

**Conduto — Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

**Navegal — Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharóes, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

**Piltage — Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulacão e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

**Fundura — Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

# Cinta Tóxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA  
BRAZILEIRA

PATENTE No. 14.743

# "RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco 29 - Rio de Janeiro.

Telephone Norte 3974  
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.

# Associação Militar do Brasil



**MARINHA, EXERCITO, MARINHA MERCANTE, RESERVA NAVAL, ESCOLA NAVAL**

A "ASSOCIAÇÃO MILITAR DO BRASIL" participa aos seus camaradas que em vista de seus fornecimentos directos de casemiras inglezas dos melhores fabricantes e outras materias primas, resolveu DIMINUIR ainda mais as tabellas de PREÇOS da sua "Alfaiataria Civil e Militar" e com prazer os convida a uma visita. — Rua da Carioca, 26, 2.º, C. 3973.

**SECÇÃO BENEFICENTE** -- Acha-se em franco funcionamento e a quota de beneficencia está em 1:000\$000, com direito a pensão em vida aos invalidos.

**SECÇÃO PREDIAL** -- Em estudos bastante adiantados, offerecendo oportunidade dos socios terem o seu lar com aquisição de cadernetas de deposito a praso de 5 1/2 % para compra de terreno. D'esde já a Associação facilita auxilio pecuniario para a terminação de obras, construcções e compras de predios.

**PREDIO** adquirido para a séde social da Associação Militar do Brasil por 260:000\$000' o da RUA SÃO JOSÉ N. 33.

A DIRECTORIA

ELECTRICIDADE: BAIXA E ALTA TENSÃO, MOTORES,  
TRANSFORMADORES, CABOS, FIOS, ETC., FERRAGENS,  
METAES, FERRO E AÇO, ARTIGOS PARA MARINHA,  
TELEGRAPHOS, MACHINAS, ESTRADAS DE FERRO; ES-  
CAPHANDROS; BOMBAS PARA AGUA; OLEOS DE  
TODOS OS TYPOS; BLASTING, DYNAMITE, GELIGNITE,  
ESPOLETAS, DETONADORES; MOTORES A GAZOLINA  
"HONOMAG LLOYD"

# MAYRINK VEIGA & Co.

ENGENHEIROS, IMPORTADORES E EXPORTADORES

Encarregam-se de installações hydraulicas, mechanicas  
e electricas. Officinas de reparações de  
motores, machinas e qualquer  
apparelho electrico.

Mangotes, Tubos de borracha, Mangueiras, etc.  
ELECTRIC-HOSE & RUBBER Co. NEW YORK

Tintas, Vernizes e Esmaltes de  
THOMAS PARSONS Co. LONDRES

Grupos *Kohler* geradores de força e luz de  
KOHLER Co. NEW YORK

Estaleiros para construcção e reparação de  
navios de qualquer tonelagem

GEORGE BROWN Co. GREENOCK

Gaxetas metallicas, etc. de  
CRANE PACKING Co. CHICAGO

Rua Municipal 15/21 Trav. de Santa Rita 26

Deposito: Rua do Acre n. 64 — Ilha de Saravathá

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones Norte:

Armazem 3849 — Escritorio 3840

CODIGOS USADOS:

ABC 5ª Edição — Sibeiro — Lieber's  
Bentley — Marconi — Int.  
General Telegraph.

RIO DE JANEIRO

